J. MARQUESI

Kostas

Os Karamanlis
Livro 2

J. Marquesi

Dedicatória

À Wilka Maria, a Kika.

(sim, ela existe!)

Sinopse

Confiança: palavra inexistente no dicionário de Konstantinos Karamanlis.

O segundo filho de Nikkós Karamanlis é um homem duro e frio, que prefere a sinceridade de umas notas deixadas na cama após o sexo à falsidade de carinhos e beijos interesseiros. Arrogante, seguro de si, um brilhante advogado, dirige sua vida como quer e não precisa de ninguém ao seu lado, nem da família e muito menos de uma mulher!

Disposto a ir até às últimas consequências para tirar seu irmão mais velho da presidência da Karamanlis, Kostas não se importa em ser solitário e faz questão de esconder seus medos e traumas do passado. Contudo, há uma pessoa capaz de arranhar suas defesas e causar reações que ele achava não serem possíveis: a irritante e debochada Wilka Maria Reinol.

Kika Reinol vive intensamente!

De personalidade esfuziante, é querida e amada por todos que a cercam. Focada, objetiva, competente, líder nata, é gerente da Karamanlis e odeia intromissões em seu trabalho, principalmente as do diretor jurídico Kostas – ou Bostas, como o apelidou. Embora seu jeito vibrante esteja presente em cada palavra, sorriso ou gesto, Kika esconde algo que pode abalar o que construiu em sua vida, por isso, fará tudo para proteger o seu futuro.

Os dois se detestam; não sabem, no entanto, o quanto já estão envolvidos.

PRÓLOGO

Kostas

São Paulo, meses atrás.

A fumaça turva meus olhos, deixando-os ardidos. Preciso esfregá-los com força, machucando-os ainda mais. Os sons se misturam, cacofônicos, patéticos, risadas fabricadas, gemidos ensaiados, música mal tocada e decadência.

Minha garganta está seca, mas continuo a segurar o copo, sentindo meu estômago se revirar, a bílis subir. Engulo-a de novo com dificuldade; recuso-me a voltar a regurgitar na frente

deles, recuso-me a expressar qualquer tipo de reação. Eles não são nada! Eles não são nada!

Inspiro fundo a fim de controlar meu asco, porém, nessa ação acabo por aspirar o nauseabundo perfume que paira no ar. Minha testa sua, meu corpo pega fogo como se estivesse assando lentamente em brasa, a roupa me incomoda, as pessoas à minha volta me incomodam, não queria estar aqui.

Nunca quis!

Olho para o lado, e meus dedos se apertam contra o copo. Sinto ódio, revolta, vontade de gritar e, quem sabe assim, entender o motivo pelo qual tudo tem que ser tão fodido para mim. Lembro-me daquele olhar e me sinto mal por pensar só em mim. Não, não sou o único, e isso dói como se rasgassem meu peito.

Uma mulher se aproxima, conversa, mas não escuto; há muito já não ouço mais nada além de mim mesmo. Ela se senta sobre mim, pernas abertas, coxas apertando meus quadris, enquanto sua bunda rebola sobre meu pau tentando o estimular.

Olho sua cara, sinto repulsa. A vontade de vomitar é ainda mais forte quando ela sorri e geme, tocando meu rosto, elogiando meus olhos.

Mentiras!

— Ajoelha e chupa! — disparo, empurrando-a para o chão.

A imunda sorri, sentada na podridão do chão respingado

de conhaque, uísque e cerveja barata, confeitado com bitucas de cigarro. Suas mãos sobem pela minha perna, parecendo garras de alguma ave de rapina. Meu estômago se revira quando ela abre o zíper da minha calça e sua boca pintada de vermelho se abre em um sorriso frouxo antes de avançar sobre meu membro.

A puta deve ter muita experiência no assunto, porque logo faz meu pau reagir à quentura de sua boca, à sucção constante e suas passadas de língua. Ouço a risada das pessoas à minha volta e fecho os olhos, travando os punhos para não explodir tão cedo, retardando o máximo possível a satisfação, cerrando os dentes, deixando o pensamento vagar, mas...

"Puta merda!"

Sento-me na cama e recuo até a cabeceira, suado, apesar do clima frio de inverno, cabelos grudados na testa, respiração ofegante e coração disparado. Olho em volta, confirmando que não estou em nenhum puteiro, mas sim no meu quarto. Passo a mão pelo rosto e amaldiçoo o pesadelo.

Sinto meu estômago tão embrulhado quanto estava no sonho. Jogo as cobertas para o lado, saio da cama e caminho até a porta da sacada do meu apartamento. Escancaro-a, deixando o vento frio baixar a temperatura do meu corpo, olhando para a Avenida Paulista toda iluminada lá embaixo.

Eu escolhi viver perto do trabalho. Daqui do meu apartamento posso ver o prédio da Karamanlis, vou e volto

andando para casa, sem me preocupar com o trânsito infernal da cidade, tenho tudo à minha disposição aqui mesmo. Minha vida fora da empresa se resume a trabalho em casa e algumas trepadas ocasionais.

Respiro fundo e saio para a sacada. O ar frio da noite arrepia minha pele quente. Lembro que estou sem camisa, trajando apenas a calça do único pijama que tenho – e que raramente uso – e confiro as horas. Daqui a pouco vai amanhecer, e minha rotina começará. Vou caminhar no Trianon antes de ir para a academia treinar e me arrumar por lá mesmo; em seguida atravessarei a rua, comparei meu café puro, fumarei meu primeiro cigarro do dia e caminharei alguns metros até chegar à empresa.

Como se despertado apenas pelo fato de ter pensado em trabalho, meu cérebro rememora a agenda do dia, com todos os prazos a cumprir e providências a serem tomadas. Eu aprendi a gostar do meu trabalho e a ser o melhor na minha área. Poderia ser apenas mais um Karamanlis a viver do que a velha raposa construiu, como tios e primos vêm fazendo ao longo dos anos, mas não. Eu quis ser a porra do melhor advogado que essa empresa já teve e consegui ser!

Entrei para a faculdade de direito obrigado pelo filho da puta do meu pai, pois essa, nem de longe, era minha primeira opção para seguir como profissão. Passei em um vestibular

disputadíssimo, pois sempre fui estudioso, e comecei o curso por pura obrigação. O que eu não esperava era que eu dominasse naturalmente a porra do negócio e tivesse uma facilidade absurda para aprender.

Houve uma época da minha vida em que acreditei naquela coisa de dom, achando que cada pessoa já nasce com suas habilidades para uma certa área, mas a faculdade de direito me fez descobrir que isso é pura balela. O que difere um profissional bem-sucedido de um fracassado é sua dedicação. Não adianta ser bom, tem que ser ótimo!

Peguei meu diploma com honras na faculdade de direito mais velha e bem-conceituada do país e, no ano seguinte, já estava fazendo mestrado em direito imobiliário, estudando os casos da própria empresa junto ao diretor jurídico da gestão de Nikkós – diga-se de passagem que o homem era um incompetente – e unindo teoria e prática.

Apesar da pressão, não fui trabalhar na empresa assim que me formei, pois queria adquirir a prática na advocacia e para isso contei com a ajuda de um dos advogados que eu mais respeito até hoje, Hal Navega. Foram três anos aprendendo sobre contratos, indo para fóruns e tribunais, mexendo nas peças e criando argumentos. Saí quando fui aceito no programa de doutorado na área de negócios imobiliários nos Estados Unidos.

Abro um sorriso ao me lembrar dos anos longe de todo e

qualquer Karamanlis, da liberdade que senti por ser eu mesmo, sem influência de nenhum outro membro dessa odiosa família. Cinco anos inteiros sem tempo para pesadelos, recordações amargas e ódio. Só conseguia estudar, estudar e estudar, sobrando pouco – e muito bem aproveitado – tempo para lazer.

Quando retornei ao Brasil – podia ter ficado por lá, mas fiz questão de voltar e tomar o meu lugar na empresa –, Theodoros já tinha dado uma rasteira no incompetente do Nikkós e todo seu séquito de puxa-sacos, então assumi o lugar de diretor jurídico da Karamanlis.

Orgulho-me de ter assumido por meus próprios méritos, mesmo com o peso do sobrenome. Sei que Millos votou pela minha indicação por reconhecer que eu sou o melhor na área, que consigo não só executar o meu trabalho com perfeição, mas que poderia substituir a qualquer um com os pés nas costas.

Substituir! Abro um sorriso ao pensar no meu irmão mais velho ocupando o cargo de CEO. Chegou a hora de mais uma substituição na empresa, é tempo de renovação, de pôr fim ao reinado de Theodoros Karamanlis, e eu, talvez por obra do acaso, já sei como fazer isso.

Entro no quarto e vou direto tomar uma ducha antes de começar meu dia. Minha vontade de derrubar Theodoros não é só pela empresa, é por tudo que ele causou a nós, pelos horrores que nos fez passar na infância ao não medir seus atos, a só

pensar em si mesmo. Preciso convencer Alex e Millos de que ele não é a melhor opção e, conhecendo o rancor de meu irmão mais novo, sei que isso não será difícil. O problema é Millos.

Meu primo tem bom relacionamento com Theodoros, foram criados juntos na Grécia e assumiram a gestão da empresa no Brasil para um trabalho em conjunto. Não será fácil convencer Millos, mas sei que tio Vasillis – o pai dele – sempre joga em sua cara que ele é uma sombra, sempre cheirando o rabo de Theo. É nisso que devo focar para fazê-lo mudar de lado.

Claro que quero ser o próximo CEO, estou pronto para isso, mas minha meta principal é expulsar Theodoros da empresa, e farei isso, nem que tenha que renunciar ao maior cargo da Karamanlis em prol de Millos. Quero assistir à derrocada de Theo do mesmo jeito que ele assistiu à do Nikkós – que lamento ter perdido – e provar a doce satisfação de ver as duas pessoas que mais odeio neste mundo na sarjeta.

Saio do banho e pego a mala no armário. Pego um dos Armanis que tenho, dessa vez um azul-escuro, uma camisa branca e gravata Yves Saint Laurent de listras clássicas na diagonal em tons de cinza e azul. Por último, na sacola da academia, ponho os sapatos de couro italiano, e calço tênis de corrida.

Eu treino há tantos anos que nem me lembro de quando

comecei. Exercício para mim é fundamental, comecei por causa do corpo, mas descobri que era uma forma de me manter são em meio à bagunça que era minha vida.

Confiro as horas, vestindo o casaco antes de sair do apartamento. Ainda nem amanheceu, mas a academia fica aberta 24 horas, por isso não me importo de ir mais cedo. Não vou voltar a dormir e arriscar ter mais e mais pesadelos. Já tentei de tudo para que eles sumissem, mas nada os faz ir.

— Bom dia, doutor! — o porteiro da madrugada me cumprimenta ao abrir a porta do prédio.

— Bom dia! Acho que seu time leva o brasileirão este ano — comento, apontando para o jornal que ele tem na mão.

— Ah, doutor, vamos levar, sim. Sinto muito pelo seu! — Sua expressão não é nada lamentosa.

— Vou fingir que acredito, Erasmo! Mas a Fiel não desiste, tenho certeza de que conseguiremos entrar na classificação para a Libertadores.

— Sonha, corintiano! — ele debocha, e eu mostro o dedo do meio, levando-o às gargalhadas.

Erasmo é o único porteiro com quem tive contato até hoje no prédio, exatamente por entrar e sair dentro do horário de seu turno. Quase nunca estou em casa antes da meia-noite e nunca permaneço depois das 5h da manhã. Não durmo muito, como perceberam; prefiro não dormir.

Há alguns anos, Erasmo veio trabalhar com a camisa do Palmeiras por baixo do uniforme e, à madrugada, encontrei-o vendo a reprise de um jogo e exibindo o verdão da peça. Ficou roxo ao me ver, pediu desculpas e colocou o uniforme de volta. Reconheci o medo em seu semblante, afinal estava em horário de trabalho dentro de um dos mais luxuosos prédios residenciais da Paulista. Encostei-me contra o balcão e perguntei quanto estava o jogo – um clássico entre Palmeiras e Corinthians a que eu também não tinha assistido –, e, a partir daquele dia, sempre estávamos trocando farpas divertidas sobre futebol.

Não pensem que sou sociável, simpático ou qualquer coisa do tipo. Não sou! Aquilo foi apenas um fato isolado, uma casualidade em um momento em que eu estava de bom humor o suficiente para relevar a falta do funcionário e ainda brincar com a situação. Às vezes gosto de transgredir regras, mas só às vezes. No geral sou bem engessado, o "típico" advogado sério, legalista e burguês.

Há quem diga que sou mais do que isso. Arrogante, misógino, petulante e invejoso. Sinceramente, foda-se para o que pensam e o que digam de mim. Não faço tipo, nunca farei, não faço questão de que gostem de mim, isso tudo é ilusão. Já aprendi que tudo nessa vida gira em torno de um só jogo, o do interesse. Pessoas gostam de quem pode ser útil a elas em algum

momento. O ser humano é tosco, como bem asseverou Hobbes[1]: *homo homini lupus.*[2]

Por isso não entro nesse jogo, sou direto, claro e não faço a mínima questão de ser polido com quem não merece ou educado apenas para fazer *mise en scène* [3]. Não uso falsa modéstia, sou foda mesmo e não tenho vergonha nenhuma disso, afinal estudei muito para ser assim; não trato ninguém com meias verdades e não tenho "dedos" para falar com minha equipe. Se não aguenta a pressão que imponho, não serve para estar em um tribunal e defender a Karamanlis.

Entro na academia e, durante uma hora e trinta minutos, não penso em mais nada a não ser nos movimentos e nos exercícios. Acho que é o único momento em que fico com a mente em branco, sem pensar em trabalho ou lembrar da minha vida fodida.

Suado, vou para o banheiro reservado que pago para ser só meu após o treino. Arrumo minha roupa de trabalho, coloco a da academia, inclusive o par de tênis, dentro de uma *bag* de lavanderia já etiquetada com meu nome e abro o chuveiro, pensando em relaxar.

Meu celular apita uma notificação de mensagem, e, quando vejo o nome da remetente, abro um sorriso faminto e totalmente provocador.

“Acordei excitada, mas preciso trabalhar. O que faço?”

Sério?!

Olho para baixo e já vejo meu pau reagindo à simples imagem que se forma em minha mente ao ler a mensagem. *Filha da puta!* Ainda não sei por que não bloqueei essa mulher. Respiro fundo, resistindo ao máximo à ideia de esfolar meu pau em busca de alívio. Não sou a porra de um adolescente com uma paixonite.

“Foda-se o trabalho! Só preciso do endereço e fodo com você sem problema!”

Deixo o celular sobre o banco do vestiário e entro no chuveiro, já sabendo que ela me mandará uma resposta padrão: “não dá tempo”; “ainda não sei”; “quem sabe amanhã”. Ouço o barulho da notificação de mensagem do aplicativo, mas ignoro, assim como o faço com minha ereção fora de propósito.

Conheci essa mulher – pelo menos eu acho que seja uma mulher – em uma noite fodida em que eu tentava dormir, e os pesadelos não deixavam. Era véspera de Natal, não tinha nada a fazer, não curti nenhuma das garotas de programa que estavam disponíveis na agência que uso para esse fim, então acabei

instalando a porra de um aplicativo de encontros sexuais.

Sempre tive receio de usar essas ferramentas, pois a maioria dos que estão por lá não quer apenas uma trepada ocasional, mas sim um relacionamento. Acabei me rendendo ao Fantasy, que garantia que todos seus membros sabiam que estavam ali para achar parceiros para foder, realizar fantasias e só, sem conversas desnecessárias, sem troca de fotos mentirosas, sem nenhuma expectativa além da satisfação sexual.

Cadastrei-me depois de preencher um longo questionário – inclusive onde coloquei número de documentos para que eles pudessem comprovar que eu era maior de idade –, paguei pelo VIP, com salas exclusivas para encontros grupais – e entrei. Diferentemente do que eu usava na agência de garotas de programa, a pesquisa não era feita por atributos físicos, mas sim por fantasias.

No cadastro eu havia marcado a opção hétero, por isso sabia que não seria direcionado para salas homo ou mesmo bissexuais, mas fiquei perplexo ao descobrir que mesmo com essa opção marcada, havia salas de voyerismo, onde eu podia assistir a um casal ou mesmo um grupo gay, mas sem participar.

Pulei todas elas, indo direto para "encontro sem restrição" ou o que quer que isso significasse e em seguida comecei a receber mensagens de várias mulheres e a visualizar muitos perfis. O primeiro que me chamou a atenção era o único que não

tinha um rosto, mas apenas a foto de um belo par de pernas sendo bronzeado numa praia.

Eu fiquei excitado com aquelas pernas! Podia imaginá-las enroscadas em mim, minha boca percorrendo suas coxas de pele brilhante e músculos rijos. Selecionei-a, mostrando interesse e mandei uma mensagem perguntando onde poderíamos nos encontrar para foder.

Fui ignorado, sumariamente ignorado, e acabei fodendo uma loirinha bem gostosa em um motel barato da cidade e, claro, renovando minha assinatura no aplicativo, pois cumpria o que prometia: fodidas rápidas, sem nomes, em locais neutros e só.

Um mês depois, a dona das belas pernas me mandou uma mensagem, e eu, animado, já fui logo querendo marcar encontro, mas, ao contrário das regras claras, ela quis "conversar" sobre minhas preferências primeiro.

E lá se vão quase seis meses conversando sobre preferências!

Antes de me vestir, confiro a mensagem e gemo, pegando meu pau com força. *Porra!*

"Aqui, na minha cama. Abra a porta e venha direto para o meu quarto. Você vai me encontrar nua sobre lençóis macios e cheirosos. Minhas pernas estão bem abertas, meus dedos patinando na entrada molhada da minha boceta, o que me deixa ainda mais excitada. Adoro estar úmida desse jeito! Adoro saber que é você quem me

deixa assim todas as vezes, mesmo tendo esse nome ridículo para falar enquanto gozo. Você se lembra como gosto de me tocar, Portnoy?”

Rosno de raiva e tesão, relembrando todas as vezes que trepamos assim, criando cenários, situações e gozando sem ao menos saber um o rosto do outro. Minha foto de perfil é um copo de cristal cheio de bourbon, e a dela continua sendo de suas belas pernas.

Criei uma imagem dela só minha, sensual, delicada e firme como suas pernas, às vezes era morena, negra, loira ou ruiva, não importava, mas sempre era ela. A Caprica é a minha mais nova obsessão e a única fantasia que tenho buscado no aplicativo ultimamente.

Só não cancelei minha assinatura por causa dela, pois não sabemos nossos nomes, não temos nenhum contato um do outro, o único modo de falarmos é pelo privado do app. Não foi por falta de insistência, quis trocar e-mail, número de telefone e, principalmente, fodê-la de uma vez, mas a espertinha sempre se negou. Ameacei cancelar a conta e sumir, e ela, muito habilidosa e experiente, criou uma cena que me fez gozar como um louco, e eu desisti.

Não é o tipo de sexo que gosto de fazer, mas confesso que é altamente erótico, e, quando cansarmos da brincadeira, nem mesmo vamos ter um nome para lembrar. Seguro, gostoso, sem

complicações: perfeito! Meu fluxo com as garotas de programa diminuiu muito depois dos nossos “encontros”, e minha satisfação anda quase a 100% – só não está assim porque não estou dentro dela.

“Eu lembro, gostosa. Você gosta de se lambuzar, deslizar seus dedos em movimentos circulares pelo seu clitóris, introduzir dois dentro dessa sua boceta suculenta e depois voltar a massagear. Gosto de te ver fazendo isso, mas gosto ainda mais de substituir seus dedos pela minha língua.”

Quase posso sentir o sabor dela em minha boca, a tensão de seu clitóris vibrando sob minha língua. Gemo mais alto, movimentando meu pau como se quisesse arrancá-lo do lugar, esperando sua resposta safada para gozarmos juntos.

“É assim que te quero hoje, entre minhas pernas, cabeça espremida entre minhas coxas enquanto me chupa sem parar. Sua língua comprida e tensa dentro de mim, seus lábios sobre os meus lábios íntimos. Posso sentir seus dentes, Portnoy, seu rosto está todo molhado, o que faz você deslizar entre minhas coxas, enquanto eu gozo em sua boca gemendo alto, sem me importar com mais nada além do prazer que me faz sentir.”

Porra!

Só tenho tempo de me desviar do terno pendurado à minha frente e gozo sem parar sobre a parede azulejada do vestiário da

academia. Sei que ela espera que eu replique sua mensagem, mas não paro de tremer, ainda sentindo os espasmos de prazer. Nunca me masturbar foi tão prazeroso, e penso até que, sem ela, não consigo mais me tocar sozinho.

“Sujei o banheiro da academia de gozo, e a culpa é sua. Quando?”

A resposta é quase imediata:

“Estou atrasada para o trabalho. Obrigada pelo meu gozo matinal, e de nada pelo seu!”

Dou uma gargalhada ao ver seu status ficar “off-line”, deixo o celular no banco e sigo novamente para o boxe, mais relaxado, animado e bem-humorado.

Essa mulher é um vício!

01

Kostas

São Paulo, tempos atuais.

O filho da puta vai conseguir!

É só o que eu penso ao ver o memorando com todas as informações sobre a promissória que a empresa adquiriu de um agiota – o que eu achei temerário e questionável – referente a uma dívida contraída por Patrick Hill, o dono do boteco imundo que foi capaz de acabar com a hegemonia de Nikkós na

Karamanlis.

Theodoros andava desesperado pela oportunidade de comprar o único imóvel que faltava de toda uma quadra na Vila Madalena e agora fez a empresa se tornar credora de um espólio.

Pego o telefone e ligo internamente para a mesa de Murilo Barros, um dos grandes advogados que tenho trabalhando comigo.

— Pois não, doutor? — ele atende.

— Preciso que você faça uma pesquisa para mim — informo e lhe dou um tempo para que consiga ter em mãos algo para anotar. — Primeiro preciso descobrir se há inventário judicial do espólio de Patrick Hill. Provavelmente a inventariante é a filha dele, Maria Eduarda Braga Hill. Se houver algum registro, preciso do andamento do processo, se já houve partilha ou não. Caso você não ache nada, comece a contatar todos os nossos contatos dos cartórios em busca de um inventário extrajudicial.

— Em alguns minutos retorno, doutor.

Desligo o telefone e olho novamente o memorando enviado pelo Millos, bem como a cópia da promissória, com data já muito perto de sua prescrição. Particularmente eu torço para que a sucessão ainda não tenha ocorrido, visto que Maria Eduarda Hill é a única herdeira viva do *de cujus*, pois assim Theo terá seu gostinho de vitória postergado pela morosa justiça brasileira.

Caso o inventário tenha sido feito extrajudicialmente em cartório ou já tenha ocorrido o fechamento do inventário com a emissão do formal de partilha em nome da herdeira, poderemos ingressar com ação contra ela mesma a fim de que pague a dívida no limite do que recebeu de herança.

Não sei quanto Maria Eduarda Hill tinha a receber, se seu pai tinha mais de um bem, dinheiro guardado e outros bens, mas sei que o montante da dívida é suficiente para que Theodoros a convença a vender o imóvel para quitá-la.

Meu irmão mais velho e sua eterna rusga com nosso pai. Balanço a cabeça, sentindo asco exatamente por ter noção dos motivos e das consequências que essa disputa entre eles foi capaz de fazer.

Bufo de raiva por estar pensando no passado. Isso não me faz bem, e é preciso ter cabeça fria para conseguir tudo o que quero. Aparentemente consegui um aliado na minha luta contra meu irmão e estou cada vez mais perto de destroná-lo e expulsá-lo de nossas vidas para sempre.

Caminho até a parede de vidro da minha sala e olho o enorme salão cheio de mesas onde os advogados e alguns assistentes trabalham sem parar. Funcionamos no padrão de um escritório de alto nível, só que em menor escala. Tenho 12 advogados divididos em três equipes de quatro pessoas, sendo um coordenador em cada uma delas.

Ao fundo da sala, compenetrado digitando no computador, vejo David Vieira, o coordenador da equipe responsável por todos os contratos da Karamanlis, tanto os que fazemos com clientes, quanto os que fazemos com fornecedores, prestadores de serviço e outros. Do outro lado da sala, pesquisando o que lhe pedi, está Murilo Barros, coordenador da equipe de contencioso – dos que vão a fóruns, audiências e julgamentos –, responsável por toda e qualquer ação da Karamanlis ou contra a empresa. E, por fim, em um canto mais agitado, fica Petrônio Muniz e sua equipe responsável pelos contratos e pelo contencioso das duas subsidiárias da Karamanlis, a K-Eng e a K-Decor, de responsabilidade de Alexios Karamanlis.

Esse pequeno escritório trabalha como uma máquina bem azeitada, e eu gosto que seja assim. Escolhi a dedo cada um dos advogados, que receberam cargos de acordo com seu currículo, tempo de casa e merecimento. Os três coordenadores vieram de grandes escritórios da cidade, já com alta bagagem em direito obrigacional e imobiliário. Abaixo deles, em cada equipe, tem um advogado sênior que responde em sua ausência e controla todo o fluxo de processos – seja interno ou judicial – auxiliado por um advogado júnior e um assistente.

Temos seis estagiários que circulam dentro e fora da empresa, fazendo carga de processos que ainda continuam em papel, fazendo levantamentos em cartórios e auxiliando outros

setores da Karamanlis no que seja concernente ao jurídico.

Tenho muito orgulho disso que montei aqui, porque a diretoria passada era um caos total. Ralei muito com os processos bagunçados, prazos perdidos e documentações sem nenhuma ordem. Foram meses de trabalho intenso para deixar tudo como eu gosto de trabalhar e mais de um ano para que estivesse tudo perfeito.

Chamem-me de arrogante por reconhecer que sou muito bom no que faço, foda-se! Sou espetacular, e os resultados que obtenho são a prova disso. Não pago pau para ninguém, sou convidado a dar palestras, a dar aulas em universidades e cursos, e só não o faço porque não tenho saco para aturar imbecis.

O telefone da minha mesa toca, e eu vou até ele já esperando uma resposta de Murilo.

— Doutor, encaminhei para o seu e-mail todas as informações que levantei sobre o que me pediu.

— Vou verificar.

Desligo o telefone e abro o e-mail e um sorriso.

Inventário judicial ainda em andamento!

— É, querido irmão, ainda não vai ser dessa vez! — comemoro girando na cadeira.

Assobio uma música qualquer enquanto tiro meu filé da grelha e o coloco no prato com salada. Esta noite decidi ficar em casa e adiantar alguns trabalhos que peguei pessoalmente para fazer. Não é sempre que faço isso, mas, dependendo do assunto, se é desafiador a ponto de me fazer debruçar sobre livros para achar uma solução, prefiro fazer sozinho.

Gosto de ler e estudar, principalmente por serem ações solitárias. Nunca fui muito sociável ou tive muitos amigos, pelo contrário, passei a maior parte da minha vida sozinho, aprendi a gostar da solidão e a fazer bom uso dela.

Coloco o prato sobre a mesa de centro da sala e puxo o suporte do computador para perto de mim a fim de que possa enxergar o artigo em alemão que estou lendo. É, eu estudo em alemão, porque sou poliglota, uma das vantagens de ter morado na Europa até meus 12 anos de idade.

Na verdade, a última língua que aprendi, meses antes de vir morar neste país, foi o português. Eu não falava uma só palavra desse idioma, mas, quando meu avô materno decidiu se livrar de vez de mim e me entregar ao meu pai, fez a enorme caridade de me pagar um professor, com quem tomei aulas exaustivas até aprender a falar e escrever de modo que conseguisse viver no Brasil.

Falo o total de cinco línguas com fluência: inglês, minha

língua nativa; francês, porque fui obrigado a estudar desde que comecei a falar; alemão, aprendi no colégio; grego, eu mesmo busquei aprender, pois queria melhor contato com meus familiares na Grécia; e o português. Arranho o espanhol, mas nunca me interessei a ponto de querer estudar, e entendo alguma coisa do italiano.

Parece muito, não? Eu fico assustado em como o brasileiro passa a vida inteira sem nem saber seu próprio idioma direito. Na Europa, o homem de cultura média sabe mais de uma língua.

O ensino também me surpreendeu. Quando cheguei aqui, eram férias de verão. Não estava acostumado a iniciar o ano letivo em fevereiro, pois, nos países do hemisfério norte, começa entre agosto e setembro. Entretanto, não foi complicado de me adaptar a isso, mas sim à metodologia em si. Estudei em colégio interno a vida toda, passava pelo menos 12 horas do meu tempo estudando, e aqui, mesmo em colégio de alto nível, estava em sala por, no máximo, cinco horas por dia.

Quando cheguei ao "segundo grau" – hoje tem nome de ensino médio – é que estudei em período integral por causa do vestibular.

Rio ao lembrar que os outros alunos achavam que eu era um ET, e isso, além de outros fatores, não ajudaram nada na hora de fazer amizade.

Dou um tempo nos pensamentos e na leitura para comer um

pouco, deliciando-me com o ponto certo da carne. Eu gosto de cozinhar. Não sou expert como Millos, mas sei me virar em uma cozinha. Morei muitos anos sozinho nos Estados Unidos enquanto fazia o doutorado e aprendi, pois nunca gostei de ter outra pessoa no meu espaço.

Não tenho empregada doméstica, pago uma taxa extra ao condomínio para que uma faxineira venha três vezes por semana para limpar o apartamento. A lavanderia manda um carro para buscar minhas roupas sujas, que vou juntando em *bags* fornecidas por ela, etiquetadas com meu nome, e depois já as deixa passadas e lavadas na portaria, e a faxineira as guarda no armário.

Como o espaço aqui é pequeno, não tenho muitos móveis, apenas um sofá retrátil de três lugares, uma mesa de apoio, televisão, porque gosto de assistir a canais de esporte, uma mesa que serve tanto para fazer refeições quanto para o trabalho – uso-a apenas para trabalhar, pois como no sofá – e uma micro cozinha embaixo do mezanino onde fica meu quarto, com armários, pia, fogão, geladeira e um micro-ondas.

Na parte de cima, fica o banheiro e meu quarto, onde há meu armário, a cama e uma mesinha de cabeceira.

Não há decoração, não há fotos, apenas livros e mais livros por todos os cantos. É um *home office* bem prático e profissional, mas é como eu quis que fosse, pois não preciso de

grande coisa. Já morei em mansões de 30 quartos e em apartamentos de três andares e me sentia sufocar mais do que neste pequeno espaço.

Meu celular vibra em cima do suporte do computador, e ergo uma sobrancelha, sabendo quem é. Fico tentado a ignorar, mas a vontade de provocar é maior do que o desejo de ficar só.

Minha "amiga" virtual é minha companhia diária. Não há um só dia em que não nos falamos, e isso é um tanto irritante, mesmo que eu sempre lhe responda. Nunca tive tanto contato assim com alguém, o que é estranho, porque nem sei quem é essa doida.

"Ei, Punheteiro! Boa noite. Sozinho?"

Rolo os olhos para ela, pois, desde que finalmente se prestou a ler o livro ao qual inspirou meu apelido no site, ela me chama de Punheteiro. Não lembro o motivo pelo qual usei *Portnoy* quando me cadastrei, e fiquei bem tenso quando ela disse que tinha achado o livro de Philip Roth quando pesquisou esse nome na internet.

Não fazia ideia de que ela tentava descobrir algo sobre

mim; isso foi uma surpresa e me deixou desconfiado também, afinal estávamos sempre falando de sacanagem, nunca tentávamos descobrir nada um do outro, pelo menos até aquele momento.

Há algum tempo percebi que ela tem aprofundado ainda mais nossos papos, falando de gostos pessoais, discutindo sobre filmes, música, literatura, comida e outras coisas mais idiotas, como o tempo etc. Há algumas semanas falou sobre querer praticar exercícios e sobre sua carreira. Acabou que me perguntou sobre a minha também, e conversamos sobre isso.

Toda vez que ela desvia nossas sacanagens para esses assuntos, tento puxá-la de volta para a segurança de nossa “relação” sexual, mas acabo cedendo e conversando com ela sobre o que quer. Ela tem o dom de me conduzir aonde quer, e isso é algo admirável.

“Minha” Caprica é formada em administração de empresas, mas trabalha em outra coisa – não disse ainda no que –, é solteira, viciada em sexo, tem a filosofia “viva e deixe viver” e, infelizmente para ela, tem péssimo gosto literário. Rio ao pensar nisso.

“Oi, Cabritinha. Estou fazendo um intervalo no trabalho e jantando. Aposto que seu rabo é bem mais saboroso que o filé mignon que estou comendo agora.”

Tenho certeza de que ela vai retrucar o fato de eu chamá-la assim, em referência ao seu apelido; mastigo mais um pedaço de carne e quase engasgo quando leio sua resposta.

“Cabritinha de cu é rola! Sou uma caprica já mocha. Quanto ao meu rabo, pode ter certeza de que é muito mais gostoso do que qualquer outra coisa que você já tenha provado.”

Mando um emoji pensativo para ela.

“Que tal provar meu rabo hoje? Comprou o que eu pedi?”

Olho para a sacola preta jogada em cima do balcão da cozinha e respiro fundo, ainda sem acreditar que entrei na porra de um sexshop com a impressão de uma foto que essa doida me mandou. Quando vi que tinha um anexo no chat que a gente usa, corri para abrir pensando que ela finalmente cedera e me mandara uma foto sua – nem que fosse de sua boceta em close –, mas não, apareceu um ovo com uma mensagem escrita embaixo: “me compre”.

Joguei o nome do aparato no Google e descobri que era um masturbador masculino. Vi alguns vídeos explicativos e me senti curioso, imprimi a foto e, depois de sair da Karamanlis, fui até uma loja de brinquedos eróticos e comprei o dito cujo.

"Talvez..."

Respondo ganhando tempo, pois, por mais curioso que eu esteja com o brinquedo, não quero admitir a ela que fiz o que mandou.

"Você comprou, tenho certeza, e o modelo que eu sugeri. Aposto minha bunda nisso!"

Filha da puta!

Reconheço uma adversária à altura, uma pessoa segura de si, poderosa, e isso joga meu tesão nas alturas. Abandono o filé por completo, afasto o computador e vou até o balcão resgatar a sacola com o estranho objeto.

Tiro o invólucro, leio as instruções e abro o fecho da calça, tirando meu pau da cueca, alisando-o ao longo de sua extensão,

fazendo-o vibrar em expectativa, sentindo as veias altas se encherem de sangue e sua circunferência aumentar.

"Sua bunda não estará a salvo hoje, Cabrita. Diga-me como você gosta de ser enrabada!"

Pego a embalagem de lubrificante que vem junto, despejo o gel na cavidade do ovo e a esfrego na cabeça do meu pau, sentindo o gelado se misturar ao calor em brasa.

Gemo.

"De quatro. Minha bunda empinada em sua direção, joelhos afastados, tronco todo abaixado, encostado no colchão. Minha cabeça está de lado, pois tento olhar você vindo por trás de mim."

Fecho os olhos, e a imagem se constrói em minha mente. Uma bunda linda, redonda, bronzeada como as pernas do seu perfil, com uma marquinha de biquíni minúscula a se perder entre suas nádegas. A vontade de enterrar meu pau dentro de seu cu apertado seria enorme, mas eu me conteria; nunca fui afoito ou ansioso.

“Vou segurar seus quadris com força, quero deixar as marcas dos meus dedos sobre sua pele. Depois afastar suas nádegas, exibir seu cu lisinho, todo depilado à minha espera. Vou lamber primeiro, porque não vou colocar pomadas, lubrificantes nem nada que possa facilitar sua vida. Quero você crua, ao natural, para sentir cada pedaço do meu pau entrar no seu rabinho. Vou chupar você, sua boceta, enfiar a língua dentro dela, depois fazer o mesmo no seu cu. Tenho a língua comprida, já te disse isso, e sei usá-la bem, então você vai sentir quando começar a alargar suas pregas.”

Começo a esticar o brinquedo pelo meu pau, sentindo a tensão, a textura dentro dele, fantasiando ser o corpo dela. Escuto a notificação e gemo ao ler.

“Adoro sua língua em mim. Estou pingando de tesão, pronta para sentir seu pau grande e grosso rasgando meu rabo enquanto massageio minha boceta e gozo desesperadamente. Estou quase lá. Já provou o brinquedo?”

Provei e aprovei!, penso agitando-o rapidamente, repreendendo-me por nunca ter procurado algo semelhante para “tocar uma”. É uma delícia! Claro que não substitui ou se compara a uma boceta ou um rabo de verdade, mas é extremamente mais prazeroso do que a mão.

Na minha fantasia, já estou fodendo-a e ouvindo seus gemidos. Ativo a digitação por voz e vou falando enquanto a cena se desenvolve em minha mente:

— Mordo sua bunda antes de me levantar, posiciono a cabeça do meu pau em sua entrada e pressiono, sentindo seu cu apertando a cabeça. Deslizo com mais força para dentro; você geme alto. Eu consigo sentir seu corpo balançando por causa de sua mão estimulando seu clitóris, o que me causa ainda mais prazer. Eu gostaria de ter nascido com dois paus para poder te comer nos dois buracos ao mesmo tempo. — Gemo, sentindo o orgasmo se aproximando, antes de prosseguir: — Goza enquanto como seu rabo com força, te segurando pelos quadris.

Aumento os movimentos e, em instantes, explodo dentro do ovo, deixando minha porra encher o brinquedo como gostaria de estar enchendo o rabo da diaba que me tira do prumo.

02

— Doutor, saiu a publicação do...

— Agora não, Murilo.

Passo direto por um dos coordenadores de equipe da diretoria jurídica da empresa e entro em minha sala, fechando todas as persianas à minha volta. Xingo, frustrado, sentindo essa energia estranha no meu corpo que só me acomete quando entro em embates desnecessários com aquela baixinha brigona da

gerência dos *hunters*.

Eu estou de saco cheio dela! Sem paciência nenhuma para seu feminismo de folhetim barato e seu jeito de pinscher que se acha pitbull.

Vou até o armário que fica nos fundos da minha sala e pego a garrafa de William Larue Weller[4] que trouxe de minha última viagem aos Estados Unidos e deixei guardada aqui para ocasiões especiais – ou emergenciais – como essa.

Pego o copo de cristal que deixei junto, bem como um dos charutos cubanos que gosto de fumar para me acalmar. Eu sou fumante, como vocês já devem saber, comecei a fumar ainda muito novo e, embora evite fazê-lo dentro da empresa, não resisto a, pelo menos, acender um charuto de vez em quando.

Pego uma das toalhas do meu banheiro e cubro o *sprinkler* para que não acione ao detectar a fumaça do charuto e me dê um banho. Sirvo-me de uma generosa dose de bourbon antes de cortar e acender o charuto.

Eu não entendo o motivo pelo qual aquela mulher me desconserta tanto, mas o fato é que ela consegue me fazer ferver, justo eu, conhecido por ser um homem frio. Nada me tira do sério, estou sempre ironizando, sempre debochando e ligando o "foda-se" para a opinião que qualquer pessoa possa ter de mim. Dificilmente perco a cabeça, senão já teria chamado muito juiz

de “burro” e desembargador de “comedor de merda”, mas não, apenas dou uma risada curta que já transmite todo meu desprezo sem precisar dizer uma só palavra.

Ela também não me afetava o mínimo, afinal eu nem sabia que tal criatura existia até meses atrás, quando meu mentecapto irmão mandou a mulher que era a gerente tirar férias por achar que ela estava surtando. Bom, ela estava, mas e daí? Era paga para trabalhar e, se não aguentasse a pressão, que fosse substituída! Mas não, Theodoros Karamanlis, o grande *deus* dessa pocilga, achou que Malu Ruschel tinha que tirar férias e colocou essa pintora de rodapé em seu lugar.

A garota, que até então era muda e invisível, resolveu crescer e justamente para cima de mim!

Lúcio Xavez, um dos diretores que Theo manteve da gestão de Nikkós, finalmente decidiu pendurar as chuteiras, e, em vez de ser apenas contratada outra pessoa para seu lugar, meu irmão teve a brilhante ideia de fazer uma espécie de concurso interno entre seus gerentes e promover o que fosse melhor.

Pois bem, a tal da Malu Ruschel foi indicada, e até eu via que tinha grandes chances de ganhar, porque a mulher era totalmente louca pelo trabalho. Até que surtou, começou a cair dura para todos os lados e teve que ser enviada – por sua querida amiga da onça – para o cu molhado do mundo, vulgo Pantanal.

Acontece que, sem querer, Malu achou o local que

estávamos procurando havia anos, mas ficou cheia de merda porque estava trepando com o peãozinho do lugar. Foi aí que eu resolvi intervir, claro! Era óbvio que eu não ia deixar um puta negócio daqueles se perder por conta de umas roladas no feno.

Pouco antes de ela comunicar ao seu pessoal que havia encontrado o lugar, aconteceram umas merdas com os outros concorrentes, e o Conselho Administrativo da Karamanlis resolveu nomear “fiscais” do trabalho de cada um dos gerentes que concorriam à vaga, e eu me dispus – porque não era bobo e nem cego – a ficar com a equipe da Malu Ruschel, chefiada no momento por uma tal de Wilka Maria Reinol.

Não tive problemas com ela a princípio; tudo o que eu solicitava, ela me atendia de pronto, sempre muito organizada com suas coisas, com resposta pronta para todas as minhas perguntas, o que me deixou bem admirado de sua competência, afinal era uma moça aparentemente jovem, mas que mostrava segurança e eficiência.

Quando a coisa toda começou a ficar tensa entre nós? Quando eu vi o e-mail que Malu passou para um dos seus *hunters* – Leonardo Paschoali – indicando o local que havia encontrado. Fiquei louco, principalmente porque tinha certeza de que era o que nosso cliente queria havia meses e não achava, então coloquei uma das equipes, a em que mais confio, para pesquisar documentos e informações, atrás do histórico do

imóvel.

Pronto! Foi o que bastou para a mini Mike Tyson querer armar uma luta contra mim.

Rio, bebo um gole do bourbon sentindo o sabor delicioso da bebida envelhecida por mais de dois anos em barris virgens e levemente tostados de carvalho americano e me lembro de como ela invadiu esta mesma sala soltando fogo pelas ventas.

— Suspenda a viagem dos seus advogados agora mesmo!

Eu estava sentado nesta mesma cadeira confortável, calmamente analisando um contrato que David havia me mandado e apenas olhei-a sem erguer a cabeça e franzindo a testa, sem me mover em nenhum momento.

— Retire-se, estou ocupado — respondi e voltei minha atenção ao computador.

Ouvi seus passos firmes, os saltos de seus sapatos fazendo “poc-poc-poc” sobre o assoalho da minha sala. Pensei que tivesse me livrado da pequena invasora, mas não! De repente, ela apoiou suas mãos com força sobre os papéis em cima da minha mesa.

— Doutor Konstantinos, não estou brincando, é uma situação muito delicada essa da propriedade que Malu Ruschel apontou, e nós combinamos de agir com sutileza e cautela, o que suas marionetes não são capazes de fazer. Então recue e nos deixe trabalhar.

Soltei minha risadinha e joguei o peso do corpo para o encosto da cadeira, girando-a de um lado para o outro. Encarei a gerente interina pela primeira vez, notando sua pele bonita, bem-cuidada, os olhos grandes e amendoados e os cabelos negros cortados na altura do pescoço. Ela tinha uma bela boca; mesmo franzida de raiva, era sexy.

— Você já ouviu falar de hierarquia funcional, senhorita Reinol? — Não a deixei responder: — Acho que não, então vou desenhar para você. — Aproximei-me dela, arrastando minha cadeira para bem perto da mesa e inclinando meu corpo em sua direção. — Eu estou aqui. — Coloquei a mão direita bem perto de seus olhos. — Você, aqui. — Encostei o dedo da mão esquerda na mesa. — Agora uma pergunta difícil, preste atenção! Quem é superior a quem?

Vi que ela respirou fundo duas vezes antes de aprumar o corpo e se afastar. Abri um pequeno, mas totalmente vitorioso sorriso.

— É, já vi que é perda de tempo! — Eu assenti, concordando. — Bem, para que vou perder tempo falando com qualquer mensageiro se posso falar direto com *deus?* — Ela sorriu para mim quando fiquei sério, entendendo sua analogia. — Passar bem, doutor. Espere por um memorando da diretoria executiva. — A petulante caminhou até a porta, mas não saiu. — Ah... — Ela ergueu uma das mãos com a palma virada para

mim, e a outra fechada, atrás dessa. — Sabe o que significa? Aposto que não! Essa — mexeu a mão aberta — é o doutor Theodoros, e essa — pus-me de pé assim que ela sorriu e mexeu a mão fechada atrás da outra — é o senhor cheirando o rabo dele. Boa tarde.

Ela virou-se para sair, mas eu – nem lembro como andei tão rápido – a impedi, segurando em seu braço pequeno e frágil.

— Você é muito petulante entrando aqui dessa forma, exigindo coisas de mim. Por acaso tem noção de com quem está falando? Não tenho o mesmo nome dessa porra aqui em vão, sou um dos donos, e você é uma reles...

— Vou contar até três para o senhor tirar sua pata de meu braço, a não ser que o doutor tenha se esquecido das leis com que tanto trabalha e queira levar um enorme processo por assédio.

É sério que eu nunca vou esquecer de sua voz e da determinação que vi em seus olhos naquele dia. Mexeu comigo de um jeito tão estranho, tão desconhecido que me afastei instantaneamente.

— Eu entendo que o doutor tenha sido designado para acompanhar nosso trabalho, mas o que está fazendo é mais do que acompanhamento, é interferência! O local não está à venda e, sim, está em uma situação complicada, mas pressionar como o senhor mandou fazer, é tudo o que não precisávamos para tentar

negociar.

— Não preciso de negociação...

— O projeto não é seu, a decisão também não! — Wilka frisou e apontou o dedo para minha cara no exato momento em que vi meu odiado irmão mais velho parar atrás dela. — Malu Ruschel é quem está concorrendo à vaga de diretora, ela é a responsável por achar e negociar os imóveis. Não passe por cima dela com sua arrogância masculina!

— Algum problema? — Theo perguntou, e ela tomou um susto ao vê-lo.

— Espero que não, estava só deixando uma coisa clara aqui para o doutor Konstantinos Karamanlis.

— Não vi nenhuma claridade em seus argumentos, Wilka Maria, só birra de criança mal-educada.

Naquele exato momento pude vê-la ficar roxa de raiva e soube que ia explodir a qualquer momento. *Que mulher louca é essa que arrisca o próprio emprego em prol de um pedido de sua chefe? Que tipo de lealdade é essa?*

— Senhorita Reinol, eu peço que se acalme e...

— Foda-se! — ela explodiu, seus olhos brilhantes, sua pele ainda mais bonita, corada, o corpo um pouco trêmulo de raiva e saiu marchando para fora, empurrando Theo para o lado e passando entre as mesas dos advogados, que a fitavam pasmos.

Segui-a com os olhos até desaparecer do lado de fora do

setor, sem deixar de notar em como, mesmo em um corpo compacto, suas curvas eram bem-proporcionadas, combinando com ela. *A petulante é interessante!*, pensei.

— Você é mesmo um escroto! — Theo ofendeu-me à queima-roupa, e eu o olhei com a testa franzida e um sorriso cínico.

— Você concordou com todos os meus passos, não estou fazendo nada pelas costas de ninguém. — Voltei para minha mesa a fim de continuar o trabalho que a tempestuosa baixinha havia interrompido. — Não entendo o motivo pelo qual Malu Ruschel está cheia de dedos com esse negócio, ela nunca foi assim.

— Deixe que com Malu eu me entendo! — Ele riu. — Mantenha-se afastado da Kika, ela estava prestes a te dar umas porradas na cara. — Ri em deboche, e ele virou as costas com o intuito de me livrar de sua pestilenta presença. — Eu iria ser obrigado a impedi-la e teria que conviver com esse arrependimento para sempre. Poupe-me!

Arrogante maldito!, penso em Theo, deixando as lembranças do primeiro embate com Kika de lado. Depois desse, tiveram muitos, cada vez mais frequentes e violentos, pelo menos na seara verbal – até hoje.

Passo a mão sobre o rosto, ainda sentindo-o úmido pela água gelada que aquela garnisé me jogou na cara ao pedir

demissão. Mulher petulante, deveria ter sido despedida por justa causa, isso sim! E Theodoros? Bufo de raiva, fumando o charuto.

Primeiro, esteve aqui colocando banca para cima de mim com aquele discurso de merda – "eu sou seu chefe" – e apoiando os desmandos de Wilka Maria.

O projeto que ela ia apresentar para o cliente ainda não tinha passado por mim, embora tivesse sido analisado pelo pessoal do David – com quem tive uma conversa clara e o proibi de interagir diretamente com os *hunters* –, que deu aval a toda a documentação do local escolhido.

Tentei argumentar com a irracional gerente dos *hunters*, mas ela insistiu em apresentar, alegando que o jurídico já tinha ratificado tudo, e marcou a reunião pelas minhas costas. Quando vi na agenda geral da empresa que haveria uma apresentação e vi sobre qual era o assunto, não pude acreditar, fui até a sala de reuniões principal da empresa, na diretoria, e mandei o doutor João Antônio – um dos meus advogados – descer, pois não compactuaria com uma reunião cujo conteúdo eu não pudera avaliar.

Aí a pirracenta fez um show, dizendo então que ela não iria fazer a apresentação e que deixaria o cliente vir até a empresa à toa e que eu me resolvesse com o Theodoros depois, visto que a participação do jurídico era crucial para sua apresentação.

Pois bem, desci para minha sala de novo, pedi à doutora Eleonora – que também funciona como minha assistente – para ligar desmarcando a fatídica reunião e aguardei a repercussão da minha decisão, pois sabia que a “menininha” iria chorando contar tudo para o “papaizinho”.

Foi o que aconteceu, Theo veio até mim, falou um monte de idiotices, e eu fiquei surpreso por ele não me repreender por ter desmarcado a reunião sem falar com ele; não combinava com o jeito centralizador que tem de gerir a empresa. Olhei para a agenda geral de novo – na nossa intranet – e percebi que a reunião ainda estava marcada como ativa.

Puta que pariu!, pensei ao sair correndo da sala, mas, antes que eu conseguisse alcançar meu irmão, vi as portas do elevador se fecharem e o sorriso debochado de Theo falando com seu assistente.

Foda-se! Dei de ombros e esperei o outro elevador com o firme propósito de ir até lá e assistir ao desespero deles como se não soubesse de nada, porém, antes de chegar lá, pensei melhor e fui para o refeitório da empresa tomar um café, ler um jornal e, quem sabe, até fumar um cigarro no terraço.

O café estava ótimo, o que era quase um milagre, pois o nível de alimentação no refeitório é sofrível, e caminhei com o telefone na mão para fumar meu cigarro. Como não costumo olhar mensagens pessoais durante o expediente, ainda não tinha

visto nenhuma das notificações que haviam chegado desde a manhã.

— Ah... olha a Cabritinha aqui! — disse ao abrir o chat do Fantasy.

"Hoje vai ser um dia especial, eu espero. Que tal um encontro hoje à noite para que possamos comemorar meu grande feito? Imaginei se você gostaria de me comer em algum hotel barato de uma área decadente da cidade e já criei minha cena de entrada. Quer saber?"

Como não vi a mensagem e não respondi, ela simplesmente me descreveu a cena deliciosamente construída como só ela sabe fazer, deixando-me de pau duro mesmo diante de toda a tensão despertada na empresa.

"Vou te pedir para ir antes, levar sua bebida favorita, sentar-se em alguma cadeira por lá. Escolha um quarto onde as luzes de néon com o nome do lugar possam iluminar tudo de vermelho ao piscar, sirva-se de sua bebida, não tire a roupa e me espere. Você vai ouvir o som dos meus sapatos enquanto eu subo as escadas de madeira antiga e, a cada degrau que ranger, saberá que estou mais próxima."

Imediatamente a cena se construiu em minha mente, e comecei a escrever de onde ela parou, sentindo na ponta dos dedos o pulsar do tesão, a sensação de estar esperando por ela, de poder finalmente sentir seu corpo e foder sua boceta até me

fartar.

"Bebo devagar e acendo um cigarro para te esperar. Afrouxo a gravata; meu paletó está pendurado no encosto da cadeira, e as luzes do néon deixam o quarto ainda mais decadente. O lençol da cama é quase transparente de tão gasto, deve haver pulgas nesse colchão, assim, não poderei te comer sobre ele. Confiro a mesinha onde está a garrafa do meu uísque, entretanto, dou-me conta de que um de seus pés está apoiado sobre uma pedra. Descarto a chance de te comer ali também. Terá que ser em pé, de assalto, assim que você abrir essa porta."

O barulho de porta batendo me fez bloquear o celular. Guardei-o no bolso da calça e encarei a pequena gerente, acompanhada de meu irmão, vindo em minha direção muito brava.

— Segundo round*;* lá vamos nós! — zombei com um sorriso debochado, mas, assim que a vi pegar um copo cheia de água abandonado em uma das mesinhas do terraço, soube de sua intenção.

— Você não... — não terminei de falar, quase afogado na nojenta água em que alguém outrora babara e ficara ali, a pegar poeira e sabe-se lá mais o quê. Fiquei tão estarrecido com a atitude dela que não consegui formular mais nenhuma palavra, apenas olhava-a como se fosse uma criatura de outro planeta.

Ela pôs o copo calmamente sobre a mesa perto de mim,

virou-se para o banana do meu irmão, que nada disse sobre a atitude desrespeitosa e antiprofissional que ela acabara de protagonizar, e me surpreendeu pela segunda vez.

— Eu me demito!

Theodoros – e acho que eu também – arregalou os olhos e assistiu, sem palavras, à saída magistral de sua pequena guerreira ofendida.

— Você é mesmo um filho da puta! — Theo me ofendeu sem nem ao menos me olhar, ainda parado e encarando a porta por onde Wilka Maria saíra.

— Eu sou, nunca neguei! — Sequei o rosto precariamente e passei por ele. — Somos todos, caro irmão, cada um com sua maldição.

Desci direto para minha sala, sem nem mesmo passar no banheiro para me secar, pensando apenas em fumar e beber pela segunda vez nesse dia de merda.

O celular treme em meu bolso, e eu lembro que mandei mensagem para minha foda virtual. Não estou com clima para conversa, perdi o tesão nisso. Termino o bourbon, apago o charuto, jogando o resto no lixo e decido que já tive o suficiente de merda por hoje.

Pego o celular, mas vejo uma mensagem do Millos e nenhum sinal da Caprica. Então abro o aplicativo onde contrato as garotas de programa, encomendo logo duas, escolho o local

de encontro em um pulgueiro no Centro da cidade e saio da empresa sem falar com ninguém.

Assim que chego à calçada, chamo um Uber e dou o endereço do local marcado como ponto de encontro com as moças.

Eu nunca soube ao certo como minha “amiga” virtual é. Uma vez ela se descreveu alta, corpo curvilíneo, cabelos longos, cacheados e escuros e olhos cor de mel. Era claro que ela estava mentindo, percebi de cara, e a pressionei a me falar a verdade, e a filha da mãe descreveu uma loira.

O que isso tem de relevante? Agora, toda vez que contrato prostitutas, ou são morenas de cabelos cacheados, ou loiras, o que restringiu demais minhas opções nas agências que oferecem esse tipo de serviço.

A danada se infiltrou em minhas fantasias com seu jogo de enrolação, suas conversas madrugada adentro e o *sexo* delicioso que fazemos juntos.

Fecho os olhos e tento não pensar no dia de hoje na empresa e de tudo o que aconteceu com a gerente irritadinha.

03

Kika

Toda vez que escuto a música *Happy* do Farrel Williams, sei que é hora de brilhar! É um dia importante, por isso meu despertador aciona a música para eu já acordar animada.

Abro os olhos com um sorriso no rosto, espreguiço-me, balanço o corpo na cama cantando e batendo palmas. Eu adoro essa *vibe*, adoro minha cama espaçosa, este quarto lindo de viver, os sons gostosos dos pássaros nas árvores das calçadas e...

Sinto um peso em cima do meu corpo e em seguida sou atacada com beijos sem fim.

Dou gargalhadas, às 6h da manhã, com o som alto ecoando felicidade pelo apartamento, e um gostoso em cima de mim. Passo a mão pelo seu corpo firme, sentindo os pelos de sua barriga, subindo em direção ao peito até segurar seu rosto e encarar seus lindos olhos castanhos.

— Bom dia, Kaká! — digo antes de receber outra lambida no nariz. — Com fome? — Ele balança o rabinho. — Vou levantar e fazer nosso café da manhã, mas antes preciso fazer xixi. Já fez o seu?

Ele volta a me lamber, e eu afago suas orelhas, levantando-me da cama com ele em meu colo. Kaká é um yorkshire terrier de pouco mais de seis meses que acabei adotando de uma das meninas com quem dividia apartamento até meses atrás. Ela ganhou o bichinho do namorado, mas o relacionamento durou só mais duas semanas depois do presente. Ela quis devolver o cãozinho, o ex-namorado não aceitou, então eu disse que cuidava e fiquei com ele.

Ela o chamava de Mozi – apelido do namorado –, mas o nome não combinava em nada com o animalzinho tão pomposo, com pedigree registrado de um canil na Inglaterra. Isso me fez lembrar de um certo advogado que, nessa época, achava sexy, charmoso e misterioso, também nascido nesse país.

Sim, infelizmente dei as iniciais daquele boçal do Konstantinos Karamanlis ao meu cãozinho – KK, que estava bordado em todas as coisinhas dele, como caminha, coleira e gravatinha. Ele tinha até sapatinhos com essas iniciais, mas acabou comendo um deles, e os joguei fora.

Kaká – para disfarçar, refiro-me a ele assim agora – não é um animalzinho que dê sorte para relacionamentos em geral – nem mesmo aqueles apenas profissionais –, pois, semanas depois que o adotei e o nomeei, *doutor* Kostas e eu tivemos uma briga por conta da fazenda Paraíso no Pantanal e, desde então, nunca mais nos entendemos em nada.

Quis me livrar do bichinho? De jeito nenhum! O irracional era aquele Bostas arrogante, não meu bebê peludo. É por isso que, quando Kaká apronta, eu o chamo pelo nome completo!

Gargalho ao entrar no banheiro e o colocar no chão. Ele, muito safadinho, vai direto cheirar meu cesto de roupa que fica em um canto.

— Não coma outra calcinha minha, Kaká, senão vou te chamar de Konstantinos de novo!

Amedrontado com essa possibilidade, pois já conhece o som desse nome e sabe que não é coisa boa – *viram só como é esperto?* –, Kaká se afasta, vai até onde fica seu tapete sanitário e faz seu xixi matinal.

— Bom garoto! Vai ganhar um biscoito extra!

Tomo meu banho com ele sentado à porta do boxe a me olhar como um cão de guarda. Acho fofo isso nele, é tão protetor! Kaká é minha família, cuido dele como se cuidasse realmente de uma criança, embora saiba que são situações muito diferentes. Ele preenche todo o vazio que eu sentia, é companheiro, afasta um pouco a solidão que ficou em mim quando perdi meus pais – com diferença de meses entre um e outro – e por ter perdido a companhia de Malu, mesmo falando com ela todos os dias.

Saio do banheiro com ele em meu encalço, provavelmente entediado com minha demora para alimentá-lo, e coloco um roupão antes de ir para a cozinha. Lavo o cabelo todo dia de manhã, fico irritada com cabelos agarrados na cabeça e, como o meu é oleoso, necessito limpá-lo sempre. Adoro a sensação de limpeza e só me sinto verdadeiramente desse jeito quando meus fios estão cheirosos. É por isso que mantenho minhas madeixas pouco abaixo das orelhas, porque não tenho tempo a perder, preciso de praticidade, e cabelo longo dá trabalho.

Entro na cozinha e suspiro para os raios de sol entrando pelo vidro da porta da sacada do apartamento. Às vezes nem consigo acreditar que tenho um canto para chamar de meu, pois há menos de seis meses dividia um apartamento quarto e sala com mais duas amigas.

Fato é que minha vida mudou muito nesse pequeno espaço

de tempo. Acabei comprando este apartamento – mobiliado e decorado – e assumi a gerência do setor de *hunters* da Karamanlis.

Não foi pouca diferença!

Coloco um café simples para fazer, pois sou viciada no Starbucks e sempre compro algo lá quando desço do metrô, indo para a Karamanlis. Ah, essa foi outra maravilha que aconteceu nesses últimos meses: metrô!

Antes eu pegava duas conduções para chegar ao trabalho; agora, embora precise mudar de linha, faço apenas viagens rápidas de metrô, desço em uma estação e ando alguns metros até a empresa. Perfeito, barato e muito mais confortável.

Além de tudo isso – abro a porta da sacada –, ainda moro em um bairro muito gostoso de se viver, a Vila Mariana.

Vou até um pequeno armário baixo que instalei perto do sofá de madeira que Malu já tinha na sacada e pego a ração e dois biscoitos para o Kaká. Ele, vendo o alimento, começa a pular e latir. Peço para ficar quieto, pois está cedo, mal amanheceu.

Enquanto ele se farta, escolho uma roupa para o dia de hoje, animada para a apresentação de um projeto incrível que minha equipe conseguiu montar com mais dois setores da Karamanlis, o de arquitetura e o jurídico. Todos se esforçaram muito, desde a escolha do terreno à do projeto e à obtenção das

licenças e documentações para as intervenções no local.

Nosso cliente ficará muito satisfeito, e meu chefe – aquele gostoso do Theodoros Karamanlis –, orgulhoso de ter me dado uma chance de assumir a gerência.

Tenho certeza de que o trabalho foi bem executado!

Meu celular avisa que já são 6h30 da manhã, e eu fico parada olhando-o, tentada a conversar, mesmo sabendo que não tenho tempo para isso. Dou de ombros, sorrio e mando mensagem.

Como a resposta não vem, continuo a escolher a roupa, seco e penteio meus cabelos, desejando dar uma iluminada na cor dele, aplico uma leve maquiagem e visto a roupa especial para um dia especial.

Através do reflexo no espelho, vejo Kaká em cima da cama trepando com uma das minhas almofadas.

— Larga de ser safado, Konstantinos! — ralho com ele, que sai de cima da pobre almofada em forma de lhama.

Mais uma vez verifico o celular, escrevo mais uma mensagem e espero, tomando meu café lentamente.

A campainha toca; abro a porta para saudar minha vizinha, que, além de ter se tornado uma grande amiga, leva Kaká para passear e faz companhia a ele enquanto estou fora, pois trabalha em casa.

— Verinha, bom dia! — cumprimento-a, e Kaká

praticamente pula em seu colo. — Esse danadinho está muito fogoso hoje; cuidado com suas almofadas.

Ela, como uma boa nordestina que não tem um pingo de vergonha de seu sotaque e suas gírias, logo solta:

— Oxe, bichinho, *tais* atacado, é? — Kaká lambe-a em resposta. — Vamos gastar essa energia! — Ela faz sinal positivo quando eu aponto para o café, então encho uma xícara para ela enquanto põe o cãozinho no chão. — Vou fazer feira agora cedo e aproveito para andar com ele um pouco. Rapariga, *tais* bonita! Vais deixar aqueles executivos metidos a besta tudo doido por você.

— Que nada, Verinha! Quero é que eles fiquem doidos com o nosso projeto, isso sim!

Meu celular apita de novo, e eu engulo o resto do café, escovo os dentes e ponho a bolsa apressada no ombro.

— Vou cuidar das plantas lá da sacada hoje, estão murchinhas e tristes.

— Porque são melindrosas! — Dou de ombros, abaixo-me e beijo o Kaká. — Dou água, carinho e conversa todos os dias. — Dou um beijo na bochecha rechonchuda de Vera Lúcia. — Você é meu anjo, obrigada!

— Que Jesus lhe abençoe, rapariga.

E, como sempre, ganho um tapa na bunda em cumprimento.

Saio do apartamento rindo e encontro meu outro vizinho, Vinícius, esperando o elevador.

— Bom dia! — cumprimento-o. — Carlinhos vem nesse final de semana?

O rosto dele se ilumina.

— Vem, sim, e não fala em outra coisa que não do seu cachorro.

— Ah, que bom! Deixe-o dar um pulinho lá em casa, então, para brincar com o Kaká.

— Deixo, sim. Vou aproveitar e te levar uns petiscos se aceitar beber algo comigo. — Seu sorriso aumenta, e eu retribuo.

— Claro que sim! Você leva os "comes," e eu entro com os "bebes", combinado?

O elevador chega, e entramos juntos.

Vinícius é um homem entre os trinta e quarenta anos, recém-divorciado e totalmente louco pelo filho, Carlinhos, de quatro anos de idade. O menino é uma graça, e Kaká ficou louco por ele. Desde o primeiro dia em que nos conhecemos, durante minha mudança, Vinícius joga charme para cima de mim – o que é lisonjeador, porque ele é bonitão –, mas ainda não senti nenhuma atração para que haja algum entendimento entre nós.

Despeço-me dele quando o elevador para no térreo, onde eu desço, e ele segue para a garagem no subsolo.

Sinto o celular vibrar no bolso e o pego correndo, ansiando para ler a resposta ao que mandei, porém, é Malu me dando bom dia. Respondo a ela, mando uma *gif* engraçada que recebi em um grupo e guardo o aparelho de novo.

Ele deve ter ido para a academia e não viu a mensagem!, consolo-me a caminho da estação.

Não sei quando passei a considerá-lo como amigo, mas a verdade é que sinto falta dele quando não interagimos. Portnoy já faz parte do meu dia, influenciou minha leitura, meu gosto musical e comida. Gosto da interação *sexual* que temos, por mais estranha que seja, pois nunca o vi e nem sei quem é, mas o que tem feito com que eu mantenha a conta no app não são nossos escritos somente, e sim a amizade que nasceu e está crescendo à nossa revelia.

Não estava planejado que isso acontecesse, pelo menos não para mim. Entrei no Fantasy por pura curiosidade, desinteressei-me logo no primeiro dia, mas me esqueci de cancelar a renovação automática e acabei pagando mais um mês. Quando entrei para cancelar minha conta, achei a mensagem dele, respondi e, desde então, nunca mais pensei em cancelar.

Tem sido bom para mim esse contato, inclusive minha terapeuta se surpreendeu e deu a maior força para que continuasse, desde que nesses mesmos termos: sem fotos, sem nomes e sem encontros reais, pelo menos até que eu esteja

preparada.

Começou com uma brincadeira, eu apenas estava “tirando onda” com a cara dele. No entanto, o homem escreve tão bem, é tão real em suas cenas, suas descrições, que isso acabou me envolvendo, deixando-me curiosa, e acabei me soltando.

Demorei uns três “encontros” para realmente estar nua – nas outras, disse que estava, porém, usava pijama de flanela e meias, ria muito imaginando-o tocando punheta como um tarado enquanto eu comia Doritos na cama ou brincava de jogar a bolinha para o Kaká.

Todavia, quando me permiti fazer de verdade... ah! Foi delicioso e totalmente viciante. Nós nos conectamos de alguma forma. Tenho confiado cada vez mais nele e estou buscando coragem para lhe dizer que quero conhecê-lo de verdade, em um lugar público e seguro, claro.

Entro na estação e respiro fundo, recitando pela primeira vez minha frase da sorte.

Seu sorriso é capaz de iluminar qualquer escuridão!

04

Kostas

Millos liga a moto pela segunda vez, e eu tampo os ouvidos por causa do alto barulho do ronco do motor reverberando no amplo espaço do galpão que ele chama de casa.

— Susanna está tinindo! — Ele beija o tanque de combustível da moto. — Estamos prontos para cair na estrada!

Entrego sua caneca de cerveja e bebo mais um gole da minha, reconhecendo que ele conseguiu se esmerar, a bebida

está deliciosa! Saímos da empresa, e ele me convidou para jantar em sua casa, e, como eu não tinha nada para fazer, aceitei, desde que fosse eu a cozinhar.

Não entendam mal, ele cozinha bem, mas só faz coisas rústicas, pesadas, geralmente fritas, não tem nenhuma *finesse* para comida. Passamos em um açougue de carnes especiais, comprei uma bela picanha invertida e a coloquei no forno em uma cama de sal grosso.

Millos preparou o arroz e um molho enquanto eu dedilhava sua guitarra de colecionador, conferindo o som ao tocar "Pretending" do Eric Clapton. Particularmente não tenho um instrumento preferido, como Millos e suas guitarras. Desde muito novo, aprendi a tocar piano, depois, por insistência de Gordon Abbot, meu avô materno – que o diabo o tenha em glória –, aprendi a tocar violino. Odiava como a morte, até que descobri o violoncelo e, por fim, o contrabaixo. A guitarra veio mais tarde, já morando nos EUA e estudando em Berckley.

Se alguém me perguntar o que prefiro tocar, respondo de pronto: punheta. Contudo, se for instrumento musical, com certeza é o baixo. Sempre fui fã de Gene Simmons, o baixista *front man* do Kiss; John Paul Jones do Led Zeppelin; e meu conterrâneo John Entwistle do The Who.

Embora seja fã dos guitarristas, meu primo e eu temos gosto musical muito parecido, mesmo que ele se aprofunde no

submundo do rock hardcore e eu prefira o próximo ao “blues”. Nós dois não cantamos, gostamos mais das melodias que das letras. Millos toca instrumentos de percussão, e por várias vezes o ouvi seguindo a música que eu tocava batendo a colher sobre a tampa da panela.

— Quando você vai comprar uma moto para fazer uma rota comigo? — ele pergunta, e eu faço careta. — Bando de folgados!

— Alex pilota; convide-o.

Millos ri.

— Alexios não pilota, não sabe degustar uma máquina, o negócio dele é tentar quebrar o pescoço a todo custo! — Franzo a testa, e ele bufa. — Estou sentindo o cheiro da carne; se não estiver pronta, vou fritar batata. Meu estômago está roendo o esôfago.

— Mesmo depois de quase dois litros de cerveja artesanal? — provoco-o.

— Cerveja não me enche, isso é desculpa de fracote. — Ri. — Sério, Kostas, tente se comportar no baile do Frank, cara.

Rio por ele ter voltado ao assunto que discutimos no carro.

— Não vou fazer nada fora do meu normal...

— Puta que pariu, vai deixar o carcamano louco se aparecer por lá com uma puta seminua. — Dou de ombros quando o elevador de carga para, e entramos em sua “casa”. — Você

interfere diretamente na imagem da Karamanlis, então...

— Millos, para de tentar coar mosca depois de já ter engolido sapos! Se o nome da Karamanlis depender de seus herdeiros, está mais sujo que pau de galinheiro! Olhe para nós! — Meu primo desvia o olhar. — Há trinta anos o diretor era um bêbado viciado em sexo e drogas. — Ri em deboche. — Há quase 10, o novo diretor é um filho da puta que teve coragem de...

— Kostas, não. — Ele me detém. — Esse assunto já está encerrado.

— Para quem? Só para o desgraçado do Theo, porque para mim não está, nem para o Alex e muito menos para a Kyra! — Sinto meu sangue ferver. — Não foi só o que ele fez, foi o que isso nos causou.

— Eu sei.

Sim, ele sabe!

Respiro fundo e lembro que Millos é o único que consegue ter bom relacionamento com todos nós, conhece nossas histórias, sabe bem das nossas feridas. Muitos anos se passaram, mas elas ainda estão aqui, abertas, sangrando, putrefatas, fedidas.

Eu sei o que passei depois do que o Theodoros fez, sei muita coisa do que Alexios teve que suportar, mas não tenho ideia do que aconteceu com Kyra. Tivemos uma infância e

adolescência de merda e estamos condenados a ter um resto de existência tão fodida quanto.

— Não me peça para fingir que somos pessoas normais em uma família normal — comento antes de tirar a picanha do forno. — Nenhum Karamanlis é, muito menos os filhos de Nikkós.

Millos ri sarcástico, e eu sei que pensa em si mesmo e em seus pais. Tenho apenas informações incompletas sobre o que aconteceu com ele e o motivo pelo qual nosso avô o tirou de casa, mas, conhecendo nosso histórico familiar, tenho certeza de que foi algo bem pesado.

Começo a fatiar a carne, e Millos coloca sua playlist para tocar, ecoando o som pesado de Pearl Jam por todo o local. O assunto está encerrado.

Somos amigos, mas temos nossos pontos obscuros, limites sensíveis e sabemos que não devemos avançar para dentro deles. Ele nunca poderá saber a dimensão daquilo por que eu passei, assim como eu nunca poderei imaginar o que ele viveu.

Yellow Ledbetter começa a tocar, e eu particularmente gosto muito dessa música. Cantarolo baixinho enquanto fatio a peça de carne, ouvindo Millos seguindo a música com sua guitarra.

Foi bom ter vindo para cá passar esses momentos com ele e conhecer seus planos de viagem. Olho para meu primo

compenetrado e agradeço à boa sorte por tê-lo tirado do caminho neste período; não gostaria que Millos estivesse aqui enquanto cavo a cova do CEO da Karamanlis.

Abro um sorriso de satisfação ao pensar em Theodoros e sua arrogância. Meu irmão acha que pode fazer o que quiser, jogar com a vida das pessoas sem lhes causar nenhum ressentimento, e, o melhor de tudo, descobri que essa mesma prepotência o deixa cego para certas situações, então, nada mais justo que me aproveitar de seus próprios defeitos para fazê-lo cair.

A música acaba no exato momento em que termino de cortar a picanha, e coloco o prato com as fatias de carne no balcão de madeira que Millos usa como mesa.

— O cheiro está bom! — meu primo elogia, sentando-se em uma banqueta, servindo-se de mais uma caneca de cerveja. — Como foi com a Wilka Reinol?

Quase engasgo com a pergunta e o olho puto.

— Esse assunto indigesto justo agora?

— Kostas, em algumas semanas estarei de férias, e quero poder gozar esse tempo sem nenhuma questão ainda por solucionar.

Dou de ombros.

— Não chegamos a lugar nenhum ainda.

A verdade é que chegamos, sim! A esquentadinha me

mandou tomar no cu, e eu a mandei para a puta que pariu. Claro que não falamos essas coisas assim, diretamente na cara um do outro, mas, se me pedissem uma síntese da nossa conversa anteontem, encaixar-se-ia perfeitamente.

Tive que pedir o endereço dela no RH, dirigi na hora do almoço – e quem mora em São Paulo sabe que é umas das piores horas para se pegar trânsito – até a Vila Mariana, engoli meu orgulho e me identifiquei para o porteiro.

Nunca teria ido atrás dela por vontade própria, mas não estava disposto a perder o apoio e amizade de Millos por causa de uma rusga com uma funcionária. Se fosse Theo quem tivesse pedido, eu o mandaria se foder, mas eles agiram direito e me acertaram no calcanhar de Aquiles ao ser Millos a conversar comigo sobre a "importância" da pequena abusada na empresa.

— Doutor, sinto muito, mas dona Kika não permitiu sua subida.

Bufei de raiva, sentindo meus pés coçarem de vontade de virar as costas para toda aquela baboseira e voltar para o carro. No entanto, mais do que minha impaciência por estar ali, aquela mulher despertou a raiva por eu ter sido dispensado sem nem ao menos ter falado nada.

Quem ela pensa que é?, pensei indignado.

— Teria como eu falar com ela pelo interfone?

O porteiro ficou um tempo sem saber o que fazer até, talvez

por ter se sentido pressionado, abrir o portão e permitir minha entrada em sua cabine, onde me estendeu um telefone.

— Oi, Joca, aquele mala ainda está aí?

Dei uma risada sarcástica ao telefone.

— Aquele mala é quem está falando com você.

— Porra! — Bateu o interfone na minha cara, mas, antes que eu devolvesse o aparelho ao porteiro, ela voltou falar: — O que você quer aqui afinal? Sabia que posso enquadrar isso como assédio e perseguição?

— Pode ficar tranquila, que você seria a última mulher no mundo que eu iria assediar ou perseguir, pelo menos não com intenção de sexo — falei rudemente com ela. — Vim aqui para termos uma conversa civilizada como dois adultos, mas, já que a nervosinha vai me fazer conversar pelo interfone, foda-se! Vim dar meu recado e não vou sair daqui até cumprir minha missão.

— Poderia muito bem ter economizado nosso tempo se, ao invés de fazer esse discursinho de merda, tivesse dito logo para que veio aqui perturbar minha paz!

Eu já tinha ensaiado um discurso bonitinho sobre não deixar nossas questões afetarem a Karamanlis, que, mesmo não nos suportando, deveríamos unir esforços em prol da empresa e blá-blá-blá, mas, sinceramente? Nunca fui a porra de um falso e não iria começar naquele dia.

— Querem você de volta ao trabalho — decidi ser direto.

— Querem? — Ela riu. — Você, pelo visto, não está incluído nisso.

Bufei de raiva, apertei o fone e dei a resposta que ela merecia:

— Você é petulante, boca suja, insubordinada; por que eu deveria querê-la de volta? Aposto que encontro, em uma hora de anúncio, um currículo tão bom ou melhor que o seu.

Wilka Maria riu de novo.

— É assim que você é em um tribunal? Admiro que ainda ganhe alguma ação! — Ela respirou fundo e disparou. — Não.

Perdi a paciência.

— Não vou oferecer de novo, essa é sua última chance.

— Foda-se!

Em seguida ao xingamento, a comunicação foi cortada.

O porteiro parecia ter visto um fantasma, estava branco como cera de vela e com os olhos esbugalhados como se fossem se atirar das órbitas. Admito que nosso tom foi exaltado, gritamos um com o outro no interfone, e, sim, eu deveria ter tido mais bom senso e paciência para conseguir convencê-la.

Acontece que aquela pequena marrenta me tira do sério, e são poucas as pessoas que possuem esse poder de me levar ao limite da irritação. Geralmente eu envio olhares condescendentes, risadas cheias de ironia e uma expressão debochada aos meus interlocutores, mas não para ela.

Millos já mudou de assunto enquanto eu relembrava a conversa com a gerente irritadinha. Ele conta detalhes da rota que irá fazer a partir do ano novo, e eu finjo interesse, mesmo que minha cabeça só pense em como fazer para convencer Wilka Maria a voltar para a empresa antes da viagem dele.

Depois que cheguei da visita ao Millos, tomei um longo banho, vesti a calça do pijama e me estiquei no sofá procurando qualquer programa de esportes que pudesse encontrar. Servi-me de uma dose de bourbon, acendi meu cigarro – não fumei na casa do meu primo porque ele deixou o fumo há algum tempo – e fiquei trocando os canais da TV.

A verdade é que eu deveria ter saído do banho e deitado na cama, mas estava à espera de Caprica para uma gozada antes de dormir.

Minha “companheira” virtual andava sumida, havia três dias não me mandava mensagem, nem mesmo respondera às últimas que mandei do terraço da Karamanlis antes de ser atacado pela doida dos *hunters*.

Nunca imaginei que estava tão acostumado às nossas conversas, mas admito que estou. O anonimato me permitiu

ficar mais solto, deixar um pouco minhas defesas de lado. Naquele chat eu sou qualquer homem que ela imaginar, sou instrumento do seu prazer e das suas fantasias, não há expectativas ou mesmo cobranças, e isso é libertador.

Eu não conseguiria manter tanto tempo de conversa com ela – já vai completar um ano – se fosse diferente disso. Não mantenho relacionamentos, apenas faço sexo quando a vontade bate. Quando isso acontece, contrato prostitutas, a melhor forma de se obter o que se quer sem nenhum tipo de vínculo e de forma sincera. Eu sei o que posso esperar delas – a melhor desenvoltura possível para uma trepada prazerosa –, e elas, de mim – o dinheiro no final do ato.

Simples e prático.

Não há jogos de sedução, meias-verdades, máscaras. Todas as cartas estão em cima da mesa, sem surpresas ou reviravoltas. Eu percebi que, em geral, um relacionamento começa como um baile de máscaras: cada um usa a que lhe convém, a que o deixa mais misterioso, mais sexy, mais atraente. De acordo com o avanço do baile, a convivência e a intimidade aumentam, bate o cansaço, e as máscaras vão sendo baixadas, as verdadeiras identidades vão sendo reveladas. Os interesses, os defeitos, tudo vem à tona e acaba com a magia que, até então, pairava sobre os casais. Como as horas já se avançaram, as últimas músicas já estão tocando, bate uma certa resignação e preguiça de achar um

par melhor, então vem o conformismo, a frustração e intensa vontade de ter outro baile para voltar a sentir a magia, com outro parceiro, é claro.

Não tenho paciência alguma para esse tipo de jogo.

O telefone apita, tirando-me de minhas divagações. Solto o controle-remoto e pego o aparelho, abrindo um sorriso ao ver que foi o aplicativo de sexo que notificou e abro diretamente no chat em que encontro a Caprica fujona.

"Boa noite, Punheteiro! Disponível?"

Subo para meu quarto, abro o armário onde guardei o ovo que ela me fez comprar – adquiri outros modelos também para testar, mas ela não precisa saber disso – e me deito na cama.

"Para foder? Sempre. Me passa o endereço, que te mostro minha disponibilidade."

Espero a piadinha em resposta à minha provocação enquanto puxo meu pau para fora do short pela abertura frontal e começo a alisá-lo com olhos fechados, quase podendo senti-la

aqui comigo, mesmo não fazendo ideia de como é seu rosto.

“Hoje não. Desculpa, eu não estou em uma boa fase. Só pensei em vir aqui conversar um pouco. Podemos?”

Ah, porra!, xingo-a mentalmente, o pau doendo na mão de tão duro, ovinhos novos prontos para serem desvirginados, e ela quer só conversar? Desde quando esse caralho virou chat de desabafo? Rosno de raiva, soltando meu pênis e pensando em fazer uma reclamação aos criadores do aplicativo, denunciar o perfil dela e sair dessa porra.

Claro, não o faço, não tenho como encontrá-la a não ser aqui. Vamos conversar, então!

“Conversar... okay, let’s do it!”

A fujona sempre manda risadinhas quando escrevo em inglês e, em uma das vezes em que trocávamos sacanagens, ela se animou, e fizemos sexo virtual na minha língua materna, o que demonstrou que ela domina muito bem o idioma, fazendo o sexo ficar ainda mais louco, pois eu me sentia em um filme

pornô com os “yeah, yeah, fuck my ass” que ela escrevia.

“Na verdade, eu preciso de sua ajuda. Rs.”

Puta que pariu! A coisa fica cada vez pior. Fico tenso só ao pensar no que ela pode querer de mim. Será que descobriu quem sou? Não é possível!

Ela manda outra mensagem:

“Não é dinheiro, não se preocupe. Preciso do conselho de um profissional mais experiente que eu, e, como você disse que é um CEO, pensei que seria a pessoa ideal a me aconselhar.”

Rio ao ler isso e balanço a cabeça. É, eu posso ter exagerado meu cargo um pouquinho, porém, como espero que isso um dia aconteça, não me sinto mal com essa pequena mentira.

“Se estiver ao meu alcance ajudar você...”

Ela volta a digitar e demora um tempão, o que me prepara para um texto enorme. Desço para a sala novamente, resgato meu bourbon, acendo outro cigarro e espero que ela termine de digitar sua história para, no fim dela, ter uma pergunta idiota ou retórica. Geralmente quem pede conselho só quer que a outra pessoa confirme aquilo que ela decidiu fazer, mas é muito covarde para assumir a responsabilidade sozinha.

"Eu tenho um bom cargo na empresa onde trabalho, boa remuneração, bons contatos e gosto muito de trabalhar lá. Acontece que um dos donos é um idiota e, por causa da babaquice dele, saí do emprego."

Ah, merda, ela foi demitida e vai me pedir emprego! Franzo o cenho, esperando o: "eu sei que você é um Karamanlis, então não teria uma vaguinha na sua empresa?". Internamente torço para estar errado, porque isso acabará com a "fantasia" que criamos aqui, e eu terei de colocá-la junto às pessoas reais do mundo real, ou seja, mais uma interesseira.

"Sou boa no que faço, Portnoy. Não, não sou boa, sou ótima! E eles sabem disso e me querem de volta."

Aliviado, volto a sorrir, satisfeito por manter minha fantasia

intacta.

“Acho mesmo que estão desesperados, para terem feito o que fizeram. Rs. Enfim, mal saí de lá e já fui sondada por duas outras empresas, inclusive uma concorrente direta.”

Acho isso bom e sinto até um certo orgulho da cabrita fujona. Gosto de profissionais seguros, que reconhecem seu valor. Eu mesmo sou assim, não fico com falsa modéstia. Admitir isso é bom e sincero da parte dela.

“Acontece que eu amo aquele lugar, sabe? Estou sentindo falta de tudo por lá, é como se meus colegas fossem minha família. Quero voltar, mas sei que os problemas que me fizeram sair continuarão, enquanto, em outra empresa, posso começar tudo do zero e não ter uma pedra no meu sapato. O que você me aconselha?”

Penso por um momento, percebendo que ela me pediu para pensar como CEO, e isso é a última coisa de que ela precisa. O conselho que é o mais eficaz para ela nesse momento é o de um advogado, e isso, porra, eu sou, e dos bons para caralho!

“Negocie. Primeiro, esqueça essa porra de ‘eu amo aquele lugar, é como se fosse família’. Isso é balela de empresa para fingir que se importa com você. Acha que, se

você não fosse boa funcionária, estariam considerando seus sentimentos? Porra nenhuma! Funcionário é família enquanto ele está sendo útil e gerando lucro. Vá duro contra eles, exija, antes de tudo, um aumento, um bônus, gratificação, o que seja, não volte nos mesmos termos, isso não te valoriza. Se te querem de volta, façam demonstrar com o que realmente importa para eles: grana. Depois peça algo que te deixe trabalhar confortável e, claro, não esqueça de pedir algo relacionado ao outro sócio para que ele entenda que você tem prestígio e que voltou porque precisam de você, não o contrário."

Ela fica sem reação alguma depois que mando o texto, não digita nada, mas continua online. Deve estar processando tudo o que lhe aconselhei a fazer. Se realmente a empresa precisa dos serviços dela, vai acatar tudo; se não, ela terá que escolher entre as outras empresas que a sondaram.

Há uns meses, quando falamos sobre nossas profissões, Caprica me confidenciou que era formada em administração de empresas, e eu não achei grande coisa. No entanto, tenho sido testemunha – por meio das mensagens que trocamos – de que ela é uma funcionária exemplar, sempre chegando cedo – ela me manda "bom dia" sempre enquanto se arruma para trabalhar – e voltando para casa tarde da noite.

Algumas vezes eu a chamei para transarmos, e ela estava ocupada com trabalho que havia levado para casa. Então, sim, acho mesmo que ela seja ótima no que faz e que, se seus patrões forem inteligentes, a recontratarão.

Posso estar sendo condescendente com ela apenas porque sou louco para fodê-la sem parar, afinal nem gosto muito de trabalhar com mulher, acho complicadas todas aquelas coisas do politicamente correto, ficar vigiando o que eu posso ou não falar, com medo de esbarrar em alguma e logo tomar um processo por assédio, e ainda tem a questão da TPM, cólicas, filhos. Contudo, ainda receoso com isso, tenho duas em minhas equipes e reconheço outras, como minha irmã, que levantou sozinha uma empresa, e minha própria mãe, que abandonou tudo – inclusive a mim – em prol de sua carreira.

Porra! Faça tudo, Kostas, menos pensar na merda do seu passado!

"Você é um gênio!"

Gargalho ao ler a mensagem, afinal, ela não está me contando nenhuma novidade.

"Amanhã ligarei para eles e..."

Decido interrompê-la antes que faça merda.

"Não, não procure. Eles não estão desesperados? Vão atrás de você de novo. Seja firme quando falar com eles, se imponha."

"Ah, Punheteiro, obrigada por isso. Eu te daria um beijo na boca depois desse conselho!"

Abro um sorriso safado e olho meu pau já acordando de novo.

"Faça-me gozar agora, será uma ótima recompensa, já que sei que vai fugir mais uma vez de um encontro real comigo."

"Como você quer gozar hoje?"

Quase posso ouvir sua voz sexy perguntando-me isso.

“Na sua boca enquanto você me chupa. Quero que engula minha porra até não sobrar nenhuma só gota. Gosta disso, não gosta?”

“Adoro!”

Ela começa a digitar sem parar, montando a descrição de como vai me tocar, me lamber e me chupar. Seguro meu pau em expectativa, lamentando ter deixado os ovos na cama, mas sem nenhuma vontade de subir para buscá-los. Não preciso deles! Concentro-me apenas em ler o que ela me escreve, imaginar sua boca de lábios carnudos, atrevidos e macios, seu corpo pequeno, de curvas generosas, pele morena e...

Arregalo os olhos pouco antes de gozar, mas o orgasmo não permite que eu reprima as imagens.

Mas que porra aconteceu comigo?!

Pela primeira vez minha Caprica fujona teve um rosto conhecido e, pasmem, era o de alguém por quem eu nunca poderia sequer imaginar sentir tesão dessa forma, mas aconteceu.

Enquanto explodo porra em minha própria barriga, o sorriso atrevido de Wilka Maria me persegue.

05

Kostas

Caçar é algo que meus ancestrais faziam bem. Os ingleses eram famosos por suas festas e reuniões de caçadas, principalmente entre a nobreza e os mais abastados, como era o caso dos Abbots. A família de minha mãe possuía terras e mais terras a perder de vista no interior da Inglaterra, e, dentro do mausoléu onde passei parte da infância, havia quadros e fotos dos eventos de caça que eles promoviam.

Rio de mim mesmo, pensando que talvez vocês estejam achando que eu não estou falando coisa com coisa, não é? Totalmente *non sense*! Não estou, apenas divago, aqui sentado em minha poltrona de couro, sobre a armadilha que estou preparando para derrubar Theodoros.

Eu estava certo o tempo todo ao pensar que ele era o pior tipo de arrogante deste mundo, aquele que só enxerga o próprio umbigo e esquece de olhar a retaguarda.

É aí que eu enxerguei uma possibilidade, comecei a trabalhar nela e, embora ainda resistente, sinto que, depois da noite de ano novo, o caminho começará a ser aberto para mim.

Saio da poltrona e caminho até o vidro que separa minha sala do grande salão onde trabalham as equipes de advogados. Como a Justiça ainda não voltou do recesso, o clima anda lento, mesmo com outros afazeres, pois os prazos estão suspensos.

A verdade é que todos ficam cansados da rotina do final do ano. Eu mesmo me sinto assim, afinal, até a Justiça paralisar, tivemos uma enxurrada de prazos a cumprir, além do trabalho interno da Karamanlis e a prestação de contas que o Conselho exige todo ano.

Para piorar, tivemos uma festa de final de ano na empresa – muito mixuruca, diga-se de passagem – e, por isso, perdemos um dia de trabalho em um período já com poucos.

Penso na festa, tão diferente da organizada por Kyra no ano

anterior. Não sei o motivo pelo qual Theodoros decidiu fazer a comemoração no refeitório e no terraço da empresa. O lugar ficou cheio, a comida estava boa, mas bem mais simples do que a do bufê da Kyra, e a música... tudo bem que não tive que suportar o jazz imposto pelo Theo, mas ficar ouvindo sertanejo, pagode e funk em conjunto com rock, MPB e baladas românticas foi de doer.

Eu entendi que eles quiseram deixar a festa mais "popular" e diversificada, mas não vou fingir que gostei. Assim que fizeram os sorteios – nós somos obrigados a entregar alguns dos prêmios –, fui embora.

À noite fui para uma balada a que gosto de ir de vez em quando, encontrei alguns conhecidos, fumei, bebi, fui ostensivamente cantado pelo sexo empoderado, mas ainda me sentia tão entediado que nem a mais gostosa da noite me atraiu.

Entendam bem, eu não transo com mulheres que conheci na balada, mas isso não quer dizer que não note uma ou outra. Como já expliquei, evito ao máximo que uma foda possa evoluir para algo mais, por isso me alivio com profissionais do sexo. Não quero passar a imagem errada ficando com uma mulher que ache que eu deva ligar para ela no dia seguinte.

Eu sou sincero com relação ao que quero, mas nem sempre as pessoas estão prontas para lidar com essa sinceridade. Já aconteceu, principalmente quando morava nos Estados Unidos,

de eu sair com uma mulher que dizia querer só uma foda satisfatória, mas que depois ficou de melindre e ainda disse que eu a usei.

Porra! Não tem isso de usar alguém!

Se as cartas já estavam na mesa, não houve nenhuma tentativa de ilusão, era a verdade nua e crua, como é possível sentir-se usada? Não gozou comigo? Não lhe dei o prazer que tínhamos acordado de sentir juntos? Então por que sentir-se um objeto? Pensando assim, eu também não o fui?

Ora bolas, direitos iguais!

Apanhei muito, real e figurativamente falando, até perceber que só quem entende essa dinâmica são as profissionais do sexo. Relutei um pouco no começo, mas depois, quando consegui um contato confiável e que me atendia em todos os quesitos que me impus a exigir para minha segurança, relaxei.

O Fantasy – o app de sexo – parecia ser a solução para meus dilemas, um local onde as mulheres entendiam as regras do jogo e estavam ali porque queriam um parceiro que também entendesse. Ali eu me senti igual, sem essa conversa de estar "usando" alguém; todos tínhamos um só propósito: prazer.

Infelizmente conheci a Cabritinha fujona e perdi o interesse em outros encontros, voltando a fazer a economia girar ao dar trabalho para as prostitutas.

Quando o Natal chegou, recebi um convite da Kyra para

uma confraternização no showroom de sua empresa, o que me surpreendeu. Minha irmã caçula e eu não somos amigos, mas também não nos odiamos. Há um certo constrangimento entre mim e ela, principalmente porque sei que ela viu e se lembra muito do que passei nas mãos de Nikkós.

Acabei indo até a festa dela e encontrei Alex e Millos por lá. Cumprimentei meu irmão mais novo com um aceno de cabeça e fui até onde Millos estava, conversando com uma linda morena e tomando cerveja.

— Boa noite! — cumprimentei-os. — Que surpresa esse acontecimento aqui. Não me diga que minha irmãzinha decidiu promover a paz mundial? — Olhei em volta. — Juro que, se eu vir Theodoros por aqui, vou começar a acreditar em Papai Noel.

— Não, ele não está! — Millos respondeu seco. — E você só foi convidado porque ela precisava de mais um homem à mesa.

Pus a mão no peito e fingi que essa verdade quebrava meu coração.

— Desculpe a indelicadeza do meu primo — Millos se justificou com a bela morena. — Ele é um caso perdido; mesmo tendo nascido na Inglaterra, nunca conseguiu ser um gentleman.

— Tudo bem. — Ela deu um sorriso que me fez achá-la ainda mais interessante. — Foi um prazer revê-lo, Millos. Preciso ir. — Olhou para mim e apenas fez um gesto de cabeça.

— Foi um prazer, Helena! Boas festas.

Acompanhei com o olhar a linda mulher enquanto ela se despedia de Kyra e ia na direção de um homem que eu sabia que conhecia de algum lugar.

— Ela é maravilhosa! — Millos registrou. — Já falou com sua irmã?

— Ainda não, pensei em vir até aqui e tentar descobrir o há por trás desse convite. — Millos ergueu uma sobrancelha. — O quê? Isso nunca aconteceu antes! Os filhos de Nikkós celebrando juntos o Natal?

— Não é só o Natal, idiota! — Ele perdeu a calma por um momento, mas depois respirou fundo e voltou a falar com a serenidade de um monge. — Ela está comemorando o crescimento da empresa, fez sua primeira expansão.

Arregalei os olhos.

— Já? — Voltei a olhar para ela, linda e sorridente ao lado de Alexios. — Ao que parece, minha irmãzinha tem o tino dos Karamanlis para os negócios.

— Ela tem, então, lembre-se de fingir que se importa com os outros e a cumprimente por esse feito.

Tentei fazer o que ele me pediu, mas não consegui. Aquela estranheza entre mim e ela ainda permanecia, e o máximo que consegui foi desejar feliz Natal a ela de longe.

Desde que saí de Londres e vim morar no Brasil, não me

lembro de ter uma ceia tão suntuosa como a que ela fez. Gordon Abbot era anglicano, então todo ano fazia uma ceia recheada para mostrar aos amigos o quanto ele era rico e para fingir que era um ser humano de verdade, não o monstro de frieza e desprezo que eu conhecia.

Nikkós achava o Natal uma futilidade, mas, enquanto Sabrina morou conosco, tivemos uma árvore, presentes e ceia. Depois disso...

Droga!

Sem querer me desviar para as lembranças do meu passado, volto a pensar no final do ano.

O trabalho na semana entre Natal e Ano Novo foi uma perda de tempo. As equipes estavam dispersas demais, estavam com três advogados de férias, e ainda comecei a receber trabalhos do setor do Millos, pois ele iria se ausentar a partir do Ano Novo.

Jantei com meu primo no dia 28 de dezembro em um restaurante novo que ele insistiu para eu conhecer e, durante o jantar, troquei algumas mensagens com a Caprica.

— Ainda conversando com a mulher das belas pernas? — Millos me questionou.

— Ainda — respondi seco, sem encará-lo, cortando uma boa fatia do *magret de carnard*[5] que pedi.

Não sei o motivo pelo qual contei a Millos sobre ela. Acho que foi ainda no começo, quando eu tentava um encontro a todo custo, e ela me enrolava. Estava frustrado e desabafei com meu primo dizendo que ia cancelar a conta, porque o aplicativo era uma farsa.

— Já tem um tempo que vocês estão nessa troca de mensagens — ele continuou o assunto. — Já se encontraram? — Neguei. — Já trocaram fotos ou vídeos?

— Não, porra, ainda nem sei nada sobre ela!

Foi então que o filho da puta começou a rir sem parar.

— Você nem sabe se ela é realmente "ela"! — debochou. — Pode estar falando e tocando punheta para outro macho há quase um ano e...

— Porra, Millos, cala essa boca! Ela é mulher, sim, só deve ser feia, por isso não quer me encontrar! — assim que disse isso, Millos parou de rir e me olhou assombrado.

— Você pensa que ela é feia, mas ainda assim continua a trocar mensagens?

— E daí? Somente você, e por burrice minha, sabe desses encontros virtuais. Ela me diverte, me relaxa, além disso, não temos como saber quem é quem, é perfeito!

— Sim, perfeito... — Millos balançou a cabeça, mas não disse nada.

Eu sei que ele reprova meu comportamento, principalmente

em relação às prostitutas, mas, como também é tão fodido quanto eu, não pode me julgar ou falar nada sobre o assunto. Eu tenho minhas defesas, e umas delas é não deixar ninguém se aproximar de mim o suficiente para ver o que tento esconder de todos.

É, sou uma espécie de Dorian Gray[6] moderno. As pessoas me veem alto, malhado, bem-vestido e rico e pensam que sou lindo, mas não conhecem minha verdadeira face, a que escondo debaixo de todo o verniz brilhante. Como na obra de Oscar Wild, os demônios do meu verdadeiro eu me perseguem da mesma forma que a feiura do quadro persegue Dorian.

Terminamos de jantar sem entrar em assuntos desconfortáveis, basicamente comentando sobre o balanço anual da Karamanlis e o roteiro da viagem que ele iria começar em poucos dias.

Na véspera de Ano Novo, mandei mensagem desejando boa viagem, e ele aproveitou para reforçar o pedido para que eu agilizasse a questão dos aluguéis dos imóveis no entorno do pub da Vila Madalena.

Mais tarde, ainda nesse mesmo dia, arrumei-me para o chatíssimo baile dos Villazzas. Contratei uma acompanhante e solicitei que estivesse vestida de branco, com um vestido sexy e moderno. Não esperava que viesse uma mulher tão perfeita

como a que me mandaram e, por isso, atrasei-me para o baile, pois parei em um motel qualquer para foder um pouco antes de enfrentar a noite maçante.

Baile de caridade! Que coisa mais *démodé*[7]!

Tive que render homenagens a Kyra pela decoração fabulosa que havia feito, bem como para o chef francês que assinou o menu da noite. Estava tudo perfeito, mesmo que comer à mesa com Theodoros e sua deslumbrante companhia fosse um tanto indigesto.

Ali estava uma coisa que me chamou atenção. Eu conhecia aquela mulher com ele, já a tinha visto havia poucos dias em companhia de Viviane, a “amiga” de Theodoros, em situação um tanto comprometedora. Acho que ela não me viu por lá, mesmo porque era difícil ver qualquer coisa com a língua de Viviane enfiada em sua garganta, por isso não me reconheceu.

Ela parecia querer agradar meu irmão de qualquer jeito, tocando-o, fazendo carícias em seus cabelos. No entanto, ele a repelia. A reação de Theodoros me deixou muito intrigado. Mesmo que a loira fosse um caso de Viviane, creio que ele não se importaria com isso, pelo contrário.

Minha intuição não estava errada, e bastou Maria Eduarda Hill aparecer no palco do baile para eu perceber a diferença em sua expressão de quando está interessado em alguém. Fiquei

tentando me lembrar de onde já tinha ouvido falar dela, até que de repente arregalei os olhos e recordei:

— A dona do boteco! — Comecei a rir sem poder me conter, e Bruninha – ou qualquer que fosse o nome verdadeiro da minha acompanhante – ficou me olhando como se eu fosse maluco. — Ora, ora...

Olhei para a expressão deslumbrada de Theodoros, olhos fixos na mulher como se estivesse comendo-a de verdade.

Muito interessante!

Fiquei mais algum tempo no evento, conversando com alguns conhecidos, encontrei Margareth Dubois, uma advogada carne de pescoço que já tive o prazer de enfrentar em uma audiência – prazer porque, além de linda, é uma mulher inteligentíssima –, e ela me provocou sobre o potro que eu tentara comprar no leilão.

— Onde você iria colocar um cavalo? — questionou rindo, pois sabia que eu morava no prédio de *home offices* na Paulista.

— Para que eu iria querer a porra de um equino?! — Ri. — Entrei só para dificultar um pouco as coisas para você, já que, na última audiência, dificultou para mim.

— Você é um babaca, doutor Konstantinos! — ela xingou, mas ainda assim vi seu olhar divertido e interessado.

— Nunca disse que não era! — Pisquei para ela.

Margareth se aproximou de mim e disse em meus ouvidos:

— Que tal comemorarmos esse novo ano de forma mais privada?

Sim, meu pau ficou duro na hora, sua voz gostosa em meus ouvidos, a promessa de sexo delicioso. Ela é mais velha que eu, segura do que quer, bem-sucedida, admirável. Tenho absoluta certeza de que comemoraríamos muito bem.

— Eu já tenho companhia! — Apontei para Bruninha, que estava bebendo com uns homens no bar.

A advogada levantou uma sobrancelha.

— Sério? Uma acompanhante?

Dei de ombros.

— Gosto delas, são sinceras. — Bebi meu bourbon antes de continuar: — Vou passar o resto da noite fodendo, depois ela vai pegar o pagamento, virar as costas, e nunca mais vou vê-la de novo.

— Uau! Isso é bem cínico de sua parte. — Ela riu. — Já tinha ouvido falar que Kostas Karamanlis curtia putas, mas nunca entendi bem o motivo, afinal, você conseguiria uma mulher sem ter que pagar para ela gemer seu nome.

Fiquei sério. Minha expressão demonstrava todo o desprezo por essa conversa, acho até que fiz um biquinho debochado.

— Nada é de graça, doutora. Há sempre algum interesse por trás das ações dos seres humanos. — Coloquei o copo em uma das mesas altas colocadas próximas ao bar. — Não se

iluda!

Ela deu de ombros sem rir, sem brincar e simplesmente afastou-se de mim.

Já estava pronto para deixar o local da festa, quando vi Theodoros adentrar ao salão como se estivesse sendo perseguido pelo capiroto. Ele procurou alguém por algum tempo, depois foi até o Frank Villazza. Fiquei observando os dois conversarem, o irmão e o cunhado de Frank se afastarem, e então os dois saírem juntos por uma porta lateral.

Um garçom passou por mim e, antes de pegar mais bebida, questionei onde a porta iria dar.

— Cozinha, senhor — respondeu antes de sair.

Abri um sorriso, sabendo o que os dois tinham ido fazer nos bastidores do baile. Peguei meu celular e enviei uma mensagem.

"Seja lá o que você estiver planejando, não vai dar certo. Pergunte à sua namoradinha. Acho que é hora de conversarmos."

Voltei a colocar o telefone no bolso sem ao menos esperar uma resposta. Senti-me extremamente excitado pela possibilidade de a cena que presenciei ser mais uma pedra para

atirar em Theodoros quando o crucificassem.

De repente, uma comoção chama minha atenção no salão dos advogados, e eu paro de me lembrar dos acontecimentos do final do ano, intrigado sobre o motivo pelo qual todos ficaram agitados de repente.

Saio da sala e me encontro com Murilo, o advogado em quem eu mais confio aqui dentro.

— O que houve?

Ele dá de ombros.

— Kika está de volta.

Puta que pariu, mais essa!

06

Kika

Meu coração está disparado como se fosse meu primeiro dia na empresa, minhas mãos suam, sinto como se mil borboletas voassem dentro do meu estômago. Tomo meu *frappuccino chocomallow*, com zilhões de calorias, sem me importar o mínimo; estou nervosa!

Ah, como eu sinto falta da Malu! Tenho certeza de que nesse momento ela estaria me dando um esporro por eu estar tão

emotiva desse jeito... se bem que, a cada vez que nos falamos ao telefone, minha amiga chora emocionada me contando da gravidez e de todos os planos que está traçando com seu peão *fake*.

Não, Malu não estaria brigando comigo, mas sim me incentivando a continuar dizendo o quanto sou competente, chorando de emoção por eu ter conseguido um belo aumento, mesmo depois de todo o risco que corri ao pedir demissão.

Olho para o alto do prédio, ainda parada feito uma doida na calçada da Avenida Paulista, e leio o nome em aço escovado no terraço onde funciona o refeitório: Karamanlis.

Lembro-me, como se fosse hoje, do primeiro dia em que passei por essas portas; estava trêmula, nervosa e ansiosa por ter sido selecionada para uma entrevista. Estava no último ano de administração de empresas, e o local onde eu fazia estágio faliu e eu fiquei desesperada, com medo de não conseguir as horas para me formar. Foi quando vi uma propaganda do programa de estágio da Karamanlis e me cadastrei na empresa responsável pela triagem.

Eu tremia de nervosismo e expectativa e fiquei tensa ao ver que a sala que tinham separado para a entrevista era enorme e estava apinhada de gente, mesmo depois de termos passado por três seleções na empresa de recursos humanos que eles contratavam para fazer a triagem. Demorei duas horas para

entrar e, enquanto isso, devorei o livro de um dos meus escritores favoritos e não senti o tempo passar, viajando com ele através de um mundo arrasado pela guerra.

Na entrevista estavam duas pessoas além do entrevistador, Millos Karamanlis e Malu Ruschel, a gerente de uma das áreas que necessitavam de estagiários. A conversa foi boa, mas nada diferente de outros processos seletivos por que eu já havia passado. O que tornou aquele dia único – e eu acho que garantiu minha escolha – foi a parte prática.

Uma pilha de papel foi colocada em cima da mesa, além de pastas, prendedores e *post-it*. Pediram para que eu organizasse os papéis de acordo com o que achasse melhor.

— Tem tempo para isso? — perguntei.

— Hoje, não — Malu foi quem respondeu. — Mas, se for trabalhar comigo, tem que unir atenção à agilidade, porém, hoje, como não conhece o trabalho, não vou considerar o tempo.

Assenti e comecei a ler papel por papel, colando *post-it* neles de cores diversas, separando-os por tema. Fiz cinco blocos com tema diferentes – por causa de detalhes sutis entre um e outro –, mas percebi que só havia três pastas. Peguei os prendedores, coloquei um em cada bloco e depois juntei os assuntos afins de forma macro e consegui reunir três pilhas. Coloquei-as nas pastas e as classifiquei com os temas e subtemas.

Quando entreguei, ninguém falou nada, mas Malu Ruschel estava com um sorriso deslumbrado de quem ama organização, e eu soube que, se não aparecesse alguém melhor do que eu nisso – o que era improvável, porque eu tinha orgulho de ser muito organizada, a ponto de ser chata –, a vaga era minha.

Um ano de estágio que pareceu o inferno!

Malu era seca, obcecada por organização (tanto quanto eu), burocrática e teimosa. Tinham coisas que eu achava que poderiam ser facilitadas e que ela não mudava por pura teimosia. Prestes a acabar o estágio e já próximo da minha formatura, ela me chamou à sua sala e me mandou fechar a porta.

— Quantos anos você tem, Wilka Maria?

Sempre que me chamavam de Wilka, eu corrigia por Kika. Achava Wilka Maria um nome muito forte e muito sério para mim. Eu gostava de ser Kika, leve, despojada, feliz. Entretanto, claro, nunca corrigi minha chefe.

— Vou fazer 24 no final do ano, Malu.

Ah, a ironia do destino! Minha chefe se chamava Maria da Luz, mas não deixava ninguém a chamar assim, apenas de Malu. No começo, eu me referia a ela como senhorita Ruschel, mas depois relaxei e comecei a tratá-la pelo apelido como todos os outros a chamavam e, como ela não me repreendeu – ela sempre repreendia quando eu fazia algo errado –, continuei.

— Entrou tarde na faculdade?

Assenti.

— Eu precisei ficar um tempo afastada dos estudos, por isso ainda não me formei.

Ela assentiu pensativa, mas não perguntou meus motivos. Esse era o jeito dela, não procurava saber profundamente nada com relação à vida pessoal dos seus colegas de trabalho, bem como também não sabíamos nada sobre ela. Eu poderia ter emendado minha história a fim de tentar comovê-la, mas, sinceramente, isso não era algo que eu faria e, muito menos, a convenceria de algo.

Malu era uma pessoa prática, como eu, embora um pouco mais rígida.

— Seu contrato de estágio termina no mês que vem. — Ela olhou algo no computador antes de continuar: — Sabe o que eu fiz para conseguir chegar à gerência de uma empresa desse tamanho? — Neguei, não entendendo aonde ela queria chegar com essa pergunta. — Trabalhei. — Franzi a testa com a resposta óbvia, e ela riu. — Parece besteira, não? Afinal, tudo o que uma pessoa precisa fazer para progredir na vida é trabalhar.

— Acho que sim...

— Mentira, Kika! — foi a primeira vez que ela usou meu apelido, e isso me fez prestar atenção a ela. — Quantas mulheres você vê aqui em altos cargos?

— Não muitas...

— E quantas estavam sentadas nas cadeiras da sua universidade enquanto você estudava?

— A maioria na minha sala era mulher.

— Exatamente! Nós nos qualificamos, corremos atrás, somos boas no que fazemos, mas, na hora de uma promoção ou mesmo na concorrência de uma vaga, nosso sexo pesa.

— Por conta de possíveis gravidezes e...

Ela riu de novo.

— Isso é desculpa! É medo, Kika. Os homens têm medo de mulheres como nós. — Arregalei os olhos quando ela me incluiu na mesma categoria que a dela. — Isso mesmo, Wilka Maria, eu vejo muito de mim mesma em você e sei que você é alguém em quem eu apostaria minha carreira como vai longe.

Não conseguia me mover na cadeira, olhando-a embasbacada. Malu Ruschel fizera minha vida um tormento durante um ano inteiro e estava dizendo que eu era como ela? Eu trabalhei horas a mais todos os dias, aprendi o trabalho de todo mundo do setor, porque ela me infernizava com perguntas, voltei para o curso de inglês – parado havia anos –, porque ela me colocava para falar com seus contatos fora do país. Eu xinguei aquela mulher, chamei-a de mal-amada e mal fodida, principalmente quando me mandava e-mail de madrugada e aos finais de semana com providências a serem tomadas.

— Vilma, minha assistente, vai sair da empresa no final do

ano... — ela voltou a falar, e eu parei de respirar em expectativa. — Solicitei ao CEO que você continue comigo e seja efetivada após a conclusão de seu curso, e ele aceitou.

Ninguém nunca vai poder ter ideia do que senti naquele momento! Eu morava em uma república que iria acabar após a formatura. Tinha conseguido vaga com duas outras colegas que já estavam empregadas, e elas me tinham dado um prazo de dois meses para ficar no apartamento sem pagar nada, até que eu conseguisse uma colocação no mercado. Já estava pensando em voltar a trabalhar em loja, coisa que tinha feito por anos, para manter o aluguel e bancar um curso ou, se conseguisse bolsa, uma pós-graduação.

Então, do nada, a bruxa Malu Ruschel se transformou em minha fada madrinha.

— Obrigada, Malu, eu prometo que não vou decepcioná-la e...

— Não! Você não promete nada para mim. Não entendeu o que eu falei com você antes? Não estou te fazendo um favor, Kika, é mérito seu; não seja subserviente com as pessoas, porque, senão, você não chega a lugar algum. — Assenti sorrindo mesmo depois desse pequeno esporro. — A primeira coisa que você tem que ter em mente é isso: seu mérito. Quando você se reconhece, os outros também o fazem. Não estou falando de soberba ou arrogância, mas sim de saber quem você

é, de autoconhecimento e, claro, segurança.

As palavras dela calaram fundo dentro de mim naquele momento. Malu enxergava em mim algo que nem eu via, mas que, a partir daquele dia, passei a valorizar.

Foi por isso que pedi demissão no mês passado! Não podia admitir que um arrogante qualquer, sem a mínima noção do trabalho que minha equipe e eu desenvolvíamos, interferisse, e ficasse por isso mesmo! Não dava, eu não estava no jardim de infância, mas sim dentro de uma empresa conceituada na qual lutei muito e me esforcei demais para estar.

Eu cresci na Karamanlis, não só profissionalmente, também como pessoa. Os anos de convivência com a Malu me ajudaram a perceber que tudo o que ela me disse naquele dia era verdade. Vibrei quando ela foi indicada para a diretoria e, embora saiba que hoje ela está feliz e montando algo próprio, senti-me frustrada ao ver outro homem tomar posse do cargo.

Não podia permitir que Kostas Karamanlis continuasse a me tratar sem o respeito com o qual trata os outros gerentes. Eu sou mulher, orgulho-me disso, sou uma profissional de peso, e a prova disso foram todos os contatos que recebi para trabalhar na concorrência. Não fui porque não tive tempo de avaliar as propostas, pois logo Millos entrou em contato comigo solicitando que eu voltasse atrás e retornasse ao trabalho.

Termino minha bebida, deixando de lado todo o

sentimentalismo que me atacou há pouco, jogo o copo no lixo e entro no saguão da empresa. Já era hora de voltar! Fiquei um mês afastada, pude me dedicar aos meus trabalhos extras durante o final do ano e agora é hora de retomar o controle do meu destino!

Seu sorriso é capaz de iluminar qualquer escuridão!

— Bem-vinda de volta, Kika! — Celina, uma das recepcionistas, diz acenando para mim de longe.

— Ei, Kika, vamos almoçar hoje? — Ana Flávia vem correndo até onde estou e entrega minha chave de acesso de volta. — Fiquei tão feliz quando soube que ia voltar! — Abraça-me. — Essa empresa parecia um cemitério sem você!

— Oi, Ana, vamos, sim! Como estão seus filhos? Conseguiu tirar a chupeta do mais novo?

Ela sorri e começa a me contar as aventuras da maternidade até o elevador chegar. Assim que as portas se abrem, ela se despede, e eu coloco satisfeita o meu crachá no leitor para liberar a catraca e poder subir, junto aos outros executivos, a fim de começar mais um dia de trabalho.

Cumprimento cada um dentro do elevador, recebo algumas palavras de congratulação por ter voltado e sigo satisfeita, acompanhando o display do número dos andares avançar até chegar ao que trabalho.

Respiro fundo antes de sair e, mal piso fora do elevador,

começo a receber saudações de boas-vindas de alguns advogados e assistentes que trabalham com o detestável Kostas Karamanlis. Infelizmente o sexto andar é conhecido na empresa como “Faixa de Gaza” por conta das brigas épicas que o diretor jurídico e eu já tivemos.

Como eu queria que ele fosse lá para cima, junto aos outros diretores, e deixasse só sua equipe aqui! Seria sem dúvida uma maravilha, mas a diretoria jurídica é a única que não possui gerente. O andar é praticamente deles, e minha gerência, conhecida como *hunter* – ou seja, caçador –, ocupa apenas três salas: a minha – que foi dividida com uma antessala –, a dos projetos – onde ficam todos os *hunters* – e uma pequena sala de reunião de equipe, pois para coisas maiores usamos ou a do jurídico, ou a da diretoria executiva.

A convivência entre esses dois setores no mesmo andar sempre foi tranquila, até uns meses atrás, quando eu assumi interinamente a gerência enquanto Malu passava férias – forçadas – no Pantanal. O CEO da Karamanlis obrigou minha amiga a se afastar do trabalho por um tempo, e eu, conhecendo-a como conheço, decidi bolar um plano para que ela efetivamente descansasse: enviei-a ao Pantanal sem que ela soubesse e a deixei sem celular ou qualquer outro aparelho com o qual ela ainda pudesse trabalhar.

Juro a vocês que nunca pensei que ela iria conhecer alguém

lá. Malu Ruschel e um peão? Nunca! Porém, aconteceu, e isso acabou por possibilitar que eu assumisse seu lugar na empresa. A princípio tive muito medo de que pudesse ser interpretada erroneamente sobre tê-la mandado para longe, mas não, apenas o babaca do Bostas é quem questionou minha lealdade e amizade por Malu, dizendo que eu havia lhe puxado o tapete.

Nunca faria algo assim! Malu e os outros funcionários da Karamanlis com um cérebro digno funcionando nem pensaram nessa possibilidade.

Passo em frente à porta de entrada do setor jurídico e já sinto uma certa tensão me invadir. Este local protagonizou meus piores momentos, com certeza. Não sou uma pessoa difícil, pelo contrário, me dou bem com quase todo mundo, tenho um feeling especial para me conectar às pessoas, e, para me fazer sentir algum tipo de ranço, o sujeito tem que ter a aura bem escura.

É o caso de Konstantinos Karamanlis! A aura daquele homem é mais densa que um buraco negro e contamina todos à sua volta, trazendo o pior da personalidade de alguém. Quando eu poderia imaginar que chamaria um diretor de babaca misógino e ainda apontaria o dedo na sua cara? Quando em minha vida eu teria tanta raiva de alguém a ponto de lhe jogar um copo d’água na fuça?

Sim... eu fiz isso tudo, e foi pouco! Aquele homem tem o dom de me tirar do sério! E pensar que, até um ano atrás, eu

suspirava enquanto ele passava – achando sua seriedade sexy e perigosa.

Abro a porta do meu setor com um sorriso nos lábios e sou surpreendida por gritos, som de alguma coisa explodindo e papel picado voando em minha direção.

— Bem-vinda de volta, chefe! — ouço um grito do Leo, um dos *hunters*.

— Kika está de volta! — Rosi e Vivian gritam.

Meus olhos se enchem de lágrimas de tal forma que eu não consigo ver mais ninguém.

Há balões de gás flutuando por toda parte, plaquinhas com frases de acolhimento e admiração, além, claro, de uma mesa forrada de salgadinhos, pãezinhos, doces e sucos.

Eu sempre digo que não sou emotiva, afinal sou capricorniana, sou prática, mas sentir esse carinho, perceber que, mesmo com uma vaga como a gerência tendo ficado vazia, eles estão felizes com minha volta é mais do que qualquer coração metido a frozen pode aguentar.

Sou abraçada, felicitada e festejada pelos meus colegas de trabalho e não escondo nenhuma das minhas emoções, sorrindo, chorando e – o que sei fazer bem – xingando-os com carinho. Sem saber como aconteceu, percebo uma taça de champanhe – de plástico dourado – em minha mão com refrigerante. Dou uma golada, mesmo ainda estando cheia do *frappuccino* que tomei no

caminho para cá, e ouço todas as novidades que aconteceram na minha ausência.

— Bem-vinda de volta, senhorita Reinol!

Theodoros Karamanlis, o CEO dessa porra toda, está parado com um puta sorriso (parênteses para dizer que esse homem é um espetáculo aos olhos) e uma das mãos num bolso da calça do terno.

Abro meu melhor sorriso zombeteiro e caminho até ele.

— Para com isso de senhorita Reinol! — brinco. — É Kika! Obrigada por me trazer de volta; eu sei que teve sua interferência nessa questão.

Ele expande o sorriso, fecha os olhos levemente e assente.

— Já perdi uma gerente excepcional, não poderia perder outra — elogia-me, e eu quase vou ao céu por saber o quanto ele me valoriza. — Além do mais, meu irmão é um babaca.

Não resisto à menção do "irmão babaca" e faço uma careta, erguendo minha taça em um brinde à sensatez dele. *Por isso o homem é o CEO!*

— Nisso concordamos plenamente! Espero que ele fique na dele de agora em diante.

— Eu também, embora ainda ache que você poderia se mudar com sua equipe para...

O quê? Me mudar?! Nem fodendo!

Quando Millos foi falar comigo sobre voltar para a

Karamanlis depois que o idiota do Konstantinos teve a infeliz ideia de ir até meu apartamento e me encher o saco para voltar, claro que ressaltando que só estava ali pela empresa e não porque achava que estava errado, o vice-diretor da Karamanlis entrou em contato comigo para negociarmos como os profissionais que somos, e eu – depois de receber sábios conselhos profissionais – impus algumas condições, e a principal delas era não mudar de andar.

Dou de ombros antes de dar uma resposta curta e grossa a essa sugestão.

— Os incomodados que se mudem, conhece o ditado, chefe? Não vou conceder esse prazer a ele a não ser que seja obrigada.

Vejo os olhos de Theodoros brilharem de admiração e percebo que ele concorda comigo e nunca me obrigaria a sair daqui.

— Não será — garante. — Bom, preciso ir. Seja bem-vinda novamente.

Ah, que fofo!

— Obrigada!

Seu gostoso!, concluo mentalmente, claro, afinal o homem é meu chefe, mas eu não sou cega. Ele é tão bom de ver indo quanto vindo!

O sorriso e o olhar de loba malvada para cima do CEO da

Karamanlis morrem quando vejo Konstantinos Karamanlis parado na entrada do setor. Theodoros para a fim de falar com o irmão, mas segue adiante, e eu respiro fundo, sabendo que a comemoração pela minha volta vai começar a feder.

— Alerta de Bostas na área, pessoal! — aviso, e todos riem.

07

Kika

Respira fundo, Kika! Você tem que mostrar a ele que voltou porque precisam de você, tem que demarcar seu território e fazê-lo enfiar o rabo entre as (longas, muito longas) pernas.

Balanço a cabeça e desvio o olhar o homem. Eu sei que ele é irritante, mas poxa! A natureza não contribuiu em nada fazendo-o tão grande desse jeito. Chama a atenção de qualquer uma, e eu não sou de ferro, gosto de coisas espalhafatosas.

A simples presença de Kostas na sala já é suficiente para baixar o ânimo de toda a equipe que, até poucos segundos, confraternizava livre e sem nenhum constrangimento. Nem mesmo quando o CEO esteve aqui, eles ficaram emudecidos, mas o diretor jurídico da empresa tem esse dom, essa aura pesada que escurece tudo à sua volta.

Seu sorriso é capaz de iluminar qualquer escuridão!

— Olha só quem resolveu nos dar o ar de sua graça! — Ele cruza os braços sobre o peito e abre aquele frio sorriso irritante. — Decidiu, enfim, baixar as orelhas e retornar ao trabalho.

Abro meu melhor sorriso, aliso a saia de linho ao estilo envelope que decidi usar hoje e o encaro. Não é fácil para mim, sou pelo menos 30 centímetros mais baixa que ele, mas, mesmo correndo o risco de ter a cervical travada, olho diretamente em seus olhos.

— Não graças ao seu poder de negociação, convenhamos! — Ele franze o cenho. — Por isso Theodoros é o CEO, e Millos, o segundo no comando. Eles *sabem* negociar. — Pisco para ele. — Fica a dica!

— Você é muito abusada! Foi mandada embora e ainda volta insolente?

— Epa! Primeiro de tudo, não fui mandada embora, pedi demissão e, se lembro certo, bem na sua cara. — Ah, nada vai me tirar o prazer de ter jogado aquela água nele. — Depois,

vocês foram atrás de mim, não o contrário, então quem tem que baixar a bola aqui é você.

Escuto um pigarrear leve, e Leonardo estende uma bandeja com salgadinhos para ele.

— O doutor aceita? — pergunta.

Basta só um olhar entediado do diretor jurídico para que Leo perceba que o homem não gostou de sua intromissão. Ele me oferece, eu nego com um sorriso, e, após isso, sai de fininho de perto de onde estamos, mas posso ouvi-lo dizer baixinho: "eu tentei, gente, seja o que Deus quiser!"

— Acho que precisamos esclarecer umas coisas aqui, já que voltou, senão você e sua equipe mudarão de andar. — Sua arrogância não tem limites, e eu ponho as mãos na cintura, esperando-o fazer seu discurso. — Eu sou superior a você não só na altura — dá um risinho debochado —, mas em hierarquia. Sabe o que é isso, não? Sou seu chefe. Modere seu palavreado comigo, dirija-se a mim por *doutor* e não questione minhas ordens...

— Que déspota! Alguém já te contou que a maioria igual ao *doutor* se fodeu? — Faço cara de assustada e tampo a boca, fingindo não ter xingado de propósito, mas depois rio. — *Doutor* Konstantinos, talvez o senhor não saiba, mas exigi algumas concessões ao voltar para a empresa, e, como sou *indispensável* para a Karamanlis, todos os meus pedidos foram

aceitos.

— Eu soube que conseguiu um bônus, mas seu cargo continua o mesmo, ou seja — ele faz um gesto com o polegar e o indicador indicando coisa pequena —, sou um diretor, e você, uma gerente. Ponha-se no seu lugar.

Respiro fundo três vezes, lembrando-me dos conselhos de Portnoy.

— Eu sei qual é o meu lugar. — Abro os braços e mostro a sala toda. — Aqui, e não vou sair. Os incomodados que se mudem.

Aproveito a deixa e aponto para a porta em um recado claro para que ele saia.

— Veremos, senhorita Reinol.

Kostas faz a irritante careta de desprezo que sempre dá quando quer colocar alguém abaixo de si e sai da sala. *Homem miserável! Filho de uma bela puta!*

— Ei, tudo bem? — Leo toca meu ombro, e eu percebo que estou tremendo.

De que adiantou usar minhas botas vermelhas da Mulher Maravilha? O homem tem o poder de me tirar do sério, fazer-me estremecer de raiva, de vontade de dar uns tapas naquela cara larga, morena e sensual.

Aff!

— Estou bem — tranquilizo meu colega de trabalho. —

Vou até minha sala para ver se me livro um pouco do ranço que aquele ser me causa.

Abro a porta da divisória entre as salas e entro em meu escritório. Imediatamente tantas lembranças boas vem à minha mente, tantos momentos de superação, de adrenalina nas alturas, que tudo o que sinto é gratidão por estar de volta.

A negociação com Millos foi por telefone, mas, há alguns dias, encontrei-o sem querer na fila do Starbucks. Eu estava mandando uma mensagem quando ele tampou meus olhos por trás e disse:

— Não sou o Kostas, não me mate!

Eu gargalhei com sua brincadeira e o cumprimentei, feliz por vê-lo.

— Feliz Natal atrasado! — Abracei-o.

— Pois é, este ano ninguém deixou Papai Noel de chocolate nas mesas da Karamanlis. — Fiquei sem jeito por ele saber que era eu quem deixava os presentes para os funcionários. — Eu sei tudo, Wilka Maria, acredite nisso.

Eu adoro o Natal, aprendi com meus pais. Mamãe enfeitava a casa toda, colocava lampadinhas em volta de nossa casa, comprava enchimento de bonecas para simular neve e pendurava meias de lã – de verdade! – na maçaneta das portas e trinco das janelas. Papai era o responsável pela ceia, amava cozinhar e se vestia de Bom Velhinho todo ano para entregar meus presentes,

também os das crianças dos abrigos em que eram voluntários.

Era uma época cheia de risos, cheiros e sabores maravilhosos. Eu adorava os presentes, claro, mas amava a atmosfera festiva e as histórias de papai.

— Wilka Maria, que nome forte! — ele dizia. — Significa vencedora e pureza. Duas coisas ótimas! — Ele apontava para meu coração. — As duas vêm daí.

Meus pais foram incríveis. Muito do que sou hoje, devo à educação simples, mas cheia de princípios que eles me deram. Uma das coisas que mais me orgulho de ter aprendido com eles foi sobre empatia. Mesmo não tendo muitos recursos financeiros, faziam questão de dividir com quem não tinha nada. Mamãe ajudava a vizinhança, acolhia as crianças mais pobres de nossa rua em nossa casa, muitas vezes cuidava delas quando doentes e auxiliava as outras mães.

Papai era... Não tenho palavras para descrevê-lo. Ele se aposentou quando eu tinha 15 anos e, a partir daí, começou a se dedicar plenamente ao que gostava: o trabalho voluntário. Todos os dias saía de casa para doar seu tempo a alguma instituição e, como bom marceneiro que era, ajudava a construir novas áreas, reformar móveis e fazer pequenos reparos em abrigos, asilos, creches e até hospitais.

Nas férias escolares, eu ia com ele, ajudava com a pintura, tomava conta de crianças, contava histórias e às vezes apenas me

sentava ao lado de uma idosa e emprestava meus ouvidos para ouvir seus relatos, lamentos ou só para lhe fazer companhia.

Quando ele morreu, eu tinha acabado de entrar na faculdade. Mamãe não conseguiu se recuperar da perda. Plínio era o homem de seus sonhos, o mocinho de seus romances, como ela sempre me dizia. Dona Zelina era professora aposentada, amava ler e me ensinou a gostar também, embora descobrisse que eu tinha melhor aptidão para as ciências exatas do que para humanas. Os meses em que sobreviveu à morte do papai, passou dentro de casa, relendo cada romance, chorando pela perda de sua metade.

A casa que por muitos anos me encheu de alegria voltou para os donos, ex-patrões de papai que a cederam em comodato enquanto eles vivessem, e, por isso, fui morar em um pensionato com o dinheiro que meus pais conseguiram economizar para quando me faltassem.

Eu fiquei sozinha ali, com 20 anos, enterrei os dois, um ao lado do outro, em menos de um ano. Não foi fácil ver a escuridão da tristeza me assombrar novamente, mas eu me apeguei a cada lição de esperança que aprendi com eles e, por isso, mesmo tendo que trabalhar muito, consegui voltar a estudar e me formar.

Meus pais sempre serão meus heróis!

— Por que nunca me disse que sabia que quem deixava os

chocolates era eu? — perguntei ao Millos.

— Se você nunca contou, era porque queria manter-se no anonimato. Respeito isso. — Sorriu. — Confesso que me divertia também com o burburinho que isso causava na empresa. Você tinha ajuda, não tinha?

— Não revelo meu *modus operandi*, doutor — tirei onda, e ele gargalhou.

— Não me chame de doutor, não tenho essas frescuras. — Minha vez chegou, e ele me perguntou o que eu queria e ainda pagou meu café. — Presente de Natal atrasado.

Ficamos conversando por mais alguns momentos, ele me informou que estava entrando de férias e me desejou um feliz Ano Novo antes de irmos cada um para um lado.

De todos os Karamanlis, eu o acho o mais normal, mesmo com suas tatuagens assustadoras que tanto faz questão de esconder, mas as quais uma vez consegui ver. Ele tinha me chamado à sua sala, e, quando cheguei lá, a Lu – uma amiga querida que é secretária da diretoria – me deixou entrar sem me anunciar, alegando que ele já me aguardava.

Pois bem, entrei sem nem bater e o encontrei terminando de abotoar sua camisa social. Arregalei os olhos, quis que o chão se abrisse, pedi desculpas, mas ele riu, mandou que eu me sentasse e terminou de se vestir.

— Acabei derramando café na outra. Por sorte deixo

algumas extras aqui no escritório — justificou-se antes de me mostrar um documento, motivo pelo qual tinha me chamado.

Trabalhei com ele concentrada em todos os pontos que me apontara no relatório em sua mão, mas a imagem de um corpo musculoso *e todo* coberto por tatuagens não saiu nunca mais das minhas lembranças.

Não entendam mal, ele é bonitão, mas não me atraiu, só me deixou um tanto surpresa, pois sempre pareceu tão formal com o jeito de se vestir e de se portar dentro da empresa que eu nunca poderia supor que, debaixo do terno italiano, havia um corpo praticamente preenchido com desenhos.

Sento-me, depois de dias, em minha cadeira e a giro de um lado para o outro, adorando estar de volta. Por mais que eu tenha negociado duro com Millos – ele mesmo ressaltou isso –, eu já queria voltar para cá.

Abro minhas gavetas, vazias, e sinto falta de meus blocos de anotações e os *posts-it* que tanto amo. Em cima da mesa, um amontoado de documentos comprova que ninguém assumiu o cargo durante minha ausência; era como se soubessem que eu iria voltar.

Leo aparece na fresta da porta depois de bater levemente e me mostra uma caixa com um “Kika” escrito bem grande nas laterais.

— Minhas coisas?

— Sim, pediram para que esvaziássemos a mesa e enviássemos as coisas para você, mas sabíamos que estaria de volta em breve. — Ele coloca a caixa sobre minha mesa. — Sentimos demais sua ausência. O setor está bem porque, no final de ano, as coisas ficam mais lentas mesmo, mas... — Leo respira fundo. — Lembra que, antes de você sair, havia o burburinho de voltarmos a ter a conta de uma siderúrgica que quer se instalar aqui no Brasil? — Os olhos dele brilham. — Soube que desengavetaram os projetos. Acho que é o maior empreendimento que essa gestão da Karamanlis já pegou, mas é coisa séria, já passou por aqui uma vez e por várias outras empresas.

— Complicado demais? — Sinto o coração disparar pelo desafio à frente.

— Do jeito que você gosta!

— Conta mais! — Bato palmas, excitada.

— Ainda não foi dita muita coisa, os chefões vão querer conversar contigo diretamente, talvez esperem a volta do doutor Millos. — Ele dá de ombros. — O fato é: vamos voltar àquela correria da época em que Malu concorria à diretoria, e quem sabe é uma oportunidade para você.

Assinto e me jogo para trás, balançando o encosto da cadeira. Leo se despede e sai, deixando-me sozinha novamente.

Um novo ano, um novo desafio! Ah, como amo esse

trabalho! Mesmo depois do choque de realidade sobre empresas que Portnoy me deu, continuo a me sentir apaixonada pelo que faço.

Pego o celular, animada, e digito uma mensagem para ele.

08

Kostas

Abusada!

Fervo de raiva por me irritar com ela. Wilka Maria não deveria ter essa capacidade, afinal nem as pessoas que mais desprezo neste mundo – Nikkós e Theo – conseguem esse intento.

Eu deveria já ter deixado de lado toda essa conversa com ela, não é necessária. Wilka é apenas uma funcionária como

qualquer outra aqui da Karamanlis, mas não resisto a ir provocá-la. Não havia nenhuma necessidade de eu ir até sua sala, mas, desde que Murilo me disse que ela estava de volta, não pensei em outra coisa senão ir até lá para irritá-la.

Provei do meu próprio veneno! Rio de mim mesmo, admitindo que sempre provo do meu veneno com aquela baixinha abusada. Aposto que ela deve ser solteira e que não fode há tempos, por isso está sempre tão estressada e irascível.

Abro um meio sorriso e levanto uma sobrancelha ao imaginar que tipo de mulher ela é na cama. Frígida, com certeza! A Malu, que era gerente antes dela, nunca me enganou com sua pose profissional, seu tipo discreto e viciado em trabalho. Eu sabia que, na cama, devia ser fogo puro, tanto que foi incendiar uns fenos lá naquele inferno molhado chamado Pantanal. Mas Wilka Maria? Sinto gelo em meu sangue só de pensar nessa mulher trepando.

Penso na pequena gerente com mais cuidado e admito que ela não é feia. Tem uma maneira peculiar de se vestir, adora botas coloridas e outras peças que nunca vi uma executiva usando, porém, ainda assim fica com um "quê" de mulher sexy. Talvez por esse motivo tenha invadido minha mente enquanto eu me masturbava.

Lembro que uma vez veio vestida de terno! Não, não era tailleur, era terno! Calça, colete, camisa, gravata e blazer! O

corte era feminino, devo admitir, pois, quando passou por mim no corredor sem o blazer, olhei para trás e percebi como sua bunda redondinha ficava bem na calça, mas convenhamos que é muito fora do senso comum uma mulher se vestir assim.

Balanço a cabeça, afinal, o que sei de moda? Não tenho essas frescuras! Gosto de me vestir bem, tenho minhas marcas favoritas, sim, mas não sou um aficionado que fica seguindo tendências e que precisa de outro cômodo para fazer de armário. Tenho alguns ternos e roupas sociais; roupas esporte fino; um smoking para ocasiões especiais; roupa de treino; cuecas e meias. Você encontra, no máximo, uma única calça de pijama, que visto em dias frios ou quando quero sair para a varanda do apartamento sem provocar um ato obsceno.

Atravesso o salão onde ficam as mesas dos advogados e entro em uma das salas de apoio para pegar uma pasta com documentações de um cliente antigo da Karamanlis. Mal abro a porta e dou de cara com um dos estagiários cochilando.

— Sai! — Aponto para fora.

— Doutor Karamanlis, me desculpe! Eu tenho andado com problemas para dormir e...

— Fora! — repito. — Acha que ninguém aqui nunca ficou dias sem dormir? Já, sim! Adivinha quantos se esconderam em um canto para cochilar no meio do expediente? Ninguém. — Afasto-me da porta e aguardo que ele saia. — Vá para casa

dormir. — O rapaz sorri e assente, parecendo aliviado. Ele não me conhece! — Volte amanhã para assinar a rescisão do seu contrato de estágio.

Ele para, abre a boca para se justificar, mas não lhe dou chance, simplesmente fecho a porta e vou até o arquivo, pensando no que acabou de acontecer. Se não aguenta meu ritmo, não serve para trabalhar comigo, nem como estagiário.

Prevejo períodos de trabalho intenso, pois soube pelo Millos, via mensagem, que iremos voltar a mexer na conta da Ethernium, uma empresa de siderurgia europeia que tenta se instalar no Brasil há anos, mas que sempre cai em entraves burocráticos.

Acho a caixa com os documentos, ligo para a mesa do Murilo e peço para que ele me encontre com David e Petrônio na sala de reuniões. Abro a porta de comunicação e acendo a luz, bem como ligo o ar-condicionado. Quase não usamos esta sala, nossos trabalhos são feitos por cada equipe, e elas estão dispostas de modo a conseguir interação entre seus membros.

Murilo, eficiente como sempre, entra na sala com Eleonora sempre pronta para tomar notas.

— Bom dia! — ela me cumprimenta, pois não tínhamos nos visto ainda.

Cumprimento-a de volta e olho para Murilo.

— Onde estão os demais? — mal acabo de perguntar,

David e Petrônio entram na sala. Espero todos tomarem assento e começo: — A Karamanlis resgatou a conta da Ethernium. — David logo mexe em seu iPad em busca de informações sobre a empresa. — Ela quer se estabelecer em São Paulo, mas a equipe de licenciamento — aponto para Petrônio — fez uma lista de problemáticas tão grandes que eles desistiram.

— Kostas, a legislação não ajuda muito, nós não dissemos que era impossível. O parecer do consultor ambiental foi feito dentro da legislação vigente na época.

— Ele se baseou nos estudos feitos pelos técnicos da K-Eng — David complementa. — As áreas escolhidas eram inviáveis e seriam reprovadas ainda na licença prévia.

Concordo com ele.

— O fato é que não vamos brigar por aquelas áreas mais, eles flexibilizaram com relação à região. — Abro a caixa e pego o antigo briefing sobre a Ethernium. — O que uma siderúrgica tem que ter em seu entorno?

— Porto — Murilo responde de pronto. — Ou pelo menos um local que dê acesso a um, afinal, vai produzir aço para exportação.

Assinto.

— Água — Petrônio arrisca —, necessária no processo de produção e em grande quantidade para o resfriamento do aço. — Ele passa umas páginas. — Todas as unidades da Ethernium têm

captação e tratamento próprios.

— Incentivo fiscal. — David ri. — Já que eles não querem mais especificamente ficar em São Paulo, por que não barganhamos incentivos fiscais? Imagine a quantidade de empregos diretos e indiretos gerados por uma empresa desse tamanho? É quase uma cidade do interior! Qual governante não quer?

— Exatamente isso, David. Sabemos que precisamos desses três elementos, mas nosso diferencial vai ser o incentivo fiscal. Então não se fixem em ficar perto de portos ou mesmo do mar, precisamos de locais onde já se tenha uma linha férrea que faça essa logística.

— Doutor... — Murilo me interrompe, mas parece reticente — esse é o serviço dos *hunters*.

Bufo de raiva e me inclino sobre a mesa.

— Eu sei, mas quero acompanhar de perto. — Eleonora não disfarça a risadinha, mas, quando nota que estou vendo, fica séria. — É por isso que estamos conversando aqui antes de termos uma reunião conjunta. O David é quem lida com os *hunters* diretamente, então é quem vai cuidar da questão de procurar junto a eles o melhor incentivo fiscal, de ir atrás das autoridades, negociar, conseguir um projeto de lei, qualquer coisa que possibilite a instalação da empresa. Murilo vai lidar com qualquer entrave legal que vier posteriormente, na fase de

licenciamento. — Ele assente. — E, Petrônio, quero você em cima dos engenheiros e gestores ambientais da K-Eng. Pare de ser tão burocrático e procure brechas na porra da lei!

— Qual é o prazo para apresentarmos o local com os cronogramas das outras áreas? — Petrônio questiona.

— Ainda não sei, provavelmente vamos trabalhar isso apenas após a volta do Millos. De qualquer forma, sei que Theodoros vai viajar ao Rio de Janeiro para uma reunião esta semana e lá já deve fazer contato com eles.

— A reunião é da montadora de veículos — Eleonora aponta.

— Sim, por isso mesmo! A Ethernium é a principal fornecedora das chapas de aço que eles usam.

Os três recolhem o material dentro da caixa para ler, mas eu penso na concretização desse negócio. Theodoros ganhará muita força em sua gestão se conseguir fechar esses dois clientes ao mesmo tempo, sem falar no prestígio que isso lhe dará, afinal, trata-se de uma conta que já passou por várias incorporadoras, inclusive nossas maiores concorrentes.

Esse é um projeto que consolidará a Karamanlis como a maior do Brasil, quiçá da América do Sul no setor imobiliário, o que para mim, em termos profissionais, é ótimo. O que me incomoda é apenas estar ajudando Theodoros a se firmar como CEO, indo completamente contra tudo o que quero.

— Doutor? — Murilo me chama, e eu o encaro. — É um dos maiores empreendimentos que já passou por aqui.

Rio amargo, dividido entre a excitação de um desafio e a frustração de não conseguir pôr meu irmão em seu devido lugar: fora daqui.

Chego a casa molhado de suor e já arranco a roupa antes mesmo de fechar a porta de entrada. Fui jogar tênis no clube e hoje achei um adversário à altura, Nicholas Smythe-Fox, o atual CEO da Novak Engenharia. Não somos amigos, apenas conhecidos, e, quando ele me convidou para uma partida, não pensei duas vezes antes de aceitar.

Achei que ganharia fácil, afinal sou um pouco maior que ele, e isso ajuda na hora da defesa, pois tenho maior envergadura. Eu só esqueci que, além de maior, também sou mais pesado que ele, e o homem demonstrou que jogava tênis muito bem.

— Na casa dos meus pais tem uma quadra — o filho da mãe me disse, rindo, quando me deitei desmontado na quadra. — Mas não esperava ser vencido por você no último game.

— Eu... — tomei fôlego — sou foda!

Na verdade, eu estava morto, só sou teimoso demais e não queria perder para ele de jeito algum. Nick gargalhou e me ofereceu uma cerveja, que, mesmo não sendo minha bebida preferida, aceitei de bom grado.

— Fiquei surpreso por você ter querido comprar o potro no leilão — comentou.

— Era pura implicância; se tivesse ganhado, não saberia o que fazer com um cavalo.

— Mesmo? — Ele pareceu bem surpreso. — Eu nasci na Inglaterra também, você sabe? — Fiquei tenso, mas concordei. — E fui criado um bom tempo por lá, então sei que faz parte, da educação de um jovem de família tradicional – como a minha e a sua –, a equitação. Não gosta?

Minha vontade era de ir embora naquele momento. Se tem uma coisa que odeio, é gente especulando meu passado, mesmo sem querer; me enerva.

— Não gosto — respondi seco.

Não faço questão alguma de me lembrar da minha infância ou adolescência. Cada uma delas teve seu demônio específico. Não vou até a maldita ilha há anos, nem mesmo apareci por lá quando o velhote Abbot morreu e não faço questão alguma de ser lembrado dos momentos que passei lá sob o domínio de Gordon Abbot.

Depois dessa conversa desconfortável, fiquei mais uns

minutos conversando com Nick, até que ele alegou ser esperado pela esposa e pela filha e se despediu.

Entrei no carro, puto, porque sempre fico nesse estado quando remexo a merda do meu passado, e agora não vejo a hora de tomar um banho, tirar todo o suor que o jogo me proporcionou e trabalhar um pouco antes de dormir.

Olho para o celular que acabei de colocar em cima de um móvel e penso na Caprica. Hoje mais cedo ela me mandou mensagem pedindo-me para torcer por ela, por isso pensei que ia negociar com seus chefes sobre sua volta. Não sei se o "silêncio" dela quer dizer que conseguiu o emprego de volta ou se tomou um pé na bunda definitivo.

— O problema não é meu! — digo antes de entrar sob a ducha de água gelada e forte, decidido a nem olhar mais o celular à procura de notícias dela, afinal, não tenho nada a ver com sua vida, muito menos quero que ela pense que somos amigos.

Ela serve apenas para me distrair, um sexo virtual para apimentar minhas masturbações, sacanagem escrita para me fazer rir – eu gosto do humor dela – e assim aliviar um pouco minha ânsia por prazer e sexo, tirando o trabalho honesto das prostitutas que contrato.

Concorrência desleal, meninas! Que sexo mais desunido!

Rio em deboche, pensando em como as feministas iriam

reagir ao meu pensamento. Provavelmente me acusariam de "usar" as mulheres apenas para o meu prazer. Se eu um dia fosse questionado sobre isso, iria rir e informar à pessoa que estava apenas em uma relação de consumo e que só estava usando porque há bastante oferta e que, mesmo com as profissionais, eu sou um homem cuidadoso com o prazer feminino.

O som da notificação do aplicativo de sexo ecoa e, instintivamente, abro um sorriso.

09

Kika

Voltei ao trabalho com força total!, penso terminando de lavar a louça que usei ao jantar uma salada com peito de peru para compensar os excessos do dia. Não sou de me privar de comer o que gosto, mas aprendi que é necessário haver equilíbrio, então, quando como algo muito pesado ou calórico em uma refeição, evito na outra.

Nunca fui a louca das dietas – como Malu era, por exemplo

–, mas, como tenho pouco tempo para me exercitar, dou uma freada na boca. Desde que me tornei gerente da Karamanlis, só consigo ir treinar duas vezes na semana, e, nos finais de semana, já estou tão cansada que é raro eu ir.

Além de tudo, não gosto de malhação, prefiro fazer outros tipos de treinos, principalmente ao ar livre. Fui ao Trianon algumas vezes e vi um pessoal fazendo tai chi e caminhando. No domingo, a Avenida Paulista fecha e a ciclovia desce para o asfalto, o que é ótimo para quem curte pedalar, sentir o vento no rosto. Eu gosto muito. Preciso deixar de preguiça e ir.

É, mas, trabalhando como estou, vai ficar cada vez mais difícil! Agora eu entendo a Malu em algumas coisas. É quase meia-noite, e eu acabei de jantar, passei em um supermercado, comprei as coisas para a salada, fiz, comi e agora vou tomar banho e dormir.

Sinto patinhas baterem em minha perna.

— Ah, Kaká! — Seco as mãos e pego meu bichinho. — Como foi o dia? Passeou muito? — Ele me lambe o rosto. — Desculpa ter chegado tão tarde, estava tudo meio acumulado lá no trabalho, sabe? — Sento-me e o coloco no colo, fazendo carinho em sua barriguinha. — O pessoal gosta mesmo de mim. É tão legal receber carinho, não é? Fizeram uma festa de boas-vindas, o Theo... — Suspiro. — Já te falei dele, lembra? O CEO, o irmão mais velho do Bostas. — Kaká emite um ganido, e eu

rio. — É, aquele "malvadão" do Bostas. Desculpa por ter colocado seu nome igual ao dele, mas já resolvemos com os apelidos, né? Bostas para ele, e Kaká para você!

Fico um tempo em silêncio, apenas acariciando meu cãozinho, feliz por ter alguém com quem conversar em casa. Kaká foi a melhor coisa que poderia ter me acontecido! Não gosto de estar só, e um amiguinho *pet* foi a melhor decisão para me fazer companhia, dar carinho e aquecer meu coração.

Amo tanto esses bichinhos!

Claro que precisei ajeitar alguém para sair com ele, pois passo muitas horas fora de casa. Verinha foi um achado, além de vizinha maravilhosa, também tem um bichinho – um bulldog francês – e leva os dois para brincar no parque. Aqui próximo tem uma clínica veterinária que fez um "day care" para os *pets*. Eles não ficam fechados em gaiolas – eu nunca permitiria isso –, e sim em um espaço de grama atrás da loja, com brinquedos e um monitor.

Verinha e eu matriculamos nossos bichinhos lá, e, na parte da tarde, Kaká e Ferdinando vão para a "escolinha". Minha terapeuta achou muito benéfico eu ter adotado um *pet*, pois tenho com quem dividir afeto, tenho de quem cuidar e assim me sinto menos sozinha neste mundo.

A coisa que mais me dá medo é ser sozinha.

Respiro fundo para espantar qualquer sombra de tristeza

que esse pensamento me causa, ergo Kaká e sorrio para ele.

Seu sorriso é capaz de iluminar qualquer escuridão!

— Não precisa ter medo do "malvadão", não, viu? Hoje ele saiu da minha sala com o rabinho entre as pernas. — Rio ao lembrar. — Ah, tenho novidades!

Coloco-o no chão e vou para meu quarto contando o pouco que sei sobre o novo projeto que vou pegar na Karamanlis e o quanto será incrível se eu conseguir realizá-lo bem.

— Já pensou, Kaká? Eu, uma diretora da Karamanlis! — Ele pula e late. — É, eu sei que você vai gostar de ser filho de uma diretora!

Entro para o banho pensando em como foi bom ter colocado Kostas e sua arrogância no lugar que merecem. Mandei mensagem para Portnoy contando um pouco sobre meu dia, mas ele ainda não retornou, pelo menos, não ouvi a notificação. Quero muito contar para ele como foi que me senti com o Bostas.

Saio do banho, limpo o vapor que ficou embaçando o espelho – mesmo no verão preciso de um banho quente para relaxar antes de dormir – e começo o ritual de toda noite, usando meus cremes para a pele. Lembro-me do meu aniversário e respiro fundo. Sou muito festiva, adoro comemorar por qualquer motivo, mas esse não é um deles.

Daqui a poucos dias faço 30 anos. Não estou chateada por

causa da idade, pelo contrário, hoje é até moda a festa do "trintei", mas é que não gosto mesmo da data. Não curto meus aniversários, sinto muito vazio, sinto a solidão de verdade. Eu sei que não deveria sentir, afinal tenho muitos amigos, muitos colegas de trabalho que gostam de mim e que adorariam festejar essa data comigo, mas nem digo a ninguém o dia.

Nas redes sociais, optei por não colocar, e na empresa meus dados pessoais são sigilosos, então não revelo. Não é um dia muito feliz para mim, prefiro não comemorar, deixar passar como qualquer outro.

Termino de passar meus cremes, escovo os dentes e os cabelos, visto um baby-doll e pulo na cama com Kaká já se esgueirando à procura de um cantinho para dormir.

Pego o celular para conferir o despertador e me assusto com o número de notificações nele. Franzo o cenho e vejo o sinal de que eu o silenciei. *Droga!* Devo ter feito isso sem querer, pois não me lembro, por isso não ouvi a chegada de nenhuma mensagem.

Abro primeiro o app de mensagens, respondo algumas, inclusive de Malu, que me perguntou como foi o dia de trabalho. Depois vejo as notificações das redes sociais e, por último, com um sorriso no rosto, abro o chat do Fantasy.

“Ei, gostosa, que bom que seu dia foi bom. Deve ser uma delícia poder comemorar comendo sua boceta deliciosa! Endereço?”

Rio de mais uma tentativa dele de me encontrar. Portnoy não desiste nunca! Continuo a ler:

“Eu estou aqui, deitado na minha cama, cansado para caralho, pensando em como deve ser o seu sabor. Já provou?”

Faço careta, mas uma pulguinha de curiosidade se instala atrás de minha orelha. Contorço-me na cama, gemo por sentir a calcinha já levemente úmida e penso se devo provar. Olho as mensagens seguintes.

“Li uma matéria esses dias que falava sobre a famosa ejaculação feminina. Segundo o que estava escrito, tem como a mulher controlar e provocar isso. Nunca vi acontecer fora dos filmes. Acontece com você? Eu gosto de pensar que sim, me excita.”

Fico tensa ao pensar na alta expectativa que ele tem de mim. *Meu Deus, se ele soubesse!* Rio, abro uma aba no navegador e pesquiso sobre o que ele me citou.

— Oh, meu Deus! — Arregalo os olhos vendo uma gif e começo a rir de nervosismo, percebendo que ele me imagina uma espécie de *rockstar* sexual.

Tudo bem, posso ter exagerado uma coisinha ou outra... Bem, posso ter exagerado bastante, mas caramba! Daqui a pouco o homem vai me imaginar fazendo sexo oral em mim mesma!

“De qualquer forma, se você não fizer isso, já fico satisfeito em provar sua boceta molhada e sentir meu pau patinando dentro dela. Quando?”

A última mensagem foi enviada já faz quase uma hora, então ele já deve ter dormido ou não está mais olhando o chat para ver se respondo. Portnoy é o homem das minhas fantasias. Somente ler as coisas que escreve para mim já é o suficiente para me deixar excitada.

Ajeito-me na cama e ponho a mão dentro do short do pijama. Sinto a pele lisinha da minha virilha depilada a laser – coisa que Malu e eu decidimos fazer juntas e quase morremos de tanto xingar a depiladora, que, enquanto exterminava nossos pelos, fazia churrasquinho de nós duas – e finalmente chego aonde quero. Fecho os olhos e deixo a mente viajar por todos os

cenários e todas as situações que já criamos juntos. Imagino a voz dele, seus lábios me tocando bem onde minha mão está e, então, seu olhar safado, sorriso malicioso igual ao do Kostas e... Paraliso a mão no mesmo momento.

De onde veio isso?! Por que o desgraçado do advogado tem que se meter até nos meus momentos íntimos? Já é perseguição isso!

Continuo excitada, molhada, pulsando, mas não tenho mais coragem de fechar os olhos. Não quero ver aqueles olhos azuis ressaltados pela pele morena, não quero os cabelos lisos e negros molhados de suor, nem mesmo seu sorriso safado, sua boca em mim e... Gemo, dando-me conta de que continuei a masturbação.

— Foda-se, Konstantinos Karamanlis! — amaldiçoo-o segundos antes de gozar.

— Kika, reunião na sala da diretoria executiva agora — Vivian anuncia ao entrar na minha sala.

Ergo os olhos do computador e enrugo a testa, sem entender de onde veio isso, pois acabei de olhar a agenda interna.

— Não tem...

— Eu sei, acabaram de marcar. Ao que parece, o CEO viajou e pediu urgência nisso. — Ela põe uma pasta na minha mesa. — Material que o jurídico enviou.

Levanto-me imediatamente, entendendo o que ela está informando.

— Theodoros não está? — Vivian nega. — Quem é que convocou a reunião?

— Doutor Konstantinos e Alexios. O doutor Theodoros foi para o Rio de Janeiro, mas vai voltar a tempo, parece que tem uma videoconferência com o pessoal da Grécia hoje, segundo Luiza me informou.

Respiro aliviada, pois Theo estará de volta e, por isso, vou me esforçar para não retrucar à primeira gracinha que ouvir do Bostas. Todavia, se ele abusar da sorte, não vou me conter. Tenho autorização explícita do Millos para mandar Kostas para onde bem entender.

Pego o material em cima da mesa e abro um sorriso, prevendo o desafio que me espera ao ver o nome da Ethernium na capa. Eu era assistente da Malu quando essa empresa nos procurou pela primeira vez, querendo um local para a instalação de sua siderúrgica gigantesca. Recusou todas as nossas indicações, e já sabíamos que seria assim, pois as melhores, as que mais se adequavam ao que procuravam, tinham tantos

entraves legais que desistimos.

Sinto a adrenalina passar pelo meu corpo. Sei que essa é uma oportunidade única, é a chance de eu melhorar tudo para mim e ainda quebrar um pouco a crista de um certo diretor jurídico. Ah, como eu quero chegar ao mesmo patamar hierárquico dele, para que não jogue mais isso na minha cara, olhá-lo frente a frente – figurativamente falando, claro –, vendo-o se rasgar porque também sou uma diretora.

Despeço-me de Vivian e sigo direto para o elevador a fim de participar da reunião e saber todos os detalhes dessa nova empreitada.

— Kika, ainda bem que chegou, estão todos lá dentro. — Luiza vem ao meu encontro parecendo ansiosa.

— Fiquei sabendo da reunião agora; como já estão todos lá dentro? — questiono, achando estranho.

— A reunião começou há pouco mais de 15 minutos, o jurídico esqueceu de compartilhar com vocês na agenda. — Ela faz uma cara de quem sabe que foi de propósito. — O doutor Alexios sentiu sua falta, e, quando viram, os *hunters* não estavam marcados na agenda. Foi tudo muito em cima da hora...

Aquele filho da puta de novo!

— Tudo bem, Lu — interrompo as justificativas dela e abro um sorriso. — Vou para lá agora, antes que fique ainda mais atrasada. O doutor Theodoros já chegou?

— Ainda não, mas já está a caminho.

Agradeço a ela e sigo para a sala. Bato rapidamente antes de entrar.

— Bom dia, já estou aqui. — Abro meu melhor sorriso para cumprimentar os advogados que trabalham com Kostas, engenheiros que trabalham com Alex, o próprio diretor da K-Eng e, por fim, o diretor jurídico. — Se não se importarem, como não foi de responsabilidade minha o atraso, poderiam voltar ao começo do assunto?

Kostas ergue uma de suas escuras sobrancelhas.

— Já ouviu a expressão *time is money*, senhorita Reinol? — Ele abre um sorriso, e vejo os engenheiros rirem também. — Não posso voltar ao assunto apenas e exclusivamente porque a senhorita, uma gerente, quer. É perda de tempo!

Theo entra na sala neste exato instante. Eu sorrio ao lhe apontar.

— Mas para ele você não só pode, deve!

— Bom dia, já começaram a reunião? — Theo questiona e vai até onde Kostas está, no lugar da cabeceira que pertence ao CEO da empresa. — O que você deve fazer segundo a senhorita Reinol?

— A reunião começou há quase 20 minutos. Não podemos voltar ao assunto, é injusto com quem já ouviu e uma perda de tempo — ele tenta argumentar, mas Theo nega com a cabeça.

— Eu não estava presente, nem era para ter começado. — O CEO me encara. — Por que chegou atrasada?

— Houve um erro, e os *hunters* não foram informados — Alex explica.

Theodoros encara Kostas e bufa antes de dizer:

— Do começo. — Senta-se. — Agora você já pode começar a reunião, Kostas.

Ah, que vontade de subir na mesa e fazer uma dancinha bem ridícula para ele! Vocês se lembram de um comercial de cerveja em que dois siris rebolavam e cantarolavam "ná, ná, ná, ná!"? Sério, tenho vontade de fazer isso!

Seguro o riso, mas Kostas nota e me encara. Enfrento seu olhar, suas íris azuis lindas, brilhantes de raiva.

Pois é, Bostas querido, vou atualizar o placar dessa nova disputa do ano:

Kika 2; Bostas 0!

10

Kostas

Raiva, frustração e muita, muita vontade de extravasar isso em alguém. Encaro a irritante gerente e sinto meu sangue borbulhar pelo que ela causou. A abusada tenta conter um sorriso de satisfação, mas vejo seus olhos escuros brilharem de contentamento.

Sim, baixinha marrenta, dessa vez você conseguiu, mas não crie asas, não vai muito longe!

Wilka Maria não desvia os olhos dos meus, enfrenta-me como se quem desviasse o olhar primeiro fosse o perdedor. Começo a sentir uma energia forte, estranha, meu corpo esquenta, e os pelos se arrepiam por baixo da roupa. Deve ser a raiva contida sendo descontada nela.

Já não enxergo mais ninguém na sala, não escuto o som da voz de Alex, que conversa com Theo, não posso sentir nada além do cheiro do perfume da gerente, que está sentada do outro lado da mesa. Aperto meus olhos e fecho os punhos quando sinto meu pau endurecendo.

Não é novidade eu ficar excitado enquanto estou com raiva. Faz parte de mim, da minha escuridão, mas nunca aconteceu dessa forma, nunca com imagens de uma mulher que conheço nua em cima da mesa de reuniões, amarrada, totalmente à minha mercê, nunca criando expectativa de ter essa boca debochada, essa língua ferina e rápida, servindo meu pau.

Estremeço quando percebo que ela está ofegante, que o sorriso vitorioso sumiu e seus olhos já refletem outro sentimento. *Curiosidade!*

Não é a primeira vez que fantasio com essa mulher, nem que noto que, mesmo compacta, ela é gostosa. Porém, nunca mexeu comigo desse jeito. Essa mistura de raiva, de querer fodê-la até apagar toda e qualquer superioridade que sente em relação a mim, é intensa demais.

Talvez seja tão somente pelo fato de ela pensar em uma trepada comigo como algo ruim, inimaginável, que eu esteja me sentindo dessa forma, pois seria quase uma punição tê-la sob meu domínio, refém de um desejo que não suporta ter, mas que é inevitável sentir.

De repente seu rosto fica levemente corado, e ela desvia o olhar para Theodoros. Fecho os olhos e busco controle, afinal estamos na sala lotada de uma reunião, embora, há poucos momentos, sentisse que estava a sós com ela e que o ar vibrava ao nosso redor.

Que porra é essa, Konstantinos?

— Kostas? — Alexios me chama, e assinto.

— Ontem tivemos uma reunião interna no jurídico para tratar da Ethernium. Eu entendo a importância de se conseguir esse cliente e, por isso mesmo, sei que os entraves que encontramos da primeira vez não poderão se repetir.

— Nisso concordamos — Theodoros diz. — Nenhuma outra empresa conseguiu o local que eles tanto queriam. Conversei ontem com um dos grandes clientes da Ethernium, que já é nosso cliente, e eles explicaram a importância de se ter a siderúrgica aqui.

— Sabemos disso, Theo, mas o que minha equipe e eu queremos saber é: como? Porque a legislação não mudou, que eu saiba, e, por mais que façamos projetos, demos andamentos

às questões administrativas, ainda esbarramos nos entraves legais ambientais e de planejamento urbano.

Abro um sorriso para Alexios depois que ele termina de falar e exponho minha ideia:

— Houve mudanças, sim, e algumas muito benéficas, além do mais, o cliente está aberto a novos estados, já tirou a fixação que tinha em São Paulo. — Alexios parece satisfeito com isso. — Precisamos buscar o local que mais se adeque ao que ele quer e fazer contatos com todas as autoridades locais.

— Acho que dessa vez — Wilka Maria toma a palavra — podemos ter um foco mais amplo também. Eu me lembro de quando eles nos procuraram pela primeira vez e como nos focamos em encontrar lugares próximos ao mar, o que por si só já é complicado por causa das leis de proteção e restringiu bastante nosso campo, pois São Paulo não tem um litoral grande.

— Eu ainda pretendo terminar de expor minhas...

— O que você pensou, senhorita Reinol? — Theo me interrompe, e eu bufo audivelmente, atraindo a atenção dele e de Alexios.

Wilka Maria abre a pasta com documentos que minha equipe preparou e, sem olhar para qualquer um de nós, aparentemente lendo as informações contidas lá, começa a explicar:

— Vamos inverter nosso trabalho. — Arregalo os olhos,

sem entender. — Nós temos, por política, procurar os imóveis, não é? Mas e se, dessa vez, ao invés de procurarmos, anunciarmos a procura?

Rio da loucura dela.

— Viramos o quê? Apenas uma imobiliária? — Os engenheiros riem junto a mim. — Vamos colar panfletos na porta da Karamanlis esperando alguém nos procurar com o local perfeito?

Ela sorri lentamente, olha para o Theodoros e depois volta a me encarar.

— Não, *doutor*, vamos anunciar aos governos, mandar tudo o que a empresa oferecerá em termos de empregabilidade, impostos, compensações ambientais e tudo o mais que está aqui listado. Vamos jogar a isca.

Aperto meus olhos, entendendo o que ela quer e admitindo ser um bom plano, afinal eu mesmo já pensei nisso, mas não como estratégia inicial e sim para barganhar.

— Mas o cliente quer comprar a área, não ter algum tipo de concessão — Alexios emenda.

— Com números como esse? — Aponto para o relatório na mão dele. — Tenho certeza de que qualquer município, devidamente pressionado por seu governador, cederá a área em uma doação onerosa, exigindo mundos e fundos, mas que não chegará à metade do valor que o cliente pagaria.

— Então o que a Karamanlis ganha com isso se partilhamos porcentagem do valor final do terreno? — Theodoros pergunta.

— Continuaremos a partilhar, além dos outros serviços que ele já nos contratou para fazer. — Wilka Maria me encara. — E como disse o doutor Konstantinos, ainda assim será um bom negócio para eles.

Franzo a testa por ela ter dito meu nome sem deboche, fúria ou desprezo. Sim, acabamos de trabalhar em equipe, ela e eu, defendendo a mesma ideia, o que nunca aconteceu desde que ela ficou à frente dos *hunters*, quando substituiu a antiga gerente que estava de férias.

É realmente uma ótima ideia – embora eu deva ressaltar que já tinha falado sobre isso na reunião ontem – fazer dessa forma. Teremos um cliente satisfeitíssimo e mais conexão com os políticos deste país – não que eu queira muito isso, mas, infelizmente, é necessário.

— É uma estratégia excelente, reconheço — Theo diz antes de olhar para um dos seus brinquedos de pulso. — Tenho certeza de que posso deixar essa empreitada com vocês dois sem que se matem, não é?

— O quê?! — Viro-me para ele, totalmente pego de surpresa, afinal, a ideia era eu liderar isso.

— Doutor Theodoros, tenho certeza de que a equipe de

hunters pode... — ela começa a justificar, e percebo que também não ficou satisfeita com isso.

— Não. — Theodoros se levanta. — Eu tenho uma conferência agora, mas acho que falamos tudo o que seria necessário neste momento. Vocês dois ficarão responsáveis por traçar todos os passos desse projeto, e eu vou cobrar aos dois igualmente. — Ele me encara. — Penso que, depois de tudo o que aconteceu no final do ano passado, posso esperar um comportamento mais profissional de vocês dois.

— Eu não concor...

— Já terminamos por aqui — Alexios interrompe. — Minha equipe e eu vamos voltar, porque estamos cheios de projetos e planilhas a finalizar. — Ele se despede de Wilka, parabenizando-a pela ideia. — Aguardaremos memorandos.

Acompanho a saída dos engenheiros e faço sinal para que Murilo e os outros dois advogados os sigam. Eles se despedem, mas, antes de sair, Eleonora cumprimenta Wilka, amigável e orgulhosa:

— Que bom que voltou! A empresa é outra sem você.

— Obrigada, Lê!

Lê?! Mas de onde saiu esse apelido e essa intimidade com um dos meus? Não gosto nada de saber que as duas são amigas, mas era de se esperar, *clube da Luluzinha*, mulheres unidas formando corporativismo feminista dentro da empresa. Ainda

depois se fazem de vítimas!

— Bem, bem... — Theodoros volta a falar — já que estamos sozinhos, não preciso mais usar meias palavras. Parem. Com. A. Porra. Da. Infantilidade! — Olho-o puto, e Wilka fica boquiaberta. — Não vou ficar lidando com vocês como se fosse babá, então comportem-se como os profissionais que são.

— Doutor, eu jamais...

— Você também não é santa, Wilka Maria, embora eu não possa condená-la por falar umas merdas a quem merece. — Abro um sorriso para debochar da gerente – que parece enfezada, porém, não diz nada – e não percebo que a “artilharia” de Theodoros virou para o meu lado. — E você pode ser um bom e organizado advogado, mas enfie um pouco de sua arrogância pelo rabo e considere opiniões alheias. A partir de hoje, vocês dois estão juntos nesse projeto.

— Mas ainda continuo sendo o chefe, afinal, sou superior...

— Não — meu irmão me interrompe. — Juntos, iguais, os dois vão dividir tarefas com suas equipes, traçar cronogramas, estratégias e tudo o mais. Os dois juntos, nenhum pode decidir nada sem o outro.

Wilka Maria abre um enorme sorriso, e seus olhos brilham ao me encarar. Vejo neles o desafio, a provocação, a vitória. Não posso deixar que ela saia por cima, nem pensar.

— Isso é totalmente absurdo, Theodoros! Ela é uma gerente

de locação! O que ela sabe além de se um lugar presta ou não? Além disso, não vou me rebaixar a receber ordens de uma...

— É um babaca mesmo! — escuto-a falar, rolando os olhos.

— Viu? Como você acha que eu posso trabalhar com uma pessoa sem o mínimo de respeito com um superior dessa forma?

Theo começa a rir.

— Você acha que está onde? No serviço militar? — Ele pega sua pasta. — Senhorita Reinol, sei que, durante sua negociação – pela qual devo parabenizá-la pelo pulso firme –, ficamos entendidos que você poderia mandá-lo à merda sempre que necessário, porém, eu peço que gaste esse privilégio com moderação.

Franzo o cenho, olho para ela e depois para o insuportável do meu irmão.

— Que loucura é essa de que estão falando?

Theo dá de ombros e para antes de sair da sala.

— Bom, visto que a volta dela deveria ter sido uma incumbência sua, coisa que você não conseguiu fazer, vou deixar que conversem sobre como vão fazer para desenvolver o projeto, mas, antes — ele respira fundo —, só um aviso: essa é um conta muito importante para a Karamanlis; se um dos dois der bobeira nela, tenham certeza de que será rua e pedido de afastamento ao Conselho.

Eu fico sério, minha língua coça para jogar em sua cara que quem terá que se esclarecer com o Conselho não sou eu, mas engulo minha raiva e lhe assisto sair da sala, deixando-me a sós com a irritante gerente.

— Eu sei que não temos como fingir que gostamos um do outro, mas acredito que, como profissionais que somos...

— Foda-se essa conversa! — falo alto e me apoio na mesa. — Que porra é essa de privilégio de me mandar à merda? Quem você pensa que é?

A princípio Wilka parece se assustar com minha expressão, mas depois vejo seu rosto endurecer. Ela levanta o queixo, empina o nariz e me encara sem nenhum vestígio de medo ou respeito.

— Eu sou alguém que vocês queriam muito de volta ao trabalho. — Respira fundo. — Eu sou aquela que acabou de dar uma puta de uma ideia e receber reconhecimento do CEO a ponto de ser igualada a um diretor. — Ela imita minha posição, colocando as mãos sobre a mesa e se inclinando em minha direção. — Vocês demonstraram desespero, me provaram o quanto sou importante para essa empresa, o quanto sou útil para os propósitos da Karamanlis, então tiveram que dançar na minha cartilha. — Wilka sorri, e eu fico tenso. — Ganhei um bônus, muito bom, obrigada; tenho o consentimento expresso de que minha gerência permanecerá onde está; e ainda ganhei o

privilégio de mandá-lo para onde eu quiser, caso interfira no meu trabalho. Viu só, doutor, quem eu *sou*? Consegui tudo o que negociei: grana; conforto no meu trabalho ao saber que não serei movida de um lugar para outro; e o mais gostoso... — ela se apruma — te mostrar quem eu sou. *Vocês* precisam de mim; eu não precisava ter voltado. Nesses poucos dias, tive muitas propostas, mas escolhi voltar porque *vocês precisam de mim*. Então espero realmente que possamos nos comportar civilizadamente para trabalhar em paz, porque eu posso até economizar meu privilégio, mas não vou deixar de usá-lo quando sentir que você precisa.

Assisto-lhe sair da sala ainda sem me mover. Meus braços estão tremendo, quase dormentes, pois soltei todo meu peso sobre eles. Minhas mãos, espalmadas na madeira de lei do tampo da mesa, estão esbranquiçadas. Não consigo ordenar os pensamentos, e não é por conta da audácia dela ao falar assim comigo, mas apenas pelo discurso que acabei de ouvir.

Eu conheço esse maldito discurso!

11

Kostas

Eu não posso acreditar nisso!

Ando de um lado para o outro dentro do apartamento, sentindo-me enjaulado, enganado, feito de palhaço. Isso faz com que eu sinta a raiva sair por todos os poros junto ao suor que molha minha pele.

Só pode ter sido uma brincadeira proposital, afinal, quais eram as chances de eu entrar em uma plataforma de encontros

sexuais e encontrar uma mulher que veio depois a ser a que mais me tira do sério neste mundo? *Justo ela!*

Caminho até o aparador e sirvo mais uma dose generosa de bourbon, bebendo-a praticamente no primeiro gole.

Passei um dia de cão dentro da Karamanlis hoje, sem conseguir me concentrar direito em mais nada desde a reunião da manhã. Minha cabeça fervilhava com a possibilidade de eu estar certo, mesmo negando a todo momento, dizendo que estava vendo chifre em cabeça de cavalo. Quais as chances?!

Fechei todas as persianas da minha sala na empresa, sentei-me na cadeira, acendi um charuto e bebi doses quase homeopáticas de bourbon ainda com o discurso de Wilka Maria e a semelhança do que eu mesmo fiz para a Caprica.

Caprica! Eu sempre achei horrível esse *nickname,* e ela dizia que era seu signo, por isso peguei o telefone e pedi para falar com o setor de recursos humanos.

— Pois não, doutor? — um dos funcionários de lá me atendeu.

— Preciso dos dados da gerente de *hunter* na minha tela nesse momento — pedi e logo desliguei.

Não demorou muito, e a notificação da liberação do arquivo chegou em minha área de acesso, e eu abri a pasta de Wilka Maria Reinol. Fui direto até sua data de nascimento e descobri que ela fará aniversário daqui uma semana. Como não

entendo nada de horóscopo, precisei pesquisar se o dia era mesmo o do signo, e, quando confirmei, deitei a cabeça em cima da mesa, amaldiçoando-me.

Não tenho mais dúvidas!

Fiquei repassando um ano de conversas e sacanagens e tentando ver algum indício que eu tenha deixado passar. Naquele momento, sabendo quem ela era, eu achava a conversa sobre sua demissão e a negociação óbvias demais, porém, como ela podia trabalhar em qualquer empresa, nunca me veio a obviedade de que se tratava dela e, o pior, que eu tenha dado conselhos a ela contra mim mesmo.

Gargalhei sozinho no escritório ao constatar isso e desisti de beber devagar, virei o conteúdo que ainda tinha no copo e o enchi novamente.

Eu a aconselhei a não baixar a cabeça para o "sócio boçal", a mostrar para ele a importância que ela tinha para a empresa, e foi exatamente isso que ela fez naquela reunião.

— Eu vou enlouquecer! — bufei de raiva.

Como trabalhar com ela agora? Como vou conseguir manter minha fantasia, a deusa do sexo que me enlouquecia online, se agora sei que ela e a baixinha marrenta da gerente são a mesma pessoa? Acabou o tesão!, pensei movido pela raiva, mas de repente parei assustado ao perceber que não, pelo contrário. Cada vez que eu me lembrava de como ela se

impusera a mim, de como fora inteligente dando uma solução muito prática e funcional, mesmo provocando-me, mais eu me sentia excitado. Acontecera bem antes de eu descobrir seu *codinome*, eu sentira tesão pela gerente antes mesmo de saber que ela era a Caprica.

Comecei a andar de um lado para o outro, fumando feito um desesperado, tentando ordenar meus pensamentos. Uma mistura de sensações perpassava meu corpo: raiva, desejo, incredulidade e ansiedade. Vi minha fantasia ruir e se materializar ao mesmo tempo, e isso era algo espantoso.

Respirei fundo e, como sempre fiz em toda minha vida adulta, tentei racionalizar as coisas.

— Esse contato online precisa acabar antes que ela descubra que eu sou o Portnoy. — Resolução número um tomada, comecei a me sentir melhor. — Preciso me manter bem longe dela a partir de agora, até controlar essa porra de tesão. — Abri um sorriso de contentamento, sentindo-me novamente tomando as rédeas da situação. — Eu não fodo com mulheres conhecidas, principalmente uma que trabalha na minha empresa, então Wilka Maria não é uma possibilidade de trepada.

Gemi ao olhar para a frente da calça, notando meu pau duro apenas por pensar em trepar com ela.

— Puta que pariu!

— Doutor? — Murilo me chamou à porta da sala, e eu tive

que virar de costas para ele, apagando meu charuto no cinzeiro, antes de responder:

— O que foi?

O advogado entrou na sala um tanto ressabiado, percebendo que eu não estava no meu melhor dia. Dei a volta, sentei-me e fechei a pasta virtual com os dados da gerente antes que ele se aproximasse.

— Eleonora terminou de transcrever a ata da reunião e fez também um cronograma provisório para que possamos organizar os trabalhos. — Ele me entregou os papéis. — A ideia inicial era trabalhar separados dos *hunters*; agora, com a mudança, ela fez uns ajustes, principalmente nas viagens para as visitas a locais.

Conferi a planilha que a advogada fez e concordei com todos os pontos nela, gostando de como ela dividiu as tarefas entre os três setores envolvidos: jurídico, projetos e *hunter*.

— Pode replicar para os outros setores e peça ao gerente de projetos da K-Eng que agilize o memorial para que possamos começar a sondar os políticos.

— Vamos descartar São Paulo ou ainda tentaremos algo aqui? — Murilo questionou.

— Não vamos descartar nada! — O advogado assentiu, e eu liguei para a mesa do David. — Como não posso abrir mão de você nos processos contenciosos que temos, vou encarregar o David de tratar com a gerente dos *hunters*.

Murilo enrugou a testa, sem entender.

— Pensamos que vocês dois iriam encabeçar...

— Não posso deixar meus outros trabalhos de lado, para isso tenho meus coordenadores. — David entrou na sala. — A partir de amanhã, você e sua equipe darão prioridade total ao projeto da Ethernium.

— Sim, doutor.

Conversei por mais alguns momentos com os dois e, quando saíram da sala, respirei aliviado por ter conseguido cumprir uma das minhas resoluções: ficar longe de Wilka Maria.

Depois disso, já me sentindo melhor, tentei focar no trabalho, mesmo demorando horas para fazer o que resolveria em minutos, e só vi que já passava das 21h quando entrou um dos funcionários da limpeza e começou a aspirar o chão da sala dos advogados. Fechei o computador, peguei alguns arquivos para analisar em casa, achando que ia conseguir trabalhar mais, e saí para o corredor a tempo de ver a gerente caminhando em direção ao elevador.

Parei.

Esperei.

E só quando ouvi o som das portas do elevador se fecharem, é que descongelei do lugar. *Mas que porra! Eu não posso agir como um rato a cada vez que cruze com essa mulher! Não tenho medo dela, porra, tenho...* – gemi – *tesão puro e*

dolorido; grande e grosso tesão na maldita gerente.

É por isso que cheguei a casa assim, do jeito que estou, urrando como um bicho, puto como há muito não me lembro de ficar, querendo extravasar toda essa frustração e raiva em sexo até perder a consciência, mas sem fazer nada para conseguir isso, apenas andando de um lado para o outro.

Olho para meu celular, tentado a procurar a mulher que pode aliviar meu estado, amaldiçoando o vício que tenho nela.

Pego o aparelho, entro nas configurações da conta do aplicativo e toco em “cancelar conta”. Basta só um “ok” para que Portnoy deixe de existir e nunca mais saiba nada da Caprica. Há meses não temos atividades na plataforma, só usamos o chat privado para nos comunicar, então, querendo cortar contato com ela, é só cancelar a maldita conta.

— Merda! — xingo ao abrir o chat a fim de falar com ela uma última vez antes de cancelar. A ideia é puxar um assunto de sacanagem, gozar pela última vez e sair. Porém, minha racionalidade não está vencendo o jogo, e a frustração fala mais alto:

“Boa noite. Como foi o trabalho hoje? Alguma novidade?”

Ela não demora a responder, porém, um tanto evasiva, o que me deixa apreensivo. *Será que ela já sabe que sou eu?*

"Dia normal de trabalho. Correria, correria, correria. Rs. E vc?"

Não, ela não tem como saber! Preciso que ela fale da reunião, preciso da confirmação da Caprica, preciso ler aqui para me convencer de que não estou ficando louco e que as duas são a mesma pessoa. Continuo a falar de trabalho:

"Um dia fodido! Muitas reuniões, muitas coisas para resolver. Por isso estou sem gás para sacanagem hoje, mandei mensagem só para saber de você e desejar boa noite."

Merda! Nunca fui assim, ela vai desconfiar!

Caprica não digita nada, e eu fico tenso. Ou ela sabe, ou... será que saiu da empresa e foi se encontrar com alguém? Eu nunca soube nada da vida da gerente – nunca me interessou, na verdade –, e talvez ela seja até casada! Tento me lembrar da ficha, mas só li a porra da data de nascimento, não seu estado civil. Arrisco perguntar:

“Estou atrapalhando algo?”

E ela é rápida ao responder:

“O que você estaria atrapalhando?”

Caralho! Hoje, por incrível que pareça, a tagarela Caprica não está facilitando em nada minha vida. Digito com raiva.

“Um encontro, por exemplo.”

“Está tranquilo, Kaká não tem ciúmes!”

Kaká? Mas quem porra é Kaká? Será que Wilka Maria é bissexual e, no momento, está em um relacionamento com outra mulher, mas fica à caça de homens?

“Kaká? Isso é apelido de homem ou de mulher?”

“Faz diferença para você?”

Porra, claro que faz! Eu quero saber se, enquanto eu fico aqui esfolando meu pau para ela, outro homem se refastela da sua boceta. Respiro fundo e tento me acalmar. Estou com raiva, puto de verdade, e sei que ela não é burra, então decido ir por um caminho de brincadeira.

“Depende! Se você for mulher, nenhuma. Mas, se for homem...”

“Sou mulher, pode acreditar. Tenho um chefe boçal que reforça isso a cada vez que quer questionar minha capacidade profissional, como se eu fosse menos eficiente apenas por ter uma vagina.”

Opa! Ela tocou bem no ponto que eu quero, então, é hora de aproveitar.

“Hum, é o mesmo que te fez ser mandada embora do emprego?”

Ela vai morder essa isca de provocação, vai fazer questão de dizer que foi ela quem pediu demissão e então começará a falar do chefe “misógino” dela.

“É, sim, o mesmo que fez com que eu pedisse demissão. Hoje tivemos uma reunião, e o CEO da empresa gostou de uma proposta que fiz e nos colocou para trabalhar juntos, e ele, como sempre, discutiu por não querer.”

Minha última esperança – ridícula diante das evidências, mas, ainda assim, esperança – se desfaz. Não tenho mais nenhuma reação, tudo o que eu quero é tacar a porra do celular na parede e amaldiçoar essa porra de mundo pequeno.

“Hum.”

“Hum? Espero que você não ache a mesma coisa, porque, senão, vou ser obrigada a te tratar como trato aquele advogado misógino! Hoje não deixei dúvidas para ele de quem eu sou!”

É, ela não pode estar mais certa!

"É, aposto que não. Eu preciso ir."

Saio do chat imediatamente, volto às configurações da conta e a cancelo, enterrando para sempre Portnoy e sua Caprica antes que uma merda aconteça e eu ainda tenha que lidar com a insuportável gerente fazendo graça com isso.

Acabou!

12

Kika

Não há nada mais gostoso do que ver Konstantinos Karamanlis sem palavras! A expressão em seu rosto foi de total assombro enquanto eu o colocava no lugar que merecia. Homem soberbo, irritante e...

Mas o que foi aquilo há pouco?, penso enquanto desço para o meu andar – usando as escadas, pois é a forma que encontrei de fazer um pouco de exercício –, estranhando ter sentido algo

diferente, além da raiva tão conhecida que sempre me acomete em nossos embates.

Não sei se foi impressão minha, mas tinha um clima estranho entre nós. Eu vi na expressão dele que não era só irritação, era algo mais...cru? Não, essa não é uma boa expressão, era algo mais carnal. Definitivamente carnal!

Rio nervosa antes de acessar meu andar e seguir para a gerência.

Kostas e eu em clima de tesão? Eu devia ter tomado melhor meu café da manhã e não ter saído apenas com café preto no estômago. *Viu só, Kika, o frappuccino é calórico, mas não te causa ilusões!* Imagina! Clima de tensão sexual – o que já seria um milagre em se tratando de mim – com o Kostas!

O Bos-tas!

— Como foi, Kika? — Leo me pergunta assim que entro na sala.

— Bem, foi bem, mas preciso comer algo, acho que não estou muito normal.

O homem arregala os olhos.

— Precisa que chame o pessoal da enfermaria? — Nego. — Quer um remédio? Um chocolate?

Gargalho, e ele dá um passo atrás, receoso. Leo é uma figura! Ele é um dos poucos homens a trabalhar aqui na gerência e, como é bem esperto, faz um estoque de ibuprofeno e

chocolates – cólicas e TPM, respectivamente – e o mantém sempre à mão para lidar com o séquito de mulheres que o cerca.

— Um chocolate cairia bem agora — peço antes de me sentar à mesa. — Mas não demore, quero contar para você como foi e qual será nosso próximo passo.

Ele relaxa.

— Gostei disso! — Levanta uma sobrancelha. — Sabe que meus chocolates são para fins medicinais, não? — Aperta os olhos. — Estou te achando muito feliz para quem está com TPM.

— Eu não estou, mas quero o doce. — Sorrio. — Se você me negar o chocolate agora, garanto a você, vai preferir me ver com TPM. Eu sou um dragão quando estou com hipoglicemia.

Leo ri e vai até a sala contígua buscar o chocolate. Enquanto isso, mais uma vez meus pensamentos são levados para o que aconteceu naquela reunião. Houve alguma coisa ali, entre nós, eu pude ver nos olhos dele e sentir no meu próprio corpo. É loucura, eu sei, mas aconteceu, não estou maluca.

Trabalhar com Kostas nunca foi meu intento ao sugerir a solução para a questão da Ethernium. Foi uma surpresa a resolução de Theo em colocar nós dois no mesmo projeto e com responsabilidade conjunta, além de tudo. Não posso negar que o CEO foi bem inteligente ao propor isso, afinal me fará ficar de olho em seu irmão detestável, e, ao mesmo tempo, Kostas vai ter

que dançar pianinho, pois, se avacalhar o projeto, não poderá pôr a culpa em mim.

Realmente, Theodoros Karamanlis foi sagaz ao fazer isso! Se ele me conhece o mínimo, sabe que não vou descansar até achar um local para o cliente.

O problema, certamente, será como lidar com Kostas, seu gênio terrível e sua beleza inconveniente. O homem é insuportável, fato, mas precisava ser tão gostoso? A natureza podia ter facilitado para o meu lado!

Filho do demo!

Chego a casa às 22h, cansada demais para pensar em passar em qualquer lugar em que possa comer algo, louca para ter um encontro longo e romântico com meu chuveiro antes de me dedicar amorosamente ao meu colchão.

Abro um baita sorriso ao ver a sacolinha pendurada na porta do meu apartamento com um bilhete pregado nela.

“Apostei que ia chegar com fome, espero que goste!
Seu vizinho abelhudo, Vinícius.”

— Ah, que fofo! — Desprendo a sacola e confiro ser uma

caixinha, ainda quente, de comida chinesa.

Vinícius tem sido um amor desde que me mudei para o prédio, sempre muito atencioso comigo e com Verinha, suas vizinhas de andar, além de ser pai do menino mais encantador do mundo.

Abro a porta, sou recebida por Kaká pulando e fazendo festa ao me ver – ou talvez para a sacola em minhas mãos, porque o cheiro do frango agridoce está delicioso – e me abaixo para saudar meu companheirinho.

— Ei, sentiu saudades? — Pego-o no colo e coloco a embalagem com a comida no balcão da cozinha. — Recebi uns vídeos seus mais cedo hoje brincando no parque com Ferdinando.

Verinha fez questão de me mandar, junto a muitos emojis gargalhando, os dois cãezinhos de apartamento completamente desajeitados correndo na grama de uma praça aqui perto.

Eu sou muito sortuda mesmo! Uma vizinha ajuda a cuidar do meu bichinho, e o outro, do meu estômago. *Definitivamente*, penso ao abrir a caixa, já pegando os hashis para comer, *sou uma garota de sorte.*

— Hum... — Mastigo a comida, deliciando-me. — Kaká, lembre-me de retribuir a gentileza ao Vinícius e, por favor, não morda mais a perna da calça dele, ok?

O celular vibra em cima do balcão, e eu sorrio ao ver uma

notificação de Portnoy. Meu corpo inteiro vibra. Mesmo na “distância” desse “relacionamento” virtual, eu posso dizer sem sombra de dúvidas que ele é o homem que mais mexeu comigo até hoje e...

O olhar de Konstantinos me vem à lembrança.

— Merda!

Abro o chat do aplicativo de sexo e franzo o cenho para a mensagem dele.

“Boa noite. Como foi o trabalho hoje? Alguma novidade?”

Hein? Rio ao reler. Que monstro se apossou da senha do aplicativo do Portnoy? O homem sempre me chama para a sacanagem, nunca para conversar! Todas as vezes em que conversamos fora do assunto de sexo, foi porque eu forcei a barra, e ele não conseguiu dizer não.

É estranho ele querer saber do meu dia assim, sem mais nem menos.

“Dia normal de trabalho. Correria, correria, correria. Rs. E vc?”

Decido, pela primeira vez desde que começamos a conversar, ser evasiva nesse tema. Pode parecer loucura, mas ele ter começado a conversa por um assunto tão "pessoal" e sério como meu dia de trabalho me deixa um tanto desconfiada.

"Um dia fodido! Muitas reuniões, muitas coisas para resolver. Por isso estou sem gás para sacanagem hoje, mandei mensagem só para saber de você e desejar boa noite."

Mais uma vez algo dentro de mim avisa que está acontecendo alguma coisa estranha. Ele está tão... real! É como se fosse um amigo, alguém que se preocupa comigo, e isso nunca esteve em nossos planos, principalmente nos dele.

Não entendam mal, gosto disso. Na verdade, acho que o que me fez ficar inicialmente foi o desafio, quebrar um pouco a resistência dele com relação à sua vida pessoal, e, ainda que eu fizesse questão de anonimato total – é por isso que não sabemos o nome um do outro até hoje –, queria me aproximar. Depois, quando veio o tesão, as fantasias, eu fiquei ainda mais curiosa, mas já um tanto conformada de ele nunca se revelar para mim a menos que nos encontrássemos.

"Estou atrapalhando algo?"

Assim que a pergunta vem, respondo:

"O que você estaria atrapalhando?"

Ele demora um pouco mais para retrucar:

"Um encontro, por exemplo."

Rio ao imaginar que ele possa estar com ciúmes. Está aí algo que eu nunca pensei que Portnoy fosse sentir, afinal, não temos nada um com o outro. No entanto, pode ser que ele sinta algum tipo de sentimento ruim por eu não querer encontrá-lo, mas sair com outros homens.

"Está tranquilo, Kaká não tem ciúmes!"

"Kaká? Isso é apelido de homem ou de mulher?"

Olho para o meu lindo yorkshire, comendo sua ração num cantinho, e sorrio.

“Faz diferença para você?”

“Depende! Se você for mulher, nenhuma. Mas, se for homem...”

Gargalho ao me lembrar de uma vez na qual ele cismou que eu tinha que provar ser mulher. Portnoy separou algumas perguntas-testes e as fez de supetão, e eu tinha que responder de bate-pronto. Achei que, na época, eu tivesse conseguido convencê-lo, mas, ao que parece, ainda persiste uma dúvida.

“Sou mulher, pode acreditar. Tenho um chefe boçal que reforça isso a cada vez que quer questionar minha capacidade profissional, como se eu fosse menos eficiente apenas por ter uma vagina.”

“Hum, é o mesmo que te fez ser mandada embora do emprego?”

Faço careta para o celular ao ler isso, pois não fui mandada embora, pedi demissão, e acho que já contei isso a ele.

"É, sim, o mesmo que fez com que eu pedisse demissão. Hoje tivemos uma reunião, e o CEO da empresa gostou de uma proposta que fiz e nos colocou para trabalhar juntos, e ele, como sempre, discutiu por não querer."

"Hum."

Hum?!

Nunca estive com um Portnoy monossilábico antes, e isso me intriga. Será que ele é mais um CEO sexista? Eu odiaria descobrir que ele pensa igual ao Bostas, perderia boa parte – ou quase todo – do tesão que sinto por ele.

"Hum? Espero que você não ache a mesma coisa, porque, senão, vou ser obrigada a te tratar como trato aquele advogado misógino! Hoje não deixei dúvidas para ele de quem eu sou!"

"É, aposto que não. Eu preciso ir."

Fico um tempo olhando para a tela do celular, sem entender o que foi essa conversa louca entre nós. O homem parece que saiu correndo por algum motivo que eu desconheço, pois, mal mandou essa última mensagem, e seu status mudou para offline.

— Kaká, quanto mais eu conheço, menos entendo os homens! — O cachorro late. — Pois é, meu amigo, você é o único espécime que está se salvando dessa loucura.

Dou de ombros e volto a me concentrar no suculento frango deixado pelo meu vizinho prestativo.

A primeira semana de volta ao trabalho passou sem que eu me desse conta. Percebi que hoje era sexta-feira apenas quando as meninas do setor me chamaram para nossa tradicional happy hour, dessa vez em um pub da Vila Madalena.

Deixamos a sede da Karamanlis perto das 19h e seguimos de Uber para o local onde todas queríamos ir havia algum tempo, mas que se tornara um tabu por conta da infindável briga entre a empresa na qual trabalhamos e a proprietária do local.

A verdade é que estávamos transgredindo regras indo ao local proibido, à casa do inimigo, mas estávamos nos divertindo

muito com isso.

— Nós podíamos tomar vários dos drinques mais caros da casa e ainda deixar uma boa gorjeta para ajudá-la a nunca ter que vender o bar! — Rosi sugeriu dentro do carro.

— Ou, então, do jeito que gastamos nessas resenhas, podíamos eleger o Hill como o único lugar para irmos. Tenho certeza de que só a cachaça da Vivian é capaz de sustentar o lugar! — Lene sacaneou uma das nossas colegas de trabalho, que não foi conosco, e todas concordamos.

— É certo que deveríamos estar pensando em soltar ratos na cozinha de Maria Eduarda Hill, afinal, com o pub interditado, ela não faturaria, e a Karamanlis poderia finalmente comprar. — Olhamos boquiabertas para a Carol, a mais nova estagiária da gerência, e ela suspirou. — Mas até eu, que cheguei ontem, já admiro essa mulher! Que resistência da porra!

— Esta noite, então, é um tributo a todas as mulheres resilientes, que não têm medo de estar de pé mesmo diante de uma "ameaça" aparentemente mais forte e masculina — propus o brinde mesmo sem bebida, arrancando risadas do motorista do Uber. Olhei-o pelo retrovisor, a sobrancelha erguida, e ele se limitou a dirigir. — Temos muitas Dudas Hill por aí, que só querem viver sem depender de um homem, que querem receber de acordo com seu trabalho, que querem receber promoções sem ouvir piadinhas e que são suficientes para si mesmas.

— É isso aí, irmã! — Lene se empolgou. — A todas nós, que sabemos o que é viver em uma cidade grande e violenta como São Paulo e que compreendemos o risco de que somos as primeiras a serem escolhidas como alvo apenas por sermos mulheres!

Todas as meninas riram e gritaram “amém” dentro do carro, em uma festa totalmente feminina, descontraída, mas cheia de significados que calavam fundo dentro de cada uma de nós.

Descemos do carro em frente ao bar – que, mesmo estando cedo, já tinha alguma fila à porta –, recebemos senha, cartão de consumo e a promessa de que não demoraria para que entrássemos.

Demorou, sim, pouco mais de meia hora, mas, quando acessamos o famoso e proibido Hill Wings Pub, pudemos entender o motivo pelo qual o “boteco” ainda não tinha sucumbido ao poder de fogo da Karamanlis.

A decoração era ótima, bem-feita, descontraída e cheia de estilo. As paredes eram cheias de quadros de grandes artistas – nacionais e internacionais, carros clássicos e motos. O bar era enorme, cheio de banquetas altas e giratórias, muitas bebidas e uma equipe grande de *bartenders* que trabalhavam em drinques de encher a boca e os olhos.

Apontei para cima e mostrei à Carol a decoração em um

canto do bar, feita por lustres pendentes de canecas de chope com lâmpadas de filamento de cobre que conferiam uma luminosidade diferente e charmosa a uma mesinha discreta, de apenas dois lugares, ideal para uns amassos.

— Caramba, a banda é muito boa! — Rosi berrou no meu ouvido, e eu concordei.

Enquanto seguíamos a recepcionista, que nos levava até a nossa mesa, passamos por pessoas dançando e cantando clássicos do rock junto a um rapaz que tinha uma gaita pendurada no pescoço.

Sentamo-nos próximo de uma estrutura toda de vidro, em cujo interior havia mesas, que supus ser a área "VIP" do bar, e começamos logo a pedir as bebidas, indecisas, olhando uma carta com mais de 100 opções.

— Eu vou experimentar esse que tem bourbon e mirtilo — Carol anunciou. — A Flavinha, estagiária do jurídico, diz que o doutor Bostas só bebe bourbon, e ela acha muito chique. — Deu de ombros. — Vou comprovar.

— Ele andou sumido esses dias, você notou, Kika? — Rosi me perguntou. — Fiquei surpresa quando o David apareceu por lá para discutir sobre a Ethernium.

Dei uma risadinha.

— O Bostas amarelou, virou caquinha de nenê. — Todas gargalharam. — Em homenagem ao nosso malvado favorito,

vou pagar para todas experimentarmos esse tal bourbon, mas tem que ser a seco! — Elas gritaram em comemoração, e o garçom riu. — Qual o melhor bourbon que vocês têm na casa?

Ele apontou para a foto de uma garrafa bem bonita.

Fiz pose de esnobe, como achei que seria Kostas pedindo a bebida, e falei:

— Uma rodada de *Bulleit Bourbon* por minha conta!

Depois disso, a noite foi pura "zoação", risadas e danças. Já passava da meia-noite, nós já havíamos comido uma porção inteira de *Buffalo Wings* – asas de frango crocantes e apimentadas –, outra de *Onion Rings Marguerita* – essa coisa tinha que ser proibida de tão boa! – e estávamos brigando por termos demorado a escolher entre batata frita com molhos variados ou gratinada com bacon e cheddar e só ter feito o pedido quando a cozinha já havia fechado, quando eu engasguei e arregalei os olhos.

— Puta que pariu, o que ele faz aqui?

Todas olharam, ficaram boquiabertas, inclusive Carol se enfiou debaixo da mesa, ao ver o todo-poderoso Theodoros Karamanlis entrar no santo pub proibido, sentar-se ao balcão do bar, cumprimentar o barman como se já o conhecesse e ficar ali, bebendo uísque como se estivesse em sua casa!

— Fodeu, amiga, e se ele nos vir? — Lene ria, bêbada e nervosa.

— O homem é gostoso, hein? Se eu não trabalhasse para ele, iria até lá e... — Rosi parou de falar. — O que será que está acontecendo?

Olhei o barman que preparara nossos drinques entregar uma touca para Theo e o vi rir antes de uma mulher lindíssima aparecer do nada, usando uma bandana na cabeça, e conversar com ele.

— Será a Duda Hill? — perguntei-me.

— Está com aquele casaco chique que chefs de cozinha usam — Carol deu seu pitaco antes de soluçar, bêbada como um gambazinho.

A mulher voltou para a cozinha, e Theo voltou a se sentar na banqueta, mas ficou pouco por lá, pois ela retornou, eles conversaram e saíram juntos pela porta da frente.

Posso dizer com certeza que a bebedeira de todas foi curada naquele momento.

— Será que ele finalmente a convenceu a vender? — Lene indagou desanimada.

— Demos azar ao vir aqui! — Rosi pareceu muito chateada.

Eu não tinha o que dizer, simplesmente não entendia o motivo pelo qual o doutor Theodoros Karamanlis fora até aquele pub.

— Para dizer a verdade, Kaká, até agora eu não entendo,

viu? — Beijo meu cãozinho, deixando as lembranças para trás e deitando a cabeça no travesseiro.

Foi mesmo uma semana e tanto!

Meu sábado sempre começa igual, pois, na parte da manhã, tenho sempre uma rotina a seguir. Acordo cedo, mesmo de ressaca, como hoje, vou levar Kaká para passear um pouco, faço feira – vocês já perceberam que só compro frutas e legumes; é que eu não sei cozinhar, então me viro com isso – e finalmente levo meu bichinho para o "salão", o banho e tosa, que o deixa limpinho e cheiroso.

Chego a casa por volta de meio-dia, com Kaká perfumado e de gravata como o homem que inspirou seu nome. Rio ao lhe dizer que, embora seja a cara do "pai", vai ter melhor caráter por ser criado pela "mãe". Eu adoro essas brincadeiras, principalmente tendo Kostas alheio a tudo isso; é bem engraçado.

Almoço lascas de frango frio com salada e tomo suco de laranja, leio um pouco, brinco com Kaká, troco os lençóis da cama e – escondo de novo – o vibrador que usei e deixei cair ao adormecer depois de gozar sozinha.

Pensar nisso me faz lembrar-me de Portnoy, e uma saudade estranha me invade. Ele sumiu depois da nossa última conversa, e, ontem, depois que cheguei do pub, descobri que a conta dele foi desativada. Estava bêbada demais, então fiquei puta, sentindo-me abandonada, sem nem mesmo uma palavra de despedida.

Achei tão patético ficar lamentando a perda de alguém que nem cheguei a conhecer de verdade que decidi relaxar antes de dormir e usei o brinquedinho antes de liberar o acesso de Kaká à minha cama.

Lavo o pequeno *vibro*, embalo-o e o guardo na gaveta da mesinha de cabeceira. Porém, não consigo deixar de imaginar motivos para que Portnoy, depois de um ano de conversas online, tenha desistido de mim.

Confiro as horas e corro para o banho, pois tenho consulta com a doutora Jane em uma hora.

Não precisam se preocupar, não estou doente, ela é minha terapeuta. Vocês agora são os únicos além de mim a saber que faço terapia, nunca disse a ninguém, nem mesmo aos amigos mais chegados. Não tenho vergonha disso, acho que sempre devemos procurar ajuda, sim, mas evito falar sobre o assunto por medo de ser incompreendida.

Aparentemente, quais motivos eu tenho para ir a um terapeuta? Sou bem-sucedida, alegre, bem-resolvida, confiante,

corajosa... É, todos, inclusive vocês, me descreveriam assim. A verdade é que sou uma fraude bem montada, talvez não em tudo, mas em alguns pontos que eu sempre menti e escondi.

Eu morro de medo de estar só. Conheci já a escuridão da solidão e nunca mais quero voltar para lá de novo. Nunca mais quero me sentir sozinha e desamparada novamente, e essa é uma das questões que trato com Jane no consultório.

Jane é a única que me conhece de verdade, conhece a Wilka Maria sem a “roupa” de Kika; sabe dos medos da menina que ainda afetam a mulher.

Hoje eu sei que nossa conversa girará em torno de Portnoy e seu sumiço para sempre da minha vida, além de outros pontos que anotei no meu diário para discutir com ela, como, por exemplo, aquela atração estranha que senti por Konstantinos Karamanlis.

Eu não esperava que o homem recuasse tão rapidamente, mas ele sumiu depois da reunião, enviou o David para falar em nome do jurídico – pelo que agradeci – e não interferiu em mais nada desde então.

Visto um vestido leve de cor neutra, calço sandálias vermelhas, penteio meus cabelos para trás para destacar os enormes brincos vermelhos e saio de casa.

— Boa tarde! — Vinícius me cumprimenta, e eu logo sou atraída pelo seu filhinho lindo.

— Boa tarde! — Abaixo-me e abraço o Carlinhos. — Que bom te ver de novo, tudo bem?

— Tudo, Kika! Cadê o Kaká? — ele pergunta animado.

— Direto ao ponto! — Vinícius ri. — Eu deveria tomar aulas com ele.

Rio sem jeito, pois entendi que ele se referiu a ser direto comigo.

— O Kaká está em casa, mas eu vou sair rapidinho e já volto. — Bagunço seus cabelos cortados ao estilo indiozinho. — Posso bater lá com o Kaká mais tarde? — indago ao Vinícius, e ele abre um enorme sorriso.

— Sempre que quiser.

Despeço-me dos dois e entro no elevador que acabou de chegar, pensando em como seria se eu fosse uma pessoa normal e saísse com Vinícius um dia, conversasse com ele e, se rolasse um clima, fizesse sexo a noite toda. Ele não é um homem de se jogar fora, pelo contrário, até pela profissão ele mantém um corpo bonito, tem um rosto muito sensual com aquelas covinhas na bochecha quando sorri e o furinho no queixo.

Penso se eu não gostaria de vê-lo vestido de farda; talvez eu tenha alguma fantasia com isso! Fecho os olhos e o imagino chegando ao meu apartamento vestido com seu uniforme de bombeiro e perguntando onde é o fogo.

Ainda estou gargalhando quando o elevador chega ao

térreo, e o porteiro começa a rir comigo, mesmo não sabendo do que se trata.

— A piada deve ter sido boa, dona Kika!

Eu assinto.

— Muito, muito engraçada, Joca! Boa tarde!

Chamo o Uber e fico na calçada, rindo de mim mesma e lamentando, ao mesmo tempo, afinal, fantasias sexuais eram para causar algum tipo de tesão, além do divertimento, mas essa não causou nem mesmo uma faísca.

Cadê você, Portnoy?

13

Kostas

O e-mail aberto na tela do computador é animador, embora ainda não seja exatamente aonde eu quero chegar. É um começo, o ponto de partida e a primeira pá de terra para o enterro de Theodoros Karamanlis.

Há algum tempo venho rastreando os contatos de meu irmão mais velho, farejando algo irregular que possa prejudicá-lo aqui, dentro da Karamanlis. Theo não é "santo", deve ter

algum negócio escuso escondido em algum canto, e meu feeling diz que estou mexendo no lugar certo.

O que preciso agora é achar um meio de conquistar esse aliado importante de vez. Já fizemos contato, já plantei a discórdia – na verdade, acho que nem precisava, pois percebi que já havia algum tipo de plano em ação; preciso só de um último motivo para ter sua lealdade.

Rio, girando a cadeira, pois, conhecendo Theodoros do jeito que conheço, motivo para conseguir o que quero não vai faltar. Penso em Maria Eduarda Hill, a dona do boteco que ele tanto quer comprar, e no interesse que vi no rosto do CEO da Karamanlis no dia do baile dos Villazzas, e questiono qual a natureza desse interesse.

Theodoros dispensou a amiga de Viviane para voltar ao baile e ir atrás da mulher na cozinha. Interesse pessoal ou por causa da empresa? Eu aposto que é pessoal, que ele deve estar tentando foder a cozinheira, e não no sentido ruim.

— Doutor? — Petrônio bate à porta da sala, e eu o mando entrar. — O pessoal da K-Eng está perguntando sobre os contratos do Village.

— Já passaram por mim; ainda não desceram?

— Não, subiram para a ratificação da diretoria executiva. O doutor quer que eu entre em contato com o Rômulo para...

— Não! — Abro um sorriso. — Vou buscar pessoalmente e

aproveito para resolver outro assunto com o CEO. — Ele concorda, mas não sai da sala. — Algo mais?

— Sobre a Ethernium. — Ele parece sem jeito, e isso me preocupa. — O memorial inicial com o tamanho da área e as condições do entorno foi enviado pela K-Eng e...

Franzo o cenho, achando estranho, e o interrompo:

— Onde está?

Ele respira fundo.

— A gerente dos *hunters* o solicitou assim que o recebemos, e, como o doutor deixou o doutor David à frente, nós encaminhamos para lá.

Tento não perder a calma, pois não interferir nesse assunto – por enquanto – foi uma decisão minha desde que descobri que Wilka Maria era a Caprica. Eu esperava, claro, que David me consultasse sobre tudo, mas acho que ele entendeu que podia tocar o trabalho como lhe aprouvesse.

Merda!

— Depois falo com David, mas desde já informo que, se algo não passou por mim, não sai desta sala. Estou sendo claro?

— Sim, doutor.

Ele se despede e sai do cômodo.

Não posso deixar as coisas correrem soltas e Wilka Maria achar que está mandando e desmandando no projeto à minha revelia. Pior! Pelo pouco que conheço dela, David já deve estar

comendo em sua mão e fazendo tudo o que ela manda.

Porra! Se quer algo bem feito, faça você mesmo!

Levanto-me e sigo para o andar da diretoria executiva, cumprimento alguns funcionários no elevador, e Luiza me recepciona assim que piso no corredor.

— Doutor Kostas, que prazer! — Ela sorri amistosa.

— Meu irmão está sozinho? — vou direto ao assunto.

O sorriso morre, e ela assente, dando um passo para o lado para que eu chegue à porta da sala do todo-poderoso CEO.

— Entra! — Theodoros grita quando bato à porta.

Adentro na sala, notando que o fofoqueiro e esquisito assistente dele está a postos. *Puxa-saco dos infernos! Capachão!* Desconfio que Rômulo seja secretamente apaixonado pelo Theodoros e por isso vive agarrado às suas bolas, porque ele chega a ser insuportável de tão "prestativo" a seu chefe.

— Millos me pediu ajuda, antes de viajar, para dar andamento à papelada do Village — disparo sem rodeios, afinal, não vim fazer uma visita de cortesia.

— Já estava enviando para seu setor, doutor — Rômulo é quem responde, zumbindo em meus ouvidos como uma mosca de padaria.

Não faço caso dele e continuo a conversar com Theodoros sobre um assunto que também passou a ser do meu interesse: a Vila Madalena.

— Fiquei responsável pela locação das lojas no entorno do boteco dos Hills. — Vejo que ele se interessa pelo assunto e sinto a satisfação de poder alfinetá-lo um pouco. — Fiz uma reunião com os corretores, e alguns já tinham pedido de locação em aberto e...

— Ainda não estou convencido sobre isso — Theodoros morde minha isca.

Bom, a ideia da locação das lojas do entorno foi do Millos, e, em um primeiro momento, achei que meu primo estava um tanto louco ao sugerir isso. Por que ele queria movimentar ainda mais o lugar? Se ele transformasse aquela rua em uma referência gastronômica e um local de entretenimento, ele iria fortalecer ainda mais o Hill, não o enfraquecer.

Entretanto, conhecendo Millos como conheço, sei que meu primo tem algum plano por trás dessa ideia e, por mais que tenha se recusado a me contar qualquer coisa sobre o assunto, também não negou que tinha interesse próprio, além da compra do Hill.

— Millos e eu concordamos. — Dou de ombros e abro um sorriso de satisfação por não depender dele. — Se precisarmos levar isso até o Conselho para ser decidido com a razão e não por uma competição idiota que você tem com Nikkós, eu mesmo pedirei a pauta! — *Ah, como eu gosto de tocar nessa ferida! Ele sempre reage, sempre!* Aproximo-me dele e pergunto

ironicamente: — Nunca se cansa disso?

Vejo a raiva em seu rosto, seu corpo fica tenso, e sei que ele está pronto para atacar. *Vem, Theo, perca a paciência, exploda, faça uma cena!*

Deixá-lo irritado com seus erros do passado é o mínimo que posso fazer depois de tudo o que nos causou. Sua inconsequência deixou marcas em todos nós, e ele nunca se preocupou com isso ou mesmo pediu perdão, então, atormentá-lo com isso é um gostinho que tenho do que virá quando eu o fizer cair.

— Rômulo, o doutor Konstantinos vai levar os documentos. Não é necessário que você chame o pessoal da correspondência.

Filho da puta! Rio ao notar que ele se controlou e que decidiu mudar de assunto. Tenho certeza de que, se Rômulo não estivesse aqui, ele teria caído na armadilha.

Idiota engomadinho!

— Eu só vou incluir aqui no nosso sistema... — ouço o assistente dizer apressado como sempre e começo a rir.

— Em plena era da tecnologia digital, você vai me fazer assinar algum tipo de caderninho? — debocho. — Onde foi que você achou essa peça de museu, *querido irmão*?

Mais uma vez vejo a ira tomar conta do seu semblante, mas sua voz soa normal quando ele fala com seu capacho particular:

— Rômulo, entregue o documento ao doutor Karamanlis. Eu mesmo me responsabilizo. — Ele se levanta. — Se era só isso, Kostas — Rômulo deixa a pasta em cima da mesa; Theo pega-a e a estende para mim —, pode ir agora.

— Está me dispensando? — Ergo-me, feliz por ser alguns centímetros mais alto que ele, e o encaro com um sorriso torto e debochado.

— Acho que isso foi óbvio demais até para você — responde, e eu pego a pasta, pronto para retrucar, quando vejo o telefone dele tocar e o nome de Viviane aparecer. Que providencial! — Algo mais?

Não posso deixar passar a oportunidade de deixar claro para ele que estou chegando perto de seus negócios paralelos. Eu gosto de deixá-lo nervoso; é um tanto sádico, mas é interessante ver sua presa se debatendo, tentando escapar do inevitável.

— Sua sócia pode ter algo importante para falar contigo. — A surpresa no rosto dele é impagável. — Não seria melhor atender?

— Eu não tenho sócia, ela é uma amiga — ele responde nervoso, sério, olhando de esguelha para o Rômulo, com medo de que seu bocudo assistente saia por aí espalhando a notícia. — Kostas, eu estou ocupado...

Ah, não... não vai ser assim tão fácil! Ainda não terminei

de me divertir um pouco.

— Amiga? — Rio. — Isso é uma espécie de título honorífico? — Ele bufa, e eu gargalho. — Não entendeu? Funciona assim: você fode com a mulher por um tempão, mas aí se cansa e lhe dá o título de amiga para ela não se sentir mal e ainda achar você um cara legal.

— Vá se foder, Kostas! — Quase solto fogos por ter feito com que ele perdesse a falsa calma que aparentava. Theo caminha até a porta da sala, abre-a e manda: — Sai.

Não tão rápido! É preciso que você saiba que eu estou farejando e que vou te foder em breve!

— Eu fiquei bem curioso com a ascensão dessa mulher. Trabalhava em galeria de artes e agora é uma grande investidora, descobridora de talentos, respeitada no *métier*. — Encaro-o sério. — Ou será que ela tem um *amigo* por trás dela?

Ele sorri para mim, mas seus olhos o traem, demonstrando todo a raiva que está sentindo.

— Pelo que eu sei, ela tem *muitos* amigos. Suas insinuações não o levarão a lugar algum.

Sim, tenho certeza de que ele tem tudo muito bem escondido, mas eu sou persistente, vou achar!

— Imagino que não. — Caminho para a porta. — Você é esperto e conhece bem o estatuto, não iria arriscar seu tão pleiteado posto de CEO por um hobby. — Antes de sair, decido

fazer uma pequena malvadeza para alegrar a tarde. Aceno para Rômulo e o provoco: — Quando eu assumir a diretoria executiva, Rômulo, te ponho para reciclar os papéis da empresa, já que gosta tanto deles!

Saio da sala e escuto Theodoros fechá-la com força, assustando Luiza, que estava à sua mesa digitando no computador.

— Pode deixar, que não conto para ele que você estava no Facebook no horário do expediente.

Pisco para ela, que fecha o navegador às pressas e fica sem jeito, com cara de cachorro cagando na chuva.

Balanço a pasta com os contratos do último empreendimento imobiliário residencial da Karamanlis e entro no elevador, sentindo-me satisfeito e excitado. Gosto da sensação de ser cruel, gosto de fazer os outros sentirem medo; já passei muito por isso; agora, não mais.

Eu sou o carrasco!

Depois daquele pequeno embate com Theo, não estive mais na diretoria executiva, fiquei absorvido por conta dos processos, que voltaram a tramitar desde que a Justiça voltou do recesso,

dos contratos de empresas e de imobiliárias parceiras que temos espalhadas pelo Brasil.

Conversei com o David sobre a conta da Ethernium e deixei bem claro que, mesmo não estando diretamente ligado a ela, quero saber de tudo antes da gerente de *hunter*. A prioridade é minha; depois as notícias e documentos podem sair do jurídico e ir para o outro lado do andar.

Continuo firme no propósito de evitar contato com ela ao máximo. Não vou mentir que não sinto falta das sacanagens com a Caprica; era divertido, mas não posso confundir as coisas. Lá, éramos outras pessoas. Aquela mulher não existe; ela, na verdade, é uma Medusa dos infernos capaz de transformar qualquer um em pedra.

Bufo e olho para meu colo, vendo meu pau fazer volume por causa da excitação só de pensar nela.

É, é uma Medusa, com certeza!

Ontem eu tive uma noite espetacular com duas garotas de programa perfeitas – de corpo, atitude e safadeza. Escolhi as duas porque já trabalharam juntas e estava no "currículo" delas, então resolvi experimentar. Foi a noite mais louca e divertida que já tive com putas, porém, mesmo enquanto uma se dedicava à boceta da outra e eu me deliciava com seus rabos, ainda pensava em Caprica/Wilka.

Será que ela deixaria outra mulher tocá-la enquanto eu

comesse sua bunda?, questionava em meio aos gemidos. *Será que ela gostaria de ser comida por dois ao mesmo tempo?* Tivemos tantos momentos fantasiosos, escrevendo sacanagens um para o outro, que, agora que ela se materializou em alguém real, fico questionando tudo o que dissemos.

Eu gostaria de ver outro tocando-a?

— Doutor! — David bate à porta, interrompendo minhas lembranças e indagações. — Temos nossa primeira proposta!

Ele entra na sala apressado, com um papel impresso em sua mão.

— O gabinete do governador do Rio de Janeiro entrou em contato para marcarmos reunião e apresentação com todos os detalhes da atividade e da área.

Que notícia excelente!

— Ótimo! — Pego o papel e vejo o brasão do estado. — Já avisaram aos *hunters*?

— Não, o doutor pediu prioridade, então...

Fico satisfeito ao ouvir isso, pois demonstra que ele entendeu nossa conversa do começo da semana.

— A gerente está trabalhando hoje? — indago, e ele parece estranhar a pergunta.

— Está, sim, senhor.

Sou eu quem acha estranho dessa vez.

— Normalmente? Não está havendo nenhuma

comemoração, nenhum evento épico no setor?

Ele nega, e eu fico intrigado, sem entender, afinal, imaginei que a empresa toda iria se mobilizar para fazer do aniversário dela um marco nos anais da Karamanlis. Fizeram festa quando ela voltou a trabalhar; por que não para comemorar seu nascimento?

— Bem, preciso ir agora e avisá-la dessa...

— Não — interrompo-o. — Eu vou.

David para boquiaberto e me assiste sair da sala, marchando rumo ao local do qual me mantenho longe há mais de uma semana.

Kostas, Kostas, você gosta de brincar com fogo!

14

Kika

Outra semana corrida, e, finalmente, ele chegou.

Abro os olhos, e o primeiro pensamento consciente que tenho é sobre o dia de hoje. Aprendi a ser grata pela minha vida, pelas oportunidades que surgiram, pela guinada que ela sofreu e que me possibilitou ser quem sou hoje. Não sou religiosa, mas acredito que, em algum lugar, nosso destino está sendo traçado através de nossas escolhas.

Por algum tempo eu não tive nenhuma, meu destino estava na mão do acaso ou de algum ser superior que me protegeu e me

abençoou com uma nova história.

Amanhã irei ver a Jane de novo, em uma sessão semanal de conversas e tentativas de me encontrar. Sou segura no trabalho, sou boa amiga, cidadã, tenho empatia de sobra, por isso mesmo me dedico – como papai fazia – aos que precisam de mim.

Hoje seria um dia assim! Malu era a única que sabia o dia do meu aniversário e, todo ano, me dispensava mais cedo, sempre depois do almoço, e eu ia para algum asilo ou mesmo hospital para levar meu presente à vida. Infelizmente, este ano, com a responsabilidade da gerência e essa conta da Ethernium, será impossível sair do trabalho.

Vou ter que fazer minha "comemoração" no domingo, dia em que normalmente já passo nas instituições que auxilio.

Desligo o Pharell[8] e me estico toda, sentindo Kaká deslizando por baixo do lençol até sua carinha peluda e alegre aparecer para me saudar. Ele me dá a tradicional lambidinha no nariz, e eu afago suas orelhas, sem falar hoje, apenas lhe dando o carinho que merece.

O celular toca e, pela hora, já sei que é a Malu.

— Alô, não cante....

— Parabéns pra você, eu sei que você quer me foder, por eu estar cantando essa música e desejar parabéns pra você! — Começo a rir, e ela me segue. — Viu, só? Não cantei a música

tradicional, então você não pode brigar comigo!

— Alguém já te disse que você é mestra em burlar as regras? — inquiro com o coração palpitando de alegria por ela ter ligado. — Eu sei que aí no mato todo mundo acorda cedo, mas você está prenhe, mulher, vá dormir mais um pouco!

— Prenhe está seu rabicó! Não sou vaca!

Gargalho com a irritação dela.

— Obrigada por ter ligado — digo com sinceridade. — Eu sinto sua falta aqui.

Ela suspira.

— Eu também! — Ri. — Para duas capricas duronas, hoje estamos emotivas. Tudo bem que eu tenho desculpa, afinal, são os hormônios da gravidez!

— Até parece! Cadê seu peão *fake*, que não está aí esquentando sua cama?

Ouço risadas abafadas.

— Quem disse que ele não está aqui? Não está falando porque está com a boca ocupada no momento.

Fecho os olhos e faço uma careta imaginando uma cena bem safada.

— Porra, Malu!

Escuto os dois gargalharem, e Guilherme grita:

— Eu estou comendo meu tira-torto, Kika! Acha que eu ia querer gastar meus dotes enquanto ela fala contigo?

Rolo os olhos.

— Ele fez antes, amiga, por isso está quietinho comendo aquela coisa estranha! Vôti, nem grávida consigo comer isso de manhã!

— Vôti?! — Rio sem parar, e ela me xinga. — Mas já está adaptada ao mato, meu!

— *Meu,* eu já me adaptei *aos mato!* — ela imita o sotaque paulistano, e eu paro de rir.

— Não falo assim! — retruco, e é a vez de ela rir de mim. — Ah, deixa eu te contar uma nova!

— Conte! Essa semana passou correndo tanto que nem pudemos fofocar. É sobre o gostoso do Theo com a tal da Duda Hill?

— Não, Malu, é sobre o trabalho! Caramba, desde que você arranjou esse Xucro aí, só vê romance em tudo! Acho que Theo só estava tentando comprar o imóvel mais uma vez.

— Amiga, eu conheço aquele homem melhor do que você. — Escuto o Xucro pigarrear e Malu mandar um beijo estalado para ele. — Ele não ia negociar a compra do imóvel depois da meia-noite! Escreva o que eu te digo: cheira a romance clandestino, quente e gostoso.

— Malu! — Rio ao pensar em Theo e Duda Hill juntos. *Óbvio que não!* — Você anda bem safadinha desde que engravidou, só pensa em sexo e sexo...

— Ah, quem fala! — Fico séria no mesmo instante. — A maior devoradora de incautos que eu conheço! Se um dia você engravidar, tenho pena de quem estiver contigo, porque vai ficar esfolado, o pobre.

Xucro ri, e ela começa a falar das coisas que eu dizia para ela. Enquanto isso, minha cabeça está em turbilhão tentando arranjar um assunto para sair dessa conversa. Eu sei que fui eu quem causou essa situação, afinal, estava sempre falando dos "encontros" e dos "caras" com quem eu transava sem medo de ser feliz.

Ah, Malu...

— Kostas está sumido há mais de uma semana! — disparo, e ela para de falar em sexo. — Eu achei que ele ia ficar no meu pé por causa dessa conta da Ethernium, mas não, nomeou outro advogado e sumiu.

— Estranho! — Malu pondera. — Não confio nele. Fique de olho, Kika!

— Eu vou, não se preocupe, Bostas não me assusta. — Olho para o relógio e me sento apressada na cama. — Malu, preciso ir, senão vou chegar atrasada.

— Não pode! Chefe tem que dar o exemplo! — Ri. — Que seu dia seja especial. Não vou te dar parabéns e nem felicidades, porque você não gosta, então, que essa data seja querida.

Rio e a mando se lascar antes de desligar.

Levanto-me mais animada, menos sombria, e começo minha rotina matinal antes de correr até o metrô e ir parar no coração financeiro de São Paulo. Antes, porém, coloco água e a ração do Kaká e me lembro de pôr em uma sacola o brinquedo que Carlinhos deixou aqui em casa no sábado.

O menino veio brincar com meu cãozinho, e o pai aproveitou para me convidar a comer comida mexicana. O homem também não cozinha, mas conhece os melhores restaurantes temáticos da cidade e encomendou deliciosos *burritos* com *nachos* de queijo para acompanhar, que eu comi virando os olhos.

Eu sou fácil de ser conquistada, basta me alimentar bem, e você se tornará meu melhor amigo!

— Eu tenho que retribuir todas as vezes que você me salva à noite! — comentei com ele, referindo-me aos pacotes de comida que sempre deixa na minha porta.

— Ah, Kika, vizinho é para essas coisas! Eu moro só e, se peço para mim, por que não pedir para você também? Relaxa!

E abriu um sorriso daqueles de calendário masculino. *Oh, Céus*! Saber que o homem é bombeiro também não ajudou muito, porque logo o imaginei só com aquela calça, suspensórios, o corpo malhado todo coberto com vaselina, brilhando como se estivesse molhado, e em suas mãos aquela mangueirona...

Ele falou algo com o filho, e eu deixei de fantasiar com isso. É bom de se imaginar, Vinícius é bonitão, e Jane acha que pode ser uma boa oportunidade para eu comprovar se já estou pronta para ir em frente.

Dê a você mesma a possibilidade de experimentar... ela me aconselhou mais cedo naquele dia, e imediatamente pensei em Portnoy, em sua desistência das nossas conversas, talvez já cansado de todos os convites para um encontro real que me fizera e que eu recusara. Nunca senti antes o que ele, mesmo à distância, fizera-me sentir, mas não me dei a oportunidade de comprovar se era real, então o perdi.

Não vou deixar isso acontecer de novo!

Vinícius e eu ficamos conversando sobre nossas profissões. Ri muito com algumas de suas histórias, até que Carlinhos bocejou, e ele interrompeu a visita para pôr o filho na cama.

Foi assim que o brinquedo ficou para trás, e eu, por causa da falta de tempo desta semana, esqueci por completo de devolvê-lo. O menino só voltará daqui a 15 dias, mas eu deveria ter me lembrado de devolver antes, porque pode estar sentindo falta.

Tomo um banho rápido, lavo meus cabelos, visto uma roupa qualquer, sem escolher muito – um vestido com alguns babados e listras, quase conceitual e que, particularmente, adoro –, deixo a sacola com o brinquedo pendurada na maçaneta da

porta do apartamento do vizinho e toco a campainha da Verinha.

— Bom dia! — ela me cumprimenta. — Está linda e cheirosa hoje! Algo especial?

Sorrio sem jeito, mas nego.

— Só trabalho! — Beijo sua bochecha e lhe entrego a chave do meu apartamento para que ela pegue o Kaká. — Tenha um bom dia!

Saio praticamente correndo, descendo as escadas sem paciência para esperar o elevador. Tenho que voar até a estação, pegar o primeiro metrô que passar, senão chegarei atrasada.

Mais um dia na minha vida!

Fecho os olhos rapidamente e recito minha frase favorita:

Seu sorriso é capaz de iluminar qualquer escuridão!

— Nós já solicitamos o EIA/RIMA[9] da área, depois têm os passos referentes às compensações, audiências públicas etc. — Alex me explica apontando para o croqui que estendemos em cima da mesa, que contempla o tamanho da área da empresa. — O cliente sabe que isso é demorado e que é o primeiro passo que teremos que fazer assim que tivermos o local. — Eu assinto, pois já tivemos clientes que necessitaram desses estudos

ambientais, porém, nenhum com o tamanho de uma pequena cidade do interior. — A equipe da K-Eng está toda à sua disposição, Kika, para acompanhar as visitas e já emitir algum parecer sobre a viabilidade ambiental da locação.

Escuto uma batida à porta, mas não saio da posição em que estou, ao lado de Alex e de costas para a entrada.

— Entra! — apenas grito antes de continuar questionando o CEO da K-Eng. — Os *hunters* já estão acostumados a consultar toda a legislação das cidades, sempre buscam, junto ao jurídico, que é sempre muito eficiente, levantar qualquer outro entrave legal que possamos ter não só no bojo ambiental, como também na questão de ordenamento urbano, planos diretores e zoneamento das cidades.

— Eu conheço seu trabalho, Kika, e sei que você e sua equipe são muito eficientes — Alex sorri para mim ao elogiar.

— Nós somos! — Pisco para ele e toco seu ombro. — Eu já ouvi muitos elogios sobre a K-Eng, e você sabe que eu te admiro demais...

— Hum-hum — um pigarrear me impede de continuar a dizer a Alexios Karamanlis o quanto eu o vejo como um gestor especial, um chefe preocupado com seus funcionários e engajado para que não só a empresa cresça, mas todos possamos crescer com ela.

Olhamos juntos para ver quem entrou na sala – quieto e

quase sem fazer barulho ao andar – e arregalo os olhos ao dar de cara com Konstantinos Karamanlis em toda sua altura monumental e largura impressionante.

— Interrompo algo? — Kostas pergunta com um sorriso malicioso.

Alexios gargalha, balançado a cabeça, e me olha divertido.

— Claro que sim! — o CEO da subsidiária da Karamanlis responde. — Estávamos analisando o croqui da futura planta da Ethernium, pelo menos dentro do padrão que já temos. — O engenheiro pega o enorme papel em minha mesa e começa a enrolá-lo. — Eu já percebi que Kika Reinol está mais do que habituada a grandes desafios e que — ele sorri para mim — gosta deles, então concordo com a decisão de Theo de ter deixado essa conta nas mãos competentes dela.

Abro um enorme sorriso de satisfação e encaro o diretor jurídico, que, como esperado, está com sua sobrancelha levantada e aquela cara irritante de tédio. Focalizo seus olhos azuis, brilhantes, o sorriso mostrando seus dentes brancos em contraste com a pele morena.

Aff, eu odeio admitir, mas o capeta caprichou ao fazer esse homem!

— Eu também estou no projeto, caso tenha esquecido, Alexios. — Konstantinos fica sério e coloca as mãos nos bolsos da calça, para onde meus olhos são atraídos, mas desviados

assim que percebo que meu interesse não é nos *bolsos* da vestimenta.

— Eu sei, Kostas. — Alex passa por ele, indo em direção à porta. — Foi uma boa decisão de Theodoros também.

Percebo que Kostas parece sem jeito com o elogio indireto do irmão; não agradece, nem sorri, apenas assente parecendo que o que Alexios disse não é nenhuma novidade. *Arrogante!*

— Assim que marcarem algo, avise-me — Alex solicita, e eu assinto. — Bom trabalho para vocês. Adorei nosso papo, Kika!

— Tchau, volte sempre! — despeço-me dele sorrindo, mas, assim que ele fecha a porta da sala e fico sozinha com Konstantinos, meu sorriso morre. Dou a volta na mesa, sento-me em minha cadeira e aponto uma para o diretor jurídico.

Ele se senta, cruza suas enormes pernas e fica me olhando quieto por um tempo. Meu corpo formiga de um jeito estranho, mas logo me abuso de sua análise acurada da minha pessoa e suspiro irritada.

— Bom, parei o que estava fazendo para poder atender ao doutor Alexios, pois entendi que era relevante para o projeto. O que o traz aqui, *doutor?*

Ele apoia uma de suas mãos no rosto, o indicador tocando a sobrancelha e o dedão apoiando o queixo. Ele sempre faz esse tipo quando quer irritar alguém, e, puta merda, hoje não é um

bom dia para me irritar.

— O que a senhorita sabe sobre as leis deste país? — ele pergunta tão vagarosamente que tenho vontade de indagar se está tendo um derrame. — A ouvi dizer ao meu irmão que você e seus *hunters* fazem essa pesquisa, e fiquei surpreso.

— Sei que temos muitas leis, mas que a maioria não serve para nada — digo impaciente. — Qual é o assunto que o traz aqui de verdade?

Mais uma vez ele se faz de surdo e finge pensar, sem tirar em nenhum momento os olhos dos meus.

— Eficiência e eficácia, princípios básicos do estudo das normas. — Rolo os olhos ao pensar que ele vai começar uma aula sobre leis. — Bom, se a senhorita quisesse saber disso, teria feito direito, não é?

— O congratulo por sua perspicácia! — ironizo, e ele ri.

Kostas ri!

Eu sei que já falei isso, mas ele ri! Só isso! Uma risada sem tédio, sem sarcasmo, sem deboche... só uma risada! Claro que, como eu não esperava por isso, fico totalmente desarmada e admiro – e muito, devo admitir – como fica o rosto dele ao sorrir. O homem, além de grande e charmoso, é bonito!

Filho da mãe!

— Bom, vim até aqui hoje para informar que vou retomar a frente da conta da Ethernium. — Arregalo os olhos, pois não

esperava por isso. Estava tão bom lidar com o doutor David! — Pensei que pudesse delegar um pouco, mas vi que não dá. Se não tiver alguém com pulso firme, é capaz de o negócio não andar a contento.

Como é que é?! |Que grande filho da puta!

Estou há mais de uma semana organizando tudo, já fizemos todos os contatos necessários para começar a receber as propostas dos estados para a instalação da siderúrgica, e ele vem querer agora pegar tudo mastigado e levar o nome? Ele acha que está lidando com quem, afinal?

— Eu não... — tento falar, mas ele não deixa:

— David não tem a firmeza necessária para lidar com você. Bastaram poucos dias, e ele já estava parecendo um cachorro adestrado abanando o rabinho para te agradar em tudo. — Ele fica sério, e seu tom de voz muda: — Seu feitiço não funciona em mim!

— Você deve ter algum tipo de transtorno comportamental, não é possível! — Fico em pé para olhá-lo de cima para baixo. — A equipe está trabalhando perfeitamente bem, e tudo o que não precisamos é de um ser com o ego do tamanho do mundo atrapalhando tudo e ainda irritando as pessoas.

Ele se acomoda ainda mais na cadeira.

— Não estou perguntando se posso entrar, Wilka Maria. — Aproxima-se da mesa, e sua voz sai rouca ao dizer: — Já estou

dentro!

Sinto um tremor sacudir meu corpo, os cabelos mais curtos de minha nuca se eriçam, e eu seguro o ar por um tempo.

Que merda é essa, Kika?!

Tento buscar a linha do raciocínio que perdi entre estar puta com o autoritarismo dele e excitada só de imaginá-lo dentro... de mim.

— Temos um primeiro retorno. — Ele estende uma folha de papel, e eu a pego como se fosse uma tábua de salvação.

— Por que não recebi esse e-mail também? — questiono assim que o leio. — Era para ter notificado e...

— Minha diretoria está filtrando todos os e-mails dessa conta e compartilhando apenas aquilo que acha imprescindível.

O quê?!

— Olha, assim não vai dar! — Sento-me novamente, encarando-o séria. — O doutor Theodoros foi bem claro ao dizer que iríamos trabalhar juntos nessa conta. Não tem por que você estar filtrando a correspondência, não tem sentido, isso só vai atrasar o trabalho! — argumento, mas ele não parece se convencer, então pego o telefone e ligo para o setor de TI — Oi, Lamir, há uma conta com um filtro, e eu preciso que seja removido. É o filtro no e-mail que criamos para gerir a conta da Ethernium.

— Kika, o filtro foi uma ordem da diretoria jurídica, só ela

pode revogar, eu sinto muito! — Bufo irritada, mas sei que Lamir não tem culpa. — Você sabe que, se não fosse isso, eu faria o que está me pedindo, né?

— Sei, sim, não se preocupe — tento parecer menos irritada. — Obrigada pela ajuda, Lamir, dê um beijo na Sarah por mim.

— Pode deixar! Você está devendo uma visita à nossa casa nova!

Eu rio, respondo que vou qualquer dia desses, e, antes de eu desligar o telefone, Kostas se levanta, tira o aparelho do meu ouvido e o põe no seu próprio.

— Aqui é doutor Konstantinos. Tire o filtro.

Isso me surpreende a ponto de me deixar boquiaberta e estática. Kostas fala algo mais com o Lamir, mas não consigo entender o que é, tamanho choque que levei com sua atitude. Nunca, em tempo algum, poderia imaginar que ele agiria dessa forma.

— Por que... — tento começar a perguntar o que houve, mas ele não permite:

— Você quer trabalhar de igual para igual comigo? Ok, eu aceito. — Ele respira fundo, parecendo contrariado, e se afasta. — A partir de segunda-feira estaremos 100% dedicados a essa conta, você e eu. — Olha tudo em volta. — Arranje um jeito de abrir mais espaço; sou grande.

Ele sai da sala, e eu ainda me sinto tão estarrecida que não consigo articular nenhuma palavra.

Ele pretende vir trabalhar aqui?!

Gemo e coloco a cabeça sobre a mesa. Minha vida tão perfeita e organizada profissionalmente acaba de virar um inferno. Como conviver com aquele homem aqui, levando-me da irritação ao tesão em segundos, por mais de 12 horas por dia?

15

Kostas

Tesão!

Eu sinto mesmo tesão por Wilka Maria!

Não adiantou de nada ficar dias longe, ignorá-la, fingir que não existia. Bastou entrar em sua sala, sentir seu perfume no ar, ver o contorno de suas costas desenhado contra o vestido leve que, contra a luz da vidraça, ficou quase transparente, e toda a excitação que neguei e reprimi estava presente.

Eu a desejo, é fato, talvez há mais tempo do que gostaria de admitir, por isso minha irritação e a necessidade de provocá-la o tempo todo. Sempre fui reativo quando sentia tesão por alguém

que estava fora do “padrão” que estabeleci para mim mesmo, sempre abafei e consegui eliminar a vontade até que não restasse mais nada, porém, com a gerente, parece que não vai ser tão fácil.

É que, mesmo decidido a não dar vazão à essa química, estou sendo atraído para ela e traído pelo meu próprio corpo de uma forma que não consigo deter. Por mais que eu saiba que ela, dentre todas as possibilidades que já tive, é a escolha mais complicada, não só por trabalhar na empresa da minha família, mas também pelo gênio de cão que tem, não consigo deixar de querê-la.

Fui até a sala dela para provocá-la, extravasar um pouco a frustração que estava sentindo por ter perdido a fantasia da Caprica. Culpo-a por isso, por ter eliminado minha diversão, por ter matado a fantasia da mulher que podia ser qualquer uma e que, agora, só consigo enxergar como sendo ela mesma.

Não queria isso, não *quero* um envolvimento, mesmo que sexual, com ela. Porém, em contradição a esse meu não-querer, só penso em como seria meu corpo junto ao dela, na nossa diferença de tamanho e na forma com que eu conseguiria envolvê-la totalmente com meus braços, a ponto de ela sumir dentro de mim.

É uma fissura que nunca tive, uma fantasia nova que se descortina no auge dos meus 36 anos de vida: envolver alguém

com meu corpo, abrigar.

Isso também é contraditório, afinal, Wilka Maria é petulante, marrenta, cheia de si, feminista – desse tipo de mulher que, se um homem abrir a porta para ela passar, é capaz de ser acusado de machista e de estar dizendo implicitamente, com o ato cavalheiresco, que ela não tem força para abrir a maldita porta.

Tudo nela deveria me repelir, mas me atrai sobremaneira.

Tenho vontade de deixá-la trêmula de tesão de tal forma que não consiga se manter de pé naquelas botas de cano longo e coloridas que usa. É, admito, sinto um tesão absurdo por aquelas botas e imagino Wilka toda nua, usando apenas elas.

Quero dobrá-la, deixá-la implorando pelo gozo que só eu posso lhe dar, e... *Caralho!*

Fecho os olhos e balanço a cabeça, repreendendo-me por estar perdendo o controle desse jeito. *Eu não vou tocar nessa mulher!* Não sou assim, não fodo com quem conheço, não me envolvo, não posso! Espalmo as mãos na cabeça, os cabelos deslizando entre os dedos, buscando um jeito de retomar minha frieza e controle.

Não me interessa como vou fazer – por mais que eu mesmo me traia, como aconteceu há pouco na sala dela quando decidi que trabalharíamos juntos no mesmo espaço, quando a provoquei com frases de duplo sentido e me imaginei fodendo-a

em cima daquela mesa meticulosamente organizada –, não vou tocar nela.

Lembro-me de como ela piscou, brincou e tocou meu irmão caçula e de como reagi àquele gesto simples. Senti-me puto, fervendo de raiva e indignado por ela ser cordial, amistosa e talvez até flertar levemente com Alexios. Ela nunca me tratou daquela forma, nunca recebi um só sorriso como aquele ou mesmo fui alvo de qualquer brincadeira ou mesmo um ingênuo flerte.

Bufo de raiva por ter deixado que isso me afetasse, por ter sentido inveja do tratamento que Alex recebe dela, querendo eu mesmo ser o destinatário do sorriso e da piscadela.

Não vou tocá-la, porra! Já tomei a decisão!

Confiro as horas e entendo o motivo pelo qual o setor está vazio: hora do almoço. Não tenho fome agora – rio, pois tenho, mas não é de comida –, por isso me sento para voltar a trabalhar no arquivo no qual estava quando David me interrompeu para falar do primeiro retorno que tivemos na conta da Ethernium.

Abro meu e-mail, e qual não é minha surpresa ao receber uma mensagem da pessoa que mais estava aguardando nesse tempo todo! Leio atentamente a mensagem, marcando um encontro, e sorrio satisfeito por sentir que realmente vou ganhar um aliado na minha luta para dar ao meu irmão um pouco do mesmo veneno que ele nos deu anos atrás.

Entro no restaurante da empresa quase às 15h para almoçar. Todos já estão de volta ao trabalho, mas, como estou mais interessado em comer uma proteína – coisa que eles sempre fazem na hora para mim – e uma salada, não tenho problema com o horário regrado para o bufê.

Ainda há alguns retardatários no refeitório, especialmente o pessoal que faz serviço de rua e que só deve ter chegado à empresa agora.

— Doutor, posso ajudá-lo em algo? — uma das moças que organizam a cozinha me intercepta ainda na entrada do lugar.

— Um grelhado e uma salada, coisa simples.

Ela assente e vai direto para a cozinha.

O refeitório foi uma ideia de meu irmão mais novo, Alexios. O garoto, mesmo depois de tudo o que passou na mão de Nikkós, ainda se mantém um idealista, cheio de ideias utópicas típicas de um membro do proletariado, não de um herdeiro de algo do porte da Karamanlis.

Quando Alexios assumiu a K-Eng, eu achei que ele ia falir a subsidiária em tempo recorde, mas ele demonstrou ter tino para os negócios, além de ser um engenheiro muito bom. O

garoto prodígio é como eu o vejo! Mesmo com o inferno que foi nossa infância e adolescência, ele conseguiu se manter são, deu a volta por cima diante de todos os problemas que enfrentamos, mergulhou nos estudos e acumulou prêmios e mais prêmios na área das ciências exatas.

Mesmo depois de ter sido expulso de várias escolas durante o ensino médio, não foi surpresa para mim ele ter passado em vestibulares para as melhores universidades de engenharia do país aos 16 anos. O menino era um gênio, mas, hoje, parece mais um sonhador.

Desde o começo não levei muita fé nesse modelo de fornecer a comida dentro da empresa. Os funcionários gostam de sair, ver "moda", saber o que acontece além das paredes da Karamanlis, e a saída para o almoço era uma "desculpa" para fazerem isso. Ademais, a ideia foi perdendo a força, e o restaurante andou totalmente largado às traças, até que o CEO resolveu se juntar à ralé e começou a fazer refeições aqui.

Caminho para uma das mesas livres, mas meus olhos são atraídos por uma mulher miúda, cabelos cortados curtos e com a nuca aparecendo, pois está com a cabeça baixa.

O que eu devo fazer? Sentar-me o mais longe possível dela.

Mas o que estou fazendo?

— Refeição tardia também? — Sento-me à sua mesa, e ela me olha parecendo ver um fantasma. — Não me diga que está

na modinha do jejum intermitente!

Wilka Maria respira fundo, termina de mastigar sua comida e me encara.

— Não estou, mas e você, está? Também está vindo comer tarde!

Nego e faço um biquinho.

— Não, geralmente como no horário, mas hoje algo de manhã me deixou com o estômago meio revolto. — Aspiro o ar perto dela, que retesa o corpo. — Ah, seu perfume é muito doce, foi isso!

Seus olhos faíscam de raiva.

— Não me lembro de tê-lo chamado até minha sala de manhã e — ela olha em volta — nem de o ter convidado a se sentar à minha mesa agora. Então, se meu perfume o enoja, sinta-se à vontade para se afastar.

Ela aponta para a mesa mais distante de si, e eu rio.

— Não, Wilka Maria, não me enoja. — Fico sério. — Foi apenas uma provocação, não seja tão tensa.

Pisco para ela da mesma forma que ela fez para meu irmão de manhã, e meu prato é servido.

— Carne e folhas? De dieta, *doutor?*

Corto um pedaço do bife, mastigo-o e assinto.

— Sempre! Não posso descuidar do corpo. — Acompanho seus olhos descendo pela minha camisa até onde a mesa está

tampando e sinto meu pau acordar com a avaliação. — Quer que eu tire para ver melhor?

Ela pula na cadeira e arregala os olhos.

— Não! — Ri nervosa, e suas bochechas ficam mais coradas que o normal. — Está louco?

Dou de ombros.

— Você estava tentando avaliar se preciso ou não de dieta, só ia facilitar. — Sorrio. — Em minha defesa, posso garantir que sou muito regrado com os exercícios. Admito exagerar um pouco no bourbon, mas compenso na alimentação.

— E você fuma também... — ela completa quase automaticamente e, ao perceber que demonstrou ter prestado atenção em mim, fica sem jeito. Sinto satisfação ao saber que ela sabe dos meus vícios, que me observa. — Não vai terminar de comer? — Aponto para seu prato, intacto desde que me sentei de frente para ela. Acho melhor abrir uma concessão no jogo e deixá-la terminar de comer em paz. — Se quiser que eu saia...

Ela aperta os olhos como se desconfiasse das minhas intenções. Então, mesmo parecendo incomodada com minha presença, levanta o queixo, pega o garfo e nega.

— Não, pode ficar. É melhor eu ir me acostumando com sua presença, afinal, trabalharemos no mesmo espaço, não é?

Ela pega um bocado da quiche que estava comendo e mastiga olhando-me com a sobrancelha erguida e com pose de

quem está no controle da situação.

O movimento de sua boca chama minha atenção, e eu fixo os olhos em seus lábios fechados, reparando mais uma vez em como são carnudos e tentando imaginar a textura e o sabor deles.

Desvio os olhos e aperto minha coxa por baixo da mesa para me controlar.

— Certo — concordo com o que ela disse. — Então teremos uma espécie de trégua?

Ela ri.

— Não sabia que estávamos em guerra, doutor.

Sua risada rouca estimula meus sentidos. Os pelos dos meus braços se arrepiam por baixo da camisa, e sinto vontade de pular a mesa que nos separa e comprovar se esse tesão todo é real ou fruto das fantasias que criei com ela durante esse ano em que ficamos de sacanagem online.

Resolvo mudar de assunto para não cometer uma sandice.

— Estranhei não encontrar balões, serpentinas e fogos hoje aqui na empresa.

Ela franze a testa e me encara como se não entendesse minha colocação.

— De acordo com sua ficha, hoje é seu aniversário. — Wilka para de mastigar, e a tensão em seu corpo é quase palpável. *Hum, interessante!* — Não quer que saibam que você entrou na casa dos 30?

— Quando... — ela está ofegante — você leu minha ficha?

Pelo brilho que capto em seus olhos, sei que toquei em assunto complicado. *Lá vamos nós... adeus, trégua!*

— Quando Theodoros a escalou para trabalhar no projeto — disfarço, pois não posso lhe contar a verdade. — Precisava saber se estava apta.

— O quê?! — Agora, sim, ela está furiosa. *Oh, merda!* — Queria saber se eu estava apta a fazer meu trabalho?! — Ela se levanta. — Você é mesmo um *bostas*!

Sou o quê?!

— Não é para tanto, você está fazendo uma tempestade em copo...

Ela sai do refeitório marchando com suas botas vermelhas sem olhar para trás, e eu percebo que estou fodido. Não vou conseguir abafar a química existente entre nós – sim, porque ela também sente! – e, ao mesmo tempo, não conseguirei que ela abaixe suas defesas para que eu possa ver no que isso pode dar.

Pego o celular e abro a loja de aplicativos, buscando o Fantasy novamente.

Preciso ressuscitar o Portnoy!

16

Kika

Pela primeira vez, depois de mais de dois anos de terapia, estou deitada no divã da doutora Jane. Antes eu ficava sentada, conversava, ria e fazia piadas com minha situação, mas hoje, não.

Desde ontem me sinto mexida com o que aconteceu entre mim e o Kostas Karamanlis, a visita dele à minha sala, seu anúncio de que vai trabalhar diretamente comigo, as provocações dele e minhas reações a elas. Eu estou confusa, muito confusa, e falar sobre isso não está sendo fácil.

— Mas você está se sentindo assediada? — Jane pergunta. — Você não está sendo muito clara sobre isso, Kika. Já a ouvi falar do homem, do quanto vocês se odiavam, me lembro de como ficou quando pediu demissão por causa dele. Agora você me diz que estão acontecendo “climas” estranhos entre vocês e que isso a está deixando confusa? Me explique direito.

Fecho os olhos, nervosa, respiro fundo e tento fazer o meu melhor para explicar a ela a situação toda da maneira mais clara e sincera possível.

— Eu acho que eu poderia me sentir assediada, sim. Ele é meu chefe, como adora ressaltar, então isso por si só é uma questão, mas não. — Olho-a. — O que está me incomodando não é pensar que ele possa estar interessado em mim, mas o que isso me causa.

— Acha que pode prejudicar seu emprego? Há formas de denunciar...

— Não, Jane! — Rio sem jeito. — Ele mexe comigo — não consigo encará-la ao admitir isso. — De todos os homens no mundo, Konstantinos Karamanlis consegue mexer comigo. Não sei como aconteceu. Claro que eu já tinha visto que ele é um homem bonito e muito charmoso, mas isso antes de ele começar a ser uma pedra no meu caminho.

— Hum...

Bufo de raiva e a olho. Odeio quando ela emite apenas esse

“hum”! O que significa? Eu venho para a terapia a fim de buscar respostas, mas saio daqui com mais e mais perguntas. Eu sei que é para ser assim, porém, isso irrita!

— Eu ando me sentindo mais solta, sabe?

— Você está, Kika. Se permitiu coisas que vão muito além de todas as suas fantasias. Saiu do seu mundo imaginário e investiu no real; ainda que de forma “virtual”, tinha alguém lá com você.

Concordo e penso em Portnoy e sua volta ontem.

Nem acreditei quando recebi notificação de mensagem privada no chat do Fantasy. Eu estava prestes a cancelar a assinatura e desinstalar o app, mas acabei esquecendo, por isso recebi a mensagem.

Ele tentou se justificar dizendo que estava com alguns problemas pessoais e que precisara de um tempo para pensar longe de tudo. Sinceramente, não me convenceu, mas ainda assim lhe respondi. Disse que ele não me devia explicações e que estávamos ali por isso: sem compromisso, sem amarras.

Foi aí que tudo ficou ainda mais estranho.

“Quais são as novidades de hoje?”

Li pelo menos uma dúzia de vezes essa pergunta, pois não

parecia coisa dele. Portnoy sempre se manteve distante desde que começamos a conversar. Claro que eu acabei conseguindo fazer com que ele soltasse uma ou outra informação pessoal, mas ele nunca o fazia voluntariamente. Acho que por isso mesmo quase nunca me perguntava as coisas, para não dar margem a ser questionado também.

Era a segunda vez que ele fazia esse tipo de indagação, e isso era, no mínimo, muito estranho. Alguma coisa mudara!

“Nada de importante, apenas dias corridos de trabalho, pressão e rotina.”

Esperei que ele entrasse no campo da safadeza, para lhe dizer que não estava a fim, mas mais uma vez fui surpreendida.

“Como estão as coisas na empresa onde trabalha?”

Meus pensamentos foram levados para o almoço e para a miscelânea de sentimentos que tive naquele pouco espaço de tempo.

Estava sentada, um tanto aborrecida por ter ficado tão

impressionada com a visita do Kostas. Atrasei meu cronograma da manhã e, por isso, tive que ir comer mais tarde e sozinha.

Já como sozinha em casa à noite todos os dias, então, durante a semana de trabalho, sempre aceito os convites para comer com algum grupo, conversar e relaxar um pouco. Como atrasei, não pude ir com as meninas para o refeitório e, por isso, estava comendo o que sobrara nas gôndolas do bufê.

O almoço estava deprimente demais, e eu me concentrava em mastigar – contando cada movimento das mandíbulas – e engolir a comida, olhando para o prato. De repente uma sombra se impôs sobre mim, e fui surpreendida pelo diretor jurídico sentando-se à minha mesa sem nem mesmo perguntar se podia.

Mal-educado!

Não vou dizer que foi tudo ruim, embora um certo formigamento estivesse presente em uma parte sensível do meu corpo, e isso estava me fazendo ficar cada vez mais reativa a ele. Não entendia e nem aceitava o que estava acontecendo, pois ele seria o último homem por quem eu deveria sentir desejo.

A verdade é que senti, e muito! E, mesmo não querendo, ainda sinto!

— Ele leu minha ficha — volto a falar com a Jane — e sabia o dia do meu aniversário. Eu o pressionei a dizer o motivo pelo qual a olhou, e ele disse que queria saber se eu estava apta a assumir um projeto junto a ele. Fiquei enfurecida. Se tivesse

outro copo com água na mesa, ele corria sério risco de ficar molhado, então saí de perto. Mas....

— Mas?

Lembro-me da fúria que sentia ao sair do refeitório e do tesão que também estava sentindo. Fiquei ainda mais irada por isso. Como eu posso sentir raiva e desejo ao mesmo tempo? Eu não quero sentir isso por ele, não por ele!

— A atração não deixou de existir mesmo depois de eu ter a confirmação de que ele continuava sendo um babaca e que esse fato não mudaria só porque pediu uma trégua e conversou comigo normalmente.

— Tesão? — Ela considera. — Fale-me sobre isso.

Rolo os olhos. Odeio esse jargão de terapeuta que ela usa. *Fale-me sobre isso?* Tesão, vontade, curiosidade, tudo junto e misturado à raiva e o desejo de voar em cima dele e dar muitos tapas naquela cara larga!

— Já falei sobre isso, não foi a primeira vez, embora tenha sido mais intensa que das outras — custa-me admitir isso. — Estamos nesse clima diferente desde que voltei para a empresa. É estranho, e eu não entendo o que desencadeou tudo isso. Era para eu desprezá-lo ainda mais depois de tudo, mas não.

— E Portnoy?

Suspiro.

— Voltou a aparecer. — Jane arregala de leve os olhos,

talvez não esperando essa resposta. — Disse que teve uns problemas pessoais e por isso se afastou. — Encaro-a. — Acho que ele deve ser um homem casado. — Faço careta. — Fiquei pensando que a esposa deve ter descoberto, ele saiu do app para não deixar rastros e depois voltou...

— Com o mesmo nome e perfil? — Assinto. — Não faz muito sentido.

— É... — Rio de mim mesma. — Ele estava estranho, perguntou sobre meu trabalho, não fez nenhum tipo de gracinha, não tentou uma provocação. Eu também não estava à vontade, era como se ele fosse outra pessoa.

— Como você não sabe quem ele *realmente* é, podia ser, não?

Nego com segurança.

— Não! Era ele, só que... diferente. — Sorrio. — Parecia que ele estava querendo se aproximar mais de mim.

— Isso é ruim?

Dou de ombros.

— Não sei. Tenho medo de quebrar a fantasia e descobrir que ele me causa o que todos os outros homens me causaram até hoje.

— Menos o doutor Konstantinos.

Gemo e tampo o rosto com as mãos.

— Parece que sim. — Xingo, e ela ri, já acostumada com

minha boca suja. — Será que sou sádica? — Jane gargalha. — Sério, de todos os homens com quem já tentei, será que o único a conseguir vai ser justo um que eu desprezo? Isso diz alguma coisa sobre mim? — Sento-me assustada. — Será que tenho alguma síndrome tipo aquela de Estocolmo ou...

— Kika, respira e não viaja, o homem nem tentou te sequestrar! — ela faz a brincadeira para descontrair, mas a vejo anotar no caderninho, e ela só anota nele quando a coisa está séria.

Eu estou mesmo fodida!

O final de semana foi bom! No sábado, depois da ida até a terapia, passei a tarde toda passeando com Kaká, Verinha e Ferdinando. Adoro a companhia da minha vizinha, e ela, como sempre, matou-me de rir com suas histórias. Depois de deixarmos os cachorros em casa, fomos ao cinema, e ela me perguntou, enquanto comíamos uma pizza após o filme, se eu tinha interesse em Vinícius.

— Sim, porque ele está amarradão em você.

— Ah, Verinha, somos vizinhos, e ele tem o Carlinhos também, então não quero misturar as coisas — respondi sem

querer entrar muito em detalhes.

Ela não insistiu, e isso é uma das coisas que mais gosto nela. Sem dúvidas é uma grande amiga, mas não se mete na minha vida. Tem acesso ao meu apartamento, confio nela desde a primeira vez em que nos vimos. No entanto, não é de perguntar ou dar pitaco nas minhas coisas.

No dia seguinte, fui até um dos asilos em que faço trabalho voluntário e fui surpreendida por uma pequena festinha. Fiquei sem jeito e vi a felicidade das senhoras e senhores que moram no lugar, recebi presentes – desde poemas a canções executadas por um trio que tocou junto a vida toda – e festejei a vida com as pessoas que mais entendem dela.

Os organizadores – o pessoal da ONG e alguns funcionários do local – levaram tantas coisas legais que passamos o dia fazendo o que eu mais gosto: produzindo as vovós, cuidando de seus cabelos, unhas e caprichando na "make up" e depois jogando damas e baralhos com os grupos.

Eu não gosto de festas de aniversário, mas essa, sem dúvida, foi perfeita para mim. Saí de lá leve, com o coração aquecido e morta de cansaço. À noite, só consegui me jogar na cama de pijama, agarrar meu Kaká e lhe fazer muito carinho, e sabe-se lá quando dormi, pois acordei hoje com o despertador, toda torta na cama e com a TV ligada.

Tinham mais de dez mensagens do Fantasy, mas ignorei

todas. Não estava me sentindo à vontade para conversar com Portnoy.

Saí correndo, porque, entre todas as notificações, estava o lembrete do lançamento que eu estava esperando na livraria perto do trabalho e, como não queria chegar atrasada, enfiei a primeira roupa que encontrei – um macacão justo de listras.

Entro na Karamanlis segurando junto ao peito o mais novo lançamento do meu autor favorito, feliz por ter conseguido comprá-lo a tempo. Estava há meses esperando esse livro ser lançado no Brasil para poder tê-lo em minha prateleira, junto aos dois primeiros. Não sei quando terei tempo para o ler, mas meus dedos já coçam de vontade de o folhear para ler o final.

Rio da loucura que sempre faço. Qual é a graça de ler mistério e sempre começar pelo final? Pois é, eu trapaceio! Não dá para ler T.F. Gray sem *spoiler*, senão arranco todos os cabelos durante a leitura.

Chego tão empolgada com a aquisição que nem percebo os olhares assustados do pessoal da minha equipe.

— Bom dia! — cumprimento-os, mas todos parecem um tanto murchos. — Rosi, o que houve?

A mulher para no meio do ato de carregar um dos meus cactos para fora da minha sala.

— *Ele* chegou antes de todo mundo e tumultuou tudo...

Ah, porra! Ele veio mesmo!

Lembro-me da “ameaça” de Kostas de se mudar para minha sala e bufo de raiva, esquecendo meu bom humor e afiando as garras para agarrar aquele pescoção e mandá-lo de volta – com um chute na bunda – para o outro lado do prédio.

— Eu posso saber... — emudeço ao ver minha mesa cheia de coisas e, no canto onde ficava uma poltrona – na qual eu gostava de trabalhar à noite, diga-se de passagem –, encontro uma mesa novinha, com um Macbook e uma pilha de pastas.

— Ah, a chefe do setor chegou! — Konstantinos Karamanlis faz questão de olhar para o relógio e levantar a sobrancelha. — Cheguei mais cedo e tive a surpresa de ver que a senhorita não levou a sério meu pedido de sexta-feira.

— Pedido? — Rio. — Isso é uma sandice! Minha sala tem a metade do tamanho da sua, por que quer vir para cá? Não há necessidade alguma!

— Quer ficar na minha? — Ele se encosta à beirada da mesa e abre um sorriso safado. — Eu não queria esse clichê de ter de perguntar se você preferia na minha ou na sua, então, como presumi que você é uma mulher moderna, assumi que preferiria na sua. — Dá de ombros e ri da minha cara de espanto. — Por mim, topo qualquer lugar que quiser. Quer ir para minha sala?

Mas que porra de conversa é essa?!

Está claro que ele fez esse joguinho com as palavras de

propósito, e, sinto informar a todos vocês, caí nele como uma pata! Não visualizei as salas enquanto ele falava, mas, sim, camas. *Eu estou perdida!*

— Ei, algum gato comeu sua língua?

— Não seja ridículo! — reajo. — É claro que não quero ir para sua casa... — balanço a cabeça e corrijo rápido – digo, sala! Não há nenhuma necessidade disso, trabalhamos no mesmo andar!

Ele parece estar se segurando para não rir, e eu tenho vontade de gritar e expulsá-lo daqui a berros! Entretanto, não vou dar esse gostinho de ele me fazer bancar a louca e ainda conseguir me tirar da conta da Ethernium. Sim, deve ser isso que o babaca quer, afinal, por que outro motivo ficaria no meu pé desse jeito?

— A senhorita está enganada sobre o que é necessário ou não. — Senta-se em sua cadeira, dá uns pulinhos ridículos nela para testar – o que faz com que eu olhe para seu colo e imagine como seria me sentar ali, enquanto ele se agita dessa forma – e, em seguida, pega uma das pastas. — Se fosse uma gerente responsável, saberia que tivemos mais cinco pedidos de reuniões e que nosso cliente marcou um encontro conosco, mas... — encara-me — chegou atrasada. Final de semana de muita loucura e comemoração?

Será que sangue ferve ao atingir 100 graus igual à água? Se

sim, qual será a temperatura necessária para fazer virar vapor rapidamente? Porque, com certeza, já estou nessa! Se estivéssemos em um desenho animado, vocês veriam nuvens de vapor saírem dos meus ouvidos e narinas.

Primeiro, ele entra na *minha* sala, mexe nas *minhas* coisas e faz uma bagunça em tudo. Só isso já era motivo para eu estar apitando igual a uma maria-fumaça, mas não, ele é o Bostas Karamanlis, precisa ir além! E o que ele melhor faz nessa vida senão questionar meu profissionalismo?

Cheguei cinco minutos atrasada porque parei na livraria para pegar o livro, só isso! Tudo bem, admito que poderia ter passado lá na hora do almoço, mas eu corria o risco de não conseguir sair da empresa e o livro esgotar. Não poderia ficar sem meu exemplar!

Contudo, o que ele sabe sobre amar ler e ter um autor favorito? O homem só deve ler jurisprudência o dia todo!

Conto até dez, tentando me acalmar e não dar a ele o que pretende: mais uma desavença entre nós e um problema para o Theodoros resolver. Vou até minha mesa e tiro algumas coisas de cima dela, deixando meu livro em um canto seguro.

— Ainda assim, estamos no mesmo andar, e minha sala é muito apertada para nós dois.

— É, eu sei — encaro-o quando admite. — Tudo bem. — Fica sério e fixa seus olhos azuis nos meus. — Já estou

acostumado, Wilka Maria, sou grande, fico apertado na maioria dos lugares.

Ah, puta merda!

Fecho os olhos e tento expulsar da mente a imagem que insiste em aparecer sem parar, mas não consigo! Tudo o que vejo é Konstantinos Karamanlis nu e me provando que realmente é muito *grande.*

17

Kostas

Termino de ler a peça feita por um dos advogados do contencioso para uma ação de reintegração de posse de um dos prédios cuja Karamanlis é dona e que foi invadido há pouco tempo por um desses movimentos sem-teto. Essa é a parte mais chata do trabalho, cuidar desses elefantes brancos adquiridos na gestão de Nikkós, que ficaram sucateados, pois ele mesmo desistiu dos empreendimentos. São verdadeiras carcaças, sem água, sem luz e sem acabamento, abandonadas pela cidade em áreas que não compensam o investimento – mais uma das

merdas feitas pelo idiota do meu pai – e que só geram prejuízo e dor de cabeça.

Para piorar, somos depositários de outros desses – a maioria em litígio ou inventário – em áreas nobres da cidade e que passam pelo mesmo problema de invasão. Prédios praticamente prontos, mas abandonados, cujos donos faleceram e os herdeiros não chegaram em consenso sobre a partilha, e a Karamanlis foi indicada como guardiã do bem até o final do litígio. Uma verdadeira merda!

Levanto os olhos e vejo Wilka concentrada lendo algo na tela do computador enquanto rói um tipo de barra de proteínas. Rio disso, pois, nesses dias em que estamos dividindo a sala, percebi que ela não come, ela rói! Vai tirando pedaços mínimos – seja dessa barra proteica ou mesmo de chocolate –, o que faz com que fique muito tempo com aquilo na boca.

Já tive ereções lhe assistindo comer chocolate, admito. Ela colocava uma ponta do doce na boca e deixava derreter, então lambia os lábios. Porra, nunca passei por um negócio tão sensual, só ficava imaginando-a cobrindo meu pau de chocolate e o degustando da mesma forma.

O olhar dela de repente encontra o meu – talvez tenha sentido que eu a estava observando –, e ela arruma a postura e tira a barra da boca, deixando-a de lado.

Ergo a sobrancelha, e ela pigarreia.

— Está à toa aí? — pergunta. — Tenho páginas e páginas de documentação dos locais que nos deram retorno positivo; se quiser, posso dividir com você.

— Ah, que boazinha, dividindo diversão! — Sorrio sarcástico. — Não, obrigado.

Ela cruza os braços, e meus olhos são atraídos para o volume de seus seios. Desvio-os rapidamente para que ela não perceba.

— Ué, o propósito de você ter imposto sua presença aqui na minha sala não foi participar de todas as etapas dessa conta? — Ela me olha com um meio sorriso, e eu fico duro.

Preciso admitir que me mudar para a sala dela não foi a coisa mais inteligente que fiz. É certo que resolvemos muitas questões relacionadas a Ethernium, mas a proximidade física tem fodido com minha libido, deixando-a nas alturas.

Eu só não estou perdendo a cabeça ainda porque reconheço que um jogo inteligente é um bem pensado e feito com calma. Desde que entreguei os pontos e admiti para mim mesmo que, mesmo ela sendo alguém do meu convívio profissional, eu precisava fodê-la, tenho ido devagar para quebrar o gelo com a irritadinha.

Não tem sido fácil! Do mesmo jeito que Caprica e Portnoy se provocam de maneira natural, nós dois, de verdade, discutimos com a mesma naturalidade. É incrível como não

percebi antes que ela e a Cabritinha eram a mesma pessoa!

Tenho falado com Caprica todas as noites – o que tem salvado meu saco de ficar preto e cair de tanto tesão acumulado – e, quando leio as mensagens dela, posso ouvir sua voz e reconhecer que ela escreve do mesmo jeito que fala.

Tenho observado como Wilka é com a equipe e visto o porquê de tantas pessoas dentro desta empresa gostarem dela. A mulher não esquece nada! Se um colega de trabalho comenta que está com dor de dente, dias depois ela ainda pergunta se ele já foi ao dentista; se alguém comenta algo do filho, podem se passar dias, mas a pimentinha lembra e indaga. Ela aproxima as pessoas e lhes dá atenção, mesmo em meio a todas as horas que se mantém trabalhando.

Não sei se isso é algo inerente ou se ela criou esse hábito para fazer essa imagem de mulher de negócios, mas afetuosa. A estratégia é inteligente, pois a equipe se mata para cumprir as coisas que ela pede, e nunca, até o momento, a vi falando mais incisivamente com nenhum deles.

A pimentinha guarda sua língua afiada para mim!

— E você ressaltou várias vezes que não precisa que eu me meta em todos os assuntos dos *hunters* — volto ao assunto e aponto para o computador dela. — Esse, a meu ver, é um assunto da sua gerência.

Ela se surpreende com minha resposta.

— Ora, ora... acho que nossa convivência está te fazendo mais inteligente! — Sorri debochada. — Mais algum tempo por aqui e quem sabe você vire uma pessoa de verdade!

Faço minha cara de tédio, que geralmente deixa engraçadinhos sem jeito, e ela gargalha.

O som da risada preenche o ambiente, e eu sou levado à nossa última conversa no chat do Fantasy.

"Pode esquecer, que não vou comprar isso dessa vez!"

Escrevi categórico quando ela me mandou a foto de um estimulador de próstata. Achei estranha a foto, pensei que ela queria que eu comprasse um vibrador para que usasse em si mesma, mas, quando pesquisei, engasguei-me e cuspi meu caro e macio bourbon, negando em seguida a possibilidade de enfiar algo vibrando no meu rabo para saber se o gozo era mais intenso.

Foi nesse momento que ela enviou um "KKKKKKKK", e eu pude ouvir, nitidamente, a mesma risada que escuto quando ela está com os amigos ou como a que emitiu agora.

"Está com medo de gostar muito, Portnoy? Não tem problema, isso não afeta sua masculinidade!"

Fiz uma careta, mas ri, imaginando sua expressão debochada e sua gargalhada alta ecoando pelo apartamento.

“Talvez possamos conversar melhor sobre isso quando você se dignar a me conhecer pessoalmente!”

Dei a cartada final, achando que, mais uma vez, ela iria correr, mas conseguiu me surpreender.

“Se prepara, então, estou pensando seriamente em fazer isso!”

Fiquei olhando para o celular sem entender aquilo, afinal, estávamos havia mais de um ano conversando, e ela nunca dera sequer esperanças de um encontro! Por que justamente agora?

“Oi? Não gostou da novidade?”

Não fazia ideia de como responder. Isso era tudo o que eu

queria desde quando nos encontramos no aplicativo, mas agora, depois de descobrir quem ela realmente é, não sinto nenhuma vontade mais de ser outra pessoa. Voltei a ser o Portnoy para entender um pouco mais dela, pois, como Kostas, não temos nenhuma intimidade. No entanto, não tenho intenção de me encontrar com ela fingindo ser outra pessoa.

“Não sei se posso confiar nisso! Espero esse encontro há mais de um ano. Por que agora?”

Arrisquei a pergunta, mas ela desviou o assunto dizendo como gostaria de me encontrar, e acabamos em mais uma fantasia que terminou em gozo e uma satisfação questionável, pois a ideia de ela querer ver Portnoy não saía da minha cabeça.

Volto à realidade do escritório ao vê-la sair da sala, passando em frente à mesa que mandei instalar na segunda-feira de manhã. Foi uma delícia vê-la sem saber o que fazer, provocá-la por causa de seu atraso e deixar mais umas frases de duplo sentido no ar.

Eu sei que Wilka Maria sente o mesmo caralho de atração que sinto. Contudo, é muito mais controlada do que eu. Ela citou uma vez um tal Kaká, então presumo que possa buscar alívio

nesse pau amigo, mesmo sendo eu a despertar seu tesão, e, por isso, não está tão necessitada quanto eu.

Bem, isso não é de todo verdade, pois tenho ainda contratado uma ou outra prostituta, senão a coisa estaria bem pior, e eu já a teria agarrado, deitado em cima dessa mesa e trepado com ela até perder a razão.

Wilka Maria volta com duas xícaras de café nas mãos, para em frente à minha mesa, deixa uma e segue para a sua própria. Olho para a bebida fumegante, o cheiro maravilhoso invadindo o ambiente, e franzo a testa.

— Pode beber sem medo. É café, não cicuta — informa, bebericando em sua xícara, com sua sobrancelha debochada erguida e um leve sorriso aberto.

Puxo a xícara para mais perto, mas ainda não a pego.

— Cuspiu dentro? — brinco, e ela quase se engasga.

— Como você é desconfiado! Ninguém nunca fez uma gentileza para você, não?

Rio.

— Algo me diz que não foi uma gentileza.

Ela dá de ombros.

— Não foi, é verdade. Foi mais um ato de proteção, afinal você estava aí sentado com uma cara de cachorro que caiu da mudança, resmungando igual ao Muttley — ela me encara —, o cachorro do Dick Vigarista, conhece? — Rolo os olhos e

assinto. — Então pensei que um café bem forte poderia curar qualquer que fosse essa coisa que estava acontecendo contigo.

Pego a xícara e experimento a bebida, comprovando que não tem nada estranho mesmo com ela.

— Que atencioso! — debocho.

— Eu sou atenciosa. — Abre um enorme sorriso. — Com quem merece, claro! Mas, no seu caso, foi somente por proteção mesmo. Não preciso de um advogado do seu tamanho andando mal-humorado pelo meu setor.

Bebo de novo e balanço a cabeça.

— Você é mesmo uma pimenta, Wilka Maria! — penso em voz alta.

Ela para de beber e fica um tempo estática, olhando-me assustada, e eu tento lembrar se Portnoy já a chamou assim. Sinceramente, não lembro, então não faço ideia do motivo que a deixou assim.

— Espero que isso não seja uma ofensa — ela diz, e eu resolvo aproveitar o gancho.

— Não, pode ter certeza de que é um grande elogio. Eu adoro pimenta!

Pisco e volto a mexer na peça que estava olhando antes. Escuto-a soltando o ar devagar, meu corpo inteiro treme como se a respiração dela tocasse minha pele, sensual, carregada da eletricidade que sinto quando estamos próximos.

Preciso admitir, mesmo sendo um tanto inconveniente, é muito interessante estar vivenciando algo tão diferente de tudo o que já fiz. Com uma garota de programa ou uma desconhecida não há tempo para isso, é algo quase mecânico; aqui com ela, não.

É nitroglicerina pura, e eu não vejo a hora de poder explodir tudo!

Depois do almoço tive uma rápida reunião com o pessoal do Millos, por quem fiquei encarregado, por isso não encontrei mais Wilka Maria na parte da tarde. Retornei à minha própria sala, chamei os coordenadores para conversar sobre alguns dos processos que mexemos nesta semana em que estou entocado na gerência de *hunter* e, quando anoiteceu, voltei para a sala que divido com ela.

Claro que a baixinha viciada em trabalho ainda estava à sua mesa, fazendo anotações em um caderno ao lado do teclado do computador, compenetrada em suas análises, a ponto de só erguer o olhar para confirmar que era eu por míseros segundos.

— Amanhã vou ajudar com a documentação que chegou — informei-a, e ela apenas assentiu. — Não é a parte que me cabe,

mas parece que você não vai dar conta.

— Vai para o inferno, Kostas — ela disse sem me olhar, e eu ri, gostando de ela não ter dito o "doutor" antes do meu apelido. — Veio para cá para isso, mas, se acha que vou ficar implorando ajuda, está muito enganado. Claro que dou conta!

— Imagino que sim! — Apoiei-me na beirada de sua mesa, e isso fez com que eu tivesse sua atenção. — Quantas páginas analisou hoje? — Não respondeu, apenas deu de ombros. — Já passa das 22h. Pretende ficar aí até quando?

Ela franziu a testa, uma coisa que percebo que faz muito, e se dignou a me olhar.

— Preocupado com meu bem-estar, doutor?

— Não, pelo sarcasmo na sua pergunta, sei que está ótima! — Ri, e ela me acompanhou. — Dividi melhor meus trabalhos com os outros advogados para poder me dedicar mais a essa nossa missão conjunta. Não quero que, depois de conseguirmos fechar a conta, você fique por aí se gabando de que fez tudo sozinha.

Wilka salvou o documento, desligou o computador e pegou seu caderno, colocando-o em sua bolsa.

— Está achando que eu sou você? — provocou-me.

Olhei para o livro que ela tirou da bolsa para acomodar melhor as outras coisas, peguei-o e o folheei um pouco.

— Uma leitura interessante, porém, popular demais —

analisei, e ela o tomou de minha mão sem a menor cerimônia. — Não sou eu quem diz isso, mas a crítica no geral.

— Foda-se a crítica! — Gargalhei. — Eu entendo que toda arte tem seus entendidos, mas isso não significa que o que eles dizem seja verdade absoluta. Tudo o que faz muito sucesso, eles rotulam como "popular" ou "para o público em geral", como se isso fosse ruim.

Levantei as mãos.

— Calma! Não sabia que estava lidando com uma fã. — Ela bufou. — Eu nunca li nada dele, mas cheguei a comprar os primeiros volumes.

Bingo! Quase aplaudi a mim mesmo ao ver a perplexidade em seu rosto. É claro que eu sabia que ela era fã do Gray, afinal, já me disse isso no aplicativo e ainda ficou puta quando fingi confundir o autor com o personagem de um romance, ressaltando que o outro era *Grey.*

Questionei-me como não pensei nisso antes. O melhor jeito de puxar um assunto era falando sobre livros. Eu conheço o gosto dela, sei o que gosta de ler, embora sejamos diferentes.

— Deveria ler e tirar suas próprias conclusões, então.

Ah, perfeição!

— Quando tiver tempo, quem sabe. Mas você poderia tentar me convencer também. — Apontei para sua bolsa. — Depois que terminar a trilogia, diga se vale a pena; senão, nem

começo.

— Combinado, então. — Saí de onde estava para ela passar, mas vi um sorriso aparecer em seu rosto. — Boa noite, doutor.

— Boa noite, Wilka Maria.

Fiquei muito satisfeito com essa conversa, confesso. Senti uma boa camada do gelo entre nós derreter, e isso é algo bom.

Agora, quase à meia-noite, ainda estou na empresa e decido abrir o e-mail corporativo antes de ir para casa.

— Puta que pariu! — solto um berro com o xingamento.

Não posso acreditar no conteúdo do memorando que chegou da diretoria executiva. Hoje, quando fui até lá para falar com o pessoal do Millos, fiquei sabendo que, na semana passada, Theo havia cancelado todos os seus compromissos do dia e que tinha viajado para algum lugar.

Imaginei logo com quem estaria, se com a bela e meiga Valentina ou com Maria Eduarda Hill.

— Claro que foi com a dona do boteco! — Rio ao ler o pedido de cancelamento da ação para a execução da promissória. — A mulher conseguiu domar o idiota do meu irmão, e ele, mais uma vez, está sendo dominado pelo pau e se esqueceu de tudo.

Não de novo!, penso já redigindo um e-mail para o detetive que coloquei para segui-lo. Dessa vez, antes de fazer uma merda fenomenal e só foder os outros, meu irmão vai sentir sozinho os

efeitos de sua inconsequência.

Theodoros Karamanlis acabou de cavar a própria cova!

18

Kika

Termino mais um capítulo do livro e solto um suspiro. Sim, eu sou fã demais desse autor, não tem como não ser. Mesmo que a crítica americana o detone lá fora, o sucesso dele e sua legião de fãs é inquestionável. O homem é foda!

Penso em Kostas e na conversa que tivemos há horas dentro do escritório. Pela primeira vez senti uma conexão boa com ele, além da inconveniente atração física.

Devo admitir que a convivência com ele não é fácil, mas não é tão difícil quanto imaginei que seria. Passamos esses cinco

dias da semana juntos na mesma sala e ainda estamos vivos e sem nenhuma marca de mutilação! Soube que está rolando um bolão na empresa sobre em quanto tempo a ideia de trabalharmos juntos vai dar merda.

Rio ao pensar nos azarados que apostaram em menos de uma semana; já perderam o dinheiro, pois, contra todas as probabilidades, suportamos bem um ao outro e passamos no teste da primeira semana.

Meu amigo Leo é quem foi esperto, fez várias apostas diferentes, então ainda tem chance de levar a grana, que eu soube que já está em um valor considerável. Eu mesma quis apostar, mas lógico que ninguém quis aceitar meus palpites, afinal sou parte envolvida.

— Qual o menor e o maior período? — perguntei a Lene enquanto almoçávamos em um dia desses da semana.

— Uma hora e um mês. — Ela riu. — Ninguém ainda arriscou mais do que isso.

— Já fecharam as apostas? — Estava me sentindo curiosa e divertida.

— Já, mas, caso se passe o período máximo com vocês ainda juntos, vão ser abertas de novo. A verdade é que essa ida dele lá pro nosso setor mexeu com a cabeça de todos aqui na empresa, ninguém entendeu nada!

— Nem eu, mas, conhecendo-o o pouco que conheço, sei

que não dá ponto sem nó, deve estar aprontando alguma.

Ela concordou comigo, e desviamos o assunto para uma festa de aniversário a que ela iria e, por isso, me pediu dicas de roupas.

A história da aposta ficou martelando em minha cabeça durante todos os dias, pois, a cada começo de expediente, eu sempre questionava se seria o último da aparente paz.

Ele me confunde! Vejo uma obscuridade tão grande em seus olhos, um mistério, algo que me traz uma sensação de reconhecimento, porque eu mesma, debaixo de toda essa minha capa alegre e extrovertida, tenho meus demônios a esconder.

A atitude dele comigo hoje, especificamente, desconsertou-me. Nunca imaginaria que iria se oferecer a me ajudar daquela forma, parecendo preocupado com meu ritmo de trabalho, e, muito menos, que iria se interessar pela minha opinião sobre uma obra literária.

Foi uma boa surpresa descobrir que ele gosta de leitura. Quem ama ler, assim como eu, sempre ganha pontos extras quando conheço. É uma diversão solitária; ao contrário do cinema e teatro, você geralmente o faz sozinho, por isso mesmo é tão gostoso quando encontramos quem também cultiva essa paixão.

Foi assim com a Verinha, a vizinha que se tornou amiga e babá de Kaká. No dia da minha mudança para cá, ela passou

pelo saguão enquanto eu estava subindo com umas caixas e me ofereceu ajuda.

— Oxe, o que você carrega aqui dentro? Chumbo? — perguntou fazendo caretas.

— Não, livros. — Ela arregalou os olhos. — São 10 caixas dessas. Eu mesma não sabia que tinha tantos exemplares.

— Sei bem, a gente sempre tem a sensação de que não tem nada para ler, mesmo tendo uma biblioteca do tamanho de um campo de futebol. — Deu sua risada tão bonitinha. — Eu sou Vera Lúcia, sua vizinha de andar. Pode me chamar de Verinha, todo mundo só me chama assim.

— Eu sou a Kika! — disse animada. — Você também gosta de ler?

— Muito! Eu trabalho em casa, pela internet, então faço meu horário, e sempre tiro um tempinho para ler. Meus amigos me chamam de coruja, porque, se não fosse preciso levar Ferdinando para passear, eu ficava encorujada dentro de casa, sem ver ninguém, só lendo.

— Ferdinando?

— Meu filho *pet*, um bulldog francês.

Foi aí que eu soube que ela iria se tornar uma grande amiga. Falei sobre Kaká, que ainda estava no antigo local onde eu morava. Ela logo se dispôs a me ajudar a tomar conta dele, e passamos horas arrumando os livros pelo apartamento e falando

dos nossos bichinhos.

Rio, voltando a me lembrar de Kostas e pensando que a única coisa que falta é eu descobrir que ele também tem um bichinho de estimação.

— Não! — descarto a ideia e olho para o Kaká dormindo aos meus pés, debaixo da colcha. — Aposto que nem plantas!

— Parabéns, minha amiga! — Abraço Verinha ao lhe dar seu presente.

Fui convidada para essa festa surpresa, no meio do sábado, por um Vinícius bem nervoso. O pessoal do prédio se reuniu para comemorar o aniversário de Verinha, mas, por causa do meu horário de trabalho, que nessa semana foi bem puxado, não conseguiram falar comigo.

— Eu deixei o bilhete debaixo da sua porta, mas algo deve ter acontecido com ele — Vinícius se justificou.

— Ah, provavelmente foi o picadinho que achei no tapete da sala. — Ri. — Kaká destruiu o intruso.

— Nem pensei nessa possibilidade! — Ele parecia bem sem jeito. — Você vai?

— Claro! Obrigada por ter vindo aqui falar comigo.

Ele fez uma careta tão bonitinha!

— A verdade é que eu não vim desinteressadamente. — Deu um sorriso charmoso. — Preciso de ajuda para comprar um presente.

Foi assim que, duas horas depois, nós andávamos por um shopping à procura de algo especial para Verinha. Preciso admitir que eu não esperava me divertir tanto ao lado dele. Contudo, foi o que aconteceu. Vinícius é um homem muito cavalheiro, atencioso e lindo.

Durante o passeio notei várias mulheres olhando-o com interesse, só que ele mesmo não parecia ligar para isso, ou talvez fosse algo a que já estivesse acostumado. O fato é que recebi vários olhares de inveja e achei isso divertido.

Paramos para tomar um chope bem gelado por causa do calor, no intervalo das compras, e ele me contou um pouco como foi a semana no trabalho.

— Eu acho muito bonita sua profissão — elogiei. — Os desafios que vocês enfrentam, a preparação que precisam ter, além da coragem.

— Eu amo isso! — admitiu orgulhoso. — Ainda criança dizia que queria ser bombeiro; na adolescência, meus amigos se preparavam para o vestibular, e eu fazia o pré-militar para ingressar na Academia do Barro Branco[10]. Passei, estudei quatro

anos lá, depois fui para a escola oficial dos bombeiros e aí integrei a corporação. São 15 anos nessa profissão com muito orgulho.

— Quando você vê que a pessoa faz o que ama, o jeito de falar é empolgante. Carlinhos deve ter muito orgulho de você.

— Diz que vai ser igual quando crescer, mas a mãe prefere que seja advogado ou médico. — Ele riu. — Ela diz que só uma profissão bonita não paga as contas. — Deu de ombros, rindo. — Tenho uma vida confortável, mas não sou rico.

Entendi que esse devia ser um ponto sensível no casamento, pois, pelo que sei, a mãe do Carlinhos é jornalista de uma grande revista, famosa na área. Deve ter um belo salário, e nem sempre um casal consegue superar isso, a esposa ganhar mais que o marido. Não conheço o Vinícius o suficiente para saber se ele é machista, ou se foi ela quem se incomodou com isso. Acontece dos dois lados, infelizmente.

Claro que deviam ter outros problemas, mas, pela forma com que ele falou sobre o assunto, notei que era um desabafo.

Depois de termos comprado o presente de Verinha – e alguns brinquedos para o Carlinhos –, voltamos para o prédio a tempo de nos arrumar e seguir para o pequeno salão de festas no terraço, onde agora estão todos reunidos comemorando.

— Obrigada, Kika! — Verinha me abraça emocionada ao receber o presente.

Cumprimento alguns vizinhos e encontro o Vinícius sozinho – lindo de parar o trânsito – encostado em uma vidraça com uma *long neck* na mão.

— Você está linda! — elogia-me assim que me vê. — Aceita uma?

— Não, acho que vou beber um vinho, vi servindo por...

— Eu pego para você, posso? — Deixa a garrafinha na janela e depois volta com uma taça de vinho tinto. — Chileno, Carbenet Sauvingnon; é tudo o que sei, porque li no rótulo.

Rimos juntos, e eu lhe agradeço.

— Achei incrível todo mundo se juntar para fazer uma festinha! — digo animada. — Ficou linda!

— No seu aniversário podemos fazer uma assim também. — Pisca. — Você só precisa dizer a data.

— Ah, não, não se preocupa com isso, está longe — respondo sem jeito, bebendo o vinho. — Hum, ótima safra.

Uma música antiga, de balada romântica, começa a tocar, e alguns casais vão dançar no meio do salão. Vinícius estende a mão para mim e, de novo, tem aquele sorriso lindo no rosto.

— Aceita dançar comigo?

Ah, gente, ele é tão fofo!

E ótimo bailarino, pelo que posso comprovar enquanto ele me conduz lentamente pelo salão ao ritmo da música do George Michael. Adoro esses flashsbacks; não peguei essa época,

infelizmente, mas gostaria de ter ido a algum baile na adolescência enquanto se tocava algo assim.

— Seu perfume é uma delícia e parece muito com você — sua voz ecoa rouca ao meu ouvido, e eu fecho os olhos.

Oportunidade, Kika!

Lembro-me de Jane falando sobre eu me dar a oportunidade de sentir, de deixar a conexão vir, de aproveitar o momento. Sinto a mão dele nas minhas costas, por cima do tecido do vestido, a carícia leve, a dança envolvente. Espero acontecer, sentir a mesma atração que o diretor jurídico da empresa desperta em mim apenas por estarmos no mesmo ambiente, mas não sinto.

Droga!

A música acaba, Verinha me chama para tirar foto com ela, e a oportunidade passa.

O que será que tem de errado comigo?, questiono-me sobre isso o resto da noite, até chegar a casa e, frustrada, abrir o aplicativo do Fantasy em busca de Portnoy.

"Boa noite, Punheteiro. Na balada?"

Como ele não visualiza de pronto, tomo um banho longo, sentindo-me um tanto "alta" por causa das taças de vinho que

tomei e frustrada por não ser normal. Eu poderia ter aceitado a escolta do bombeiro até meu apartamento, fingir que eu estava em chamas e o chamado para apagar.

Mas não, apenas agradeci o oferecimento, alegando que estava bem, e desci sozinha para passar mais uma noite solitária e cheia de questionamentos.

Pego o celular e vejo a notificação que me faz abrir um sorriso.

“Oi, Cabritinha. Não, em casa trabalhando, e você?”

Penso no que escrever, na conotação que vou usar. Se o provocar, sei que teremos uma noite divertida de sexo virtual; se puxar conversa, vou acabar desabafando com ele, e não sei como vai reagir a isso.

“Acabei de chegar de uma festa, agora vou dormir, mas antes queria falar contigo.”

Portnoy não demora nada a responder.

“Estou à disposição. Use e abuse!”

Rio de seu humor e suspiro.

“Esses dias têm sido surpreendentes. Primeiro, o chefe com quem eu vivia entrando em embates me surpreendeu positivamente. Estamos trabalhando juntos por um tempo, por isso estamos convivendo mais. Ainda o acho um arrogante machista, mas talvez tenha algo que o salve. Rs.”

Portnoy não responde, mas vejo que continua online.

“Hoje, um vizinho e eu fomos ao shopping comprar um presente para uma amiga. Eu sempre desconfiei que ele estava interessado em mim, mas hoje acho que ficou bem evidente quando dançamos na festa.”

Portnoy digita, e a mensagem que aparece me faz rir.

“Fez sexo com ele?”

Será que ele se excitaria com detalhes de uma transa minha com outro? Eu até poderia descobrir isso, mas não estou com

vontade de criar uma cena fantasiosa apenas para excitá-lo. Quero conversar.

"Não, e isso me deixou frustrada."

"Por quê? Você queria muito?"

Rememoro a noite, a dança, depois a conversa e os toques sutis.

"Não, e foi isso que me frustrou. Eu sei que parece confuso, mas eu esperava sentir por ele o que sinto com você e o que senti com outra pessoa. O fato é que eu achei que, por gostar dele, termos afinidade, seria mais fácil me sentir atraída, mas percebi que não é assim que funciona."

"Não é."

A resposta seca, sem nenhum questionamento ou brincadeira me surpreende.

“Assunto chato, talvez devêssemos falar de outra coisa.”

“Não, continue. Fale sobre a pessoa por quem você se sentiu atraída além de mim. Por que ainda não treparam? Está enrolando-o também como faz comigo?”

Rio, pensando em Kostas.

“Não é tão simples! Por mais que eu me sinta atraída e, às vezes, sinta algo nas suas provocações, não sei o quanto disso é apenas um tipo de jogo para ele. Não temos bom relacionamento, então é estranho nos sentirmos assim.”

“O que pode ser complicado em uma transa? Se vocês estão a fim, qual é o problema?”

“É o meu chefe insuportável, Portnoy! Pense em todos os problemas éticos que isso pode acarretar.”

Ele não responde. Eu aguardo para saber o que ele pensa do que acabei de revelar, mas não há nenhum sinal de digitação,

embora o status continue online.

“Estou pensando em te ver pessoalmente.”

Resolvo cutucar uma reação, mas a resposta não vem como eu espero.

“Vai me usar para descontar todo o tesão que sente por ele?”

Usar? O questionamento me deixa sem saber o que responder, afinal, isso entre nós sempre foi sobre sexo, sobre darmos vazão às nossas fantasias. Por que agora ele está falando em eu usá-lo?

“Isso seria ruim? Acho que a culpa de eu estar atraída por ele é sua, das nossas conversas e... eu sei que você vai achar que sou louca, mas, quando te imagino agora, vejo-o.”

“Sobre a questão que me fez: não, não seria ruim, mas você acha que resolve seu problema? Não seria mais fácil ter uma noite muito gostosa com ele e seguir em

frente? Aposto com você que ele gostaria disso! Sobre me ver nele, duvido que seja tão gostoso quanto eu.”

Gargalho, achando os dois ainda mais parecidos agora.

“Pelo menos na arrogância os dois empatam!”

Bocejo e me estico na cama, fazendo carinho em Kaká, que já se instalou ao meu lado.

“Preciso dormir, amanhã acordo cedo, pois vou fazer tai chi e depois vou ao hospital.”

“Por que você faz mesmo esses trabalhos? Me lembro de termos falado sobre isso, mas não da sua motivação.”

“Aprendi a amar o trabalho voluntário com meu pai. É importante para mim. Boa noite. Obrigada pela conversa e pelo conselho.”

Ele digita, mas depois para um tempo e, quando manda a

mensagem, é apenas um “boa noite”. Acho que ele escreveu algo, depois se arrependeu, mas, como estou realmente com muito sono, não prolongo o assunto com isso.

Programo o celular para despertar, fecho os olhos, e a primeira imagem que me vem à cabeça é a do sorriso do Kostas enquanto falávamos sobre meu gosto literário.

Ele tem a mesma opinião do Portnoy sobre esse assunto!

19

Kostas

Eu só quero saber como um homem consegue dormir depois de ouvir da mulher que tem mexido com seus hormônios a tal ponto de fazê-lo sentir-se mais adolescente do que já foi que ela o deseja.

E mais, que dispensou outro cara porque não conseguiu superar o desejo que sente por ele! *Porra!* Eu nunca passei por uma situação dessas! Pago por prazer sempre, não tenho essa dinâmica de conquistar, convencer e seduzir.

Acabo de descobrir que a sensação é boa pra caralho!

Fiquei puto, sim, quando ela disse que preferia encontrar-se com um homem que nunca viu a trepar comigo. Fiquei louco com isso e com o firme propósito de fazer Portnoy desaparecer em breve. Ele pode ser um empecilho, e seria um tanto ridículo eu mesmo me atrapalhar a seduzir alguém.

Wilka Maria será minha! Essa constatação é inebriante, excitante e muito diferente de tudo o que já experimentei nessa minha vida fodida. Respiro fundo para que a empolgação não me torne irracional, afinal, nossa situação, como ela bem já lembrou, exige cautela.

Tudo indica que não há nenhum outro interesse em mim a não ser o físico, mas ainda assim não posso confiar nela cegamente. Não sei como ela vai se portar depois que tivermos ido para a cama. Pode tornar-se grudenta, apaixonada ou mesmo uma manipuladora, querendo tirar proveito da situação de ter pegado um chefe, um dos herdeiros da empresa em que trabalha.

Concordo que há muitos problemas éticos e legais em um envolvimento sexual entre nós, mas já não tenho como voltar atrás. Wilka Maria é uma caixinha de surpresas, e eu pretendo abri-la para descobrir o que tem dentro.

Sempre achei que a história do trabalho voluntário que a Caprica fazia era mentira, um jeito de parecer bacana, mas, sabendo quem ela é, acho que faz muito sentido. A verdade é que a Cabritinha é uma camaleoa! Nunca pude imaginar que

havia tantas camadas nela e que, em cada uma, haveria uma surpresa que me atrairia.

Contudo, tem. Ela é surpreendentemente sexy.

Gosto da ideia da mulher fatal, ninfa do sexo, mas também aprecio a executiva inteligente e compenetrada; a irritadinha boca suja me excita, assim como a mulher sensível que aprendeu a fazer trabalho voluntário com o pai.

Olho para a tela do computador e leio a última frase que escrevi, imaginando como seria a reação dela ao saber quem eu realmente sou.

Do mesmo jeito que tenho meus segredos, ela também tem os dela. Comecei a pensar sobre isso a partir do dia do seu aniversário. Qual seria o motivo para não contar a ninguém e, ainda, ter ficado tão puta comigo como ficou quando eu disse que sabia? Meu faro investigativo não falha, e Wilka Maria certamente esconde algo.

Releio as mensagens que trocamos hoje, buscando analisar cada palavra que ela escreveu aqui. Foi uma conversa diferente de todas as que já tivemos. Ela viu Portnoy como um amigo e uma solução para a confusão que estava passando. A executiva segura de si deu espaço a uma mulher dividida entre o tesão que sente e a ética.

Já passei por isso, assim que descobri que era a mulher que me enlouquecia online, e sei bem quem ganha a parada entre as

duas coisas: o tesão. Sinto que estou jogando de maneira correta, não pressiono, deixo que ela mesma decida quando, sim, porque isso é só uma questão de tempo.

Leio sua mensagem dizendo que vai fazer tai chi chuan amanhã de manhã, e a imagem do pessoal fazendo isso no parque Trianon vem à minha memória. Será que ela vai para lá? Bom, eu gosto mesmo de me exercitar naquele lugar, então decido ir. Se a encontrar *casualmente* por lá, será ótimo; se não, faço meu exercício normalmente e volto para casa.

Desligo tudo, apago meu cigarro e subo para meu quarto. *As coisas estão ficando interessantes para mim!*, penso ao escovar os dentes. Tenho uma chance real de acabar com a imagem de Theodoros na empresa, fazê-lo parecer com nosso odiado pai, um homem disposto a foder com a Karamanlis por causa de uma boceta fogosa.

Tenho informações e fotos interessantes sobre meu querido irmão e a dona do boteco, e hoje, com a emissão do memorando, ele acabou de completar minha munição. Disparei alguns e-mails para conselheiros que estão na empresa desde a desastrosa década final de Nikkós à frente dela e agora só estou aguardando a notícia de quantas assinaturas irei reunir para incluir o tema na pauta da próxima reunião.

Deito-me na cama e olho para o alto, sentindo-me perto demais de me livrar da presença de Theodoros. Sei que não vai

ser já, soube que viajará para lamber as bolas do *pappoús* no começo da semana, então provavelmente usará isso para adiar essa pauta tão especial.

Sem problema, eu espero! Enquanto isso, posso me concentrar em outro assunto. Fecho os olhos com a esperança de conseguir dormir nesta noite, afinal, preciso me preparar para, quem sabe, começar amanhã uma caçada a uma Cabritinha fujona.

Olho para a garota, encolhida na cama, seu corpo nu trêmulo de medo, lágrimas grossas escorrendo por seu rosto. Meu estômago revira, engulo em seco várias vezes e mantenho a respiração constante para não vomitar aqui mesmo.

Há muito deixei de demonstrar minhas fraquezas, já não sou mais o mesmo, sinto-me endurecendo cada dia mais. Olho-me no espelho e não me reconheço. Não me reconheço!

Não escuto mais a voz que grita comigo. Vejo apenas muitas notas de dinheiro sendo jogadas para o alto e caindo lentamente sobre a garota, que parece cada vez mais assustada. Posso cheirar o medo, sinto seu pavor até na minha medula e entendo. Isso não deveria estar acontecendo!

Eu sinto muito! Sinto-me culpado, já não sou mais a vítima, não posso ser, perdi toda minha inocência, a cada dia mais uma casca cresce em volta de mim, aprisionando quem sou de verdade e criando outro homem. Não posso deter isso, ninguém pode; só resta saber como será essa criatura quando ganhar vida.

Os gritos não param. Estou prendendo minha respiração, tentando não soluçar, tentando não demonstrar o quanto isso tudo me fere, desejando que as coisas voltem a ser como eram antes. Não vão; nada mais será como antes.

É tudo culpa dele! É tudo culpa do Theo!

Arregalo os olhos, sentindo-me sufocado, no exato momento em que o despertador toca. Respiro fundo, confiro a hora e me sinto aliviado por ter conseguido dormir um pouco antes de ter a consciência do pesadelo.

Não vou ter paz, não vou conseguir dormir enquanto não acertar as contas com Theodoros. Não tive tempo de fazer Nikkós pagar, porque ele acabou se enforcando sozinho, virando um ser deprimente, que depende da caridade de *pappoús* para continuar vivendo, já que ninguém o quer por perto.

— Malditos fantasmas, sumam! — grito e me sento na cama.

Não quero começar este dia em clima sombrio, com a cabeça no passado. Não há mais nada que possa ser feito para

consertar todas as merdas que foram feitas, não há remendo que consiga unir minhas partes quebradas. Foda-se! Aprendi a viver assim e não tenho ilusões de ser diferente um dia.

Levanto-me e vou direto tomar uma ducha para lavar todo o ranço que o pesadelo deixou. Tenho uma missão agora de manhã e, para cumpri-la, preciso estar com minha carapaça totalmente blindada com o sarcasmo, o humor ácido e ligeiro e a pose segura de si.

Depois de tomar um café e fumar meu cigarro, coloco a roupa esportiva – short e camiseta, tênis próprios para corridas, um boné preto como toda a roupa –, enfio uns trocados no bolso para tomar mais um café em algum local, caso eu dê com os burros n’água na minha caçada, e saio do prédio direto na Paulista.

Vou correndo até o Trianon, lamentando que a rua ainda esteja aberta, pois seria muito mais confortável correr no asfalto do que na calçada, desviando-me das barraquinhas que já começam a ser montadas.

Chego ao parque e entro, caminhando apenas, atento a cada local onde possa se esconder uma cabritinha. Encontro o pessoal do tai chi reunido, conversando apenas, mas não vejo a gerente entre ele. Começo a me sentir frustrado, mas não desisto de caminhar e passar um tempo por aqui, até que reconheço o jeito peculiar de se vestir, mesmo em malha de exercício, e a leve

cadência de quadris de Wilka Maria. Abro um sorriso, reparo em cada detalhe dela, desde o macacão brilhante azul colado no seu corpo coberto por uma blusa solta, óculos de sol espelhados e redondos e fones de ouvido.

Aposto que ela está cantando algo, pois seus lábios se mexem, e ela balança a cabeça de um lado para o outro a todo momento. Não consigo conceber que alguém agitada como ela consiga fazer uma atividade tão leve, monótona e parada como tai chi chuan.

Avanço para encontrá-la exatamente em cima da pequena ponte com guarda-corpo de madeira, e, quando ela me vê, para, estarrecida.

— Ora, ora... — cruzo os braços — parece que, para o lazer, alguém gosta de chegar à Paulista cedo!

Ela bufa.

— Só pode ser obra do capeta, não é possível! — sua voz parece realmente irritada. — Uma cidade deste tamanho, com tanto homem interessante, e eu encontro justamente o último que gostaria de ver antes de morrer.

— Quanto drama, Wilka Maria. — Aproximo-me mais dela. — Bom, quem está na minha área é você, então, se não quer esbarrar comigo, não venha correr no meu quintal.

Ela gargalha alto, chamando a atenção de um casal que está passeando com o cachorro.

— Seu quintal? Como você é soberbo! — Olha em volta. — Não estou vendo nenhuma placa com seu nome no parque.

— Moro aqui, há exatos cinco minutos deste local, então é, sim, o meu quintal. — Aproximo-me mais, e ela recua, encostando-se à madeira do guarda-corpo da ponte. — Quer companhia para o exercício? Acho que nós dois suaríamos bem juntos.

Ela respira fundo, fazendo seu peito subir e seus seios ficarem mais justos contra a malha que usa.

— Já tenho meus companheiros, obrigada. — Aponta para os velhinhos do tai chi chuan. — Por falar nisso, já está começando.

— Tai chi? — Rio. — Sério? Nunca te imaginaria fazendo algo assim.

Ela enruga a testa, e vejo sua sobrancelha aparecer por cima dos óculos de sol.

— Por que não? Eu pareço ser uma pessoa sedentária?

— Não, exatamente o contrário. — Abaixo a voz: — Eu te vejo em exercícios mais intensos, que fazem suar, liberam prazer, não algo tão... — rio devagar — broxante como o tai chi.

— Doutor, eu preciso...

— Não estamos na empresa e nem em horário de expediente, então, chame-me de Kostas — interrompo-a. — Quem sabe até possa te chamar de Kika.

Ela nega.

— *Doutor*, eu acho melhor... — ofega — que o senhor se afaste — geme quando eu a seguro pela cintura — para que eu possa... — simplesmente perde a linha de raciocínio.

— Para que você possa...? — pergunto, sentindo-me tão sem ar quanto ela.

Não tinha intenção alguma de encostar nela hoje, seria apenas mais um jogo de provocação, mas, talvez impelido pela conversa online ontem, não consegui conter a vontade de sentir seu corpo perto do meu.

— O que está acontecendo? — Wilka indaga.

Nossos corpos estão praticamente grudados, e eu estou curvado sobre ela para que nossos rostos estejam quase na mesma altura. Consigo sentir seu cheiro, uma mistura leve de algum sabonete e uma colônia refrescante. Meus dedos captam o calor de sua pele e um leve tremor em seus músculos.

— Eu não sei — respondo sem fazer nenhum jogo.

Tiro os óculos de seu rosto e consigo ver o turbilhão de emoções que explodem dentro de seus olhos. Estamos respirando juntos, quase bufando como fazem os touros ao entrarem em uma arena. Ela engole em seco, o movimento de sua garganta chamando minha atenção e, quando molha e esfrega os lábios involuntariamente, sei que é meu fim.

Ainda segurando seus óculos, firmo sua nuca e a beijo

como venho fantasiando há muito tempo. Isso não foi calculado, aconteceu, e meu coração está disparado com a adrenalina, o pau tão duro que tenho certeza de que a frente da minha bermuda está toda levantada.

Ela demora alguns segundos para corresponder ao beijo, mas, quando me aceita, *puta que pariu!* Sua boca quente e molhada, a língua safada procurando a minha... Agarro-a com ainda mais força, trazendo-a para mim para que não fique dúvidas de como estou, de como ela me deixa.

O sabor do beijo, as sensações que ele me causa, a sensualidade das nossas línguas se esfregando uma contra a outra enquanto nossos corpos fremem de tesão, tensão e ansiedade... estamos explodindo juntos, essa é a verdade, deixando jorrar todo o desejo reprimido, enrustido nas brigas e rusgas que tivemos até este momento.

As máscaras caíram, estamos nus, sem mecanismos de defesa, sem nada entre nós.

Separo minha boca da dela, deslizando os lábios pelo seu queixo, louco para explorar seu pescoço. Ela geme alto, porém, fica tensa. O corpo, antes pulsando de energia sexual, parece esfriar, endurecer, e eu a encaro.

— O que... — não completo a pergunta por causa da dor filha da puta que sinto em minhas bolas e a olho estarrecido.

Essa doida acaba de me dar uma joelhada no saco!

20

Kika

Escuto o gemido de dor de Kostas e sinto um leve arrependimento. Talvez o golpe tenha saído com mais força do que pretendi. Não, eu nem pretendi, foi apenas um impulso, então, sim, deve ter saído forte para caramba!

Que loucura foi essa? Olho em volta para algumas pessoas paradas olhando para nós, atracados como cães no cio, debaixo de um sol forte de janeiro, em plena ponte dentro do parque. Onde eu estava com a cabeça?

Estava beijando Konstantinos Karamanlis!

Não foi uma fantasia, o beijo aconteceu e foi muito bom. Não, foi incrível! Quando ele se aproximou, eu sabia que algo ia acontecer, meu corpo se aqueceu, minha respiração ficou pesada, o ar parecia rarefeito à nossa volta. Quando me tocou, foi como se tivesse me ligado a uma força potente, senti a eletricidade percorrer a extensão da minha coluna, agitando tudo dentro de mim.

Seu corpo quente fez o meu entrar em combustão, senti sua excitação de várias formas, não só pela evidente ereção, como no gosto de sua saliva, na forma como seus sons ecoaram dentro da minha boca e como me segurava, parecendo querer estar dentro de mim mesmo em um parque público cheio de gente.

Minha reação a ele não podia ter sido indiferente. Minha pele se arrepiou, senti a boca seca, os mamilos duros e um pulsar delicioso entre minhas pernas. Tudo isso em um único beijo!

Então por que o afastei? Por que lhe dei esse golpe certeiro e agora estou olhando-o curvado de dor? Por um só motivo: o homem que estava me beijando era o mesmo que muitas vezes já me desrespeitou, que já menosprezou o meu trabalho apenas por eu ser mulher. Não podia deixar que fizesse o que quisesse assim, sem mais nem menos! Ele sequer me perguntou se podia me beijar e foi logo tascando a boca na minha!

Prepotente gostoso dos infernos!

— Você está maluca? — geme e inquire entredentes. —

Tem ideia de como eu estava excitado? Dói pra caralho!

— Por que você me beijou? — questiono sem rodeios.

Kostas para de gemer, mesmo ainda um pouco trêmulo de dor, e me encara, seus olhos parecendo ainda mais azuis do que normalmente são, em contraste com sua pele morena e seus cabelos escuros.

— Por que um homem beija uma mulher? — sua voz rouca me faz puxar o ar e o reter para não gemer e fechar os olhos.

Solto o ar devagar, buscando minha racionalidade para entender o que realmente aconteceu entre nós. O que ele quer, afinal, comigo?

— Não me venha com essa técnica de advogado de fazer perguntas retóricas! — Começo a me sentir ansiosa e agito as mãos ao falar. — Não consegue ser direto e sincero? Por que me beijou?

O desgraçado sorri, mas continua quieto.

— Se isso for uma espécie de jogo ou mais uma tentativa de me humilhar, eu...

— Meu beijo foi humilhante? — Ele perde a pose. — Você se sentiu humilhada?! Você sentiu como eu estava? Acha que planejei te beijar aqui, no meio do Trianon, ter a porra de uma ereção, parecer a droga de um cachorro no cio para te humilhar?

Sua resposta me desconserta. Tento deixar minhas defesas de lado, mesmo que isso seja difícil, para entender o que está

acontecendo. Eu me sinto atraída por ele de jeito totalmente irracional, vocês sabem, porém, até hoje achei que ele só me provocava, nunca imaginei que pudesse sentir o mesmo, nunca entendi seu jogo.

E se não tiver nenhum? E se, como eu, ele apenas foi pego desprevenido por essa atração que surgiu entre nós? Lembro-me da conversa que tive com Portnoy, principalmente quando ele me perguntou se não seria mais fácil resolver essa questão com Kostas e depois seguir adiante.

Não é tão simples, Kika, e você sabe disso!

— Então por que me beijou? — repito a pergunta, mas agora baixinho, sem nenhuma resistência, em um pedido de sinceridade.

— Porque eu quis te beijar. — Seus olhos não deixam os meus. — Não sei o que houve, Wilka Maria, mas só tenho pensado nisso ultimamente. — Ele bufa, e eu percebo que não deve estar sendo fácil me dizer todas essas coisas. — Eu sei que não deveríamos misturar as coisas, mas, ultimamente, quando me sinto irritado com você, tenho vontade de te deitar sobre aquela mesa e provar todo seu corpo, sentir o sabor da sua pele e transformar seus protestos em gemidos de prazer. Quero cessar toda e qualquer discussão me afundando no seu corpo, deixar toda racionalidade de lado e só pensar em compartilhar com você todo esse tesão que me inflama. — Respira fundo. — É

isso, não tem jogo, só um tesão do caralho que me faz passar pelo menos umas dez horas de pau duro dentro daquela maldita empresa todo dia!

Não consigo emitir nenhum som; nada vem à minha mente, nenhuma piadinha para descontrair a tensão, nenhum discurso ético sobre trabalharmos juntos e ele ser meu chefe, nada! Geralmente eu penso e reajo rápido, mas como responder a isso?

Seguro com força no corrimão da ponte, talvez me refreando para não voar em cima dele, não para brigar ou bater, tão-somente para lhe mostrar que eu também sinto tudo o que acabou de me descrever.

Kostas ri, dá de ombros e olha para os lados.

— Sua aula começou. — Aponta para o pessoal do tai chi, e eu assinto. — Não estou pressionando você a nada, quero deixar claro. Se você não estiver a fim, nada irá mudar no nosso trabalho. Posso ser um babaca filho da puta, mas tento manter o mínimo de ética e ter palavra.

Ele toca a aba do boné em um cumprimento tão antigo – e tão inglês – e se afasta, voltando a caminhar em direção ao interior do parque. Não deixo de olhá-lo nem por um minuto, até que some em uma curva, e solto o fôlego devagar.

Ponho a mão no rosto, fechando os olhos, sentindo-me perdida dentro de uma situação tão surreal que não sei como agir. Dou pela falta dos óculos e os procuro pelo chão, mas não

os acho. Estávamos tão nervosos que não percebemos que ele continuava segurando-os e que os levou ao ir embora.

Começo a rir – feito uma doida –, atraindo a atenção dos que passam por mim. Às vezes, quando estou muito ansiosa, isso acontece, um ataque de risos que não para, tão intenso que me tira lágrimas dos olhos.

É real! Dessa vez não é uma fantasia com um homem desconhecido que nunca terá acesso a mim. Não tenho dúvida alguma de que o quero da mesma forma, só preciso saber como agir.

Preciso de ajuda!

Olho para o pessoal do tai chi e desisto da aula. Tento fazer esse exercício exatamente para controlar minha ansiedade e agitação, mas me conheço bem, e, neste momento, a única coisa capaz de me desacelerar é o Starbucks.

Preciso de chocolate!

Saio correndo do parque e continuo a corrida pela Paulista, agradecendo por hoje ser domingo e isso ser comum nesse dia. Sempre passeio por aqui depois do exercício no parque, olhando as barraquinhas, os artistas de rua e as crianças se divertindo no asfalto da avenida mais importante da cidade como se estivessem no quintal de casa. Contudo, hoje, não dá para fazer isso!

Entro na cafeteria e peço logo um *frappuccino* de

brigadeiro, um dos meus preferidos. Sento-me para esperar e pego o celular.

“Malu, preciso conversar com você!”

Digito a mensagem e aguardo, nervosa, sem saber o que fazer daqui para frente. Amanhã de manhã o clima vai ser estranho na empresa, tenho certeza. Relembro a agenda da semana; amanhã tenho reunião com Theo cedo, pois ele irá viajar para a Grécia, e Millos só chegará de suas férias na próxima semana. Então, se eu me mantiver ocupada, não precisarei ficar em minha sala o dia todo.

Merda! Sinto-me uma garotinha me escondendo assim dele. Não sou assim, porra, não sou insegura em nada na minha vida, tenho que ser justo nisso?

E o que eu vou falar com a Malu?, penso olhando para a mensagem que acabei de mandar, movida pela ansiedade. Eu, que geralmente a aconselhava nesses casos, mandava-a aproveitar a vida sem pensar em mais nada, contava de todos os meus encontros fantasiosos como se eles fossem de verdade!

Respiro fundo para não pirar e começo a contar minha respiração. Não tem jeito, precisarei ligar para minha terapeuta.

Eu quero Konstantinos Karamanlis e sei que vai ser só uma questão de tempo para esse desejo que sentimos explodir e aí...

— Kika Reinol! — a atendente do café me chama.

Levanto-me, pego minha bebida e a tomo praticamente em um só gole, como se fosse minha tábua de salvação.

O café misturado ao chocolate me acalma e clareia a minha mente a ponto de me fazer ter uma ideia mirabolante!

Eu vou para a cama com Kostas, sim, mas antes vou transar com Portnoy!

Não pude deixar de pensar no beijo, e encarar a segunda-feira com chances de encontrar Kostas não foi fácil. Por sorte, quando entrei na sala, hoje, não o encontrei – o que era um milagre, pois sempre chega antes de mim –, por isso tive relativa paz para trabalhar.

Digo “relativa” porque a toda hora olhava o celular, conferindo se Portnoy havia me respondido.

Eu pus em prática a ideia que tive na cafeteria e, antes de dormir, no domingo, enviei mensagem convidando Portnoy para um encontro de verdade. Esperei por alguns minutos que ele aparecesse online, porém, ele não o fez, e eu tentei dormir.

Sonhei com Konstantinos, nós dois nus sobre a mesa da sala dele, expostos por causa das paredes de vidro sem persianas. Ele era quem estava deitado no tampo, e eu o cavalgava enlouquecida enquanto aquelas mãos enormes seguravam meus seios, beliscando-os com os dedos, e eu gemia como fiz no parque ao sentir seu beijo.

Acordei suada, descoberta e com a calcinha encharcada. Tentei resistir a me tocar pensando nele e no sonho, mas não consegui e gozei com a sensação da sua boca na minha. Foi intenso, meus lábios formigavam de vontade dos dele, e eu fantasiava que era seu toque que meu clitóris recebia.

Depois disso, dormi até o despertador tocar, levantei-me, fiz todo meu ritual matinal e entrei na Karamanlis encolhida, quase sem cumprimentar ninguém, com receio de encontrá-lo pelos corredores. Respirei aliviada quando entrei na gerência e mais ainda quando me deparei com minha sala vazia.

Chamei meu pessoal para uma pequena reunião rápida, pois tínhamos uma apresentação marcada na empresa de um cliente, ajustamos os últimos detalhes e saímos. Fiz a apresentação junto a Rosi, Leo e Carol, depois fomos almoçar juntos, e agora, finalmente, estou retornando para minha sala com o firme propósito de adiantar os relatórios da siderúrgica e dar andamento ao projeto o mais rápido possível.

Estou muito disposta ao trabalho. Geralmente fico assim

quando estou brava ou frustrada com algo. E não, dessa vez o motivo da minha irritação não é o Kostas, mas sim o Portnoy, aquele frouxo, que ficou um ano insistindo em um encontro e que, quando digo sim, inventa a porcaria de uma desculpa esfarrapada e corre!

Viagem de trabalho!

Nós nos falamos no sábado, e ele não disse nada sobre isso! Ninguém arranja e organiza uma viagem de trabalho em apenas um dia, e o cara de pau teve a pachorra de dizer que só tinha ficado sabendo hoje!

Ele é um *pau no cu*, isso sim! *Arregão dos infernos!*

Vou para minha sala ainda xingando-o mentalmente de todas as formas que sei e que existem para definir um homem covarde – *Coca-Cola*, *garganta, borra-botas, cagão* e... minha linha de raciocínio morre quando abro a porta e encontro Kostas com um buquê de rosas de cor champanhe nas mãos.

Nós nos olhamos assustados, eu por não esperar que ele tivesse tal gesto, e ele talvez por ter sido pego com a boca na botija, e ficamos estáticos por alguns segundos.

— O que... — começo a perguntar, mas ele se adianta.

— Acabaram de entregar para você. — Ele ergue o buquê – como se eu já não o tivesse visto – e o deixa sobre minha mesa. — Como você não estava, fui eu quem o recebeu.

Não são dele!, a constatação me deixa desanimada, mas

ainda curiosa para saber de quem são. Procuro o cartão e o encontro jogado entre as rosas. *Muito estranho!* Recebi buquês de rosas pouquíssimas vezes em minha vida, e em todas elas, os cartões vieram presos na embalagem.

Será que Kostas... Não! Ele não se atreveria a ler algo que não é seu!

Abro o envelope e um sorriso ao ler a mensagem fofa do Vinícius agradecendo a ajuda com a compra do presente da Verinha. Ele não precisava ter enviado uma dúzia de rosas para o meu trabalho apenas para agradecer, mas, já que o fez, decido ligar para agradecer.

Vinícius atende ao segundo toque:

— Oi, recebeu as flores?

— Oi! Recebi, são lindas, obrigada! — Dou a volta na mesa e me sento na cadeira, de frente para o Kostas. — Nem vou colocar na água aqui, pois quero levá-las para casa. Vejo você por lá?

Kostas dá uma risadinha, e eu aperto os olhos.

— Hoje não, estou no trabalho, mas fiquei feliz que tenha gostado! Obrigado pela ajuda e companhia!

— Sempre que precisar!

Ele se despede, e eu também. Coloco o celular sobre a mesa e ligo o computador.

— Você nem as cheirou — Kostas diz de repente, e eu o

encaro.

— Como?

Aponta para as flores.

— Você nem as cheirou. Eu imaginava que toda mulher gostasse do perfume das rosas, mas você nem as tocou! — Ri. — Aparentemente, não *gostou* tanto assim do presente.

Rio e cruzo os braços.

— Engano seu, adoro plantas! — *principalmente quando estão plantadas na terra para viver bastante!*, concluo, mas não o digo em voz alta.

A verdade é que não gosto de receber buquês e arranjos. As flores estão aqui, lindas à minha frente, mas estão morrendo, agonizando lentamente até não sobrar mais nada e toda essa beleza ir para o lixo. É um gesto bacana, mas um desperdício e um tanto mórbido.

— Você tem um jeito diferente de mostrar sua animação com um presente. — Ergue a sobrancelha. — Já te vi mais animada do que isso apenas por um *donut* com cobertura de chocolate.

Agora quem ergue a sobrancelha sou eu. Tenho certeza de que ele não pretendia demonstrar que presta tanta atenção assim a mim e às coisas que gosto ou não. *Ato falho*, *ilustríssimo doutor!* Sorrio, mais animada com isso do que com as rosas.

— Comida me conquista mais fácil. Eu sou um verdadeiro

dragão com fome, mas um cordeirinho com a barriga cheia.

— Obrigado pela dica! — Ele pisca, e eu fico sem jeito. — Talvez, ontem, eu tivesse tido uma recepção melhor se tivesse te feito engolir um chocolate antes.

Rolo os olhos, sem poder acreditar que ele vai mesmo puxar esse assunto aqui, dentro da sala onde trabalhamos! Finjo não o ouvir e abro o arquivo que pretendo ler, ignorando-o. Já é tarde, a maioria dos funcionários já deve estar indo para casa, e não pretendo ficar até às 22h de novo!

Leio as duas primeiras linhas do documento, quando tudo some e a tela do computador apaga.

— Mas que por...

Kostas se levanta do chão, debaixo da minha mesa e me mostra a tomada do computador. Arregalo os olhos e fico de pé também.

— Está doido?! Por que fez isso?! Eu poderia ter perdido o documento e...

— Nem deu tempo de digitar algo! — diz displicente, expressão debochada. — Não gosto de ser ignorado, Wilka Maria.

— Você é louco! — Pego minha bolsa. — Não temos nada a conversar sobre o parque ontem.

— Temos! — Ele fica à minha frente. — É claro que temos! Ontem eu fui sincero com você, mas não recebi o mesmo

tratamento.

— Kostas, é melhor não... — tento dizer, mas ele se aproxima mais.

— Por que não? Eu quero, você quer, somos maiores e sãos. O que nos impede?

Respiro fundo, gostando do argumento, mas sem querer aceitá-lo. Há, sim, muitos impedimentos! Trabalhamos juntos, ele é um dos donos da empresa, chefe, babaca machista, gostoso *pra* caralho, mas ainda assim um grande...

— Kika, se você conseguir me olhar e dizer que não quer, saio daqui imediatamente. — Sua mão esquerda para em cima da alça da minha bolsa, e a outra acaricia meu rosto. — Basta dizer.

É apenas um toque, mas, onde os dedos dele passam, deixam rastros de calor que me aquecem inteira. Quero dizer a ele que não, que está enganado quanto a mim, que não cederei tão fácil, mas eu o desejo!

Oportunidade! Se deixar ir, sentir, aproveitar o momento!

Não teve outro homem que já mexeu comigo dessa forma, então, por que não? É apenas uma experiência, uma noite; depois disso, seguimos como se nada tivesse acontecido.

Concordo com o pensamento, balançando a cabeça, ponderando que, antes de qualquer coisa, nós dois precisamos conversar, e eu preciso deixar claro que...

Sou puxada pela alça da bolsa, batendo de encontro a um enorme e sólido corpo, com braços longos e fortes que me envolvem antes de eu ser *literalmente* devorada por uma boca faminta de beijos.

Puta que pariu, para que conversar?

21

Kostas

Quando a vejo balançar a cabeça em sinal afirmativo, não espero duas vezes. Bem, nem mesmo se eu quisesse, conseguiria esperar! Ajo no reflexo, impulsionado por uma necessidade de tê-la colada a mim de novo igual ao que aconteceu no parque, puxo-a sem nenhuma sutileza pela alça da bolsa, fazendo-a praticamente cair sobre mim desequilibrada e ofegante.

Não dou tempo para que ela tome fôlego e comece a questionar cada situação que pode advir disso que vamos fazer, então decido sutilmente foder sua mente de uma vez, antes que

percamos esse clima gostoso que perpassa entre nós.

Os lábios macios oferecem pouca resistência, o corpo desequilibrado usa o meu para se apoiar, ficando colado em mim, permitindo que eu sinta cada detalhe de sua anatomia. Sorvo sua saliva, sinto o sabor suave de café e, talvez, chocolate. Não me concentro nisso, apenas no movimento perfeito de seus lábios, em sua língua na minha, buscando-a como se dependesse dela para algo.

Eu me sinto queimar inteiro! É esse o efeito desse beijo em mim, combustão, incêndio, explosão! Minhas mãos percorrem seu corpo sem nenhum tipo de controle, agindo como se tivessem vida própria, conhecendo, tateando, ao mesmo tempo em que contribuem para manter nossa excitação no limite. Eu quero comer, mastigar, foder essa mulher como se fosse o último ato desesperado de um homem. Quero inundá-la de prazer, ouvir seus gritos, sentir suas unhas e dentes cravados em mim enquanto goza.

Ergo-a do chão sem nenhum esforço, segurando-a por sua bunda deliciosa, redonda, dura e a pressiono contra mim para que não haja dúvidas do meu tesão. Meu pau lateja em uma dor deliciosa, não sinto mais nada a não ser o desespero da liberação, a vontade de estar dentro dela de qualquer jeito possível.

Wilka geme sem tirar a boca da minha, seus braços

enroscados em meu pescoço, apertando-o, mantendo-me preso como se eu fosse fugir disso tudo. Como se eu pudesse! Sou seu refém tanto quanto seu captor, dominado e dominando na mesma medida.

Preciso tocá-la, o contato apenas com sua boca já não é mais suficiente, preciso de tudo dela. Ergo seu vestido, arrastando as mãos por suas coxas, tremendo ao sentir sua pele macia. Apoio as mãos embaixo de suas nádegas e a faço me abraçar com as pernas, corpos encaixados, um respirando o outro, seus gemidos deliciosos me dando mais e mais tesão. Sinto seus quadris se mexerem, rebolando em mim mesmo ainda vestida, desesperada pelo mesmo que eu.

Caminho sem rumo, a boca deixando a dela, percorrendo seu pescoço, provando como um faminto, sentindo o forte pulsar de sua artéria, a agitação que também sinto. Ouço barulho de coisas indo para o chão, mas ligo o foda-se para qualquer coisa neste momento que não seja estar enterrado nela.

Apoio-a sobre a mesa. O cheiro de rosas chega até onde estou, e Wilka se deita, olhos fechados, contorcendo-se de prazer. Minhas mãos invadem o vestido e acham a calcinha pequena de tecido liso e fino. Puxo-a para baixo, mas não a retiro, pois suas pernas ainda estão travadas em mim.

Quase enlouqueço ao vê-la exposta, sua boceta perfeita, sem pelos, emoldurada pelas belas coxas que me atraíram desde

a primeira vez que as vi. Não consigo esperar, abro minha calça e puxo meu pau para fora com apenas um movimento, segurando-o com força.

Wilka levanta a cabeça para espiar, e eu rio.

— Curiosa? — pergunto esfregando-o em sua calcinha.

Ela arregala os olhos, e eu gargalho, puxo a peça íntima com tanta força que a rasgo, avanço para cima dela e me inclino sobre seu corpo.

— Quero foder sua mão, sua boca, seus peitos, sua bunda... — beijo-a — mas antes... — encosto a glande em sua entrada e a esfrego — quero experimentar sua boceta, molhar meu pau no seu tesão, socar em você até perder a consciência.

— Kostas... — ela resfolega, e eu sorrio, movendo meu pau sobre seu clitóris, desesperado, sentindo sua lubrificação fazendo-o patinar e excitá-la a tal ponto que sei que irá gozar a qualquer momento. — Eu preciso...

— Eu também! — Aumento a velocidade, trinco os dentes e fecho os olhos.

Posso sentir cada parte de sua boceta em detalhes, mesmo sem vê-la, apenas com a sensibilidade do meu membro. Lábios bem contornados, carnudos, que se mexem sutilmente quando eu os agito e se fecham no exato ponto onde sinto uma rigidez pulsante. É uma tortura me masturbar masturbando-a, é sexy, decadente, gostoso demais!

— Kostas...! — sua voz sai mais alta, e eu a olho no exato momento em que goza. Travo o corpo todo, meus dentes batem um no outro e sinto uma leve ardência na base do meu pau ao segurar meu próprio gozo.

Não consigo mais, ainda que eu queira ficar aqui, apenas roçando meu pau contra sua boceta molhada, sentindo-a delirar com o contato, ou que sinta a boca cheia d'água de vontade de provar seu sabor e receber seu orgasmo em minha língua, não dá para controlar a vontade de me enterrar dentro dela. Então, em desespero, faço o movimento de uma só vez, deslizando entre os lábios úmidos, achando sua entrada apertada e me afundando nela.

Ela grita de um jeito doloroso, e seu corpo fica tenso. Encaro seus olhos arregalados, cheios de lágrimas. Sua face, antes corada, está pálida e tem expressão de dor. Wilka estava muito excitada, não posso tê-la machucado, porém, senti como se algo tivesse me segurado por um segundo e depois cedido com tamanha pressão que fui sugado para seu interior.

Não pode ser!

Fico imóvel em cima dela, sem acreditar nas lágrimas que vejo escorrerem de seus olhos. Essa é a minha Cabritinha, a ninfa do sexo, a mulher com quem dividi as mais inusitadas sacanagens. Ela não pode ser virgem!

Minha cabeça começa a rodar, e eu tento me afastar, porém,

sou detido por suas pernas, que me mantêm preso a seu corpo.

— Está tudo bem. — Wilka tenta sorrir, mesmo com os olhos brilhando de lágrimas. — Eu devia ter falado em algum momento que... — Morde o lábio e desvia o olhar do meu. — Não tivemos tempo para conversar e...

— Você... é... virgem? — a situação é tão esdrúxula que mal consigo formular a pergunta.

Ela suspira, tenta rir de maneira casual, mas consigo enxergar o constrangimento que faz com que a resposta – óbvia – seja positiva.

— Bom, levando-se em conta que seu pau está todo enterrado em mim — ela tenta fazer uma expressão divertida, mas parece ficar cada vez mais tensa —, eu acho que *era*, né?

— Porra!

Afasto-me dela o mais rápido possível e quase caio em cima da minha mesa de trabalho. Cambaleio por um momento, como se tivesse acabado de levar uma porrada na fuça, e tento respirar. Não consigo! Imagens, cheiros, sons, meus ouvidos zunem, e sinto as pernas bambas. *Como isso foi acontecer?!*

— Kostas? — ela me chama. Ouço um leve tremor em sua voz, mas não consigo encará-la. O pesadelo está de volta. — Está tudo bem, não se preocupe, era só um pedaço de pele, não a peste!

Estico as mãos na direção dela, de olhos fechados, e

balanço a cabeça. Ela não tem noção do que me fez, não tem ideia do que isso desencadeou dentro de mim. *Não tem!*

Arrumo a roupa do jeito que dá e saio o mais rápido possível da sala, batendo a porta, correndo pelos corredores como se estivesse sendo perseguido por demônios.

E estou!

Os gritos estão cada vez mais fortes, e as sensações também. Vejo o sangue, o desespero, e tento me controlar de qualquer jeito. *Não posso sair da empresa neste estado!* Entro no elevador, olho para o espelho, mas não me vejo. Há um monstro me encarando, podre, sendo comido vivo por causa do que fez no passado.

Soco o espelho do elevador; o vidro se parte e rasga minha mão, mas não ligo nem para a dor, nem para meu próprio sangue pingando no chão. Só não quero mais ver quem eu sou, só não quero ter que encarar o verdadeiro Konstantinos Karamanlis.

O elevador se abre na garagem do prédio da empresa. Vou até uma das salas onde guardamos as chaves dos carros da Karamanlis e que, pelo avançado das horas, não tem ninguém. Abro-a com minha chave, pego qualquer chaveiro no armário e aperto o alarme para saber a qual carro pertence.

Saio da garagem cantando pneus. O guarda noturno olha-me assustado, mas me reconhece e abre o portão.

Eu preciso sair daqui! Tenho que sair daqui!

O dia está amanhecendo, e ainda sinto o perfume dela, o sabor de sua boca, o cheiro do seu gozo impregnado em mim. Bebo mais um gole do bourbon barato que encontrei em uma espelunca qualquer e olho o conteúdo da garrafa, já abaixo da metade.

Passei a noite dentro deste carro. Dirigi sem rumo depois que saí da empresa, parei no primeiro bar que imaginei ter uísque, comprei duas garrafas e voltei a dirigir.

Só parei quando cheguei aqui, a este maldito lugar onde estou agora, revivendo o inferno da minha vida como forma de expiação de pecado. *Foda-se!* Olho o sobrado caindo aos pedaços do outro lado da rua e sinto meu estômago revirar.

Eu jurei a mim mesmo que nunca mais viria até aqui. Cumpri essa porra de promessa por anos, mas do que adiantou? Não importa para onde eu fuja, toda aquela merda vai comigo. Podem-se passar anos, mudar de país, de cara e de nome, as desgraçadas lembranças estão gravadas na minha cabeça e nunca saem de lá. Por mais que eu as esconda, sempre vêm me espiar nos sonhos, lembrar-me de que estão vivas e de quem eu sou.

Deito a cabeça sobre o volante e penso em tudo o que

aconteceu ao longo do dia, tentando notar alguma indicação de que estaria bêbado, fodido e vomitado em um dos bairros mais perigosos da cidade, em frente ao lugar que eu já deveria ter demolido, mas que comprei apenas para ver apodrecer e cair enquanto o mesmo acontece comigo.

Cheguei à empresa puto e fui direto para minha sala na diretoria jurídica. Não queria encontrar Wilka Maria, não enquanto eu ainda estivesse fervendo de raiva. A vontade que tinha era de entrar naquela sala e a sacudir até que tivesse um pouco mais de senso e percebesse que, por mais que negasse, me queria tanto quanto eu a ela.

Não bastasse aquela joelhada no saco no parque, a diaba teve a pachorra de mandar mensagem para Portnoy dizendo que queria se encontrar com ele para transarem. Assim, logo depois de ter gemido em minha boca, cheia de tesão, ela mandou a porra de uma mensagem para outro homem convidando-o para trepar.

Eu sei, vocês devem estar gritando comigo que o *outro homem* sou eu mesmo, mas, porra, ela não sabe disso! Então, sim, fiquei puto, não respondi e ainda arremessei meu celular contra a parede da sala e tive que comprar outro pela manhã.

O que me leva à primeira merda do dia, pois, assim que liguei o aparelho, chegaram várias mensagens de Millos me xingando e perguntando o que eu pretendia com o pedido de

inclusão de pauta sobre Theo e Duda Hill. Respondi a ele que estava na hora de deixarmos de ser sombras do netinho amado, e ele, depois de me mandar tomar no cu, disse-me que preferia ser sombra do Theo a ser um filho da puta traiçoeiro.

Fiquei puto por ele não me apoiar, afinal só se beneficiaria com a saída do atual CEO, mas é tão cego com essa mania de lealdade que não percebe que eu seria muito melhor do que meu irmãozinho mais velho.

O resultado dessas duas situações foi uma noite azeda e uma manhã sombria, enfurnado na minha sala, sozinho, puto demais para falar com alguém sem berrar, então descontei minha frustração no trabalho e no cigarro.

Mais tarde fiquei pensando nas mensagens de Kika e seriamente tentado a marcar o tal encontro de foda, deixar que ela fosse até algum motel e revelar que eu sou o Portnoy e encerrar todo o ciclo de mentiras – minhas e dela – de uma vez.

Obviamente, não o fiz, e fiquei o dia todo exilado na diretoria jurídica, resmungando como um cão sarnento, frustrado e puto. Queria poder entender aquela mulher, o que queria, por que teve aquela reação depois do beijo mesmo correspondendo.

Sinceramente, eu não entendia nada! A imagem que tinha dela não correspondia a tudo o que ela estava me mostrando, e isso, para alguém que se julga um ótimo avaliador de caráter, era alarmante.

Já ao final do expediente da Karamanlis, entre 18h e 19h, recebi um e-mail de Viviane Lamour me convidando para uma conversa, pois, segundo ela, tinha coisas interessantes a me mostrar sobre meu irmão. Dei um sorriso cínico, pensando no que havia acontecido para que a mulher, que se mostrava tão resistente a me ajudar, tivesse mudado de ideia. Descartei a mensagem; já não me interessava mais, eu tinha conseguido coisa muito melhor para desgastar a imagem de Theodoros e sem a ajuda de ninguém, só dele mesmo.

Assim que ele voltasse da Grécia, o Conselho se reuniria, e essa história pesaria contra ele, desde sua obsessão por comprar um terreno para o qual não tínhamos cliente ou projeto em vista, à compra de uma promissória prestes a vencer para ser cobrada de um espólio e o envolvimento dele com a herdeira, que culminou no pedido para sobrestar a ação de cobrança, gerando, assim, prejuízo.

Theodoros fez tudo o que um diretor executivo não poderia fazer, misturar interesse pessoal com os da empresa. Exatamente o que Nikkós fazia e que lhe custou sua cabeça.

David bateu à porta de vidro da minha sala, e eu fiz sinal para ele entrar.

— Doutor, o levantamento das legislações que me pediu para a conta Ethernium. — Ele deixou uma pasta em cima da mesa. — Mandei uma cópia para o servidor também. O doutor

precisa de algo mais?

— Não, David.

O advogado se despediu, e eu olhei para a pasta e decidi deixá-la em minha mesa lá na gerência de *hunter*. Enquanto ia, tentava me convencer de que não estava fazendo isso para ver a gerente esmagadora de bolas, que só queria deixar o documento junto aos outros que estavam lá e devolver os malditos óculos de sol que acabei levando comigo depois do beijo trágico no Trianon.

Não vou disfarçar que fiquei decepcionado quando entrei e não a encontrei na sala. A mesa estava em perfeita ordem, como ela costuma deixar, o caderno de anotações fechado em um canto, o computador desligado e sua cadeira encaixada debaixo da mesa.

Estranhei que ela tivesse saído mais cedo que o costume, deixei o documento e os óculos na mesa que usava e, quando ia sair, uma das recepcionistas tomou um susto ao me ver. Ela carregava um ramalhete de flores – em uma embalagem brega, cheia de corações – como se fosse uma preciosidade.

— Boa noite, doutor — cumprimentou-me sem jeito. — Acabaram de entregar para a Kika, mas, como ela ainda não voltou da reunião...

Ah, reunião externa!, pensei ao estender a mão e pegar o buquê. *A diaba vai voltar!*

— Pode deixar, que eu mesmo entrego; provavelmente ainda estarei aqui quando ela retornar.

A moça sorriu.

— Ah, obrigada! Eu já preciso ir embora, então ia deixar na mesa dela.

— Pode ir tranquila, eu mesmo entrego.

Fechei a porta praticamente em sua cara e fiquei analisando o arranjo. Eu não entendo nada de flores, muito menos de rosas, afinal, para quem eu mandaria algo assim?

Cheirei as rosas, mas retorci o nariz por me lembrar do velório de minha avó materna, quando eu ainda era criança. Joguei o buquê de qualquer jeito em cima da mesa dela, então vi o pequeno envelope branco colado com durex na embalagem cafona e o puxei para ler.

Eu sei que vocês vão dizer: *ei, doutor, ler correspondência alheia é falta de educação, além de ser crime!* Foda-se, o envelope nem estava lacrado, então não houve violação, só indiscrição mesmo.

Li a mensagem deixada por um tal Vinícius e lembrei que ela me disse, no chat online, que tinha ido para uma festa com o vizinho, mas que não se sentira atraída. Ergui a sobrancelha e abri um sorriso, em um deboche competitivo cheio de testosterona, lamentando a perda de dinheiro e de tempo do meu companheiro de gênero.

Se fodeu, vizinho!

Já tinha colocado o bilhetinho de volta no envelope e estava tentando voltar a colá-lo na embalagem quando ouvi um barulho na porta e, na pressa, joguei-o no meio das flores.

Enfim, penso ao beber mais um gole do bourbon barato e de má qualidade, *o resto foi o pandemônio que vocês já sabem.* Perdi a cabeça, trepei com uma colega de trabalho e acabei descobrindo que ela era uma virgem mentirosa que gostava de "tirar sarro" com a cara dos outros pela internet.

Uma gerente de alto nível, com 30 anos de idade, virgem! Seria uma situação até engraçada se não tivesse me feito revisitar um dos piores infernos do meu passado e, de quebra, me deixado com uma dor do caralho no saco por não ter gozado.

Parabéns, Wilka Maria!

Ergo a garrafa em um brinde a ela, pois conseguiu me levar a nocaute novamente e, dessa vez, nem precisou do joelho!

22

Kika

Estou tremendo, sem entender o que aconteceu aqui nesta sala, sentindo-me desconfortável por ainda estar sentada em cima da mesa. Olho para baixo e vejo a calcinha rasgada no chão, pétalas de rosa por cima dela, e um cheiro estranho em todo o ambiente.

Passo a mão nas minhas costas e sinto as plantas agarradas nela. Fecho os olhos, e as primeiras lágrimas caem silenciosas, pois não consigo me mexer. Nem sei quanto tempo se passou desde que Kostas saiu desta sala batendo a porta, correndo como

se eu fosse um monstro.

Encolho as pernas, apoiando os pés no tampo da mesa e me abraço. Os dentes batem forte um no outro, tento parar de tremer, reorganizar os pensamentos, mas não dá. Não consigo entender o que aconteceu!

Se um dia alguém me perguntasse como eu gostaria que fosse minha primeira vez, certamente eu não iria descrever o que acabou de acontecer. Não seria de forma desvairada, em cima de uma mesa e sem nem tirar a roupa. Eu realmente gostei de ter minha calcinha arrancada e rasgada, gostei de sentir o desespero dele, porque também era como eu me sentia, mas o final, a reação dele ao fato de eu ser virgem, desconsertou-me.

Estava tudo indo tão bem, mesmo depois da dor, eu queria continuar, estava com o corpo ainda excitado pelo jeito que ele usara o seu próprio para me fazer gozar e queria mais, queria conhecer o que era o prazer que inebria tantas pessoas nesse mundo, e ele era o homem que meu desejo escolhera, era aquele que me fazia sentir e ansiar. Eu queria Konstantinos Karamanlis desesperadamente. Por isso, assim que vi seu rosto pálido e seu olhar de assombro, percebi que algo de errado estava acontecendo.

A princípio pensei que o susto no rosto dele fosse algo normal, pois não lhe contei que ele estava lidando com uma virgem de 30 anos de idade. Ele nunca iria imaginar, e eu não

posso culpá-lo por não ter adivinhado. Kostas não me machucou de propósito, pelo contrário, não me penetrou assim que tirou minha lingerie, antes brincou com meu sexo e me fez estar preparada para recebê-lo.

Foi muito bom e prometia ser além de todas as minhas expectativas, mas agora sinto como se um enorme buraco tivesse sido aberto dentro de mim. Um vazio tão grande, o sentimento de rejeição, de abandono que não tenho como preencher com nada, nem mesmo com minha indignação.

Quero xingá-lo, amaldiçoá-lo, cuspir em sua cara e estapeá-lo até que me diga o motivo pelo qual me tratou desse jeito. Não consigo entender o que houve para que ele ficasse tão transtornado!

Respiro fundo várias vezes, tentando me acalmar. Seco o rosto com as mãos e desço da mesa. A pontada dentro de mim me lembra de que não sou mais a mesma. Mesmo que seja só uma questão anatômica, faz-me pensar em tudo o que poderia ter sido e que, por causa dessa condição, não foi.

Tento não pensar sobre isso, quero sair da sala o mais rápido possível, tomar um banho e me livrar do cheiro insuportável de rosas que impregnou meu corpo. Quero me livrar da sensação do corpo dele no meu, mesmo aquela que foi deliciosa.

Pego o que restou da calcinha e a jogo dentro da minha

bolsa, que também resgatei do chão. Ajeito meu vestido, olho para o buquê amassado e as rosas despetaladas em cima da mesa e sinto o estômago embrulhar.

Junto tudo, limpo a mesa e sigo para o banheiro.

Meu rosto marcado pelas lágrimas me encara diante do espelho. Jogo as rosas no lixo, embrulho a calcinha em papel higiênico e faço o mesmo. Só então olho para o meu corpo. O vestido amarrotado não é nada perto das coxas pegajosas.

Sempre carrego lenços umedecidos na bolsa, então uso-os para me limpar e poder vestir a calcinha extra que também levo comigo para eventuais acidentes. Não vejo sangue, fato que me deixa aliviada, pois sempre imaginei que, quando perdesse a maldita virgindade, ele jorraria pernas abaixo, de tão antigo que estava o hímen lá, intacto.

A umidade que senti nas coxas era minha própria lubrificação e, talvez, a dele. Que loucura! Além do local impróprio, da correria, ainda íamos transar sem nenhuma proteção. Jogo água no rosto e me pergunto onde estava com a cabeça.

Nunca fui imprudente ou irresponsável em minha vida e, nesta noite, ignorei tudo isso por uma paixão avassaladora que resultou em mais uma ferida dentro de mim. *Rejeição!* O meu maior medo desde que percebi que o tempo tinha passado e eu continuava virgem. *Uma virgem de 30 anos de idade!*

Por que ele me rejeitou? Choro, soluçando, sem conseguir me conter. Sexo sempre foi uma questão tensa para mim, uma trava, uma vergonha que me fazia mentir e esconder que nunca tinha experimentado. Eu brincava sobre o assunto, criava fantasias tiradas de algum livro, escondia-me atrás de um personagem que inventei para mascarar meu medo.

Eu enxerguei o sexo como algo sujo por muito tempo. Sujo, doloroso, errado. Quando comecei a namorar, na adolescência, percebi que, ao contrário do pessoal da minha idade, eu não tinha a mínima vontade de ter minha primeira experiência, e, por isso, o relacionamento não deu certo. O garoto queria transar comigo, e eu sempre negava.

Depois, já na faculdade, eu comecei a sair com um homem e já logo o avisei que teria que ter paciência, pois não estava pronta para ir para a cama com ele. Foi aí que comecei a terapia, depois de fazer vários exames hormonais a fim de entender minha falta de libido e nenhum ter mostrado problema, e tentei entender o que acontecia comigo.

O Dado, meu namorado na época, foi superpaciente comigo e acompanhava o tratamento de perto, sempre querendo saber se podia fazer algo para ajudar. Um dia, depois de eu chegar da terapia um tanto desanimada, ele me consolou dizendo que não se importava com sexo, pois o que valia de verdade era o amor que sentíamos um pelo outro. Naquele momento, percebi outro

fato alarmante sobre mim: eu não estava apaixonada.

Eu nunca tinha estado apaixonada por ninguém!

Terminei o namoro – não era justo ficar com alguém sem corresponder o sentimento – e tentei me entender antes de entrar em outro relacionamento, e o tempo passou sem que isso me incomodasse, sem que eu tivesse encontrado alguém que me fizesse querer mais do que beijos e abraços.

Entrei no estágio na Karamanlis, conheci tanta gente bacana, inclusive um rapaz da TI que vivia dando em cima de mim, e a as meninas ficavam botando pilha para eu ficar com ele. Ficava apavorada apenas com a possibilidade de que todos descobrissem que eu era virgem, afinal, já tinha 25 anos, era independente e não poderia explicar meus motivos sem me expor.

Foi aí que nasceu a *personagem* descolada, que não se prendia a ninguém e que tinha horror a relacionamentos amorosos. As meninas se divertiam com minhas aventuras sexuais. Era prático, eu saía à vontade com elas, avaliávamos os *boys*, falávamos besteiras, elas não tentavam me empurrar para ninguém na empresa, e eu não precisava inventar um namorado que um dia elas iriam querer conhecer.

Jane, a minha terapeuta, nunca aceitou esse *jeitinho* que dei, pois disse que só arrumei mais uma forma de me esconder do problema, mas eu estava confortável com isso.

Até conhecer Portnoy, embarcar com ele nas fantasias que sempre gostei de inventar, e o Kostas começar a me atrair.

Eu sempre notei e admirei homens gostosos! Isso nunca foi falso ou fingido. Um dos motivos pelo qual descartei a possibilidade de ser lésbica – porque pensei nessa possibilidade – foi exatamente por homens bonitos e gostosos chamarem minha atenção. Eu achava Theodoros Karamanlis um charme; Kostas, deliciosamente sexy; Millos, misterioso de um jeito que faz qualquer uma imaginar coisas sujas para ele; e Alex, do tipo para casar, com aquele rosto lindo e sorriso doce.

Isso sem contar os outros homens que já apareceram aqui na Karamanlis e que deixaram as meninas babando, inclusive eu.

Porém, nunca senti meu corpo responder eroticamente a nenhum deles, exceto ao Konstantinos. Justamente com ele meu tesão aflorou, e agora estou na merda, sem saber como vou conseguir conviver com ele depois disso tudo.

Peço um Uber para casa e, no caminho, mando uma mensagem para a Jane pedindo uma consulta urgente, e ela responde que me atenderá amanhã na hora do almoço.

Sinto-me apavorada apenas por pensar em como será enfrentar Konstantinos amanhã, e é assim que Verinha me encontra, no saguão do prédio onde moramos.

— *Armaria*[11], o que houve? — ela me pergunta antes mesmo de me cumprimentar.

— Nada... — Tento sorrir, mas meus olhos se enchem de lágrimas.

— E eu sou cega, oxe?! — Puxa-me para dentro do elevador e me abraça. — Eu estou aqui, Kika, pode contar comigo para o que precisar. Se não quiser falar, não fale, mas pode usar meu ombro ou meus braços para se sentir melhor.

Eu soluço, mesmo tentando me conter. Nunca gostei de contar meus problemas a ninguém a não ser para a Jane. Sempre me senti mal por lamentar algo, ingrata ou mesmo dramática, mas dessa vez preciso de alguém para me consolar, para estar ao meu lado.

Chegamos ao nosso andar, e ela abre a porta do meu apartamento com sua cópia da chave. Kaká pula em minhas pernas, e eu o abraço. O cachorro percebe meu estado de ânimo e, ao invés de toda a festa que sempre faz, fica quietinho, dando-me lambidas esporádicas como quem faz um carinho de consolo.

— Vou passar um café enquanto você toma um banho e põe um pijama bem confortável, *visse*? — Ela praticamente me empurra para o quarto. — Chore o quanto precisar, Kika, o chuveiro leva embora as lágrimas e ajuda a amenizar qualquer dor.

— Obrigada, Verinha.

Ela assente e aponta para o banheiro.

Faço exatamente o que ela sugere e me enfio debaixo da água morna, deixando o pranto rolar sem nenhuma trava, expondo meus sentimentos a mim mesma e rasgando o peito. Estou magoada, confusa e com raiva. Tenho vontade de gritar, de bater, ao mesmo tempo em que quero me encolher como uma bola e ficar em algum cantinho, quieta.

Sinto ainda os efeitos do toque dele em mim, de seus beijos, do desespero de sua respiração, o orgasmo causado pela fricção de seu pau no meu clitóris. Tudo tão perfeito como sempre imaginei que sexo seria, mesmo em uma rapidinha descontrolada. Porém, então vem à mente a lembrança do jeito como ele se afastou, eu tentando ainda suavizar a situação, fazer graça mesmo estando confusa e com medo de sua reação.

O olhar dele mudou, seu rosto parecia transtornado, e, ao mesmo tempo em que estava ali comigo, parecia estar longe, vendo coisas, culpado e enojado por ter me desvirginado.

Saio do banho e ponho um pijama fresco e antigo, um dos últimos presentes de mamãe que ainda tenho. É como se eu pudesse sentir seu abraço, como gostaria de receber se ela ainda estivesse aqui.

— Beba! — Verinha me estende uma xícara, e eu provo o líquido quente e cheio de álcool.

— O que você pôs aqui? — pergunto fazendo careta.

— Conhaque. — Mostra-me a garrafa. — Fui lá em casa deixar o Kaká brincando com o Ferdinando e peguei a bebida. Vai ajudar. Bebe tudo.

— Já estou melhor. — Tento sorrir e me fazer de forte. — O banho realmente ajudou.

— Tenho certeza que sim, mas beba! — Ela serve-se de uma dose e a toma, dispensando o café. — Não importa o que houve lá no seu trabalho, quero que saiba que nunca conheci alguém tão focada e responsável quanto você.

Sorrio pelas palavras e agradeço.

— Não foi o trabalho, não se...

— Ah, puta que pariu, foi aquele nojento do Konstantinos? — ela dispara, pois já contei a ela das brigas épicas que tivemos. — Tenho *abuso* daquele homem!

— Eu não sei o que aconteceu — confesso. — Ainda estou confusa com tudo.

Fungo alto, soluço, e ela se senta ao meu lado. Conto tudo para ela, desde quando comecei a me sentir atraída, até a saída repentina dele da sala após termos *quase* feito sexo em cima da minha mesa.

— Eu vou capar aquele filho de uma égua! — ela diz nervosa. — Ele te machucou muito? O babaca deveria ter sido cauteloso e...

— Não, Verinha, não posso ser injusta. Ele não sabia, como eu disse, e não podia adivinhar, afinal, quem se mantém virgem na minha idade? Apesar da dor, que foi natural, eu o quis tanto que o tesão não me deixou raciocinar e pedir a ele que fosse devagar, eu tinha pressa! — Mesmo magoada, ainda sinto meu corpo reagir só por me lembrar de como nos atracamos como loucos dentro da sala. Suspiro. — Eu só não entendo a reação dele quando percebeu que eu era virgem.

Ela concordou e pegou minha mão.

— Por quê, Kika? Por que nunca transou com ninguém?

Dou de ombros, sem querer entrar em detalhes.

— Não me sentia pronta e nem tão atraída por alguém quanto me sinto por ele.

— Se sente pronta agora? — franzo a testa, sem entender a pergunta. — Ele é um babaca por ter reagido daquela forma, não deixe que isso te afete a ponto de pensar que todos os homens são assim. Você gostou antes de ele surtar, lembra? — Concordo. — Está pronta para encontrar um homem de verdade, que saiba fazer gostoso, sem afobação, que te dê o dobro de prazer que ele e ainda não reaja como um puto.

— Não tenho mais nada para assustar alguém e que denuncie que me tornei uma balzaquiana virgem e estranha — tento fazer graça, mas sai tão sentido que ela me abraça.

— Não deveria assustar. Se fosse um homem que valesse à

pena, se sentiria privilegiado. Ele é um covarde!

Concordo com ela, mas ainda sinto mágoa e insegurança.

— Verinha, acha que ele surtou porque sou inexperiente e não o...

— Não seja *lesa*, rapariga! O homem mal conseguiu se conter ao seu lado e, mesmo depois de ter ficado cheio de melindre, ainda estava excitado, não foi? — Concordo. — Ele que tem algum problema, Kika, não você.

Verinha tem razão sobre isso. Mesmo se afastando, eu pude ver o quanto ele estava excitado, então não foi a falta de tesão que o fez reagir daquela forma. *O que será que aconteceu com ele?,* pergunto-me mais uma vez.

— Acho que você não tem com o que se preocupar agora. — Ela leva a minha xícara, vazia, para a pia. — Tem uma porção de caras legais que adorariam uma chance com você. — Sorri. — Inclusive conheço um que quase lambe o chão que você pisa e é um gostoso.

Nego.

— Verinha, eu não...

— Uma experiência de verdade para apagar essa "meia-boca" que você teve. — Pisca. — É o que você precisa para desencanar e seguir em frente. — Beija minha testa. — Vou buscar o Kaká para te fazer companhia. Vá descansar e acorde amanhã linda e brilhante como você é, *visse?*

Agradeço e, quando ela sai, pego meu amuleto dentro da carteira, apertando-o com força em minha mão antes de beijá-lo.

Seu sorriso é capaz de iluminar qualquer escuridão!

23

Kostas

O som alto de *Indifference*[12] me acompanha enquanto bebo mais uma dose de bourbon e abro o segundo maço de cigarros. De vez em quando canto junto à música, mas na maioria do tempo apenas a ouço enquanto bebo até cair, fumo até achar um pouco de prazer e acabo desmaiado no tapete da sala.

Estou há dias assim, desde que saí de São Paulo ainda desnorteado com o que aconteceu entre mim e Wilka e vim parar no imóvel que só uso raramente, geralmente em minhas férias, a pouco mais de 100 quilômetros da capital paulista, em

uma pacata cidade na serra.

Vim para cá para fazer cessarem as lembranças e minha autodestruição ao visitar um local que evocava meus fantasmas. Não pensei muito, é verdade, apenas quis correr para me refugiar e buscar de novo um falso equilíbrio que mantém toda minha precária estrutura em pé.

Eu precisava me reestabelecer, mas, como já sei de cor, há muitos anos, não importa quão longe eu tente correr ou mesmo me esconder, os demônios sempre dão um jeito de me encontrar para cobrar sua tortura.

Não adiantou vir para cá! Fiquei apenas isolado do mundo – aqui não tem telefone, nem sinal de celular ou internet – e cheio de merda na cabeça. Tive pesadelos todos os dias, não consegui trabalhar, apenas mergulhei de cabeça na bebida até que ficasse inconsciente, mas, ainda assim, os sonhos voltavam.

Abandonei a Karamanlis em um momento em que deveria aproveitar a oportunidade, de estar sem Theo e Millos, para mostrar meu trabalho e começar a conquistar a confiança do Conselho e fodi com a melhor chance que já tive. Abandonei o projeto da Ethernium e, principalmente, abandonei, como um rato amedrontado, Wilka Maria.

Precisei desses dias longe para começar a questionar e a tentar avaliar tudo o que eu sabia da gerente marrenta e da Caprica sedutora e tentar encaixar à mulher quente, segura e

virgem que eu descobri na segunda-feira à noite. Por mais que eu tente unir todos os pedaços que já me mostrou, não consigo completar uma imagem nítida dela.

Quem, afinal, é a mulher que me fez perder a cabeça? Por que se manteve virgem? E a pergunta principal: por que eu?

Tudo o que aconteceu me deixou muito confuso, além de ter trazido de volta coisas que eu gostaria de deixar para sempre enterradas no passado. Permiti-me usufruir de uma experiência que não tinha – ter relação sexual com uma conhecida – e acabei caindo nesse imbróglio todo.

Wilka Maria sempre foi capaz de me tirar do prumo, fosse me irritando a ponto de demonstrar como estava me sentindo – o que eu evito fazer a qualquer custo – ou me deixando louco de tesão, agindo sem pensar e contra tudo aquilo que estipulei para mim mesmo.

Trepar em uma mesa de escritório da Karamanlis? Nunca pensei que pudesse fazer algo assim, mesmo que fosse uma transgressão, e eu adorasse transgredir regras. *Trepar sem nem me lembrar da porra da camisinha?* Eu como putas! Nunca, em tempo algum, eu meti sem proteção, nem sei como é!

Gemo ao me lembrar da sensação da minha carne dentro da dela sem nada entre nós. Chego a estremecer recordando a sensação de calor, a umidade que envolveu meu pau e a pressão de uma boceta nunca explorada. Nada do que eu vivi até hoje

pode ser comparado àquilo, nada!

— Caralho! — xingo ao sentir meu pau ereto e dolorido, como vem acontecendo todas as vezes que relembro a experiência com Wilka.

Eu ainda estou puto por ela ter omitido que era virgem e me deixado ser o primeiro. Não entendo o motivo que a levou a isso, se achou que sua virgindade iria me prender de alguma forma, fazer com que eu me sentisse responsável por ela ou se perdeu a cabeça como eu e estava tão fora de ar de vontade que se esqueceu de sua condição.

Repasso todos os momentos, tentando enxergar se, em algum instante, ela tentou me parar ou me avisar, mas tudo o que me vem à cabeça é a loucura, o desespero, o orgasmo e seus gemidos.

Fecho os olhos, cada vez mais confuso.

Eu me afastei, em partes, para evitá-la, pois, no calor do momento, fiquei tão puto que pensei que não iria mais querer olhar para ela. Mais uma vez me surpreendi, pois, três dias depois do ocorrido, estou aqui, no meio do mato, no meu santuário, dividido entre a vontade de esquecer o que aconteceu e de trepar com ela direito, até o fim, ensiná-la, conduzi-la ao prazer e receber em troca mais gemidos.

A verdade que estou tendo que encarar neste momento é que, mesmo que o sexo com ela tenha ressuscitado meus

demônios, continuo querendo-a, cheio de tesão por aquela mulher tão confusa, que ainda não decifrei, mas que faz meu pau se contorcer de vontade.

Começo a rir como um louco bêbado quando *She Talks to Angels*[13] começa a tocar e, como se fosse preciso de algo para me lembrar dela, penso em Wilka Maria, sua ironia afiada, inteligência aguçada, sensualidade e inocência.

Porra, eu estou muito fodido!

Canto alto, largado no tapete da sala, a lareira apagada e várias garrafas de bourbon vazias espalhadas pelo chão. Não me lembro de ter comido algo além de algumas bolachas velhas que estavam no armário, não sei quantos maços já fumei, e o álcool é o que tem me alimentado esses dias.

Foda-se!

— *She don't know no lovers, none that I've ever seen. Yes, to her that ain't nothing, but to me it means, means everything.*[14]

O som de repente para, e eu olho para o aparelho e quase engasgo com a bebida ao ver Millos parado lá com expressão assustada, olhando a zona na qual eu me encontro.

— Mas que porra está acontecendo aqui?! — pergunta.

Eu gargalho pela minha desgraça, pois tudo o que não precisava era de plateia para meu momento mais patético.

— Vá embora, ninguém te chamou aqui! — Tento me

levantar, mas cambaleio e caio de volta ao chão.

— Você tem noção da merda que fez? — Millos se aproxima, e eu seguro a respiração.

Porra, ela contou para alguém na empresa?!

— Não quero falar sobre isso! — rebato. — Nunca se envolva com uma virgem, elas fodem com a gente!

O silêncio de Millos me faz voltar a cabeça em sua direção para encará-lo. Vejo-o pálido e com os olhos arregalados. *É, seu puto, você também reagiria como eu, eu sei!*

— Do que você está falando, Kostas? — sua voz parece falhar.

— Da merda que fiz, porra! — Deito-me no tapete, bêbado demais para me manter sentado sem apoiar as costas. — Eu não pensei que ela tornaria isso público, mas sei que foi uma puta merda ter trepado no escritório da empresa com uma funcionária. — Rio. — Isso se der para considerar uma botada, tão rápida como um meteoro, como uma trepada.

Escuto o som dos coturnos de Millos no chão de madeira e o acompanho com os olhos até ele se sentar no sofá com expressão cada vez mais confusa.

— Você e a Kika Reinol treparam? — sua entonação completamente surpresa me faz perceber que nós dois não estávamos falando do mesmo assunto. *Caralho!*

Começo a gargalhar como um louco, levanto os braços para

tampar meu rosto, mas acabo levando um banho de uísque, o que me faz rir ainda mais. Sabia que a bebedeira afetava a coordenação e os reflexos, mas é a primeira vez que me deixa burro.

— Você não sabia! — constato o óbvio em voz alta.

— Claro que não! Como iria saber? — Ele se joga contra o encosto do sofá. — Mano, você faz tanta merda que nem sabe a qual eu estava me referindo!

Dou de ombros, pois concordo. Sempre fui um merda fazedor de merdas!

Millos pega uma das garrafas ainda cheias e bebe, no gargalo mesmo, um gole do bourbon. Não falamos mais nada, eu, preso nos pensamentos que ainda me assombram e confundem, e ele, talvez, digerindo o que acabei confessando.

— Você foi um filho da puta com seu irmão — ele começa, e eu bufo, não acreditando que ele invadiu meu santuário para falar do Theodoros. — Estou recebendo diariamente queixas dos conselheiros sobre ele, além de um pedido de auditoria geral sobre sua conduta.

Sorrio.

— A melhor notícia dos últimos tempos!

— Porra, Konstantinos, larga de ser um garoto birrento e pensa no que isso pode acarretar para a empresa! — percebo preocupação em sua voz. — Já pensou se essa merda toda vaza e

vai parar na imprensa? Estamos fechando um negócio gigante, não podemos ter nosso nome manchado, mesmo que por suposições!

— Foda-se!

É claro que eu pensei nisso tudo, afinal, na época em que os escândalos e as merdas de Nikkós apareceram, as ações da Karamanlis foram ao chão, mas conseguimos nos reerguer e, se isso acontecer mais uma vez, daremos a volta por cima de novo.

— Às vezes me sinto como se fosse um professor de jardim de infância, cuidando das brigas de vocês. Já estou sem paciência para isso e tenho coisas mais importantes a fazer do que ser babá de um monte de adulto infantilizado! — sua fala me surpreende, pois ele, apesar de sempre defender a paz entre os irmãos Karamanlis, nunca se mostrou tão estressado por ser mediador dos nossos conflitos.

— O que você veio fazer aqui, Millos? — pergunto, tentando manter o mínimo de sobriedade para conversar.

— Cheguei a São Paulo hoje e descobri que a empresa está sem comando desde terça-feira, pois Theodoros viajou, e você sumiu. Liguei para seu telefone, mandei mensagem, fui até seu apartamento, e nada! O porteiro disse que você não tinha retornado e, além disso, um carro da empresa sumiu, e o vigia da garagem disse que você tinha saído com ele na segunda-feira à noite — relata. — Como pensa que fiquei? Porra, achei que

tinha acontecido alguma merda e, por sorte, antes de começar a acionar a polícia e o caralho a quatro, decidi vir até aqui.

— Só te esperava na empresa na segunda-feira da próxima semana.

— Então agradeça por eu ter voltado cedo, porque a empresa parecia um caos! Os seus advogados, todos "baratinados", os *hunters*, atolados, precisando de algum tipo de documento que você ficou de apresentar a eles, e as decisões gerais da empresa, paradas, pois nenhum dos três diretores principais estavam presentes. — Ele respira fundo. — E que história é essa com Kika Reinol?

— Esquece... — tento encerrar o assunto, mas conheço-o bem demais para saber que ele não deixará por isso mesmo.

— Não! Konstantinos Karamanlis tendo um caso com uma funcionária? E o mais alarmante: com Kika Reinol, seu desafeto público? — Ele ri.

— Não estou tendo um caso, porra! — Irrito-me. — Eu não tenho casos! Eu só perdi a cabeça e... Ela é a Caprica, você acredita nisso?

Escuto-o gargalhar.

— Vocês finalmente marcaram um encontro e, por isso, descobriram a identidade um do outro?

Nego.

— Eu descobri; ela não sabe. — Soluço em efeito à bebida.

— Eu comecei a me sentir atraído por ela, estranhei e tentei não dar atenção a isso, mas, quando descobri que ela era a Cabritinha, não deu. — Gargalho. — A mistura da executiva esquentadinha com a ninfa do sexo online me fodeu a mente.

Millos assente.

— E o que aconteceu que te deixou assim? — Ele aponta para minha roupa, a mesma que uso desde segunda-feira, e meu estado lastimavelmente bêbado.

— Descobri que, além de executiva e ninfa da sacanagem, ela também era uma virgem!

Millos arregala os olhos.

— Kika Reinol virgem? Tem certeza disso?

Rio ironicamente, ainda me lembrando da barreira e da pressão que senti quando ela cedeu.

— Absoluta. — Fecho os olhos para não me lembrar de seu grito de dor, pois ele sempre me leva de volta aos meus pesadelos.

Millos se levanta do sofá, abandona o bourbon e tenta me erguer do chão.

— Vou te pôr no banho; você está fedendo!

Eu rio de mim mesmo.

— Eu sou um escroto, Millos. — Ele concorda. — Eu sempre soube que não deveria mudar as regras do jogo. Eu sou uma fraude, um pulha, um filho da puta cheio de merda e

escuridão e não posso, de jeito algum, me envolver com alguém como ela.

Meu primo, que já tinha começado a me arrastar em direção ao banheiro, para.

— Porra nenhuma! Larga dessa merda! O que aconteceu no passado foi pesado, mas já passou! Olhe para a frente!

Gargalho sarcasticamente.

— Você consegue olhar? — pergunto, e ele bufa. — Já conseguiu superar tudo o que você viu e viveu naquela casa?

— Não estamos falando de mim, Kostas — responde seco. — Nunca entendi essa coisa de só trepar com prostitutas, mas, como eu também tenho minhas preferências, nunca questionei. — Millos me encara. — Você nunca tinha feito sexo com ninguém que conhecesse; isso significa, então, que Kika Reinol vira sua cabeça de um jeito que não pode controlar. Isso é bom.

— Bom? É um tormento! — Chego ao banheiro e, enquanto ele abre o chuveiro, vou tirando a roupa. — A mulher me irrita, me excita, me confunde a tal ponto de me fazer ter vontade de esganá-la e de fazê-la gozar ao mesmo tempo.

— Sempre prefira dar prazer, mesmo querendo causar dor. — Ele se afasta para que eu entre no banho.

Nunca entendi bem o que ele faz na intimidade; embora falemos de tudo, nesse quesito de sua vida, Millos é uma incógnita. Sei que frequenta alguns clubes e que não se envolve

com ninguém também, tem casos esporádicos, mas nunca os revela.

Ele tem uma amiga de muitos anos, e eu sempre desconfiei que rolasse algo entre eles, mas nunca tive nenhuma evidência. Sempre pensei que ele fosse um tipo de dominador que curtia sadomasoquismo. No entanto, pelo pouco que sei sobre o que passou, é impossível imaginá-lo com um chicote na mão.

— Não vai acontecer de novo — informo, voltando a pensar em Wilka.

— Por que não? Perdeu o tesão quando descobriu que ela era virgem?

Nego.

— Isso fodeu minha cabeça, você pode imaginar. — Ele assente. — Mas não, mesmo depois de ter ficado desse jeito, de ter revivido um dos piores momentos da minha vida, ainda quero estar dentro dela.

Millos vai até a pia e lava o rosto, enquanto eu deixo a água cair sobre minha cabeça para, quem sabe, voltar à racionalidade.

— Eu a machuquei — confesso, sentindo meu corpo inteiro tremer ao pensar nisso. — Vi em seu rosto que ela sentiu dor, e seu grito foi como se uma faca se enfiasse em mim. Eu não fazia ideia; se soubesse, não teria me aproximado dela.

— Eu sei — Millos diz apoiado na pia, de costas para mim. — Somos fodidos demais e temos medo de contaminar um

inocente. Kika pode ser uma executiva segura de si, mas, nesse aspecto, é inexperiente e deve ter ficado assustada quando você surtou em cima dela. — Ele me olha pelo espelho. — Por que, pela forma como te encontrei aqui, você surtou, não foi?

— Abandonei-a lá, em cima da mesa, sem dizer nada. — Soco a cabeça contra a parede do banheiro. — Era como se eu estivesse lá de novo!

— Eu sei, Kostas, mas ela não sabe. Não é comum uma mulher da idade dela, independente como é, não ter tido experiências sexuais. Ela tem algum motivo para isso, e sua reação pode tê-la traumatizado.

Tento continuar indiferente, o rosto sem nenhuma expressão, mas, dentro de mim, dou razão a ele e temo por ela. Não queria quebrá-la como eu sou quebrado, não tinha intenção alguma de contaminar ninguém com minha podridão e, infelizmente, isso pode ter acontecido.

— Não tive a intenção de machucá-la, embora o tenha feito de muitas formas. Isso não me isenta da culpa, nem ameniza o que eu possa ter causado a ela, mas reforça que devo me manter longe, mesmo que ainda sinta atração.

Millos pensa por um momento e depois concorda.

— Sim, vamos esperar que essa experiência ruim não a impeça de encontrar alguém que mostre, ensine e compartilhe com ela o prazer de verdade, e ela esqueça a foda dolorosa e

incompleta que teve com você. Talvez o que a travava era o constrangimento de ainda ser virgem. Isso ela não é mais, então pode aproveitar bastante agora e realizar todas aquelas fantasias sujas que criava com você no aplicativo.

Não consigo me conter e arregalo os olhos ao pensar nisso. Wilka não é tão inocente quanto eu a estou vendo, apesar de sua virgindade. Ela ficou, por mais de um ano, contando-me suas fantasias e compartilhando comigo todas as suas vontades. Pensar que ela fará isso com outro daqui para frente me causa uma estranha sensação de posse e uma enorme vontade de socar a cara do Millos por falar disso.

— Bom, a relação profissional de vocês já não era boa, então ninguém vai estranhar que se evitem daqui para frente e que ela não lhe dirija mais a palavra. — Millos dá de ombros. — Você continua com suas putas, e ela, descobrindo novas experiências. É perfeito. — Sorri. — Acho que você, na verdade, fez um favor para ela.

Reconheço o joguinho dele. O filho da puta é uma raposa sorrateira na hora de manipular alguém, porém, eu o conheço o suficiente para não cair em suas armadilhas.

— É verdade! — Sorrio, como se ele tivesse me aliviado depois dessa constatação. — Sinto-me bem melhor agora!

— Então podemos voltar para a Karamanlis amanhã de manhã. — Seca as mãos e caminha para a saída do banheiro. —

Esse seu chalé nas montanhas é até interessante no inverno, mas, em pleno verão, isso aqui lembra uma sauna!

O banho me faz sentir melhor, e eu levanto uma das minhas sobrancelhas para ele.

— Não o mandei vir atrás de mim!

— Não precisa demonstrar tamanha gratidão, tenho certeza de que faria o mesmo por mim. — Sorri, maléfico. — Não que eu, um dia, vá fazer metade das merdas que você faz.

— Vai se foder, Millos! — grito antes de ele fechar a porta do banheiro.

24

Kika

É hoje!, penso nervosa ao conferir as horas, saindo da fila do Starbucks, carregando a bolsa extra que trouxe para a empresa por causa do encontro que terei mais tarde.

Há anos não saio com um homem interessado em mim, então acho que posso estar enferrujada. Verinha diz que isso é meu medo falando, e talvez seja, mas essa constatação não diminui em nada meu nervosismo e ansiedade.

Chego à empresa e, como sempre, converso com as meninas da recepção antes de subir, depois vou parando para

cumprimentar cada funcionário da Karamanlis que encontro, desejando bom trabalho e, hoje, comemorando a chegada do final de semana.

— Ei, Kika, vamos para uma happy hour no final do expediente? — doutora Eleonora, do jurídico, convida-me assim que nos encontramos no corredor.

— Hoje não dá, mas vamos marcar para a semana que vem.

Ela assente e suspira.

— Ah, boas notícias, o chefão voltou. — Eleonora faz careta, e eu tento disfarçar minha reação.

— Ele está na sala dele ou na minha? — pergunto, coração disparado.

— Na dele, com Millos, que também retornou. — Ela levanta uma pasta para que eu a veja. — Já comecei a ser garota dos recados de novo! Vou lá, senão o homem vai me massacrar.

Despeço-me dela, mas continuo parada no corredor. Não me encontro com Kostas desde aquela noite estranha em que perdi a virgindade, e ele, a cabeça. Fiquei extremamente aliviada por não o ter visto na terça-feira; indignada por ele estar me evitando, na quarta; e um tanto preocupada quando soube que ele havia sumido, na quinta-feira.

Em todos esses dias, uma só pergunta martelava minha cabeça: o que acontecera para que ele reagisse daquele jeito?

Volto a caminhar na direção da gerência e penso no quanto

chorei abraçada ao Kaká naquela noite. Sentia-me magoada demais com tudo o que acontecera, confusa e triste. Na manhã seguinte, refiz-me, tomei meu banho, esmerei minha maquiagem, coloquei uma roupa que me deixava linda e poderosa e, quando vi a Verinha, ela abriu um baita sorriso.

— Rapariga, você está linda e plena! — Beijou-me. — É isso aí, deixou tudo no travesseiro e acordou para dar a volta por cima!

— Já passei por muita coisa na vida, Verinha; isso não me mata, só fortalece. — Afastei-me para que ela entrasse no apartamento no mesmo momento em que Vinícius chegava do trabalho, todo trabalhado na farda de bombeiro. — Bom dia! — cumprimentei-o. — Acabei de passar um café, aceita?

Ele fechou os olhos e abriu um enorme sorriso.

— Você é um anjo! — Entrou e cumprimentou a Verinha, que, além de estar com Kaká no colo, já havia se servido do café. — Fiz dois turnos seguidos, estou morto, e o café do Rancho é uma água de batata filha da puta!

Servi a bebida para ele e lhe ofereci biscoitos.

— Não, obrigado. — Bebeu. — Isso aqui é o suficiente para me abastecer até eu tomar meu banho e desmaiar na cama. — Verinha se afastou para a sacada, e ele pegou minha mão. — Você está linda! Gostou mesmo das rosas?

A lembrança do buquê fez meu corpo todo arrepiar por

motivos diferentes. Primeiro, por evocar a delícia que foi com Kostas antes de ele descobrir sobre minha condição; segundo, pela outra recordação, triste, por ter jogado as flores fora, pois estavam todas amassadas.

— Obrigada, adorei. — Sorri. — Perfumaram demais meu escritório.

— Eu queria ter te enviado um convite também, mas ainda não sei se já posso dar esse passo. — Piscou. — Adoraria te levar para jantar qualquer dia desses.

Respirei fundo e pensei no que conversara com Verinha e em seu conselho de buscar novas experiências. Vinícius já provara que era um homem incrível, além de bonito e sedutor, então, por que não?

— Sexta-feira à noite estou livre. — Levei minha xícara até a pia. — Você estará de folga?

— Estarei, sim! — disse animado. — Fiz uns plantões extras para outro oficial, mas o meu é de quarta para quinta, depois disso estou de folga. Você quer mesmo?

Assenti, e ele comemorou, fechando olhos e vibrando.

— Podemos nos encontrar em algum local...

— Tem um restaurante novo. — Ele pegou o celular. — Vou mandar o nome e algumas fotos para você e, se gostar, faço reserva.

— Ótimo! — Ele me entregou sua xícara vazia. — Gosto

de gente planejada como eu.

— Eu espero que você goste de muito mais coisas em mim do que só da minha organização. — Aproximou-se e me deu um beijo na testa. — Eu sou um homem de sorte por você ter aceitado jantar comigo, obrigado.

Fiquei sem jeito e, por isso, apenas sorri e agradeci quando Verinha apareceu com Kaká já em sua coleira. Comentei o horário, já estava um pouco atrasada, e todos saímos juntos do apartamento. Verinha foi comigo até o elevador, e Vinícius entrou em seu apartamento.

— Volta por cima! — minha vizinha comemorou. — É isso aí, amiga, dê em alto estilo! — Ela se abanou. — O homem é um tesão de farda!

Ainda estava rindo, lembrando-me dela, quando entrei na Karamanlis. A tensão da expectativa do encontro me deixou nervosa, diferente do que sou, e algumas pessoas perguntaram se eu estava bem.

Abri a porta da minha sala com medo do que iria encontrar, mas não havia nada além de lembranças da noite anterior. Konstantinos não estava lá. Trabalhei o dia todo, assustando-me a cada vez que Leo ou Rosi entravam sem bater à porta, mas fiquei aliviada quando terminou o dia, e não nos encontramos.

Nos outros dias, eu estava menos tensa, decidida a tratá-lo normalmente caso me procurasse, ensaiando uma fala leve e

despreocupada sobre o que acontecera, porém, ele não apareceu.

Ontem ouvi, durante o almoço, que Kostas havia sumido. Ninguém tinha notícias dele, nem mesmo seu séquito de advogados, e, além de o diretor jurídico estar sumido, tinham encontrado sangue em um dos elevadores, o espelho quebrado, e um dos carros havia sido levado, tudo isso na segunda-feira à noite.

O pessoal já estava criando teorias, e a maioria achava que Konstantinos havia sido sequestrado. Foi aí que eu percebi que algo muito mais sério acontecera naquela noite quando ele descobrira que eu era virgem e que isso o fizera desaparecer todos esses dias.

Então, mesmo ainda magoada e com raiva, fiquei preocupada com ele, pois estava transtornado demais quando saiu de perto de mim e fugiu. Essa era a sensação que eu tinha, de que ele havia fugido de algo, mas do quê?

— Bom dia! — Leonardo me cumprimenta assim que entro. — Novidades! O Bostas voltou para a empresa, e o doutor Millos também! Ao que parece, o homem não foi sequestrado, embora ninguém possa explicar o dano e o sangue em um dos elevadores. Parece que ele apenas precisou de uns dias para descansar. — Leo chega perto para cochichar: — Embora o pessoal da central da fofoca tenha dito que a mão dele está com ferimentos.

— Bom, ainda bem que voltou. — Tento parecer indiferente ao que ele falou. — Precisamos acertar as viagens para conhecer os lugares para a Ethernium, e ele não indicou ninguém ainda para ir. Tomara que tenha voltado com disposição para trabalhar.

Lene me entrega uns arquivos, e, depois de cumprimentar a todos da equipe, começo meu dia de trabalho, ajustando o despertador para um horário um pouco mais cedo do que costumo sair, pois me arrumarei aqui mesmo na empresa para o encontro com o Vinícius.

Olho para a mesa do Kostas, ainda aqui na sala, e penso em sua mão machucada e nesses dias todos que ficou sem dar notícias.

O que houve, de verdade, naquela noite?

— Uau! — Carol exclama assim que eu saio do banheiro da gerência. — Você quer matar quem com essa roupa?

Faço careta e passo a mão pelo vestido.

— Está demais? — Dou uma volta completa para que ela avalie tudo. — Comprei-a em um impulso, depois de ver a foto do restaurante onde vou jantar. É um lugar novo, chique,

culinária francesa e mesa reservada. Exagerei?

Ela nega e mexe em sua bolsa.

— Acho que podemos só fazer algo com seus cabelos. — Ergue uma chapinha tão minúscula que eu franzo o cenho, sem entender. — Ele é lindo liso, mas você sempre o usa assim; vamos ondular um pouco.

— Com chapinha?

Carol ri e liga o aparelho em uma tomada.

— Eu trabalhei em salão até conseguir esse estágio, então, pode confiar em mim, sairá daqui ainda mais linda do que está agora.

Sento-me na cadeira, olho o celular, e ela começa a ondular minhas madeixas. Vinícius já me mandou duas mensagens hoje, a primeira para confirmar, e a segunda para dizer que estava nervoso e que não saía para um encontro desde que ainda estava na Escola de Bombeiros.

Acho-o tão fofo que tenho receio de a atração entre nós não acontecer mesmo e eu o chatear. Sei que é só um encontro com um jantar, mas tenho certeza de que, ao final da noite, ele vai querer me beijar e, talvez, fazer sexo, e eu não sei se estarei no mesmo clima.

Vejo uma mensagem da Jane, confirmando a consulta para amanhã e me lembro da tarde em que fui ao seu consultório, contei-lhe o que havia acontecido, e ela, de maneira mais

profissional e séria, deu-me quase o mesmo conselho que Verinha.

Seguir em frente!

— Pronto!

Carol desliga o aparelho e me estende um espelho pequeno, mas suficiente para eu ver a diferença que as ondas fizeram no meu rosto.

— Eita! — exclamo. — Quem é essa mulher bonita me encarando?

— Bonita, não! Você está de parar o trânsito! — Ela confere as horas. — Preciso ir, senão vou me atrasar para a faculdade. — Beija-me no rosto. — Divirta-se!

Agradeço-lhe seu trabalho e pego as sandálias de salto na sacola que trouxe para a empresa. Retiro meus scarpins de salto médio para colocar uns que me dão, pelo menos, mais uns 15 centímetros de altura.

Vou até minha sala, guardo a roupa com a qual trabalhei o dia todo, o sabonete e a toalha que usei para tomar banho e coloco um pouco de perfume.

Meu celular apita uma notificação, e eu corro até ele, esperando ser notícias de Portnoy. O homem disse que ia viajar. Eu achei que era desculpa, mas parece que era mesmo verdade, pois não respondeu mais nenhuma das mensagens que lhe mandei desde terça-feira.

Queria muito conversar com ele, não sobre Kostas, mas sobre um encontro entre nós. Não sei se pessoalmente a química que temos juntos online se confirmará, mas é algo que eu gostaria de tentar, mesmo porque, exceto Konstantinos, apenas ele mexeu comigo a ponto de me atrair.

Talvez, transando com Portnoy e tendo um pouco do que sinto quando apenas me masturbo para ele, consiga abandonar Konstantinos e aquela primeira vez tão esquisita.

Infelizmente, não é meu amigo virtual, mas sim Verinha, desejando-me boa sorte com Vinícius e reforçando que eu não tenho que fazer nada que não queira, que somente tenho de curtir o momento e deixar acontecer naturalmente.

— Esse é o plano, minha amiga — respondo para mim mesma e digito uma mensagem para ela.

Antes de sair para o corredor que divido com a diretoria jurídica e o único acesso para os elevadores, penso que Konstantinos me evitou o dia todo. Mandou e-mail avisando que David voltaria a assumir a frente da conta e que tudo deveria ser resolvido com o advogado e pediu para pegarem as coisas dele depois do almoço.

Estive tentada a ir até a sala dele para lhe pedir explicações, mas todas as vezes pensei melhor e desisti. Não tenho que cobrar e muito menos exigir nada dele. Tentamos uma transa; não deu certo, bola para frente. Se ele prefere lidar com isso

fingindo que nada aconteceu entre nós, então que assim seja feito.

Abro a porta da gerência e espio a da sala principal do jurídico, encontrando-a fechada e sem um barulho sequer vindo do salão onde ficam os advogados.

Tranco a porta – coisa que sempre fazemos às sextas-feiras – e ajeito no ombro minha pequena bolsa com alça metálica antes de seguir na direção dos elevadores.

Rememoro a rota e o endereço do restaurante e chamo o Uber enquanto espero o elevador chegar. Mais uma mensagem de Vinícius entra, reclamando do trânsito e me pedindo para esperá-lo no bar caso se atrase.

“Pode deixar, não se preocupe! Já estou saindo da Karamanlis, então devo chegar antes, sim.”

Ainda estou sorrindo enquanto termino de digitar a mensagem quando o elevador chega e as portas se abrem.

— Boa noite, Kika Reinol! — Millos me cumprimenta, e eu tiro os olhos da tela do telefone para cumprimentá-lo de volta e entrar no elevador, mas fico muda ao ver, junto a ele, Konstantinos Karamanlis.

25

Kostas

A dor de cabeça foi minha companhia ao longo do dia de hoje, desde o momento em que Millos me acordou, ainda no chalé, até este momento. Faço massagem nas têmporas, tentando aliviar um pouco o desconforto, mas não consigo.

Se a dor não tivesse sido causada por um porre, eu a curaria com bourbon. Contudo, depois da quantidade que bebi, não posso nem pensar na bebida, que meu estômago embrulha.

O taxista me olha pelo retrovisor, impaciente, mesmo com o taxímetro correndo, enquanto estamos parados. Finjo não

perceber sua irritação e continuo massageando a cabeça, decidindo o que devo fazer.

Voltei para a capital dirigindo, e Millos me acompanhou em sua moto. Depois, passei em casa, tomei outro banho e um analgésico, coloquei um dos meus ternos e fui para a empresa.

Como estive sem sinal no telefone, havia uma porrada de e-mails e mensagens para eu ler, mas senti o corpo gelar ao ver o símbolo do Fantasy e a indicação de que me mandaram mensagens privadas. Como minha conta está fechada para os outros perfis, só podia ser uma pessoa: Caprica.

Abri o chat e senti meu sangue ferver ao ver mensagens descontraídas dela desde terça-feira, e algumas sensuais, reforçando o convite para nos conhecermos pessoalmente. Era para eu me sentir aliviado por ela não estar mal, ter seguido normalmente sem que o que aconteceu entre nós a influenciasse, mas não, não senti porra nenhuma de alívio, só indignação por ela já ter partido para outra.

Decidi cancelar de vez a conta do aplicativo, mas, assim que entrei na página principal, vi a notificação de que Caprica havia liberado a conta e que estava ativa novamente. Isso me enfureceu tanto que ativei a minha também e desisti de cancelar o Fantasy.

Pensei em ir até a sala dela quando cheguei ao nosso andar, fingir que nada acontecera e trabalhar o dia todo com ela, mas a

ideia era tão ridícula que fui para a diretoria jurídica, disposto a ignorá-la o dia todo como se não existisse. Achei que ela, em algum momento, viria até mim, mas, conforme o tempo foi passando, descobri que estava tratando com uma criatura tão orgulhosa quanto eu.

Resolvi provocar e mandei um e-mail renomeando David para trabalhar à frente da Ethernium, aguardei, e nada. Depois pedi a uma estagiária que recolhesse minhas coisas lá e fizesse questão de dizer que eu estava na empresa e que fora ordem minha, porém, ela não apareceu de novo.

Convenci-me, então, de que a melhor resolução era manter distância, mesmo estando com as palavras do Millos, sobre ela encontrar outro para realizar as *nossas* fantasias me incomodando a mente a cada momento.

Eu não queria um envolvimento além do sexual com ela, nunca quis e continuo não querendo, mas o que aconteceu entre nós naquela noite não poderia ser considerado, e eu ainda queria mais.

Mergulhei de cabeça nos processos e só me dei conta da hora quando Millos me chamou à sua sala e olhei para o relógio. A maioria dos funcionários já havia saído, só David e Murilo ainda estavam em suas estações de trabalho, finalizando algo.

— Doutor, acabei de marcar a viagem ao Rio de Janeiro e estou só esperando a indicação de qual dos *hunters* irá comigo

— David me informou. — A partir de segunda, vamos começar a fazer os cronogramas das reuniões nos estados e, a partir daí, marcar com o cliente.

— Ótimo, deixe-me sempre ciente.

Despedi-me deles, pois não voltaria mais para a diretoria jurídica e segui – não sem antes olhar a porta da gerência de *hunter* – para o andar superior, onde Millos me esperava em sua sala.

— Essa merda toda que você fez... — ele falou assim que entrei em sua sala e apontou para um documento em cima da mesa — acho que isso ainda vai causar muitos prejuízos à empresa. — Peguei o papel, mas, antes que eu pudesse ler, Millos explicou: — Pedido de auditoria!

Respirei fundo, mas dei de ombros, sem nenhuma expressão de preocupação ou arrependimento.

— Você não acha temerário que ele se envolva com uma mulher e isso afete o trabalho na Karamanlis? Há anos a empresa tenta comprar aquela porra de boteco, e ele desiste assim, por causa de uma boceta...

— Kostas, cala a boca! — Millos pareceu muito irritado, e isso me surpreendeu, pois ele nunca perde a compostura.

Ele sabia de algo, eu tive essa impressão. Millos tem relacionamento com todos nós, conhece os segredos de todos, obviamente saberia se estivesse acontecendo algo mais do que

um caso entre Theodoros e a dona do boteco.

— Do que você está sabendo, Millos? — perguntei, mesmo tendo consciência de que ele não me falaria.

— De nada! Eu só acho que, se Theo tomou essa decisão, ele tem algum motivo que a respalde.

Sua resposta não me convenceu o mínimo. Tinha certeza de que ele sabia mais do que estava me falando e, pela sua descompostura, podia apostar que era algo de proporções grandes e que o filho da puta estava se mantendo calado para manipular a vida de alguém.

— Como foi com a Kika Reinol hoje? — ele mudou de assunto, e eu tive a confirmação de que, sim, ele sabia de algo e estava deliberadamente escondendo.

— Não foi. — Levantei a sobrancelha. — Designei o David de volta para a conta da Ethernium. Assunto encerrado.

Millos abriu um sorriso pretencioso, claramente duvidando do encerramento do assunto, e eu fiz minha cara de tédio para ele.

— Entrou em contato com Theodoros para falar sobre a auditoria? — indaguei, voltando ao assunto.

— Não, ele já está lidando com merda demais tendo que conviver esses dias com nossos familiares, não vou preocupá-lo antes da hora. — Eu ri e o chamei de baba-ovo. — Vai tomar no cu, Kostas. Eu faria o mesmo se fosse com você, seu babaca.

Eu tive que admitir isso e enfiar meu rabo entre as pernas.

Saímos juntos do escritório dele. Convidei-o para beber, mas ele se negou, dizendo que precisava ir para casa.

— Algum problema? — questionei ao notá-lo um pouco ansioso.

— Nenhum — respondeu, digitando uma mensagem em seu telefone. — Só quero passar um tempo em casa, já estive muitos dias fora, preciso organizar umas coisas.

Gargalhei ao entrar no elevador.

— Você organizar coisas naquela zona que chama de *casa*? Definitivamente, Millos, você tem algum problema por lá e não quer abrir o jogo! — decidi provocá-lo. — Pois bem, vou até lá para ajudá-lo.

— Não! — ele respondeu sério no exato momento em que paramos no andar da minha diretoria.

Assim que as portas do elevador se abriram, arregalei os olhos ao ver Wilka Maria parada, de cabeça baixa, sorrindo e escrevendo alguma mensagem no telefone. No mesmo instante pensei no Fantasy e em sua conta ativa, recebendo propostas de encontros para foda e realizações de fantasias.

— Boa noite, Kika Reinol! — Millos a cumprimentou, e ela tomou um susto ao nos ver dentro do elevador. Olhei-a detalhadamente, desde as sandálias altas de saltos finos; suas belas pernas bronzeadas, que me chamaram a atenção mesmo

sem eu saber a quem pertenciam, sumindo da metade das coxas para dentro de um vestido preto, justo e que deixava seus ombros de fora.

Os cabelos dela também estavam diferentes, embora eu não conseguisse dizer exatamente o que ela tinha feito, porém, pareciam mais vivos, com um balanço diferente.

— Boa noite, doutores — ela nos saudou e entrou no elevador, e sua boca pintada de vermelho atraiu meus olhos como se fosse uma chama. Apenas balancei a cabeça em cumprimento e, quando ela se virou, ficando de frente para as portas e de costas para mim, quase gemi ao ver o quanto o vestido ressaltou sua bunda perfeita.

Puta que pariu!

Remexi-me, incomodado, e meu primo segurou o riso, percebendo o desconforto causado pela minha ereção inconveniente.

— Com todo respeito — Millos puxou assunto com ela —, a senhorita está lindíssima!

Olhei para ele com minha sobrancelha erguida, sem entender a merda do jogo que ele queria começar. Wilka não se fez de rogada e lhe agradeceu, em meio a sorrisos, o elogio.

— A vida não é só trabalho, não é, doutor Millos? — Ele assentiu. — Essa semana foi bem puxada, trabalhando praticamente sozinha na conta da siderúrgica, então decidi

aproveitar um pouco hoje à noite.

Respirei fundo e crispei as mãos de raiva, pensando em como *exatamente* ela pretendia aproveitar a noite.

— Está certíssima! Aliás, preciso parabenizá-la pelo trabalho excelente que vem fazendo, mesmo na ausência de Kostas durante esta semana. — Ela olhou para trás e me espiou de rabo de olho. — Estamos todos muito felizes por você ter retornado à empresa no momento certo, não é, Konstantinos?

Filho da puta!

— É, sim, muito felizes! — resmunguei entredentes e esperei algum comentário mordaz dela sobre meu sumiço ou mesmo alguma piadinha, mas não, ela apenas sorriu em agradecimento e voltou a olhar para frente.

O elevador parou antes de chegar ao térreo, mas não havia ninguém esperando-o, então Millos saltou para fora de repente e se despediu.

— Eu preciso mesmo ver umas questões aqui com Alexios e acho que ele ainda está na empresa. — Olhou para a gerente. — Divirta-se muito e compense a semana pesada que você teve. — E depois para mim — Boa noite, Kostas.

Assim que o elevador se fechou e começou a descer de novo, o clima dentro dele mudou, ficou pesado e tenso. Eu segurava na barra de acessibilidade próxima ao espelho – que eu já tinha percebido que haviam substituído – e tentei ignorar o

quanto ela estava cheirosa e a vontade que tinha de pressioná-la contra as paredes frias de inox, fazer o elevador parar e fodê-la até que desistisse de qualquer outra diversão que não fosse eu.

Não o fiz, claro, estava decidido a manter distância e o faria de qualquer jeito. Descemos no térreo e caminhamos lado a lado até a calçada da Paulista sem nem mesmo uma palavra. O silêncio dela me incomodava, mas eu não conseguia achar um modo de quebrá-lo.

Notei o táxi parado à porta da empresa e esperei para ver se era o veículo que ela esperava, mas, como ficou na calçada, supus que ou tivesse pedido um Uber, ou mesmo que estivesse esperando uma carona.

— Boa noite, Wilka — despedi-me, e ela finalmente me encarou.

— Boa noite, doutor. — E, sem que pudesse se controlar, olhou para a minha mão, ainda com algumas escoriações do soco que dei no espelho do elevador. — Está tudo bem?

É claro que não, porra! Com quem você marcou de se encontrar?! Vai foder por aí, agora que está se achando muito experiente depois de ter se livrado da virgindade tardia?, era o que eu queria dizer a ela, porém, contentei-me com:

— Tudo ótimo! Divirta-se!

— Eu vou, não se preocupe! — E abriu um daqueles seus sorrisos que chegam até os olhos e a deixam ainda mais sexy.

Comecei a caminhar na direção do meu prédio, quando vi o Uber se aproximar, o motorista chamá-la pelo nome, e ela entrar. Olhei para o táxi e não pensei duas vezes, pulei para dentro do veículo e disse a frase mais ridícula e clichê do mundo:

— Siga aquele carro!

Pois bem, é por isso que estou aqui, neste momento, com uma puta dor de cabeça, parado em frente ao restaurante francês em que já estive antes com Millos, recebendo olhares interrogativos do taxista, que deve pensar que sou um tarado ou um corno por ter seguido a mulher até aqui.

Bem, não sei o motivo pelo qual vim para cá e nem de tê-la seguido, mas já estou aqui e não sou homem de recuar no que faço. Tiro o dinheiro da corrida da carteira e saio do carro, liberando o taxista.

— Boa noite! — uma recepcionista muito bem-vestida e linda me cumprimenta. — O senhor possui reserva?

— Não, mas posso ficar no bar?

— Claro! — Ela me pede um documento e depois o entrega junto a um cartão magnético com o nome do restaurante. — Seja bem-vindo!

Entro já esquadrinhando as mesas. Contudo, abro um sorriso ao ver Wilka sozinha, sentada em uma das banquetas do balcão do bar. Respiro fundo, pedindo meu autocontrole de volta e me sentando ao seu lado.

— Rare Breed[15], por favor — peço meu bourbon favorito, mas, pela expressão “é de comer ou de passar no cabelo?” que o *bartender* faz, já presumo que não tem a marca. — William Larue Wellen[16]? — A expressão não muda. — Jim Beam[17]? — *Puta que pariu, o “bartender” acabou com minha entrada surpresa! O que foi que tomei quando vim aqui com Millos?* Jogo um olhar rápido à parede de bebidas à minha frente e vejo uma garrafa de Tennessee Whiskey. *Quem não tem cão...* — Jack Daniel’s Old 7[18], por favor.

Viro-me para Wilka Maria, que parece não acreditar que está me vendo ao seu lado.

— O que você...

— Ora, ora, que coincidência! — Sorrio maliciosamente. — Se soubesse que estava vindo para cá, teria me oferecido para *rachar* o Uber com você.

Ela demora um tempo para reagir, o *bartender* serve minha bebida e debita no cartão de consumo do bar, então ela parece despertar do choque e ri.

— Você me seguiu?

Bebo calmamente, degustando a bebida, fico um tempo apreciando seu sabor amadeirado e então respondo:

— Por que eu faria isso?

Armo-me com minha expressão irônica, mas isso não a

inibe, nem detém. Para meu total assombro, ela gargalha, um som rouco, vibrante e delicioso que me faz querer segurá-la pela nuca e sorver aquela música para dentro de mim.

— Qual é a sua, afinal, doutor? — ela é direta. — Qual é o jogo que estamos jogando, porque, infelizmente, desconheço as regras?

Dou de ombros.

— Não tem jogo! Estava com vontade de beber e vim até aqui. — A desculpa é tão esfarrapada, até para mim, que rio antes de beber mais um gole e olhá-la. — Fiquei curioso, só isso.

— Curioso?

— Para saber com quem você iria se encontrar. — Minha sinceridade a desarma. — Nós não conversamos desde aquela noite.

Wilka puxa o ar lentamente e depois o solta.

— Eu estive na empresa todos os dias desde então, não sumi sem dizer nada e nem fui eu quem saiu correndo como se tivesse visto um fantasma.

Concordo com ela e bebo de novo para aliviar o bolo que sinto em minha garganta.

— Desculpe-me. — Olho dentro de seus olhos castanhos. — Eu não esperava que...

— Olá? — a voz de um homem me interrompe, e eu o

encaro. — Desculpe a demora, Kika, o trânsito estava um inferno!

Ele a beija no rosto e a abraça quando ela desce da banqueta. Acompanho, sério e puto, sua mão acariciando as costas dela enquanto ele a abraça.

— Tudo bem, Vinícius, acabei encontrando um conhecido. — Ela dá um sorriso sem jeito em minha direção. — Nossa mesa já está pronta. Vamos?

Conhecido?! Tenho vontade de rir por ter sido chutado para escanteio descaradamente. O tipo, bem mais baixo que eu, com o cabelo cortado rente à cabeça e uma roupa colada no corpo de modo a ressaltar seus braços musculosos, dá-me uma olhada rápida antes de encaminhá-la para a mesa onde irão jantar.

Para minha diversão, é a mesa mais próxima do bar e, por esse motivo, posso ouvi-lo perguntar para ela:

— Ele estava te incomodando?

Giro a banqueta e olho diretamente para Wilka, sentada de frente para mim, esperando sua resposta ao skinhead[19] "bombadinho". Nossos olhos se encontram por um breve momento, e ela, por fim, diz:

— Não, é um dos diretores da empresa onde trabalho.

O garçom se aproxima para anotar os pedidos, e noto que é ele a definir a bebida da mesa. Depois comenta algo com Wilka,

que assente e sorri, então voltam a conversar.

Pego o celular, abro o e-mail que usamos para tratar da conta da siderúrgica e copio o número do celular dela, torcendo para que ele não seja corporativo e ela não o tenha deixado no trabalho.

“Achei que você iria reivindicar seu direito de escolher sua própria bebida. Estou decepcionado com sua falta de feminismo!”

Disparo a mensagem, escuto o celular dela vibrar em cima da mesa, mas ela não o pega. Tento outra vez.

“Eu realmente segui você. A verdade é que aquela noite foi uma loucura, e ter descoberto sua virgindade daquela forma, machucando você, me desconsertou. Eu vim para me desculpar, estava fazendo isso quando sua companhia chegou e não ouvi se você aceita a desculpa ou não.”

Leio a mensagem antes de a enviar, surpreso por estar me expondo demais para ela. Toda minha resolução de permanecer longe acabou quando pisei na Karamanlis. Tive consciência o tempo todo de que ela estava tão próxima de mim, mas não

consegui me aproximar. Provoquei, chamei a atenção dela como um pirralho carente, pensando que ela estaria puta e que apareceria para brigar comigo, mas não.

Olho para o casal sentado à mesa à minha frente e pondero se não é melhor que ela se envolva com alguém menos fodido do que eu. Então balanço a cabeça, achando a ideia absurdamente ridícula. Ainda estou cheio de tesão por ela e, pelo que aconteceu antes, sei que ela sente o mesmo por mim. Porra nenhuma que vou deixar um "mamãe, *tô* forte" se aproximar dela e me tirar da jogada! *O caralho que eu vou!*

Ela é minha!

Sinto uma coisa estranha em mim, um sentimento de posse sobre ela por ter sido o primeiro, por tê-la marcado para sempre, talvez não da forma como merecia – o que pretendo consertar em breve –, mas, ainda assim, ter sido eu o escolhido por ela para aquele momento.

Envio a mensagem, e, dessa vez, quando o celular dela vibra, Wilka confere as mensagens e me encara, surpresa, e logo depois volta a olhar o aparelho em sua mão. O homem sentado à sua frente fala algo, e ela apenas assente com a cabeça, sem conseguir tirar os olhos do celular.

Ela, por fim, fala algo com ele e digita. Espero pela mensagem – confesso que estou um pouco nervoso – com o aplicativo aberto na conversa que iniciei e, quando a mensagem

chega, leio-a rapidamente.

"Aceito suas desculpas. Eu deveria ter contado, talvez assim você tivesse parado e nos poupado o constrangimento."

"Eu não teria parado, Wilka, só teria ido com mais cuidado. Não tinha como parar, assim como não tenho como parar agora. Estou aqui, de plateia em um encontro seu, mas, ainda assim, de pau duro de vontade de estar dentro de você."

Mando a mensagem antes que ela coloque o aparelho sobre a mesa e vejo seus olhos se arregalarem levemente ao ler o que escrevi.

Mais direto que isso, impossível!

Termino a bebida, deixo o copo sobre o balcão e me levanto para ir embora, pois não faz mais sentido ficar aqui, assistindo-lhe jantar com outro homem. Ela já sabe que eu a quero e, se me quiser também, irá deixar claro, independentemente do que rolar entre ela e o seu encontro esta noite.

Não me agrada imaginá-la com outro homem, mas sei que não tenho o direito de intervir nisso, afinal, não temos nada um com o outro e, por mais que me sinta atraído por ela, nossa

questão é apenas sexual, saciar o desejo e expurgar essa vontade.

Faço sinal para o *bartender* pedindo a conta e, enquanto ele pega uma máquina para dar baixa no meu cartão de consumo, ouço a campainha de um celular ressoar por todo o restaurante.

26

Kika

— O Carlinhos estava um pouco febril hoje cedo, mas amanhã é dia de ele ficar comigo e já começou desde segunda-feira a me cobrar para te pedir para deixar o Kaká dormir com ele — Vinícius comenta assim que nos sentamos à mesa, e eu tenho que me esforçar para entender o que ele está falando, pois me sinto aérea ainda com a presença de Kostas aqui. — Eu disse a ele que não é assim, que o bichinho pode ficar chateado por ficar longe de sua casinha. Eu estou pensando em comprar um cãozinho para ele de aniversário, mas a mãe dele é contra.

— Complicado... — respondo e olho na direção do bar. Kostas está de frente para mim, e nossos olhares se cruzam por um momento. — Eu posso deixar o Kaká na sua casa até o Carlinhos pegar no sono. Ele costuma dormir cedo, não é?

— Sim! Seria uma ótima saída. — Ele fica parado me olhando com um sorriso. — Nem acredito que você está aqui! E linda desse jeito!

Sorrio sem jeito, e um garçom se aproxima para anotar nossas bebidas.

— Vamos querer vinho, meio seco de preferência e tinto — Vinícius faz o pedido por nós dois. Isso me incomoda, e eu ergo uma das sobrancelhas, achando sua atitude um tanto machista. Meu celular vibra em cima da mesa, o que chama a atenção dele, que me olha, percebe minha expressão e sorri sem jeito. — Tudo bem para você, ou gostaria de pedir algo diferente? Eu fiz o pedido porque me lembrei que, no aniversário da Verinha, você tomou vinho, mas...

— Tudo bem — interrompo-o com um sorriso. — Vinho está ótimo, obrigada por perguntar.

O garçom se afasta.

— Eu queria te convidar para sair desde que te conheci. Achei você tão incrível, positiva, amável e, posso estar falando bobagem, mas acho que temos muita química.

Hein?! Eu queria ter a mesma certeza que ele neste

momento, mas a presença do Konstantinos, que apareceu aqui como um perseguidor maluco, e seu pedido de desculpas pelo que houve entre nós me deixou um tanto desconsertada e sem clima para o encontro com Vinícius.

Desculpas! Apesar de reconhecer que foi um gesto bem sensível e que eu não esperaria dele, senti-me decepcionada também. Pedindo desculpas, para mim, pareceu que ele estava arrependido, que não sentia mais a atração e o ar vibrando à nossa volta.

Eu senti e ainda sinto! Meu corpo inteiro esteve alerta à presença dele no elevador, a cada respiração mais forte que ele dava, cada movimento, tudo foi perceptível por mim como se estivéssemos juntos, colados. Aqui no bar não foi diferente. Quase não acreditei quando ele se sentou ao meu lado e pediu sua bebida na maior desfaçatez do mundo. Tive vontade de rir quando não conseguiu nenhuma das marcas que queria e desejei que neste restaurante chique só tivesse Natu Nobilis[20].

Ele tentou disfarçar que veio atrás de mim, mas meu coração disparado não se enganou, e eu me senti poderosa ali, mesmo sem entender o motivo pelo qual ele me seguiu.

Até suas desculpas...

Meu telefone vibra de novo.

— Não vai ver o que é? — Vinícius pergunta. — Pode ser

importante.

— Você não se importa?

Ele nega, e eu pego o aparelho e quase engasgo com minha própria saliva ao ler a mensagem – de um número que não consta em minha agenda, mas que não me deixa dúvida de quem é o remetente.

A primeira mensagem é engraçadinha e demonstra que ele está observando – e talvez até ouvindo – tudo o que se passa aqui na mesa, e isso me faz ficar ainda mais intrigada com a permanência dele no restaurante. A segunda mensagem é uma surpresa total, uma justificativa e um pedido de desculpas, coisas que realmente não esperava dele.

— Preciso responder — aviso ao Vinícius, já digitando uma mensagem.

"Aceito suas desculpas. Eu deveria ter contado, talvez assim você tivesse parado e nos poupado o constrangimento."

Entendo que ele peça desculpas pela reação que teve depois que percebeu minha virgindade, até aprecio isso, mas pensar que ele possa estar se desculpando por ter feito sexo comigo é um pouco dolorido. Apesar dos pesares, eu nunca quis tanto alguém

como o quis naquela noite.

E, se for sincera, ainda continuo querendo. Mal concluo o pensamento, e outra mensagem dele entra.

"Eu não teria parado, Wilka, só teria ido com mais cuidado. Não tinha como parar, assim como não tenho como parar agora. Estou aqui, de plateia em um encontro seu, mas, ainda assim, de pau duro de vontade de estar dentro de você."

Meu coração quase sai pela boca, e eu preciso apertar levemente as coxas, pois ler isso acordou meu sexo, aguçou a vontade de tentar mais uma vez, de ter a experiência completa com ele antes de seguirmos com nossas vidas.

Ergo os olhos e o vejo falando com o *bartender*, já de pé, em claro sinal de que está indo embora. Olho para o Vinícius sem jeito e tento um sorriso enquanto o garçom serve nosso vinho. Não posso simplesmente abandoná-lo aqui e sair correndo atrás de Konstantinos, não posso e nem devo.

Coloco o celular na mesa.

— Nós estávamos falando sobre...? — tento voltar ao assunto, mas não consigo, pois o celular de Vinícius começa a tocar alto, chamando a atenção dos outros clientes. — Pode atender.

Ele pega o aparelho em seu bolso e arregala os olhos.

— É a mãe do Carlinhos!

Levanta-se rapidamente e pede licença para atender o telefone, caminhando em direção a uma espécie de hall que o restaurante possui, todo ornamentado com plantas. Acompanho-o com os olhos até que começa a falar ao telefone, mas depois olho na direção onde estava o Kostas.

Ele não está mais perto do bar, então o vejo sair do restaurante. Respiro fundo e penso que foi melhor assim. Já fizemos algo por impulso uma vez e não resultou em uma experiência muito satisfatória para ambos. É melhor irmos com calma, acertarmos as coisas antes de qualquer outro passo.

— Kika, me desculpa, mas preciso ir. — Vinícius parece nervoso, e eu me levanto. — A febre do Carlinhos aumentou muito, e Liliana o está levando para o pronto-socorro. Preciso estar lá.

— Claro! — Ele pega a carteira, mas eu o impeço. — Não, pode deixar que eu acerto aqui, vai!

Ele concorda e se despede esbaforido, praticamente correndo para fora do estabelecimento. Penso em ficar e aproveitar para conhecer a comida daqui, mas é desanimador comer sozinha, então peço a conta do vinho, pois ainda não tínhamos feito o pedido, pago e já saio com o aplicativo do Uber aberto para me levar para casa.

— Eu acho que você ficou sem carona para ir embora — a

voz de Konstantinos me faz pular de susto, e quase deixo meu telefone cair.

— Merda, Kostas! — Ponho a mão no coração.

Ele abre a porta traseira de um táxi e aponta para o interior.

— Já que não conseguimos *rachar* na vinda, poderíamos fazer isso na volta, o que acha?

Intercalo olhares entre ele, o banco traseiro do táxi e o pedido de confirmação do Uber na tela do celular. Tomo fôlego, bloqueio a tela do celular e ando na direção dele.

— A primeira parada será minha casa — aviso-lhe antes de me sentar no banco do táxi.

Kostas senta-se ao meu lado e fecha a porta.

— Vila Mariana — indica ao motorista e me puxa para perto de si, quase me colocando sobre seu colo. — Não será a primeira parada, será a única, a não ser que queira ir para um motel.

Seu corpo está quente e duro junto ao meu. Sinto seus músculos vibrando, talvez ele esteja contendo um tremor como o que acontece com meu próprio corpo. Ofego, sentindo seu hálito quente no meu rosto. Sua mão segura firme minha cintura, e a outra, a nuca.

Estou quente, aquecendo cada vez mais com a proximidade dele e seu olhar cheio de desejo e promessas sujas. Sei que, se eu me render, essa noite poderá ser aquela que eu sempre quis,

pois ele não vai se contentar em me jogar na cama e foder, vai me comer inteira, devorar como um animal esfomeado e me proporcionar o prazer que essa atração entre nós já prenunciava desde o início.

Ao mesmo tempo, sinto insegurança também. Nossa experiência anterior não teve o melhor desfecho, e, embora eu já não seja mais uma virgem, continuo sendo inexperiente na prática.

Ele percebe que titubeio, então diz baixinho:

— Talvez eu devesse ir mais devagar, mas não consigo. — Sua mão toca meu rosto numa carícia leve. — Eu prometo que dessa vez não vou parar, pelo menos não enquanto você não estiver gemendo, molhada e totalmente satisfeita.

Eu não quero que ele pare, não quero deixar o medo que me dominou por tantos anos me tirar a chance de viver este momento.

— Vila Mariana — respondo sem tirar meus olhos dos dele — será nossa única parada.

Ele me atrai para mais perto e ataca minha boca com um beijo faminto, desesperado. Seguro a sua camisa com força, sentindo o tecido macio se embolar entre meus dedos, enquanto sou consumida por sua boca, lábios se impondo sobre os meus e língua explorando, penetrando e fazendo sacanagens que me remetem ao que ele pode fazer dentro de mim.

Sinto a pressão de seus dedos presos no cabelo da minha nuca. Konstantinos não está sendo delicado e nem contido. Parece que estamos libertos de qualquer contenção que podíamos ter. Não me importo de estar atracada a um homem dentro de um táxi, muito menos de estar levando-o para dentro da minha casa; só desejo dar vazão ao tesão que sinto.

Ele geme contra minha boca e segura o lábio inferior com os dentes. Abro as pálpebras e o encontro olhando para mim.

— Nada pode me fazer parar esta noite, Wilka — declara, ofegante, com a cabeça encostada na minha. — Eu vou te comer de todos os jeitos que quiser, te mostrar como eu deveria ter feito naquele dia, te levar à loucura com minha língua para, só então, acessar sua boceta apertada com meu pau.

Dou uma risada nervosa, mas sinto minha calcinha cada vez mais úmida com a descrição que ele faz.

— Eu vou cobrar cada uma dessas coisas — ameaço-o, e ele ri.

— Eu vou adorar ser cobrado! — Lambe meus lábios descaradamente, como se estivesse me fazendo sexo oral.

— Doido!

Agora é ele quem ri.

— Você não tem ideia do quanto!

Ouço um leve pigarrear e me separo dele, segurando as risadas, mas fico séria ao sentir sua mão enorme subindo pela

minha coxa, insinuando-se por baixo do meu vestido até tocar minha calcinha.

— Já estamos na Vila Mariana; preciso do endereço completo.

Eu digo ao taxista o endereço do meu prédio, mas me engasgo algumas vezes ao sentir alguns dedos levantarem minha peça íntima e a afastar para o lado. Fecho os olhos, tremendo de ansiedade, achando loucura o que ele está fazendo dentro do táxi, mas adorando a sensação. Seus dedos brincam com minha virilha, avançam sobre meus lábios, depois retornam para a virilha.

Gemo baixinho e escuto sua risada. O filho da mãe está me provocando e se divertindo com isso. Talvez ele mereça provar um pouco do próprio veneno! Estico o braço e pouso minha mão exatamente em cima de sua ereção, o que me faz gemer baixinho junto a ele dessa vez.

Naquela noite, assim que ele tirou seu pênis da cueca, eu dei uma espiada para descobrir como era. Eu só reparei em um pau pessoalmente uma única vez na vida, na adolescência, com meu primeiro namorado, mas foi tão rápido, mesmo porque eu fiquei com tanto medo, que mal me lembro dos detalhes. Depois disso, só em filmes pornôs.

Sempre me disseram que paus não eram proporcionais ao tamanho do homem, mas eu pude comprovar naquela noite que

há exceções, e Konstantinos é uma delas.

Sinto um arrepio subir pela minha coluna ao me lembrar do membro duro, pulsando, moreno, coberto de veias altas, grosso e comprido. Ele chegou a me penetrar, mas não se moveu, então não faço ideia de como é tê-lo dentro de mim com movimentos rápidos ou lentos, mas tenho certeza de que será uma sensação incrível.

O táxi para em frente ao prédio, e descemos juntos. Konstantinos paga ao motorista, e eu pego a chave em minha *clutch* para abrir o portão principal, já que o porteiro não está na portaria.

Ele enlaça minha cintura, seu pau ainda duro e pulsando nas minhas costas, suas mãos subindo pelo meu abdômen em direção aos meus seios. Abro o portão e, sem que eu pressinta, ele me levanta nos braços e anda rápido até o elevador, que, por sorte, está no térreo.

Sou pressionada contra a parede gelada assim que as portas se fecham, mantida suspensa, ele sustentando meu corpo com o próprio. Minhas pernas abraçam seus quadris, Kostas rebola contra mim, nossos sexos, mesmo debaixo dos tecidos que vestimos, se tocando, moendo um contra o outro em desespero.

Sua boca devora a minha em frenesi, e eu o agarro pelos cabelos, gemendo descarada dentro do elevador do prédio em que moro sem me importar com vizinhos ou mesmo com a

câmera que há dentro do elevador.

Nada tem importância, somente o que estou sentindo agora, esmagada por um homem de quase dois metros e uns 100 quilos, sua boca atracada à minha e nossos corpos ondulando de prazer, estimulando um ao outro.

Finalmente chegamos ao meu andar, e, de novo, sou levada em seu colo, dessa vez montada nele, suas mãos me mantendo contra si, segurando minhas nádegas, enquanto anda e continua a me beijar.

— A chave! — ele pede em um rosnado baixo, e eu rio.

— Na bolsa. — Solto uma das mãos de sua nuca e tento pegá-la, mas não dá. — Preciso descer.

Ele me põe no chão, mas não desgruda de mim. Acho a chave e, mal abro a porta, sou arrastada para dentro, no escuro, e levada até o sofá da sala.

— Kostas...

Ele sobe meu vestido até tirá-lo, vira-me de costas para ele e geme ao mexer na minha calcinha. Quase não vemos nada sob a parca luz da rua entrando pelas frestas da cortina, mas sinto seu dedo contornar a peça, sentindo a textura suave da renda e da seda, e eu me lembro da que ele rasgou.

Agradeço a luminosidade fraca da sala por não me deixar totalmente exposta. Sei que em algum momento isso vai acontecer e, mesmo não me sentindo insegura com relação ao

meu corpo, terei que lidar com o constrangimento de estar nua com um homem pela primeira vez.

— Sua bunda é um tesão — sua voz entrecortada com sua respiração me dá a dimensão de como ele está. — Você é muito gostosa, puta que pariu!

Kostas me vira e me faz deitar no sofá, ajoelha-se diante de mim, meu corpo todo em expectativa, mas ele não parece ter pressa. Passeia as palmas das mãos pelas minhas coxas, abre-as devagar e substitui as carícias por beijos e lambidas, até chegar bem perto de onde estou quente, molhada e pulsante à sua espera.

— Sou o primeiro a provar sua boceta também? — Konstantinos pergunta, mas não espera a resposta, afastando minha calcinha para o lado e colhendo minha excitação com sua língua tensa e grande, macia, quente e torturante.

Não tenho nem tempo de me sentir constrangida, já tomada pelo prazer. Gemo, rebolo e o seguro pelos cabelos, desejando que ele caia de boca, me chupe inteira até me fazer gozar, porém, ele pincela a língua em meus lábios, depois a agita na entrada e então lambe exatamente em cima do meu clitóris, fazendo-me arfar de tesão e sentir meu corpo inteiro se retesar de prazer.

Não tenho ideia de quanto tempo ele fica assim, só me provando, deglutindo meu sabor, aspirando meu aroma e

esfregando o nariz e barba pelo meu sexo.

Sinto-me à beira de um precipício, ofego como se estivesse correndo uma maratona, a cabeça dá voltas, os pelo do corpo arrepiam e os bicos dos seios parecem querer furar o sutiã. Estou delirante, essa é a sensação, não ruim como a de uma febre, embora também me sinta febril, mas dolorosamente prazerosa.

Meus lábios são afastados por seus dedos e sua língua me penetra profundamente, fodendo-me. Estou em desespero, prestes a gozar. Ele, talvez percebendo isso, abre toda sua boca e abocanha tudo, concentrando-se em chupar meu clitóris de forma rítmica e perfeita.

Grito de prazer, travo meus calcanhares em suas costas, puxo seus cabelos e gemo, gozo, sinto meu corpo inteiro explodindo como nunca senti antes e o puxo para cima, querendo beijar sua boca contendo meu orgasmo e partilhar com ele do meu próprio prazer.

Konstantinos está tremendo, seu corpo chacoalha em cima do meu. Tento abrir os botões de sua blusa, mas é difícil, então a puxo, arrebentando todo eles, libertando sua pele e carne para minhas mãos.

Quente, muito quente, é como encontro o peitoral duro e o abdômen repleto de gominhos perfeitos. Sigo em direção à calça, abro o cinto, e ele se levanta.

Vejo-o, deitada largada de prazer no sofá, abrir o botão da

calça social, livrar-se dela, da blusa e dos sapatos e depois fazer o mesmo com a cueca.

— Tire tudo, quero você nua para mim — ordena.

Sento-me, abro o fecho do sutiã, retirando-o devagar, e, por último, levanto-me e tiro a calcinha sem tirar meus olhos de sua mão, agitando seu pau em uma masturbação deliciosa de se ver.

— Quero que você faça o mesmo — Kostas pede. — Deite-se lá de novo, abra bem as pernas e me mostre como você faz quando está aqui sozinha.

Penso em todas as vezes que já fiz isso e ninguém nunca assistiu. A ideia de ter alguém olhando, de ter Konstantinos Karamanlis me olhando, é muito excitante, embora aterrorizante também, porém, mais uma vez o tesão vence, e eu faço o que me pede.

Ouço seus gemidos, escuto a movimentação de sua mão em seu pau e me toco, lambuzo-me para ele, mostro como gosto, os movimentos, os jeitos e gozo de novo, rendendo-me ao prazer diante dos seus olhos.

— Vem aqui! — ele me chama, e o vejo colocando camisinha e sentado em uma das minhas poltronas. — É você quem vai me comer, Kika.

Sorrio com a ideia e me sento em seu colo, sobre seu pênis, rebolando para que meu gozo possa encharcá-lo todo. Ele está me colocando em posição de comando, está permitindo que eu

tenha o controle sobre nossos corpos, talvez até como forma de não voltar a me machucar, e isso é algo que eu não esperava acontecer, mas que, sem dúvida, enternece meu coração.

Kostas está impaciente, ergue-me pelos quadris, posiciona seu pau na minha entrada e tira a mão de mim, deixando-me com o poder de comê-lo inteiro. Desço devagar, sinto um leve desconforto, afinal era virgem até dias atrás, e ele é bem grande, porém, à medida que vou engolindo-o, sinto os espasmos voltando, meu corpo se agitando novamente, e o prazer me acerta com tudo.

— Porra! — rosna quando me sente gozar sem nem mesmo um movimento seu. — Porra!

Sou agarrada pelos cabelos, e ele começa a agitar os quadris. Grito de prazer com o orgasmo intensificado pelos movimentos. Encaixo-me toda nele, nossos corpos se esbarram, e eu rebolo, sentindo-o bem no fundo, tocando tudo dentro de mim.

Inclino meu corpo para trás sem parar de rebolar, e ele beija meu peito, lambe o mamilo e depois o chupa com força.

— Preciso gozar! — avisa, ainda com a boca no meu peito. — Ah, caralho, preciso gozar!

Abraço sua cabeça com força enquanto ele geme, abandonando-se ao orgasmo, seu pau pulsando dentro de mim e seu corpo todo tremendo, suado, contra o meu.

Fecho os olhos, ainda sob efeito de todo o prazer sentido e rio, maravilhada, sentindo-me finalmente curada de todo o medo que sentia.

Ele me olha parecendo acabado e retribui meu sorriso antes de me beijar.

27

Kostas

A primeira sensação que sinto ao recobrar a percepção de que estou em uma cama onde dormi bem e sem pesadelos é de ouvir pássaros, uma música animada e nada parecida com as que escuto, um leve aroma de café no ar que faz meu estômago roncar e beijos molhados.

Abro um sorriso, ainda com os olhos fechados, adorando a carícia sensual, embora um tanto inexperiente, de Wilka Maria, e meu corpo todo desperta, principalmente uma certa parte que foi particularmente utilizada na noite passada.

Enquanto ela lambe meu pescoço, relembro a loucura da transa que tivemos quando chegamos ao apartamento dela e que ficamos abraçados naquela poltrona apertada por algum tempo, ofegantes, satisfeitos e rindo como dois loucos.

Foi uma experiência nova para mim trepar pela primeira vez com alguém por quem sinto uma verdadeira atração e foi além das minhas expectativas, deixou o ato menos mecânico e fisiológico, embora eu tenha me refreado muito para controlar todos os meus impulsos, lembrando-me sempre de ir com calma, afinal ela era virgem até poucos dias atrás. O fato mais importante de tudo é: fiz sexo com ela porque eu a queria, não somente porque queria trepar.

Durante o banho que tomamos juntos – outra experiência inédita –, fiquei observando-a e notei que, em alguns momentos, Wilka parecia desconfortável com minha presença.

— Quer que eu vá embora? — perguntei depois que saímos do boxe.

Ela ficou me olhando, quieta, avaliadora, e então negou.

— Apenas se você quiser ir. — Respirou fundo. — Não sei como isso funciona, é tudo novo para mim.

A sinceridade e o jeito que ela se expôs tocou em alguma área minha que havia muito não recebia qualquer luz e a iluminou de tal forma que eu sorri. Sim, eu sorri! Não foi um riso sarcástico, debochado ou apenas um sorriso qualquer para

exprimir minha total falta de paciência, como faço sempre. Foi um sorriso que brotou naturalmente, caloroso, um primeiro gesto de afeto verdadeiro.

Passei a mão em seu rosto, e ela fechou os olhos.

— Você pode até não acreditar, mas para mim também é. — Wilka suspirou. — Eu quero ficar. — O toque em sua pele, o cheiro dela, seus cabelos úmidos do banho, e, claro, seu corpo delicioso envolto em uma toalha felpuda me deixaram excitado novamente, porém, de forma diferente. — Eu quero você de novo.

Ela sorriu, e foi toda a resposta que eu precisava.

Dessa vez chegamos até a cama. Eu me sentia um gigante perto dela, mas não tive nenhuma sensação ruim por isso, porque, mesmo com a diferença, nosso encaixe foi perfeito. Minha mão, grande e morena, cobria todo seu rosto, seus peitos cabiam em minhas palmas, eu conseguia escondê-la toda dentro dos meus braços.

Isso, de alguma forma, fez com que o sexo fosse mais lento do que eu costumava fazer. Senti uma enorme vontade de idolatrá-la toda e fiz de seu corpo um templo de adoração, utilizando boca, língua e mãos em cada canto dele sem nunca me fartar. Foi uma experiência exótica, sexy *pra* caralho e que deixou meu pau tão quente que poderia a qualquer momento começar a apitar como uma chaleira.

Nunca pude me dedicar assim a uma parceira, pois sempre estava fodendo profissionais do sexo, e a coisa era mais superficial. Entretanto, com Wilka, eu desejei passar horas apenas degustando sua pele e seus sabores. *Foi foda!*

Depois, quando fui em busca de uma camisinha para me enterrar nela e acabar com a agonia que estava sentindo, ela me deteve e começou a retribuir os beijos lentamente. O boquete começou tímido, devagar. Notei que ela estava provando, conhecendo meu corpo e, então, achei melhor demonstrar que estava no caminho certo.

Nunca fui um homem de gemer com sexo oral, mas me soltei e permiti que meus sons exprimissem todo o prazer que sua língua e boca estavam me proporcionando, a princípio para que ela soubesse que estava fazendo a coisa certa, mas depois apenas porque estava deliciosamente perverso e prazeroso. Em alguns momentos tive vontade de guiá-la apenas para aumentar o ritmo, mas descobri que não era necessário.

Sem que pudesse me controlar, talvez por ter me posto todo em suas mãos, gozei como um louco, o prazer fazendo-me suar e aumentando à medida a que ela assistia, deslumbrada, minha porra jorrando para longe.

— Isso foi delicioso! — comentei depois que o entorpecimento do orgasmo passou.

Não costumava gozar com boquetes, a não ser que eu

estivesse segurando a cabeça da mulher e socando em sua garganta. Eu precisava estar ativo para gozar, estar no controle da situação para não me sentir... Interrompi os pensamentos rapidamente e a olhei, pois ela estava rindo.

— O que foi? — perguntei intrigado.

— Foi meu primeiro boquete de verdade.

— De verdade? — Abri um sorriso safado, imaginando minha Cabritinha treinando boquetes.

— Sim. — Ela se levantou e foi na direção do banheiro. — Treinei com alguns brinquedos.

Sentei-me na cama, pensando nos ovinhos que eu comprara por causa dela e nos vibradores que ela me mandava em fotos.

— Você tem esses brinquedos ainda?

Ela apareceu na porta do banheiro escovando os dentes e assentiu.

Puta que pariu!, pensei, jogando-me contra o colchão com a mente repleta de imagens em que eu a comia utilizando vibradores, plugs, algemas e todos os petrechos que comentamos em nossas conversas online.

Volto a sentir a língua quentinha e molhada dela no meu corpo, agora no rosto, e deixo as lembranças da noite anterior para trás. Abro os olhos preparado para abraçá-la, prendê-la debaixo de mim e começar uma trepada matinal para aliviar um pouco o tesão logo cedo.

— Caralho!

Tomo um susto ao ver um rosto peludo, com orelhas pontudas e depiladas e enormes olhos castanhos. O bicho volta a me lamber, agora no nariz, e eu o seguro com força, afastando-o de mim.

De onde surgiu essa criatura?!

Ele balança o rabo, parecendo feliz ao me ver. Sento-me na cama, confuso, olho tudo ao redor e percebo que Wilka Maria não gosta só de usar roupas diferentes e chamativas, sua decoração é assim também.

Levanto-me, a cueca toda esticada por causa da ereção que nem essa criatura peluda derrubou, e caminho na direção do som e do aroma de café.

— Bom dia! — cumprimento-a, com o cachorro preso debaixo do braço, e ela se engasga ao me ver.

Ergo a sobrancelha, sem entender o susto que ela tomou, afinal de contas sabia que eu passei a noite aqui, nada mais óbvio do que me encontrar de manhã.

— Ele te acordou? — Wilka caminha até mim e pega o cãozinho. — Você é um moleque travesso! — ela o repreende e o leva para a varanda. — Não fez xixi em você, não foi?

Fico sério ao pensar no diabinho me cobrindo de mijo.

— Isso é seu? — Aponto para a criatura com as patas dianteiras apoiadas no vidro, olhando para nós dois como se

pedisse sua liberdade de volta. — Não estava aqui ontem à noite.

Ela ri e passa por mim, voltando a se sentar em uma das banquetas de sua cozinha.

— *Ele* é meu, sim, estava na casa de uma amiga, que o deixou aqui mais cedo. — Ergo a sobrancelha, notando que ela não gostou de como me referi ao bicho, pois deu ênfase ao pronome. — Você pode ficar confuso às vezes, porque sei que viveu na Inglaterra, mas em português não usamos *it* (isso) para os bichinhos.

Ela pisca o olho para mim, sorrindo malvada, e eu cruzo os braços, achando engraçado estar tomando meu primeiro sermão antes mesmo de tomar um café e continuar de bom humor.

Olho-a detalhadamente, suas pernas lindas à mostra, a camisa larga e antiga que usa como pijama, os bicos dos peitos marcando o tecido fino, e ela lá, sentada alheia ao quanto está totalmente atraente e o quanto já estou louco para fodê-la novamente.

— Meu castigo por ter *me confundido* é ficar sem café? — provoco, testando o terreno. Vai que ela é uma das que acordam de mau humor de manhã!

— Claro que não! — Sorri. — Eu não seria tão malvada assim com você.

Wilka se levanta e vai até o armário, esticando-se toda para

pegar uma xícara, permitindo que eu vislumbre a popa de sua bunda quando a camisa levanta.

Foda-se o café!

Agarro-a pela cintura, e sua risada enche o ambiente, animando-me também, enquanto a apoio sobre o balcão que separa a pequena cozinha da sala.

— Bom dia! — cumprimento-a novamente, e, dessa vez, ela sorri.

— Bom dia! — Seus olhos brilham. Wilka não usa nenhuma maquiagem, noto leves olheiras pela noite praticamente insone que passamos, as sardas espalhadas pelo nariz em um rosto ainda um pouco inchado por ter acabado de acordar, e eu a acho ainda mais linda pela manhã. — Não quer mais seu café?

Não preciso responder à pergunta, apenas beijo-a, esfregando meus lábios nos dela, olhos abertos, fixos nos seus, enquanto levanto devagar a camisa que veste, roçando os dedos por sua pele por todo o caminho até seus ombros.

Afasto-me para livrá-la da peça e vê-la nua à luz do dia. Wilka segura o fôlego, um tanto constrangida, abaixa a cabeça, quebrando o contato dos nossos olhos. *Ah, Cabritinha, você não vai se esconder!*

Seguro-a pelo queixo e faço com que volte a me olhar.

— Você é linda! — afirmo.

Passo as costas das mãos em seus peitos empinados, sentindo os mamilos duros vibrarem entre os vãos dos meus dedos. Ela geme e fecha os olhos, inclinando a cabeça para trás, deixando seu lindo e cheiroso pescoço à minha mercê.

Beijo-o, arrasto a língua por ele até chegar a sua orelha, sugo o lóbulo e volto beijando, chupando e lambendo seu pescoço novamente. Com as duas mãos, seguro seus peitos juntos, inclino-me e os contorno, molhando-os com minha saliva, até alcançar os bicos intumescidos. Balanço-os com a ponta da língua, ergo os olhos para Wilka e deliro ao ver sua reação embevecida.

Só o fato de eu estar com sua pele em minha boca, sentir o tesão compartilhado entre nós dessa maneira já é suficiente para que eu sinta meu corpo inteiro tremer. Aqui, neste momento, depois de ter passado a noite inteira com ela em meus braços, toda a experiência que tenho não vale de nada, é tudo tão novo para mim, e isso é foda demais!

Seus seios são uma delícia, e eu não tenho nenhuma vontade de me apressar a chupá-los. A reação dela a essa carícia me impulsiona a continuar, então me dedico aos dois com a mesma intensidade, usando todo o meu rosto para excitá-los, lambendo, chupando, beijando ou somente passando minha barba levemente pelos bicos sensíveis.

Faço-a deitar-se no balcão, em meio a objetos decorativos,

sua xícara de café e potes de biscoitos e continuo a beijar seu corpo, enlouquecido pela maciez de sua pele, o aroma suave do sabonete que partilhamos no banho ontem e suas reações claras e diretas às minhas carícias. Gosto de como a pele dela está quente e como se arrepia quando lambo ou esfrego a barba em algum ponto específico.

Paro um momento apenas para observá-la, gravando na memória a perfeição de seu corpo esguio e pequeno entregue ao prazer. Gosto que ela não tenha pelos púbicos, porque assim posso admirar sua virilha, o monte de vênus e começar a ter uma visão de sua boceta, principalmente do ponto mais sensível e que eu adoro ter na boca.

Confesso que está sendo libertador poder chupá-la à vontade, pois, apesar de ser uma das coisas que eu mais gosto de fazer, quase não o faço com as profissionais, mesmo porque essas transas são mais para alívio do que para curtir o prazer em si.

Com Wilka eu posso me refastelar de sua boceta em minha boca, ficar horas lambendo, mordendo, chupando. Posso me lambuzar com sua lubrificação e beber seu gozo quantas vezes ela me permitir fazer.

A lembrança de quando a penetrei sem camisinha, na nossa primeira vez juntos, faz-me gemer, e meu pau se contorce na cueca. Sinto um arrepio subir por minha coluna, meus músculos

todos se contraem de prazer apenas com essa memória e sinto despertar em mim a vontade e a curiosidade de prová-la pele a pele, sem nada entre nós, nossos fluídos se misturando do jeito mais íntimo do mundo.

— Você tem a boceta mais gostosa que já provei — confesso, e ela ri nervosa. Puxo-a para a beirada do balcão e abro bem suas pernas. — Fora o fato de ser extremamente apertada, o que dá uma sensação incrível quando meu pau está dentro. Ela é carnuda e suculenta na boca. — Ajoelho-me no piso da cozinha. — Tem sabor levemente picante, o que eu adoro, e um aroma... — cheiro-a de forma a ilustrar o que digo — viciante.

— Kostas... — Ela geme e ri ao mesmo tempo. — É só uma boceta como qualquer outra!

— Não! — Lambo-a do períneo até o clitóris, e Wilka se contorce. — É a *sua* boceta! — mal termino a palavra e já estou provando meu ponto sobre o que acabo de dizer. Prendo os lábios íntimos dela com uma sucção forte e depois os afasto com a língua, acessando a entrada apertada e quente.

Os gemidos dela ecoam pelo cômodo integrado, enchendo-me de mais tesão, porém, não me toco. Sinto uma necessidade premente de fazer isso, mas não o faço. Quero me dedicar todo a ela, meu corpo todo disponível apenas para seu prazer. Suas reações me excitam mais do que minha própria mão a socar meu

pênis – e olha que eu curto uma punheta –, cada ofegar, pulsar, tremor de seu corpo atinge diretamente meu pau, e eu urro de prazer.

Não sou delicado como fui na noite passada. Não exploro sua intimidade, devoro, mastigo, engulo tudo como um homem esfomeado e sedento ao mesmo tempo. Nada importa aqui, além do prazer dessa mulher que mexe comigo a ponto de me expor de uma maneira que ela nunca imaginaria.

Aqui estou eu, escravo do seu corpo, ajoelhado no piso frio de uma cozinha, com o rosto entre as coxas dela e a boca inteira – isso inclui língua e dentes – à sua disposição. Aqui estou eu, Konstantinos Karamanlis, sem nenhuma carapaça ou máscara, sendo o mais sincero devoto de um desejo que nunca imaginei sentir, que me consome, porque, ao mesmo tempo em que me inebria e satisfaz, torna-me indefeso.

Nunca tive casos, nunca comi a mesma mulher mais de uma vez – nem mesmo repeti uma garota de programa –, nunca conheci o apartamento, o cachorro – essa parte foi inusitada – de ninguém. Ela é inédita para mim em todos os sentidos, a única que me fez ter vontade de arriscar minha sanidade, ignorar a porra dos meus traumas, mesmo reconhecendo que terei um alto preço a pagar depois.

— Diz para mim como você quer gozar — peço, a boca ainda encostada em sua boceta. — Conta para mim o que você

deseja e me deixa realizar para você.

— Só continua... — sua voz está trêmula. — O que você está fazendo é mais do que qualquer fantasia ou expectativa que já tive.

Porra!

Não espero que ela me mande continuar de novo, apenas volto a abocanhá-la em completo frenesi, e seu orgasmo vem com tanta força que posso sentir minha boca inundar e meus cabelos sendo puxados com força a ponto de arder o couro.

Quando ela relaxa, ofegante e trêmula, corro até onde deixei minha calça ontem e pego o último invólucro de camisinha que tenho na carteira, agradecendo por ela ter algumas em seu criado-mudo, porque eu não estava prevenido para passar a noite e a manhã trepando.

Coloco-a rapidamente, alisando meu pau sob os olhares apreciativos dela. Brinco no exterior de sua boceta sensível. Ela se contorce, geme, e eu me enterro nela. Confirmo que está bem antes de me movimentar, pois a última coisa que quero é ter a sensação de tê-la machucado como da primeira vez, e, mesmo ela não sendo mais virgem, eu sou grande, e isso pode acontecer ainda.

Wilka se ergue e me segura pelos ombros, enquanto eu a mantenho firme pelos quadris e rebolo dentro dela. Ela geme sorrindo, e isso é deliciosamente sexy.

— Cruze as pernas sobre a minha bunda — ordeno.

Ela não titubeia e faz o que mando, mas dá um gritinho – seguido de risadas – quando a tiro do balcão e a como em meu colo, em pé, segurando-a firme contra mim. Essa é a vantagem da nossa diferença de tamanho e peso, consigo erguê-la e comê-la em qualquer posição, mesmo as mais cansativas.

Como estou de pé, sou eu quem a conduz a se movimentar para que meu pau entre e saia de seu corpo. Ando até uma parede sem móveis e a apoio contra ela para voltar a socar com a força e rapidez que preciso.

Ela me agarra, morde meu ombro, geme, arranha minhas costas e goza de novo. A sensação do meu pau todo dentro dela é deliciosa, não tenho vontade de parar, então continuo socando, esmagando-a contra a parede, até que o arrepio do orgasmo faz meu corpo inteiro tremer e aumenta minha velocidade em busca de alívio e satisfação.

— Kostas... — ela geme, mas não consigo prestar atenção, apenas sinto. — Kostas...

Dessa vez, nem que eu quisesse, eu iria poder conter meu gozo. Sua boceta me aperta de um jeito quase doloroso, e sinto minha virilha inundar do gozo feminino dela, então encosto minha testa na sua e me deixo ir gemendo e curtindo cada espasmo, cada esguicho de porra que sinto sair de mim.

— Uau! — Ela ri de olhos fechados e sem fôlego. — Que

bom dia! Muito mais estimulante do que qualquer café.

Concordo, mesmo sem dizer nada – porque simplesmente não consigo – e penso em como seria amanhecer, trepar com ela e depois irmos trabalhar. Mesmo sendo assustadora, a imagem é muito atraente, e eu concluo que, pela primeira vez em anos de atividade sexual, estou disposto a ter um caso. Não há possibilidade de, se ela quiser, não repetir essa noite e esta manhã várias e várias vezes.

28

Kika

— Eu acho que deveríamos ir pessoalmente a esse local — Kostas diz, apontando para o mapa aberto em cima da minha mesa. — Eu sei que você tem seus *hunters* para isso, mas eu realmente queria ir a essa reunião, pois tenho a sensação de que é o lugar ideal.

Encaro-o.

— Mesmo? — questiono-lhe, porque tenho a mesma impressão. — Mas já indicamos David e Lene para irem. — Ele dá de ombros, e eu bufo. — Estamos desde segunda-feira

planejando essa viagem, inclusive eles já têm passagem e hotel reservados, Kostas.

Ele sorri por eu tê-lo chamado pelo apelido – um ato falho, admito – e, usando isso como desculpa, desliza a mão pelas minhas costas e aperta minha bunda.

— Você ficou deliciosa com essa calça hoje — comenta. — Está sendo um inferno ficar vendo você andando de lá para cá com ela, porque me deixa duro, e eu não posso te foder aqui.

Sorrio, adorando a sensação de deixá-lo enlouquecido. Claro que foi proposital, tem sido assim desde segunda-feira, quando vim trabalhar com uma saia lápis e uma blusa de seda branca semitransparente, e Kostas me trancou no banheiro consigo e me fez chupá-lo até gozar para diminuir o tesão e poder sair da sala sem que todos notassem o volume de sua ereção na calça social.

O advogado engomadinho, sempre vestido com seus ternos italianos de caimento perfeito, começou a vir para a empresa com calças mais grossas – até jeans ele usou – para poder trabalhar.

Eu também não tenho saído ilesa!

Desde que ele destituiu David – de novo – e voltou a compartilhar a sala comigo, tenho trocado de calcinha duas vezes ao dia. No começo da semana foi por causa dos amassos e das sacanagens que fizemos na sala, até quase sermos flagrados

pelo Leo – que sempre entrou na sala sem bater –, e eu impus a regra de profissionalismo dentro do local de trabalho.

Na terça e na quarta-feira, nós nos comportamos muito bem. Claro que temos nos tocado, trocamos um beijo ou outro, mas estabelecemos um limite dentro do escritório. Ou pelo menos tentamos.

A verdade é que nunca pensei que viveria algo assim! Pelo menos, não no escritório e muito menos com o diretor jurídico malvadão.

Todavia, depois da noite de sexta-feira e do sábado de manhã, eu tive a certeza de que tomei a decisão certa ao não negar essa atração, vivê-la até o máximo que poderia chegar, sem medo de nada.

Parece temerário isso, não é? Afinal, é um caso baseado em sexo, e eu nunca tive notícias de Konstantinos envolvido com alguém seriamente, então deveria me resguardar mais, mas não quero. Não sou dessas que vivem se restringindo a passar por experiências boas ou ruins. Não tenho medo de sofrer no futuro, porque isso não está nas minhas mãos; nada nessa vida é garantido, muito menos a felicidade. Então eu acredito no "feliz enquanto dure" e não consigo ficar controlando – ou tentando controlar – o que sinto ou deixo de sentir.

Conversei isso com a Jane no sábado à tarde, depois que Kostas foi embora. Contei a ela tudo o que havia acontecido, as

impressões que tive sobre ele e o que eu decidi fazer acerca dessa história.

Ela concordou comigo que nem mesmo um relacionamento fixo, consolidado e antigo tem garantias de ser eterno e, principalmente, feliz. O coração é terra onde ninguém pisa, ninguém manda no que sentir e por quem sentir, então, para que ficar brigando?

— Mas você espera que essa relação evolua? — ela me perguntou.

— Ainda não sei — respondi sinceramente. — Hoje eu posso dizer que sim, pois quero mais dele. Às vezes consigo enxergar algo de mim mesma nele; por baixo de todo seu verniz de autoconfiança e deboche, eu vislumbro alguma vulnerabilidade. — Dei de ombros. — Sei que pode ser algo que *eu* queira enxergar, mas, de alguma forma, isso me conecta a ele.

Ela me pediu para me explicar melhor, e eu tentei, lembrando-me de vários momentos em que tive a sensação de que, assim como eu, ele estava se permitindo sentir coisas novas. Às vezes o senti travado, como se não estivesse à vontade com certas coisas, mas, mesmo nesses momentos, vi que ele estava se permitindo fazer.

No domingo, mandei uma mensagem para Portnoy, pois estávamos havia muito tempo sem saber um do outro, embora tenha recebido a notificação de que ele reativara o perfil para os

outros membros do Fantasy, como eu mesma tinha feito.

"Oi, tudo bem? Quando puder aparecer, me chama."

Foi assim, seca a mensagem, porém, fiz questão de conversar com ele antes de cancelar de vez minha conta no aplicativo. Não vou encontrá-lo, a decisão de mantê-lo apenas na lembrança das fantasias que compartilhamos e das conversas que tivemos já está tomada.

Meu envolvimento com Kostas teve a ver com isso? Provavelmente, principalmente pelo que ele me disse no sábado antes de ir embora.

— Eu sei que trabalhamos juntos e — riu — nem nos damos bem na maioria das vezes, mas não vou negar essa atração e nem vou fingir que essa noite e essa manhã nos satisfizeram. — Ele me abraçou, e eu quase tive uma entorse no pescoço para olhá-lo. — Eu quero mais, Kika.

Sorri, porque eu também queria.

— Eu também, Kostas.

Ele me ergueu para beijá-lo, e eu gargalhei.

Foi por isso que me esmerei na roupa na segunda-feira, porque tive uma enorme vontade de provocá-lo, dessa vez sem

briga ou deboche, e levá-lo à loucura. Descobri que adoro essa sensação de poder que sinto por saber que, só ao me olhar, ele enlouquece, fica excitado e desesperado. Gosto disso demais!

Todavia, como era previsto, fui chamuscada pelo meu próprio fogo e acabei sentada na privada do banheiro da gerência, no final do expediente, com o pau dele na boca, pois Kostas ainda tinha reuniões a participar, e não iríamos dormir juntos naquela noite.

Ontem a provocada fui eu, e ele me levou à loucura com cada toque, cada beijo, cada insinuação. A sensação que eu tinha era de que estava vivendo, na prática, as coisas que escrevia com Portnoy, e isso era incrível!

Por falar nele, respondeu minha mensagem na terça-feira de manhã, e eu marquei de nos encontrarmos no chat na hora do almoço. Saí para uma reunião e almocei em um restaurante, junto ao Leo e à Vivi. Estávamos tomando um café quando o celular apitou mensagem.

“Oi! Já pode falar? Estou curioso!”

Respirei fundo, pois sentia como se estivesse terminando um relacionamento e escrevi:

“Oi! Eu queria me despedir de você antes de cancelar a conta.”

Ele não tardou a perguntar:

“Por que vai cancelar?”

Resolvi ser sincera:

“Estou saindo com alguém, e, mesmo não sendo nada sério, eu não me sentiria bem ao continuar aqui. Eu sei que insisti nesses últimos dias em termos um encontro, mas acho melhor deixar assim, nessa fantasia boa.”

Ele começou a digitar, mas parava e voltava, sinal de que estava escrevendo e apagando.

“Eu também vou cancelar, já estava pensando nisso há algum tempo. Foi ótimo estar aqui, mas acho que você merece alguém para realizar suas fantasias, não só criá-las com você. Pode ter certeza de que esse cara com quem está saindo está se sentindo muito sortudo!”

Sorri para o celular, achando meu amigo virtual um fofo por dizer isso.

"Obrigada por tudo, Portnoy! Você me ajudou de formas que nunca poderá compreender. Espero que seja muito feliz!"

"Eu também digo o mesmo a você, Cabritinha! Espero que a realidade seja mais intensa e prazerosa que a fantasia. Adeus!"

Senti-me com os dedos trêmulos ao escrever a última mensagem para um homem que foi tão importante para mim.

"Adeus!"

Depois disso, senti-me tão aliviada e confiante de que tudo ia dar certo na minha vida que, ao chegar à minha sala e encontrar Kostas trabalhando em seu computador, sentei-me no colo dele e disparei um convite:

— Quer jantar comigo lá em casa hoje?

Ele abriu um baita sorriso.

— Você vai cozinhar para mim?

Gargalhei e neguei.

— Eu até gostaria, mas infelizmente não tenho esse dom! Vou pedir algo em algum...

— Não precisa — ele me interrompeu, e eu achei que ia negar o convite. — Vou levar alguma coisa.

— Tem certeza? — perguntei empolgada, achando que ele ia comprar comida de algum local que gostava.

— Tenho. Mesmo que o que eu queira comer já esteja lá me esperando, prontinha, eu vou levar a comida.

Foi aí que quase fomos pegos, porque eu estava sentada em seu colo, começamos a nos beijar, ele segurou meus quadris e os movia com força contra seu pau, enquanto sua mão invadia a saia do meu vestido de tamanho *mid* em busca do meu sexo.

Foi uma delícia irresponsável, pois estávamos em horário de expediente e com a porta destrancada, mas o desejo falou tão alto que ele usava minha bunda para se masturbar, enquanto massageava meu clitóris com o polegar e fodia minha vagina com o dedo médio.

Eu gemia baixinho contra sua boca e sentia o coração dele disparado e gotas de suor se acumulando em sua testa, mesmo com o ar-condicionado da sala ligado. Quando ouvimos o som da porta sendo aberta – ainda bem que a abertura é pelo lado oposto ao de onde Konstantinos trabalha –, eu não tive outra ideia a não ser me esconder entre suas pernas, debaixo da mesa.

Ri demais dessa situação conforme me arrumava para jantar com ele.

— Esse ou esse, Kaká? — indaguei ao cãozinho, mostrando dois vestidos.

Essa foi outra situação hilária!

No sábado de manhã, quando o vi surgir com o bichinho no colo, quase caí para trás. Quando nomeei o Kaká, nunca poderia imaginar que um dia os dois estariam juntos no mesmo ambiente. Ao ver aquele homenzarrão gostoso, usando apenas uma cueca, com meu york no braço, foi no mínimo uma cena engraçada.

Escutei a campainha tocar, olhei a hora, achando estranho que ele tivesse se adiantado tanto, mas fui, resignada, de roupão ainda, atender a porta. Respirei aliviada ao ver que era a Verinha.

— Oi! — ela me cumprimentou animada. — Fiquei atolada esses dias, mas agora estou aqui e exijo detalhes de como foi seu encontro com o gostoso do nosso vizinho!

Eu ri e a convidei a entrar.

— Ah, não teve nada de mais, na verdade...

— Kika! Oxe, vai esconder o jogo de mim? — Ela cruzou os braços. — Sábado, quando vim trazer o Kaká, vi as roupas jogadas sobre seu sofá! Abre o jogo, safadinha!

— Não era o Vinícius — admiti, e ela arregalou os olhos.

— Na verdade, nosso encontro nem aconteceu direito, porque ele teve que...

— Era o advogado malvadão? — ela logo matou a charada. — *Armaria*, o que foi que eu perdi?

Resumi os fatos rapidamente para ela e expliquei que o estava esperando para o jantar, e ela me ajudou a escolher um vestido.

Quando Konstantinos chegou, eu já estava vestida, levemente maquiada e muito cheirosa. Até o Kaká usava uma gravatinha, esperando nosso visitante deitado em sua caminha roendo um ossinho.

— Ah, caralho! — ele exclamou assim que abri a porta. — Como vou conseguir cozinhar com você vestida assim?

— Cozinhar?

Olhei assustada para as sacolas e depois para seu sorriso convencido.

— Eu sei fazer isso e sou muito bom... não, sou bom pra caralho! — Beijou-me até que eu ficasse sem ar e entrou no apartamento. — Trouxe até uma panela, pois não... — ele se interrompeu ao olhar para o Kaká, que havia se levantado e o estava saudando alegremente balançando o rabinho. — Seu cachorro usa uma gravata! — Ergueu uma sobrancelha. — Fica parecendo alguns advogados que eu conheço.

Eu juro que tentei segurar o riso, mas não deu. Gargalhei

até sentir os olhos úmidos, enquanto ele me olhava como se desejasse uma camisa de força. Vocês hão de convir comigo que ele dizer que Kaká de gravata parecia com alguns advogados converge com o motivo pelo qual o nomeei Konstantinos, não é? Pensei até: *eu não posso mais ralhar com o Kaká chamando-o pelo nome completo, pelo menos não enquanto Kostas frequentar o apartamento!*

O clima entre nós não foi diferente pelo resto da noite. Ele levou um vinho branco e anunciou que pretendia fazer risoto e que eu iria escolher entre queijo com especiarias ou camarão. Obviamente escolhi camarão.

Preciso admitir uma coisa para vocês: o homem cozinha muito bem! Eu fiquei o tempo todo lhe assistindo, embevecida, movimentar-se na cozinha, provar temperos, adicionar ingredientes e beber o bourbon que tinha levado, explicando-me que era sua bebida favorita.

— Experimentei há um tempo — contei, omitindo onde. — Tomei puro e em um drinque com blueberries.

— Sacrilégio! — resmungou, alegando que nunca se devia misturar bourbon com nada, nem mesmo gelo.

O jantar foi muito melhor do que eu esperava, embora a comida estivesse fria. Não aguentamos comer o alimento antes de saciar nossa fome um do outro. Fizemos sexo no tapete da sala, novamente com o Kaká de espectador do outro lado do

vidro da varanda.

Fiz meu primeiro 69 e adorei poder rebolar na cara dele enquanto engolia o máximo de seu pau que conseguia. Fomos à loucura e, dessa vez, além do sexo, falamos muita sacanagem um para o outro, especialmente coisas que gostaríamos de fazer.

— Quero te foder em uma praia — Konstantinos revelou. — Imagino você deitada em uma areia branca, sua pele dourada quente, bronzeada pelo sol, e eu voltando do mar depois de surfar um pouco, gelado, respingando sobre você, deixando sua pele arrepiada, arrancando seu biquíni e te comendo na espreguiçadeira.

— Hummm... — gemi, ainda deitada sobre ele, depois de termos gozado. — Isso tem som de férias, e eu não terei esse privilégio tão cedo.

— Nem eu, mas sonhar não paga imposto, não é?

Eu ri, achando engraçado esse lado dele. Kostas tem umas tiradas únicas e divertidas. Conhece uns ditados que nunca ouvi falar e debocha com frequência de seu *pedigree*, referindo-se a si mesmo como pseudogrego ou pseudoinglês.

Senti também, mesmo em meio a tantas brincadeiras, que ele parecia ter o sentimento de não pertencer a nada, a lugar algum, de não ter uma identidade, e isso era triste, não engraçado.

Kostas me intriga demais, essa é a verdade. As mesmas

sensações que tive quando dormimos juntos, continuo a ter: alguma obscuridade misturada a um pouco de vulnerabilidade.

Encaro-o, deixando os pensamentos de lado, notando o homem viril, grande, gostoso e charmoso que ele é, e questiono o que houve para deixá-lo assim, para que ele se mostre tão frio com todos, quando, na verdade, sinto que esse não é o verdadeiro Konstantinos Karamanlis.

— Odeio ter reunião com Millos hoje! — Ele volta a colocar a mão na minha cintura e respira fundo. — Adoraria passar a noite dentro de você. É o melhor lugar para se estar.

Sorrio e o beijo.

— Não desvie o assunto, você sabe que eu não suporto fazer as coisas em cima da hora, sem planejamento. — Aponto para o mapa, voltando a pensar na viagem e no trabalho. — Vá junto aos *hunters*, já que quer participar pessoalmente da reunião, mas não...

— Não se preocupe com seu planejamento, vai estar tudo perfeito, mas os *hunters* não vão. — Ele se afasta e me olha sério. — Nós dois vamos para o Rio de Janeiro amanhã, Wilka Reinol, o voo e o hotel já estão reservados. — Arregalo os olhos. — Pode me chamar de ditador, tirano, machista, ligo uma porra para isso, mas não há chance de eu perder a oportunidade de trepar com você em alguma praia por lá.

— O quê?! — Rio nervosa, concluindo que, quando ele

falou sobre essa fantasia, já estava com tudo esquematizado para a viagem. — Você é doido!

— Não, mas estou! — Pisca. — A culpa é sua, diga-se de passagem. — Ele olha para o relógio e bufa. — Tenho audiência agora. Nos falamos mais tarde, arrume suas malas.

— Mandão! — acuso-o antes que feche a porta, mas rio, adorando tudo isso!

29

Kika

— Já está pronta? — pergunto ao telefone, dentro do carro que nos levará até o aeroporto. São 7h da manhã, e nosso voo está marcado para às 8h30, com desembarque no Aeroporto Santos Dummont, onde outro carro nos aguarda para nos levar até a Barra da Tijuca, onde faremos o check-in antecipado e descansaremos até a reunião no centro da cidade, depois do almoço.

Uma batida no vidro me faz olhar para fora do carro, e eu vejo Kika e sua minúscula mala. Desligo o telefone e abaixo o

vidro.

— Se você não ficasse me mandando mensagens de cinco em cinco minutos, eu estaria te esperando aqui na portaria quando chegou.

A abusada pisca para mim e agradece ao motorista, que abre a porta para que ela entre e depois guarda a mala dela no porta-malas.

— Aquela é sua bagagem? — pergunto assim que ela se acomoda ao meu lado.

— É, sim! — Ela sorri animada. — Nunca fui ao Rio!

Ah, esse sorriso! Há algo na forma como ela sorri quando está muito feliz que parece iluminar tudo em volta. Eu consigo ver pureza, sinceridade e, acima de tudo, sentir o calor que se choca diretamente contra minha frieza tão bem construída ao longo dos anos.

Wilka parece agitada, ansiosa, fica abrindo e fechando sua bolsa como se não soubesse o que está procurando. Seguro-a pelo rosto, tento um sorriso tão caloroso quanto o seu – embora saiba que nunca chegarei nem perto disso – e a beijo.

— Bom dia!

Sinto seu corpo relaxar, e ela retribui o cumprimento:

— Bom dia, de novo! — Sorri. — Quanto tempo de voo até a Cidade Maravilhosa?

— Em média uns 50 minutos. Devemos demorar mais

tempo para ir do aeroporto até a Barra do que daqui para lá. — Dá de ombros. — O trânsito é tão caótico quanto o daqui.

— Por que você mudou o hotel, então? O que estava reservado para David e Lene era um no Centro da cidade, exatamente para que eles não precisassem se deslocar muito para a reunião.

Faço minha melhor cara de paisagem, porque ela não faz ideia das mudanças que fiz no roteiro dessa viagem e respondo calmamente:

— Eu prefiro ficar em redes que conheço e, sempre quando tenho a opção de um hotel da rede Villazza, nem pesquiso outros.

Ela arregala os olhos.

— Vamos ficar em um Villazza? Uau! Nunca fiquei hospedada em um hotel cinco estrelas em uma viagem a trabalho. Fico pensando no que o pessoal do financeiro vai falar quando chegar a fatura e eles perceberem que pagamos em uma diária o que daria para pagar umas cinco em um hotel executivo.

Bom, isso não vai acontecer, mas ela não sabe que sou eu quem está pagando pela viagem e não a empresa.

— Eu não fico em hotéis executivos.

Ela faz uma careta e ri.

— Esnobe!

Olho-a de esguelha, fazendo pouco caso da ofensa, pois sou

mesmo muito esnobe, metido, fresco quando quero ser. Quase nunca viajo a trabalho, pois, quando temos ações em outros estados ou cidades mais distantes de São Paulo, usamos correspondentes no local, a não ser que seja algo de extrema complexidade, aí eu até vou, mas isso acontece pouco, porém, sempre fico em hotéis conceituados e de, no mínimo, quatro estrelas.

Eu prezo demais pelo meu conforto, gosto de ter à disposição um café da manhã bem preparado e serviços personalizados. Uma vez, na cidade em que fui, não tinha hotel de redes internacionais, só esses executivos. O quarto era pequeno, mas isso não me incomodou, pois moro em um apartamento minúsculo, mas o boxe do banheiro quase não me coube, e, quando liguei para a recepção pedindo que alguém da passadoria fosse buscar meu terno, fui informado que o hotel contava com uma sala de passar e que *eu mesmo* tinha que desamarrotar minha roupa.

Contudo, dessa vez, não escolhi o Villazza pensando só no meu conforto, mas porque queria um local grande para trepar com a Cabritinha, com acesso à praia e serviços excelentes.

— Você contratou um motorista para nos buscar no aeroporto? — Wilka me pergunta, e eu a olho, respondendo e-mails pelo celular.

— Não, o hotel mandou um motorista.

Ela sorri, mas não para de digitar.

— Leo acabou de me informar que o prefeito da cidade cuja área escolhemos vai estar presente na reunião junto ao pessoal do governo do estado.

— Ótimo! Era a única confirmação que não tínhamos. — Pego meu celular e mando uma mensagem para o David. — Estamos com tudo pronto para a apresentação?

— Sim, chefe, não se preocupe! — A safada dá uma piscada para mim. — Eu sou foda em apresentações, não é à toa que o CEO da Karamanlis fez de tudo para me ter de volta, e eu ainda ganhei um bônus.

— Está certo! — resmungo, lembrando que os conselhos para a negociação dela com o Millos partiram de mim. *Como pude não ter percebido?!*

Por falar em Millos, meu primo achou muito interessante quando, na segunda-feira, eu retirei David da conta, voltei a trabalhar na sala da gerência dos *hunters* e ainda o informei que ia pessoalmente negociar com o pessoal do Rio de Janeiro.

— Sozinho? — o filho da mãe me perguntou.

— Claro que não, porra! — respondi sério. — A gerente dos *hunters* vai comigo.

Millos apenas emitiu um som irritante e sarcástico em resposta.

Conversamos sobre os outros assuntos da Karamanlis,

inclusive sobre os aluguéis no entorno do bar da Vila Madalena.

— Soube que Maria Eduarda Hill vendeu o bar — Millos disse como se isso não fosse uma bomba.

— Como assim? E a promissória?

Ele deu de ombros.

— Ainda não sei bem como foi, mas creio que ela tenha vendido apenas o empreendimento, não o imóvel.

Achei isso muito estranho, pois há anos tentamos comprar o estabelecimento, e ela sempre se negou e defendeu sua herança com unhas e dentes.

— Já avisou ao Theodoros?

— Não quero estragar a viagem dele. — Millos se levantou e se serviu de um chá. — Eu já disse que ele tem coisas demais a resolver por lá. Deixe para lidar com os problemas quando puder estar aqui para resolvê-los.

Levantei-me e caminhei até a porta, mas, antes de sair, achei por bem avisá-lo de algo mais sobre a viagem.

— Ah, Millos! — Meu primo me olhou. — Não vou voltar na sexta-feira de manhã.

Ele franziu o cenho.

— O que você está aprontando, Konstantinos? — Eu ri malicioso, e ele compreendeu que Wilka e eu nos entendemos. — Isso é interessante, não nego, mas cuidado, ela é uma mulher muito especial, não vá fazer merda, além disso, é nossa

funcionária, e um caso com um dos diretores não soa bem para o currículo dela. — Ele bufa. — Sei que é injusto, mas os outros nunca veem com bons olhos, principalmente se um dia ela conquistar um cargo maior aqui; vão sempre achar que foi porque fodeu com um dos herdeiros.

Até aquele momento, eu não havia avaliado nossa situação sob a ótica que Millos apresentou, mas ele tinha razão. Lembro-me de ouvir, em várias rodas de executivos, em vários lugares diferentes, sempre esse tipo de insinuação quando uma mulher alcança postos altos dentro das empresas. Sempre tinha a piadinha do "para quem será que ela abriu as pernas?", e isso nunca tinha me incomodado antes.

Ele tem razão, é importante preservar a imagem dela, então, quando mais tarde perdemos a cabeça, e eu ganhei um boquete deliciosamente foda no banheiro, senti-me mal com a possibilidade de alguém perceber e de isso prejudicá-la dentro da Karamanlis.

Vocês sabem que eu tinha minha opinião sobre a esquentadinha dos *hunters*. No entanto, no pouco tempo que a vi trabalhar de perto, como neste momento, aqui, sentada dentro do carro indo para aeroporto e respondendo aos e-mails do trabalho, reconheci que ela podia até ter um gênio do cão comigo, mas que era ótima no que fazia.

Então, quando ela propôs que nós tentássemos ser mais

profissionais durante o expediente, não titubeei em aceitar, mesmo sentindo a enorme vontade de passar o dia fodendo-a, chupando-a ou só fazendo-a gozar por baixo de suas saias sensuais.

Chegamos ao aeroporto, e Wilka faz cara de espanto ao ver que, além de minha bolsa de couro, eu trouxe também uma mala média. Pouco depois, quando descobre que iremos de jatinho e não de avião comercial, é a segunda vez que fica de boca aberta.

— O pessoal do financeiro vai ficar louco com isso! — Ela ri ao entrar na aeronave, olhando cada detalhe.

Quando o avião se estabiliza no céu, ela tira o cinto de segurança e pega o livro do Gray para ler. Destravo a poltrona, giro-a, ficando de frente para a Wilka e vejo o comissário de bordo vindo em nossa direção.

— Bom dia, aceitam algo para beber?

Wilka nega, e faço sinal para que ele fique no reservado, de portas fechadas. O rapaz assente e desaparece, e eu puxo a distraída gerente para o meu colo.

— O que você está fazendo? — ela pergunta rindo e olha para o fundo do avião. — Ele não pode nos ver de lá?

— Não — respondo já com as mãos entre suas coxas quentes. — Pedi a ele que não nos incomodasse.

— Kostas! — a diaba tenta me repreender, mas ri e rebola no meu colo. — Quanto tempo temos até o pouso?

Beijo sua orelha e respondo:

— O suficiente para eu te fazer gozar nas alturas.

— Você só pode estar brincando! — Ela olha em volta de uma das suítes executivas do Hotel Villazza Rio. — Esse quarto é o executivo deles?!

Vou até o aparador de bebidas e me sirvo de uma dose de uísque.

— É, acima desse, só a suíte presidencial, mas estava ocupada. — Ela ri nervosa e se senta em uma das poltronas da sala de estar. — A presidencial tem sala de jantar, copa e dois dormitórios.

— Eu posso ficar mal-acostumada! Isso aqui é... — ela perde a fala quando me vê tirando a roupa. Desabotoo minha camisa, depois tiro o cinto, descalço os sapatos e caminho até onde ela está.

— A viagem de jatinho me causa um pouco de dor nas costas. — Estendo as mãos para ajudá-la a se levantar. — Eu sou grande e fico desconfortável.

Wilka sorri e levanta uma sobrancelha.

— Você não parecia nada desconfortável enquanto eu

rebolava sentada no seu pau.

Gemo e sinto o membro ao qual ela se refere pulsar de vontade na cueca.

Chego perto dela e acaricio suas costas com as pontas dos dedos.

— Para você ver como me esforço pelo seu prazer. — Abaixo-me e beijo seu pescoço. — Mas minhas costas doem.

Ela geme quando enfio a língua em sua orelha e depois a contorno.

— O que posso fazer para aliviar isso?

Ah, a pergunta que eu queria ouvir desde o começo!

— Me come!

Ela gargalha, e eu a puxo para o quarto. A cama de tamanho *king size* é perfeita, e eu pretendo utilizá-la muito, menos para dormir. Deito-me bem no meio dela e a chamo, mas minha Cabritinha fujona nega.

— Vai fazer jogo duro na cura do homem que te fez gozar três vezes seguidas entre as nuvens?

Ela se vira, coloca a mão para trás e puxa lentamente o fecho de seu vestido, deixando que ele caia aos seus pés.

Sento-me na cama rapidamente ao ver um conjunto de calcinha e sutiã em renda vermelha, lindo na pele dela. A calcinha minúscula some entre suas nádegas redondas e firmes, e o sutiã é todo de tiras, e eu fico hipnotizado com a facilidade

com que ela desprende o fecho da peça mesmo sem ver.

Wilka fica de frente para mim novamente, segurando o sutiã contra os seios.

— Tira a camisa.

Eu, como um servo obediente, faço o que ela manda e isolo a peça de algodão egípcio para longe.

— Caralho! — gemo ao vê-la soltar o sutiã, deixando seus seios empinados na altura dos meus olhos. — Você é muito gostosa!

— Psiu! — Ela faz o gesto colocando um dedo em sua boca. — Tira a calça.

Volto a me deitar, puxo a calça para baixo e, com movimentos dos pés, descarto-a no chão do quarto.

— Tira a calcinha! — peço, mas ela só levanta aquela sobrancelha abusada.

— Não! Se masturbe para eu ver.

O pedido inusitado e sexy faz meu pau pular dentro da cueca, e eu imediatamente o liberto.

— Você gosta disso? — questiono alisando-o devagar. — Gosta de saber que, quando não está por perto, eu faço isso pensando em você? — Seguro-o com força e depois movimento a mão. — Olha para ele. — Wilka não desgruda os olhos. — Ele é grande, grosso, tem essa cabeça vermelha e inchada, e você, mesmo toda delicada, o acolhe inteiro dentro do seu corpo. —

Vejo uma gotinha de lubrificação brotar da fenda e a espalho pela cabeça. — Eu fico pensando que, se entrar na sua boceta apertada já é uma delícia, na sua bunda deve ser o paraíso.

Wilka geme e sobe na cama, em pé em cima do colchão, e eu sentado entre suas pernas.

Ela tira a calcinha devagar, dobrando seu tronco quase todo, e depois se ergue, exposta, linda, completamente nua à minha frente. A segurança dela depois desses dias em que temos ficado juntos me deixa ainda mais excitado, pois gosto dessa postura de poder.

Sua mão toca exatamente onde eu gostaria de estar tocando-a agora e depois vem em minha direção, brilhando, molhada, deliciosamente oferecendo à minha boca uma prova de sua excitação.

Chupo seus dedos sem deixar nenhuma gota sequer de seu sabor, e ela sorri. Quando vejo que vai fazer novamente isso, decido me adiantar a ela e a seguro pelos quadris, bebendo direto da fonte de seu prazer.

Sua boceta é como uma iguaria deliciosa que me sustenta, mata minha fome, minha sede e, ao mesmo tempo, faz-me ter vontade de provar mais e mais. Nunca me sacio dela. Mesmo encontrando satisfação, estou sempre renovando a fome.

Dessa vez não brinco com ela, apenas a devoro, sugando, mastigando do jeito que sei que gosta. Wilka segura meus

cabelos com força, em pé, enquanto geme e rebola em frenesi. Sei exatamente o momento em que vai gozar, pois suas coxas espremem minha cara, o puxão nos cabelos se intensifica, e ela para de rebolar, jorrando gozo em minha boca e gritando alto como nunca a ouvi fazer.

Agarro-a e a deito na cama, beijo sua boca, compartilhando com ela do seu próprio prazer em um beijo safado e longo. Posiciono meu pau em sua entrada, sentindo o charco entre suas pernas, deliciando-me com a sensação quente e úmida.

Ela trava as pernas em volta da minha cintura, e eu não perco mais tempo, afundando-me lentamente nela, sentindo a textura de sua vagina, a contração de seus músculos internos, o calor com que ela me acolhe. A posição na qual estamos permite que eu vá profundamente, e só paro quando sinto a cabeça do meu pau batendo em algo.

Fico parado sobre ela, tremendo, olhos fechados, pele brilhando de suor.

— Kostas... — ouço-a me chamar. — Ei! — Abro os olhos e a vejo, linda, olhos brilhantes, faces mais coradas e os cabelos curtos e escuros esparramados contra o travesseiro branco. — Tudo bem?

Assinto, tento sorrir, mas não consigo. Estar dentro dela sem nada entre nós me causa uma das sensações mais fodas que já experimentei até hoje, é como se eu zerasse tudo o que me

atormenta e encontrasse paz. Pode ser exagero, loucura, mas aqui, dentro dela como estou, sentindo seu acolhimento, seu carinho leve em minhas costas e vendo seu sorriso, é como se eu me curasse.

— Estou sem camisinha — aviso-lhe. — Eu nunca fiz sexo sem proteção, a única vez foi com você naquela noite no escritório. — Ela assente, acreditando em mim. — Eu não quero parar, mas imagino que você também não esteja protegida.

— Não — confessa. — Eu também não quero que você pare.

— Prometo não gozar dentro — digo e gemo, sentindo sua boceta me apertar. — Mas ainda assim é um risco.

Wilka não me responde, apenas me beija e se movimenta embaixo do meu corpo, em um claro sinal de que quer que eu continue.

Começo devagar, entrando e saindo longamente, beijando-a enquanto faço esses movimentos. Ergo seus braços, seguro seus pulsos com uma das mãos, enquanto a outra aperta seu seio, brinca com o mamilo, prende seu quadril quando vou mais fundo.

Ela geme, encontrando o mesmo prazer que eu, e aproveito para beijar seus seios conforme a fodo lentamente. Sinto-a enlouquecendo, sua boceta virando uma poça na qual meu pau se banha. Afasto-me um pouco, ajoelho-me na cama, seguro-a

pelos quadris, erguendo-a, e aumento as estocadas.

Meto firme, profundo, tirando quase todo o pau e voltando a escondê-lo inteiro dentro dela. Vejo-o brilhando, pegajoso, cada vez que sai de seu corpo e depois, quando retorna, fecho os olhos, não aguentando o prazer.

Seus gemidos ecoam pelo quarto, ela ainda mantém as mãos para o alto e segura firme a fronha do travesseiro. Nossos olhos se encontram, e o que eu vejo nos seus me aquece todo de uma forma totalmente inédita.

Afasto-me, pois não quero gozar, abro suas pernas ao máximo e volto a chupá-la como um louco, sugando seu clitóris, fodendo-a com minha língua.

— Kostas, por favor...

— Eu sei, mas não consigo me fartar de você — respondo, girando-a na cama, fazendo com que se deite de bruços. — Seu corpo é como um parque de diversões infinitas.

Beijo sua lombar e arrasto minha língua para baixo, passando ao longo da fenda entre suas nádegas, mordo-as e paro ao sentir a textura enrugada de seu rabo delicioso. Abro bem sua bunda e molho bastante seu cu antes de vagarosamente ir inserindo minha língua esticada e tesa para lhe foder o máximo que consigo.

Wilka geme alto com o rosto contra o colchão. Sinto minha língua entrando cada vez mais, abrindo passagem, lubrificando

essa área que estou louco para explorar com ela. Falamos tanto sobre sua bunda pelo aplicativo que eu penso que é uma das maiores fantasias que ela tem, e eu estarei mais do que disposto a realizá-la quando quiser.

Meu pau dói com a vontade de voltar a estar dentro dela, e quero que Wilka goze nele para que eu possa sentir sem a camisinha, por isso empino sua bunda e peço para que fique de quatro na cama.

Fico em pé e me agacho para penetrá-la de cima para baixo e assim alcançar seus pontos mais sensíveis. Entro devagar, testando até onde posso ir nessa posição, e, como ela não reclama quando vou até o fundo, começo a balançar meus quadris, fodendo-a sem limites.

Ela geme, grita, morde o lençol da cama, e, quando explode em gozo, sinto sua boceta pulsar, apertar e encharcar meu pau e quase não consigo sair a tempo, mas só explodo o gozo quando já estou fora, inundando as suas costas de porra.

Esses dias com ela vão ser fodas!

30

Kika

Kostas é um filho da mãe!

Penso dentro do carro que ele alugou, em uma rodovia desconhecida, a caminho de um lugar que já tinha ouvido falar, mas que nunca havia sonhado em conhecer.

Búzios!

Sim, pasmem, vim para o Rio de Janeiro para participar de uma reunião de trabalho, com a intenção de voltar no dia seguinte, e descubro que ele decidiu esticar a viagem e transformá-la em pequenas férias. *Eu nem trouxe roupas para*

ficar todos esses dias!

Depois que chegamos ao Rio, fomos direto ao hotel Villazza na Barra da Tijuca – maravilhoso, diga-se de passagem –, tivemos uma transa incrível, tomamos banho, pedimos comida no quarto e depois nos arrumamos para o nosso compromisso de trabalho.

O mesmo motorista que nos pegou no aeroporto nos levou até o local da reunião, onde montei todo meu material para a apresentação, enquanto Kostas conversava com o representante do governador e com o prefeito da cidade onde fica o local que apontou como uma possibilidade para a instalação da siderúrgica.

— Está tudo bem? — Konstantinos me perguntou antes da apresentação. — Se não se sentir segura, eu...

— É meu trabalho, dou conta, confie em mim.

Ele sorriu e assentiu.

— Tudo bem, boa sorte!

Respirei fundo, segurando a emoção ao ouvir isso, afinal esse sempre foi um ponto sensível entre nós, a interferência dele no meu trabalho, e o acompanhei com os olhos enquanto tomava assento entre os outros espectadores.

A apresentação foi um sucesso, mostrando todo o croqui do empreendimento, falamos sobre como é o processo de fabricação e a estimativa de geração de empregos, diretos e

indiretos, desde a construção até a operação em si.

Entre os participantes da reunião estava um representante da Ethernium que fora apenas para acompanhar, pois ainda não estávamos negociando, era apenas um primeiro contato. Distribuí o material feito pela Karamanlis, bem como alguns informativos da siderúrgica feitos nos países em que ela está instalada, e depois fomos jantar.

Eu era a única mulher no meio de oito homens – alguns técnicos do governo, uns políticos e o representante do nosso cliente. Um dos funcionários públicos do estado passou a noite puxando assunto comigo, perguntando coisas pessoais, e eu já estava me sentindo incomodada, então pedi licença para ir ao banheiro e, quando voltei, notei que Kostas estava sentado no meu lugar, conversando com o homem, e eu me sentei no lugar dele, entre o secretário estadual e o representante da siderúrgica.

Na volta para o hotel, ele justificou sua atitude dizendo que tinha algumas coisas a perguntar para o homem, mas notei que não era apenas isso.

— Eu já estava perdendo a paciência com ele, mas não queria ser grossa — disse. — Não ligo de conversar, mas ele estava sendo um pouco invasivo.

— Bom, ele não será mais, não se preocupe.

Fiquei intrigada com isso, mas ele fechou os olhos no carro, como se estivesse cansado, e deixei o assunto morrer. Chegamos

ao hotel, e eu fui tomar um banho, só que ele se juntou a mim no chuveiro, então aproveitamos que tinha uma espécie de banco dentro do boxe e fizemos sexo.

Acordei pilhada hoje de manhã, já arrumando minhas coisas, mas vi que Kostas não parecia nem um pouco preocupado com a hora. Pediu o café da manhã no quarto, ficava andando pelado de um lado para o outro, excitado e gostoso como um diabo tentador, e ainda pegou o jornal da cidade para ler.

— A que horas é nosso voo? — resolvi questionar.

Ele olhou para um relógio próximo, deixou o jornal de lado e me olhou.

— Às 17h. — Abri a boca para dizer que era muito tarde e que eu perderia o dia de trabalho, quando ele complementou: — Do domingo.

— O quê? Como assim do domingo?

A campainha do quarto tocou, ele pegou um dos roupões do hotel, recebeu a bandeja do café e a colocou em cima da cama, voltando a ficar nu e se deitar.

— Você nunca tinha vindo ao Rio, e eu estava precisando de um tempo, pegar um sol, foder você na espreguiçadeira...

Sentei-me estarrecida.

— Você planejou um final de semana? — Ele deu de ombros e pegou um morango da bandeja. — Vamos ficar aqui?

— Até depois do almoço — informou ainda mastigando a fruta. — Hum, está doce, prove! — Esticou uma para mim, e eu fechei os olhos com a suculência e doçura do morango. — Aluguei um carro e uma casa, vamos para Búzios. Ouvi falar muito bem de lá, mas não conheço. Ótima oportunidade, não é?

Arregalei os olhos, pasma com isso – confesso que adorando também – e tentei argumentar dizendo que eu tinha compromissos e que ele não podia decidir as coisas por mim.

— Kika, vamos aproveitar, merecemos. Ontem foi um sucesso, tenho muita expectativa e uma certa intuição sobre esse local daqui, então vamos relaxar um pouco.

Respirei fundo e concordei. Liguei para a Verinha, disse que ia passar uns dias fora e pedi que ela tomasse conta do Kaká, desmarquei minha consulta semanal com a Jane e liguei para o Leo, falando do sucesso da reunião e que eu não chegaria a tempo para trabalhar hoje.

Tudo resolvido, sentei-me ao lado dele na cama e tomei meu café... quer dizer, tentei, porque, entre um morango e outro, acabamos fazendo sexo, e o café esfriou.

Mais tarde, ainda de manhã, fomos a alguns locais do Rio que ele queria que eu conhecesse, as praias de Copacabana e Ipanema, onde almoçamos, e depois visitamos a área do Centro da cidade que foi reformada para as Olimpíadas, o AquaRio, o MAR e o Museu do Amanhã.

Suspiro ao me lembrar disso, da vontade que eu fiquei de ir ao Cristo e ao Pão de Açúcar, mas ele disse que não daria tempo dessa vez, mas que provavelmente ainda voltaríamos ao Rio para mais reuniões, era só programar. Em certo momento, no aquário, estávamos dentro do tubo onde ficamos cercados por água. Eu peguei a mão dele quando uma arraia passou bem em cima de nossas cabeças, mas depois a soltei.

Ele ficou estranho, olhando para as nossas mãos tão próximas, pensando por um longo momento e, quando eu já estava distraída com outros peixes, senti sua mão na minha. Não o olhei, nem disse nada, achei melhor tratar isso com naturalidade, pois não sei o que tanto ele avaliou, mas gostei que, ao final, rendeu-se ao gesto de carinho e proteção.

Andamos assim, de mãos dadas, durante o resto dos passeios, mas não conversamos sobre isso. No hotel, não tivemos tempo, pois ele queria pegar estrada para a Região dos Lagos antes que anoitecesse, então fizemos tudo correndo.

— No que você anda pensando? — sua voz parece divertida. — Ainda está chateada por termos que ficar aqui?

— Não. — Sorrio. — Estava aqui me lembrando do dia de hoje. Obrigada!

Ele não diz nada, nem tira os olhos da estrada. Já percebi que Konstantinos não sabe lidar com algumas situações comuns para a maioria das pessoas. Gratidão, carinho, empatia são

algumas delas. Eu ainda não o conheço o suficiente, mas posso garantir que há muito mais nele do que deixa transparecer.

O som de sua playlist ecoa alto, desde quando saímos do Rio de Janeiro, e, mesmo curtindo uma música ou outra, percebi que a maioria das músicas tem letra melancólica, *dark*, e isso não anima nada uma viagem.

— O que é isso que está tocando? — pergunto, e ele me olha surpreso.

— Johnny Cash — ele fala como seu eu conhecesse. — O Homem de Preto?

Balanço a cabeça, sem saber do que ele fala.

— A música é um tanto *down*!

— É *Hurt*! Uma música linda, e olha que nunca curti muito o country, mas gosto dessa! — Ele ri. — Porra, você não conhece mesmo?

Nego, e ele passa para a próxima.

— Se você não conhece Nirvana, desisto de sua educação musical!

— Posso incluir minha playlist? — indago já pegando o telefone, e ele assente.

— Desde que não tenha sertanejo e pagode...

Eu rio, ponho minha conta e escolho minha música preferida para viagens de carro.

— Mas que porra é essa?! — Ele morre de rir ao ouvir os

primeiros acordes de *A Thousand Miles* da Vanessa Carlton. — Quantos anos você tem para ouvir isso?

Dou de ombros, sorrindo.

— É boa de cantar em viagens — mal acabo de falar, e a voz dela ecoa, e canto junto: — *Making my way downtown, walking fast, faces passed and I'm home bound. Staring blankly ahead, just making my way, making my way through the crowd.*[21] — Ele xinga, mas ri. — *And I need you! And I miss you! And now I wonder...*[22]

— Okay, já entendi que você é dessas que gostam de cantar dirigindo. — Ele aproveita que está parado na praça de pedágio e pega o telefone. — Mas nem fodendo vou ouvindo isso até chegarmos lá!

— Estraga-prazer! Tem outras coisas aí bem legais!

Ele ri, lendo minha playlist.

— Justin Timberlake; Shakira; Demi Lovato! Acabei de crer que estou com uma adolescente no carro! — E o filho da puta gargalha.

Tomo o celular de sua mão e aponto para frente.

— Está andando, presta atenção ao trânsito. — Escolho outra música.

My Wish de Rascal Flatts começa a tocar. Vejo sua testa enrugar e as sobrancelhas franzirem por trás dos óculos escuros.

— É, posso ouvir isso! — diz como se tivesse escolha, sem perceber que *eu* sou a dona da playlist agora. — Tente manter esse padrão.

Gargalho e não aguento, estico-me na poltrona do carro e beijo sua bochecha.

Kostas fica tenso, mas depois relaxa, concentrado na estrada e no GPS do carro.

Demoramos bastante para chegar até o local que ele alugou. Já está escuro quando entramos na garagem de uma casa no topo de uma colina. Somos saudados por um casal, que nos leva até a casa, enorme e toda mobiliada, e ainda nos oferece indicação de bons restaurantes na Rua das Pedras.

— Estou tão cansado que dispenso o jantar, mas vou com você, caso queira comer algo — Kostas diz saindo do banho. — É só...

Ele engasga ao me olhar, vestindo a camisola que coloquei na mala, mas que não consegui colocar para dormir ontem, pois estávamos tão aflitos por sexo que mal ficamos vestidos dentro do hotel.

— Gostou? — Dou uma voltinha, deixando a renda transparente esvoaçar em volta do meu corpo.

— Definitivamente... — tira a toalha que tinha em volta da cintura — nós não vamos a lugar algum!

Estico meu braço na cama e busco o corpo peludo do Kaká, mas não encontro nada. Abro os olhos, um tanto desorientada, até perceber que estou na enorme suíte da casa de praia que Konstantinos alugou em Búzios e onde permaneceremos até amanhã.

Ainda consigo sentir as mãos e a boca de Kostas em todo o meu corpo, em cada lugarzinho dele. O homem parece um aficionado por me fazer gozar e só libera seu próprio orgasmo depois que eu já estou desfalecendo de tanto prazer. Porém, nessa noite, senti uma coisa diferente. Estamos há uma semana fazendo sexo, e ele sempre foi comedido, sacana, mas sempre controlado. Ontem, não!

Sorrio ao fechar os olhos e me lembrar de como segurou meus cabelos curtos enquanto me fodia de quatro; dos tapas – seguidos de uma leve massagem – na minha bunda e de como segurou meus braços para o alto enquanto metia duro, profundo, dentro de mim.

Nessa noite vi um homem mais solto, talvez o verdadeiro Konstantinos Karamanlis, e entendi que ele esteve se contendo por mim, com receio de me machucar de novo como na nossa primeira vez.

— Eu admito que ver você aí espalhada e nua nessa cama é uma visão tentadora... — Sento-me com o susto que levo ao ouvi-lo e o vejo na porta do quarto. — Mas é um tanto surpreendente. Eu já corri até a praia e voltei, e você ainda está aí. Nunca imaginei que fosse do tipo preguiçosa.

Não retruco seu comentário, pois meu cérebro acaba de entrar em colapso. *Meu, como é possível tamanha perfeição?!* Meus olhos passeiam pelo seu corpo moreno, grande, musculoso e suado enquanto ele tira a camisa e segue para o banheiro.

Ouço o barulho do chuveiro e me lembro da banheira de hidromassagem maravilhosa que vi quando tomei meu banho ontem à noite, pensando em como seria delicioso ficar um tempo ali com ele, massagear aqueles ombros gigantes e abraçá-lo com minhas pernas.

Ele reaparece no quarto, ainda sem ter tomado banho, mas já completamente nu. Não consigo parar de olhá-lo, mas sou obrigada a fechar os olhos com força quando ele abre as cortinas – enormes e pesadas – e se vira em minha direção.

Seu sorriso morre quando me vê fazendo careta.

— Você está quieta demais... — Arregala os olhos. — Sente-se bem? Sente dor em algum lugar?

Gargalho.

— Não, porra, foi a luz repentina! — Aponto para a janela, já me adaptando à claridade. — Puta merda, que lugar é este?

Dou um salto para fora da cama e encaro a visão magnífica de uma baía linda, com barquinhos e veleiros flutuando em um mar azul perfeito, cercada de rochedos e mata.

— Praia da Ferradura — Kostas responde sem perceber que minha pergunta foi retórica. — Disseram que era um belo lugar.

— Belo? — Sorrio animada, espreguiçando-me. — É lindíssimo! — Dou-me conta da altura em que estamos e olho para ele. — A casa está sobre um rochedo?

— E é cercada de mata atlântica! O caminho até a praia é íngreme, mas muito agradável e bonito. — Kostas se aproxima e acaricia meu corpo nu. — Tem estrada para carro também, se achar melhor. Vou para o banho. A esposa do caseiro estava preparando nosso café.

— Não sabia que eles iam ficar na casa, ainda bem que avisou! — Rio. — Vai que saio pelada por aí e dou de cara com um deles!

Ele fica sério.

— Vou dispensá-los depois do café — anuncia e segue para o banheiro.

A reação dele me surpreende, pois achei que ia entrar na brincadeira, mas parece que levou a sério.

— Ei, era brincadeira!

Ele entra e, dessa vez, fecha a porta do banheiro. Bufo, impaciente, pois têm momentos que não compreendo esse

homem, que ele se fecha em copas, assume aquela *poker face* dele e não demonstra nada.

Atravesso o quarto – que deve ser quase do tamanho do meu apartamento –, abro uma porta que parece ser de um armário e entro no closet, onde minhas roupas estão penduras.

— Que cena triste! — comento para mim mesma ao olhar a roupa com a qual vim para cá ontem, a roupa da viagem de São Paulo ao Rio e a da reunião. Sou tão prática e crédula que, mesmo viajando com Konstantinos, achei que seria uma viagem simples de negócios, e a única coisa fora do que estou acostumada a levar, é a camisola.

Dou de ombros, conformada com minha falta de opções, e pego o vestido que usei na viagem de avião.

— Você precisa de roupas. — Pulo novamente de susto ao ouvir a voz de Kostas. — Depois que tomarmos o café, vamos para o Centro. Dizem que é bem perto daqui.

Ele passa por mim – nu de novo – cheirando a sabonete, veste uma sunga e uma bermuda. Kostas pega um saquinho e tira um par de chinelos, e eu aperto os olhos de indignação.

— Se você tivesse me avisado que a viagem seria recreativa, também teria me programado melhor!

Sua risada enche o ambiente de armários vazios, causando um certo eco, e ele me abraça.

— Eu teria estragado a oportunidade de rever essa sua cara

“enfezadinha”! — Curva-se para me beijar. — Além do mais, nunca mais vi o trabalho com você por perto como trabalho, é uma eterna *recreação*!

Tem como resistir a esse homem?

Agarro-o e o beijo, sentindo-me sendo arrastada para dentro de um dos compartimentos do armário, ciente de que irei experimentar uma foda diferente: eu dentro de um armário, enquanto *um armário* está dentro de mim.

Sim, essa é a vantagem de ser pequena!

31

Kostas

Ela dá uma lambida devagar, saboreando. Lambe em volta, em movimentos circulares, chupando com fome, desce, vai ao topo, engole gostoso, sorvendo o delicioso caldo que enche minha boca de água.

— Porra, Wilka Maria, se você continuar chupando esse sorvete assim, vou acabar escandalizando a todos ao te colocar de joelhos nessa rua de pedras e te mandar fazer o mesmo com o meu pau!

A safada dá uma lambida ainda mais provocativa, passa a

língua pelos lábios sujos de chocolate e depois ri.

— Nunca chupei algo tão gostoso antes!

Paro em seco, sentindo-me ultrajado com isso, afinal, fora o sorvete e os brinquedos nos quais treinou boquetes, a única coisa que ela tem chupado ultimamente é meu pau.

Ela ri, parecendo uma fada saltitante com um maiô e uma saia esvoaçante em volta dos quadris. O gosto peculiar que ela tem para as roupas de trabalho se confirmou mais uma vez aqui na praia.

Depois do café, descemos para o Centro da cidade e andamos em algumas lojinhas. Aqui não é grande, mas tem boa variedade de trajes de banho e roupas para o verão à beira-mar. Ela se encantou com esse maiô todo colorido, com estampas e formas geométricas, um decote profundo e as costas todas de fora. Já saiu da loja vestindo-o, bem como a saia de um tecido fino, todo furado – parece renda, mas acho que não é – e com franjas.

Claro que ela não aceitou que eu pagasse pelas compras – nem mesmo pelos chinelos e o chapéu – e só aceitou o sorvete porque comprei para nós dois. O meu durou duas mordidas, enquanto o dela...

Gemo ao vê-la chupando-o lentamente de novo. Ela tem essa mania, já percebi, demora horas para comer alguma coisa, e me pergunto se faz isso porque gosta de saborear ou se para não

engordar.

Lembro-me do seu corpo nu contra a luz do sol pela manhã, quando se levantou da cama para olhar a vista. Quase fiquei apoplético parado ali, adorando vê-la tão animada, deslumbrada com o cenário que escolhi sem querer, mas que me agradou muito também.

Ela é linda!

Observo-a andar sem preocupação, olhando para as vitrines das lojinhas, chapéu de abas largas na mão, sorvete na outra, seus cabelos curtos esvoaçando com o vento e o sorriso tão dela, que nunca deixa seu rosto. Olho em volta e percebo que não sou o único que noto o quanto ela é linda.

Respiro fundo e olho por cima dos óculos para um homem que começou a andar na direção dela, sem perceber que estava acompanhada, e o espero fazer um desvio em sua rota antes de entrar em colisão comigo. É incrível que ela permaneça alheia ao efeito que causa à sua volta, como se não se desse conta do quanto seu corpo, seu rosto e sua personalidade atraem pessoas, principalmente homens.

Sei que ela não tem noção disso, é seu jeito de ser, e não tem nada de mais. Não é algo que ela faça para chamar a atenção, é simplesmente ela. Tive a prova disso no jantar, quando um dos políticos começou a lhe babar em cima feito um bulldog velho. Fiquei louco para interferir, mandar o homem se

conter, mas algo me dizia que ela não iria aprovar isso.

Então, quando ela se levantou para ir ao banheiro, sentei-me no lugar dela com a desculpa de querer algumas informações, mas, no primeiro olhar enviesado que o homem deu na direção dela, deixei as coisas bem claras:

— Ela não está disponível, é bom começar a olhar para outro lugar! — Ele se engasgou com o café, mas foi esperto e passou o resto do tempo olhando para o outro lado.

Hoje de manhã me aqueceu o sangue apenas a possibilidade de outro homem vê-la nua. Sei que é irracional e bem primitiva essa reação, por isso me afastei dela antes que dissesse algo bem boçal, do tipo homem das cavernas, como por exemplo: *você é minha, só eu posso olhar seu corpo nu!*

Faço careta, sem saber de onde veio aquele pensamento ridículo. Estamos juntos agora, durante esses dias, mas depois, se ela quiser viver outras experiências e deixar quem quiser vê-la nua, já não será problema meu.

Desvio esse pensamento chato, não querendo estragar o dia que planejei. Estava mesmo precisando dessa pausa, tenho trabalhado muito e, nos dias que fiquei fora da empresa, estava fora de mim também, então não conta.

— Ei, Kostas, aqui diz que tem uma praia linda depois de uma trilha. — Ela caminha até onde estou e me mostra um guia turístico impresso. — Olha que lugar deslumbrante!

Olho para o encarte, com fotos da praia, sem muita animação, pois aqui tem lugares muito mais bonitos, porém, quando chego ao final da descrição, olho para Kika – que ri, toda corada igual uma criança – e descubro que ela está me provocando.

Pois bem!

— Lindo! Está decidido, vamos para lá! — A Cabritinha arregala os olhos e ri nervosa. — Mas vamos seguir as regras! — Olho de novo o encarte. — 20 minutos de trilha e, chegando lá, os dois nus!

Pego-a pela mão que segura o chapéu e começo a andar rápido em direção ao carro.

— Ei, não... — Ela ri. — Kostas, eu estava brincando!

Finjo não a ouvir e continuo o trajeto, mas paro quando estamos próximos do carro.

— Tem certeza de que não quer ir?

— Estava brincando, não tenho coragem! — Ri. — Mas deve ser uma experiência interessante!

Cruzo os braços.

— É? Acho que não. — Ela fica séria. — Eu não gostaria de ter outros homens olhando você nua. — Wilka abre a boca, surpresa. — Eu fui o único que te viu assim, então, enquanto puder, quero continuar sendo.

Ela sorri, um daqueles sorrisos – já disse que ela os tem

diferentes? – que parece iluminar mais do que o sol de verão. Wilka vence a pouca distância entre nós, fica na ponta dos pés, passa os braços pelo meu pescoço e tenta me beijar.

— Você bem que podia dar uma ajudinha, não é?

Rio, já imaginando seu problema.

— Que tipo de ajuda? — faço-me de desentendido.

Ela bufa e olha em volta. Arrasta-me para mais perto do carro e simplesmente sobe no meio-fio, fica na ponta dos pés, volta a me abraçar e faz cara de brava.

— Não se atreva a fazer piada! — diz antes que sua boca cubra a minha.

Ainda não acredito que estou sendo obrigado a ouvir Colbie Caillat. Rio ouvindo-a cantar junto à música, ainda dentro da piscina, completamente nua.

Termino meu cigarro e o apago, jogando o resto na lixeira, antes de ir para perto dela. Durante esses dias percebi que a fumaça a irritava, coçava seu nariz e a fazia espirrar. Wilka nunca disse nada sobre o cigarro, nem sequer que era alérgica – como descobri que é –, então eu mesmo, para evitar deixá-la fungando, só tenho fumado longe dela.

— A próxima música é da minha playlist! — aviso-lhe, entregando mais uma caipirinha de maracujá, sua favorita.

— Hum, espero que seja boa, gostei da última. — Ela agradece, ainda apoiada na borda, e pega o drinque. — O que quer que você esteja fazendo, está dando certo, porque o cheiro está incrível!

— Não sou bom em cozinhar peixe, mas ninguém pode dizer que não tentei. — Sento-me na beirada da piscina com as pernas dentro da água. — Percebeu o quanto a água do mar daqui é gelada?

— Sim! — Ela nada com o copo de caipirinha para o alto e se instala entre minhas pernas. — Eu tremi em alguns momentos! Adorei a ideia de alugar a lancha e ficar um pouquinho em cada praia.

Bebo o bourbon sem olhá-la e sem saber como lidar com ela, seus elogios e agradecimentos. Tudo o que programei para fazermos hoje foi para nossa diversão, para que saíssemos um pouco da rotina da empresa – que promete ser dura daqui para frente – e aproveitássemos esse momento de foda gostosa e satisfatória antes que essa ilusão se desfaça.

O dia de hoje foi realmente muito bom, devo admitir. Almoçamos em um restaurante à beira-mar, comemos mariscos, camarões e um delicioso filé de linguado. Logo depois embarcamos na lancha e passeamos pelas praias, paramos em

algumas, nadamos juntos, fiquei excitado uma centena de vezes, mas cumpri o itinerário de praia até o sol se pôr.

Na volta para a casa, comprei umas bebidas – aqui não tinha nenhuma que prestasse – e não conseguimos sair do carro, pois acabamos fazendo safadezas dentro da garagem. Sinto meu pau inchando só em lembrar o gosto salgado nos peitos dela, o cheiro de maresia exalando de nós dois. Não pudemos concluir, pois eu novamente não tinha camisinha em mãos, mas fizemos algumas sacanagens gostosas, inclusive meu dedo fez sua primeira incursão ao rabo dela.

— Hum... — gemo ao sentir o toque dela sobre meu pau, ainda na sunga molhada.

— Por que você não tira isso e se junta a mim aqui? — sua voz é sedutora e rouca, deliciosa.

Termino a bebida, levanto-me e pego o pacote de camisinhas que, previdentemente, deixei em cima do balcão. Olho para o enorme peixe na grelha, assando na churrasqueira, e volto apressado para a sereia que me espera na piscina. solto o cordão da sunga, empurro-a para baixo, deixo-a cair sobre o deque de madeira e fico aqui, em pé, o pau duro apontando para cima, e Wilka dentro d'água com um sorriso no rosto.

— Vem me foder, Kostas!

Porra, ela não precisa pedir duas vezes! Coloco a camisinha e pulo na água. Wilka tenta me beijar, mas meu tesão

é tão grande e enlouquecedor que apenas a viro de costas para mim a fim de aproveitar a compensação de tamanho que a água nos proporciona.

Busco seu clitóris com os dedos e, quando o acho, massageio-o rapidamente, como eu sei que ela gosta, preparando-a para a estocada profunda. Wilka segura na borda da piscina no exato momento em que a penetro, flutuando conectada comigo.

A piscina não é funda para mim, consigo ficar de pé, e isso me ajuda a meter com força e rapidez. Travo os quadris dela com as mãos e me movimento. Quero que ela sinta meu pau entrando e saindo como eu sinto, mesmo com a camisinha.

Seguro-a pelos cabelos e puxo sua cabeça para trás. Seus gemidos ecoam na noite, mesmo com o som de *Whiskey in the Jar* do Metallica tocando alto. Sinto meu corpo inteiro vibrando junto à água da piscina, mordo seu pescoço de leve, puxo-a ainda mais pelos cabelos até que vire a cabeça e eu possa beijá-la.

É assim que ela estremece, com meu pau e minha língua dentro de si ao mesmo tempo, e eu deixo o gozo, travado desde mais cedo, inundar a camisinha.

Ficamos abraçados por um tempo, ofegantes por causa da velocidade da trepada. Meu pau vai amolecendo aos poucos, mas pulsa toda vez que sente a contração dos músculos da

vagina dela. Eu a abraço forte, uma coisa que nunca fiz depois do sexo – ou mesmo durante – e que com ela adoro fazer, pelo simples fato de se encaixar perfeitamente em mim.

Wilka deita a cabeça no meu ombro, olhando para o céu estrelado, sendo mantida fora da água pelos meus braços, enquanto meu pau escorre lentamente de dentro dela.

— Obrigado — ouço-me dizer a ela.

Wilka suspira.

— Pelo quê?

— Por tudo!

O rosto sonolento e o sorriso de Wilka não deixam minha mente. Tento me concentrar no que Millos está falando, mas não consigo. Está sendo assim desde que entrei na Karamanlis.

Passei pelo andar da minha diretoria, olhei para a porta da gerência de *hunter*, porém, segui direto para minha sala. Despachei alguns processos com os advogados, assinei e ratifiquei contratos e entreguei o material da reunião no Rio de Janeiro para a Eleonora reduzir em uma ata.

Já era quase meio-dia quando Millos me chamou à sua sala, e eu fui, mais uma vez sem ver a mulher com que passei o

melhor final de semana da minha existência.

Porra! Tento não pensar nisso, não aprofundar os pensamentos ou buscar algo mais do que realmente é. Seria cruel fazer isso. Sentimentos não cabem em nosso contexto, ainda que eu pudesse os ter. Não nasci para isso!

No entanto, mesmo querendo expurgar qualquer indício de que algo aconteceu na manhã de domingo, não consigo. Acordei assustado com o início de mais um pesadelo. Eles estavam cada vez mais esporádicos, eu nunca havia tido nenhum estando na mesma cama que Wilka, mas, naquela noite, ele se insinuou e, por pouco, não me expôs, como o cagão que sou, para ela.

Levantei-me, abri a sacada, olhei o sol nascendo ao longe, impondo-se sobre o mar, e questionei minha atitude de ter me deixado envolver dessa forma. Não era eu! Esse homem trepando com a mesma mulher, convivendo com ela mesmo sem sexo, divertindo-se, sentindo, não era eu!

Voltei para o quarto quando o dia já havia amanhecido. Bebi um pouco de água e me deitei ao lado dela. Não consegui parar de olhá-la! Minha cabeça girava confusa, parecia que eu tinha tomado um porre, de tão desnorteado que me sentia, mas não conseguia tirar os olhos de ela dormindo, tão linda e serena, ao meu lado.

Quando acordou, eu não tive outra reação a não ser sorrir. Os olhos pesados, olheiras pelas nossas noites mal dormidas

aparecendo em seu rosto lindo, e, ainda assim, era a mulher mais bonita que eu já havia visto.

Ela correspondeu ao meu sorriso e não só isso, beijou-me com tanto carinho, aproximou-se de mim, aconchegou-se contra meu corpo, e eu a abracei forte, apertado, como se não quisesse soltá-la nunca mais.

— Bom dia! — Wilka me cumprimentou. — Já é domingo, não é? Podemos voltar para a sexta-feira?

Suspirei lentamente, porque ela expressou em palavras aquilo que eu estava tentando não sentir desde o começo. Melancolia por termos de voltar à nossa rotina. A partir daquele dia, ela não mais dormiria todos as noites embolada em meus braços, nem acordaria saltitante e cheia de energia. Eu não iria mais cozinhar, nem rir por ela ser uma esfomeada. A partir daquele dia, tudo voltaria a ser como antes, e isso me causava uma estranha sensação de desânimo.

Para não deixar que ela percebesse meu estado de ânimo, puxei-a para cima de mim, e fizemos sexo preguiçoso, com gosto de despedida.

Enfim, acho que não tive êxito ao esconder como estava, porque ela voltou, desde Búzios a São Paulo, estranhamente quieta. O motorista a deixou em frente ao seu prédio, ela ficou um tempo me olhando, sem saber o que falar, então se despediu, e eu segui para meu *home office*.

Não dormi a noite toda, revirando-me na cama, sentindo falta de algo que eu sabia que não era para mim. Ela não me conhece, não sabe quem eu sou; bastará descobrir, e todo o encantamento se irá. E não, concluo, não posso mudar, não dá, tornei-me meu próprio monstro e preciso conviver com isso.

— ...Kika Reinol, e podemos encerrar aqui.

— O quê? — pergunto, o nome dela me trazendo de volta à realidade do dia.

— Eu disse que só estamos esperando a Kika Reinol. — Millos sorri divertido. — Estava com a cabeça onde? — Ele alisa sua barba. — Bronzeado, cabeça no mundo da lua... pelo visto o Rio de Janeiro estava maravilhoso!

— Vai se foder, Millos!

No mesmo momento ouvimos um toque à porta. Meu corpo inteiro se aquece, e eu sei, mesmo sem olhar para trás, que a pessoa que acaba de entrar é Wilka Maria.

— Bom dia, doutor! — ela cumprimenta Millos, animada. — Doutor Konstantinos, como vai?

Seu semblante sereno e sorriso seguro me deixam fora de órbita, principalmente por eu estar aqui quase batendo biela, e ela demonstrar ser um poço de tranquilidade.

— Bom dia, senhorita Reinol! — apenas a cumprimento.

Ela senta-se na cadeira ao meu lado, e o seu perfume, bem como suas pernas cruzadas por baixo da saia rodada do vestido

despertam meu tesão. O cheiro dela é o suficiente para me deixar no cio.

— Chamei-a aqui para parabenizá-la pessoalmente pelo êxito da reunião no Rio de Janeiro — Millos começa. — Soube que você foi brilhante e que, mais uma vez, demonstrou sua competência à frente da sua gerência.

— Obrigada, doutor. — Ela me olha de soslaio. — Foi um trabalho em equipe.

Millos ri.

— Isso é ótimo, um tanto aterrorizante, mas fico aliviado ao ouvir suas palavras. — Ele olha para o relógio. — Foi por isso que os chamei aqui, mas agora tenho um compromisso.

Wilka se levanta, e eu a acompanho. Vejo-a se despedindo de Millos e depois o cumprimento, seguindo no encalço dela para fora da sala. Embora andemos um ao lado do outro, não trocamos nenhuma palavra. Ela cumprimenta a Luiza com um sorriso, depois volta a ficar séria, o clima tenso, enquanto esperamos o elevador.

Não consigo deixar de olhá-la, minhas mãos formigam de vontade de tocá-la, mas tento me conter, apelando à minha racionalidade para não fazer merda.

A apelação é indeferida quando as portas do elevador se fecham! Quando dou por mim, já estou a esmagando contra a parede e tomando sua boca como um invasor da idade média

tomava de assalto um castelo. Não consigo raciocinar, apenas sinto explodindo dentro de mim a vontade de estar com ela, dentro dela, o desejo consumindo-me em suas chamas até que ambos já não aguentamos mais e nos olhamos sem fôlego.

Minhas mãos estão embaixo de sua saia, segurando-a pelas nádegas duras que eu adoro, suas pernas estão em volta dos meus quadris, e nossa respiração é pesada.

— Combinamos que não faríamos isso aqui na empresa — ela comenta, ainda buscando ar.

— Não consegui resistir a você — confesso. — Não consigo, preciso de você.

Ela sorri e suspira, olhando para o contador de andares.

— Eu também! — Afasta-me um segundo antes de o elevador parar. — Chegamos.

Assinto e a olho sair, caminhando pelo corredor, fugindo de mim como fazia quando éramos Portnoy e a Cabritinha fujona. Uma ideia surge em minha mente quando as portas do elevador voltam a se fechar, e eu percebo que fiquei parado dentro dele.

Pego o celular rapidamente e envio uma mensagem para ela.

"Vamos almoçar juntos. Encontre-me no endereço que lhe enviar."

Eu não sei o que vai ser daqui para frente. Tenho certeza de que não sou o homem capaz de ir além de umas trepadas e uns orgasmos, sou vazio por dentro, totalmente esvaziado como um animal empalhado, não tenho nada a oferecer além do que já entreguei a ela.

Porém, está na hora de ela decidir se isso é suficiente! Vou colocar as cartas na mesa como sempre fiz em todo envolvimento sexual que tive, e a primeira a ser mostrada será a de Portnoy.

Está na hora de ela saber!

32

Kika

O som estridente do despertador não adiantou de nada nessa manhã, pois eu passei a noite quase toda em claro. Dei apenas algumas cochiladas, sempre com o coração apertado, e quando *Happy* começou a tocar, eu já estava no banheiro escovando os dentes.

Suspiro ao entrar na minha sala, depois do beijo delicioso e impróprio com Kostas no elevador, e avalio como estou me sentindo. Cheguei aqui, à empresa, confusa, sem saber como agir com ele. O que eu queria fazer? Abraçá-lo assim que o visse

e lhe dizer que senti falta de seu corpo junto ao meu na cama. No entanto, sabia que isso era a coisa errada a falar. Não queria bancar a romântica iludida em um envolvimento puramente sexual.

Ele, que sempre chega à empresa antes de mim, não estava na sala, por isso consegui me concentrar no trabalho, ainda que olhasse, de tempos em tempos, para a porta e me perguntasse o que estava acontecendo.

Os dias juntos foram mágicos para mim! Sei que sou inexperiente nessa questão, mas acho que qualquer outra pessoa sentiria o mesmo. Ele foi surpreendente de várias formas, e todas elas, muito positivas. Adorei nossos momentos íntimos, nossos banhos – no chuveiro, banheira, mar e piscina –, a comida saborosa que ele preparou e os passeios.

A casa onde ficamos parecia coisa de filme, toda de madeira e vidro, no alto de uma colina, com vista para o mar. O lugar, pequeno e lindo, estava cheio por ser alta temporada, as praias lindas cheias de pessoas aproveitando o verão, e nós dois na lancha, curtindo o mar gelado longe de tudo e todos.

Konstantinos é um homem lindo demais! Durante o tempo em que passeamos pela famosa rua das Pedras e pelo Centro de Búzios, notei como ele chamava a atenção. Claro, é alto e forte, mas não é só isso! Sua atitude, o jeito de andar, a pele morena e os cabelos escuros em contraste com os olhos azuis, o sorriso...

Suspiro ao me lembrar do sorriso que recebi ao acordar ontem de manhã.

Senti a melancolia de ter de voltar para São Paulo, percebi que ele também estava diferente e, quando fizemos sexo, dei-me conta de que era o fim. O jeito como ele me tocou, as coisas que falou no meu ouvido enquanto se movimentava dentro de mim, fizeram-me ter a estranha sensação de que era uma despedida.

Não falei nada, afinal, não tínhamos nenhum combinado sobre o que estávamos vivendo, talvez ele já estivesse saturado desse clima romântico da última semana. Enfim, não questionei, mas também não consegui ser eu mesma. Sentia-me estranha, como se algo apertasse minha garganta.

Quando, há alguns minutos, Millos me chamou à sua sala, sabia que iria me encontrar com Konstantinos. Subi nervosa, tive que respirar fundo várias vezes antes de entrar na sala com meu sorriso de sempre e demonstrar nenhuma reação a ele, embora meu corpo tenha se arrepiado todo apenas com o cheiro de seu perfume no ar.

Eu só não esperava que ele me atacasse no elevador daquela forma, mas também não vou esconder que adorei! Naquele momento o tesão, o desespero dele me deram a certeza de que, independentemente de termos voltado à nossa rotina, o desejo não foi satisfeito.

Ainda queremos um ao outro como antes, ou, arrisco dizer,

até mais do que antes.

O telefone vibra na minha mão, e confiro a mensagem que acaba de chegar.

“Vamos almoçar juntos. Encontre-me no endereço que lhe enviar.”

Não entendo nada, achando a mensagem um tanto misteriosa, porém, ainda assim, meu corpo inteiro se agita. Ainda posso sentir o beijo que trocamos há instantes no elevador, a fome de Konstantinos, o jeito que nossos corpos se comunicam fácil, com uma química surpreendente.

“O que você está aprontando?”

Mando a mensagem de volta, mas não obtenho resposta, então deixo o celular de lado e volto para minha mesa, abro o relatório que estava lendo antes de ser chamada à sala do Millos e começo a marcar alguns pontos para Leonardo rever.

O telefone apita uma notificação de mensagem, e, quando abro, vem um endereço estranho, de uma área central da cidade,

porém, antes de eu pesquisar o endereço para saber de qual restaurante se trata, recebo outra mensagem:

“Não pesquise, só venha. Estou te esperando!”

Okay! Konstantinos está preparando outra surpresa? Bom, devo confessar que ele tem conseguido me surpreender de verdade com suas ideias mirabolantes, desde a viagem ao Rio de Janeiro a um final de semana na paradisíaca Búzios.

Fecho o navegador do computador, desistindo da pesquisa, e pego a bolsa, animada, louca para descobrir o que aquele maluco aprontou dessa vez!

— Oi! — Leo me detém na porta. — Está de saída? Eu trouxe as informações que solicitou.

— Leo, você é fera! Obrigada. — Sorrio. — Pode deixar na minha mesa, eu tenho um compromisso agora no almoço, mas olho assim que... — Meu telefone toca. Não reconheço o número e, como Kostas está cheio de mistérios, atendo. — Alô?

— Você não se esqueceu de mim, não é? — a voz do outro lado da linha faz meu corpo inteiro arrepiar. — Achei que tínhamos um trato, mas, pelo visto, vou ter que ir até aí te lembrar.

Saio de perto de Leo, tremendo e com o coração disparado.

— Eu não esqueci, só não consegui tudo ainda! — falo baixo. — Não se atreva a vir, não me ligue de novo, não estrague tudo!

Sua risada, rouca e com leve pigarro por causa de anos fumando, embrulha meu estômago.

— Vou te dar mais um tempo, mas saiba que estou de olho em você! Não me obrigue a destruir...

Desligo o telefone, puxando o ar várias e várias vezes, sem encontrá-lo, tentando me recompor e esquecer tudo isso. Eu sei do que é capaz e que pode muito bem cumprir sua ameaça. Sei também que a culpa é minha. Nunca deveria ter feito esse acordo, foi impensado, um momento de raiva, e agora não tenho como voltar atrás. Há muito em jogo, principalmente minha carreira.

— Kika? — Leo toca meu ombro, e eu tento sorrir. — Tudo bem?

— Tudo! — Respiro fundo e arrumo minha postura. — Aporrinhação de telemarketing. Eu morro de raiva!

Leo continua sério por um tempo, mas depois sorri – meio forçado – e concorda comigo sobre as ligações de vendas de produtos. Despeço-me dele e sigo para o almoço com Konstantinos, mas meu corpo ainda treme de nervoso.

Não tem jeito, eu sinto que terei que fazer o que quer, senão

as consequências para mim serão muito pesadas e podem pôr todo meu futuro em risco.

O Uber me deixa na rua indicada, e eu confiro o número do restaurante que Kostas me passou. Caminho pela calçada até encontrar, mas estranho o local, achando-o rústico demais para o "tipo" dele.

Bom, penso ao entrar, *vai que aqui tem a comida mais saborosa de Sampa, né?!*

Um senhor me atende, sem nem mesmo sair detrás do balcão, secando um copo americano e com uma caneta encaixada sobre a orelha.

— Boa tarde! Um amigo marcou de me encontrar aqui para o almoço, o senhor sabe...

— Você é a Kika? — estranho ele saber meu apelido, mas assinto. — Ah! Matilde! — ele grita. — A Kika chegou!

Não entendo nada do que está acontecendo, então pego o telefone e disparo uma mensagem para Kostas.

"Que lugar estranho é esse?!"

Ele visualiza, mas não responde, o que me deixa ainda mais intrigada.

— Olá! Vem comigo!

A tal *Matilde* aparece, com um avental em sua cintura avantajada, e abre uma porta para um local escuro. Sinto medo e apreensão. Não gosto de entrar em locais assim, mas a sigo e me deparo com uma íngreme escada de madeira.

— Não costumamos atender hóspedes por essa entrada aqui, mas foi o pedido dele! — ela diz apontando para cima e me entrega uma chave com um número. — É só subir e virar à direta.

E simplesmente me deixa sozinha na base da escada, sem entender nada!

“Kostas, eu vou embora! O que está acontecendo?”

Ele finalmente digita:

“Apenas suba!”

Olho para cima e depois em volta, o local antigo, porém, bem limpo, e penso se o advogado não é uma espécie de maníaco que traz suas vítimas para este local escondido para abusar delas e depois dividir seu corpo em pedacinhos, como acontece no livro do Gray que estou lendo.

Rio de mim mesma ante essa possibilidade tão absurda. É o Konstantinos, o homem com quem eu passei um final de semana inesquecível, o diretor jurídico irascível da Karamanlis! É óbvio que ele não iria me atrair até aqui para me estripar e jogar minhas vísceras dentro de um sanitário!

Estou lendo livros de suspense demais!

Subo as escadas e posso ouvi-las rangendo a cada passo que dou. O cheiro de óleo de peroba é intenso, assim como o brilho perigoso em cada degrau e no corrimão. Vou devagar, porque, justamente hoje, decidi calçar sandálias com saltos enormes.

Chego à área de cima, acarpetada, meia parede de madeira e o restante com uma espécie de texturização. Não há quadros, nem ornamentos, é tudo muito sóbrio no corredor.

Olho a chave em minha mão, e o número 202 aparece no chaveiro. Sigo olhando porta por porta, viro à direita, como a senhora me indicou e encontro o número pintado em uma porta de madeira.

Bato à porta, mas ninguém atende.

— Kostas?

Não ouço um som sequer dentro do ambiente, então insiro a chave na fechadura, giro-a e abro a porta devagar.

Uma música baixa chega aos meus ouvidos, um som sensual, cantado quase sussurrado. O quarto também está escuro, mas tenho um vislumbre da cama, paredes com espelho, e, quando entro completamente, estanco ao ver a cena à minha frente como se estivesse em uma espécie de *déjà vu.*

Um abajur com cúpula vermelha está aceso, sinto cheiro de charuto e, no meio da fumaça e do clima decadente, vejo Kostas sentado em uma poltrona antiga de couro marrom, com um copo na mão e o charuto na outra. Seu paletó está no encosto de uma cadeira, a garrafa de seu bourbon, em cima da mesa, junto ao seu celular, de onde sai a música que enche o ambiente.

Ele põe o charuto no cinzeiro, bebe e se levanta.

Minhas pernas estão trêmulas, pois eu reconheço isso tudo, mas não entendo como ele sabe!

— O que é isso tudo?! — questiono.

Kostas não responde, vem até onde estou e simplesmente me vira de costas, apoiando-me contra a porta de madeira. Beija meu pescoço e esfrega sua ereção contra minha bunda, gemendo em meus ouvidos:

— Isso é a nossa fantasia se concretizando!

Tento entender o que está acontecendo, mas sua mão se

insinua por baixo da saia do meu vestido, percorre a distância da minha coxa até meu sexo devagar, firme, e se esfrega contra minha calcinha, tirando-me do ar, cheia de desejo, a pele arrepiando, os mamilos sensíveis e duros contra o tecido do vestido. Gemo quando sua boca se arrasta pela minha nuca e pescoço, a barba arranhando todo o percurso até minhas orelhas, e ouço sua respiração excitada, seus dentes raspando o lóbulo, seus lábios sugando-a com o mesmo ritmo com que chupa minha boceta.

— Isso é sobre o seu prazer! — Afasta a calcinha e me toca diretamente sobre a pele. — Isso é sobre o quanto te dar prazer me dá prazer. — Gemo quando sua língua contorna meu maxilar. — Isso é sobre sua boceta molhada na minha mão e o quanto estou louco para que seja minha boca a sentir essa umidade toda, a quentura e o sabor do seu tesão.

Ele prende meus cabelos com a mão e, com um só puxão, arrebenta minha calcinha, que fica embolada entre meus pés. Não consigo mais raciocinar, nem mesmo questionar como ele sabe sobre essa fantasia que habita meus sonhos eróticos há anos.

— Diz o que você quer! — Seus dedos entram em mim, e fecho os olhos, gemendo. — Minha boca sugando seus lábios inchados de desejo, consumindo desse líquido que está pingando da sua boceta? Quer que minha língua te foda como meus dedos

estão fazendo ou que ela se concentre em agitar seu clitóris até te fazer urrar de tanto gozar?

Seu polegar massageia meu clitóris sem parar, enquanto seus dedos me fodem com força. Minhas pernas estão bambas, mal consigo me manter equilibrada em cima dessas altíssimas sandálias, e ele é quem me dá todo o suporte para que eu não me desfaça de tesão.

— Me diz! — Sua mão sai de mim. Sinto movimentos brutos, e de repente a cabeça quente de seu pau desliza entre meus lábios, esfrega-se em meu clitóris, encharca-se na minha entrada e se insinua no meio de minhas nádegas. Tudo o que consigo fazer, ainda imobilizada por ele contra a porta, é gemer alto. — Peça o que quer que eu faça. Como quer que eu te coma. — Ele geme ao se masturbar me masturbando. — Não vou te comer! Vou te engolir, Wilka, vou te deglutir devagar, misturando você em mim.

— Kostas... — gemo e tento olhá-lo. — Me fode agora!

Meu tom de ordenança o faz rugir entredentes, e, sem que eu faça mais nenhum movimento, ele se abaixa, e seu pau me preenche até o fundo, expandindo meu canal, preenchendo cada espaço dentro de mim.

Ele se movimenta freneticamente. A cada estocada forte, ouço a porta ranger e temo que as dobradiças não aguentem as pancadas que nossos corpos juntos desferem contra a madeira.

Gemo, braços abertos, mãos espalmadas, rebolo com ele, suo com ele e me sinto sendo levada por uma corrente de pura energia sexual.

— Isso! — ele geme quando soco minha bunda contra seus quadris. — Me come assim, rebola gostoso!

Sinto o tapa na nádega direita assim que me afasto e volto com mais força, seu pênis pulsando dentro de mim, levando-me à loucura. Não penso em mais nada, meu corpo age instintivamente, buscando o prazer, usando-o para chegar aonde quer, um desespero de gemidos, risadas e carícias brutas.

Kostas me enlaça pelo tronco e me ergue, ainda enterrado em mim. Caminha até a mesa e me apoia nela, deitando meu torso sobre o tampo, minha cabeça batendo contra a garrafa de bourbon.

Suas mãos seguram e firmam meus quadris, e ele se movimenta devagar, entrando e saindo, nossas lubrificações juntas fazendo um barulho totalmente excitante. Seguro na borda da mesa redonda, delirando a cada movimento.

— Preciso do seu gozo! — ele sussurra com voz rouca. — Estou com fome do seu orgasmo!

E, sem dizer nada, sai de mim e se ajoelha, abocanhando meu sexo sem nenhuma delicadeza, chupando-o com força antes de me penetrar com sua língua safada.

Era tudo o que eu precisava para explodir, tremer e gritar.

Agito meus quadris, usando seu rosto todo para intensificar o orgasmo. Kostas usa apenas a língua agora, mantendo-a para fora e dura, enquanto eu me esfrego contra ela.

— Caralho de mulher gostosa! — ele diz assim que se levanta e me carrega para a cama.

Ainda não consigo parar de tremer, sentir pequenos choques pelo corpo, a visão turva de prazer, a pele pegajosa. Tenho espasmos quando ele volta a me penetrar, agora em cima de mim, tomando minha boca na sua com frenesi, segurando minhas pernas para o alto a fim de conseguir ir tudo o que pode na minha boceta.

— Nada se compara a isso! — Kostas geme me olhando. — Porra, nada!

Minha vagina se contrai, e outro gozo entorpece meu corpo, e eu grito, puxo os lençóis da cama e me entrego totalmente à sensação maravilhosa e intensa. Kostas se retira, puxa-me para me sentar e fica em pé na cama.

Ele se masturba de um jeito delicioso, olhos fechados, cabeça para cima, bufando de tesão. Não resisto, fico de joelhos e o abocanho no exato momento em que sua porra começa a jorrar, recebendo gota por gota em minha garganta, engolindo lentamente seu prazer.

Olho-o, lambo os lábios e sorrio.

— Puta que pariu, Cabritinha! Foi melhor do que eu

imaginei que seria.

Meu sorriso morre, meu coração disparado por conta da trepada parece falhar uma batida, e eu arregalo os olhos.

— Do que você me chamou?

Ele se senta na cama, ofegante, e sorri.

— De Cabritinha, *minha Cabritinha fujona!*

Não! Levanto-me da cama cambaleante, e ele pula para me segurar. Afasto-me dele, sem entender nada, repelindo seus braços, tentando achar alguma solução lógica para o que está acontecendo.

Eu não tenho nenhuma das mensagens salvas, a conta no aplicativo já foi cancelada, não há rastro algum que eu tenha deixado para que ele conseguisse, de alguma forma, ter acesso às minhas conversas com...

Olho-o lívida, negando com a cabeça, mas o vejo sorrir, dar de ombros e assentir.

— Sim, era eu.

Fecho os olhos e ponho as mãos na cabeça, sentindo tudo rodar. *Como é possível?!*

— Não pode ser... — nego, sentindo meu estômago revolto. Abro os olhos para encará-lo, mas, antes que eu pergunte diretamente, ele mesmo me confirma.

— Eu sou o Portnoy, Caprica.

Meus ouvidos apitam, o quarto roda, e sou vencida pelo

meu pior inimigo: a escuridão.

33

Kostas

Eu imaginei vários desfechos para quando revelasse a Wilka que era o homem com quem passou mais de um ano trocando mensagens em um aplicativo de sexo. Em nenhum deles previ o que acabou acontecendo. Em todos os cenários, ela reagiria de alguma forma questionadora, sendo que, no mais positivo, iria rir, não acreditando na coincidência, e, no negativo, iria me xingar e dizer que nunca mais queria que eu encostasse nela.

Bufei nervoso, pensando que talvez devesse ter tido mais

cuidado ao contar para ela, ter ido devagar, dando pistas, não ter feito isso no calor do momento, pouco depois de termos feito sexo tão intensamente como fizemos. Ela não estava pronta para ouvir, e nem eu para falar, por isso acabou dando aquela merda toda.

Por pouco Wilka não foi de cara no chão quando eu disse a ela que eu era o Portnoy. Tive que ter bom reflexo para pegá-la antes que caísse e a levei para a cama. Não sabia o que fazer ou como agir, só fiquei com ela em meus braços, chamando por seu nome e a sacudindo de leve. Então, como se tivesse um insight, tive a ideia de colocá-la debaixo do chuveiro. Tirei suas roupas e sandálias, despi-me e a coloquei sob o jato d'água. Aos poucos, ela foi voltando à consciência.

Sentei-me ao lado dela no chão do boxe, os dois nus, ensopados. Kika parecia um tanto desnorteada, e eu estava tremendo de medo e de nervoso pela reação dela à minha revelação.

— Isso... — ela começou, mas então parou. Ficou uns segundos em silêncio, sem me olhar e então continuou — é verdade? — Olhou-me. — Eu entendi certo?

Assenti. Ela baixou a cabeça e fechou os olhos.

— É surreal demais para ser verdade! — sua voz descrente me fez rir, porque eu mesmo achava tudo aquilo inacreditável. — Há quanto tempo você sabe disso? — Abri a boca para falar,

mas ela disparou outra pergunta: — Você sabia que era eu desde o começo?

— Não. — Tentei segurar seu rosto para que ela me olhasse, mas repeliu meu toque. — Descobri há pouco tempo. — Tentei sorrir, mas o clima estava tão pesado que não deu. — Fiquei tão espantado quanto você e...

— Quando? — Finalmente me olhou, mas seu olhar transparecia tanta desconfiança que, mesmo debaixo da ducha de água morna, senti meu corpo gelar. — Quando foi que você descobriu?

Respirei fundo e pensei bem nas palavras que usaria para contar a verdade, porque eu não iria mentir, mas também não queria trocar os pés pelas mãos como quase sempre acontece quando falo com ela.

— Os conselhos que te dei. — Sorri de leve. — Eu nunca poderia imaginar que estava aconselhando alguém contra mim mesmo, e, quando você fez referência ao que te disse online, eu soube. A bem da verdade é que não entendi como não soube antes, mas acho que eu presto tão pouca atenção a alguns detalhes que não consegui ligar um ponto ao outro.

— Você quer dizer que não prestava atenção em mim antes de descobrir que eu era a mulher das suas fodas virtuais. — Neguei, mas ela não me permitiu falar: — Logo depois daquele dia da reunião, tudo mudou, Kostas. Você me deixou trabalhar

em paz, depois impôs sua presença na minha sala e começou com seu joguinho de provocação. — Ela arregalou os olhos. — Eu contei a você que estava atraída por você mesmo! — Kika se pôs de pé, e eu fiz o mesmo e tentei segurá-la, preocupado com seu equilíbrio após o desmaio. — Você deve ter rido muito de mim!

Foi nesse momento que eu percebi que ela estava levando tudo para o lado errado e que, se eu ficasse calado, seria pior. Então a segurei firme pelos ombros e tentei explicar da maneira mais clara possível.

— Não! Não ri. Eu fiquei desesperado no começo, cheguei até a cancelar a conta no Fantasy, porque já havia me sentido atraído por você, pela gerente irritadinha que me tirava do sério, e eu não queria envolvimento. Eu não faço isso! — Apontei para nós dois juntos. — Eu nunca fiz isso antes!

— Mas, quando soube que eu era a Caprica, quis fazer, não foi? Eu não sou ela!

— Eu sei! — falei um pouco mais alto que o normal e a senti se retesar. Busquei ar e me acalmei, baixando a voz: — Eu sei. No começo, eu via em você a mistura das duas. Você, Wilka, me excitava com seu jeito, me enchia de tesão com seu corpo, seu modo de vestir, e a Caprica era a minha musa, a ninfa do sexo, com quem eu achava que tinha afinidade total na cama, mesmo sem nunca ter trepado com ela. Sim, no começo eu vi

vocês duas, mas isso durou até nossa primeira vez lá no seu escritório.

Senti seus músculos trêmulos.

— Descobriu que eu era uma mentirosa e saiu correndo.

Ri e neguei.

— Fiquei surpreso, sim, mas não saí de lá por isso. Eu fiz questionamentos sobre o motivo pelo qual você mentiu sobre sua vida sexual, mas não me fixei nisso, porque já não importava. — Senti um bolo na garganta. Nunca estive tão exposto a alguém como estava com ela naquele momento. — Eu segui *você* àquele seu encontro, não a fantasia de uma mulher que sabia tudo de sexo. Eu trepei com uma inexperiente naquela noite; eu me dediquei ao seu corpo para nunca mais te machucar, porque não era mais a Caprica ali comigo, era você, Wilka Maria. A partir do momento em que tive você, a fantasia se desvaneceu, pois descobri que a realidade era muito melhor!

Wilka soluça, e eu a abraço forte contra meu corpo.

— Por que demorou tanto para me contar? — sua voz saiu abafada, mas consegui ouvi-la.

— Eu não sabia como contar e nem se devia.

— Então por que contou? Por que fez tudo isso hoje? Por que ressuscitou Caprica e Portnoy?

Essa era a pergunta que eu temia que ela fizesse desde quando começáramos a conversar. Era hora de dizer a ela quem

eu era, como eu era e como o que estava acontecendo entre nós seria para mim.

— Porque eu jogo limpo. — Ela se afastou para me encarar. — Porque sempre fui sincero sobre o que queria ou não queria. Nunca trepei com conhecidas, nunca tive um caso, um relacionamento fixo e, muito menos, estável. Há anos só faço sexo com prostitutas, porque entendi que era o melhor e o mais sincero a se fazer. — Kika se afastou ainda mais de mim, puxando uma toalha que estava dobrada em cima da pia, e se enrolou nela. — Você é diferente, não sei o motivo, mas é. Eu não posso oferecer nada além disso — aponto meu corpo para ela — porque não tenho nada além disso. Eu quero... não, eu preciso de você, mas não posso prometer nada além do prazer que sentimos juntos. Eu seria cruel se deixasse você pensar que esse envolvimento entre nós pudesse se desenvolver. Não pode, Wilka, não vai, eu não sou capaz disso.

— Você me contou, então, porque queria que eu soubesse de tudo e fizesse a minha escolha sobre querer ou não o que você pode me oferecer?

Concordei.

— Eu estou me permitindo viver essa nova experiência com você, e isso já é um passo enorme que dou, mas não posso ser irresponsável e te iludir, não vou fazer isso. — Apontei para meu peito. — Aqui não tem nada, nunca teve e nunca terá. Não

sei o que é afeto, nunca o senti por ninguém.

— Triste, isso — Wilka disse baixinho. — Eu sinto tanto que chega a transbordar; tanto que preciso dividir, compartilhar e doar. Não imagino como seja passar uma vida sem conhecer o carinho, o afeto e o amor.

Ela deixou a toalha de volta na pia e entrou no quarto. Eu a segui, ainda molhado, fazendo poças no chão, e a acompanhei vestir o vestido, procurar a calcinha, descartá-la quando viu que não tinha como usá-la e calçar as sandálias.

Meu coração parecia querer sair pela boca, e o bolo que começara a se formar em minha garganta cresceu tanto que eu já não conseguia falar.

— Você acha que me falar todas essas coisas impedirá que eu sinta algo por você? — Ela riu, balançando a cabeça e pegou a bolsa. — Esse tipo de conversa só te serve como desculpa; primeiro, para sua consciência, caso eu venha a me apaixonar, e, finalmente, para o seu medo, pois te ajuda a continuar fechado, sem arriscar abrir o peito e sofrer. — Ela pôs a mão na maçaneta e me olhou. — Eu não sei fazer nada pela metade, Kostas. Nunca me apaixonei por ninguém e pode ser que nunca venha a me apaixonar, mas não é porque eu tenha meu coração fechado para a possibilidade, apenas porque nunca aconteceu. No entanto, quando acontecer, não vou ter medo e, mesmo se não for correspondida, saberei que sou capaz, e isso me fará ter

esperança de um dia encontrar alguém que sinta o mesmo por mim. Eu não fecho as portas, elas estão abertas, qualquer um pode entrar, mas só alguém muito especial saberá permanecer.

E, com essas últimas palavras, saiu para o corredor e me deixou sozinho dentro de um quarto frio de hotel, tremendo, gelado e me sentindo infinitamente só.

Não voltei para a Karamanlis, tirei meu carro da garagem do prédio e dirigi por horas, pensando em tudo o que ela me disse, tentando avaliar o que senti. Cheguei a casa já havia anoitecido, comi qualquer coisa que tinha na geladeira, tomei um banho e me joguei no sofá, computador ligado, trabalho atrasado e a cabeça a mil, e, mesmo após algumas horas, continuo assim.

Olho para o celular ao meu lado. Tenho feito isso de tempos em tempos, pensando em ligar para Wilka ou lhe mandar uma mensagem, mas não tenho coragem. Não sei o que dizer.

De repente o aparelho acende, e o som de chamada recebida ecoa alto pelo *home office*.

— Alô! — atendo ao número desconhecido.

— Você tem me ignorado, e eu me pergunto o que você tem que, de repente, depois de meses de assédio, perdeu o interesse em mim.

Respiro fundo, reconhecendo a voz de Viviane Lamour.

— Você se valorizou demais, Vivi! — Rio, sarcástico. —

Consegui algo muito bom sem sua *preciosa* ajuda.

Ela ri.

— Aposto que sim! Bom, eu não deveria, mas acho que devo lhe falar. — Rolo os olhos, entediado, duvidando que seja algo relevante. — Theodoros está apaixonado!

Levanto-me rapidamente do sofá, assustado demais com a notícia.

— Valentina? — questiono sem acreditar.

— Não — Viviane soa amarga. — Maria Eduarda Hill. — Volto a me sentar ao ouvir o nome, estarrecido demais para me sustentar de pé. — Valentina foi dispensada e deve estar lambendo as feridas bem longe. Eu dei um tiro no pé, mas já tenho um Judas para carregar a culpa.

— O que você fez? — pergunto curioso.

— Mandei Valentina para a Grécia atrás do Theo, e ele a dispensou. Era o teste final para eu saber o quanto estava envolvido com a ex-dona do boteco.... Você sabia que ela vendeu o bar?

— Sim, mas como é que você soube?

— Foi o que eu soube quando fui até lá para esfregar a revista com a notícia do noivado de Theo e Valentina em sua cara.

Faço careta, confuso.

— Ele não tinha dispensado sua amiga?

— Comprei a notícia. — Ri. — Mas fiz parecer que foi Valentina quem o fez.

Tampo a cara com a mão, imaginando o tipo de mulher burra com quem me associei para derrubar Theodoros. Que idiota! Agora, quando meu irmão voltar ao Brasil e descobrir sobre a revista, vai caçar quem foi responsável e descobrir fácil que tem o dedo de sua querida amiga.

Idiota!

— Bom, isso foi uma jogada bem burra de sua parte, contudo, já não me interessa. Não preciso de sua ajuda, e a notícia de que Theo está apaixonado por Duda Hill corrobora ainda mais meus argumentos contra ele.

Viviane ri.

— Talvez eu tenha algo muito promissor que estava deixando para um momento mais oportuno. — Ela sussurra em seguida: — Uma certa conta no exterior que ele não vai ter como explicar, a não ser que admita sua sociedade comigo.

Puta que pariu! Abro um enorme sorriso, pensando na possibilidade de entregar mais essa prova ao Conselho e, mesmo sabendo que em uma auditoria o assunto será esclarecido, levantar dúvidas sobre um possível caixa dois de Theodoros na empresa.

Interesse particular acima do da empresa e caixa dois proveniente de propina e desvios: o suficiente para desgastar a

imagem do meu irmão e fazer a todos se lembrarem de como a empresa sofreu com os escândalos de Nikkós e o afastarem da diretoria executiva.

— Quanto você quer por esses documentos?

Viviane gargalha agora e dá uma ronronada que me embrulha o estômago.

— Eles ainda não têm preço, mas vou pensar em um. E prepare-se, não será barato, não depois das ofensas e do desinteresse! Boa noite!

— Filha da puta! — xingo-a quando a ligação é terminada.

Começo a andar de um lado para o outro, sentindo a proximidade da queda de Theodoros cada vez mais real. Sinto-me prestes a cumprir minha missão, minha vingança, e livrar a todos nós da presença e liderança espúria dele.

Paro, mesmo em meio à minha animação, e olho para os exemplares de T.F. Gray que tenho, lembrando-me imediatamente de Wilka. A excitação pela queda de Theodoros perde todo a força quando penso que posso tê-la perdido, e eu percebo que não estou pronto para deixá-la ir assim, não ainda.

Preciso fazer algo!

34

Kika

Portnoy e Konstantinos são a mesma pessoa!

Essa foi uma das coisas que martelaram em minha cabeça o resto do dia enquanto eu trabalhava – ou tentava – nos relatórios que Leo deixou para que eu lesse e aprovasse.

Não havia chance de eu me manter concentrada sem que divagasse sobre a coincidência da situação, bem como sobre o que ela significava. Por mais que eu houvesse mentido sobre minhas experiências sexuais, fui sincera com ele e creio que, seguro pelo anonimato, Kostas tenha sido sincero comigo

também, embora tenha aumentado seu cargo.

Eu achava que havia me sentido atraída sexualmente por duas pessoas até hoje; agora descubro que não. Sempre foi ele!

Acredito no que me falou sobre Caprica ter deixado de existir depois daquela noite tensa da nossa primeira vez. Portnoy sumiu, mudou e se recusou a me encontrar. Agora entendo o motivo. Deixamos a fantasia para realizarmos juntos nossos desejos.

Então, se eu acredito nele, e ele disse que me queria, por que estou pensando em me afastar? Simples! Eu não posso – e nem quero – proteger meu coração, como ele pediu que eu fizesse com aquele discurso de: “é só isso que tenho a te oferecer”.

Não existe isso! Nenhum relacionamento começa com garantia de evolução ou de duração. Pode ser intenso e rápido; pode ser longo e morno; e pode ser intenso e durável. O que faz ou não que algo dê certo é o comprometimento das pessoas, bem como o sentimento que nasce.

Eu sei disso porque já tentei amar uma pessoa, quando comecei a namorar, mas não consegui. Eu me esforcei, me doei, mas não aconteceu, então sei que amor não é uma ciência exata, não depende de fórmulas e variáveis, é muito mais do que isso!

Se ele tivesse me proposto deixar rolar, seria muito mais aceitável do que vir até mim com uma verdade absoluta de “não

vou me apaixonar, então contenha-se ou se ferre sozinha". Isso não muda quem eu sou e nem como me sinto. Não adiantam avisos; se meu coração quiser, ele sentirá, e eu não o impedirei.

A conversa dele só serviu para me deixar alerta, para avaliar se eu quero estar com alguém que, mesmo sendo espetacular na cama, já se impõe não sentir. Eu quero a "normalidade", quero ir conhecendo, aproximando-me, até que possamos julgar o que sentimos, não que alguém já venha com uma cartilha.

Eu poderia me apaixonar pelo Kostas, talvez até já esteja. Contudo, depois do que ele me disse, achei por bem resguardar meu coração, e, como isso não é algo que eu goste de fazer, é melhor cortar de vez toda e qualquer proximidade pessoal.

Trabalhamos juntos, teremos que nos respeitar, e só.

Penso na ligação que recebi logo cedo e que voltou a ocorrer depois que cheguei a casa e imagino a reação dele. Estremeço só com a imaginação e deixo de me lembrar disso, principalmente porque dessa vez fui esperta e não atendi o telefone não identificado.

Com tantas coisas preocupantes na cabeça, nem senti fome. Não almocei, não lanchei e nem jantei. Tudo o que eu queria era tomar um banho bem quente e me deitar abraçada com o Kaká.

Foi isso que fiz, mas de nada adiantou, pois estou na cama há horas, virando-me de um lado para o outro, pensando nas

palavras de Kostas, tentando entender o motivo pelo qual ele é assim, imaginando a tristeza que foi ter passado a vida inteira sem ter conhecido o afeto e o amor.

Esfrego meu pé no pelo macio do Kaká, e ele geme e se vira para que o carinho seja em sua barriga.

— O que será que o deixou assim, Kaká? — pergunto, pensando com tristeza no que Konstantinos me disse. — Eu sei que os Karamanlis são estranhos, mas nunca imaginei o Konstantinos tão carente, e ele é. — Kaká geme ao ouvir o nome e vem em direção ao meu rosto, por baixo do lençol. — Vou te contar um segredo: acho que aquele jeito dele é uma defesa. Sabe aquela música do Marcelo Camelo que eu vivia cantando? — O yorkshire inclina a cabeça para o lado como se tentasse lembrar. — Acho que se encaixa perfeitamente na definição do Kostas!

As estrofes de *Cara Valente* se reavivam em minha cabeça, e eu concordo com tudo o que a canção diz. A visão do homem arrogante, esnobe e frio começa a ruir e a dar lugar a alguém que sente medo de se entregar, de sentir e de receber desprezo em troca.

O interfone toca, e eu gelo na cama.

Não é possível que tenha vindo até aqui para me ameaçar!, penso, imaginando que eu tenha errado ao ignorar a chamada não identificada há alguns minutos e que, por isso, tenha vindo

pessoalmente atrás de mim.

Levanto-me da cama e pego o fone para falar com o porteiro de plantão.

— Oi, Joca!

— Não é ele — a voz de Konstantinos me arrepia toda, e eu olho para o relógio da cozinha e confirmo que já é de madrugada. — Posso subir?

Sinto-me tão surpresa que levo um tempo para processar a pergunta que me fez.

— O que você quer?

Ele ri, sem sarcasmo ou ironia.

— O que eu não quero seria uma pergunta melhor, Wilka Maria. — Meus pelos todos se arrepiam ao ouvi-lo falar meu nome completo. — Eu não quero ficar do lado de fora, nem do seu apartamento e nem da sua vida.

Definitivamente eu não esperava ouvir isso! Não depois de todo aquele discurso no hotel. Konstantinos tem o poder de me deixar confusa, de me surpreender agindo da maneira que menos espero que aja.

— Passe o interfone para o Joca, Konstantinos — peço, e ele suspira.

— Boa noite, dona Kika! Me desculpa, mas ele insistiu...

— Tudo bem, Joca! Pode deixá-lo subir.

Ele me deseja boa noite de novo, e o ouço dizer ao Kostas o

número do meu apartamento – como se ele já não tivesse estado aqui antes –, pois nunca veio no turno do Joca.

Olho para meu *pijama*, uma camisa de malha antiga, fininha e fresca, e dou de ombros. Ninguém mandou que ele viesse sem avisar!

Abro a porta assim que ele bate e prendo o fôlego ao vê-lo de calça jeans e uma camisa de malha preta simples com a inscrição do nome da banda Led Zeppelin em cinza escuro, as pulseiras de couro – que já notei que é uma mania dele – aparecendo em seu punho esquerdo.

— Oi! — cumprimento-o.

— Oi! — Ele sorri, mas olha para baixo. Kaká está pulando em suas pernas, e ele franze o cenho para o meu cãozinho. — Pelo menos alguém parece feliz em me ver.

Gargalho ao pegar meu bichinho no colo, liberando a passagem para ele entrar no apartamento. Levo Kaká para sua caminha, mesmo sabendo que ele não irá ficar por lá. Volto a olhar para meu visitante. Sinto-o um tanto constrangido, sem saber como começar o assunto.

— Quer beber algo? — questiono indo para a cozinha com a intenção de fazer café.

— Tem bourbon? — ele indaga. Eu rio e nego. — Água?

— Vou fazer café, quer também? — ofereço assim que encho um copo de água gelada e o ponho sobre o balcão.

— Quero você — ele declara, e eu congelo com a cápsula da cafeteira na mão. — Não vim beber ou tomar café, embora admita que a água vá ajudar, porque estou com a garganta seca — dito isso, toma um longo gole. — Eu sou, sim, Wilka Maria, um homem sincero, pelo menos com relação às interações sexuais que já tive até hoje...

Suspiro e balanço a cabeça negativamente.

— Nós já falamos sobre isso, Kostas. Eu ouvi tudo o que você me explicou, mas...

Eu não havia percebido que ele tinha se aproximado de mim, por isso tenho um pequeno sobressalto quando ele toca meu rosto e me faz olhá-lo.

— Eu não vim aqui reforçar o que te disse mais cedo.

— Não?

Ele sorri, e aspiro profundamente, sem fôlego, diante de sua beleza e seu magnetismo.

— Não, eu vim dizer que eu quero você. Nunca estive em uma situação minimamente parecida com essa, não sei se consigo ser mais do que eu sou, mas estou disposto a tentar, a deixar acontecer, como você disse que faria. — Kostas bufa. — Posso fracassar, te decepcionar, te...

Coloco a mão sobre sua boca, impedindo-o de falar.

— Aí é que está o erro. Vamos viver um dia de cada vez, sem pensar no futuro, sem pensar se dará certo, se irá evoluir ou

qualquer outra coisa. — Eu rio nervosa. — Não pense que é fácil para mim, uma capricorniana que gosta de tudo planejado e que faz projeções de vida para daqui a uma década. — Kostas ri comigo. — Mas nenhum relacionamento tem garantia de sucesso, isso não existe, o que faz diferença é o quanto você é capaz de se entregar, de tentar, de querer.

Ele se curva e encosta a testa na minha.

— Você é magnifica, Wilka Maria. Seu jeito otimista de ver a vida, mesmo com os pés no chão, me faz lembrar alguém do meu passado.

Isso me surpreende.

— Quem?

Kostas ri, dá de ombros e me abraça.

— Um certo garoto que conheci antes de vir morar no Brasil, que, mesmo com uma vida fodida, não perdia a esperança.

Seu semblante fica triste de repente, mas logo ele se fecha e assume seu rosto inexpressivo de sempre. Se Kostas realmente quer tentar, precisará me deixar entrar, conhecê-lo além da superfície.

— O que houve com ele? — inquiro, não o deixando encerrar o assunto.

— Morreu — sua voz não tem nenhum sentimento, apenas resignação, e sinto meu coração apertar. — Nem todo mundo

tem um final feliz escrito em sua história.

Respiro fundo e concordo, lembrando que uma vez li uma entrevista de T.F. Gray em que ele dizia o mesmo quando questionado sobre o motivo pelo qual suas histórias nunca têm finais comuns ou felizes, pois ele sempre dá um jeito de enganar o leitor e criar um desfecho inesperado.

— Ainda estou engasgada com a história do Portnoy — cobro-o, e ele ri. — Foi realmente coincidência?

— Foi! — Gargalha. — Ou você acha que eu ficaria dando conselhos para foder minha bunda como os que dei para você? — Concordo. — Eu admito que deveria ter te dito a verdade quando nos envolvemos e sempre tive essa intenção, porém, depois que eu soube que era virgem e...

— Me julgou uma mentirosa profissional, quis me avaliar — complemento.

Konstantinos me beija suavemente, roçando a boca na minha, respirando junto a mim, mas sem realmente aprofundar a carícia.

— Eu não vejo mentira em você, Wilka, mesmo depois de ter descoberto que a mulher que me fez gozar como um adolescente para a tela do celular era virgem. — Ele me olha. — Eu sou um bom julgador de caráter, dificilmente me engano e não vejo qualquer dissimulação em você. Eu só queria entender o motivo pelo qual...

Antes que ele pergunte algo que eu não estou pronta para responder, pelo menos não sem inventar desculpas, agarro-o pela camisa e meto minha língua em sua boca, praticamente pulando em seu colo. Kostas retribui o beijo com sofreguidão e caminha em direção ao meu quarto, levando-me empoleirada em seu corpo.

— Adoro o jeito que essa camisa marca seu corpo — diz enquanto suas mãos passeiam pelas minhas curvas por cima da malha fina. — A hora em que abriu a porta, tive que reunir todas as minhas forças para não te agarrar e te trazer até aqui. — Coloca-me na cama. — A forma como seus peitos ficam nela, seus bicos duros parecendo que querem furá-la... porra, você fica gostosa pra caralho! — mal acaba de falar e começa a sugar meus seios, um de cada vez, por cima da camisa, e suas mãos abaixam lentamente minha calcinha para ter acesso ao meu sexo.

— Isso! — gemo quando ele esfrega sua enorme mão entre minhas coxas, buscando com o dedo médio a entrada já úmida à sua espera.

A palma de sua mão se movimenta, estimulando meu clitóris conforme o dedo entra e sai rapidamente, explora meu canal vaginal inteiro e fode em desespero, bem lá no fundo, fazendo-me envergar o corpo de tesão por causa do efeito conjunto de sua boca e seu dedo.

— Diz para mim o que você quer... — geme ainda com a

boca sobre o tecido molhado da camisa em cima dos meus seios.
— Fala comigo como você fazia no aplicativo.

Gemo alto, e ele suspende a peça que me cobre e balança meus mamilos com a ponta da língua.

— Diz!

Fecho os olhos e deixo a mente vagar, concentrada nas sensações e no desejo que sinto por ele.

— Quero que você me chupe até que eu goze na sua cara, depois, me ponha de quatro e me foda como fez lá no hotel, sem nenhum controle, fazendo-me sua por inteiro.

Imediatamente sinto as pernas sendo afastadas. Sua boca se arrasta sobre minha pele, passando pelo abdômen até chegar à virilha, e, quando se fecha sobre minha boceta, eu quase me sento na cama, tamanho prazer.

Adoro a sensação que o sexo oral me causa. Nada, nenhum brinquedo que tente imitar isso pode chegar perto do que é ter um homem entre suas coxas, dedicando-se ao seu sexo como um adorador, lambendo, sugando, acariciando, exigindo do seu corpo a bênção do orgasmo para que ele possa beber como um sedento.

Kostas é o único que me proporcionou esse prazer até hoje, e eu estou muito satisfeita por ter esperado 30 anos para fazer isso, pois acredito que não existe pessoa mais capacitada que ele para extrair de mim até a última gota do meu tesão.

— Adoro sua boceta! — Lambe-a devagar, como num ritual de tortura. — Gosto da forma, da textura, do cheiro, do gosto... — Rio sem jeito com isso, mas ao mesmo tempo excitada. — Tenho vontade de me lambuzar inteiro nela!

De repente se levanta com um sorriso malvado e se deita ao meu lado.

— Vem aqui! — ele chama já abrindo a calça jeans, empurrando-a, juntamente à cueca, para o chão. — Vem!

Olho para seu pênis – a verdade é que, toda vez que o vejo, fico um tanto hipnotizada com a perfeição, o tamanho e a circunferência – e imagino que ele queira que eu me sente sobre ele.

— Não! — Ele me para. — Vire-se, se ajoelhe com minha cabeça entre suas pernas e se deite sobre mim até alcançar meu pau. Enquanto você rebola no meu rosto, quero te sentir mamando meu pau.

Chego a estremecer só de pensar e não perco tempo em realizar o que ele me pede, pensando que, mesmo com a diferença de tamanho, sempre conseguimos realizar o intento quando fazemos 69, e começo a rebolar como me pediu, esfregando minha boceta por toda sua cara, sentindo sua barba arranhando meus lábios, estimulando meu clitóris, e seu nariz, de vez em quando, esgueirar-se entre meus lábios, roçando a entrada da minha vagina.

Enlouquecida, tento engolir seu pau o máximo que consigo, mas rio ao não chegar nem à metade. Gemo tanto que não consigo sugá-lo por muito tempo, então passo a lambê-lo na cabeça, na extensão de seu comprimento, até as bolas.

— Porra! — Kostas dá um tapa na minha bunda e balança meus quadris com força contra seu rosto. — Esfrega essa boceta gostosa na minha cara, Cabritinha!

Rio por ele me chamar desse apelido e o chupo com força, recebendo o mesmo tratamento sobre meu clitóris, explodindo em gozo sobre ele, tremendo em espasmos de prazer, ofegante, gritando, e ele não para um segundo de chupar.

Ainda trêmula, sou içada de cima dele como se não pesasse nada, colocada de quatro na beirada da cama sobre três dos meus travesseiros. Espero a estocada firme da penetração, mas sinto sua língua safada brincando em meu ânus, o que me faz travar os dentes e gozar de novo apenas com a sensação.

— Caralho, é impossível!

Seu pau preenche minha boceta, socando como louco, sem nenhum controle, como pedi. Para aumentar a intensidade, ele segura firme meus quadris e, quando entra com força, ainda me puxa contra seu corpo. Sinto-o bater dentro de mim, tocar uma área sensível e inexplorada até então, que arrepia toda minha pele, faz-me retesar os músculos e gemer diferente a cada vez que rebola.

— Gosta assim? — pergunta sem fôlego. — Ou assim?

Ergue-se mais, empinando minha bunda, inclina-se e segura em meus ombros, travado profundamente dentro de mim, e só rebola curto. Ouço-o cuspir, e em seguida insinua seu polegar em minha bunda, entrando e saindo.

Puta que pariu!, penso quando a sensação diferente se torna cada vez mais forte, e eu penso que ele pode ter descoberto o que alguns dizem ser o tal ponto G. É inebriante, traz sensação de dor ao mesmo tempo em que é incrivelmente prazeroso, aquece e esfria meu corpo, arrepia minha pele, os pelos de minha nuca, e, de repente, sinto uma onda me atingir, concentrando-se na base da minha coluna, inundando tudo dentro de mim.

Kostas começa a xingar, e sinto líquidos escorrendo pelas minhas coxas. O polegar, que antes só se insinuava, está todo enterrado em meu interior, e ele rosna entre os dentes, tremendo, desabando sobre mim e socando o colchão.

Encolho-me inteira, deitada de bruços, praticamente convulsionando, e o sinto do mesmo jeito ao meu lado.

— Mas que porra deliciosa foi essa?! — Ele gargalha e tira o cabelo que está grudado em meu rosto suado para me olhar. — Eu achei que ia ter um infarto gozando!

— Ainda bem que não teve; sem condições nenhuma de chamar o SAMU, só se for para me resgatar!

Ele ri e beija minha testa, puxando a camisinha lotada.

— Você ejaculou, porra! — arregalo os olhos ao ouvi-lo dizer isso. — Eu queria muito ter sentido isso na minha pele! Vou fazer exames e, se você topar tomar algo...

Levanto-me, ainda sentindo choques sobre meu clitóris, e o encaro assustada.

— Você quer fazer sexo sem preservativo?

Ele ri.

— Não é como se já não o tivéssemos feito, não é? Coito interrompido é perigoso! — Concordo. — Sim, eu gostaria de poder foder você pele a pele. Nunca fiz antes, apenas com você, e quero ir até o fim, quero gozar com você.

Uau!

Não sei o que dizer!

A ficha de que estamos nos relacionando *mesmo* parece não ter caído.

— Seremos parceiros fixos e únicos? — indago ainda confusa.

Kostas assente.

— A ideia de viver a experiência não é essa? Ser como um casal que está se conhecendo, construindo algo junto? — Sorrio ante essa possibilidade. — A partir de hoje, estou abdicando de qualquer outra mulher enquanto estiver com você, profissional do sexo ou não. Vou fazer meus exames, e, se você quiser,

poderemos...

— Eu também vou fazer exames. — Ele faz careta. — Ué, não é porque eu era virgem que não precise fazer!

De repente ele parece se lembrar de algo.

— Ah, tenho um pedido também! — Senta-se na cama. — Você terá que se livrar do *Kaká*.

Eu não esperava por isso! Sério! Um relacionamento com ele é assim? Com imposições para se livrar do que não gosta em mim ou na minha vida? Nunca que eu abriria mão do meu cachorro, meu amigo e companheiro, por causa de qualquer pessoa!

— Não! — respondo indignada. — Por que eu deveria fazer isso?

Kostas me olha estupefato.

— Assumi que não manteríamos qualquer contato íntimo com outra pessoa, então, nada mais normal que você se desfaça do seu – seja o que for que vocês faziam – pau amigo!

Oh, meu Deus!

Começo a gargalhar sem conseguir me conter. Caio na cama rindo e me contorcendo, lágrimas saindo dos olhos. Certamente Kostas deve achar que fiquei louca.

— O Kaká... — tento explicar, mas não consigo. — Não é... — Seco as lágrimas do rosto. — Você conhece ele!

O rosto de Kostas fica ainda mais sombrio.

— É aquele “mamãe, *tô* forte” que foi contigo àquele restaurante?!

— O quê? — Rio ainda mais ao perceber que ele confundiu o Vinícius com o Kaká. — Não! — Levanto-me e abro a porta. — Kaká! — chamo alto, e o yorkshire terrier pula em cima da cama, com o rabinho agitado de alegria. Pego-o no colo e o coloco na altura dos olhos de Konstantinos. — Kostas, conheça o famoso Kaká!

O homem arregala os olhos, encara o cãozinho, depois me olha e, então, começa a rir.

35

Kostas

— É, meu companheiro, nós somos os madrugadores, pelo visto! — comento com o cachorro ao vê-lo fazer seu xixi em uma espécie de tapete, enquanto eu mesmo mijo e dou descarga no vaso sanitário. O cão empertigado, ainda um pouco sonolento, volta para sua caminha no chão do quarto de Wilka, roda e volta a se deitar.

— Preguiçoso! — provoco-o indo para a cozinha.

Confiro as horas; ainda não são 6h da manhã. Dormi mais do que estou acostumado, mas esse é sempre o efeito de estar

com Wilka, ela me acalma e, por algum motivo, os pesadelos quase desaparecem ao seu lado.

Estico-me e lembro que, a essa hora, eu já estou indo treinar. Olho para o quarto onde ela dorme embolada e nua na cama e penso se gostaria de tê-la em meu apartamento. Talvez ela fique decepcionada pelo tamanho ou mesmo chateada pela bagunça dos livros espalhados por todos os cantos.

Olho em volta, na sala, curioso por não ver nenhum exemplar à mostra, nem mesmo os do seu ídolo, Gray. Percebo móveis na varanda, abro a porta e sou seguido pelo saltitante Kaká, que sobe sobre um sofá de vime e grandes almofadões e balança o rabo como se esperasse algo.

— Ei, não entendo essa cara, não! — aviso-lhe, mas logo vejo um móvel cercado de plantas, com uns potes em cima. Abro o primeiro, e acho um biscoito em forma de osso. — Ah, você deve estar querendo isso!

Jogo o biscoito fedido para o cão, que o come todo feliz, e analiso a vista de Wilka, achando o local onde ela mora tranquilo, arborizado e fresco.

— Ah, aí estão vocês! — ouço sua voz animada e a vejo dar beijinhos no cachorro antes mesmo de me abraçar. — Bom dia, café?

Cheiro-a longamente, gostando de sentir seu aroma quando acorda.

— Bom dia, ótima ideia!

Voltamos para dentro, e ela segue para a cozinha – que é conjugada à sala, como a minha – e abre uma caixa cheia de cápsulas para que eu escolha uma.

— Não conheço. Escolha a que você vai tomar e faça para mim também.

Ela faz uma careta.

— Esnobe, deve tomar café naquelas máquinas italianas caríssimas! — Eu rio, pois ela tem razão. — O que você tanto procura?

Para o olhar em volta da sala e a encaro.

— Livros! Onde é que você põe seus livros, que me disse que gosta tanto?

Ela aponta para uma porta fechada.

— Tenho um cantinho, mas ainda não o arrumei. — Aponto com o olhar questionador, e ela assente, permitindo que eu o veja. — Desde que me mudei, ainda não consegui colocar esse local em ordem.

Entro no cômodo, um quarto bem menor do que o seu, e vejo duas estantes de madeira cheias de livros e mais caixas e caixas no chão. Acendo a luz, pois, mesmo com o dia amanhecendo, a iluminação do cômodo é péssima, e noto que as quase dez caixas estão abarrotadas.

Há uma espécie de quadro de avisos pendurado na parede e

uma poltrona de leitura, ainda envolvida com plástico bolha, em um canto.

— Café! — Ela entra e me entrega uma xícara. — Eu disse que estava bagunçado!

— Você não viu meu apartamento ainda. — Rio, achando um grande exagero chamar algumas caixas enfileiradas de bagunça. — Tenho pilhas de livros até no chão.

Ela sorri, e seus olhos brilham.

— Eu me lembro das vezes que conversamos sobre nossos gostos literários tão distintos. E, quando cheguei ao escritório com o livro do Gray e você criticou, pensei que vocês *dois* tinham isso em comum. — Wilka faz cara de brava. — Mal sabia eu!

— O que você pretende aqui?

A minha pergunta a anima a tal ponto que parece uma criança descrevendo sonhos. Estantes cobrindo duas paredes, uma escrivaninha pequena, a poltrona em um canto, perto da janela, com uma luminária, tapete no chão para ficar acolhedor e luzes direcionáveis iluminando os volumes nas prateleiras.

Embora eu não seja arquiteto ou decorador, estou há muitos anos lidando com imóveis e posso *ver* cada coisa como ela descreveu.

— Vai ficar ótimo! — Abraço-a. — Ia adorar chupar você naquela cadeira enquanto lê um livro! — Ela quase se engasga

com o café. — Tem algum erótico? Seria interessante você lendo algum capítulo picante para mim enquanto te faço gozar.

— Tenho! — Wilka fica animada com a ideia e aponta um exemplar na prateleira da estante. — É uma trilogia, podemos ler várias cenas!

Rio e pego o livro para ler o título:

— *Peça-me o que quiser*? — Abro um enorme sorriso safado, já prevendo as sacanagens. — Posso mesmo pedir?

Ela respira fundo e assente.

— Pode!

Beijo-a, o gosto do café misturado em nossa saliva, tornando tudo ainda mais potente e saboroso. Tenho vontade de fodê-la aqui, em meio aos livros que tanto ama e que, ela não sabe, mas também são muito especiais para mim.

Reconheci-me aqui, neste cômodo inacabado. Wilka não tem ideia de como os livros foram minha companhia – única companhia – por anos e anos. Esse era um lado dela que sempre tentei encaixar na mulher vibrante e de vida agitada que conheci no aplicativo, pois sei que a maioria dos leitores compulsivos preferem ficar em casa lendo a ir a baladas todos os finais de semana.

Essa é a verdadeira mulher, a que gosta de ler, que quer um local para ficar horas e horas imersa no mundo das letras e, pasmem, essa versão dela me excita muito mais do que a ninfa

do sexo baladeira.

Trabalhei a manhã inteira com o pau duro, mesmo depois de ter convencido Wilka a tomar um banho comigo antes de sairmos do apartamento e feito um sexo matinal rápido – a famosa rapidinha da manhã!

Wilka Maria é puro fogo, que eu adoro tentar apagar com gasolina!

Meu tesão por ela não tem limites, e olha que eu já a imaginei frígida ou mesmo gelada na cama! Rio de mim mesmo, balanço a cabeça e tiro os óculos escuros ao entrar no restaurante onde Viviane Lamour me espera.

Avisto a morena bem-vestida. Admito que ela é muito vistosa e chamativa – embora não me atraia em nada –, e a cumprimento com a cabeça antes de me sentar à mesa com ela.

— Konstantinos Karamanlis em carne e osso! — Sorri, mostrando seus dentes clareados e bem tratados. — Eu agradeço que tenha vindo encontrar-me finalmente.

Dou de ombros.

— Você me mandou duas mensagens seguidas dizendo que eu *precisava* vir. — Sorrio gelado. — Cá estou eu. Qual é a

urgência?

Viviane empurra um envelope pardo em minha direção e mantém o sorriso de víbora congelado na cara enquanto eu tiro os papéis de dentro dele. Meus olhos se arregalam ao ver a quantidade de dinheiro que Theodoros tem acumulado no exterior e a encaro.

— Como você tem acesso a isso tudo?

Ela bebe um gole da água da taça sobre a mesa.

— Theo confia cegamente em mim, então sou eu quem faz as transferências e quem gerencia o dinheiro. — Aponta para um nome na base superior. — Viu que está no nome de uma *offshore*[23]? Como negociamos a maioria das peças fora do país, ele optou por esse tipo de solução, mas...

— Não declara! — Rio. — Não pode declarar, porque, senão, cai na auditoria da Karamanlis! Que idiota!

— Olha, até que não! — Viviane se recosta na cadeira. — Como ele é cidadão grego, o banco que gerencia os lucros da *offshore* não é obrigado a notificar o Brasil, mesmo porque ele a montou com endereço de lá.

— Raposa esperta!

Theodoros só não contava que essas informações iriam cair nas minhas mãos! É fácil puxar a propriedade de uma *offshore*, e tanto o Conselho da Karamanlis quanto o fisco brasileiro irão

ficar muito interessados na origem desse dinheiro.

— Quanto você quer? — questiono de uma vez, querendo logo me livrar de sua presença.

— Apressado! Deve ser mal dos Karamanlis. Theo também sempre quer as coisas para ontem!

Fico puto ao tê-la me comparando ao Theodoros. Não somos nada parecidos, nem na aparência, nem, muito menos, na personalidade.

— Diz logo, Viviane, não tenho o dia todo! — pressiono-a.

— Você acha realmente que eu quero dinheiro? Não preciso, tenho bastante, obrigada! — Isso me intriga. — Quero seu irmão.

O quê?! Rio da loucura dela ao achar que eu posso ajudá-la a conseguir o Theodoros. Certamente ela pensa que sou um tipo de alcoviteiro! *Dá-me paciência!*

— Não faço milagres, Viviane. Valor!

Ela pega o envelope, guarda-o na bolsa e sorri.

— Isso aqui não tem valor! Eu não quero que Theodoros fique com Maria Eduarda Hill, e você pode me ajudar com isso de alguma forma.

Rolo os olhos, puto, sentindo-me em alguma espécie de novela mexicana, tramando contra o casal protagonista. *Que deselegante, Viviane!*

— Não vejo como. — Abotoo meu terno, pronto para me

levantar e sair do restaurante.

— Você acha que ela estaria abrindo as pernas para ele se soubesse que vocês têm a promissória?

— Não vejo por que não, afinal, conseguiu que ele pedisse o cancelamento da ação para a cobrança do título! — Viviane arregala os olhos. — Não sabia disso? Você tem razão, Theodoros deve estar mesmo apaixonado para fazer algo assim e arriscar seu pescoço na presidência.

Vejo o desespero em seu semblante e começo a desconfiar de que a mulher não regule bem da cabeça e que seja obcecada pelo meu irmão mais velho.

Foda-se!

Levanto-me para sair, mas ela me detém.

— Se você me ajudar, de qualquer jeito, a mantê-los longe um do outro, eu te dou todas as informações sobre as contas de Theo no exterior.

— Eu não vejo como fazer isso, mas, se eu puder, te comunicarei, e quero todas as informações; nada de guardar merda nenhuma na manga!

Ela concorda, e eu saio do restaurante, entro no carro e sigo em direção a uma loja que pesquisei mais cedo, pois tenho um presente para comprar. Sorrio, pensando em como farei para que Wilka o use, e todo e qualquer pensamento sobre Theodoros, Viviane ou Duda Hill some de minha mente.

Chego ao escritório já anoitecendo, pois saí da loja e fui para uma reunião, por isso espero ainda que Wilka esteja na empresa. Entro na sala apressado, mas não a encontro; sua bolsa, porém, ainda está pendurada em uma cadeira.

Pego a caixinha, escrevo um bilhete em um dos post-it dela, grudo-o na caixa e a jogo dentro de sua bolsa.

Ainda estou sorrindo, imaginando a surpresa dela, quando entra na sala.

— Ah, já voltou! — Sorri e passa direto. — Preciso do parecer, acabou?

Sinto o sangue esquentar e se concentrar no meu pau. Wilka mandona é sexy como uma diaba.

Tesão de mulher!

— Ainda não! — respondo apenas. — Hoje à noite...

O telefone dela toca estridentemente, e a vejo empalidecer ao olhar o número antes de negar a ligação.

— Algum problema? — inquiro.

— Não! Telemarketing! O que você ia perguntar de hoje à noite?

Sorrio, voltando a pensar sacanagem.

— Talvez você possa ir...

O telefone volta a tocar, e ela tenta o silenciar, mas treme tanto que demora muito para conseguir. *Por que será que não atende? Óbvio que não é telemarketing!*

Uma notificação de mensagem apita, e ela a lê e depois desliga o celular.

— Essa noite eu preciso resolver umas coisas de trabalho. — Olha-me nervosa. — E você tem uma reunião daqui a pouco que deve ir noite adentro.

Concordo.

— Sim. — Levanto-me. — Vou adiantar as coisas e ir até o Millos. Tenha uma boa noite!

Wilka sorri, mas mesmo seu sorriso está sem graça.

— Igualmente, e boa reunião.

Saio da sala com o incômodo de que algo realmente está acontecendo de errado com ela. Wilka não vai me contar se estiver em problemas, pois é o tipo de mulher que quer resolver todos as adversidades sozinha. Respeito isso e até admiro, mas, pela expressão que a vi fazer, tenho certeza de que uma intromissão minha cairia bem.

36

Kika

Paro de tremer, espero alguns minutos se passarem depois que Kostas saiu da sala e retorno a ligação insistente que quase me tirou do prumo.

— Até que enfim! Já estava me preparando para ir até a Karamanlis!

Sinto meu corpo todo gelar.

— Você não faria isso, tem tanto a perder quanto eu! — Sua risada rouca e cheia de pigarros arrepia minha pele. — Maldita hora em que procurei você! Eu não sou de me

arrepender do que faço, mas disso eu me arrependo muito!

— Você estava perdida, sem emprego, decepcionada; eu só te dei uma chance.

Rio, percebendo que temos visões muito diferentes do que houve.

— E então? Alguma novidade para mim?

Respiro fundo.

— Cobrei de novo, mas ainda não está pronto. Não vai ser tão fácil...

— Tenho certeza de que dará um jeito! — interrompe-me. — Quero ver você pessoalmente.

— Não! — Levanto-me indignada. — Não temos nada a tratar pessoalmente!

— Amanhã, no seu horário de almoço, no estacionamento do supermercado no final da Brigadeiro. Não se atrase!

A ligação é cortada, e eu volto a me sentar, trêmula demais para me manter de pé. A todo momento o arrependimento me consome, e eu questiono a decisão de ter voltado para a Karamanlis e dado toda a munição que precisava para me ter em suas mãos!

Eu não tenho escolha! Vou ferrar minha vida e minha carreira de qualquer forma, pois sei que nunca me deixará em paz, nunca!

Fico mais algumas horas trabalhando, mas levo o dobro do

tempo que levaria caso não estivesse com a mente tão dispersa, preocupada com o encontro de amanhã e o que mais pode me acontecer, já que não faço ideia do motivo de nos encontrarmos pessoalmente.

Já passa das 8h da noite quando desligo tudo e vou para casa. Sinto-me esgotada, não pelo trabalho, mas, emocionalmente, estou em frangalhos. Odeio viver assim, essa não sou eu. No entanto, não tenho ninguém a quem recorrer! Fiz a burrada e preciso a consertar e tentar viver normalmente com isso depois.

— Boa noite, sumida! — Vinícius cumprimenta-me no saguão do prédio. — Acabei de perguntar ao porteiro sobre você. — Sorri. — Jantar? — Ele levanta sacolas de uma famosa – e cara – lanchonete em Perdizes e sorri animado. — Eu nunca compro meia-porção, então tem o bastante para dois.

Nego com um sorriso agradecido e entro com ele no elevador.

— Hoje não, obrigada. Estou um pouco cansada e só quero chegar em casa e relaxar.

— Entendo. — Ele se aproxima mais. — Não nos vemos desde aquele dia em que saí correndo do nosso encontro. Preciso fazer algo para compensar aquele dia!

— Vinícius, eu estou...

— *Armaria*, você chegou! — Verinha me espera à porta do

elevador, toda nervosa. — Eu acabei trancando minhas chaves dentro do seu apartamento.

Vinícius e eu rimos dela, um tanto descabelada e agitada.

— Vamos resgatar! — Olho para meu vizinho. — Outro dia conversamos!

— Vou cobrar! — Ele dá um de seus sorrisos matadores. — Boa noite!

Respondemos juntas ao cumprimento dele, e, só depois que Vinícius entra, é que ela pergunta:

— Ainda tem interesse nele?

Eu a encaro e nego.

— Acho que nunca tive de verdade, mas o acho um cara muito legal. — Sorrio e pisco para ela. — Você deveria tentar!

— Não é minha praia! — Ri. — Eu prefiro viver com os bichinhos! — Pega Kaká no colo e o beija. — Achei que o bonitão vinha para cá com você hoje.

Suspiro ao pensar no Kostas e no quanto eu gostaria que ele estivesse comigo, pois iria me concentrar apenas nele e nas sensações que me causa, iria relaxar e dormir bem.

— Não. — Pego a chave dela em cima do balcão. — Eu achei que seria melhor não.

Ela abre um enorme sorriso.

— Ah, mas ele queria! — Dou de ombros. — Você deixou o gigante de quatro, minha amiga! — Ela brinca com Kaká. —

Viu só? Em breve você terá um papai e será oficialmente o Konstantinos Júnior!

O cachorro gane ao ouvir o nome, e eu caio na gargalha só de imaginar que um dia Kostas descubra o nome completo do meu Kaká. Verinha se despede, eu coloco uma caneca de água no micro-ondas para esquentar a fim de fazer uma sopa de pacote – a preguiça está *hard* – e entro no banho.

Confiro meu celular assim que saio e noto a bateria baixa, além de não ter nenhuma ligação de Kostas. Alcanço minha bolsa para pegar o carregador e estranho ao encontrar uma caixinha com post-it fluorescente pregado nela.

Use-o e, se gostar, me ligue.
K.K.

Gargalho ao ver a assinatura dele – que me inspirou o nome do cachorro –, mas logo abro a caixa, desfazendo o belo laço nela e encontro outra caixa, dessa vez de veludo azul intenso.

Fico nervosa, pois geralmente caixas de veludo abrigam coisas de valor, como joias, relógios etc. Levanto a tampa devagar e franzo a testa ao ver o que ele comprou para mim. *Não pode ser!* Rio nervosa ao pegar a – grande – joia anal em aço cirúrgico e com uma pedra do mesmo tom de azul em cima. Um cristal de verdade, nada de plástico como umas que eu vi em

sex shops por aí.

Sento-me na cama, ainda de toalha, e começo a sentir meu corpo excitado com a possibilidade de usar o presente e fazermos sexo por telefone – um *plus*, reconheço –, como fazíamos antes.

Abro o navegador da internet e pesquiso sobre como usar e, principalmente, se o tamanho que ele escolheu foi adequado. Na minha concepção, deveríamos começar com um tamanho P, mas depois de ler alguns comentários sobre o assunto, descobri que é perigoso começar com um pequeno e o objeto acabar entrando todo.

Faço careta ao me imaginar procurando a joia dentro de mim e, como sou azarada com essas coisas, ter que acabar indo para o hospital para resgatá-la. Leio algumas instruções de preparação, acho-as pertinentes e volto para o banheiro – esquecendo a sopa – a fim de testar as dicas para usar tal brinquedo sem o risco de acidentes nojentos.

Faço toda a higienização necessária e depois procuro na caixa de produtos eróticos um gel que ganhei em uma brincadeira de amigo oculto da sacanagem, ainda quando morava com as meninas, antes de me mudar para cá.

— Achei! — Leio e confirmo que ele tem um leve grau de anestésico e lambuzo o metal da joia.

Deito-me na cama, nua e excitada apenas com essa

preparação, imaginando que Kostas quer – além de me comer sem camisinha – provar essa área ainda virgem do meu corpo.

Ligo para ele, mas não atende.

Começo a me tocar, uso um vibrador portátil para entrar no clima e vou inserindo devagar a joia, sempre usando muito lubrificante, até que a encaixo. Confesso que estou tensa, morrendo de medo de sugá-la sem querer, mas, aparentemente, Kostas acertou na escolha, e ela está bem firme.

Lembro-me de que ele comprou o ovo para masturbação e imagino se hoje poderei vê-lo usando-o através de uma vídeo-chamada. O telefone toca, e o atendo rapidamente.

— Oi!

— Hum... pelo tom animado, creio que já achou meu presente! — sua voz é irônica e sexy ao mesmo tempo.

— Achei, sim! — Rio. — Já estou usando-o. Vamos fazer uma vídeo-chamada?

Ele ri.

— Você acha que, depois de estar dentro de você, eu vou me contentar com vídeos? Não! — Seguro o fôlego ao pensar que ele vem até aqui, porém, novamente sou surpreendida. — Mandei um carro te buscar. — Arregalo os olhos e me sento na cama, gemendo levemente, pois esqueci da joia *lá*!

— Carro? Por quê?

— Você virá até mim! — Ele ri. — E não retire o presente

do lugar.

Rio nervosa, achando que ele enlouqueceu.

— Kostas, isso é loucura!

— Não é, pode acreditar em mim. Estou te esperando!

Levanto-me rapidamente, sinto o objeto na minha bunda, mas ele não incomoda, então escolho uma lingerie sexy, azul *royal* como a pedra que enfeita o acessório erótico e coloco um vestido *chemisier*, passando uma faixa na cintura, coisa bem fácil de ser tirada.

Pego sapatos com os maiores saltos que acho e olho minha cara lavada no espelho, pensando em fazer uma maquiagem. Não tenho muito tempo, então dispenso a base, deixando as poucas sardas que tenho sobre o nariz aparecendo, passo um pó bronzeador e aplico delineador e máscara de cílios.

Olho para o *Ruby Woo*[24]*,* meu batom vermelho favorito, e penso no efeito perfeito que ele daria, mas, como não tenho coragem de sair de casa com ele – normalmente eu saio, mas dessa vez a consciência diz que o motorista sabe o motivo pelo qual está vindo me buscar –, coloco-o na bolsa.

O interfone toca, e eu dou uns pulinhos, então gemo e ponho a mão no bumbum. Preciso me conter, pois é a primeira vez que uso isso, não estou acostumada e ainda me sinto tensa com medo de perder a peça.

Desço sem nem mesmo atender o chamado do porteiro e encontro um motorista uniformizado à minha espera.

— Senhorita Reinol? — Assinto, e ele me cumprimenta. — O doutor Karamanlis pediu para que eu viesse buscá-la.

— Para onde vamos? — pergunto assim que me acomodo no banco de trás.

— Para a casa dele.

Fico sem reação, pois não poderia esperar por isso. Imaginei que ele estivesse em algum hotel ou mesmo de novo em um lugarzinho mais decadente, mas nunca poderia supor que ele mandaria alguém me buscar para ir até sua própria casa.

Não entendam mal, não estou decepcionada, apenas surpresa e muito curiosa.

Quando o carro entra na Paulista, lembro-me que Konstantinos me disse uma vez que mora aqui e que o Trianon era o quintal dele. Abro um sorriso ao recordar aquele nosso primeiro beijo, tão distante, como se já tivessem se passado meses, mas foi há poucas semanas.

O carro para em frente a um prédio grande e moderno, com um enorme jardim na frente, e o motorista abre a porta para mim. O porteiro uniformizado, inclusive com uma espécie de quepe, cumprimenta-me e abre a porta principal para mim.

— Boa noite! — saúda-me e aperta o andar que deve ser o de Kostas.

Sorrio sem jeito, imaginando para quantas mulheres mais ele já fez isso, tentando não me importar com a possibilidade de estar sendo confundida com uma prostituta. Konstantinos é um homem experiente, não tem lógica eu sentir ciúmes do que já passou, mas a verdade é que sinto. Olho-me no espelho, pego meu batom poderoso e o passo, afastando as inseguranças.

Quando o elevador para e abre as portas, ele já está na porta do *home office* me esperando.

— Eu não sei quem é o mais maluco, se você, por ter essa ideia, ou eu, por realiz...

Ele me cala com um beijo, segurando minhas mãos para trás com uma das mãos e erguendo meu corpo com a outra, espremendo-me contra a rigidez de seus músculos e de seu pênis. Konstantinos não está calmo, devora minha boca como se quisesse realmente me comer, e seu desespero é perceptível pelos tremores em seus braços e a fome com que me mantém junto a ele.

— Eu mal consegui terminar de preparar nosso jantar.

Rio, surpreendida novamente, pois achei que iria chegar aqui e logo ser fodida como aconteceu no hotel.

— O cheiro está delicioso! — elogio entrando em seu pequeno espaço e abrindo um sorriso ao ver seus livros – muitos e muitos exemplares – em cima da mesa, na mesinha da sala, na bancada da cozinha e pelos cantos, amontoados. — O que é?

— Cordeiro! — Ele olha a grelha. — Espero que goste.

Como não?! O homem à minha frente é lindo, sexy e ainda cozinha para mim! Como não apreciar qualquer gororoba que faça? Já comprovei que Konstantinos domina bem a cozinha, então nem me preocupo com a possibilidade de não gostar do que prepara.

— Eu não tirei o presente... tenho que jantar com ele — aponto para meu bumbum — aqui!

Ele xinga ao queimar o dedo, e eu rio.

— Porra, mulher! — Ri. — Eu sei que você tem um plug no rabo, mas não fale disso, senão não termino o cordeiro, e ficaremos sem energia para trepar o tanto que eu quero esta noite.

Abro um sorriso abusado, tiro a faixa do vestido, depois começo a desabotoar a *chemisier* devagar, revelando o sutiã alongado, cuja renda azul bem forte cobre até minha última costela. Depois viro-me de costas para ele e termino de tirar o vestido, dando-lhe a visão completa do conjunto com calcinha minúscula que visto.

— Puta que pariu, Wilka Maria!

Ouço seu desespero e o encaro por cima dos ombros.

— Concentre-se na comida, Konstantinos!

Ele gargalha.

— Estou fazendo exatamente isso!

Ando até o sofá, cujo encosto fica virado para a cozinha acoplada. Deslizo as mãos pelo couro macio e deito meu tronco nele, mantendo minha bunda empinada e alta por causa dos saltos.

Ouço-o xingar de novo e um barulho de panelas batendo umas contra as outras. Viro-me e o vejo com o avental sujo com algum molho, o rosto tenso, os olhos nublados de tesão.

— Eu queria me sentar... — retomo a provocação — mas tem algo que afunda dentro de mim quando o faço. — Volto a me deitar no sofá na mesma posição de antes. — Tenho que ficar assim, de rabo para...

Sinto um tapa forte na bunda seguido de uma massagem para aliviar a pressão.

— Você venceu, Cabritinha! — Ele se inclina sobre mim, seu corpo pesando sobre o meu e diz baixinho ao pé do ouvido:
— Foda-se o cordeiro!

37

Kostas

Se Wilka Maria tem um dom explícito, esse é o de me tirar do sério! Desde o começo, quando nos conhecemos, quando começamos a conviver, ela tem esse talento. Primeiro, irritando-me, provocando-me e me levando até o limite da razão. Mas agora...

Volto a vê-la se reclinar sobre o sofá, seu rabo deliciosamente firme e redondo apontado na minha direção, mal tampado por uma calcinha minúscula que deixa em evidência não só o presente que lhe dei e pedi que usasse, como sua boceta

suculenta e perfeita.

Apago o fogo da grelha, jogo o pano de prato para o lado, retiro o avental que me protege dos respingos da carne sendo preparada e vou silenciosamente até ela.

— Tenho que ficar assim, de rabo para...

A tentação de fazê-la se calar, de punir sua transgressão ao me provocar e assim atrasar o maravilhoso jantar que tentei preparar para ela e, com isso, ter desviado meus planos para a noite – que, claro, incluíam comê-la bem gostoso, mas depois que já estivesse bem acostumada ao artefato metálico enfiado na bunda – me faz dar um tapa ruidoso em sua nádega bronzeada.

Ela geme, e eu tento amenizar a ardência com uma massagem, ainda que tenha gostado de fazê-la gemer com o peso da minha mão dando-lhe mais prazer do que lhe causando dor.

— Você venceu, Cabritinha! — Inclino-me sobre seu corpo e sussurro em seu ouvido: — Foda-se o cordeiro! — Mordo seu ombro, e ela rebola contra o meu pau, causando-me uma sensação inebriante de prazer. — Sua boceta seria a sobremesa, mas concordo com você, ela é o prato principal. — Ela ri, e a aperto contra meu corpo. — Seu cu será a sobremesa!

Ajoelho-me no chão de madeira, tendo a perfeita visão de sua bunda bem na altura dos meus olhos, grato pela sapiência dela ao usar saltos tão altos quanto pernas de pau.

— Sabe o que eu tenho vontade de fazer? — pergunto alisando suas coxas com firmeza, porém, evitando contato com suas áreas íntimas. — Te fazer gozar com a boca até te ter totalmente entregue e foder sua bunda logo em seguida. — Wilka geme. — Mas, como eu sei que essa é outra parte inexplorada do seu corpo, vou me conter e comer devagarinho, degustando todas as sensações como se fosse minha primeira vez também.

— Eu estou um pouco nervosa com isso!

Eu rio, adorando esse efeito de tê-la sob minha tutela, saber que serei eu a ensiná-la a apreciar e a querer mais. Por isso mesmo, ainda que esteja com o tesão girando em alta rotação, não posso me apressar e fazer merda como a que fiz quando trepamos pela primeira vez.

— Não pense nisso. — Esfrego o nariz em suas nádegas. — Apenas sinta!

Arrasto meus dedos sobre a calcinha rendada de cor azul e, quando os passo no vale de sua bunda, sinto o relevo da pedra encravada no plug, presa entre suas pregas justas. Meu pau pulsa forte na cueca. A sensação de cada veia se levantando, enchendo-se de sangue, causa-me um delicioso formigamento que arrepia minha pele e a esquenta ao mesmo tempo.

Procurei aquele item no mesmo sexshop que comprei os ovos para masturbação, mas eles não tinham nada parecido com

o que eu queria. Um vendedor me chamou em um canto e disse que tinha um amigo designer de joias que tinha alguns "brinquedos" à venda, mas que o preço também era diferenciado. Fui até o homem em questão, um rapazola que parecia ser menor de idade, mas que, conforme pude notar, era um talentoso ourives.

Ele me ofereceu um plug de ouro. Sim, de ouro certificado, 24 quilates, mas, assim que bati o olho na gema de um azul intenso, lapidada em esfera, refletindo um brilho como as ondas do mar, soube que ficaria linda adornando a bunda de Wilka.

O plug não era de metal precioso, era feito em aço cirúrgico, mas a gema era uma autêntica água-marinha certificada de uma jazida mineira. Não pensei duas vezes, fechei negócio, e agora quero confirmar se a imagem que criei chega próximo à realidade.

— Caralho! — gemo alto ao afastar a peça íntima, do mesmo tom de azul da pedra, e descobrir que a visão que tenho agora é incomparável a qualquer imagem criada por minha mente. O plug está encaixado, restando apenas a pedra aparente, adornando o ânus rosado e depilado.

Beijo em volta, contorno a joia com a língua, segurando Wilka pelos quadris a fim de não deixar que rebole e, assim, fazê-la exprimir todo seu tesão em seus gemidos desesperados. Dedico-me ao seu períneo, estimulando-o com a língua em

lambidas mais fortes, e a resposta do corpo de Wilka é imediata quando sinto o gosto salgado e levemente picante de sua boceta.

Recolho esse néctar de prazer direto da fonte, enfio a língua em sua vagina, sentindo-a completamente encharcada, bebendo sua excitação como adoro fazer. Seu corpo todo se contrai, os músculos das coxas apertam minha cabeça, quase me mantendo sufocado em sua boceta.

Eu morreria afogado aqui com prazer!, penso puxando os lábios íntimos, inchados e de textura incrível, sugando-os com força, antes de seguir em direção ao clitóris já ereto e aparente, que clama para se estimulado. Dou leves batidas sobre ele com a língua, estimulado a continuar pelos altos gemidos de Wilka, que fazem meu corpo inteiro vibrar.

Minhas mãos seguram firmes seus quadris, apertando-os, mantendo as nádegas separadas para que, mesmo chupando-a em desespero, eu tenha a visão perfeita da joia encravada em seu rabo.

— Kostas... — ela geme e, ao mesmo tempo, ri. — Não para! Eu vou gozar a...

Sugo-a diretamente sobre o feixe de nervos sensíveis, e ela grita, interrompendo seu aviso para explodir em êxtase retumbante, arfando, gemendo, gritando, seu corpo tensionado, a boceta jorrando deliciosamente seu prazer, e eu aqui, expectador dessa maravilha, receptáculo de seu tesão.

Sinto minha própria lubrificação passando por dentro do pênis e se acumulando na fenda da cabeça do meu pau, causando-me contrações involuntárias no abdômen. Tenho que me concentrar para não gozar dentro da cueca sem nem mesmo me tocar, apenas com as sensações fodas que ela me transmite com seu próprio orgasmo.

Essa mulher é foda!

O jeito que ela se entrega, que segue meus comandos mesmo sem palavras, a forma como parece entender meu corpo, meus desejos, tudo é magnífico demais.

Olho para os saltos dos calçados que ela usa e abro um sorriso ao me erguer. Retiro o pau de sua prisão entre os tecidos das minhas roupas – cueca e bermuda – e o esfrego na entrada embebida de gozo feminino, cremoso – passo a língua sobre os lábios –, saboroso.

Wilka continua jogada de bruços sobre o encosto do sofá, o brilho tênue do suor frio sobre sua pele quente, sua respiração pesada e os tremores, que ficam mais intensos cada vez que meu pau escorrega um pouco para dentro de sua boceta.

Deslizo a mão pela sua coluna, deliciando-me com a sensação da pele arrepiada, seguro firme em sua nuca, subindo pelos cabelos e os puxando para mim a fim de erguê-la.

A diaba vem rindo e, quando fica ereta e enorme – a porra da sandália deve ter uns 20 centímetros de altura –, eu beijo seu

pescoço como fiz com seu sexo, mordo seu ombro e meto a língua dentro de sua orelha.

— Konstantinos... — ela geme meu nome, e meu pau acha o caminho para o abrigo úmido, quente e apertado que tanto adora. Wilka arfa. — Que delícia!

— Eu sei, Cabritinha! — Tento me controlar para não socar com pressão, apenas movendo os quadris devagar, deixando meu pau entrar e sair lentamente, até a cabeça, para depois voltar a mergulhar nela por inteiro. — Você consegue sentir meu corpo tremendo e minha pele pegando fogo?

Mantenho-a contra mim, minha mão apoiada em seus seios, beliscando os mamilos rijos e sensíveis, puxando-os, massageando tudo. Continuo devagar para que acalme meu tesão, pois estou longe de terminar com ela ainda.

— Vem comigo! — chamo-a, afastando-me dela e estendendo a mão para que a pegue. Dou a volta no sofá, sento-me nele e sorrio, segurando o pau e o agitando como sei que ela adora. Wilka parece hipnotizada pelo modo como eu me masturbo. Penso em pegar os ovos para que veja o que me fez comprar, mas ainda não.

Preciso do corpo dela; nada se compara a isso!

— Senta aqui! — Balanço meu pênis, e ela ri, vindo de frente. — Não! De costas para mim!

Ela se vira, fecho as pernas para que elas fiquem entre as

dela e me reclino no sofá para ter a visão perfeita do rabo redondo com a pedra azul. A perfeição de sua boceta engole lentamente meu pau, causando-me um frisson impossível de ser contido, então gemo alto, quase urrando.

— Incline-se para a frente, apoie as mãos nos meus joelhos. — Ela obedece. — Agora rebola, quica, me come sentindo meu pau afundar em você e mexer com o plug na sua bunda.

Wilka geme forte quando se senta completamente sobre mim. Preciso travar os dentes, aperto-a com tanta força que temo deixar marcas em sua pele perfeita, tudo isso para conter o tesão estratosférico que sinto ao bater no fundo de sua boceta apertada.

Sinto o plug esfregando-se em mim, do outro lado da parede de músculos que separa a vagina e o reto. Meu pau é largo, por isso sei que o mantém bem apertado lá, estimulando-a ainda mais.

Wilka sobe e desce os quadris sobre mim, sua bunda aberta para meu deleite, sua boceta engolindo, escondendo, fodendo meu pau deliciosamente. Começo a puxar o plug devagar, sinto a pressão para o seu desencaixe e, quando ele sai, posso ouvi-la gemer e sua vagina se contrair, apertando-me com força.

Passo a joia sobre suas pregas conforme chupo meu dedo médio para deixá-lo bem molhado para que tome o lugar anteriormente habitado pelo brinquedo. A pressão no dedo é tão

boa quanto a no pau, mas Wilka para de se mexer.

— Continua... — rosno, movido pelo tesão.

Os gemidos dela são meu termômetro. Sei que está gostando não só pelo charco onde meu pau se afoga, mas principalmente pelos sons que se propagam pela sala desse pequeno *home office*.

Fodo seu cu com o dedo, afundo-o até o limite, depois soco um pouco com ele, já querendo inserir o indicador para testar sua resistência.

Ainda não. Retiro o dedo e não volto a pôr o plug. Ergo o tronco e a abraço forte, deitando-me com ela de lado no sofá largo e espaçoso, grato por ter contrariado o arquiteto que fez o projeto e ter comprado um móvel que estende o assento.

— Está sentindo algum desconforto? — questiono.

— Não, uma leve ardência aí atrás... — Ela ri. — Eu trouxe umas pomadas.

Gargalho.

— É? Cabritinha precavida!

Ela alcança a bolsa na mesinha lateral ao lado do sofá e me mostra seu arsenal.

— Lubrificante basta. — Pego o frasco, movo meu pau – que estava paradinho dentro dela – e abro um sorriso ao vê-la gemer e fechar os olhos.

Levanto sua perna, a que está por cima, segurando firme

em sua coxa. O outro braço está por baixo dela, e levo minha mão até sua boca.

— Chupa! — ordeno.

Fodo-a sentindo a sucção gulosa em meus dedos e, quando os sinto bem molhados, retiro-os de sua boca e os coloco sobre seu clitóris, esfregando-o como a vi fazer quando se masturbou para mim.

— Porra, Kostas! — Ela se contrai e me olha com o canto dos olhos. — Adoro isso!

Eu também!, quero dizer, mas não o faço, perdido na doce tortura do nosso encaixe perfeito nessa posição. Wilka se agita, e, pelos sinais que ouço e vejo, está novamente prestes a gozar, então paro a mão, retiro-me de sua boceta, coloco um pouco de lubrificante sobre o dedo, lambuzo sua entrada e volto a massagear seu clitóris.

— Se doer muito...

Ela vira o pescoço e me beija duro. Apenas com a sensibilidade da cabeça do meu pau, introduzo-me devagar em seu cu apertado. Gemo dentro da sua boca por causa do prazer causado pela pressão. Meus dedos indicador e médio trabalham freneticamente sobre o clitóris dela, avançam sobre sua boceta, fodem-na um pouco, voltando ensopados para continuar a estimulação.

Wilka geme alto, seu corpo se contraindo a cada centímetro

que preencho dentro de si. Eu estou completamente empapado de suor, meus cabelos estão molhados e agarrados na testa, sinto um fio fino do líquido escorrendo sobre minha coluna, mas nada no mundo – a não ser um pedido dela – poderá me parar neste momento.

— Puta que pariu! — gemo o xingamento quando me enterro todo, meu pau abraçado por suas pregas firmes, deslizando por conta do lubrificante e da própria lubrificação de sua boceta, que está pingando de tesão. Balanço meus quadris devagar. Ela sabe que pode me parar a qualquer desconforto, mas seus gemidos, o leve ondular de seu corpo querendo meus movimentos, fazem-me aumentar cada vez mais a velocidade das estocadas e dos dedos.

Eu queria a porra de um espelho para ver, através de sua perna levantada, meu pau fodendo seu rabo e minha mão agitando sua boceta. *A cena mais perfeita que eu poderia ver!*

Minha pele se arrepia, sinto a característica contração nas bolas, meus gemidos soam mais descontrolados, contínuos, altos.

Wilka grita, alcançando o orgasmo mais foda que já vi uma mulher ter. Fico embasbacado, admirado, louco por ela, por seu tesão, por sua entrega.

— Você é minha! — gemo em seu ouvido, pronto para segui-la e me jogar de olhos fechados no precipício do clímax a

que ela me conduz. — Porra, você é minha!

Tiro meu pau no exato momento em que explodo e vejo minha porra jorrando e cobrindo sua bunda com um gozo grosso e volumoso, mas que não se compara aos tremores de um estouro de boiada dentro de mim e nem à sensação de que o coração pode parar a qualquer momento.

Caminho por labirintos fétidos, ouço o barulho das goteiras do teto e o arrulhar dos pombos que infectam todo o telhado decadente. Risadas histéricas, gemidos falsos, gritos desesperados e o corredor sem fim, que eu não consigo parar de percorrer.

Evito olhar para as paredes, todas cobertas por espelhos, ressaltando tudo o que eu não quero ver. Sinto-me um verme alimentando-me de toda essa sordidez, aceitando tudo o que me é imposto, sem nunca receber nada em troca. Já aceitei que nunca vou ser parte de nada, sou um merda, um enjeitado, um monstro abandonado como a criatura de Frankenstein que li no livro de Shelley.

Não farei como ele, não buscarei uma pseudovingança, mas que na verdade mascarava toda a dor e seu amor. Não

quero chamar a atenção de ninguém, todos estão mortos, ressequidos, e o que me resta é partilhar dessa inanição. Porém, não em vida, como eles; não serei um morto-vivo filho da puta como sempre quiseram que eu me tornasse.

Chego finalmente ao final do corredor e encaro a janela enorme do sótão.

Foda-se tudo!

Abro-a, empurrando-a com força, vendo-a balançar instável, fazendo o ruído medonho de suas dobradiças enferrujadas. Sou grande, por isso subo nela sem nenhuma dificuldade e olho para baixo, para a rua decadente, os clientes na calçada, as profissionais oferecendo seus serviços.

Fecho os olhos, tentando lembrar-me de alguma prece que aprendi ainda pequeno na casa maldita do desgraçado do meu avô. Não lembro! Há muito reneguei qualquer crença, fé e esperança, coisas que ainda acreditava possuir, mesmo nunca tendo tido acesso à mais importante de todas: o amor.

Rio amargo, pensando nessa invenção idiota que dizem ser natural e virtuosa.

"Ninguém pode amar um monstro!"

Foda-se!

Respiro fundo e me inclino perigosamente para fora da janela, prestes a sentir a sensação de liberdade que tanto espero, antes do impacto final. Entretanto, algo me faz

retroceder. Meu corpo inteiro se arrepia, e eu olho para trás.

No meio da escuridão, um pequeno anjo me estende a mão. Não quero tocá-lo, não posso contaminar ninguém com minha sujeira, mas, ao mesmo tempo, a discrepância de tê-lo aqui, no meu inferno pessoal, é tão grande que sou atraído para perto.

Olhos rasos de lágrimas, assustados, fazem-me temer desfazer a ilusão se me aproximar muito, então um milagre acontece, sou cegado por uma luz intensa, e tudo se dissipa.

O frio volta a me envolver, o medo, a escuridão e a sujeira. Eu grito por mais uma visão daquelas, mas não vem. Eu não tenho direito a tocar a pureza de um anjo, mas fiz com que ele encontrasse o caminho do Céu!

— Kostas!

Sento-me na cama assustado, ofegante e desorientado. Tremo de frio, batendo queixo, mesmo estando coberto de suor. Fecho os olhos. Já era para eu ter me acostumado a esses pesadelos. No entanto, eles nunca tinham sido tão nítidos, tão verdadeiros como os de hoje.

Eu pude sentir, pude sentir de verdade cada um dos sentimentos, não foi só a tensão de estar em um sono perturbado. Foi real!

Sinto uma mão macia deslizar pelo meu pescoço e encaro Wilka Maria. O impacto de seus olhos assustados, mas consoladores faz com que eu respire profundamente e as batidas

do meu coração se acalmem.

Ela dá um sorriso leve, ajoelha-se na cama ao meu lado e, sem dizer nada, sem nenhuma pergunta, puxa-me para um abraço apertado que me desarma completamente. Sou invadido por sensações estranhas, tenho vontade de me afastar dela e procurar um local para me isolar. Entretanto, também sinto outra coisa, uma deliciosa sensação que nunca experimentei antes.

Há mais de duas décadas tenho pesadelos constantes, mas nunca tive nada parecido com isso que estou tendo agora. É grande, é pesado, porém, seus braços finos me seguram como se pudessem me manter a salvo, até de mim mesmo.

— Desculpe o susto. Eu tive um pesadelo idiota — sussurro.

— Tudo bem. — Ela me olha, sorri e beija meus lábios devagar. — Prometo ficar aqui e manter os monstros longe.

Ela pisca, tentando dar um clima descontraído à tensão que domina o quarto, mas não consigo rir, embora esteja me sentindo muito melhor do que normalmente sinto quando acordo de um pesadelo.

— E se eu for o monstro? — a pergunta idiota escapa da minha boca antes mesmo de que eu tenha noção do que ela possa representar para Wilka, mas ela dá de ombros e sorri.

— Tem um filme, na verdade é uma animação, em que uns monstros vão até um quarto para assustar uma menininha. —

Ela esfrega seu nariz no meu em um gesto de carinho incômodo e, ao mesmo tempo, terno. — Eles ficam amigos, porque a menininha viu além da aparência de monstro e não se assustou com ele. — Seus olhos brilham divertidos. — Você não me assusta, Konstantinos Karamanlis.

Wilka me beija. Não correspondo de imediato, suas palavras ressoando dentro de mim, batendo fortemente contra as paredes que ergui para me afastar de toda e qualquer aproximação. Sinto-a cada vez mais próxima, penetrando devagar, através de frestas, rachaduras e falhas, perigosamente perto de chegar a uma parte de mim que foi sufocada por toda a vida.

Deixo esses pensamentos de lado, agarro-a com mais força, meu pau crescendo entre minhas pernas nuas, jogo meu peso sobre ela, deitando-me sobre seu corpo, buscando o conforto e alívio que eu preciso para me manter são. Não encontro o que pretendo, não *somente* o que pretendo!

No corpo dela, em seus abraços, beijos e afagos, encontro um pouco de mim mesmo!

38

Kostas

— Você está tão disperso! — Alex comenta, testa franzida, olhar investigativo. — Não parece nem de longe o Kostas observador de sempre.

Ergo uma sobrancelha, invoco a expressão de tédio e bocejo.

— Já garanti que vou fazer todos os pareceres necessários, mas acho que o Rio de Janeiro é o melhor lugar para a siderúrgica, não acha? — pergunto, voltando o foco para o trabalho, e ele concorda. — Além do mais, estou com fome e

gostaria de saber qual é o assunto que você precisa conversar comigo, então, se não se importa, gostaria que fosse direto para que eu possa almoçar.

Alexios e eu, apesar de termos uma relação cordial, não temos nenhuma intimidade ou mesmo convívio. Trabalhamos bem juntos, somos civilizados um com o outro, não faço nada para sacaneá-lo, nem ele a mim, e só. Por isso mesmo foi uma surpresa quando ele me convidou para almoçar consigo após a reunião que tivemos no andar da K-Eng.

Aceitei a contragosto; preferia comer algo na empresa e já voltar para meu trabalho, pois estava com minha mesa cheia de processos para tomar conhecimento, acumulados, em sua maioria, porque hoje de manhã me foi impossível manter a concentração.

Sim, Alexios não me conhece bem, mas acertou no ponto certo: estou disperso. Não é à toa, minha dispersão tem nome, sobrenome, um sorriso provocante e uma boceta fenomenal.

Bufo, não querendo pensar em Wilka Maria por 10 minutos que sejam, mas a tarefa parece ser impossível hoje. Nada, absolutamente nada consegue tomar seu espaço em meus pensamentos.

Eu não esperava ter pesadelos perto dela. Já havíamos dormido juntos tantas vezes e, devo confessar, são as noites em que mais consegui dormir e relaxar na minha vida, mesmo

passando boa parte delas fodendo. Não só tive um pesadelo na noite passada, como foi o mais estranho deles.

Geralmente meus pesadelos são meras lembranças do passado, que eu enterrei dentro de mim com o tempo, mas que voltam para mostrar que ainda estão em minha cabeça. Eu não posso me livrar de tudo o que aconteceu e de tudo o que passei, e meu eterno inferno é a impossibilidade de esquecer. Ontem não, o pesadelo da noite passada foi uma lembrança abstrata.

Eu sei o que significou, sei exatamente a qual ponto da minha história se refere, mas nunca o tive tão “cinematográfico” daquela forma. Anjo me salvando da morte e sendo salvo por mim? Loucura, mas que eu tenho consciência de que aconteceu. O último gesto de humanidade que tive antes de eu me tornar totalmente um monstro.

Há anos não pensava sobre isso, nem mesmo me questionava o que aconteceu. Nada daquilo importava mais, nem quem eu era antes, meus sonhos, muito menos a satisfação quando descobri que a única alma condenada àquele inferno seria a minha.

O fato de eu ter feito algo bom não me ajudou a expiar os pecados. Não era assim que funcionava. Eu paguei – continuo pagando – não só pelo que vi, mas pelo que compactuei, pelo que fiz e fizeram comigo.

— Eu acho que temos um acordo implícito de não falarmos

sobre o passado — Alexios começa, e já sinto o corpo inteiro arrepiar.

— Não é implícito — respondo seco. — Não quero falar do passado. Mais explícito que isso, impossível!

Meu irmão respira fundo e se aproxima de mim, inclinando seu corpo por sobre a mesa.

— Dessa vez, não poderei acatar sua vontade, Konstantinos — ele fala sério, encarando-me. — Sei que você comprou o sobrado da Rua...

Levanto-me imediatamente.

— Perdi a fome, vou voltar para a empresa.

Alexios se levanta, e eu giro para sair do restaurante.

— Eu nunca te pedi ajuda — paro no instante em que ele diz essas palavras. Todos os muros que levantei ao longo desses anos estremecem, e sinto falta de ar. — Eu não podia te ajudar, então nunca pedi ajuda também.

— Alexios, não faça isso... — ameaço-o sem o olhar.

Meu corpo inteiro está chacoalhando, mesmo que um espectador qualquer não perceba isso. A tensão emocional que sinto é tão grande que travo os dentes com força. Calafrios sobem pela minha coluna, e eu tenho vontade de gritar.

Ele nunca me pediu ajuda e tem razão quando diz que nunca poderia ter me ajudado. Contudo, sei que tínhamos o mesmo propósito, que era aguentar as loucuras de Nikkós, todas

elas, e mantê-lo longe de Kyra. Mais um acordo tácito entre nós. Não conversamos sobre isso, nem na época, nem depois, mas tenho certeza de que nossa intenção era a mesma.

Eu gostaria de tê-lo protegido também, e isso consumiu minha alma, roeu-me por dentro. Entretanto, ele está certo, não podíamos nos ajudar.

— Eu preciso, senão não faria — sua voz soa desesperada. — Há chances de eu descobrir o que Nikkós fez com minha mãe.

Volto a encará-lo, estupefato.

— Sua mãe? Você soube algo dela?

Alexios nega.

— Nada conclusivo, mas acabei cruzando com uma pessoa que, quando soube que eu era filho dele, disse tê-la conhecido.

— Isso é loucura! Você procurou durante sua adolescência toda, quase se matou por isso, não há pistas, não há nomes, não há nada!

Vejo a dor refletir em seus olhos verdes, mas logo depois eles voltam a ficar fortes de novo. O garoto é teimoso, vi essa teimosia várias vezes salvá-lo ou quase condená-lo.

— Preciso acessar o sobrado. — Arregalo os olhos e nego, mas ele parece não entender. — Preciso entrar e remexer tudo lá.

— Não!

Ele parece não me ouvir.

— Foda-se, eu vou! — Alexios soca a mesa e chama a atenção de uns clientes perto de onde estamos. — Eu sei que, por algum motivo bizarro, você o comprou, trancou-o com tudo dentro e o tem deixado apodrecendo por mais de 15 anos! — Ele abaixa o tom de voz: — Pode ter alguma pista lá.

Nego novamente.

— Não é seguro. — Mudo de estratégia. — Não vou arriscar que você morra lá dentro e eu ainda tenha que responder a...

— Porra, Kostas, não fode! — Alexios se aproxima de mim. — Eu sei dos teus motivos, respeito-os. Como disse, nunca te pedi ajuda antes porque sabia que você também precisava e não tinha a quem pedir, mas agora estou pedindo, agora estou contando com você. Não me faça arrombá-lo, porque eu o farei, apenas dê-me as chaves de todas aquelas grades que pôs lá.

O pedido dele me desconserta e atinge uma das áreas sensíveis dentro de mim. Os sons do nosso passado enchem meus ouvidos, e ele parece ouvir também – compartilhamos isso. Sei da importância que tem para ele descobrir sua verdadeira história, pois era a principal diversão perversa de Nikkós inventar uma a cada bebedeira.

Eu quis ajudá-lo naquela época, sofria por ele, mas não sou mais o mesmo. Nada daquele garoto que tentava proteger os irmãos no começo da loucura que foi nossa vida se manteve de

pé.

— Tente invadir. — Dou de ombros, demonstrando uma tranquilidade e frieza que estou longe de sentir. — Será um prazer implodir aquela merda com tudo dentro!

Alexios fica pálido, e eu saio do restaurante puto, comigo e com ele, acendo um cigarro e me amaldiçoo por ter vindo de carona com meu irmão. Chamo um táxi e, enquanto espero, ando de um lado para o outro na calçada do outro lado da rua onde fica o restaurante.

Se eu o conheço minimamente, sei que não vai desistir enquanto não entrar naquele inferno e procurar em cada canto daquela pocilga alguma coisa que possa levá-lo à identidade da mãe. Alexios nunca conheceu seus próprios limites, e tenho certeza de que não sossegará até ter alguma resposta.

Desço do táxi perto do prédio da Karamanlis, do outro lado da Paulista, pois resolvi comprar algo para comer mais substancioso do que apenas a salada e o grelhado do restaurante da empresa. Dobro a esquina e avisto Wilka praticamente pendurada na janela de um carro estacionado, conversando com alguém.

Ela nega algo várias vezes antes de a portar ser aberta e ela entrar no veículo.

Escondo-me precariamente perto de um poste, esperando que o carro saia, mas não, continua parado nesta rua transversal da Paulista, vidros todos com películas escuras, o que me impede de ver dentro do automóvel.

Fico quase 15 minutos escondido como um idiota, apenas esperando que algo aconteça e, quando vejo a porta se abrir novamente, ando rapidamente para dentro da loja, com portas tanto para esta rua quanto para a Paulista, e fico de olho na calçada, esperando ver Wilka passar.

Pode ser besteira, mas aquela cena toda me incomodou. Sei que sou desconfiado por natureza. Contudo, não pareceria suspeito a qualquer um o que acabei de presenciar?

— Posso ajudá-lo em algo, senhor? — um vendedor pergunta.

— Não. — Saio da loja e a avisto entrar na Karamanlis.

Posso estar desse jeito por causa da conversa com Alexios, mexer no passado sempre me deixa mais sensível, puto, desconfiado e irritadiço. Não tenho motivos para achar que Wilka possa estar fazendo algo errado, não ela. Claro que não!

Atravesso a avenida tentando não ver chifre em cabeça de cavalo. Não há por que ficar incomodado com nada que ela faça, estamos tendo um caso gostoso, temos alguns acordos – como

exclusividade e sinceridade com o outro –, então, basta que eu pergunte a ela o que está acontecendo.

Isso! Assunto encerrado!

O saguão do prédio da empresa está lotado, várias pessoas aguardam na recepção para conseguir entrar. Enfio minha chave de acesso aos elevadores no leitor da catraca, mas uma mensagem de erro aparece insistentemente.

— Porra, de novo! — resmungo irritado, e um dos seguranças vem em meu auxílio, mas nego. — Não precisa, vou pedir outra e abrir mais um chamado!

Não adianta ele liberar minha entrada agora; depois; se precisar sair e voltar para cá, vou ter que ficar pedindo sempre para alguém liberar. É melhor pegar uma chave substituta. Vou direto ao balcão de uma das recepcionistas, que atende uma mulher.

— Eu posso transferir para a secretária da diretoria e ver se ela consegue agendar algo. — Ana Flávia, sei o nome porque vejo-o no seu crachá, digita algo no computador.

— Por favor, faça isso, eu... — a voz da mulher parece desesperada, mas nem mesmo lhe olho.

— Minha chave de acesso do elevador parou de funcionar novamente — disparo para a recepcionista, entregando o cartão com defeito para ela. — Me dê uma nova, por favor, e abra um chamado de novo para esses incompetentes.

Ana Flávia arregala os olhos e logo procura os cartões extras em sua gaveta.

— Claro, doutor Karamanlis.

— Kostas! — a mulher que ela atendia diz meu nome de repente, e eu a encaro. *De onde a conheço?* — Konstantinos, certo? — ela volta a perguntar. Arqueio a sobrancelha, olho-a de cima a baixo, achando-a bonita e tentando lembrar se já utilizei seus serviços antes.

Uma puta não fica vestida com seu "uniforme de trabalho" o dia todo, então, mesmo que essa esteja com uma roupa bem *normal*, não posso excluir a possibilidade.

— Depende... Quem é você? — inquiro desconfiado.

— Maria Eduarda Hill. Eu sou...

De repente a imagem da chef em cima do palco me acerta, e eu vejo, sim, certa semelhança com essa mulher que fala comigo, embora pareça um tanto abatida, com olheiras fundas, e rosto anguloso de tão magro.

— Ah... — Rio, olhando-a novamente, comparando-a com a *amiga* de Viviane. — Eu esperava coisa melhor — sou sincero, e ela franze a testa.

— Eu preciso falar com um de vocês. Minha filha está muito doente... — Maria Eduarda Hill nem respira ao me contar a história de sua filha, que está doente em um hospital de referência em hematologia e precisa da nossa ajuda para... paro

de prestar atenção ao ouvir a palavra "ajuda", pois traduzo-a automaticamente por dinheiro. — Eu preciso falar com o Theo...

— Ah! Entendi! — Sorrio malicioso. Meu irmão *querido* viajou e não entrou mais em contato com ela. — Ele já enjoou de você, não foi? — tento lamentar, mas não consigo. Provavelmente o idiota do Theo encontrou mais uma interesseira que está tentando fisgar o herdeiro de ouro da Karamanlis. Bom, fisgar, não sei, mas o fez atirar no próprio pé. — Olha, você deve ter algo muito especial entre as pernas para ele ainda não ter cobrado a promissória.

Duda Hill arregala os olhos.

— Que promissória?

Puta que pariu! É melhor do que eu imaginava!

Ela não sabe sobre a dívida, então não deve ter pedido nada a ele, o que significa que Theodoros pediu o cancelamento por vontade própria. *O filho da puta está mesmo apaixonado!*

Abro um enorme sorriso, cruzo os braços e aproveito a oportunidade de causar uma boa dor no cu para Theo.

— Ah, não sabia?! A promissória que seu pai, aquele viciado em jogo, assinou com o agiota para alimentar a farra.

Duda Hill parece levar um soco e se escora ao balcão da recepção. Controlo-me para me manter onde estou, com a atitude mais fria possível, e não demonstrar qualquer tipo de preocupação com a mulher à minha frente. Não gosto de atingir

quem não tem nada a ver com minha briga com ele, mas, como é sabido, em uma guerra vale qualquer coisa.

Vejo-a sair da Karamanlis um tanto perdida, mas recuso-me a sentir pena. Éramos todos inocentes quando Theodoros fez a merda que transformou nossas vidas no pesadelo constante de anos e anos nas mãos de Nikkós. Ele não merece pena, nem felicidade, e ela, por mais que sofra agora, um dia me agradecerá por livrá-la dele.

Pego o cartão com a recepcionista e, dentro do elevador, envio uma mensagem de texto.

"Duda Hill está tentando encontrar Theodoros. Seu plano ridículo falhou, parabéns!"

Imediatamente recebo a resposta.

"Você sabe onde ela está?"

Fico olhando para o celular, dividido entre dizer a ela a verdade ou não. Não tenho nada contra Duda Hill, absolutamente nada, mas compreendo que ela é uma peça

importante do jogo para foder meu irmão, e, às vezes, para se ganhar uma partida, precisamos sacrificar peças importantes.

Mando o nome do hospital onde ela disse que sua filha está em tratamento e desligo o celular, achando-me ainda mais imundo depois disso, sentindo os vermes que consomem minha alma se refastelando de mais um pedaço dela.

Paro no meu andar e tento ir direto para a gerência de *hunter*, mas Murilo me para no corredor para mostrar um documento.

— O que eu faço? — o advogado questiona-me.

— Ligue para o gabinete e marque uma reunião com o juiz. — Murilo concorda. — Não dá para arriscar essa juntada sem uma conversa antes.

— Está certo. Obrigado, doutor.

Finalmente chego à gerência, e a primeira coisa que vejo é Wilka Maria comendo – leia-se roendo – uma enorme barra de chocolate.

— Não almoçou? — indago, já pronto para iniciar a pergunta sobre a cena que presenciei na rua.

— Almocei, sim, mas estou precisando de um pouco de açúcar. — Ela tenta sorrir, mas noto a tensão em seu rosto. — Como foi o almoço que você tinha fora da empresa?

Ergo uma sobrancelha para ela por ter mudado de assunto rápido e desviado o foco de si.

— Wilka, quem estava naquele...

Um estrondo, causado pela abertura abrupta da porta, me interrompe, e eu olho espantado para meu primo.

— Que porra está acontecendo para você entrar...

Millos segura-me pelo colarinho, mesmo sendo um pouco mais baixo que eu.

— O que você disse para a Duda?

O quê?!

Como é que esse homem sabe que eu falei com Maria Eduarda Hill? Millos deve ter um pacto com o demônio, não duvido.

— Ei! — Wilka grita. — O que houve, doutor Millos?

Meu primo respira fundo, solta-me e encara Wilka.

— Cheguei há pouco e fui parado pela recepcionista, que me informou que Maria Eduarda Hill esteve aqui à minha procura, que parecia desesperada, mas que foi embora depois de conversar com Kostas. — Ele se vira para mim. — O que você fez?

— Wilka, você poderia nos dar licença para...

— Não! — Millos aponta para ela. — Fique! Eu te conheço, Konstantinos, sei que não iria perder a oportunidade. O que você disse a ela?

— A verdade! — Dou de ombros. — Não tinha como adivinhar que ela não sabia!

— Puta que pariu! — Millos põe a mão na cabeça. — Você já não está satisfeito por ter tornado Theo um alvo para o Conselho, quer foder a vida pessoal dele também?

Isso me surpreende.

— Então ele está mesmo apaixonado! E a tal Valentina, que conheci no baile dos Villazzas? Vi anúncio de compromisso entre eles em uma publicação.

Millos arregala os olhos.

— Que loucura é essa, Kostas?

Dou de ombros.

— Bom, não fui eu quem fodeu a vida pessoal dele!

Olho de esguelha para Wilka, que parece confusa com a história que acaba de ouvir. *Pois é, estamos lavando roupa suja na sua frente!*

— O que a Duda queria, Kostas?

Porra!

Desvio os olhos de Wilka e volto a olhar meu primo, sentindo raiva dele, pela primeira vez em anos de nossa convivência, por me expor dessa forma. Respiro fundo, sabendo que fiz merda com Duda Hill e que, assim que ouvir as palavras que tenho a dizer, Wilka Maria vai conseguir me ver por dentro, além da aparência que consegui consertar ao longo dos anos.

Eu poderia evitar isso, não me expor dessa forma na frente dela, basta apenas não contar o que Duda queria, dizer que não

sei ou apenas que ela precisava falar com Theodoros, mas alguma coisa dentro de mim, me impele a contar a verdade.

— Ela veio pedir ajuda — mal acabo de falar e olho para Wilka, seus olhos arregalados e preocupados. — A filha está doente, em um hospital e, por algum motivo, ela veio atrás de nós, já que Theodoros não está.

Wilka se levanta.

— Do que ela precisa? — ela faz a pergunta antes de Millos.

Reconheço ali a mulher que dedica seu dia livre para ajudar os outros, que se importa com cada pessoa dentro desta empresa como se todos fôssemos sua família.

Ela vai me odiar!

— Tessa está doente?! — a voz apavorada de Millos me assusta. — O que a menina tem? — Não consigo desviar os olhos do rosto de Wilka. — Porra, Kostas, responde!

— Eu não sei — respondo devagar. — Não prestei atenção. Eu só sei que está internada em um hospital para tratar alguma doença relacionada ao sangue e...

— Seu filho da puta! — sinto a raiva vibrar em cada uma das palavras do Millos. — Você não tem noção do que fez! — Desvio os olhos do rosto decepcionado de Wilka e olho para o Millos sem entender. — Qual o hospital em que ela está?

Digo o nome para Millos, que sai correndo da sala.

— Eu sabia que vocês não se davam bem... — a voz triste de Wilka me quebra por dentro. — Eu só não tinha noção de que você o odiava tanto! — Ela se aproxima de mim. — Não vou julgar o relacionamento de vocês, mas negar ajuda a uma mãe desesperada como uma espécie de vingança para atingir seu irmão é monstruoso demais!

Tento não ser atingido por essas palavras, principalmente pelo sentimento contido nelas.

— Eu disse a você que era um monstro. — Encaro-a. — Você disse que não tinha medo.

Wilka ajeita a alça da bolsa no ombro.

— Continuo não tendo, Kostas, mas isso não torna o que você fez menos monstruoso.

Ela sai da sala, bate a porta, e o som alto me faz despencar no chão, sentindo, pela primeira vez, a dor, a vergonha e o medo de ser o monstro que sou.

39

Kika

Menos de 24 horas, e tudo mudou!

Penso deitada na minha cama, sozinha, enquanto Kaká dorme em sua caminha no chão, sentindo-me extremamente doída, confusa e decepcionada. A verdade é que não sei bem por que me sinto assim, não é nenhuma novidade para mim a frieza com que Konstantinos lida com as coisas, com as pessoas e com os sentimentos delas.

Foi assim com Malu, comigo mesma, então não há motivos para me sentir tão mexida quanto estou! Deito-me de lado,

apoiando as mãos debaixo da minha cabeça, deixando as lágrimas correrem livres.

Eu me apaixonei por ele, foi isso!

É por esse motivo que meu peito dói quando penso que eu o esteja vendo com lentes apaixonadas, e não o verdadeiro Konstantinos Karamanlis. O homem que eu aprendi a conhecer durante esses dias que ficamos juntos seria capaz de ouvir os apelos de uma mãe desesperada pela saúde de um filho e simplesmente ignorar? Ou pior, aproveitar-se disso para atingir seu irmão por conta da rivalidade por causa de um maldito cargo?

É cruel demais!

Kostas esteve em meus braços na noite passada, não somente de forma sexual, mas buscando conforto, segurança e carinho. Depois do pesadelo que teve, percebi que se sentia sozinho, perdido, e, talvez, a imagem de monstro assustador fosse só um disfarce de um garoto assustado.

Eu entendo bem de disfarces, pensei que soubesse reconhecer um. Pelo visto, estava enganada. Hoje eu vi o monstro assustador! Não entendi muita coisa da conversa na hora, precisei matutar sobre tudo o que ouvi durante algum tempo até perceber que Theo estava apaixonado por Duda, que ela precisava de ajuda e que Konstantinos disse algo para magoá-la e afastá-la do irmão, sem se importar em a ajudar. Sem

se importar com uma criança doente!

Ele sabe que fez merda, sua cara não negou em nenhum momento, por mais que tentasse dissimular a vergonha que sentia pelo que fez. Eu enxerguei o arrependimento em seus olhos, mas isso não muda sua atitude, muito menos a abona.

Fecho os olhos e me lembro de como fizemos amor depois de seu pesadelo, da conexão que senti, do transbordar de todo meu sentimento por ele. Só queria mostrar-lhe afeto, carinho, que poderia ser amado e estar seguro. Não tenho a mínima ideia do que o levou a sonhar daquele jeito e a se tornar quem é, mas sinto que posso ajudá-lo; de alguma forma, sinto que eu posso fazer isso.

Algo nos ligou mesmo que não soubéssemos disso enquanto éramos Caprica e Portnoy em seus jogos de sexo ou mesmo Kika e Kostas em suas brigas épicas na Karamanlis. Eu acredito nessas coisas, sei que o destino promove esses encontros e que basta um olhar e um sorriso para mudar tudo em nossa vida.

Mesmo que ele não sinta e nem nunca venha a se sentir apaixonado como eu, vou continuar tendo a certeza de que nossos caminhos tinham que se cruzar em algum momento, por algum motivo. Não me arrependo dele, nem do que sinto agora.

Minha vida já está tão confusa!

O encontro que tive depois do meu almoço foi estranho,

constrangedor e muito, muito tenso. Eu não queria ir, mas sabia o que poderia acontecer se não fosse. Já estava perto do meu trabalho, da minha vida pessoal; eu tinha muito a perder se contrariasse e dissesse não.

— Entra no carro! — ordenou, e eu neguei.

— Não tenho tempo, preciso voltar.

— Entra no carro, senão nem terá para onde voltar!

A porta se abriu, e eu, resignada, fiz o que me mandou.

— Estou perdendo a paciência — avisou-me. — Você está se esquecendo do que me prometeu, e isso não é bom!

— Eu não esqueci, só não consegui ainda, falta um documento...

— Bobagem! Você está tentando ganhar tempo e me enrolar! — Apertou meu braço. — Não vai! Hoje de manhã estava te esperando em frente ao seu prédio. — Arregalei os olhos. — Pois é, um dos herdeiros te levou e te esperou trocar de roupa... Konstantinos Karamanlis! — Riu. — Estranhei vê-lo com você, aquele desgraçado! — Estalou a língua no céu da boca, irritando-me. — Foder com ele facilita as coisas para nós, não é?

— Por favor, não se meta nesse assunto!

— Ah, Wilka Maria, você é tão ingênua! Mas devo admitir que por essa eu não esperava, que coincidência do caralho! — Gargalhou, e eu senti a bílis bater na garganta. — Você tem

pouco tempo agora, ouviu? Eu te dei seis meses, já se passaram quase três. Preciso ver esforço da sua parte; não tenho visto. — Apontou para a calçada. — Arranje um jeito de conseguir a porra do documento rápido!

Concordei e saí do carro o mais rápido possível, tremendo, por ter lhe dado mais um alvo para que me atingisse: Kostas.

Aperto o papel entre minhas mãos o mais forte que consigo, recitando palavra por palavra do que está escrito nele. Seco as lágrimas e olho para o teto do apartamento.

Seu sorriso é capaz de iluminar qualquer escuridão.

Kaká late alto e arranha a porta de entrada do apartamento. Rolo os olhos, pensando que ele está, mais uma vez, tentando caçar alguma lagartixa desavisada que entrou em seu campo de visão.

O cão se acha um caçador, não há uma só criatura que ele não enfrente e não mate! Seu alvo principal são as lagartixas, mas já o vi pular alto para matar uma borboleta; tentar pegar um passarinho na varanda ou exterminar todo e qualquer inseto que se atreva a entrar em seu território.

— Kaká! — repreendo-o, saindo do banheiro vestida com

meu roupão. — Vem, seu danadinho, vou te dar seu desjejum!

O bichinho nem me dá confiança, tentando enfiar seu focinho debaixo da porta. *Lagartixas!*

— Konstantinos! — falo firme. Ele me olha por um momento, orelhas baixas, mas depois volta a cheirar debaixo da porta. — O que está acontecendo com você...

Ouço batidas firmes e estranho, pois, além de ser cedo demais para Verinha aparecer, nenhum outro morador bate à porta, geralmente usa a campainha.

Olho pelo olho mágico e quase caio para trás ao ver Konstantinos, todo desalinhado, do outro lado da porta. Afasto-me, coração disparado, sem saber como agir. Kaká roda e pula esperando que eu abra a porta e Kostas surja, mas minha cabeça ainda está um nó.

— Wilka, eu sei que está aí. Abre, precisamos conversar.

Kaká late e uiva ante a voz de Kostas, e eu olho para o cachorro sem entender toda a euforia.

— O homem nem gosta de você, para que essa festa toda? — falo baixinho, pegando-o no colo e o colocando na varanda. — Se apaixonou por ele também, né? Somos péssimos nisso, Kaká!

Ouço mais batidas à porta e a abro antes que ele acorde meus vizinhos.

— O que você quer? — atendo-o, mas minha marra acaba

quando noto a mesma roupa do dia anterior – completamente amarrotada – e o cabelo desalinhado. — Dormiu aqui?

Kostas dá de ombros e tenta sorrir debochado, mas só faz uma careta engraçada.

— Era outro porteiro, subornei-o! — diz ao entrar no apartamento. — Aliás, o Joca é bem melhor do que esse.

Ele decorou o nome do meu porteiro?!

Balanço a cabeça.

— Passou a noite na minha porta?

Ele ri e nega.

— Acha que sou doido? Claro que não! — Ele vai até a pia da cozinha, lava as mãos e pega um biscoito no pote. — Cheguei aqui eram umas 2h da manhã.

Arregalo os olhos, assustada com essa confissão.

— Por quê?

— Porque eu pisei na bola. Me doeu, acredite. — Aproxima-se. — Eu gostaria de ter feito diferente, de ter ouvido Duda Hill, de não ter deixado meu ódio se sobrepor a tudo. Nunca quis prejudicar ninguém. Sei o que é descontar a raiva em quem não tem nada a ver e acabei fazendo o mesmo. — Kostas me olha, e vejo a dor pulsando em seus olhos. — Me igualei a ele, como temia.

— A quem? — pergunto baixinho, com medo de que se feche antes de me dizer o que o atormenta.

— Meu pai. — Enfia o biscoito na boca e o mastiga. — Não bastasse eu ter a fuça dele me olhando no espelho todos os dias, me tornei parecido com ele por dentro também.

É doído para ele reconhecer isso. Vejo-o vulnerável, inseguro e sozinho. Meu coração se aperta, vou até ele e o abraço. Kostas me aperta forte contra si, trêmulo, agarrando-se ao meu corpo como uma tábua de salvação para si próprio.

— Eu errei, Wilka. Não posso confundir as coisas, não posso descontar em inocentes os pecados dos outros. — Segura meu rosto. — Eu nunca tive tanta consciência disso, nunca senti tanto quanto quando estou com você. — Abaixa-se e encosta a boca na minha. — Preciso de você!

— Estou aqui.

Ele me beija suavemente, seus dedos entremeados em meus fios de cabelo molhados. Sinto sua respiração lenta e profunda, até ser agarrada com vigor, sua boca tomando a minha por completo, enquanto sua língua busca a minha a todo instante.

Estico-me o máximo que consigo, fico na ponta dos pés e o seguro pelos ombros para não o deixar se afastar. Sua boca absorve a minha, suas mãos agarram-me forte, segurando meus cabelos, e, o tempo todo, suas palavras ressoam em meus ouvidos, a maneira como disse que precisa de mim.

Eu também preciso dele!

Sinto como se estivesse esperando por Konstantinos

durante todos esses anos. Pode parecer loucura, mas é como me sinto. Seus beijos, seus carinhos, o sexo delicioso, suas tiradas irônicas e até mesmo seus erros e defeitos me aproximam mais e mais dele.

— Eu quero você — ele sussurra com a boca colada na minha.

— Eu também — rio —, mas vamos chegar atrasados à empresa se...

— Foda-se! — Kostas me ergue nos braços. — Minha prioridade agora não é a Karamanlis, é você!

Ele me carrega até a cama, deita-me sobre a colcha que acabei de esticar sobre o colchão e abre devagar o roupão que uso, alisando cada pedaço do meu corpo que aparece, olhando-me como se quisesse gravar na memória cada reação que me desperta.

A pele arrepia quando ele passa as pontas dos dedos pelo vale dos meus seios. Ele ri, gostando do que vê, e provoca o arrepio de novo e de novo. Depois segue em direção aos meus mamilos, já excitados com seus toques em minha pele, esfrega levemente os dedos na ponta deles, provocando-me um gemido.

— Você gosta assim, suave — ele prende-os entre seus polegares e os indicadores —, ou mais agressivo?

Puxa-os de repente, causando ardência e muito, muito prazer.

— Agressivo — respondo rindo.

Kostas arranca a camisa, jogando-a no chão do quarto e abre o cinto.

— Com a boca também? — Abaixa-se e sopra meu mamilo direito.

Finjo pensar por um instante.

— Não sei... Tem como demonstrar?

Ele gargalha.

— Cabritinha safada!

Envergo-me e gemo alto na cama quando ele chupa com força, arrastando os dentes e depois pincela a língua antes de se afastar para fazer o mesmo do outro lado.

Agarro-o pelos cabelos, sentindo-o sugar cada vez mais forte, apertando meus seios com as mãos, juntando-os ou apenas os acariciando. Sinto minhas coxas nuas já molhadas com a lubrificação resultante da provocação que faz em meus seios, sua cara safada, o sorriso de lobo mau toda vez que se levanta antes de intercalar entre um mamilo e outro.

— Você está me deixando louca! — confesso entre gemidos.

— Essa é a ideia! — Sorri safado, arrastando a barba sobre minha pele, descendo em direção à minha barriga. — Te deixar tão louca quanto você me deixa.

Ele se ajeita na cama, abre a calça, mas não a tira. Posso ver

o volume de seu pênis dentro da cueca; meu corpo treme ante a expectativa de tê-lo novamente dentro de mim e receber todo o prazer que me proporciona.

— Você é a causadora do meu tesão. — O descarado lambe o monte de vênus, e eu gemo, pois chegou bem perto do clitóris, mas não o tocou. — Seu cheiro, o modo como suas coxas estão brilhando, molhadas de desejo... não há combustível mais eficaz para meu tesão que você, Wilka.

Abro as pernas no exato momento em que ele mergulha a cabeça entre elas e recolhe cada gota com a língua, espalhando-as, engolindo-as, lambuzando tudo, não só meu sexo, como sua barba, nariz e bochechas.

Seguro firme a colcha, tronco saindo da cama, quadris se movimentando involuntariamente, cadenciados pelos movimentos de seus lábios chupando os meus íntimos, penetrando-me com a língua até onde consegue, depois seguindo em direção ao meu clitóris, que pulsa cheio de vontade e me causa uma descarga de energia pelo corpo quando é estimulado por ele.

— Também quero você. — Chamo-o: — Vem aqui comigo!

Não preciso pedir duas vezes, e ele se livra da calça e da cueca, seu pau já molhado, a cabeça mais avermelhada que o resto, brilhando, e se deita sobre mim, afundando – o máximo

que dá – seu membro em minha boca.

Não há nesse mundo algo tão erótico do que ter a boca fodida enquanto se recebe um oral espetacular! Enquanto ele me chupava, eu sentia a boca se enchendo d'água com vontade de prová-lo também. Excita-me ainda mais poder retribuir, perceber o quanto ele perde o controle, obriga-me a parar de chupar por um tempo e depois volta me fodendo a ponto de fazer meus olhos lacrimejarem, de tão fundo que vai.

Em um movimento inesperado, ele gira na cama e me carrega para cima dele, invertendo nossas posições – coisa que já percebi que faz para ter mais controle e não gozar na minha boca –, e eu aproveito a liberdade para agitar mais meus quadris, usando sua língua parada e esticada para fora a fim de me masturbar.

Ele ri quando percebe que eu o estou usando descaradamente e desfere um tapa ruidoso sobre minha nádega, mas muda de ideia depois e, ao invés de bater em minha bunda, resolve invadi-la.

Kostas molha o dedo, enfiando-o dentro de mim, encharcando-o com meus próprios fluidos, e depois o insere vagarosamente em meu ânus.

Seguro o pau dele com mais força, gemendo, adorando a sensação de ter minha boceta fodida por sua língua, e meu rabo, por seu dedo comprido e grosso. Engulo-o com mais gula,

chupando-o mais forte, mantendo-o no fundo da minha garganta.

— Isso, porra! — ele geme. — Engole mais!

Faço o que me pede, minha garganta se contrai com a invasão, causando-me espasmos que o fazem gemer ainda mais forte. Tiro-o da boca ainda mais molhado, aproveitando a lubrificação extra da minha saliva para masturbá-lo com força, como gosta.

Ele percebe que eu quero enlouquecê-lo e me paga com a mesma moeda, sugando e lambendo bem em cima do meu clitóris, o que rapidamente me faz explodir em gozo, gritar seu nome e parar o movimento em seu pau.

Desabo trêmula, sem conseguir falar, os músculos do meu corpo todos pulando como se estivessem tomando choques constantes. Busco ar, tenho vontade de rir e chorar ao mesmo tempo, mas tudo o que consigo fazer é ficar parada, estatelada sobre ele, enquanto o desgraçado ri da surra que o orgasmo me deu.

Kostas me joga para o lado, e eu mal aterrisso na cama, mole como gelatina, e sinto minhas pernas sendo elevadas. O bruto enfia todo seu pau calibroso dentro de mim.

— Porra! — gemo, meu corpo vibrando com as estocadas nervosas. — Você quer me matar!

Continuo gemendo, com ele segurando meus pés para o alto, sentado sobre as pernas na cama, apenas jogando seus

quadris para frente e para trás, socando dentro de mim.

Konstantinos está sério, concentrado em minha boceta recebendo seu pau, olhar vidrado no encaixe dos nossos corpos. A expressão dele me excita ainda mais. Movimento-me junto a ele, intensificando o ato, causando gemidos.

Ele me encara, sério, para bem fundo dentro de mim. Apenas eu continuo me movendo. Solta meus pés e se inclina sobre mim.

— Você é minha! — a declaração, intensificada pela expressão determinada em seu rosto, faz meu corpo inteiro se arrepiar, um calor se acumular em meu ventre e coração ao mesmo tempo. — Diz isso para mim.

— Eu sou sua! — Ele fecha os olhos e nega, só então eu entendo o que ele quer. — Você também é meu!

Sério, quando a gente é criança, sonha com palavras mágicas capazes de realizar desejos, então, neste momento, ao dizer isso para ele, é como se uma mágica se iniciasse. Seus movimentos voltam a ficar firmes. Meu corpo acolhe o dele de forma diferente, e, quando o orgasmo vem de novo, acerta-nos no mesmo instante, e, enquanto gozo trêmula, vejo-o tirar o pau rapidamente de dentro de mim e derramar seu gozo, quente e espesso, sobre minha barriga.

— Eu não tenho a mínima condição de ir trabalhar agora — digo sonolenta, ainda nua e toda melada de porra, jogada nos braços dele. — A mínima! Sinto-me destruída!

Ele ri.

— Não vou pedir desculpas por isso! — provoca-me, e eu mordo seu ombro e tomo um tapa firme na bunda. — Não me provoca, cabrita, você sabe que minha recuperação é rápida!

Eu sei! Rio sem disfarçar, lembrando-me de todas as vezes que, ainda no banho, depois do sexo, o pau dele simplesmente levantava, e eu era comida no chuveiro. Sempre pensei que os romances que lia – onde isso acontecia – eram exagerados, mas não, acontece na vida real. Konstantinos só precisa de cinco ou dez minutos e, *voilá,* pau em riste!

Sento-me antes que ele se anime de novo e passemos o dia na cama. Não podemos, temos muito a fazer no projeto da siderúrgica, e ontem, por algum motivo, eu o notei disperso pela manhã, e seu trabalho ficou acumulado.

— Vou para o banho! — aviso-lhe. — Passamos no seu apartamento antes de irmos para a empresa?

— Certamente! — Ele ri. — Não posso chegar lá com a mesma roupa de ontem, amassada desse jeito. — Ele faz uma

cara debochada. — Como ficaria minha fama de o diretor mais bem-vestido daquela empresa?

Eu rio e balanço a cabeça.

— Essa fama não é sua! Sinto desiludi-lo, mas esse título é do doutor Millos!

Kostas parece interessado.

— Temos títulos?!

— Claro! Theo é o CEO gostoso, e Alexios, o CEO pra casar. — Ele gargalha. — Millos, o diretor elegante, e você...

Ele cruza os braços, sério, e levanta a sobrancelha quando titubeio.

— E eu?

Ai, merda, como saio dessa saia justa?!

Não posso simplesmente falar que ele é o Bostas! Ele vai querer saber por que, vai querer saber de onde veio isso, e eu não vou ter um buraco para enterrar minha vergonha.

— Você é o diretor casca grossa... — tento uma saída diplomática, mas ele não parece convencido. — Vem pro banho comigo ou vai ficar aí?

Ele olha para seu colo, e eu sigo seu olhar.

— Ai, meu De... — não termino a frase, pois ele me carrega para o chuveiro.

— Kika?

Dou um pulo no chuveiro ao ouvir a voz da Verinha.

— Quem é? — Konstantinos pergunta.

— Minha vizinha, esqueci dela! — Faço careta. — Preciso... — gemo quando ele se movimenta dentro de mim — sair.

Konstantinos pressiona-me ainda mais contra a parede azulejada.

— Ela vai embora!

— Não... sério, tenho que ir!

Ele respira fundo, afasta-se e me desce de seu colo.

— Dois minutos. Livre-se dela e volte para cá!

Cruzo os braços e o encaro séria.

— Não acha que está sendo muito mandão?

— Você é minha, lembra? — Ele abaixa a cabeça e morde minha orelha.

Jogo sujo!

Saio do boxe, mas, antes, recebo um estalado tapa na bunda. Olho-o de cara feia, mas não resisto e sorrio. *Sim, eu sou dele, e ele é meu!* Que sensação deliciosa!

— A porta do quarto está fechada, ela nunca fecha! — ouço

a voz da Verinha e paro, nua e de toalha enrolada sobre o corpo, ao perceber que ela não está sozinha.

Ah, merda!

Quem foi que fechou a porta do quarto? Deve ter sido o Kostas quando entrou para cá me arrastando, provavelmente pensando em evitar o Kaká, sem saber que o pobre estava exilado na varanda.

Ah, o Kaká!

Enfio pela cabeça o primeiro vestido soltinho que acho e saio o mais rápido possível do quarto, dando de cara com Verinha – com Kaká no colo – e Vinícius.

— Oi! — é a primeira coisa que penso em dizer quando os vejo.

Verinha observa-me de cima a baixo, arregala os olhos e fita o Vinícius.

— Ah, olha, ela está bem! Kika, vou levar o Kaká! — E começa a sair do apartamento levando o Vinícius consigo. — Bom trabalho!

— Verinha! — Vinícius a detém. — Você está bem, Kika? — Ele se aproxima de mim. — Está toda vermelha e arranhada, aconteceu algo?

Agora é a minha vez de arregalar os olhos, e minha amiga esconde a risada e assente atrás de Vinícius.

— Estou ótima! — Sorrio sem jeito. — Deve ter sido

alergia, eu acabei de sair do banho e...

— Verinha me disse que ontem você chegou triste. — Ele segura minha mão. — Sabe que somos amigos, não é? Pode contar conosco sempre!

— Vinícius, ela está ótima! — Verinha o segura pelo ombro e tenta puxá-lo para longe de mim, mas ele parece pregado no chão.

Abro um sorriso exageradamente grande e concordo com minha amiga.

— Eu estou ótima, mesmo! Ontem só estava cansada e...

— Seus dois minutos já se passaram, ela já...

Verinha abre a boca – sério, abre mesmo –, e eu congelo ao ouvir a voz de Kostas, abrindo a porta do quarto.

Vinícius o encara, testa franzida, como se o reconhecesse, e eu me sinto, pela segunda vez seguida, dentro da maldita saia justa! *Porra!*

— Quem é você? — os dois indagam ao mesmo tempo, e eu não tenho outra reação a não ser gargalhar.

Sim, gargalho como louca, nervosa, mas tento me conter, puxando minha mão da de Vinícius.

— Kostas, esse é o Vinícius, e essa é a Verinha. Ambos são vizinhos e amigos queridos.

Vinícius apruma o corpo, aquela pose de militar fortão que faz tantas mulheres suspirarem e cumprimenta Kostas com um

aceno de cabeça.

— Konstantinos Karamanlis, o namorado — Kostas se apresenta, e eu o olho surpresa com o que diz, mas quase volto a ter um ataque de riso ao perceber que ele só está com uma toalha enrolada na cintura e que, por causa do seu tamanho, a toalha parece uma minissaia. Bom, ninguém tinha dúvida do que ele era, mas eu gostei de que tenha assumido.

— É um prazer, doutor! — Verinha cumprimenta-o, mas Vinícius parece pensar, encarando-o longamente. Então, sem dizer nada, olha para o meu cãozinho no colo da Verinha e começa a rir.

— Foi dele que veio a inspiração? — Vinícius ri sem parar, e meu coração dispara ao perceber que ele está falando do Kaká.

Saia justa número três à vista!

40

Kostas

Aposto que, quando eu sair daqui, minha mão estará vermelha e marcada de tanto que eu aperto a porra da maçaneta da porta para não avançar sobre o "mamãe, *tô* forte" e obrigá-lo a tirar a mão da *minha* Wilka.

Minha!

Quando eu disse a ela que era minha e pedi que me dissesse de volta, não imaginei que ela confirmaria minhas palavras. Ouvi-la dizer que era minha e, em seguida, que eu era dela foi foda! Nunca passei por uma experiência que se compare àquele

momento.

Pela primeira vez na vida eu pertencia a alguém!

Não posso nomear ainda o que está acontecendo comigo, sinceramente não sei. Não conheço a sensação de ser amado e, muito menos, de amar de volta. Não sei reconhecer o afeto, o amor, mas sinto, em cada terminação nervosa do meu corpo, todo o carinho que ela sente por mim.

Isso é inegável!

Não sei o que eu fiz para ter o privilégio de ter uma pessoa como Wilka ao meu lado, realmente eu não mereço tê-la, mas, não obstante a sensação de demérito, isso está causado algum tipo de reação em cadeia dentro de mim, tornando-me quase humano de novo.

É claro que tenho medo de corrompê-la com a sujeira da minha vida, tenho receio de que, quando ela me vir de verdade, como teve um pequeno vislumbre ontem, queira manter-se afastada de mim.

Isso terminará de estraçalhar minha alma!

Não foi exagero quando disse que preciso dela; sinto-me melhor ao seu lado, é como se Wilka conseguisse iluminar a escuridão que me envolve e aquecer o frio dentro de mim.

Há algo nela que atenua minha dor, desaparece com minha solidão e desnuda todas as minhas capas, e eu consigo sentir de novo aquele garoto cheio de esperança, louco para ter uma

família e ser amado.

Ela é minha! E por que esse desgraçado está com a pata nela?!

— Kostas, esse é o Vinícius, e essa é a Verinha. Ambos são vizinhos e amigos queridos.

Vizinhos e amigos...

Porra, esse é o mesmo homem do restaurante e o cara que lhe mandou as flores!, constato, reconhecendo-o e me lembrando do bilhete que escreveu para Wilka agradecendo-a pela ajuda.

Vizinho dela! O cara mora aqui ao lado!

Puta que pariu!

— Konstantinos Karamanlis, o namorado.

O *vizinho* me olha sério, e eu me sinto poderoso, mesmo parcamente vestido com essa toalha – lembrar-me de comprar tamanho extragrande para mim –, sentindo o gosto da vitória por ser o homem que ela escolheu.

Perdeu, Johnny Bravo da cabeça raspada!

O tal Vinícius não para de me encarar, e eu o olho entediado, esperando que suma do apartamento e me deixe com *minha namorada* em paz. Porém, do nada, o cara olha para o Kaká e começa a rir.

— Foi dele que veio a inspiração?

Não entendo do que ele está falando, mas, a julgar pela

expressão de Wilka – ela está mais vermelha do que antes, por causa da minha barba – e a risada nervosa de Verinha, não deve ser algo bom.

— Acho que estamos incomodando o casal, Vinícius! — Verinha o puxa. — Já peguei o Kaká e ainda preciso levar o Ferdinando para fazer suas necessidades. — Ela me olha sem jeito. — Foi um prazer! Bom dia para vocês!

Vinícius para de rir, encara-me sério, seus olhos faiscando de inveja e ciúmes.

— Kika é a mulher mais incrível que eu já conheci — ele começa o discurso, e minha cara de tédio aumenta. — Espero sinceramente que ela tenha feito a escolha certa e que você não seja um babaca com ela.

— Vinícius... — Wilka tenta interrompê-lo.

— Será um prazer quebrar sua cara caso você apronte qualquer coisa com ela.

Solto a maçaneta por fim e caminho para perto dele. Esse homem não sabe o que eu já passei na vida, não conhece minha história, no mínimo pensa que sabe quem eu sou, o rico advogado e um dos chefes dela, então não sabe o risco que está correndo ao me ameaçar desse jeito.

— Você e quantos mais? — pergunto em uma provocação clara.

— Gente... — Wilka se posta bem no meio de nós dois. —

Está tudo bem, Vinícius, eu agradeço a preocupação, mas já sou bem grandinha, não acha? — Ela ri, tentando descontrair, mas nem ele, nem muito menos eu queremos descontração. — Tá, ok! — Ela olha para a amiga. — Verinha!

A amiga, com o cãozinho no colo, puxa o *bombadinho* para fora do apartamento, e o palhaço vai sem deixar de me olhar.

— Que loucura foi essa?! — Wilka me encara séria. — Precisava mesmo disso tudo?

O quê?! Ela está brigando comigo?!

— Não fui eu quem começou, porra! — viro as costas, puto, e entro no quarto. — Mas, da próxima vez que eu o vir encostando um dedo em você, não vou me conter!

— Ah, pode parar com essa merda, Konstantinos! — Ela põe a mão na cintura. — Ele é meu amigo!

Rio, cheio de ciúmes.

— Amigo, sei... — Visto a calça. — É o cara das flores e do restaurante, é óbvio que sempre quis mais do que amizade com você e... — Eu a encaro, lembrando-me de uma conversa que tivemos no aplicativo. — Ele queria trepar com você na festa da sua amiga!

Wilka rola os olhos.

— Vinícius sempre me respeitou, Konstantinos. Sempre foi um bom vizinho e...

— Você é minha! — Lembro-lhe e a abraço. — Lembra

disso?

— Claro que sim, mas o fato de eu ter amigos não muda isso, entendeu?

— Ele não quer só sua amizade — argumento.

— Mas eu, sim, e é em mim que você tem que confiar.

Confiança!

...nunca vai ter nada desinteressadamente! Olha para você! Acha mesmo que alguém poderia amar algo assim? Aprenda uma coisa desde já, confie no dinheiro, na sinceridade das mulheres que você paga para comer. Qualquer outra que se aproximar de você pedindo confiança em seus sentimentos estará mentindo. Ninguém pode amar você!

— Kostas?

Encaro Wilka, o coração disparado por causa da lembrança nítida que veio à minha mente. Ela me pediu confiança, mas será que sou capaz disso? Se há alguém que merece esse sentimento, é ela. No entanto, eu não sei como demonstrar, como sentir. *Ele destruiu tudo!*

— Ei, está tudo bem? — Ela põe a mão sobre meu peito, bem onde meu coração palpita desenfreadamente. — Eu sou sua, só sua, da forma mais sincera possível.

— Eu sei — confesso. — Não mereço isso, mas sei!

Wilka ri.

— Mereça, então. — Ela se estica e me beija. — Porque, da

mesma forma que sou sua, você é meu. Isso é irrevogável.

Sorrio e a abraço apertado, sentindo-me pertencente a algum lugar pela primeira vez na vida.

Fomos para a empresa apenas depois do almoço. Não, para meu lamento profundo, não ficamos a manhã toda no apartamento dela fodendo, porque Wilka teve a brilhante ideia de aproveitar a manhã de folga fazendo algo especial, então, quando me dei conta, estava carregando sacolas e mais sacolas de produtos de armarinho para dentro de um asilo.

Sim, Konstantinos Karamanlis dentro de um asilo!

Como sempre acontece em qualquer lugar que ela entre, Wilka foi recebida com festa pelas pessoas da casa de repouso, tanto pelos funcionários quanto pelos pacientes, principalmente os velhinhos assanhados, que ficavam – literalmente – babando sobre ela.

O que eu não esperava era que o assanhamento no local fosse algo contagioso e que, durante minha passagem por um corredor de velhinhas, tivesse a bunda mais apertada do que teta de vaca leiteira.

Sério, senti-me assediado por vovós cujas idades, se

somadas, davam quase na invenção da roda!

— Quem manda ser gostoso!? — Wilka riu e ainda apertou minha bunda também quando reclamei com ela.

— Que abuso! Onde denuncio isso? — Agarrei-a. — Levei tanto beliscão que agora preciso de algo para afagar minha masculinidade. — Lambi sua orelha antes de perguntar: — Onde tem um local reservado para que você possa me consolar?

Bom, eu tentei, mas é claro que não colou, e ainda tomei um tapão no peito e o título de pervertido por ter, segundo ela, ficado excitado com as investidas inocentes das vovós.

Foram duas longas horas indo com ela de quarto em quarto – que eu percebi que eram coletivos – e a ajudando a entregar lã, linhas e agulhas àquelas que gostariam de tricotar – ou o que quer que fossem fazer com aquilo – peças para o inverno.

— Não está muito longe? — questionei quando estávamos indo embora.

— Claro que não! Você acha que elas não têm mais nada a fazer além de tricotar? A vida delas é intensa! — Wilka ri. — Todo dia aqui tem uma atividade diferente, jogos, bailes, além das visitas de voluntários, familiares e, claro, o tempo para os namoros.

— Namoros?! — inquiri divertido e assombrado.

— Em que mundo você vive? Acha que, quando ficar velho, não vai namorar mais, não?

Foi então que fui tomado por algo, não por lembranças do passado, mas visões do futuro, do meu, velhinho, meio calvo, um tanto fora de forma e talvez encurvado de tanto namorar uma baixinha – mais baixinha ainda, porque velho encolhe – de pose marrenta, sorriso fácil e olhos divertidos.

Abri um sorriso involuntariamente, e ela me perguntou se eu estava pensando em sacanagem.

— Sempre! — Pisquei para ela e pus a mão em sua coxa, subindo em direção até sua boceta gostosa.

Almoçamos na Paulista mesmo e depois seguimos juntos para a empresa. Eu queria muito chocar a todos entrando de mãos dadas com ela, porém, lembrei-me do que Millos falou sobre um relacionamento entre nós acabar prejudicando-a dentro da empresa, por isso segui apenas ao seu lado.

— Ah, doutor Kostas, que bom que chegou! — a mesma recepcionista linguaruda que me delatou para Millos ontem corria em minha direção. — Doutor Millos deixou recado para que, assim que o senhor pisasse na empresa, subisse até a diretoria.

Bufei, vendo ir embora meu dia bem-humorado.

— Aconteceu algo, Ana Flávia? — Wilka questionou.

— Deve ter acontecido, sim, porque dei o mesmo recado ao doutor Alexios há pouco.

Ela conversou um pouco mais com a recepcionista, e logo

depois subimos juntos. Ela ficou no nosso andar, e eu segui para a diretoria executiva, onde Millos me aguardava com uma notícia completamente inacreditável.

— Como assim a menina é filha do Theodoros? — questionei-lhe.

Millos deu de ombros e, como sempre, disse que não cabia a nós comentarmos sobre os detalhes da história, apenas que era fato indubitável que Tessa – o nome da criança – era filha de Theodoros.

— A doença é muito grave, Millos? — Alexios perguntou.

— É, e rara. — Ele me olhou. — Em algum momento você já ouviu falar em Geórgios II?

O nome arrepiou todo o meu corpo, e, pela postura e tensão de Alex, ele também se lembrava.

— O filho mais velho do *pappoús* — concluí, e ele assentiu. — Morreu jovem de uma doença rara.

— É a mesma doença? — Alex arregalou os olhos.

— Parece que sim. — Millos respirou fundo. — Precisamos de um doador familiar.

Puta que pariu! A criança vai ter que passar por um transplante para sobreviver! Pela primeira vez pensei em como Theodoros reagiria a essas notícias, primeiro, que era pai de uma menina, e, por fim, que ela poderia morrer.

Pensei na lei do retorno, mas isso me incomodou, pois a

criança era uma inocente no meio de nós, todos tão fodidos que, se existisse mesmo lei do retorno, nenhum estaria aqui mais.

Não, Theodoros merecia sofrer sozinho, não junto ou através de uma inocente.

— É claro que eu quero! — Alexios respondeu a algo que Millos indagou, e depois os dois me olharam.

— O quê?

— Fazer o teste de compatibilidade com ela.

— Temos chance? Afinal somos todos de mães diferentes! — Millos assentiu. — Eu farei também, conte comigo!

Meu primo sorriu aliviado e informou que um pessoal viria à empresa colher amostras de sangue, e isso foi feito ao final da tarde.

— Tem certeza de que eu não posso fazer? — Wilka ficou questionando a enfermeira que tirava meu sangue na sala da gerência de *hunter*. — Olha só, vamos colher meu sague também, quem sabe?

— Por favor, colha o sangue dela, senão não teremos paz! — implorei à moça, que sorriu e disse que ia cadastrá-la no banco de medulas chamado REDOME.

Morri de rir dela depois, quando confessou ter medo de agulhas, mas enfrentou bravamente o pavor – porque era mais do que simples medo – e deixou sua contribuição à sociedade, o que, por si só, já a fez feliz.

Depois que a equipe do laboratório foi embora, ela se sentou no meu colo, deu-me um beijo que acordou meu pau na hora e sussurrou no meu ouvido:

— Como você foi corajoso e altruísta hoje, merece um tratamento VIP mais tarde.

— Ô sorte! — Ri, esfregando sua bunda contra meu pau duro. — Que tipo de tratamento VIP?

Ela apertou os olhos e sorriu cheia de malícia.

— Um bem sujo, doutor!

— Maravilha! Espero que honre suas promessas!

Ela piscou e saiu do meu colo.

— Pode apostar nisso!

E ela cumpriu!

Respiro fundo, suado, deitado no chão do quarto dela sem conseguir respirar direito. Como vim parar no assoalho de madeira? Não faço a mínima ideia, mas aqui estou eu, largado, moído, mas totalmente satisfeito e...

Sorrio ao constatar que a palavra que vou usar a seguir nunca esteve tão certa: feliz! Eu estou feliz. Ela me faz feliz.

Fecho os olhos, meu corpo relaxando devagar, na chamada *petit mort*, meu coração desacelerando, os músculos ficando mais leves, e os olhos, pesados. Ao longe ouço o barulho de vasilhas na cozinha, porque a louca da mulher que me deixa assim mal acabou de gozar e saiu correndo para matar outra

fome, a de comida, dessa vez.

É bom sentir essa satisfação pós-sexo, é algo novo também, porque antes, quando só utilizava profissionais, não podia me dar ao luxo de ficar assim com nenhuma delas, de curtir esse momento de *paumolecência* depois de passar horas e horas e horas endurecendo por causa da Cabritinha.

Sinto algo roçar minha canela, mas estou tão zen que nem abro os olhos para conferir o que é. Só quando sinto o movimento é que desperto de vez e encaro o danado do cãozinho trepando com a minha perna.

Mais que merda!

— Wilka! — chamo-a, dividido entre a ofensa e a diversão.

Ela aparece – linda demais! – vestida com minha camisa social – quase um vestido longo para ela – e arregala os olhos ao pegar o meliante no flagra, em pleno ato de abuso qualificado por total impossibilidade de resistência da vítima (se isso não existir no ordenamento jurídico, acho que, a partir desse momento, deveria!).

— Kaká, seu... — ela gargalha — dana... — senta-se no chão, rindo de chorar — dinho!

Sento-me, completamente desperto agora, e o arranco da minha perna, encarando-o muito sério.

— Olha aqui, meu chapa, pelo visto vamos conviver um bocado, então precisamos impor certos limites! — O bicho tenta

me lamber, mas eu me desvio a tempo. — Você e eu temos algumas coisas em comum: somos daquela ilha chuvosa e sem graça; temos *pedigree*; somos charmosos; usamos barba e — toco a gravata ridícula com um K bordado — usamos gravata, então somos machos. Não fica bem você trepar com a minha perna, fica estranho, entendeu?

Olho para Wilka, esperando vê-la se debulhando em risadas, mas ela está séria e um tanto vermelha.

— O que foi?

Ela sorri sem jeito.

— Eu tenho que contar algo sobre ele antes que você descubra de outro jeito. — Olho-o assustado e o solto no chão, já imaginando que o bicho esteja com sarna. — Sobre as coisas que vocês têm em comum, então, eu também percebi todas elas... — Ela começa a rir, mas fica séria. — E, bom, o apelido dele é Kaká por causa do nome que registrei em seu *pedigree*.

Não entendo nada do que ela me fala, então a vejo sair do quarto e voltar com um documento na mão, parecido com um passaporte.

— Todas as informações dele estão aí. — Ela me entrega.

Abro o caderninho, vejo as vacinas – todas em dia, por sinal –, constato que ele realmente é um cão inglês e que seu nome é...

— Puta que pariu, você não fez isso! — Gargalho. — Me

detestava tanto a ponto de pôr meu nome no seu bichinho de estimação?

Ela fica ainda mais vermelha e nega.

— Não, quando Kaká chegou, eu não te detestava...

Hum! Abro um sorriso ao pensar que terei outra revelação neste momento e que essa, diferentemente de descobrir que tenho um cachorro xará, irá me agradar mais.

— Não? — Aproximo-me dela, puxo-a para mim e a encaro. — Então o que você sentia?

— Te achava charmoso...

— Charmoso? — Faço careta. — Só?

Nega.

— Gostoso também. — Abro um sorriso quando ela diz isso. — Misterioso.

Abro os primeiros botões da camisa social.

— Continua...

Ela ri.

— Exatamente, também soberbo e convencido como agora.

— O que posso fazer? — Tiro a camisa de seus ombros e a deixo cair até sua cintura. — Eu sei que eu sou foda!

Beijo seu pescoço, desço pelo colo até chegar aos sensíveis mamilos escuros e duros. Chupo-os com força e depois dou uma leve mordida.

— Não sou?

Ela geme em resposta e assente, puxando-me de volta para seu peito.

41

Kika

Olho para as inúmeras chamadas não atendidas no meu celular e sinto meu corpo ficar tenso. Meu tempo está se esgotando. Estou quase conseguindo cumprir o combinado. Contudo, sinto-me cada vez mais com a corda no pescoço.

Kostas tem desconfiado das ligações, já presenciou como fico nervosa quando ligam e até me perguntou se estava tudo bem, o que eu confirmei. Não tenho coragem de contar para ele, tento certeza de que destruiria nosso relacionamento na hora!

Relacionamento!, suspiro ao pensar nessa palavra e termino

de lavar o prato da salada que acabei de comer junto a...

— Larga de ser olho grande! — ouço Konstantinos repreender o Kaká, mas em seguida o vejo fazer carinho na cabeça do bichinho, deitado ao seu lado, enquanto ele come um enorme sanduíche e assiste um VT de um jogo de basquete da NBA. — Quando começarem os *playoffs,* espero que você já tenha aprendido a gostar mais do esporte.

Faço careta e rio por ele esperar que Kaká entenda de basquete, então percebo que falou comigo, pois se vira no sofá, encarando-me e esperando a resposta.

— Ah, sim, quem sabe! — Rio, e ele bufa. — Para mim é um bando de homem grandão quicando uma bola de um lado para o outro. Prometo que assisto ao futebol contigo!

— Palmeirense! — ele geme. — Já que não vou ter companhia nos *playoffs*, poderia ter pelo menos com quem ir ao estádio assistir às partidas do Brasileirão!

— Claro que podemos ir juntos! — provoco-o, sentando-me ao seu lado no sofá da sala. — Quando o Corinthians jogar, vou com você, e quando o Palmeiras jogar, você vai comigo! — Ele faz careta e nega, mas finjo que não vejo. — Aí, quando for clássico entre eles, podemos ir juntos, cada um com a camisa de seu time, mostrando que tem que haver união no esporte e...

Ele tampa minha boca com sua mão.

— Esquece isso! Nunca vou te enfiar no meu da torcida do

Timão vestida com a camisa do Porco! *Caso* eu cometa a loucura de ir assistir a um clássico com você, vamos de camarote.

— Esnobe! — mexo com ele e mostro a língua.

Kostas age rápido e a captura, sugando-a com força. Sinto o gosto do sanduíche de pernil que está devorando, bem como da cerveja – ele disse que bourbon não combina com sanduíche, então comprou uma cerveja importada de que nunca ouvi falar – e fecho os olhos, aproveitando o beijo.

Estamos juntos há mais de um mês, em uma convivência intensa dentro do trabalho e em casa. Dormimos juntos todos os dias, saímos juntos de casa para ir trabalhar e voltamos juntos da empresa. Sinceramente, nunca pensei em viver algo assim, mas está sendo tão natural, curtimos tanto a companhia um do outro que nem percebemos que passamos todas essas horas juntos.

Têm sido semanas de boas descobertas!

Somos muito diferentes e, por isso mesmo, decidimos que iríamos experimentar fazer coisas um do outro para saber o que gostamos e o que não. Não precisei fumar para saber que não gostava, afinal, sou muito alérgica, então ele maneirou o fumo. Já não o fazia perto de mim desde que percebeu que não me fazia bem a fumaça, mas agora tem diminuído a quantidade fumada consideravelmente.

— Estou gostando! — ele alegou quando perguntei se

estava se sentindo pressionado a parar. — Apenas com essa diminuição, já senti diferença no meu treino, melhorou muito minha respiração durante os exercícios.

Fiquei feliz com isso e mais empenhada em acompanhá-lo na academia todos os dias. *Sim, meu povo, essa é a minha parte!* Treinar todos os dias antes do trabalho, o que fez com que eu passasse a acordar às 5h, ao invés de às 6h como fazia antes.

Konstantinos me confessou que nunca teve contato com bichinhos de estimação. Quando criança, enquanto morava com o avô na Inglaterra, não pôde ter nenhum, depois, aqui no Brasil, também não deu, então ele não sabia como lidar com o Kaká.

Ele não precisou lidar, porque o traidor do meu york simplesmente o adotou. O bichinho, que se tremia todo ao ouvir o nome do malvadão, agora pula e faz festa ao mesmo som. Kaká fica tão eufórico quando Kostas chega a casa comigo que faz xixi na entrada do apartamento e não para de latir enquanto não recebe um afago.

— Homens! — reclamei uma vez, por puro ciúme, ao ver meu cãozinho deitado no peito do Kostas assistindo ao campeonato paulista na TV. — Futebol passando, e eu posso andar nua pela casa que nem me notam.

— Você é quem pensa! — Ele ergueu minha calcinha em sua mão, rindo. — Kaká roubou do cesto e trouxe para mim. — O desgraçado a cheirou. — Estou aqui louco pelo intervalo para

poder trepar contigo.

Fiquei indignada primeiro pela atitude do Kaká de roubar minha calcinha e levá-la como um tributo para o Kostas e, segundo, porque ele só ia trepar comigo no intervalo, o que significava que a porcaria daquele jogo era mais importante que eu!

Recusei-me a fazer sexo naquela noite e, quando acordei no dia seguinte, descobri que estava menstruada. Além do óbvio alívio que senti – pois pesquisei no *doutor Google*, e as chances de eu ter engravidado com coito interrompido eram enormes –, fui até o meu ginecologista tomar a primeira injeção anticoncepcional da minha vida.

— Quando vou poder gozar dentro? — Kostas perguntou ansioso, tal qual uma criança esperando o Natal para ganhar brinquedo novo.

— No próximo ciclo é o mais recomendado. — Ele arregalou os olhos. — Preciso que meu corpo se adapte ao medicamento, nunca tomei isso antes!

Foi a vez de ele pesquisar o *doutor Google*.

— Duas semanas. — Ele apontou com o celular. — Duas semanas, e já estamos seguros... — Eu respirei fundo, e ele me abraçou. — Tudo bem, se você diz que precisamos de quatro *longas* semanas, então eu espero.

Sorri aliviada por ele ter entendido que eu queria estar

segura. Nossa relação era frágil, nova, tínhamos problemas pessoais para resolver, fora nossa carreira, e engravidar seria desastroso para nós dois.

Falta pouco agora, apenas alguns dias, como eu sou obrigada a lembrar toda vez que vou abrir a minha geladeira e vejo um X vermelho riscando os números no calendário. Ele nunca esqueceu um e, ontem, quando informei que tinha menstruado de novo, Kostas só faltou soltar fogos.

Ele fica tão diferente nesses momentos descontraídos! Em nada se parece com o advogado prepotente que eu o julgava ser.

— Cinco dias! — murmura com a boca ainda na minha, parecendo ler meus pensamentos, com um sorriso enorme aberto.

— Aposto com você que até o Kaká já está sabendo dessa data!

Kostas esfrega a mão enorme, sem nenhuma delicadeza, na cabeça do cachorro.

— Garoto esperto!

Levanto-me e estico o corpo.

— Vou me deitar, estou dolorida dos treinos e sonolenta. — Imediatamente ele desliga a TV e pega seu prato – com umas migalhas do sanduíche. — Não precisa vir se deitar também, pode continuar...

— Sem chance de você adormecer naquela cama sem mim!

— Ele me abraça por trás e me arrasta para dentro do quarto. — Não vai liberar mesmo a área em manutenção para eu usar um pouco?

Rio e nego.

— Nem pensar! — Faço cara de nojo, e ele gargalha.

— Eu adoraria comer sua boceta de qualquer jeito, não tenho essas frescuras que você tem, e dizem que nessa época não corremos o risco de...

— Não! — Ele suspira, mas concorda. — Isso não quer dizer que você vai ficar à mingua... — Kostas volta a se animar – sei disso por causa do seu pau grosso cutucando minhas costas – e beija meu pescoço. — Não demora muito no banheiro, senão vou...

Nem termino de falar, e ele já corre para escovar os dentes.

Sorrio, satisfeita, sentindo tudo se iluminar à minha volta.

— Boa tarde! — cumprimento minhas colegas de trabalho e me sento com elas à mesa para almoçar. — O clima na empresa ainda continua pesado depois que Theodoros foi afastado da diretoria executiva. Uma injustiça!

— Concordo plenamente! — Rosi aponta disfarçadamente

para um homem que não conheço. — Auditoria em todos os setores! Além da que já passamos normalmente todo ano, agora tem mais essa para apurar outras possíveis irregularidades da gestão do Theo.

— Absurdo! — Lene balança a cabeça, lamentosa, seguida por Carol e Vivian, que suspiram.

— Dizem que foi o irmão quem o denunciou — Lorena, uma das funcionárias do administrativo que de vez em quando almoça conosco, segreda baixinho. — O Bostas! Ouvi dizer que ele contratou um detetive e descobriu o envolvimento do doutor Theodoros com a tal Duda Hill.

Olho para ela assustada com a informação.

— Ah, mas isso é boato... — Rosi tenta mudar de assunto. — A comida melhorou muito desde que mudaram a empresa contratada para...

— Por que ele faria isso? Todo mundo já sabe que Theo e Duda tiveram um relacionamento, afinal, Tessa existe!

Lorena se aproxima mais de mim a fim de falar baixo:

— Isso foi antes de a menina ficar doente. Ele fez isso pra foder com o irmão mesmo!

Sinto o coração gelar somente com a possibilidade de que, mesmo vendo Theodoros passar por tudo o que está passando com a filha, Kostas tenha tido coragem de puxar seu tapete desse jeito.

Minha garganta se aperta, e eu perco totalmente o apetite.

— Com licença!

Afasto-me da mesa, indo para as escadas, descendo correndo para poder chegar ao nosso andar e tirar essa história a limpo. Encontro-o em sua própria sala, conversando ao telefone com alguém. Espero que termine. Ele abre um sorriso, olha em volta para confirmar que estão todos ocupados e tenta me beijar rapidamente, mas desvio o rosto.

— Foi você quem denunciou o relacionamento de Theodoros e Duda Hill para o Conselho?

Ele bufa.

— Fui eu, mas apenas adiantei o inevitável, pois, depois de Tessa...

— Como você pôde fazer isso?! — Sinto-me estupefata com sua frieza. — Eles estão passando por um momento delicadíssimo com a menina, que você nem ao menos foi visitar até hoje e...

— Não se meta nesse assunto, Wilka! — ele diz com voz baixa e rouca, como sempre fala quando seu limite foi extrapolado.

Eu já o vi gritar e socar a mesa algumas vezes, mas não comigo. Pode ser que, no passado, em algum momento, ele tenha levantado a voz para mim. No entanto, desde que começamos a dormir juntos, ele se contém, mesmo furioso.

Eu disse a ele, assim que percebi isso, que era um alívio enorme, pois apenas por ser como é – muito mais alto e bem mais forte que eu – já causava uma certa disparidade entre nós. Imagina se, além de tudo, ele ainda vociferasse comigo? Eu me sentiria, sim, acuada, amedrontada e agredida por ele.

— Nunca quero te causar medo ou que se sinta ameaçada e agredida por mim — respondeu na época em que conversamos sobre isso.

Agora, mesmo não levantando a voz ou demonstrando seu furor, sinto-me ameaçada por sua frieza e total falta de sentimentos fraternos. Todos se empenharam em ajudar e apoiar Theodoros, inclusive nós, meros funcionários. Não Kostas! Ele só fez o exame de sangue – que foi incompatível entre Tessa e ele –, e, quando saiu o resulto positivo e começaram os procedimentos para que sua sobrinha fosse transplantada, ele sequer tocou no assunto e nem mesmo foi ver ou perguntou dela.

Eu fico muito confusa sobre esse homem com quem estou e por quem me apaixonei. Kostas sabe ser sedutor, galante, engraçado e até – por que não, já que foi comigo ao asilo e ao hospital para ajudar? – altruísta. Todavia, quando a coisa é relacionada à sua própria família, não há nenhum calor humano ou misericórdia dentro dele.

— Eu não entendo, Kostas! O que você quer afinal? Por que o odeia tanto?

Ele desliga o computador e se levanta.

— Não quero conversar com você sobre isso. Se afaste desse assunto, não cabe a você!

Sinto a ferida que sua fala me causa instantaneamente. Eu já o vejo como parte da minha vida e pensei que eu estivesse me tornando da dele, mas, pelo que acabei de ouvir, isso não é verdadeiro.

— Está certo, não vou me meter. Contudo, quero dar minha opinião! — Ele para de recolher suas coisas sobre a mesa e me encara. — É vil, desumano fazer um pai que acabou de encontrar sua filha e que a acompanha em um tratamento médico, com risco de perdê-la sem ao menos ter estado com ela, comparecer a reuniões, ser auditado e receber mais uma preocupação à sua vida.

Seus olhos brilham de um jeito diferente, e, então, ele cruza os braços.

— Vejo que Theodoros tem uma defensora e fã.

Rolo os olhos, mas não nego.

— Theodoros é o melhor chefe com quem já trabalhei! Se há alguém aqui dentro que nasceu para estar à frente desta empresa, é ele!

Konstantinos desvia os olhos, assente e sai da sala sem falar nada. Fico muito tempo olhando para a porta fechada, tentando entender o que acabou de acontecer.

Por que Konstantinos odeia tanto o Theo?

42

Kostas

Mereço ser feliz?, é o que me perguntava todos os dias em que me sentia o mais filho da puta dos felizes dessa Terra. Wilka foi o melhor presente que a vida me deu, e tê-la é como se eu estivesse, enfim, tendo a oportunidade de realizar os sonhos que já nem tenho mais.

Não, não tenho mais os sonhos, porque eles se transformaram!

Não há mais o menino que sonhava em ter a mãe por perto ou a atenção do pai; não existe mais o garoto cujo avô fingia

ignorar a existência, deixando meses e meses dentro de um internato sem ao menos um telefonema; não há o iludido que achou que tinha ganhado uma família, mas nem poderia imaginar que tinha chegado ao inferno!

Eu não sou mais esse menino, não tenho mais os anseios que ele tinha, por isso Wilka é a realização de sonhos de alguém que não existe mais, e isso é impressionante. Se eu pudesse, durante a adolescência, ter pensado em encontrar alguém para amar, com certeza seria como ela.

Ela é um tanto doida – falando com o cachorro como se fosse gente –, cheia de manias com organização, limpeza e *posts-it* (juro que uma vez vi um pregado em sua pasta de dentes! Ela nega, mas eu juro que vi!). Enlouqueceu-me no mesmo nível que me fez feliz durante essas semanas que passamos juntos. Contudo, eu nunca me senti tão completo!

É isso! Acho que ela não é a realização de um sonho, mesmo porque, como explanei antes, o dono das fantasias já não existia mais. Wilka me completa, ela conserta parte dos danos que foram causados há tanto tempo. Sempre achei que não haveria mais como me sentir inteiro de novo.

Estar com ela durante esse tempo tem me ensinado muitas coisas. Acompanhei-a algumas vezes até os locais onde faz seu trabalho social – às vezes só dava carona, auxiliando-a a levar mantimentos, livros e material para artesanato. Tomei um susto

quando a vi aparecer fantasiada de palhaça, com vestido rodado e colorido e usando uma peruca de cabelos longos e rosa, penteada com marias-chiquinhas.

— Se eu ouvir uma só palavra de deboche, faço greve! — ela ameaçou ao passar por mim, notando minha cara de assombro e a vontade que eu – muito bravamente, confesso – tive de gargalhar. — Hoje tem evento na ala pediátrica do hospital onde sou voluntária.

Eu estava sentado na poltrona que ela tem no quarto, lendo calmamente um livro, quando ela saiu do banheiro fantasiada desse jeito. Estava maquiada ao estilo boneca, o rosto mais branco, a boca reduzida a um coração vermelho e muito brilho por todo lado.

Ela estava inocente, engraçada e linda!

Nesse dia eu não apenas a levei, como também a acompanhei e lhe assisti, junto aos outros voluntários, a fazer as crianças rirem e esquecerem dos problemas.

Talvez, digo só talvez, porque ainda não entendo o que me deu, tenha sido por ter ido até aquele local com ela que eu fui parar no hospital onde a filha do Theo estava internada. Estacionei e fiquei muito tempo dentro do veículo, sem coragem de subir ou mesmo de perguntar sobre a menina para algum funcionário.

Tudo o que eu sei sobre a Tessa chegou até mim por alto,

apenas por ouvir uma conversa aqui e outra acolá, porque ninguém conversa sobre ela comigo, e eu também não pergunto sobre sua saúde e seu progresso.

Soube, com alívio, que conseguiram um doador, mas não pude ao menos demonstrar que isso me deixou contente, pois a bomba das denúncias que fiz contra Theodoros ao Conselho explodiu logo em seguida.

Não houve consideração com o momento que ele estava passado, não existe isso dentro de uma empresa do tamanho da nossa. Tempo é dinheiro, e nem mesmo a vida de uma criança faria os sócios perderem seus queridos dividendos. Theodoros foi chamado para algumas reuniões. Millos tentou de tudo para adiar qualquer decisão do Conselho sobre ele, mas eu já havia colocado pressão demais – como eu ia adivinhar que ele tinha uma filha e que a menina estaria doente bem no meio dessa confusão? Eles não recuaram e afastaram Theodoros do cargo, colocando – interinamente – Millos em seu lugar.

Vocês entendem o motivo pelo qual eu me sinto tão incomodado por ter ido ao hospital? Eu parecia um hipócrita ali, a todo momento me lembrando de tudo o que passamos por causa dos erros do Theodoros, justificando as decisões que tomei contra ele – coisa de que não me arrependo – e, ao mesmo tempo, louco para subir e conhecer a menina que todos dizem ser uma cópia da Kyra e da *giagiá*.

Eu estava paralisado ali, não queria subir e me encontrar com Theodoros e Duda Hill, mas também não conseguia ir embora; algo me puxava como um ímã.

"Eu estou em frente ao hospital onde a filha de Theodoros está internada. Não sei para que vim, não deveria ter vindo, mas não consigo ir embora."

Enviei a mensagem para o Millos e logo em seguida recebi a resposta.

"Sobe! Estou aqui também, vem conhecê-la."

Meu coração disparou, a boca secou. Eu olhava para o enorme prédio, louco para adentrar aquelas portas, mas não saía do lugar.

"Não posso! Eu não deveria estar aqui. Ninguém daí me quer junto nesse momento, e eu os entendo."

"Besteira! Esse é o momento de todos ficarem juntos, você não acha? É hora de

superar!"

Balancei a cabeça negativamente. Eu sentia muito pela menina, lamentava o momento em que a cabeça de Theodoros ficara a prêmio na empresa ter coincidido com a doença de sua filha, mas não estava ali para fingir que nada acontecera e perdoar o meu irmão.

Nem poderia, não é? Theo sequer nos pediu perdão ou mesmo tentou conversar conosco esses anos todos!

"Não posso deixar para trás o que ele nos causou, Millos. Não foi por isso que vim. Eu só queria conhecer a menina."

Ele leu a mensagem, mas não respondeu. Olhei para a sacola de papel no banco do carona e respirei fundo, culpando Wilka e seu trabalho voluntário no domingo por me amolecerem.

"Sobe! Duda e Theo foram almoçar, eu estou com a Tessa e disse a ela que um amigo meu está vindo conhecê-la."

Xinguei o Millos dentro do carro, segurei no volante, liguei o motor, desliguei-o, deitei a cabeça sobre a direção, mas, quando dei por mim, já estava na recepção, recebendo meu crachá de visitante e entrando no elevador com a maldita sacola na mão.

Bati à porta do quarto dela, e Millos me atendeu.

— Olá! — cumprimentou-me e já foi me entregando uma roupa de hospital. — A enfermeira vai te ajudar e te passar todos os cuidados. Tessa está mais suscetível por causa da quimioterapia, então sua visita vai ser muito rápida, só um oi.

Fui equipado com roupa esterilizada por cima da minha, touca, máscara, luvas e até protetor nos sapatos. A enfermeira pegou a sacola da minha mão, olhou o conteúdo e o embalou para que Tessa o recebesse sem correr riscos.

Saí do quarto contíguo e entrei na área isolada por uma parede de vidro, onde uma garotinha estava deitada, também usando máscara, no leito do hospital.

— Tessa, esse aqui é o amigo que disse que vinha te ver.

A menina olhou para mim, e o impacto de seus olhos verdes nos meus foi como a explosão de uma bomba atômica. Senti-me sendo puxado para fora de lá, flutuando pelos ares, rebobinando minha vida como se fosse um filme.

Lá estava eu de novo, chorando de cabeça baixa, soluçando por toda sujeira que me envolvia e, de repente, uma mão tocou

meu rosto, levantou minha cabeça e secou minhas lágrimas.

— *Nós vamos ficar bem...*

Millos tocou meu ombro, e a imagem da pequena Kyra olhando-me com seus enormes olhos verdes cheios de lágrimas se desvaneceu.

— Oi! — Tessa me cumprimentou, e, pelo repuxar de seus olhos, supus que sorria. — Eu sou a Tessa!

— Oi, Tessa — minha voz falhou ao dizer seu nome, e tive que pigarrear para engolir o bolo que se formara na minha garganta quando a vira. — Eu sou amigo do Millos...

— Qual seu nome, *amigo do tio Millos?*

Meu primo riu alto do jeito dela, e percebi que ela não tinha apenas os olhos da Kyra, seu gênio e personalidade também eram parecidos.

— Meu nome é... — respirei fundo e me surpreendi – e ao Millos também, tenho certeza – quando respondi: — Tim.

Tessa sorriu como se gostasse do nome ou se compartilhasse comigo alguma travessura.

— O que você tem aí? — Apontou para a sacola em minha mão. Entreguei-a para a enfermeira e fiquei apenas com o presente que – juro que ainda não entendo o motivo – comprei para ela. — Ah, é um ursinho! — Ela tentou se levantar, mas não conseguiu, então Millos a auxiliou. — Eu posso abrir?

— Ainda não — respondi, e uma sombra cobriu sua

alegria. — Mas poderá muito em breve, e aí ele será seu companheiro em muitas brincadeiras.

— É meu primeiro bichinho desde que vim para cá. — Ela parecia emocionada. — Eu ganhei presentes, foi meu aniversário, mas nenhum bichinho. — Ela abraçou o presente, mesmo envolvido por um saco, e tocou minha mão enluvada. — Obrigada, Tim!

Não consegui responder, tremia, imagens de Tessa se misturando às de Kyra com a mesma idade. A mistura de sentimentos dentro de mim era enorme! Medo, aflição, resistência e proteção, eu revivi todos os momentos ruins que passamos – Alex e eu – na esperança de livrá-la do monstro que tínhamos dentro de casa.

— Vocês têm que sair agora — a enfermeira anunciou, e Millos falou algo para Tessa que lhe arrancou gargalhadas.

Despedi-me dela ainda mudo, apenas acenei, e só voltei a respirar quando estava do lado de fora do quarto.

— Uma menina de 1,20m deixou um gigante no chão! — Millos me sacaneou. — Foi bom saber que algo do Tim ainda está vivo.

Neguei.

— Não está, só não queria que ela dissesse meu nome para a mãe ou para o Theodoros. — Millos sorri, não acreditando na minha desculpa. — Vou descer antes que me vejam.

— Eles te receberiam muito bem. Duda é incrível!

— Não posso ficar.

Afastei-me dele, andando rápido em direção ao elevador e, assim que ele se abriu, tomei meu segundo tombo do dia.

— Kostas! — Kyra se surpreendeu ao me ver. — Que bom que você...

— Não comente com ninguém, eu só queria conhecer a menina — logo a interrompi antes que achasse que, assim como perdoou Theodoros, eu também o tinha feito.

— Tessa é maravilhosa, não é? Eu...

— Ela me lembrou você, *baby girl*. — Ainda não entendo por que usei o apelido pelo qual a chamava quando criança. — Era como se eu a estivesse vendo de novo.

Seus olhos se encheram de lágrimas, e ela olhou para baixo a fim de contê-las.

— Tessa pode parecer comigo fisicamente, mas será muito melhor do que eu quando crescer.

Ouvir isso foi a confirmação de que nós falhamos. Tentamos manter o demônio o mais longe possível dela, mas não conseguimos. Sinto-me culpado por ter saído de casa aos 18 anos e deixado os dois para trás com aquele louco. Eu não podia fazer mais nada, não podia tirá-los dele e, se ficasse, ao invés da faculdade, iria sair de casa direto para a cadeia.

— Você é ótima, Kyra! — elogiei-a, e ela me olhou

surpresa. — Eu gostaria de ter dito isso a você no Natal, mas não pude. — Balancei os ombros. — Você está fazendo um trabalho esplendoroso.

Ela sorriu e inesperadamente se jogou em meus braços. Eu a abracei de volta, o bolo na minha garganta quase me sufocando, o coração batendo forte e os olhos ardendo.

— Nós ficamos bem, Tim! — ouvi-la me chamar desse jeito foi como sentir alguém abrir feridas inflamadas para drenar a infecção. Doeu, doeu demais, porém, eu sabia que, a partir dali, a cura seria possível. — O pesadelo acabou!

Eu queria ter essa mesma certeza, mas não, o meu pesadelo persistia, repetia-se a cada noite, eu me lembrando ou não, mas estava lá, sempre!

Mereço ser feliz?, volto a me perguntar agora, voltando ao presente, depois de ouvir tantas verdades de Kika. Sou vil, cruel e desumano por trazer mais preocupações ao Theodoros. Sou egoísta, soberbo e sem coração por fazer meu irmão mais velho sofrer com a possibilidade de perder o cargo na empresa. Não importa o que ele fez, o que eu passei por causa das consequências de seu erro, nem que ele nunca tenha se dignado a saber de nós e só tenha voltado ao Brasil para assumir aquela maldita empresa!

Nada disso importa, porque eu sou a porra do vilão dessa história!

Saí da sala tão magoado, tão puto por perceber que, embora Wilka e eu tenhamos vivido momentos inesquecíveis, a defesa dela é do meu irmão. Chamem-me de ciumento, egocêntrico que só se preocupa com seu próprio umbigo, e mesmo assim continuarei me sentindo preterido por ela.

Caminho pela Paulista até chegar ao parque onde trocamos nosso primeiro beijo. Estou aqui, de terno completo, parado no meio da ponte, esperando que todos esses sentimentos novos dentro de mim vão embora. Meu estômago está fervendo, a cabeça, estourando, mas a única dor que me incomoda de verdade não é física.

Abro a porta do *home office* ao primeiro toque da campainha e encaro a mulher sorridente e maliciosa, que faz questão de me olhar por inteiro, lamber os lábios de forma provocativa e voltar a me encarar cheia de más-intenções.

— Konstantinos Karamanlis em seu habitat. — A mulher peçonhenta olha tudo em volta. — Confesso que esperava algo melhor!

Viviane entrou em contato comigo no mesmo dia em que Wilka e eu tivemos a discussão sobre Theodoros.

Aparentemente a mulher decidiu aceitar o dinheiro que lhe ofereci em troca das provas contra meu irmão mais velho.

— Só me importa agora vê-lo perder sua posição na empresa — ela disse ao telefone, mas pude sentir seu rancor como se estivesse ao meu lado. — Ele não merece se safar depois de como me tratou ou como tratou a todas as mulheres que se apaixonaram e ele menosprezou.

Confesso que quase bocejei por causa de seu discurso de vilã mal-amada de novela mexicana, mas disse-lhe que, assim que resgatasse a quantia no banco, entraria em contato com ela, e fiz isso ontem à noite, solicitando que viesse ao meu apartamento para que me entregasse os documentos, e eu, o dinheiro.

— Sinto desapontar seu gosto refinado, mas estou ligando uma porra para o que você esperava.

— Uau! — Ela ri. — Grosseiro e gostoso — aproxima-se de mim —, gosto disso!

Desvio-me de sua rota, colocando o balcão da cozinha entre nós.

— Os documentos! — Estendo a mão. — Todas as cópias, como combinamos.

Ela rola os olhos, mas assente.

— Se eu fosse desonesta, não teria ido tão longe como mecenas, não acha?

Gargalho, pois existem mecenas que são verdadeiros pilantras, mas não discuto com ela ou a desiludo sobre me enganar com esse papinho fodido de honestidade.

Pego a sacola de papel onde coloquei o dinheiro que ela pediu, que deixei em cima da minha mesa de trabalho, onde estava até há pouco revisando meu trabalho, e a estendo em sua direção.

— É todo seu!

Viviane retira os maços de dentro da sacola e os confere, nota por nota, então abre um enorme sorriso de satisfação.

— Quando vai encaminhar ao Conselho? Soube que Theodoros levou a botequeira para morar com ele.

Bufo, desejando um caralho me envolver nas fofocas dela.

— O que eu vou ou não fazer com isso não te diz respeito! — Os olhos dela brilham de forma estranha. — Terminamos aqui, então você pode...

— Hum, cheiro maravilhoso de café! Poderia tomar uma xícara? Vim tão apressada que nem pude fazer um desjejum decente — ela me interrompe com um olhar doce e sensual.

Sinto-me me ferver a ponto de deixar o café em ebulição também, mas pego uma xícara, coloco-a na máquina e vejo Viviane perambular pela pequena sala, distraída, olhando a falta de decoração do meu lugar.

Xingo ao sentir o líquido fervendo do café derramar em

minha mão e me dou conta de que peguei uma xícara comum, mas pedi a opção de um café longo. *Porra, ela merece um “ristretto”, no máximo!* Troco de xícara, lavo minha mão na pia e levo o café, enfim, para ela, esperando que o tome depressa e saia do meu apartamento.

Viviane está de costas, levemente inclinada, lendo o título de um livro.

— O caf... porra!

Ela se virou-se tão depressa que esbarrou em mim e todo o líquido fervente veio parar no meu peito, encharcando minha camisa de algodão egípcio branquíssima, que veio da lavanderia ontem.

— Ai, Kostas, mil perdões... — Ela fica visivelmente sem jeito. — Há algo que posso fazer para ajudá-lo? — Ela vai até a cozinha correndo pegar um pano, mas a impeço de me tocar. — Vou me trocar, essa porra está ardendo!

Caralho!

Pego o envelope com as cópias que comprovam o dinheiro no exterior que Theodoros mantém e subo para o mezanino.

— Você consegue achar a saída sem um mapa, não?

Viviane ri.

— Claro que sim!

Ela se abaixa para pegar os pedaços da xícara no chão, e entro para o banheiro do meu quarto. Quando volto, poucos

minutos depois, ela não está mais, e tudo está em seu devido lugar, inclusive a xícara quebrada, que confiro no lixo.

Volto para minha mesa de trabalho e pego o parecer que estava fazendo para a área da Ethernium, corrigindo uma coisa ou outra do texto que imprimi – eu sou desses que só consegue revisar com o texto em mãos –, e então, depois de pronto, envio o tão esperado, cobrado e desejado documento para Wilka Maria.

Suspiro, pensando em como ela está, reconhecendo que sinto sua falta e até a do mijão do Kaká.

43

Kika

A notificação da chegada de um e-mail soa alta nos fones de ouvido que uso enquanto ouço música, deitada no sofá da sala, com Kaká ao meu lado. Em minhas mãos, o último volume da trilogia de suspense de T. F. Gray, meus olhos arregalados para não chorar, porque é sempre assim, todo final desse autor filho da puta, mas que eu adoro, me deixa *estendida na BR.*

Finais felizes? Esquece! Emocionantes, mas nunca imaginem que o romance do enredo vai prosperar, mesmo porque nem é o foco do livro. Ele tem esse jeito especial de

escrever, sinto tanta coisa, são tantos sentimentos contidos em cada palavra, tanta profundidade!

Além disso, ninguém descreve a solidão, angústia e o abandono como ele.

— Ele me entende! — disse isso uma vez ao Kostas enquanto recolhia seus exemplares – em inglês e com dedicatória do próprio autor, para minha inveja –, que estavam jogados pela casa. — Eu sinto tanta verdade no que escreve, nas mazelas da vida, na aflição do suspense. Nada é o que parece quando é uma história dele.

— O pouco que li, achei apelador e piegas. — Kostas deu de ombros.

— Você leu errado, leia de novo! — Apontei para ele com pose de brava. — Além do mais, acho que é uma leitura que combina com você.

Ele parou de ler o jornal e me encarou.

— Por que você acha isso?

Alisei as capas dos livros, abracei-os com força e os coloquei sobre a mesa onde ele tomava café.

— Sua leitura de cabeceira diz muito sobre seu gosto e, acredite, se há algo que eu presto atenção são os livros. Desde a primeira vez que vim aqui, os mesmos títulos estão lá no criado-mudo: *O Retrato de Dorian Gray* e *Frankenstein*.

— *Frankenstein ou o Prometeu Moderno*. — Ele riu. —

Adoro esse título! Sim, gosto de tê-los no meu criado-mudo, são livros clássicos de edições antiquíssimas que trouxe da Inglaterra comigo.

Isso me interessou.

— Edições muito antigas?

— Sim, é um dos primeiros com o nome da Mary Shelley na capa, e o do Oscar Wild, comprei de um colecionar. São as primeiras edições.

Ele pegou os livros, que eu reconheci o quanto eram antigos só de manuseá-los, e ficamos conversando sobre literatura durante boa parte da noite.

— Eu sinto saudades, Kaká — comento com meu cãozinho. — Já tem três dias que ele não vem dormir aqui com a gente.

O york gane baixinho, um lamento canino cheio de saudades.

O fato é que, depois da nossa discussão sobre Theodoros, Kostas ficou mais distante. Ainda estamos juntos na mesma sala, ainda tocamos o mesmo projeto, mas eu o senti distante. Não me arrependo do que disse a ele sobre sua atitude para com o irmão. No entanto, comecei a considerar que talvez eu o tenha julgado rápido demais.

Sempre soube que a Karamanlis era uma família complicada. Nunca vi nenhum dos três irmãos interagindo muito, apenas o doutor Millos, que mantém conversas e uma

relação mais pessoal com todos eles. Claro que já ouvi rumores, principalmente relacionados aos ciúmes de Kostas por Theo ter conseguido a diretoria executiva, mas agora me pergunto: será só isso?

Pego o celular e olho a notificação do e-mail que acabou de chegar, e meu coração dispara ao ler o nome de Kostas. Abro-o, esperando que ele tenha feito contato por esse canal, mas rio de mim mesma ao ver a mensagem fria e profissional, enviando-me finalmente o documento com todas as brechas legais para que o empreendimento da Ethernium possa ser instalado no local que escolhemos, na região metropolitana do estado do Rio de Janeiro.

Leio o documento atentamente, lembrando-me de tê-lo visto trabalhar incessantemente para que ficasse pronto e indiscutível. Os argumentos dele são incríveis e só demonstram o quanto estudou profundamente as legislações de lá e sua inteligência ao deixar prontos argumentos para toda e qualquer indagação do cliente sobre os entraves legais.

Fecho os olhos e respiro fundo, o coração dividido entre a satisfação e a dor por ele ter concluído esse documento.

O telefone volta a notificar, dessa vez uma mensagem, mas não o olho. Eu tenho medo do que vai acontecer agora, porque sei que as coisas irão mudar e que, talvez, eu não esteja pronta para ver isso acontecer. Apaixonar-me por Kostas foi um risco

que corri e que, mesmo sob o forte pressentimento de que vou sofrer, não me arrependo de sentir.

Abro o aplicativo de mensagens, e meu coração dispara ao ver mais uma questão da minha vida se resolvendo, ainda que eu vá pagar por ela durante muito tempo ainda.

“Recebi o documento que faltava. Vou encaminhar amanhã e entro em contato. Depois que fizermos isso, por favor, esqueça a minha existência.”

A mensagem é visualizada, mas não tenho resposta de volta. Nem preciso disso, pedir para me esquecer foi mera formalidade, afinal, eu nunca tive significado algum.

Não almocei na Karamanlis, por isso não consegui falar com Konstantinos. Pela manhã, ele teve mais uma reunião do Conselho Administrativo e, quando saí para terminar o último compromisso que tinha com meu passado – assim espero –, ele ainda não tinha vindo para nossa sala.

Olho para a mesa dele, passo as mãos sobre o teclado do seu computador, sento-me em sua cadeira grande, sentindo

quase como se estivesse sendo abraçada por ele. Consigo sentir o cheiro do perfume dele na sala. Sorrio ao me lembrar de quantas vezes estive em seu colo, ou de pé aqui com a mão dele se esgueirando por baixo das minhas saias, enquanto revisávamos algum relatório.

Assim que cheguei hoje de manhã, já pedi às meninas que organizassem a apresentação ao cliente, e ao Leo para montar todo o dossiê para a reunião, com informações, valores e as condições que negociamos com o governo local.

Alexios confirmou, por e-mail, que sua equipe de engenheiros ambientais, biólogos e gestores estava pronta para começar a montar os estudos e a dar entrada no licenciamento assim que o cliente aceitasse a área. O trabalho está bem-feito, finalizado, mas...

Respiro fundo para não pensar em nada pessimista, não é bom. Tudo vai continuar dando certo, mesmo com a pressão que estou sofrendo. Eu tenho que acreditar que nada disso irá influenciar no meu trabalho.

Tudo vai dar certo!

Repito essa frase constantemente conforme vou abrindo todos os e-mails que chegaram durante minha ausência na sala. Olho para minha bolsa e sinto um arrepio de medo transpassar minha coluna. Nunca fiz uma loucura dessas antes, sinto como se o objeto pudesse estourar como uma bomba atômica a

qualquer momento.

Se concentre, Kika, você já fez, não tem como voltar atrás!

Volto a prestar atenção ao computador, mas o barulho da porta se abrindo atrai meus olhos, e contenho a respiração esperando ver Konstantinos, mas é Millos quem aparece.

— Oi! — cumprimenta-me. — Achei que Kostas estivesse por aqui.

Sorrio e lhe ofereço um café, mas ele nega.

— Vim só dar a notícia sobre o transplante de Tessa.

Levanto-me da cadeira e sigo até ele com o coração disparado.

— Como foi?

— Bem, deu tudo certo, as duas passam bem. — Ele sorri. — Queria avisar meu primo, pois sei que ele é orgulhoso demais para pedir notícias...

— Por quê, Millos? — questiono por impulso. — Você sabe que estamos juntos, não sabe? — Ele assente. — Eu não consigo entender por que ele agiu daquela forma com o doutor Theodoros. — Suspiro e resolvo me abrir com ele, pois confio em Millos. — Nós brigamos por isso, eu disse coisas pesadas para ele, mas depois pensei que eu realmente não sei o motivo dele para ser assim.

Millos põe as mãos nos bolsos.

— Kika, eu nunca revelaria algo que não é meu. —

Concordo com ele e peço desculpas, mas Millos balança a cabeça como se não fossem necessárias. — Mas posso dar minha impressão sobre meu primo. Ele se fechou há muitos anos, e, pela primeira vez, vi uma abertura se mostrar e foi por sua causa. — Meus olhos se enchem de lágrimas, e ele toca meu ombro de leve. — Acho que você é tudo o que ele precisa para voltar a sentir esperança, afeto e amor.

— Eu não sei se ele me vê...

Millos ri e me interrompe:

— Você é como um facho de luz, e ele ficou anos no escuro. Então é normal incomodar, arder, doer e desnortear, mas, depois que ele se acostumar, vai revelar tudo o que ele já nem lembrava mais que existia, ou que nunca existiu, e trazê-lo de volta à vida. — Ele olha dentro dos meus olhos. — Você o está trazendo de volta à vida. Não desista dele!

Essas palavras calam fundo dentro de mim, principalmente por causa da metáfora que ele usou para nos ilustrar. Eu sei o que é ficar no escuro, conheço a sensação de desesperança e de falta de amor, de não pertencer a lugar algum, a solidão.

— Diga a ele que o procedimento de Tessa foi um sucesso e que ela não largou o ursinho nem por um dia sequer.

Franzo a testa.

— Que ursinho?

Millos dá de ombros e se despede.

Homem misterioso da porra! Sorrio ao pensar no quanto eu o acho especial. Millos tem um comportamento estranho, pois, apesar de sua fala mansa, seu jeito calmo e polido, seus olhos mostram outra coisa. *Tempestade!* Os olhos verdes dele são tempestuosos, agitados, totalmente o oposto do que ele demonstra.

Já percebi que os Karamanlis são assim, todos contraditórios ao extremo!

Alexios é um gênio, inteligentíssimo, generoso, consciente, mas, de vez em quando, estampa revistas parecendo ser um playboy, participando de suas corridas de StockCar ou de moto, desfilando com uma mulher diferente a cada evento ou pilotando sua lancha no Guarujá, cheia de celebridades dentro.

Theodoros parecia frio, ótimo gestor, mas um tanto cheio de pose, obrigava-nos a ouvir uma música nas festas que a maioria nem sabia o que era, não se misturava com ninguém e tinha obsessão por aquele bar na Vila Madalena. Agora o homem se revelou superapaixonado e romântico, um pai dedicado, disposto a renunciar a tudo por sua filha, e isso surpreendeu a todos.

O jeito de Millos me incomoda às vezes, parece ser calculado demais, sinto-o se podando, medindo o que e como falar as coisas. Não que seja falso, mas me passa a impressão de que se contém, se esconde.

Já Konstantinos... quem poderia supor que eu iria me apaixonar por ele?

— Tudo bem? — Pulo e me viro na direção da porta, vendo-o parado atrás de mim. — Entrei, e você continuou parada aí no meio da sala.

— Estava pensando em vocês. — Ele ergue a sobrancelha. — Em você e seus irmãos e até no Millos. O que houve para que se tornassem tão distantes, tão...

— Não quero falar sobre isso! — Kostas passa por mim, recolhe umas pastas em sua mesa e respira fundo. — Não há nada no meu passado que a ajude a encontrar o homem que você quer que eu seja. Eu sou assim — ele abre os braços —, querendo ou não, eu sou.

Ele caminha para a saída, então me lembro do aviso do Millos.

— O transplante de Tessa foi um sucesso. Ela e sua irmã estão se recuperando bem. — Vejo-o respirar fundo. — Millos disse que ela não soltou o urso nem por um minuto. — Ponho a mão nas suas costas. — Você mandou um presente a ela?

Ele nega.

— Eu fui vê-la.

Sou tomada pela surpresa, mas, antes que eu possa dizer algo, ele sai da sala, batendo a porta. Ando de um lado para o outro, inquieta por causa do que ele acabou de me confessar,

questionando quando ele foi – se antes ou depois da nossa discussão – e por que não me disse nada.

Paro, olho a porta fechada mais uma vez e me lembro de todas as vezes que isso aconteceu, que ele simplesmente me deixou para trás e bateu a porta desta sala como se fechasse a da sua vida.

Não mais!

Pego minha bolsa e decido que não vou mais lhe assistir sair desse jeito, sem conversarmos, sem eu entender o que está acontecendo, sem dizer a ele o que eu sinto e demonstrar que o aceito como é, mesmo que desconfie que nem mesmo ele saiba quem é o verdadeiro Konstantinos Karamanlis.

Kika

— Quando nós vamos ter a confirmação de que ela está curada? — pergunto ao Millos por telefone, já no meu apartamento.

— Ainda é cedo, eles precisam acompanhar para que não haja rejeição e a nova medula se forme e funcione corretamente. Tessa ainda vai passar algum tempo em recuperação.

A imagem da menina linda, sorridente e doce vem nitidamente às minhas lembranças, principalmente a de quando ela abraçou o presente que lhe dei, mesmo todo embrulhado em

plástico.

— Por que você falou do urso para a Wilka? — questiono Millos.

— Não sabia que você não lhe tinha dito — meu primo responde, seu tom neutro, nenhuma tremida na voz, porém, sei quando ele está mexendo seus pauzinhos, e foi essa a intenção dele, manipular a todos. — Eu gosto dela, Kostas.

Fecho e abro as mãos, invadido por ciúmes, pensando em como e por que meu primo gosta de Wilka. Rio de mim mesmo, do modo como sou possessivo em relação a tudo que diz respeito a ela, e a razão volta. Millos não dá ponto sem nó, ele não diria algo assim, não se exporia à toa.

— O que você pretende com isso, Millos? — a pergunta direta será claramente entendida, afinal, ele não é nenhum pouco burro ou ingênuo.

— Que você seja feliz e que não estrague tudo sendo o babaca que sempre é quando se sente acuado.

Tenho um sobressalto com a resposta, pois não esperava tanta objetividade de meu primo. Achei que ele iria florear algo, usar alguma metáfora, ou mesmo fazer piadinhas, mas não, o filho da puta enfiou o dedo bem dentro da ferida.

Respiro fundo e me sento na poltrona, sentindo meu corpo cansado de sustentar toda a armadura que tenho usado durante todos esses dias longe dela para me manter de pé. Eu sinto muita

falta do que estávamos construindo juntos, sinto falta dela e até mesmo do cachorro grudento e mijão.

— Eu não sou o homem que ela quer e não sei se um dia conseguirei ser.

— Bobagem! Você sabe que eu faço pesquisas sobre nossos funcionários mais graduados e que cavamos fundo para não correr o risco de acontecer o que houve com aquele diretor psicopata que trabalhou com os Villazzas. — Concordo com ele. — Wilka é incrível, Kostas. Ela é dedicada, tem um senso de responsabilidade social e um amor ao próximo que nunca vi antes — a voz de Millos demonstra toda a admiração que sente, e eu o entendo, porque, mesmo não me importando com nenhuma dessas coisas a vida toda, acompanhá-la a seus trabalhos voluntários me encheu de orgulho dela. — É positiva, alegre, empática... enfim, tudo o que você não é!

Eu gargalho por sua opinião crua sobre mim, mesmo que concorde.

— Exatamente, esse é o ponto. Somos diferentes demais!

— São, sim, mas vejo isso como algo bom. — Ouço um barulho ao fundo da ligação que reconheço como o som do elevador de carga que ele mantém naquele galpão que chama de casa. — Vejo-o amanhã na empresa. Qualquer outra notícia sobre Tessa, eu entro em contato.

— Certo, obrigado.

Desligo, mas as palavras dele sobre Wilka e mim não saem da minha cabeça. Sim, eu sinto essas diferenças entre nós repercutirem positivamente em mim. Sinto-me feliz perto dela, muitas emoções, que eu nem lembrava que existiam, estão presentes quando ela está próxima, e sentimentos novos parecem crescer apenas por pensar nela.

Fico melhor com Wilka ao meu lado, isso é inegável, mas ainda sou eu. Ainda sou o mesmo homem que guarda tanto rancor e que não consegue deixar isso de lado nem em um momento difícil. Ainda sou aquele que quer ver Theodoros longe da empresa, longe de mim. A grande diferença é que me sinto mal por ser assim, pois isso a decepciona, coloca aquele brilho triste em seus olhos, tira um pouco da luminosidade deles.

Não sei ser diferente! Sou grosso, irritado, soberbo, toco o foda-se para a opinião alheia, mas a dela... a dela me destrói.

Estou destruído desde nossa última discussão sobre Theodoros. Entendo seu ponto de vista e a acho admirável por defender o que acha certo, mas isso não diminui o que senti sendo preterido por ela. Isso não atenua a dor que me causou saber que ela me enxerga como todos, mesmo que seja a única que já teve a chance de ver um pouco sob o meu verniz.

Fui julgado sem poder apresentar meus motivos – parte por minha culpa, afinal nunca disse, e nem pretendo dizer, a causa de toda minha revolta com Theodoros – e condenado por me

sentir injustiçado, magoado – olho para o livro que estava folheando ontem – e abandonado.

O cheiro da fumaça de cigarros está forte, afinal, fumei nesses poucos dias tudo o que tinha economizado durante as semanas que passei no apartamento dela. Meu estoque de bourbon baixou consideravelmente, tanto que abri garrafas que ganhei de outros empresários ou velhos colegas de faculdade.

Três noites infernais dentro deste apartamento, sem conseguir dormir, trabalhando como um louco. A única vantagem foi que consegui adiantar um prazo que tinha e ao qual já estavam me cobrando notícias, colocar em dia alguns contatos obrigatórios que tenho que manter, porém, ainda assim, não consegui deixar de me lembrar dela em cada um desses momentos.

As provas que comprei de Viviane, que podem sujar a reputação de Theodoros a ponto de ele perder o cargo de vez, continuam no meu cofre. Não tive coragem ainda de usá-las, não depois de tudo o que Wilka me disse. A verdade é que estou em guerra comigo mesmo e não sei o que fazer.

Wilka se infiltrou na minha vida, nas minhas entranhas, é difícil fazer qualquer coisa – desde a mais simples até a mais complicada – sem que seu rosto, perfume, risada e gemidos venham até mim.

Abro o arquivo no qual venho trabalhando há quase um

ano, mas que parece nunca ficar pronto. Sempre fui devagar nisso, gosto de ser assim, pois me permite amadurecer muito mais as ideias, mas preciso admitir que, dessa vez, estou ainda mais lento e já estou recebendo cobranças por causa disso.

O interfone toca, e bufo de raiva, arrastando-me até o aparelho para saber o que meu porteiro quer.

— Oi!

— Boa noite, doutor, chegou uma visita...

— Não estou esperando ninguém! — corto-o, pronto para desligar.

— O nome dela é Wilka e está insistindo para...

Nem processo o resto da fala dele, estupefato por ela estar aqui no prédio. Meu coração dispara igual a um corredor dos 100m rasos em disputa com o Bolt. Começo a tremer e me engasgo antes de responder:

— Deixe-a subir.

Minhas mãos suam. Dou uma olhada na zona que está o *home office* e já imagino a cara de espanto dela. Lembro-me do cheiro do maldito cigarro e corro até o lavabo para buscar um desodorizador, além de jogar no lixo as cinzas e guimbas que estão nos cinzeiros espalhados pela sala.

A campainha toca quando estou lavando as mãos, então, só então, dou-me conta de que estou usando apenas cueca.

Porra!

Fico indeciso entre pedir a ela que espere enquanto me visto ou apenas ir até a porta e deixá-la entrar; já me viu pelado – até já enfiou a língua no meu rabo! –, não é uma cueca boxer que vai ofender sua virtude.

Respiro fundo, dando-me esporro por estar sendo tão melindroso com uma visita que nem sei para que é – espero que não seja para me dar um pé na bunda definitivo, embora seja uma opção sensata – e abro a porta.

— Oi! — Ela sorri e descaradamente me olha de cima a baixo. — Hum, espero que ainda não tenha comido nada.

Franzo a testa, sem entender, e ela ergue duas sacolas de comida japonesa. Vou confessar que sinto alívio, pois, pelo olhar e a frase dita depois, pensei que ela estava perguntando sobre eu ter comido/estar comendo *alguém*!

Wilka percebe que continuo mudo, parado na entrada, e seu sorriso morre. Ela olha para os lados, depois abaixa as sacolas e sorri sem graça.

— Talvez não tenha sido uma boa ideia ter vindo aqui sem...

Não a deixo terminar de falar, puxo-a para meus braços e encosto minha boca na sua. Não há possibilidade de vê-la tão perto, de sentir a luz que emana dela e se choca contra minha escuridão sem querer absorvê-la toda, consumi-la, fazer com que sejamos um só.

Sinto o gosto do bourbon se misturar ao de alguma bebida doce que ela tomou, a maciez dos seus lábios contrasta com a ferocidade com que corresponde ao meu ímpeto de tê-la toda em mim. Nosso toque é delicado e, ao mesmo tempo, desesperado.

As sacolas de comida devem estar no chão, junto à sua bolsa, pois suas mãos apertam meus braços, mantendo-me colado a ela como se houvesse alguma possibilidade de eu me afastar. Não há! Nem física, nem emocionalmente. Ela é minha, e eu sou dela!

Meu corpo se aquece com o beijo, meu pau pulsa a cada vez que sua língua se esfrega na minha, sinto tudo mais intenso, como se estivesse sob o efeito de alguma droga que potencializa as sensações. Mas não, é ela! Somente ela me causa tudo isso.

Ergo-a, e ela passa as pernas em volta do meu corpo, encaixando-se nos meus quadris. O desespero de estar dentro dela é enorme, e preciso de todo autocontrole que tenho para não dar vazão a ele. Quero estar com ela, pertencer ao seu corpo, receber seus carinhos, seus abraços, sorrisos e absorver sua luz. Preciso disso!

O sexo com Wilka é mais do que um ato de penetração, é uma experiência religiosa, um encontro com algo que busquei a vida toda: um lar. Sinto-me em casa dentro dela, poderia morrer nos momentos em que estamos juntos, que iria satisfeito por ter realizado o sonho de pertencer a algum lugar, a alguém.

Ela se afasta, sem fôlego, sorrindo, descabelada e linda e esfrega seu nariz no meu. Fecho os olhos, impactado pela força desse carinho, e meu coração chega a doer ao receber o afeto.

— Senti sua falta. *Sua* falta! — ela começa, ainda no meu colo e com nós dois à porta do apartamento. — Eu vejo você, Konstantinos, sempre vi. Lembro de cada motivo que tive para te xingar e desafiar, não ache que me esqueci. — Assinto, e ela sorri ainda mais, seus olhos brilhando. — Mais acabei descobrindo outros motivos para te admirar e amar você.

Paro de respirar. Meu corpo inteiro está paralisado neste momento, na verdade. Não sei se eu ouvi direito ou se significa o que acho que significa, contudo, sinto como se um raio tivesse acabado de atingir minha cabeça neste instante.

Wilka ri dessa expressão embasbacada e desce do meu colo, resgatando as sacolas do chão.

— Vamos ficar a noite toda aqui no corredor? — ela brinca, mas sua voz sai trêmula.

— Você disse que...

— Eu te amo — admite e suspira. — Está surpreso com isso?

Saio da porta, permitindo sua entrada, ainda sem saber o que lhe dizer. Na verdade, não sei como estou fazendo qualquer coisa, pois meu cérebro está bugado, derretido igual a porra de uma gelatina fora da geladeira. Nunca alguém disse essas

palavras para mim, então não me xinguem por não saber como agir ao ouvi-las.

— Por quê?

Wilka dá de ombros, tirando as embalagens com várias peças da culinária japonesa da sacola.

— Por que alguém se apaixona? — questiona-me de volta. — Não há lógica no amor, Kostas, não adianta buscar uma. Essa é a graça de se apaixonar, apenas sentir. — Seus olhos se encontram com os meus. — Eu sinto e queria que você soubesse disso, ainda que não sinta o mesmo.

Encosto-me ao balcão da cozinha, inseguro sobre minhas pernas trêmulas darem conta do meu peso, ainda sem saber o que responder a ela. Minha consciência questiona o tempo todo o motivo pelo qual ela se apaixonou por mim. Eu não tenho nada apaixonante, eu nunca... Respiro fundo, impedindo que a ansiedade e o medo tomem conta de mim, afinal, não sou mais aquele garoto.

— Eu não sou o homem que você merece, Wilka — decido ser sincero. — Aquele Kostas que você conheceu, que te irritava, que era grosseiro e arrogante ainda sou eu!

Ela fica séria, para de mexer na comida, dá a volta ao balcão e fica de frente para mim.

— Eu sei que é. — Sua mão toca meu peito, sobe em direção ao meu pescoço, e ela me abraça forte. — Eu aprendi a

amar você por inteiro. Ainda não conheci tudo, sei que há muito mais escondido, mas isso não muda o que sinto. — Ela deita a cabeça no meu peito. — Eu não espero que você seja o homem que eu mereço, quero apenas que seja o homem que eu amo.

Essa declaração é como a detonação de explosivos dentro de mim, causando a implosão de todas as paredes que eu usava como defesa e que fui construindo ao longo dos anos. Tudo se vai, sinto as palavras dela preenchendo cada canto, cada espaço vazio, iluminando toda a escuridão.

Pego-a no colo, sua risada assustada e feliz enchendo o apartamento que, por muitos anos, foi uma caixa fria de cimento, como eu, aquecendo tudo, como se o sol estivesse brilhando aqui agora.

Ela é o meu sol, minha luz, meu calor. Nomear o que sinto ainda é complicado, não sei como dizer a ela o que sinto, então tudo o que posso fazer é demonstrar a cada toque, cada beijo, cada estocada firme o que estou sentindo.

Subo as escadas do mezanino com ela abraçada a mim, a cabeça no meu ombro, às vezes sinto uma lambida na curva do pescoço, outras vezes seus dentes se cravam de leve no lóbulo da minha orelha.

Coloco-a no chão e começo a abrir sua blusa, botão por botão, sem tirar meus olhos dos seus. Espero que ela consiga ver e sentir tudo o que eu gostaria de colocar em palavras. Talvez

pudesse escrever para ela como me sinto; transferir meus sentimentos para o papel sempre foi fácil. No entanto, espero que dessa vez meu corpo diga a ela as palavras que minha voz não sabe expressar.

Retiro a blusa, deixo o lindo sutiã branco, de renda delicada, transparente, através do qual consigo ver os mamilos. Sua pele está arrepiada; a minha, ferve. Seus olhos se fecham; os meus estão atentos a cada reação dela. As pontas dos meus dedos vão traçando caminhos nos seus ombros, braços e colo, escrevendo sobre ela palavras que julguei nunca exprimir, ou mesmo sentir.

Seus lábios carnudos se abrem de leve. Entre eles passam a respiração e alguns gemidos baixos, quase um ronronar. Busco o fecho da saia, ignorando o estado dolorosamente ereto do meu pau contra o tecido da cueca, esticando-o a tal ponto que parece que irá arrebentar a qualquer momento.

Arrepios descem pela minha coluna, desde a cervical até o cóccix, liberando uma energia que queima meu pau da base à ponta e faz minhas bolas se contraírem.

Não me toco, ela também não. Estou musicalizando o que sinto em cada fibra do corpo dela, explorando cada músculo como se eles fossem as cordas de um contrabaixo, extraindo um som lamentoso, belo e profundo. Espero sinceramente que ela possa ouvir, através dos meus afagos, tudo o que desejo

expressar, tudo o que necessito que ela entenda.

— Você é minha! — é a única sentença que consigo exprimir.

Wilka geme mais alto. Abro a saia, deixo-a cair sobre seus pés, calçados em deliciosos *scarpins* altíssimos cor de pele. Afasto-me para olhá-la, conjunto de lingerie que eu ainda não conhecia, de renda e um outro tecido fininho, furadinho e transparente, com bordados brancos, puros como ela.

Nós nos encaramos. O fogo está ardendo em suas pupilas, a face, corada, os lábios secos sendo hidratados pela língua pequena e vermelha. Fecho os olhos, a sensação dessa mesma língua roçando na cabeça do meu pau, lambendo minha virilha, as bolas, passando perigosamente pelo períneo até chegar às minhas pregas, provocante, desafiadora, retornando ao cume onde concentro meu tesão e depois engolindo meu falo até onde consegue.

Não, ela não está me fazendo um boquete, mas sinto, gravada em mim com ferro em brasa, cada coisa que fizemos juntos ao longo dessas semanas. Outras lembranças, outras mulheres, outros prazeres, nada disso existe mais na memória. É como se toda minha experiência anterior tivesse zerado e meu ponto de partida e chegada se tornasse um só: Wilka.

— Vira — sussurro ainda sem olhá-la.

Aproximo-me. Seu rabo perfeito acerta minhas coxas.

Minhas mãos buscam a frente de seu corpo, os pequenos montes de carne que enchem as minhas palmas, cujos mamilos balançam a cada roçar.

Cheiro sua nuca, as penugens dos cabelos curtos espetando meu nariz, o cheiro delicioso de sua pele – não é o seu perfume –, os pelos arrepiados contra meus lábios.

Solto gemidos quando a sinto rebolar contra meu pau. Invado seu sutiã, descendo as alças, alcançando seus peitos por dentro da peça sem bojo. Nos movemos juntos, como se dançássemos, a ponto de despertar em mim essa vontade, tê-la em meus braços enquanto uma música toca.

Agora, no entanto, não precisamos de som. O único que desejo ouvir é esse que dela ressoa. Prazer, tesão, amor.

Porra, amor!

Começo a beijar suas costas, descendo sobre seu corpo. Abro o fecho do sutiã, mas não o tiro, deixo que caia e fique pendurado em seus braços. Sigo com as carícias, aperto firme sua cintura, mordo o músculo duro de sua lombar e, então, chego à calcinha.

A peça delicada clama para que seja destruída, mas não quero. Dessa vez vou ficar com ela, guardá-la como um troféu, uma lembrança da noite mais foda da minha vida, a noite em que me senti amado e amando pela primeira vez.

Retiro-a devagar, cuidadoso. Percebo o fundo molhado,

sinal de que ela está tão desesperadamente excitada como eu, mas também está degustando dessa demora de toques de mãos, boca e corpos.

Faço-a sair da calcinha, cheiro a lingerie longamente, absorvendo o aroma de seu tesão e depois a coloco em cima da poltrona perto da minha cama. Volto a beijá-la, agora em seus tornozelos lindos, subindo pelo interior das coxas, lambendo e mordendo lá e cá, passando direto pela área de sua boceta encharcada.

Viro-a para mim, tomo sua boca com volúpia, cheio de tesão, sentindo o cheiro pungente de sexo, tesão. Cada terminação nervosa do meu corpo se convulsiona, agitando-me.

Seguro-a pelos cabelos, puxo-os para trás, e sua cabeça se ergue mais, liberando seu pescoço para minha boca. Devoro-a, molho-a, lambuzo-a de saliva dos beijos molhados e intensos.

— Abre as pernas — solicito já com a boca sobre seu seio.

Wilka obedece, e minha mão vai em busca da carne macia, molhada e inchada de seu sexo. Gemo alto ao tatear a umidade, deslizando meus dedos febris e impacientes sobre seus lábios, explorando sua entrada e seu clitóris duro.

— Konstantinos... — geme quando massageio o feixe de sensações que ela tem protegido entre as coxas macias que me conquistaram à primeira vista, desde que vi aquela foto no Fantasy.

Chupo seu mamilo com força, sugando-o como um faminto, apertando-o com os dentes, puxando-o o máximo que consigo, deixando-a no limiar do tesão e dor.

Ela agarra meus cabelos com força, o couro cabeludo arde, e meu pau se contrai na cueca, liberando uma gota a mais de excitação que mela minha cueca já úmida.

Passo para o outro peito, lambendo-o devagar, contornando o mamilo, soprando-o para eriçá-lo ainda mais. Dois dedos agora brincam no charco de sua boceta. Fodo-a profundamente, mexendo os dedos dentro dela, deliciando-me com as texturas, com a sedosidade e a calidez molhada, sentindo o líquido escorrer para a mão.

Mordo o mamilo provocado, afasto-me para olhá-la, seus olhos semicerrados de desejo, os gemidos enlouquecidos escapando de seus lábios enquanto goza na minha mão com os olhos fechados.

— Você é sexy pra caralho! — Retiro a mão de dentro de seu corpo, ofereço o dedo médio para ela chupar, cheio de seu próprio gozo, e ela o ataca como se lambesse meu pau. — Porra!

Puxo a mão e provo meu indicador antes de beijá-la para compartilhar o sabor de sua boceta.

— Ajoelha — mando com a boca colada na dela. — Quero foder sua boca e gozar nela para aliviar a pressão antes de te comer.

Wilka não só faz o que peço, como me leva às alturas em poucos segundos, recebendo meu pau até o limite de sua garganta, encharcando-o com sua saliva, chupando minhas bolas e masturbando-me com força.

O arrepio volta a cruzar minha espinha. A ardência da porra vindo me consome. Pego-a pelos cabelos, seguro meu pau firme na direção de sua boca. Uma, duas, três agitadas nele, e trinco os dentes antes de sentir o mundo todo girando rápido, saindo do eixo, explodindo no vácuo do universo quando meu gozo se derrama e ela o consome como um néctar.

Caio ajoelhado diante dela, abraço-a, ainda tremendo, corpo suado, os olhos ardendo como se estivessem cheios de areia, ao mesmo tempo em que meus cílios estão úmidos. Uma lágrima escorre. Meu peito parece que vai se desfragmentar, os efeitos do orgasmo ainda me deixando sem fôlego e sem palavras.

— Você é minha! — repito o mantra, como se procurasse as palavras certas para expressar o que sinto, mas não conseguisse.

— E você é meu! — ela completa, passando as mãos pelos meus cabelos.

Não sei quanto tempo ficamos assim, no assoalho do quarto, os dois ajoelhados, abraçados, acariciando um o corpo do outro. Deve ter sido um bom tempo, porque só me dou conta

disso quando sinto meu pau ereto novamente e o desejo incontrolável de me afundar e me perder nela.

Não digo nada, nem mesmo faço algum gesto para avisá-la, seguro-a pela cintura apenas, deito-me no chão e a encaixo sobre meu quadril.

— Mas já? — Ela ri e começa a se movimentar, masturbando meu pau com sua boceta ainda úmida.

Eu adoro que ela faça isso! É um dos momentos mais fodas que já tive, essa sensação de estar sendo utilizado para excitá-la sem nem mesmo tocá-la. Wilka é a dona do meu corpo, e ele está à sua disposição para o que lhe aprouver.

Observo seus quadris indo e voltando. A lubrificação dela faz sua boceta deslizar forte sobre mim, arrancando-me gemidos sofridos de antecipação. Aperto as mãos para refrear minha vontade de erguê-la e empalá-la com meu pênis, mas me controlo, esperando pelo gozo safado que sempre vem quando ela me usa como brinquedo sexual.

Lembro-me da vez em que usamos um anel peniano vibratório e de, entre gargalhadas, ela me dizer que eu fui o melhor brinquedo que ela já usou. Senti um tesão da porra ao ouvir isso, porque sei o quanto as mulheres curtem seus vibradores.

— Está gostando? — ela me pergunta já com a fala afetada pelo prazer. — Quero cavalgar em você, quicar sobre seu pau

até desfalecer.

Agarro-a pela cintura.

— Vem!

A cada centímetro afundado dentro dela, solto um gemido rouco. Wilka se ajeita, a fim de não me receber todo em ângulo reto, pois ela alega que pode sentir meu pau sacudir seu útero nessa posição, por isso sempre a deixo no controle.

Apoio as mãos em seus peitos, ela ondula sobre mim, rebolando curto, apenas curtindo a ponta do meu pau se esfregar em suas paredes vaginais.

— Senta! — ordeno, e ela nega, sorriso insolente, e continua rebolando devagar. — Senta, porra!

Wilka gargalha, agora subindo e descendo devagar, mas ainda não do jeito que quero. Puxo-a para mim, seus peitos quase tocam o meu, sua bunda empina gostosa. Dobro os joelhos e começo a estocar dentro dela sem nenhuma piedade.

Ela grita, morde o lábio, aperta meus ombros, e eu a mantenho firme na posição, erguendo e baixando meus quadris para ir cada vez mais fundo e mais rápido.

Seu corpo se retesa de forma linda, o gemido muda, porém, antes de gozar, ela se inclina toda sobre mim, sua face denotando o prazer, os olhos rasos de lágrimas de puro deleite.

— Eu amo você!

Porra!

Nem entendo como, mas me vejo urrando como um bicho, meus gemidos altos e incontidos misturados aos dela, minha porra a inundando toda, sua boceta apertando meu pau de maneira dolorosa e erótica.

Ela desmonta sobre mim, nossos corações agitados, os pulmões lutando para buscar ar, os corpos moídos. Nunca me senti tão vivo!

Eu amo você também!, grito na consciência. Espero que ela possa ouvir mesmo que eu não consiga lhe falar.

45

Kika

Because, maybe, you're gonna be the one that saves me. And after all, you're my wonderwall.[25]

Olho para Wilka, que dorme serena em meus braços, a cabeça apoiada em meu peito, minhas mãos alisando suas costas desde que se deitou ao meu lado, depois de mais sexo amoroso, e balbuciou mais uma vez que me amava.

Não consegui pregar os olhos a noite toda, e o dia já está amanhecendo. Revivi cada momento nosso da noite anterior, cada palavra, cada gesto, cada olhar. Relembro e tomo vários

murros no estômago, analisando minha covardia por não ter dito a ela que sinto o mesmo, bem como o medo que sinto de decepcioná-la.

Não posso e nem devo perdê-la, nunca!

Como diz a música que martela em minha cabeça, tocando em looping como se eu tivesse um maldito *repeat* no cérebro, ela pode ser aquela que me salva, minha protetora.

Abraço-a mais apertado, tenso, com medo das coisas que planejei fazer para destruir Theodoros e de como isso irá repercutir em nossa relação.

A acidez do rancor cultivado todos esses anos, que me impele a continuar e a arranhar ao máximo a reputação do meu irmão mais velho, digladia com a doçura do amor dela, que se instalou dentro de mim e exige que eu aja diferente.

Não posso negar quem sou, disse isso a ela, que me aceitou por inteiro. Contudo, manter minha identidade não requer que eu jogue sujo.

Wilka se move na cama, deita-se de lado, liberando o meu corpo do calor e da proximidade do seu. Olho para meu celular, a consciência me mandando agir, o orgulho e o ressentimento me mandando ficar na cama.

Levanto-me.

Fico parado olhando, com um puta sorriso besta e apaixonado, para a mulher que dorme em minha cama. O *home*

office nunca teve tanto aconchego, nunca cheirou a um lar, mas, com ela aqui, o calor é enorme, e o perfume, maravilhoso.

Ficamos horas conversando na cama, rindo, comemorando os feitos que concluímos nesta semana intensa de trabalho, depois tomamos banho, compartilhamos a comida japonesa, ela resgatou seu kit emergencial dentro da bolsa – ela sempre diz isso quando pega a pequena bolsinha com calcinha extra, escova de dentes, pasta e demaquilante –, fodemos de novo e caímos exaustos na cama.

Em breve irá amanhecer, ela vai acordar iluminando minha vida com seu sorriso, acalentando meu coração com seu amor. Eu sei que realmente não sou o homem que ela merece. No entanto, sou aquele a quem ela escolheu amar, e isso me deixa mais do que disposto a tentar merecer esse sentimento.

Desço para a cozinha, sentindo sede e vontade de pensar um pouco no que devo fazer da minha vida. Pego um copo e o coloco no purificador de água, escolhendo a opção de temperatura gelada, e aguardo o líquido enchê-lo até a boca.

Finalmente tenho a chance que preciso para tirar Theodoros da empresa e de perto de mim para sempre. Os documentos que Viviane me entregou são suficientes para pôr mais fogo na fogueira na qual ele está queimando. Contudo, estou há dias em posse deles e sem saber o que fazer.

Bebo um gole da água, aliviando minha garganta seca,

sento-me em uma das banquetas altas do balcão e vejo a bolsa da Wilka aberta e toda torta, pronta para deixar cair no chão todas as quinquilharias que ela carrega lá dentro.

Confiro as horas no celular, abro o app de mensagens e tomo uma decisão que nunca pensei ter, começando a zerar minha vida.

“Encontre-me às 9h, naquela maldita rua. Vou atender seu pedido, então faça direito o que tem que fazer, porque será sua única oportunidade.”

Saio do app sem nem mesmo esperar uma resposta, olho para o alto, para o mezanino acima de minha cabeça, onde uma mulher pequena e tinhosa dorme. Abro um sorriso por tê-la comigo e ergo sua bolsa antes que tudo caia no chão e Wilka Maria acorde de mau humor por conta da desordem e... paro o pensamento, pois algo me chama atenção inesperadamente. Franzo o cenho e, aproveitando que a bolsa já está aberta, olho com mais cuidado o envelope pardo que parece ter centenas de notas de 100 reais.

Por que ela está andando com todo esse dinheiro na bolsa?, questiono a mim mesmo, sem entender, preocupado com a ideia de que ela esteja envolvida em algum problema.

Rio apenas, por considerar algo assim, afinal, é a Wilka, a pessoa mais terrivelmente sincera que eu já conheci em minha vida.

Fecho a bolsa e a deixo no mesmo local em que estava capenga. Saio para a varanda minúscula da sala. O ar gelado de uma manhã que promete ser quente arrepia meu corpo seminu. Inspiro fundo e vejo os primeiros movimentos da cidade.

Acho que fiquei um bom tempo por aqui, pois me assusto ao ouvir uma batida à porta de vidro e vejo Wilka já arrumada, com bolsa no ombro, sorrindo e fazendo mímica para mim.

Abro a porta.

— Aonde você vai a essa hora? O prédio ainda nem abriu! — Beijo-a em cumprimento. — Bom dia!

— Bom dia! — Ela passa a mão descaradamente pelo meu tórax, mas depois me faz um carinho delicioso no rosto. — Não trouxe roupa, preciso ir para casa, senão vou me atrasar. — Ela desvia os olhos, mas depois sorri. — Tenho um compromisso agora de manhã, mas chego à empresa ainda antes do almoço.

— Eu também tenho compromisso fora da Karamanlis daqui a pouco. — Abraço-a. — Obrigado por ter vindo ontem.

Obrigado por me amar!

Ela me beija rápido, acena e sai correndo do apartamento.

Sinto-me terrivelmente incomodado por estar aqui, neste lugar onde eu jurei não pisar e que, se o fiz depois desse compromisso, foi porque estava bêbado demais para racionar.

Sóbrio como agora, é a primeira vez em que venho aqui.

Olho para o casarão velho e decadente, o sol forte ressaltando ainda mais sua podridão, a fachada já com parte do reboco solto, boa parte das vidraças, protegidas por grades de ferro, já quebrada pela ação de vândalos e, talvez, do tempo. O tapume em volta do prédio impede que ele fique em plena visão dos transeuntes deste bairro tão pobre e violento.

Olho para a janela do sótão, grande e imponente, seus vitrais ainda no lugar, e rio amargamente, pensando na contradição que é o único local preservado desse prédio ser onde eu quis me despedaçar.

Mais uma vez a curiosidade me invade, o desejo de saber se eu fiz a coisa certa há 23 anos. Eu confio que sim, que pior do que estava, não poderia ficar. Preciso me fiar nisso para que eu consiga ficar bem.

O barulho de alguém batendo no vidro do carro me assusta. Olho na direção da calçada e vejo Alexios. Destravo o carro, e meu irmão entra, sua jaqueta de couro aberta, a camisa de uma

banda de rock nacional – alternativa e muito louca – estampada em seu peito e o capacete na mão.

— Você ainda corre? — pergunto inicialmente.

— Sim, mesma coisa, preciso manter alguns hábitos. — Ele sorri como se fizesse piada consigo mesmo. — Por que mudou de ideia?

Wilka! Preciso ser o homem que ela ama!, gostaria de responder isso a ele, mas não o faço.

— Decidi zerar o meu passado. — Alexios se surpreende, e eu aponto para o casarão. — Isso é uma parte dele que eu nunca deixo ir, que mantenho para me lembrar de quem eu sou, de quem me tornei.

Ele assente.

— Você vai o demolir?

— Vou. — Entrego a ele as malditas chaves do meu inferno particular. — Vasculhe tudo, o máximo que você puder, depois me avise para eu ter o prazer de apertar o botão de implosão dessa porra toda.

— Eu vou, mas não hoje, e prometo te ajudar com toda a papelada para pôr esse lugar no chão e explodir tudo o que representa para você e para mim.

Concordo com ele e ponho a mão sobre seu ombro.

— Como você soube de sua mãe?

Alexios olha para frente, mente vagando, olhar perdido.

— Encontrei alguém que ouviu sobre ela e que me deu a dica de que poderia encontrar algo aqui, afinal todos os móveis ainda estão dentro da casa.

— Casa... — debocho da palavra. — Isso nunca será uma casa, é o lobby do inferno, o hall do capeta!

Alexios ri, e eu acabo acompanhando-o, mesmo que pense exatamente assim.

Despeço-me dele e o sigo de carro, voltando para casa para me trocar e trabalhar. Relembro o dinheiro na bolsa de Wilka. Acho estranho, bem como as ligações que ela sempre rejeitava, nervosa. Decido que precisamos conversar e que eu me colocarei à sua disposição para qualquer problema que possa ter.

Chego ao *home office* e começo a subir as escadas para o quarto, mas paro. Olho para trás, para meu armário, onde tenho o cofre escondido, e vou até ele.

Pego o envelope com os extratos e o contrato da conta no exterior de Theodoros, coloco-o na lixeira de inox, banhado com muito álcool, e desativo o *sprinkler* antes de fazê-los desaparecer para sempre.

Assunto encerrado, hora de virar essa página da minha vida!

— Boa tarde! — cumprimento Leonardo, Vivian e Rosi antes de entrar na sala da gerência e encontrá-la vazia. Volto para a outra sala. — Wilka ainda não voltou para a empresa?

— Ah, voltou, sim, mas saiu com o doutor Millos para visitar a filha do Theo no hospital — Rosi informa com um sorriso. — Ela avisou que não vai demorar, foi só levar um presente para a menina.

Agradeço pelo recado e pergunto ao Leonardo como vão as coisas para a reunião com nosso cliente.

— Eles agendaram para a próxima semana, então estamos em ritmo acelerado para deixar todas as informações da área prontas, inclusive com o pessoal do doutor Alexios.

— Wilka repassou o parecer que fiz sobre a área?

— Não, isso vai entrar em meu dossiê, e, como estou ajudando na criação da apresentação junto ao pessoal de TI, ela ainda não me passou.

— Certo, então vou para o jurídico. Caso ela retorne, peça que me encontre lá.

— Pode deixar, doutor!

Saio da área dos *hunters*, mas paro antes de entrar na diretoria jurídica, pois vejo o mensageiro da empresa vindo em minha direção com outro buquê de flores.

— Entrega para quem? — pergunto.

— Para a Kika!

Bufo de raiva e praticamente tomo a porra do buquê das mãos dele.

— Eu fico com isso, pode ir!

O garoto arregala os olhos e sai correndo, balançando os fios de seus fones de ouvido.

Não posso acreditar que o petulante do bombeiro continue no encalço dela, mesmo depois de ter me visto e sabido que eu sou o namorado – sorrio ao incrementar o pensamento –, que sou o homem que ela ama!

Puxo o cartão de novo, mas só há uma mensagem muito estranha, impressa e sem assinatura.

“Nunca pensei que iria gostar de ter cometido um erro!”

A mensagem soa assombrosa, remetendo-me aos corredores escuros, úmidos e putrefatos do meu passado.

Analiso o arranjo, percebo que, diferentemente do ramalhete do bombeiro, as flores não são rosas, mas de outra espécie que não conheço. Procuro uma lixeira grande, sentindo que devo me livrar de tal *presente*, mas, antes que eu faça isso, Eleonora sai da diretoria e me encontra com a porra do buquê na mão.

— Ah, que camélias mais delicadas, doutor! — Ela sorri

maliciosa, como se compartilhasse comigo algum segredo. — Hum, acho que acabei de me ferrar no bolão de novo!

— Que bolão?! — pergunto intrigado, embora puto por estar de conversa com ela no corredor.

Eleonora olha para todos os lados, conferindo que não tem ninguém por perto.

— Já estamos na segunda rodada, e a grana está alta — segreda baixinho. — Está acontecendo desde que o doutor e Kika foram trabalhar juntos. Ninguém acertou na primeira rodada, porque o maior chute de quanto tempo vocês conseguiriam ficar juntos era de apenas um mês! — Ela olha o buquê, mas especificamente o cartão na minha mão com o nome de Wilka em letras garrafais. — As apostas fecharam novamente, e eu tinha apostado em mais duas semanas!

Começo a rir, assustando-a, sem poder acreditar que Wilka Maria e eu agitamos a Karamanlis a ponto de todos os funcionários fazerem um bolão maluco valendo dinheiro!

— Doutora Eleonora! — chamo-a para mais perto. — Façamos o seguinte: quando abrir nova rodada, a senhora vai fazer outra aposta, dessa vez com o dobro de dinheiro que colocou no bolão.

A mulher fica muito interessada.

— E devo apostar em mais quanto tempo?

Respiro fundo e sorrio sexy para a mulher curiosa à minha

frente.

— Para sempre.

Ela não esconde o espanto – que só dobra quando me vê jogar as flores no lixo. Volto até ela e peço:

— Vamos esquecer o buquê, ok? Veio errado da floricultura, Wilka prefere flores vivas, plantadas em terra, e já mandei encomendar. — Pisco. — Por favor, mantenha o segredo, afinal, é um bolão!

Entro na diretoria sentindo um quê de perversidade ao confirmar para ela que Wilka e eu estamos juntos, mas usar de sua ambição pelo dinheiro do tal bolão para mantê-la de boca calada.

Eu sou terrível!

46

Kika

— Faltam três dias, porra! — Soco a mesa e olho de soslaio para Wilka, que não parece nada satisfeita por eu estar falando duro com a equipe dela, mas que, supreendentemente, mantém-se calada. — Lamir, como está o vídeo de apresentação?

O garoto ruivo que trabalha no departamento de TI fica vermelho como a porra de um tomate, e eu sei que a coisa não anda bem.

— O pessoal do georreferenciamento está me devendo um gráfico, então...

— Algum de vocês sabe o que é responsabilidade? — Irrito-me novamente. — A tarefa é sua, faça a porra que for preciso para executá-la dentro do tempo estipulado, porque é o seu nome nela e não o de alguém do georreferenciamento. — Olho para a estagiária dos *hunters*. — Carolina, o material gráfico impresso já chegou?

— Sim, doutor! Eu já estou separando as pastas com cada documento dentro, mas ainda faltam as pranchas virem da K-Eng.

Meu sangue ferve mais uma vez.

— Ligue para o Alexios e o mande pressionar seus engenheiros. — A garota assente e sai correndo para ligar. — Coffee-break, quem está organizando...

A mão de Wilka desliza sobre meu ombro. Eu respiro fundo e fecho os olhos, sentindo meu corpo inteiro responder às suas carícias.

Acho que o que temos vivido juntos pode ser comparado à tal lua de mel com que todo mundo que se casa sonha. Não com relação a viagens, mas no contexto geral, no sentimento, na alegria e, claro, na *fodelância* infinita.

Eu praticamente me mudei para o apartamento dela desde sexta-feira passada. Amanhã fará uma semana que esvaziei meu armário, encaixotei meus livros e despejei tudo lá na Vila Mariana.

Vim dirigindo para a empresa quase todos os dias, usando o serviço VIP do aplicativo de carros no dia que era proibido transitar – por conta do rodízio –, e quase caí para trás ao descobrir que Wilka Maria não era habilitada.

— Eu sempre tive outras prioridades, nunca pensei em ter um carro. — Deu de ombros. — Eu sei dirigir, mas não achei que valesse a pena tirar a carta. Nunca me vi dirigindo pela cidade.

— Mas é necessário, faça isso!

— Talvez; ainda tenho outras prioridades! — Piscou para mim.

Pensei em comprar um carro de presente para ela e, com isso, incentivá-la a entrar na autoescola, mas, conhecendo-a como conheço, se lhe der um presente desse, é capaz de termos um abalo quase sísmico em nosso relacionamento.

Porém, uma coisa não consegui conter, e espero que ela não fique muito puta quando souber que pedi a Samara Schneider, uma arquiteta de interiores, que concebesse o projeto de sua sala de leitura. Tirei muitas fotos, medi escondido o cômodo e tentei passar a ideia que ela me apresentou no dia em que estive lá pela primeira vez.

Será uma surpresa que ficará pronta em 30 dias. Só espero não morrer por isso.

— Doutor, acho que estamos todos cansados, são quase

23h, ninguém consegue resolver nada com a maioria dos setores já fechados — Wilka fala baixo e bem calma, com um sorriso. — Podemos continuar as verificações amanhã, o que acha?

Quero ir para casa e trepar contigo a noite toda!

— Concordo — respondo.

— Ótimo! — ela comemora, mas olha séria para sua equipe em seguida. — Mesmo cansados, por favor, agilizem! Fiquei tão preocupada quanto o doutor Konstantinos com os entraves que vocês estão achando. Esse é o maior projeto da Karamanlis no momento, então empenho é a palavra.

— Pode deixar, Kika! — Leo é o primeiro a se manifestar, depois seguido dos outros *hunters*.

Olho divertido para ela, que faz expressão de desentendida.

— Feiticeira! — sussurro, e ela ri. — Você deve ter algum feitiço que os deixa assim!

— Não, é só jeito de falar, reconhecimento pelo esforço e atenção. Você deveria praticar de vez em quando!

— Pimentinha!

Adoro chamá-la assim quando me provoca no trabalho! Não consigo chamá-la de Kika como todo mundo faz, não, para mim ela é Cabritinha na hora da safadeza, pimentinha quando me provoca no trabalho e Wilka Maria quando estamos na cama, abraçados, carinhosos ou mesmo fazendo coisas rotineiras.

Coisas rotineiras!

Nunca pensei sentir tanto prazer em fazer isso, mas sinto. Fomos ao cinema no final de semana, depois jantamos e voltamos correndo para casa, passamos a noite na safadeza, estreando brinquedos novos que ela comprou, e eu finalmente lhe mostrei os ovos, e ela pôde assistir ao vivo como é gostoso me masturbar com eles.

No domingo de manhã, antes de irmos para a casa de repouso de velhinhas assanhadas, fomos passear em um parque com o Kaká. Tentei ensiná-lo a pegar e trazer a bolinha, mas o cãozinho sofre de algum tipo de transtorno de atenção, pois não podia ver uma borboleta passar que pulava e ia atrás, tentando pegá-la.

Carreguei uma caixa pesada da porra para dentro do asilo e descobri – olha, confesso para vocês, fiquei assombrado – que eram livros eróticos para o clube de leitura. *Livros eróticos, caramba!*

— Já te falei para colocar o preconceito de lado. Elas são velhinhas, mas estão vivas!

— Ô, e bem vivas! — sacaneei e tomei um tapa na nuca – que só foi possível porque estávamos sentados – e meu pau reagiu na hora. — Não me provoca, Cabritinha!

— Só porque você acha que não vai mais — ela esticou e ergueu o dedo indicador lentamente, simulando uma ereção, e senti o mesmo acontecer dentro da minha calça — quando

estiver na idade deles, não significa que eles não possam!

Fiz cara de indignação, cruzei os braços sobre o peito e lancei um desafio:

— Eu duvido que isso irá acontecer, vou trepar contigo até os 90 anos, no mínimo.

Ela sorriu largo, olhos brilhando, entendendo o que eu quis dizer com essa afirmação absurda. Eu consigo me ver velhinho ao lado dela e gosto muito do que vejo.

A semana que passou, embora corrida, foi cheia de acontecimentos marcantes, como a primeira refeição que ela preparou – que foi para o lixo, queimada –, o primeiro surto de ciúmes por Kaká só obedecer aos meus comandos e não mais aos dela – principalmente com relação às calcinhas roubadas – e nossa primeira noite de filmes na Netflix com sua amiga Verinha e o bulldog roncador do Ferdinando, ontem.

— O Carlinhos esteve aqui no prédio no final de semana e perguntou de você e do Kaká — a vizinha disse a Wilka assim que chegou, cheia de baldes de pipoca.

— Quem é Carlinhos? — perguntei, sem nenhum constrangimento por me meter na conversa.

— Um garotinho pequeno que adora meu cãozinho — Wilka respondeu, cortando o assunto.

Mais tarde, porém, consegui descobrir que a tal criança era do bombeiro, divorciado e com um filhinho *lindo e fofo* –

palavras de Verinha, cheia de álcool –, e que ambos já frequentaram muito o apartamento de Wilka.

— Ele não tentou mais nenhuma aproximação? — indaguei assim que a amiga dela foi embora.

— Kostas, ele é meu amigo, e sim, já falei com ele algumas vezes no corredor, no saguão e no elevador. — Crispei as mãos, puto, imaginando-a presa no elevador com o sujeito. — Mas nunca mais veio aqui, está respeitando nosso relacionamento como eu sempre soube que faria.

— Bom! — disse ameaçador, e ela riu, balançando a cabeça, chamando-me de troglodita.

Troglodita?

Brinquei de homem das cavernas com ela a noite inteira, mostrando meu porrete, segurando-a pelos cabelos, devorando-a inteira com a boca a ponto de ela gritar e eu ter de calar sua boca.

— No que você está pensando com esse sorriso sacana na cara? — Wilka interrompe minhas lembranças.

— Gostou do troglodita ontem?

Ela suspira, e eu tenho minha resposta.

— Adoro te ver gozar daquele jeito! — Aproximo-me dela devagar e a esmago contra mim, fazendo-a gemer ao se dar conta do quanto estou duro só de me lembrar da nossa noite. — Queria te fazer gozar aqui — aponto para sua mesa — para

acabar de vez com as lembranças ruins de nossa primeira vez.

Ela parece considerar a ideia, e eu me animo.

— Vamos...

Uma batida à porta nos faz afastar um do outro.

— Posso? — Millos aparece, e eu faço sinal para que entre. — Que bom encontrar vocês dois aqui ainda.

O tom dele me deixa alerta. Por mais que meu primo se faça de *zen*, suas nuances não passam desapercebidas a mim.

— O que houve? — inquiro.

Ele bufa, demonstrando seu nervosismo, anda de um lado para o outro e encara Wilka.

— Perdemos a área da Ethernium.

— O quê?! — grito e vejo Wilka se sentar, estupefata, pálida e trêmula.

Millos dá de ombros, mas suas mãos abrem e fecham.

— Nosso concorrente entrou em contato com o pessoal do governo, solicitaram a mesma área, empreendimento semelhante — ele ri —, a concorrente chinesa da Ethernium.

— Puta que pariu! — Não consigo conceber que isso esteja acontecendo, e a inércia de Wilka me preocupa. — Você está bem? — Ela assente, mas não parece. — Como isso é possível? Nós negociamos e escolhemos pessoalmente essa área, ficamos semanas conversando com eles, eu fiz a porra de um parecer enorme com todas as brechas legais para a implantação de uma

siderúrgica lá!

Millos respira fundo e fecha os olhos.

— Pelo que meu contato no governo disse, alguns documentos que eles apresentaram no projeto são semelhantes aos do nosso — arregalo os olhos — inclusive. — Ele me estende a impressão de uma foto.

Pego a folha, e basta ler dois parágrafos para reconhecer – de forma modificada, claro – os meus argumentos e até minha forma de escrever.

Não!

— O que significa isso?

Millos dá de ombros.

— Alguém vazou nossas informações confidenciais, não só da área que estivemos à caça, como também de detalhes técnicos desenvolvidos dentro da Karamanlis.

— Isso é ridículo! Nossas equipes são totalmente confiáveis!

— Quem teve acesso ao seu parecer? — Millos questiona.

Paro um minuto para pensar e olho para a Wilka, que diz:

— Você, Leo e eu.

— Leonardo só o recebeu ontem, eu mesmo o encaminhei para ele, pois estava preocupado de o documento não constar no dossiê. — Fico sério. — Será que deu tempo de... — a pergunta é tão ridícula que nem a termino, pois não daria tempo de fechar

um negócio assim do dia para a noite.

Wilka se aproxima de mim.

— Como pode ter certeza de que se trata do seu documento? — Ela pega a folha da minha mão, e noto o quanto está tremendo, embora tente disfarçar. — Realmente parece muito, no entanto, há alguns...

Encaro-a, coração disparado, ouvidos zunindo, não querendo ouvir a voz que insiste em sussurrar em meus ouvidos.

— Eu posso reconhecer algo que escrevo mesmo quando alguém tenta maquiar. — Bufo, inconformado com a notícia. — Bom, se não tem como ser o Leo, e com certeza não fui eu...

Ela arregala os olhos e me interrompe:

— Você acha que fui eu?

Millos pigarreia.

— Gente, não vamos começar...

Encaro-a, pálida, trêmula, nervosa como nunca a vi antes, e as lembranças dos telefonemas estranhos, do encontro com alguém em segredo dentro de um carro, o envelope cheio de dinheiro me atingem, e eu chego a cambalear, ouvindo agora claramente o que antes não passava de um sopro em meus ouvidos.

...Você sempre será um meio para o fim! Não se iluda achando que alguém irá te querer pelo que é, pelo amor de Deus, se olhe no espelho! Elas vão te usar, então, seja esperto e

as use primeiro!

— ...a data em que foi entregue para eles?

Millos olha em seu celular e encara Wilka.

— Segunda-feira desta semana.

Não!

Ela está ainda mais pálida e volta a se sentar na cadeira, olha-me com os olhos cheios d'água, nervosa a ponto de torcer os dedos da mão.

— Eu não entendo como...

— Você está com problemas financeiros? — disparo a pergunta.

Ela franze a testa.

— Por que você quer saber isso? — sua voz soa fraca e trêmula.

— Só me responde!

Ela respira fundo e nega.

— Não entendo o que isso tem a ver...

— Puta que pariu, eu não acredito nisso! — grito para mim mesmo e começo a andar pela sala. Vejo Millos atrás de mim, tentando me acalmar.

Wilka vem em minha direção.

— Konstantinos, você não pode estar pensando que eu possa ter feito algo assim! — ela parece indignada, mas não me encara, e eu sei que mente.

Eu sinto!

— Me explica a porra do dinheiro na sua bolsa! — Olho em seus olhos, coração pronto para se estilhaçar. Sinto-me o moleque de novo, o garoto louco por amor, por ser amado, que não percebe a verdadeira face das pessoas. — Sexta-feira de manhã havia um envelope cheio de notas...

— Mexeu na minha bolsa? — ela indaga magoada.

Eu rio, sarcástico.

— Kostas, tenho certeza de que Wilka pode explicar...

— Não, não tenho que explicar sobre isso! — ela se exalta, acuada, e sua voz treme junto ao seu corpo. — Vocês estão mesmo me acusando de vender informações para nosso concorrente?

...mal saí de lá e já fui sondada por duas outras empresas, inclusive uma concorrente direta.

A mensagem de Caprica se destaca entre minhas lembranças, e eu começo a gargalhar como um louco.

— Eu sou mesmo um otário! — Rio e olho para ela. — Você, quando foi mandada embora, teve contato com eles, recebeu proposta de trabalho e tudo! Você mesma me disse isso.

Ela concorda:

— Sim, mas isso não quer dizer...

— Chega! — falo duro, e ela se afasta de mim. — Ninguém mais teve acesso a esse documento além de mim e de

você. Você andou recebendo ligações estranhas, que recusava quando eu estava perto, depois encontrou-se com alguém às escondidas na hora do almoço e desconversou quando questionei onde você estava. — Wilka arregala os olhos e fica ainda mais pálida. — Cobrou o documento o tempo todo, preocupada com o prazo, mas até ontem não o tinha repassado ao Leonardo! — Vejo lágrimas escorrerem pelo rosto de Wilka, mas elas não me convencem mais.

— Kostas, deve haver alguma explicação! — Millos tenta apaziguar o clima, mas eu só me sinto traído, feito de idiota, usado como sempre previram que eu seria. — Wilka?

Ela nega com a cabeça, mas se recusa a falar.

— Você não precisa me explicar nada! — Rio, amargurado e vou até minha mesa pegar a pasta. — Para mim está tudo muito claro!

— Acha mesmo que fui eu? — Ela tenta me tocar, mas recuso seu toque. Wilka soluça. — Eu amo...

— Não, por favor! — Aproximo-me dela, mas não a toco. — Você não ama ninguém! Aproveitou a primeira oportunidade para apunhalar sua amiga pelas costas e ficar com o cargo dela. — Wilka recua. — É uma mentirosa nata, manipuladora, não é à toa que nunca teve ninguém antes de...

Millos se interpõe entre mim e ela, e seu olhar diz muito como está seu interior por baixo da aparente calma. Ele não

precisa falar ou erguer a voz para que eu entenda que, se continuar atacando-a, se me aproximar mais dela, ele me mostrará o homem que é de verdade.

Sorrio, frio, entendendo a mensagem e caminho para a porta da sala, porém, paro, querendo que ela sinta um pouco – se realmente gostou um pouco de mim – do que eu estou sentindo.

— Sinto muito! Se seu plano era conseguir algum dinheiro sendo espiã da concorrência, parabéns, conseguiu sua esmola! Mas lamento dizer que foi burra e perdeu o grande prêmio, o herdeiro da empresa. — Abro os braços para ela e depois balanço a cabeça, debochando.

Wilka respira pesado, o rosto banhando de lágrimas. Millos ainda mantém uma mão sobre seu ombro.

— Kostas, só vai embora! — meu primo pede.

— Vou, mas, quando voltar amanhã, não quero vê-la aqui.

Saio e bato a porta com força, não só a da sala, como também a do meu coração.

47

Kika

O som da porta batendo estilhaça meu coração de uma forma tão real que não consigo reprimir o gemido de dor. Abaixo-me, sentindo-me dolorida fisicamente depois dessa discussão, sem ter a mínima ideia de como tudo isso aconteceu.

— Kika? — A mão de Millos toca levemente meu ombro, e eu o encaro.

— O que foi isso tudo? — pergunto-lhe, mas na verdade a questão é direcionada a mim mesma. — Eu ainda estou sem entender o que aconteceu.

Ele se senta no chão ao meu lado, porém, mantém certa distância.

— Alguém nos fodeu, foi isso que aconteceu — a voz de Millos demonstra sua preocupação, e eu entendo o motivo, afinal o cliente já foi informado de que achamos a área, estamos com projeto, apresentação, dossiê e uma reunião marcada, e essa notícia vem para jogar por terra todo nosso planejamento, mas, sinceramente, no momento não consigo pensar nas implicações disso tudo, só penso nas acusações de Konstantinos.

— Ele acha que fui eu... — Suspiro magoada, as lágrimas pingando no chão da sala.

— O que ele quis dizer sobre encontros, ligações e dinheiro na sua bolsa?

Fecho os olhos, pois reconheço a desconfiança nessa pergunta de Millos.

— Eu não tenho como explicar isso!

Eu nunca explicarei isso!, penso soluçando. O último encontro, para finalizarmos de vez nossa pendência, provou-me que falar sobre essa ligação só irá me causar problemas – mais do que já está causando.

— Kika, você precisa explicar. — Millos bufa. — Eu não acredito que você tenha algo a ver com esse vazamento, mas sei que, quando estamos acuados, podemos fazer coisas que julgamos nunca ter coragem de executar — sua voz treme ao

terminar a frase.

Seco o rosto. Acho que ainda estou em choque com a reação de Kostas, pois, apesar da opressão no peito, estou calma, esperando essa maldita porta abrir a qualquer momento e vê-lo dizendo, pelo menos, a mesma coisa que Millos acabou de me dizer.

— A gente só tem ideia do que é capaz de fazer quando chega ao limite. — Olho para o homem que sempre reconheceu meu trabalho e me tratou de igual para igual dentro desta empresa. — O que acontece agora?

Millos sacode a cabeça.

— Não faça isso, não se sacrifique para proteger quem quer que esteja protegendo, Wilka. — Eu rio amarga, pois ele não poderia estar mais enganado. Não estou protegendo ninguém senão a mim mesma. — Eu não tenho alternativa além de suspender você enquanto investigamos o que houve.

Engulo o choro, a vontade de gritar e espernear como uma louca e me levanto.

— Está certo — concordo, magoada, porém, entendendo que o meu silêncio está causando tudo o que eu sempre temi que acontecesse.

Pego minha bolsa, vejo-o se levantar também e passo por ele antes de sair.

— Eu realmente não entendo o motivo do seu silêncio, mas

sei que vocês dois estão envolvidos de verdade um com o outro e imagino o quanto estão sofrendo com isso.

Minha garganta trava, meus olhos queimam, mas tento manter o mínimo de dignidade.

— Se ele sentisse por mim o que sinto por ele, nunca cogitaria pensar algo desse tipo. — Millos concorda, tenta falar, mas não permito. — Eu poderia desconfiar dele também, não acha? Tem feito de tudo para acabar com a reputação de Theodoros na empresa, e perder um negócio desse porte, com certeza, não ajudará em nada na imagem do CEO. — Millos arregala os olhos, e eu percebo que concorda comigo. — Mas não, Millos, em momento algum pensei em acusá-lo, ao menos desconfiei dele, sabe por quê?

— Você confia nele! — ele vai direto ao ponto.

— Exatamente. Confiança, algo que ele não conhece.

Saio da sala tentando ainda me manter firme e agradeço por não ter ninguém mais no prédio. Entro no elevador e me olho no espelho. Lembranças dos momentos com Konstantinos ao meu lado, da nossa reconciliação, do final de semana incrível que passamos juntos me machucam demais, e eu desabo, soluçando feito uma criança.

Em algum momento o elevador para, pois sinto braços fortes me abraçarem e tocarem minha cabeça em consolo, mas estou tão consumida pela dor, pelo medo e decepção que aceito

o apoio sem nem saber quem é a pessoa.

— Tente ficar calma. — Alex me segura firme, e eu soluço em seus braços, dando vazão a todo desespero que sinto pela forma como Kostas me acusou e falou comigo. — Eu acabei de saber sobre essa sacanagem, mas nós vamos arranjar um jeito.

O elevador chega ao térreo, as portas se abrem, mas nós permanecemos no mesmo lugar.

— Nossas informações foram passadas para eles, Alexios. — Ele assente. — Informações que só seu irmão e eu tínhamos.

— Eu sei. — Ele seca minhas bochechas com seus dedões. — Nós vamos descobrir como isso aconteceu.

Paraliso, franzo a testa e pergunto baixinho:

— Não acha que fui eu? — Ele nega. — Por quê?

— Porque trabalhamos juntos há algum tempo já, e eu sei que você não faria isso e, se fizesse, é inteligente demais para deixar as coisas assim, tão na cara. — Ele respira fundo. — Se as coisas estivessem como antes, eu suspeitaria de Kostas, mas agora sei que não foi ele também.

Volto a chorar, ele me abraça e aperta o botão para o elevador ir para a garagem.

— Vou te levar para casa e...

— Konstantinos tinha motivos para desconfiar de mim — admito. — Eu recebi algumas ligações, encontrei-me com alguém em segredo, e ele viu muito dinheiro na minha bolsa.

Alex fica sério.

— Está com problemas financeiros? — Assinto. — Mais um motivo para eu não acreditar que foi você. O bônus que receberia com esse negócio era grande demais para perder e ainda arriscar ficar desempregada, e, se ele viu dinheiro em sua bolsa, presumo que não fosse muito.

— 250 mil reais — revelo, esperando alguma reação assustada por parte dele, mas Alex se restringe a sair comigo do elevador e me encaminhar para seu carro. — Não vai dizer nada?

Ele ri.

— Se meu irmão acha mesmo que foi você quem sabotou nossa conta, presumo que você não tenha explicado isso tudo para ele. — Concordo. — Então eu não tenho o que dizer, Kika. Tenho certeza de que há alguma explicação que, por algum motivo, você não pode dar. Respeito isso, só espero que não te cause ainda mais prejuízo e sofrimento.

Entro no carro e desabo de novo, chorando como há muito não o faço.

— Eu não quero perdê-lo, mas eu gostaria que ele agisse como você, que confiasse em mim!

— Kostas não confia nem nele mesmo, infelizmente. — Ele dá a partida. — Seu endereço?

— Moro no apartamento que era da Malu.

Alexios dirige, sabendo o caminho, pois, quando Malu passou mal em uma festa de final de ano no Villazza SP, foi ele quem nos levou para o apartamento dela.

As acusações de Kostas queimam dentro do meu peito, não só sobre a traição à empresa, mas, principalmente, sobre Malu, sobre como ele me via – sozinha e amarga – e por ter jogado na minha cara até o fato de eu ter permanecido virgem até pouco tempo.

Dói lentamente dentro de mim, como se houvesse algo constantemente me ferindo, causando o machucado aos poucos para me fazer sentir mais. *Se ele me amasse...* Soluço, e Alex põe a mão sobre a minha.

Kostas nunca disse o que sentia por mim, eu que presumi que era correspondida pela forma como eu o sentia ao meu lado. O jeito como me olhava, me tocava, me amava dizia isso, ou, pelo menos, eu achava que era assim.

Estava enganada! Ele não confia em ninguém, não ama ninguém!

Perdi tudo!

Eu sei que minha inocência será provada, tenho absoluta certeza disso, mas não poderei seguir trabalhando na Karamanlis e nem amando Konstantinos. Nosso relacionamento acabou, pois ele nunca irá conseguir deixar para trás as perguntas sobre as coisas que viu e nem poderei esquecer as coisas que me disse.

— Eu prometo a você, Kika, que vou descobrir como eles fizeram isso, quem foi o responsável pelo vazamento.

Respiro fundo, engulo as lágrimas e balanço a cabeça positivamente.

— Millos me suspendeu enquanto abre uma investigação.

Alex bufa de raiva.

— O Conselho está pressionando todo mundo desde a situação com Theodoros. Há algum tempo que eles estão defendendo a ideia de alguém de fora da família na direção, mas, como a Karamanlis grega tem a maioria das ações da daqui, eles não tinham força.

— O que mudou?

— Alguns membros do Conselho estão desde a gestão desastrosa de Nikkós. — Quase pergunto quem é, então lembro que, antes de Theodoros, o CEO era Nikólaos Karamanlis, pai deles. — Outros entraram a partir da gestão do Theo e teoricamente sempre o apoiaram. Agora os mais velhos estão conseguindo certa influência sobre os mais novos, e a pressão em cima de Millos está enorme.

Eu entendo que Millos tenha me afastado para tentar conter um pouco da pressão do Conselho, mostrar que está tomando iniciativa sobre as merdas que ocorrem na empresa e que está mantendo tudo a rédeas curtas, mas isso não ajuda a me sentir melhor.

Na verdade, nada vai! Preciso encarar que tudo ruiu, que meu passado me acertou como eu nunca imaginei que pudesse acontecer. A escuridão me tomou por completo, engoliu-me como um buraco negro e está me consumindo.

— Só preciso de um tempo para me refazer — justifico para Verinha e termino de fechar as malas, secando as lágrimas dos olhos.

Pedi a ela para que ficasse um tempo com o Kaká, e ela entendeu que eu não estava bem, não questionou meus motivos ou minha decisão, apenas me perguntou quanto tempo ficaria fora.

— Pode ir tranquila, porque você sabe que eu sou louca por esse moleque aqui. — Ela beija a cabeça de Kaká, que está no seu colo. — Mas ele sentirá sua falta também.

— Eu sei. — Meu coração aperta. — É só que não dá pra levá-lo comigo nesse momento.

Verinha concorda.

— Já chamou um carro?

— Sim, daqui a pouco estará aqui.

— O Vinícius poderia te levar também e...

— Não, Verinha, não quero envolvê-lo nisso.

Eu sei que ela já supôs que algo entre Kostas e mim deu errado e que, além disso, afetou meu trabalho. Verinha sabe como sou, é parecida comigo nisso, e, se eu não me abrir para ela, também não irá me questionar. Já Vinícius, não. Tenho certeza de que irá me encher de perguntas que não tenho a mínima vontade de responder.

Essa noite foi um verdadeiro caos, não dormi um minuto sequer, chorei, peguei todas as malditas peças de roupas de Kostas no armário, abracei algumas, depois a revolta tomou conta de mim e as coloquei todas em sacos de lixo pretos.

Por muitas horas esperei receber um telefonema, uma visita ou mesmo uma mensagem dele. Mas não, ele realmente saiu da minha vida daquele jeito tão violento e definitivo.

Não queria incomodar a Malu, mas calhou de ela me mandar uma mensagem à noite, e eu acabei desabafando com ela, e o convite para ir até Aquidauana para ficar com ela e, quem sabe, assistir ao parto do meu afilhado foi a solução que eu esperava para deixar as coisas se assentarem por um momento.

Uma semana para colocar minha cabeça no lugar e decidir o que eu farei com minha vida, porque, além de uma enorme dívida, vou ter que procurar outro emprego e torcer para que o que houve na Karamanlis não manche meu currículo.

E ainda tem Kostas.

Eu evito pensar nele, mesmo pensando a cada segundo. Dói demais me lembrar de sua expressão, de suas acusações, palavras e ver a desconfiança refletida em seus olhos.

Tento não parecer, mas estou destruída e sei que toda essa minha carapaça de força irá desaparecer assim que abraçar minha melhor amiga.

Ouço a notificação do aplicativo indicando que o motorista chegou. Choro, abraço a Verinha, aperto e beijo meu Kaká, que gane baixinho, sabendo que algo errado está acontecendo, olho para os sacos pretos no chão do apartamento, lembro de cada peça de roupa que coloquei dentro deles, chorando, buscando esperança onde não tinha mais nenhuma.

Nem mesmo meu amuleto, que me consolou e me encheu de fé durante anos, deu-me força para acreditar que tudo ficaria bem!

Seu sorriso é capaz de iluminar qualquer escuridão!, dizia a última frase de uma carta tão antiga, mas que, de alguma maneira, mudou meu destino.

Sim, sempre acreditei nessas palavras e ainda acredito. No entanto, não é possível vencer a escuridão sem o sorriso, e ele, sinto profundamente dentro de mim, estará apagado por muito tempo ainda.

48

Kostas

Estou de volta ao inferno!

Abro a porta do maldito sobrado, fechada há mais de 15 anos, e respiro o cheiro putrefato do local misturado a mofo e poeira. Caminho devagar pela entrada, ouvindo as tábuas do assoalho rangerem, usando a lanterna do celular para me desviar de buracos e outras coisas no chão.

Entro no grande salão. O piso de carpete vermelho já nem tem cor, muitas partes estão puídas ou roídas por traças, roedores e baratas. Chuto um rato que atravessa meu caminho e

olho para as prateleiras espelhadas do bar no fundo do cômodo.

A poeira e as teias de aranha não me permitem ver meu reflexo nos espelhos quebrados. As prateleiras de vidro que outrora abrigavam bebidas para todos os gostos – desde as mais vagabundas até as importadas – já não existem mais, apenas estilhaços do vidro estão no chão.

Antes de eu comprar este lugar, ele foi invadido e pilhado. Levaram os lustres suntuosos, as estátuas de gosto duvidoso, alguns móveis, eletrodomésticos e tudo o mais que poderia render alguma grana. Deixaram apenas o esqueleto e, dentro dele, todas as malditas lembranças.

Por que voltei para cá?, é uma pergunta que conscientemente me faço, mas que ignoro, pois sei muito bem qual foi o gatilho.

Wilka Maria e sua traição.

Já se passaram horas desde que tivemos a discussão, bebi, fumei, tive vontade de arrancar o coração do peito, gritar minha indignação e minha dor aos quatros cantos, mas tudo o que fiz foi pegar a cópia das chaves deste maldito lugar – as originais estão com o Alexios – e vir para cá.

Este foi o lugar onde perdi minha fé, minha esperança e todo sentimento bom que tinha dentro de mim; talvez, voltando agora, possa expurgar o amor que ela despertou dentro de mim, matar a esperança que renasceu por causa dela ou tentar

restabelecer minha fé e confiar em Wilka sem precisar ouvir explicações.

Não posso!

Passo de uma sala para outra, o cheiro de algo podre – provavelmente algum bicho – se impregnando em minhas narinas, ouvindo o som dos ratos e outros bichos que fizeram morada nesta casa amaldiçoada.

Olho a enorme escada de madeira que leva para o segundo piso e, contra toda lógica e segurança, começo a subir seus degraus.

O barulho da madeira ecoa pelos ambientes vazios, e, quando chego ao segundo piso em segurança, sinto meu corpo inteiro se sacudir e meu estômago embrulhar.

Não me atrevo a abrir as portas do enorme e escuro corredor. Sei que isso me levará à borda do precipício, e não preciso disso. Um passo em falso, e caio para nunca mais voltar.

Já passei da fase de ser autodestrutivo. Flagelei-me, cortei meus braços e pernas, estive a ponto de me mutilar e de cometer suicídio, mas sempre acreditei que superei, que foi uma fase e, apesar de toda essa dor represada dentro de mim, nunca mais pensei em me machucar.

Vejo a escada de cimento estreita e coberta de retalhos do que um dia foi um tapete aparecer e sigo por ela, entrando finalmente no sótão.

Lembranças da primeira vez em que estive aqui me fazem vomitar em um canto. Meu estômago expulsa, em contrações dolorosas, todo o bourbon que consumi noite adentro, e, quando já não há mais o líquido, sinto a ardência da bílis passando à força pela minha garganta.

Meus cabelos colam no escalpo, minha roupa está ensopada de suor. Contudo, não estou nem um pouco preocupado com isso. Minha cabeça dá voltas, imagens de momentos incríveis com Wilka povoam a minha mente, e, então, as dela entrando naquele carro misterioso, recusando ligações e desconversando, com a bolsa cheia de dinheiro.

Fecho os olhos, e as imagens do passado voltam com tudo.

Estou nu na frente do espelho. Atrás de mim, sombras escuras, iluminadas, de tempos em tempos, pela brasa de um cigarro. Desvio os olhos, mas sou obrigado a voltar a olhar.

— Acha que foi à toa que sua mãe te abandonou sem nem olhar para trás? — Risadas. — Ou que seu avô desistiu de você agora? — sua voz baixa, ébria e rouca me atinge como um chicote. — Não! Você é uma aberração. — Em minhas mãos é colocado um maço de dinheiro. — Esse é o único jeito que você

tem para mudar isso.

Duas mulheres se aproximam e começam a me tocar.

Fecho os olhos, não aceitando o que escuto, mesmo concordando com as palavras. Eu sou esquisito, grande e desproporcional, um monstro sem nenhum atrativo que repele a todos desde que nasci.

— Diga a ele! — ele obriga uma das mulheres a me olhar.

— Você é lindo! — ela diz rindo da mentira e pega uma das notas em minha mão. — Lindo!

Abro os olhos e me situo de novo, saindo das lembranças perturbadoras que sempre povoaram minhas noites.

— Não, porra! — grito. — Eu não sou mais a porra de um menino assustado! — Olho em volta, para as paredes cheias de portas e o vitral no final do corredor. — Eu não sou mais a porra de um menino assustado!

Sinto lágrimas quentes e grossas escorrendo pelo meu rosto, ando tropegamente pelo corredor, como se estivesse bêbado, mesmo não tendo bebido tanto assim e ter vomitado a maior parte do álcool. Estou cansado disso tudo, do fardo pesado de carregar essas lembranças, de ter dentro de mim todo esse

rancor e ódio.

Eu fui sincero quando disse a Alexios que queria zerar minha história, deixar essas merdas todas para trás. Sento-me debaixo da janela, apago a luz da lanterna e penso em tudo o que mudou durante esses poucos meses deste ano.

Theodoros descobriu que tem uma filha, minha sobrinha, quase a perdeu. Consegui meu objetivo de afastá-lo da Karamanlis e tive até a oportunidade de acabar de vez com ele, mas não quis. Eu não quero mais me importar ou me sentir mal por vê-lo bem. *Eu quero ficar bem também!*

Os sonhos acalentados pelo menino que chegou aqui ao Brasil há 24 anos, que julguei já estarem enterrados, estão de volta em mim. Eu senti esperança, eu acreditei que poderia provar que eles estavam errados sobre mim. Eu poderia ser amado, eu poderia amar!

Soluço feito uma criança, dobro minhas pernas e abraço os joelhos, tremendo, chorando, refutando a ideia de que era tudo mentira, de que ela tinha qualquer outro interesse além de em mim.

Eu senti!

Eu toquei!

Eu provei!

Não posso estar louco!

Eu sei diferenciar interesse de sentimento verdadeiro,

porque nunca tive contato com esse último, e o que Wilka sentia por mim, o que ela me fazia sentir, era algo inédito.

O dia começa a clarear, os raios invadindo os vitrais desse local assombroso e assombrado. A luminosidade parece despertar os fantasmas que essas paredes abrigam. Ouço novamente os sons de prazer, dor, desespero e resignação. A música do salão inferior que escapava para cá, os cheiros, a fumaça, as vozes cheias de malícia, álcool, violência e risadas vazias.

Estar aqui é como ser transportado de novo para aquela época, voltar a ser um menino de 13 anos, tímido, grande, acima do peso, com o rosto marcado por espinhas e aparelho nos dentes. Neste sótão, o Kostas arrogante, confiante e seguro de si assiste ao menino Tim, neste lugar que era a área educacional para clientes e putas.

Vejo e compartilho o sofrimento de um garoto que só queria uma família, sentir-se parte de algo, pertencer a algum lugar. Na Inglaterra, não era inglês, tinha o físico e a aparência de um grego. Já na Grécia era ridicularizado por seu jeito inglês, sua reserva e timidez. O Brasil seria seu ponto zero, o recomeço, era a chance de conviver com os irmãos que via apenas em momentos esparsos e com o pai, que nunca se lembrava nem de seu nome.

Este sótão foi seu inferno!

Quase posso me enxergar, parado depois de mais uma noite intensa, recheada de todo tipo de orgia que um garoto da minha idade nunca seria capaz de processar, tremendo por conta do que viu acontecer a uma menina um pouco mais velha do que eu, cuja dona do lugar estava “educando” para ser uma das suas “filhas”.

Meus olhos estavam vermelhos de lágrimas que eu não conseguia derramar mais, não depois de ter sido submetido a todo tipo de perversidade que se possa imaginar. Minha inocência se fora; minha alma estava indo também.

Todos dormiam, mas eu estava muito quebrado para fechar os olhos. Sentia repulsa, ódio, fervia inconformado com o que estava me acontecendo, por conta da clara noção de que não haveria nada que eu pudesse fazer para me salvar.

Soluço alto ao me ver caminhar para a janela. Fecho os olhos, mas a imagem continua lá. O fantasma do garoto tão desesperado que tentou tirar sua própria vida não se desvaneceu. Acompanho-o fazendo força para abrir os vitrais, apoiando-se na parede antes de se pendurar na janela.

Diferente do meu pesadelo, não era madrugada, era alvorada, o sol estava se levantando no céu, seus raios dourados iluminando tudo. Uma lembrança linda daquela luz outonal que eu fiz questão de gravar em minha memória como a última coisa que veria em minha parca existência.

Pensei em Kyra, minha *baby girl*, a irmã que eu tanto sonhava conhecer e que conquistou meu coração assim que pus os olhos nela. Esperava que Alex pudesse ser capaz de protegê-la, sentindo-me covarde por deixá-lo sozinho na mira do louco a quem chamávamos de pai.

Meu coração apertou, e de repente outra imagem se projetou em minha mente. Olhos grandes em um rosto miúdo, cheios de lágrimas, transbordando de medo, testemunhas de tanta atrocidade que nenhuma criança deveria ver. Os olhos dela me gelavam, pois ali eu via tanto do meu próprio temor. Eu sabia que, em pouco tempo, ela seria educada, talvez como fora a menina da noite anterior.

Essa certeza me fez segurar mais firme contra as vidraças. Meu corpo se balançou precariamente para frente, meus pés – grandes demais já nessa idade – tinham apoio apenas nos calcanhares, por isso era difícil manter o equilíbrio.

Deixei-me cair para trás, aterrissando neste exato lugar onde estou sentado agora, lembrando-me disso tudo. Fiquei sem fôlego, a cabeça explodiu de dor, os olhos ficaram momentaneamente sem foco. No entanto, uma obstinação cresceu dentro de mim.

Eu não poderia mudar o meu destino, minha alma estava perdida, mas poderia mudar o dela!

— Kostas? — a voz de Alexios me faz abrir os olhos, e eu

o vejo, expressão assustada, cara de quem não dormiu a noite toda, como eu, capacete na mão e a jaqueta de couro posta. — Caralho, o que aconteceu com você?

Seus olhos tomam ciência da sujeira da minha roupa. Minha calça escura do terno está com os joelhos imundos de quando me ajoelhei para vomitar, devem ter respingos do vômito na camisa branca. Não sei onde estão o paletó, nem a gravata, e meus sapatos fedem a excremento de bichos.

— O demônio está de volta ao inferno de onde fugiu, mas que nunca saiu dele! — divago, e ele vem ao meu encontro. — Nunca mais tinha entrado aqui desde que me libertei daquele filho da puta desgraçado.

Alexios assente.

— Eu sei. — Meu irmão, três anos mais novo que eu, olha tudo em volta. — Só vim aqui uma vez. Acho que o assustei com minha reação, e ele achou que a técnica de tortura que usou contigo não funcionava comigo.

— Mas ele achou outras, não? — pergunto retoricamente, pois sei bem que Nikkós achou o ponto fraco de cada um de nós.

— Achou, ele sempre achava. — Alex senta-se ao meu lado. — O que desencadeou essa visita?

A imagem de Wilka decepcionada, magoada com minhas palavras, as acusações que fiz a ela, seus olhos brilhando de lágrimas... Gemo alto.

— Eu acho que fiz merda — confesso. — Tenho certeza de que fiz merda!

Alexios ri.

— Fez. — Encaro-o. — Mas fico feliz ao vê-lo admitir isso.

Meu coração dispara. O medo toma conta de cada célula do meu corpo.

— Esteve com ela? — minha voz treme ao fazer a pergunta.

Alexios respira fundo e balança a cabeça. Sua expressão diz tudo o que eu temia saber: eu a machuquei. Magoei a única pessoa que já amei na minha vida, a única que conseguiu me amar!

Não tenho mais nenhuma dúvida sobre os sentimentos dela, e, ainda que não queira me explicar o que houve, isso não muda nada. Eu a amo, ela é a mulher por quem estive esperando, a única capaz de destruir todas as minhas defesas, penetrar, mesmo sem que eu deixe, até o mais profundo do meu ser e resgatar minha alma.

— Vou para a empresa! — Levanto-me disposto a fazer tudo para tê-la de volta. Irei rastejar no chão, deixar que ela me chute com aquelas botas de bicos finos ou pise em mim com aqueles saltos enormes. — Preciso falar com ela e...

— Ela não está lá!

Meus joelhos falham, e eu me desiquilibro, caindo de joelhos, desesperado com a possibilidade de que ela tenha sido demitida.

— Millos a suspendeu. — Dá de ombros. — O Conselho vai fazer um inferno na vida dele, você sabe.

Sinto-me desnorteado, sem entender o que ele diz, apenas pensando em como ela está, querendo abraçá-la, implorar seu perdão e dizer que confio nela, em seu amor, e que sinto o mesmo, que sou completamente apaixonado por ela.

— Foda-se o Conselho! — Ergo-me com o propósito de não fraquejar mais, de provar para ela que sou o homem que ela ama. — Foda-se a Karamanlis, a Ethernium e aquela porra de empresa desonesta! Nada disso é relevante, nada é mais importante do que Wilka.

Alexios sorri e estende a mão para mim, que o ajudo a se levantar.

— Eu a deixei em casa ontem. — Franzo o cenho, tentando entender essa aproximação dos dois, não querendo sentir ciúmes dele, mas sim lhe agradecer por estar ao seu lado, como eu deveria ter feito. — Estava arrasada, Kostas, tentava ser forte, mas estava quebrada.

Porra!

Não escuto mais nada, saio correndo deste local que, por muitos anos, foi o epicentro de toda minha mágoa, do rancor e

do peso que me impedia de seguir em frente e buscar o que sempre quis.

Ela!

Dirijo como um louco, todo amarrotado, fedido, bem diferente do alinhado e orgulhoso Konstantinos Karamanlis. Levo muito tempo para chegar até a Vila Mariana, o trânsito infernal como sempre, tocando o foda-se para o fato de hoje ser o dia de eu não usar meu carro, por conta do rodízio.

Estaciono de qualquer jeito em frente ao prédio, e o porteiro já se aproxima para chamar minha atenção, mas para, assustado ao ver como estou. Passo direto, sem nem mesmo cumprimentá-lo, focado em falar com ela, implorar seu perdão e garantir que iremos achar quem sabotou o projeto que batalhamos tanto para construir.

Uso a cópia da chave que ela fez para mim há poucos dias e entro com tudo no apartamento.

— Wilka! — grito seu nome, mas nem mesmo o Kaká me recebe. Sinto o corpo gelar e vou abrindo porta a porta, chamando-a, procurando-a como se pudesse estar brincando de esconder, sem querer acreditar que ela não esteja aqui.

Abro o armário e sinto falta de muita roupa. Quando olho para a área onde estavam minhas coisas, paro de respirar, vendo os cabides de madeira vazios, bem como todas as prateleiras.

Saio do quarto, disposto a bater no apartamento da vizinha,

a tal Verinha, e obrigá-la a me dizer onde está minha Pimentinha, minha Cabritinha, minha Wilka Maria!

Os sacos pretos no chão me fazem parar abruptamente. Um arrepio percorre minha espinha de cima a baixo, um tremor estranho e um frio assombroso me fazem tiritar os dentes. Vou até o canto onde eles estão e desamarro o primeiro. Confirmo que são minhas roupas e me agacho no chão, perto delas, tomando consciência do que isso significa.

Ela me tirou de sua vida!

Eu sei que mereço. Não deveria ter agido como agi, não conhecendo-a como a conheço, mas isso não diminui a dor que estou sentindo.

Preciso encontrá-la!

Pego o celular e ligo para o seu número, mas está desligado. Envio várias mensagens, mas nenhuma delas é recebida por ela, e, como não vejo mais sua foto no aplicativo, suponho que tenha me bloqueado. Saio do apartamento e bato na porta da vizinha e, quando ela não atende, faço o mesmo na do bombeiro.

Ninguém em casa!

Amaldiçoo minha sorte, sinto-me perdido, ando de um lado para o outro. Não quero ir embora, não sei se ela voltará ou se foi para algum lugar para ficar, ou se... se ela me abandonou!

— Não seja ridículo, ela nunca desistiria de tentar consertar

as coisas, muito menos fugiria deixando todos pensando que foi ela quem traiu a empresa e vazou as informações.

Entro no apartamento, incomodado com meu estado lamentavelmente fedorento e decido tomar um banho enquanto espero que alguém retorne. Tomo a ducha mais rápida da minha vida, coloco a roupa suja em um dos sacos de lixo, para realmente jogar fora, e busco outras peças para vestir.

Um papel velho, com muitas marcas, dobrado pequenininho, chama a minha atenção no chão, entre um saco preto e outro. Pego-o, desdobro devagar o papel amarelado, as dobras sensíveis, podendo se partir a qualquer momento, e, quando o abro por inteiro, arregalo os olhos.

Leio rapidamente as poucas palavras contidas ali, a tinta azul da caneta um tanto desbotada, mas a letra... meu coração parece querer explodir no peito. Sinto-me tonto, a visão turva. Balanço a cabeça e releio a última frase – “seu sorriso é capaz de iluminar qualquer escuridão!” – sem saber o que está acontecendo, que tipo de brincadeira é essa.

Ajoelho-me no chão, o corpo inteiro sendo sacudido por espasmos incontrolados do pranto que vem da minha alma.

Eu reconheço essa letra, reconheço essa frase! Fui eu quem escreveu isso!

49

Kostas

Lembro-me como se fosse hoje o que me levou a escrever essa carta, bem como para quem a escrevi. Sinto-me tonto, incrédulo, sem entender nada. As lembranças que sempre reprimi, insistem em voltar, mesmo fora dos pesadelos, e eu apenas fecho os olhos.

— Eu não vou fazer isso! — grito com meu pai mais uma

vez.

O soco em meu rosto faz com que sinta o gosto ferruginoso de sangue em minha boca e, mais uma vez, terei de inventar algum acidente de bicicleta para manter as aparências que ele tanto preza.

Amanhã, quando estiver sóbrio e sem o efeito da cocaína, Nikkós vai perguntar o que eu fiz para ter o olho roxo, vai me mandar pôr gelo e passar uma pomada para que a contusão não demore a sarar. Já estou acostumado a isso, vivemos, meus irmãos e eu, com o louco há pouco mais de seis meses, desde quando minha madrasta simplesmente anunciou que estava grávida do meu irmão mais velho e abandonou a todos a fim de ir morar com Theodoros na Grécia.

Meu pai nunca teve o gênio fácil, sempre esteve metido com vícios diversos, desde mulheres até apostas tão desmedidas a ponto de voltar para casa apenas de cueca, e Sabrina ainda ter que pagar o táxi, pois ele também deixara o carro.

O consumo de drogas, se existia naquela época, era controlado, e, durante mais de um ano em que morei com os dois, não vi nenhum indício de que ele usava entorpecentes. Entretanto, o que sabia eu? Um garoto criado por uma governanta idosa e sisuda, depois abandonado em um internato por anos. Eu era o único que não ia para casa nas férias e nos feriados, recebia uma carta do meu avô no Natal e um presente

de minha mãe em meu aniversário. Esse era todo o contato que eu tinha com minha família.

O colégio foi meu primeiro inferno. Eu era muito mais alto que os outros garotos, mas isso só começou a me incomodar quando, aos 10 anos, já estava com 1,78m e pesava mais de 100 quilos. Poderia ser intimidante se eu não fosse do jeito que sou, quieto e tímido, um nerd feioso, desengonçado, que só vive para estudar.

A sorte foi que, nessa mesma época, meu avô paterno, que é grego, começou a me receber nas férias escolares. Conheci meu irmão mais velho, alguns primos, fiz amizade com uns, e outros me tratavam friamente, pois eu era, ali, o inglês esquisitão.

Um tempo depois meu avô materno me chamou de volta para casa e avisou que eu iria tomar aulas de português para morar com meu pai – um pai que eu só tinha visto pouquíssimas vezes – no Brasil.

Vim para cá cheio de esperança, feliz por pertencer a uma família, conviver com meus irmãos e disposto a ser o melhor garoto que meu pai poderia desejar. Não foi bem assim. Nikkós realmente não enxergava nada a não ser ele mesmo e, às vezes, sua esposa. Era inegável que ele fazia todas as vontades dela, lambia o chão que ela pisava, mas seu mau caráter era mais forte que a paixão, e ele sempre estava aprontando.

Por mais que eu não vivesse no comercial de margarina que idealizei, estava feliz por ter Alexios e Kyra por perto. Então tudo desmoronou, e Nikkós enlouqueceu de vez.

— Eu não estou pedindo, Konstantinos! — Nikkós volta a gritar. — Faça o que estou mandando!

Sua mão se levanta mais uma vez para me bater. Eu recuo e olho para a mulher amarrada à minha frente. Respiro fundo, pego o chicote de equitação – odeio cavalos, odeio! – e bato firme, porém sem força em sua bunda.

— Bate como um homem, porra! — Tomo um tapa na cabeça e balanço. — Estou criando o quê? A merda de um bichinha?

Nikkós toma o chicote da minha mão e bate tanto na nádega da prostituta que eu a escuto chorar.

— Tente de novo! — Empurra-me o objeto. — Você só vai cavalgar essa potranca se amansá-la, e o único jeito de fazer isso é assim, açoitando! Larga de ser um merda, gordo e frouxo!

A raiva faz meu corpo inteiro tremer. Minhas emoções se descontrolam em uma mistura tão perigosa quanto nitroglicerina, explodindo tudo dentro de mim. Tenho 13 anos, meus hormônios fervilham, meus impulsos são difíceis de ser controlados, e eu acabo fazendo o que ele manda, chorando junto à mulher amarrada de bunda para cima no chão.

O filho da puta goza sozinho ao acompanhar a dor – da mulher que apanha, e a minha, que sou quem bate –, rindo como o louco que se tornou, jogando mais sujeira dentro de mim.

Penso que tudo acabou, saio do quarto no sótão ainda de madrugada e escuto o choro, o pedido desesperado de socorro que ouço todas as noites, os murros fracos na porta de um minúsculo quartinho de despensa.

Meu coração se comprime no peito ao me lembrar da menina de olhos enormes, cabelos compridos e expressão apavorada. Não sei quantos anos tem, mas é tão pequena quanto Kyra, talvez menor do que minha irmã caçula. Já a vi perambulando entre as putas, entre os clientes e até perdida no meio de brigas entre bêbados ou o fogo dos frequentadores.

Na noite passada, a vi chorando encolhida em um canto, tentando avançar para dentro de um quarto que estava com a porta aberta, mas sem conseguir sair do lugar, olhos fechados, lágrimas vazando entre os cílios. Descobri o motivo ao ir até lá, onde um grupo realizava uma orgia sem nenhum pudor, à vista de todos.

Nos pés dos que estavam em pé, vi um urso surrado, feio, sendo chutado, embolado e fazendo alguns tropeçarem e xingarem. Soube na hora o motivo pelo qual a menininha não conseguia sair daquele cantinho, mesmo sem coragem de abrir

os olhos diante a cena nojenta que acontecia à sua frente.

Entrei no meio deles, tomei umas cotoveladas, um cara pegou no meu pau – murcho – por cima da calça que eu usava, uma mulher tentou me beijar, mas saí de lá com o maldito urso na mão, arrastei-a para fora daquele antro – definitivamente não era coisa para uma criança ver – e entreguei o brinquedo para ela.

Suspiro ao pensar no soco no estômago que foi o sorriso de felicidade que ela abriu apenas por ter o bichinho de volta. Agradeceu, saiu correndo e desapareceu dentro desta casa, que é uma filial do inferno na Terra.

— Me tira daqui! — ouço-a pedir ajuda novamente, mas nada posso fazer, pois a porta está trancada, e não tenho a chave. — Eu prometo que não vou atrapalhar, serei uma boa menina... — sua voz esmorece. — Eu tenho medo do escuro.

Minha revolta só cresce ao imaginar que existam pessoas, como meu pai e os pais dela, que acham saudável nos ter aqui. Não é só o sexo, é tudo! Drogas, bebidas, todo o tipo de perversão que possa imaginar.

— Ah, sua grande aberração dos infernos, você está aí! — Nikkós me alcança antes que eu consiga fugir de suas garras. — Ainda não terminamos, moleque!

Respiro fundo, porque já conheço bem essa rotina. Agora ele não vai mais me obrigar a fazer suas loucuras, eu serei o

torturado, e ele, meu torturador.

Entramos em outro quarto dessa vez. Eu esperava encontrar espelhos, pois ele adora me exibir, com toda minha "banha nojenta", *para os outros clientes, e usa as prostitutas para me beliscar, morder e caçoar de mim. Já não me fere mais, a brincadeira está perdendo a graça, até para ele mesmo, pois algo começou a mudar em meu corpo, e eliminei muitos quilos que tinha acumulado, ainda que continue a crescer.*

Nikkós é alto e corpulento e, para meu desespero, tenho me achado cada dia mais parecido com ele. A pele morena mesmo no inverno, os cabelos negros e lisos, os olhos azuis. Ele deve medir 1,90m de altura, e eu estou só dez centímetros mais baixo. Já vi fotos dele quando mais jovem, e nunca foi gordo, era mais o estilo varapau, só ganhou peso com a idade.

Como sempre, ele culpa minha mãe por eu ser essa "aberração", dizendo que ela se arrependeu de ter engravidado ainda no primeiro mês de gestação e que me amaldiçoou a cada dia dos nove meses em que estive dentro de si.

Sempre soube que ela nunca me quis, isso nunca foi novidade. Todavia, agora, ele está conseguindo me convencer de que ninguém nunca irá me querer. Tenho orelhas grandes, nariz enorme, os dedos das mãos são longos e magrelos em contraposição ao meu corpo, uso aparelho nos dentes, pois é quase inerente ingleses terem dentes tortos. No ano passado

meu rosto estourou inteiro com espinhas, dessas que inflamam e ficam avermelhadas.

É, não sou uma beleza por fora, mas, até pouco, sentia-me bonito em minha essência. Era solícito, calmo, estudioso, bom irmão...

Os pensamentos se perdem quando vejo uma garota parada no meio do quarto. Ela é tão miúda que eu poderia muito bem quebrá-la ao meio com minhas mãos, os ossos parecendo pontiagudos de tão magra que está.

— Foi a única que eu consegui! — madame Linete, a dona da casa, desculpa-se com um dos seus melhores clientes.

— Para quem é, serve — Nikkós responde. — Quanto ela cobrou?

A mulher diz o valor, mas eu tenho certeza de que a menina não verá nem metade desse dinheiro. Estranho ela ser uma prostituta tão diferente das outras, que cuidam de seus corpos, usam roupas provocantes e muita maquiagem.

— Ei, garota! — meu pai a chama. — Você quer transar com ele?

Ela arregala os olhos e nega veementemente. Abaixo a cabeça, envergonhado e ao mesmo tempo com raiva da risada alta de Nikkós.

— Eu sei, menina, ninguém quer, mas vou pagar bem, então arreganhe suas pernas e finja gostar. — Ele senta-se em

uma cadeira. — Tirem as roupas.

— Ela me disse que era só para acariciar... — a menina tenta falar. — Eu expliquei a ela que ainda sou... — ela me olha sem jeito — virgem.

Encaro Nikkós, assustado com o que está pretendendo fazer. Uma virgem, pelo amor de Deus!

— Foda-se, eu comprei seu cabaço, agora quero-o!

— Não! — nego. — Ela não quer, pai, então não...

— Ela não tem que querer nada! Já paguei, agora abra a boceta e deixe esse mondrongo brincar à vontade!

Ela se encolhe com medo, e eu me aproximo para conversar.

— Quantos anos tem? — pergunto baixinho para que ele não escute.

— 15 anos — a menina responde.

— Por que veio para cá?

Ela soluça.

— Minha mãe precisa de um remédio.

Nego, saio de perto dela e vou até a porta.

— Pode ir embora. — Aponto a saída. — Você irá receber seu pagamento, mas meu pau não reagiu a você, então, não há nada que...

Ela começa a andar, segurando suas roupas, mas é arremessada longe pelo tapa na cara que Nikkós lhe dá. A

garota abraça a si mesma, num canto da cama, chorando e com a boca sangrando. Ele se aproxima com toda sua fúria de mim e me segura pelos ombros.

— Você vai fazer o que eu mandei!

Nego, e ele me sacode.

— Quem você pensa que é, seu maldito balofo brocha?! Eu comprei a porra de uma virgem, e você vai entrar rasgando dentro dela...

Olho para a garota, encolhida na cama, seu corpo nu trêmulo de medo, lágrimas grossas escorrendo por seu rosto. Meu estômago revira, engulo em seco várias vezes e mantenho a respiração constante para não vomitar aqui mesmo.

Nikkós continua falando, mas não escuto mais sua voz. Deixo minha mente em branco, não demonstro nenhum sentimento sequer, para não o deixar ainda mais excitado com meu desespero. A verdade é que eu estou angustiado. Não quero fazer isso com ela, não é justo, não quero machucar ninguém!

Não escuto mais a voz dele, embora sua boca se mexa sem parar. Sinto cuspes sendo atirados na minha cara, mas não ouço nada.

Ele me solta e vai até seu paletó, que ele colocou no encosto da cadeira, e pega sua carteira. Fala algo comigo, mas não escuto. Em minha mente toca uma música que aprendi a tocar no violão há pouco e, enquanto ele joga dinheiro para

cima, vou cantando-a mentalmente:

“But I'm a creep
I'm a weirdo
What the hell am I doing here?
I don't belong here.
I don't belong here.”[26]

De repente a música dentro de mim cessa, meu corpo esfria como se eu estivesse morrendo ao vê-lo tirar a roupa.

— Pai, não!

Tento impedi-lo, mas me empurra forte, e eu caio para trás. Levanto-me rápido, porém, não o suficiente para impedi-lo de a machucar. O grito que ela dá congela meu coração. Ele tampa a boca dela, impedindo-a de gritar mais por socorro, e eu me sinto um inútil.

Puxo-o de cima dela, preocupado de ele a matar. O desgraçado cai no chão rindo. A garota chora muito, suas coxas banhadas de sangue. Aproximo-me para tirá-la da cama, mas ela se encolhe como um animalzinho ferido. Pego um lençol e a cubro. Ela bate os dentes de tanto que treme, geme alto e se contorce na cama.

— Você a machucou! — grito e olho para Nikkós, deitado

no chão do quarto, roncando.

A menina se ergue. Tento ajudá-la, mas ela se afasta de mim como se estivesse com muito medo.

— Não me toque, por favor, não me toque!

Dou vários passos para longe dela, sentindo-me sujo, a alma queimada, chamuscada pelas chamas do inferno que meu próprio pai criou para mim.

Eu sou um monstro!

Minutos depois que ela sai do quarto, faço o mesmo, decidido a ir embora daquele antro de podridão, mas então olho a janela, os raios do sol entrando pelos vitrais coloridos e penso se não é melhor acabar com tudo de vez. Ir embora para sempre!

Eu sou insignificante demais, não faço a mínima falta para ninguém e só estou causando dor.

Termino de costurar o urso e respiro fundo, indo de bicicleta até um orelhão bem distante do colégio. Tremo ao fazer a ligação, mas, assim que faço o que estou há duas semanas planejando fazer, sinto-me melhor, apreensivo, com medo de dar um tiro n'água e piorar ainda mais as coisas.

Eu tentei me matar, mas, quando estava pendurado naquela maldita janela, algo me puxou para trás. Talvez eu mesmo tenha me desequilibrado, mas isso aconteceu despois que me lembrei dela, da menina que toda noite é trancada no quartinho, que chora, implora pela luz, a mesma menina que sorri para mim com sua pureza e inocência contrastando com toda a imundície à nossa volta.

Ela é pequena, não tem ninguém e, provavelmente, será a próxima a estar em um quarto para ser violada brutalmente por um bêbado qualquer. Eu não deixarei isso acontecer. Não pude impedir naquela noite, mas não vou mais ficar parado olhando as atrocidades contra crianças e adolescentes acontecerem naquele lugar.

Denunciei, e fiz isso a vários órgãos diferentes para não correr o risco de madame Linete subornar alguém para que nada aconteça. Nessa noite estarei novamente por lá, com Nikkós, e deixarei o urso que comprei para ela como presente de despedida, na esperança de que consiga sair do inferno.

Um anjo em meio a tantos pecadores e demônios. Ela precisa escapar.

Abro os olhos, a cabeça pesada por tantas lembranças, o coração dolorido por causa da emoção. Pego a carta e a releio com calma, revivendo o momento angustiante em que coloquei o urso em uma caixa e o deixei dentro do armário do sótão, juntamente a uma lanterna.

Tive a ideia de deixar uma carta, mas não queria que ninguém visse, então fiz uma brincadeira com o destino: costurei a carta atrás da roupa do urso – era de marinheiro – e esperava que, quando ela fosse lavá-lo, já fora daqui, pudesse encontrar a missiva.

Como isso veio parar nas mãos de Wilka?

Esforço-me para lembrar com mais detalhes do rosto da menina, mas não consigo. Passaram-se muitos anos, o local era mal iluminado, e eu mais a ouvi chorar e pedir por ajuda do que a vi de verdade.

Não demorou muito a apurarem minhas denúncias. Contudo, como eu temia, deve ter havido muita propina, pois nada aconteceu ao estabelecimento, nem à dona dele. Apenas a menina que vivia naquele sobrado foi retirada de lá e levada para um abrigo e, provavelmente, iria para a adoção.

Leio a carta em voz alta:

Finalmente você me encontrou!

A gente mal se conhece, eu sei. A verdade é que nem sei se

você sabe ler, mas, como nunca fui bom em falar, decidi escrever. Eu espero que esteja lendo esta carta dentro de um lar de verdade, cercada de amor, de alegria e segurança. Meu último ato de fé é esperar que você tenha tudo o que deveria ter: uma família.

Provavelmente você deve estar se perguntando quem escreveu isso e por qual motivo escondeu dentro desse bichinho de pelúcia, ou então se lembrou de mim, de quando resgatei aquele velho urso caolho que vivia em seus braços.

Por quase um ano eu ouvi seus pedidos de socorro, trancada naquele quarto escuro, e eles, ao mesmo tempo em que saíam de sua boca, eram os meus também. Eu nada podia fazer para me ajudar, mas espero ter conseguido ajudar você.

"Por quê?", você deve estar questionando, afinal nunca trocamos uma palavra sequer, você é/era uma menina, e eu, um adolescente esquisito, uma aberração grandalhona. É simples, você me salvou. Salvou o mínimo de esperança dentro de mim, me fez querer continuar lutando, e eu percebi que a forma de manter viva dentro de mim essa humanidade que ele teima em tentar destruir é te dando a chance de ser diferente.

Eu espero que seja feliz, brinque, seja amada, cresça, ame e contagie a todos com o mesmo sentimento que me fez voltar a ter esperança. Porém, se um dia, por algum motivo, voltarem a te trancar em um quarto escuro, basta fazer o que fez no dia em

que resgatei aquele velho urso: sorria.

Seu sorriso é capaz de iluminar qualquer escuridão!

Ponho-me de pé em um salto, tudo ficando claro de repente. O sorriso de Wilka, a forma como entrou na minha vida, no aplicativo e na Karamanlis, o que ela me despertou e o que me faz sentir.

É loucura demais, porém, não consigo ter outro pensamento senão o de que, 23 anos depois, a menina do armário e eu voltamos a nos encontrar.

Eu a salvei naquela época, e ela me salvou agora.

50

Kostas

— Onde ela está? — pergunto assim que Vera abre a porta.

Desde ontem estou repetindo essas palavras, querendo saber o paradeiro de Wilka. A partir de quando encontrei a carta no chão da sala junto às minhas roupas em sacos pretos, desesperei-me para saber onde ela estava, querendo ir atrás dela a qualquer custo a fim de lhe dizer que confiava nela e que a amava.

— Kika me pediu para entregar suas coisas e pegar as... — ela não consegue terminar de falar, pois Kaká passa por baixo de

suas pernas como um foguete, dando pulos de alegria, fazendo seu característico mijo da felicidade ao me ver.

Abaixo-me, pego-o no colo e, fazendo carinho em sua cabeça, questiono de novo:

— Onde ela está, Verinha?

A mulher respira fundo, estende as mãos para que eu lhe devolva o cachorro e nega.

— Ela precisa de um tempo, está muito magoada, não vai demorar. — Encara-me. — Pegue suas coisas e deixe as chaves com o Joca, por favor.

— Não. Eu não vou. — Ela bufa com minha teimosia. — Eu preciso conversar com ela.

— Para quê? Vai magoá-la ainda mais?

Nego, mas ela não me deixa falar mais nada, batendo a porta na minha cara.

Tomo a decisão de me instalar no apartamento de Wilka até que ela retorne, já que deixou Kaká para trás e isso é indício suficiente de que não vai demorar. Entro no apartamento, sirvo-me de mais uma dose de bourbon e ligo para todo mundo que conheço que pode obter informações sobre a nossa concorrente. Preciso descobrir quem foi que sabotou o projeto e provar a inocência de Wilka.

Ligo para o detetive que coloquei atrás de Theodoros e o encarrego de ir até o Rio de Janeiro e fazer o necessário para

conseguir informações dentro do governo. O contato de Millos passou apenas parte de documentos para meu primo, porém, preciso deles em sua íntegra, bem como os detalhes da negociação relâmpago que fizeram às nossas costas.

Quem quer que tenha sido o responsável por isso, terá que enfrentar as consequências de seu ato. Plagiaram um documento sigiloso da Karamanlis e passaram informações privilegiadas à nossa concorrente direta, pondo em risco um negócio de milhões, e isso não ficará impune.

Escuto barulho no corredor do prédio e saio correndo do apartamento, esperando ver Wilka, mas é Verinha com Kaká desesperado para pular no meu colo, e, pela expressão da vizinha, ela só veio atrás de mim por causa do pequeno york.

— Ele chora demais quando ouve sua voz. — Verinha me entrega o bichinho. — Fica na porta, cheirando por baixo dela, sentindo seu cheiro no corredor do prédio. — Ela suspira. — Não posso fazer o bichinho sofrer, é maldade! — Dá de ombros. — Por algum motivo, ele gosta de você.

Faço festa e falo com Kaká, recebendo lambidas alegres no rosto.

— Ele também sente falta dela — apelo. — Me diga onde ela está e acabe com nosso sofrimento.

— Eu prometi...

— Verinha, eu a machuquei, mas quero pedir perdão.

— Eu prometi, e não quebro minhas promessas. — Ela acaricia o Kaká em meu colo. — Ela não deve demorar a voltar, só precisava de um tempo para digerir tudo o que houve.

— Entendo. Kaká pode ficar comigo no apartamento?

— Eu ia levá-lo para passear um pouco.

Respiro fundo.

— Pode deixar, que eu levo.

Verinha concorda e me entrega a guia, uma luva e um saquinho plástico. Nunca passeei com um cachorro antes, não fazia nem ideia de como era ter um bicho de estimação antes de começar a conviver com o Kaká, mas sei o quanto Wilka ama esse cachorro, e estar perto dele, de certa forma, me aproxima dela também.

Caminhamos por um bom tempo, parando quase de poste em poste para ele demarcar seu território. Aprendo o motivo de levar a luva e o saco plástico quando ele deixa um belo cocô na calçada. Mexo com ele sobre sua educação e devo parecer um doido conversando com o cãozinho no meio da rua.

Para falar a verdade, a cena toda deve ser hilária! Um homem do meu tamanho passeando com um york, desabafando com ele como se fosse gente, relembrando momentos juntos – nós três, claro – e o consolando por estar triste e com saudades de Wilka.

— É, Kaká, eu entendo, amigão! — digo pouco antes de

entrar no prédio com ele em meu colo. — Nós a amamos muito!

Já faz quase uma semana, e Wilka não voltou ainda. Não saí de perto do prédio nesse tempo, passei a trabalhar no apartamento dela, dando-lhe o tempo que precisava para digerir tudo o que aconteceu e cuidando do Kaká. O problema é que, quanto mais ela demora, mais eu me desespero.

Já pensei em colocar um detetive para descobrir seu paradeiro e ir atrás dela, cheguei a ligar para um, na verdade, mas depois achei melhor dar um tempo. Eu a magoei demais, e, da mesma forma que precisei de um tempo digerindo tudo, ela também precisa.

Todos os dias passeio com o Kaká, rego as plantas do apartamento dela, trabalho e durmo aqui, sentindo-a mais perto de mim. Em um desses dias, encontrei-me com o bombeiro metido a fortão, e sua expressão ao me ver foi de espanto, tamanho meu desalinho.

— Meu, se toca e vai embora, ela não quer mais você! — o desgraçado disse, e eu quase parti para cima dele. Estava precisando descontar um pouco da frustração, e dar umas porradas iria aliviar um pouco a pressão, mas aí notei o menino

que estava com ele e desisti daquela loucura toda.

Falei com Alex e Millos, pois queria saber como estavam as coisas dentro da empresa. Meu primo já havia dado início à investigação de espionagem, e Alex tentava apurar, junto à sua equipe, outros possíveis locais para apresentarmos ao cliente e não perder a conta de vez.

— Eu assumi a gerência dos *hunters* enquanto estamos apurando o vazamento. Os computadores e contas da Kika Reinol foram todos analisados já, e nada foi encontrado — Millos informou durante a ligação.

— Eu sei, não foi ela! — afirmei categoricamente.

— Eu também acredito que não. — Millos respirou fundo. — O Conselho marcou reunião para falar da auditoria sobre Theodoros. Você virá?

— Estarei aí, recebi o e-mail com a convocação.

Ficamos mais um tempo conversando sobre os assuntos da empresa, e, toda vez que ele tentava falar sobre como eu estava, eu desviava a conversa para não desmoronar.

Tento manter a cabeça no lugar para não enlouquecer de vez, desesperado demais sem saber notícias de Wilka. Não consigo sair de seu apartamento, só durmo quando o cansaço me vence, então abraço sua camisola, sentindo ainda seu perfume e apago até a manhã seguinte.

Eu me sinto moído por dentro, sangrando, só de pensar no

quanto ela deve estar sofrendo por ter sido acusada de algo que não fez e, acima de tudo, por ter sido tratada daquela forma por mim.

A mulher que eu amo está sofrendo por minha culpa!

— Conseguiu todos os documentos? — minha voz soa impaciente até aos meus próprios ouvidos.

— Consegui. — Ele parece animado do outro lado da linha. — Tive que ir molhando de mão em mão em cada setor dentro do governo, mas consegui cópias dos principais documentos e mais... — O detetive toma ar. — Descobri quanto foi o acerto por fora para passarem a perna em vocês.

— Isso não me interessa por hora, mas muito bem que tenha conseguido. — Sento-me na cadeira de Wilka. — Mande tudo assim que possível.

— Já estou digitalizando e, em breve, estará no seu e-mail.

Desligo o telefone e fecho os olhos, sentindo que agora falta pouco para descobrir o que realmente aconteceu, provar a inocência de Wilka e processar quem quer que esteja por trás disso.

Voltei para a Karamanlis a fim de participar da reunião do

Conselho de Administração e votar sobre a situação de Theodoros depois de uma semana longe da empresa. A reunião foi longa, tomou mais tempo do que eu imaginava, porém, fiquei satisfeito com o resultado.

Fui dormir no apartamento da Wilka, passei na Verinha para pegar o Kaká e mandei mais mensagens longas e cheias de saudades para ela, mesmo que seu celular não esteja recebendo nada.

Eu ainda não tinha vindo até a gerência de *hunter* depois do que aconteceu naquela noite. A última imagem que tenho dela aqui é de seus olhos cheios de lágrimas e minha voz acusadora pedindo explicações que ela se recusava a me dar.

Não preciso de nenhuma mais! Ainda não sei o que significavam aqueles telefonemas, nem mesmo o dinheiro em sua bolsa ou com quem ela se encontrou naquele carro, mas nada disso importa para mim.

Confio nela!

Eu sei que deveria ter tido essa confiança desde o começo. A verdade é que eu tinha, sempre tive confiança nela, só não soube como demonstrar isso.

Inclino-me para frente e deito minha cabeça na mesa dela, encostando a testa na madeira, olhos fechados, coração doendo, arrependido por nunca ter aprendido uma prece sequer na vida que possa fazer agora, uma oração para que um ser supremo me

ouça e a traga de volta, pois a saudade está me matando.

— Kostas.

Levanto a cabeça e vejo Theodoros parado na sala.

— Oi — cumprimento-o e seco do rosto as lágrimas que nem sabia que tinha vertido.

— Eu soube que você estava aqui e queria conversar. — Theo franze o cenho. — Está tudo bem?

— Claro que sim. — Ponho-me de pé. — O que você precisa conversar comigo?

Theo fica um tempo me olhando, mudo, como se estivesse me analisando.

— Sobre a reunião. — Arqueio a sobrancelha, tentando não demonstrar nada. — Millos me contou que eles chegaram a um impasse, pois a auditoria não apontou nenhuma irregularidade, mas ainda assim alguns queriam continuar...

— Seria burrice — interrompo-o. — Se a auditoria não apontou nada, não tinha motivo para continuarem investigando, só iria expor a empresa a um escândalo, e nós não precisamos disso nesse momento.

Theodoros assente.

— Eu sei disso, mas me surpreendeu que você tenha falado e votado a meu favor nessa reunião. — Dou de ombros como se fosse bobagem. — Assim como fiquei surpreso quando minha filha me mostrou o urso que um amigo do Millos deu de

presente para ela. — Tento fazer minha expressão de tédio, mas não consigo, emocionado ao me lembrar de Tessa. — Achou que eu não me lembraria de seu apelido de infância?

— Isso... — Engasgo, sem conseguir controlar meus sentimentos.

Respiro fundo várias vezes, tentando voltar ao controle de minhas emoções, mas sem sucesso. Eu não tenho mais as máscaras que usava, nem mesmo as paredes defensoras que me afastavam do sofrimento, mas que também me impediam de amar e ser amado.

Theodoros se aproxima de mim e toca meu braço.

— Ela adora aquele urso, e tenho certeza de que irá adorar receber a visita do Tim agora, que já está em casa. — Só consigo balançar a cabeça. A garganta está tão espremida pelo peso de tantos sentimentos que não consigo emitir nenhuma palavra sequer. — Obrigado pelo que fez na reunião e por ter alegrado minha menina em um momento tão difícil de sua vida. — Ele sorri. — Eu gostaria de agradecer a Kika Reinol também, mas acho que vou ter que esperar ela retornar ao trabalho.

— Eu não sei onde ela está... — falo para mim mesmo.

A expressão de surpresa no rosto de Theodoros é flagrante. Seus olhos azuis – o único traço familiar que compartilhamos – estão muito arregalados com a constatação de que há algo entre mim e Wilka além do profissional.

— Ela não está em São Paulo? — ele indaga assim que consegue se recuperar da surpresa, e eu nego. — Você já foi ao apartamento...

Rio, meio desesperado.

— Eu estou morando lá, tomando conta do Kaká, que também anda doido de saudades dela, sem ter ideia de onde ela pode ter se metido.

— Kaká? — Theodoros pergunta, mas depois balança a cabeça. — E Malu Ruschel? Já falou com ela?

Agora quem arregala os olhos a ponto de quase deixá-los cair da cara sou eu. *Porra! Por que não pensei na Malu Ruschel?!*

— Claro! — Levanto-me em um pulo. — Malu, no Pantanal! Wilka deve estar lá! — Pego o celular. — Preciso arranjar um voo...

— Kostas — Theo me chama. — Acho que não vai ser necessário. — Encaro-o. — Ela foi convocada a prestar esclarecimentos sobre o que aconteceu, estará aqui amanhã.

— Ela confirmou que vem?

— Sim! — Theo bate no meu ombro. — Ela vem, e eles esperam você para uma reunião também, não recebeu o e-mail?

— Não olhei. — Bufo. — Alex e Millos disseram que nada foi apurado!

— Exatamente, por isso a reunião. — Theodoros parece

preocupado. — Dois conselheiros vão participar, além dos outros diretores, então a coisa não vai ser fácil.

Merda!

Sinto-me um merda por não ter descoberto nada ainda, mas me consolo dizendo a mim mesmo que estarei aqui amanhã e a defenderei com todas as minhas forças.

51

Kika

A luz do sol atravessa as frestas entre as ripas da janela de veneziana, demarcando seus raios, fazendo brilhar como purpurina dourada tudo em que toca. Fico por um tempo olhando esse espetáculo, tentando deixar a cabeça em branco, evitar remoer lembranças e fazer vãs questionamentos.

Porém, não dá.

Não por muito tempo.

Suspiro, e uma lágrima escorre sorrateira, pinga na fronha do travesseiro e é imediatamente absorvida pela maciez do

algodão. Várias outras seguem o mesmo caminho, umedecendo um ponto abaixo de minha bochecha, mas não me movo, continuo a olhar os raios dourados, anestesiada, incapaz de pensar que, mesmo depois de tudo o que passei, possa ainda sentir essa dor ardente.

Cheguei aqui, à Paraíso, há uma semana, buscando o amparo que só poderia achar nos braços daquela a quem considero como uma irmã. Gastei o que não podia para comprar uma passagem para Campo Grande, e, de lá para Aquidauana, foi Malu quem arranjou o fretamento do pequeno avião.

Passei depois mais algum longo tempo sacolejando pelas estradas até chegar aqui, à fazenda, mas valeu cada músculo dolorido quando ela, com seu ventre inchado de nove meses de gestação, abraçou-me e chorou comigo mesmo sem saber da história toda.

— Preparei um quarto para você — ela me disse enquanto caminhávamos para a casa. — Pode ficar o quanto quiser. — Sorriu. — Pode ficar para sempre e trabalhar comigo na pousada.

Balancei a cabeça em agradecimento e negativa.

— Eu só preciso de um tempo para lamber minhas feridas, mas vou voltar. — Malu abriu um sorriso enorme. — Não posso deixar que me atribuam algo que não fiz e encerrar minha carreira dessa forma.

— Isso! — Ela bateu palmas e pulou animada, fazendo seu Xucro, parado na entrada da casa, pigarrear. — Guilherme, Kika e eu precisamos de privacidade para conversar. — Ela alisou o pescoço dele. — Você se importa se eu dormir com ela essa noite?

Pode parecer engraçado, mas vi alívio na expressão do homem e já imaginava o motivo. O apetite sexual de Malu aumentou muito com a gravidez, e, pelo que eu pude perceber, ela estava dando canseira ao seu Xucro.

— Claro, Dondoquinha! — Ele a beijou cheio de carinho, e isso oprimiu meu coração.

Não sou invejosa e, muito menos, sinto isso por Malu e Guilherme, apenas me lembrei da forma com que Kostas também fazia isso, como me abraçava na cama na hora de dormir, beijava minha testa, cheirava meus cabelos e relaxava. Eu me sentia tão protegida, tão querida e, mesmo sem ele nunca ter dito nada, tão amada.

Acho que me enganei sobre as minhas sensações.

O quarto que Malu preparara para mim era ótimo! Ela me ajudou a desfazer a mala, ambas em silêncio, fazendo o que mais gostávamos no mundo: organizar. Depois disso eu fui para o banho, e, quando saí, ela me esperava com uma comida de fogão a lenha que fez meu estômago roncar alto.

— Eu nunca pensei que isso aqui fosse tão bonito! —

comentei.

— Você não viu nada! — ela disse animada. — Lembra as fotos que mandei para vocês quando estava procurando a área do resort? — Assenti. — É ainda mais linda nesta época do ano.

Pus a mão em sua barriga.

— E minha afilhada? — Ela riu por eu continuar insistindo que era uma Xucrinha que vinha. — Será que vou conseguir assistir ao seu parto?

Malu fez careta.

— Olha, nem eu queria assistir! — Riu. — Ainda lembro o da minha irmã mais velha e fico em agonia, mas, se você insistir e não se traumatizar depois...

Dei de ombros.

— Pelo visto não vou ter filhos mesmo! — Solucei. — Não nasci para ter uma família.

— Uau! — Malu ficou séria. — A positiva e liberal Wilka Maria dizendo isso? — Levantou a sobrancelha. — Houve mais do que me contou, não foi? — Assenti. — Konstantinos Karamanlis, além de ter te acusado de algo absurdo, ainda quebrou seu coração... Agora como ele fez isso?

Comecei a chorar, lembrando-me de quando eu começara a digitar uma mensagem para ela em desespero para contar sobre Kostas, mas desistira.

— Eu me apaixonei por ele, Malu.

Primeiro, Malu parecia que não tinha ouvido o que falei, mas depois a incredulidade tomou conta do seu semblante seguida de choque e total descrença.

— O que foi que eu perdi? — Deitei-me na cama, e ela se deitou ao meu lado, sua enorme barriga para o teto. — Eu sentia que o seu jeito de falar dele havia mudado, mas achei que era por conta da convivência no trabalho, não por outra coisa.

— Ele é o Portnoy.

Não sei como, mas a mulher conseguiu se virar de lado e me encarar com os olhos abertos como dois pratos de restaurante a quilo.

— O seu caso virtual era o Kostas Karamanlis?! — Malu falou tão alto que achei que todos naquela fazenda passaram a saber da minha história.

— Era, e ele descobriu primeiro que eu era a Caprica. — Ela fez careta para o apelido que eu usava. — Se aproximou de mim, nos envolvemos, e só depois ele me contou sobre o aplicativo.

— Meu Deus!

Ri do assombro dela.

— Ele era... diferente do homem que conheci dentro da Karamanlis.

— Espera, Kika! Primeiro preciso digerir a informação de que vocês tiveram um caso, porque, se me perguntassem sobre

um casal que eu achava impossível, diria o nome de vocês sem sombra de dúvidas. Vôti! — Ela se sentou, toda desconjuntada. — Você é essa potência de mulher, livre, segura de si, animada, e ele é... estranho! — Ela fez careta. — O pessoal dizia que ele era tão frio que via sexo como uma relação de negócios, por isso só transava com putas.

Neguei a informação, e ela fez mais uma cara de assombro.

— Kika, eu nunca soube de um envolvimento dele com ninguém, e olha quantos anos trabalhei naquela empresa! Já tinha visto Theo e Alex com algumas mulheres, o doutor Millos é daquele jeito discreto, nunca me encontrei com ele em baladas, mas, nos eventos sociais que íamos, ele estava sempre acompanhado pela Sâmela, uma amiga dele de muitos anos. Mas Kostas? — Ela negou. — Nunca, no máximo com garotas de programa.

— Eu não sei o que nos levou um para o outro, mas aconteceu.

Malu voltou a deitar ao meu lado e fez carinho em meus cabelos.

— Eu sei como é isso, acredite — disse com um sorriso. — Eu juro que não tinha entendido sua reação ao que houve, porque a Kika que eu conheço nunca se afastaria sem antes provar a todos que estão errados. Ele te magoou muito ao não confiar em você, não foi?

— Foi! — Tentei sorrir, mas não deu, solucei. — Eu achei que ele sentia por mim o mesmo que sinto por ele. Em momento algum, mesmo sabendo que, se perdêssemos a conta, ele prejudicaria ainda mais o Theo, eu desconfiei dele.

— Ele tinha mais motivos para querer isso do que você, Kika.

— Eu sei, mas, mesmo assim...

Chorei abraçada a ela durante muito tempo. Malu era a única que conhecia parte da minha história e, por isso mesmo, estava ciente de tudo o que eu tinha feito nos últimos meses para manter o passado em seu lugar.

— Ele desconfiou por causa das ligações e do dinheiro — comentei.

— Puta que pariu! — Secou minhas lágrimas. — Ele entendeu tudo errado! Por que não contou a ele?

Fechei os olhos e me lembrei do último encontro que tive.

— Está tudo certo?

Não me respondeu, apenas terminou de contar as notas.

— Parece que sim! — Sorriu, e senti nojo de sua expressão. — Sabe, acho que pedi pouco.

— Não se atreva! Todo meu futuro está aí em suas mãos. O que economizei, o que ainda nem ganhei e até um bem que não é meu!

Senti o coração apertar ao pensar na Malu e no que fizera por mim. O imóvel em que eu morava ainda estava no nome dela, pois ainda não havia terminado de pagar. Então, para o empréstimo, ela tivera que fazer um documento para que eu desse o bem em garantia.

— Você se acha muito esperta, garota. Acha que não vi um dos donos da empresa onde trabalha sair do seu apartamento todos os dias? — Um arrepio gelou meu corpo ao perceber que tinha sido vigiada. — Eu poderia exigir mais dinheiro e, talvez, o faça, afinal, ele me conhece, e imagina como reagirá ao saber que você...

— Não se atreva!

As risadas encheram o carro, provocadas pela satisfação de saber que conseguira outro ponto fraco para me golpear.

— Porque seria pior — respondi a Malu, deixando de me lembrar daquele dia. — Preciso apenas descobrir quem fez isso. Não importa mais o que eu sinto por ele.

— Tem certeza?

Não!, eu quis gritar, mas engoli o desespero e tentei focar em recuperar meu coração e voltar para São Paulo disposta a provar minha inocência.

Depois desse primeiro dia, mergulhei com Malu na papelada da empresa que ela está montando aqui.

A Pousada Ecológica Paraíso será o grande empreendimento do lugar, além de uma fonte de renda para as pessoas que moram no entorno. Os projetos estão sendo feitos por uma grande empresa de arquitetura de São Paulo e com o acompanhamento de Alex, o que me surpreendeu.

Foi assim que preenchi meus dias, acompanhando o ritmo frenético de trabalho de Malu, participando das rodas em volta da fogueira no final da tarde, tomando tereré, cantando moda de viola com a peonada e aprendendo a andar a cavalo.

À noite chorava, sentia saudades, perguntava-me como ele estava com isso tudo, sentindo desesperança, solidão e medo. Era como se eu voltasse a ser a menininha que trancavam no armário da despensa no escuro, sem ninguém para me defender e nenhum amigo para conversar comigo do outro lado da porta.

Senti-me assim ainda mais depois de perceber que havia perdido a carta que sempre carreguei comigo como um amuleto. Achei-a meses depois de ter encontrado o urso no armário dentro de uma caixa aberta junto a uma lanterna.

Na última noite que passei naquele lugar, tive luz, um bichinho para apertar contra meu corpo e o pensamento de que aquele garoto grandão e assustador era na verdade meu anjo da guarda. Então, quando achei a carta, já morando com meus pais adotivos, tive a certeza disso.

Nunca soube seu nome, mal me lembro dele, mas sua carta mudou minha vida e me fez ser uma pessoa muito melhor. Queria ter a carta comigo, ainda mais agora, que sei que terei que voltar para a empresa para esclarecimentos depois de amanhã. Queria estar com ela no meu bolso, devolvendo minha esperança, fazendo-me crer que uma atitude positiva pode mudar qualquer cenário ruim.

Seu sorriso pode iluminar qualquer escuridão!

Ouço uma batida forte na porta do meu quarto e seco o rosto, deixando esses pensamentos de lado, tentando parecer bem e recuperada.

— Entra!

Dona Sueli, a tia do Guilherme, aparece sorridente.

— A bolsa da Malu estourou — informa, e eu me sento na cama assustada e animada. — Nosso bezerrinho vem aí!

Levanto-me e ponho a primeira roupa que encontro, correndo para o quarto deles. Bato à porta, e o Xucro me atende, um pouco pálido e com a testa suada de nervosismo.

— Como ela está? — pergunto baixinho, mas ela me ouve.

— Como vocês acham que... — ela respira igual a um cachorro, segurando a barriga, e eu arregalo os olhos de medo — eu estou, porra!?

Guilherme ri, mas ela lhe dá um olhar tão mortal que logo fica sério.

— Ei, Malu, fica calma... — tento apaziguá-la, mas logo desisto.

— Eu estou calma! — ela grita. — Vocês que estão me deixando nervo... — Outra contração a faz travar os dentes e emitir sons assustadores.

Aproximo-me de dona Sueli, preocupada, e inquiro baixinho:

— Isso é normal? — A senhora ri e concorda. — Força, Malu, já, já isso acaba e...

— Não — dona Sueli interrompe meu discurso motivacional. — Ainda vai demorar um tempinho, Kika.

E demora.

Puta merda, como demora!

Ela respira cachorrinho, chora, ri, beija o marido, ameaça chamar um dos peões para capá-lo, e é assim, nem sempre nessa ordem, até que vejo Guilherme amparar o bebê nos braços, os olhos azuis cheios de lágrimas, enquanto ouço seu riso.

Dona Sueli recolhe as coisas usadas no parto e as leva para fora.

— É lindo seu menino, minha amiga — parabenizo-a, pegando em sua mão, enquanto o Xucro examina o bebê.

— É nosso menino, Kika! O Xucrinho é seu afilhado. — Beijo sua testa suada, engasgada com as lágrimas de alegria, temerosa pela responsabilidade, mas grata por tê-los em minha vida. — Escolhemos um nome.

— Ah, enfim vão revelar! — mexo com ela, pois, além de não quererem saber o sexo do bebê, também não falaram as opções de nome.

Guilherme aparece com meu afilhado já limpinho, com uma touca na cabeça e luvinhas nas mãozinhas, embrulhadinho como um pacotinho, e o entrega para Malu.

— Gael, esse é o nosso Gael!

Meu coração se inunda de amor por esse ser pequenininho de tal forma que nunca sonhei sentir. Não pensei em ver minha amiga viciada em trabalho se entregar dessa forma a um ser tão pequeno e indefeso.

— Preciso cuidar de você agora, meu amor — Guilherme fala para Malu. — Consegue se levantar para tomar um banho?

Ela concorda e estende o embrulhinho para mim.

— Sério? — pergunto nervosa, sem jeito, pegando o pequeno toda torta. — Ah, meu Deus! E se ele chorar ou quiser mamar...

— Vai querer daqui a pouco — Xucro não ajuda. — Mas já

estaremos de volta.

Concordo e embalo o pequeno Gael, meu pequeno afilhado, um pedacinho do amor dos meus amigos cujo cuidado me confiaram e cuja participação em sua vida me deram a honra.

— Eu prometo, Gael, que você vai sentir muito orgulho de sua tia e que nunca vai se sentir desamparado e só. — Cheiro-o, gravando na memória seu perfume natural, lamentando não ter muito mais tempo para ficar com ele. — Eu vou voltar para São Paulo, resolver minha vida lá e, quem sabe, retornar para ajudar a mamãe e o papai a fazerem essa pousada acontecer.

52

Kostas

Ando de um lado para o outro dentro da empresa, conferindo as horas a todo momento. Já está próximo do horário agendado no e-mail de convocação para a reunião sobre a Ethernium, e eu já estou na sala de reuniões esperando Wilka chegar.

Conhecendo-a como a conheço, sei que virá com antecedência, irá organizar suas coisas e aguardar o início da reunião já com tudo pronto para se defender seja como for.

A verdade é que eu estou um caos!

Esbravejei com metade da minha equipe, reuni e ameacei os *hunters*, deixando bem claro que, se descobrirmos que algum deles é um traidor, iremos enterrar a carreira dessa pessoa. Estou uma pilha de nervos desde ontem, quando Theodoros me contou da reunião e da vinda de Wilka.

Eu preciso de respostas, preciso defendê-la, nem que para isso tenha de mover meio mundo a fim de descobrir como foi que toda essa merda aconteceu. Não há o que eu não faça para ter Wilka Maria ao meu lado, o que eu não renuncie por ela. Estou aqui disposto a tudo para ajudá-la a provar sua inocência, para que me perdoe e torne a repetir que me ama, mesmo depois de tudo o que a fiz passar.

Respiro fundo, temeroso da reação de Wilka à minha presença aqui nesta sala, ansioso pelo modo com que irá receber o que eu tenho a lhe dizer sobre nós dois, sobre a forma como nossas vidas foram entrelaçadas desde quando éramos crianças.

Wilka Maria é a tradução de todos os meus sonhos em realidade; não posso perdê-la. Com ela, desde o início, eu me senti completo, relaxado, confiante e feliz. Ela é meu remédio, consegue me curar das dores do passado, é meu anjo, minha salvação. Wilka é meu lar!

Não tenho a ilusão de que será fácil reconquistar sua confiança; machuquei-a demais, em muitos momentos e de várias formas. Mesmo assim, mesmo com tantas situações que

passamos juntos, ela abriu seu coração e se entregou a mim da maneira mais pura e sincera que existe.

É a minha vez de mostrar a ela que eu lhe pertenço e que, mesmo sendo o homem fodido que sou, a amo.

Não quero que você seja o homem que eu mereço, quero apenas que seja o homem que eu amo!, as palavras dela renovam a esperança de tudo dar certo, não porque eu sinta que a mereça, mas certamente sou o homem que a ama.

A porta da sala de reuniões é aberta, e ela para ao me ver. Seguro o fôlego, receoso de que dê meia-volta e não me dê a chance de conversarmos antes de todos os partícipes da reunião chegarem.

Reparo na palidez de seu rosto, nas olheiras. Acho que ela perdeu peso, e isso me fere por pensar no quanto sofreu todos esses dias. Sinto falta de seu sorriso, do brilho nos seus olhos e até mesmo da expressão debochada e seu jeito pimenta de ser. É necessário que eu me convença a ficar parado aqui onde estou, pois minha vontade é de ir até ela, abraçá-la com força e garantir que nada, nem ninguém nunca mais a machucará.

Nem mesmo eu!

— Eu estava esperando você — arrisco começar a conversa.

Wilka titubeia, mas logo entra na sala e fecha a porta. Ela me encara, séria. A mágoa é evidente em seus olhos.

— Não imaginei que o encontraria aqui hoje. — Dá de ombros. — O que você quer? Me acusar ainda mais?

Respiro fundo e olho para a porta, prevendo que a qualquer momento teremos companhia. Aproximo-me de onde ela está.

— Não, não estou aqui para isso. — Paro a uma distância segura para não a amedrontar e a fazer fugir de mim. — Estive te procurando esses dias. Precisamos conversar.

Ela nega.

— Não temos mais nada a conversar. Não é um bom momento. Em breve vou passar por uma situação estressante, tendo que responder a perguntas para as quais talvez não tenha resposta e não posso ficar aqui perdendo tempo com você.

— Não faz isso, Wilka. — Aproximo-me mais dela, que se retrai. — Temos muito a conversar. Me dê a chance de...

— Você não me deu nenhuma, Konstantinos — ela me interrompe. — Foi logo tirando suas conclusões, me acusando, me condenando. Por que eu deveria te dar uma chance para...

— Porque eu amo você! Eu amo...

— Isso fez alguma diferença para mim? — Seus olhos brilham de lágrimas, porém, ela se mantém forte. — Fez alguma diferença eu ter dito a você como me sentia? Não, não fez!

— Wilka, eu... — sou interrompido quando a porta se abre. Millos, Theodoros, Alex e os demais diretores entram na sala.

— Bom dia a todos! — Theodoros cumprimenta-nos. —

Konstantinos, sua reunião é logo após a da senhorita Reinol, então...

— Eu não vou sair, Theodoros! — declaro.

Millos bufa, olha para Alex e depois vem ao meu apoio.

— Acho que ele deveria ficar, afinal os dois trabalhavam nesse projeto juntos.

— Eu prefiro que ele saia — Wilka me surpreende.

— Não vou sair! — rebato.

— Tudo bem — Theodoros decide. — Mas, se eu sentir que você está atrapalhando ou constrangendo a senhorita Reinol, ponho você para fora na marra.

Sento-me à mesa no exato momento em que os dois conselheiros mais conservadores entram na sala. Noto a tensão de Wilka ao vê-los e tenho vontade de pegar em sua mão e lhe garantir que tudo dará certo.

— Bom, essa reunião com a senhorita Reinol foi um pedido do Conselho para averiguar a suposta participação dela no vazamento de informações confidenciais da Karamanlis — Theodoros começa. — Em seguida iremos ouvir o outro envolvido, o diretor jurídico responsável pela conta, Konstantinos Karamanlis, que se faz presente nessa reunião.

— O que é ótimo, pois podemos promover uma acareação entre eles, caso seja necessário — um dos conselheiros sugere, e eu travo o punho de raiva.

— Boa ideia! — O outro conselheiro aplaude.

— Senhorita Reinol, está conosco há quanto tempo?

Wilka começa sua explanação falando do tempo em que entrou na empresa, atuando como estagiária, depois como assistente de Malu Ruschel e, por fim, de sua promoção a gerente.

Lembro-me da época em que éramos apenas Portnoy e Caprica, e ela me falou de sua paixão por esta empresa, de que a via como uma família e de sua tristeza por ter de deixá-la por outra, mesmo ganhando mais. Wilka demonstra seu amor pelo trabalho, pela Karamanlis em cada explicação que dá, e apenas um idiota – como eu – pode pensar que ela pudesse fazer algo que prejudicasse a empresa.

— Quando a senhorita recebeu o documento do diretor jurídico?

— Uma semana antes de sabermos do vazamento.

O conselheiro olha para umas anotações, provavelmente material da investigação.

— E por que só transmitiu o documento para o funcionário Leonardo Dias depois?

— Ainda estávamos preparando todos os materiais para apresentar ao cliente, e eu sempre deixo os documentos sigilosos por último, exatamente para ter um controle maior sobre eles.

— Isso significa que a senhorita não confia em sua equipe?

Wilka toma fôlego e nega.

— Isso significa que eu zelo pelos documentos que produzimos. Eu confio totalmente na minha equipe, só não via motivos para liberar no sistema um documento que seria o último a ser acostado no briefing.

Concordo plenamente com ela e me culpo por ter interferido no modo como ela trabalha, liberando eu mesmo o documento para o Leo. Não acho preciosismo ela proteger documentos, mesmo porque eles passam por várias mãos, não só da sua equipe, pois vão para o pessoal que trabalha com nosso material gráfico, depois são colocados pelos estagiários nas pastas e encaminhados para os *hunters*.

— Chegou ao nosso conhecimento que a senhorita recebeu ligações que a deixaram nervosa e que...

— Eu não entendo o motivo pelo qual a vida pessoal dela deva entrar em pauta — interrompo-o.

— Doutor Konstantinos, embora o senhor seja advogado, preciso lembrá-lo que aqui é mero espectador, então deixe que a senhorita Reinol responda ao questionamento.

— As ligações foram de ordem pessoal e realmente não têm nenhuma ligação com a empresa. — Ela retira um papel da pasta que trouxe. — O dinheiro que eu sei que vocês irão questionar daqui a pouco — Wilka me olha de esguelha — veio de um empréstimo que fiz para ajudar uma pessoa.

Ela entrega o documento, e todos o analisam.

— É muito dinheiro! — um dos diretores comenta.

— Sim, mas foi feito por empréstimo, dando um bem como garantia.

— Está no nome de Malu Ruschel também — Theodoros comenta.

— Malu possui parte do apartamento que usei como garantia, por isso ela teve que assinar um documento para autorizar o pedido de empréstimo.

Olho-a surpreso, sem entender o motivo que a levou a hipotecar seu apartamento. Se ela precisava de dinheiro para ajudar alguém, por que não me contou? Certamente eu a ajudaria.

— Sim, está tudo certo aqui. — Theodoros me passa o documento. — Não achamos nada nos computadores dos *hunters* e nem nas contas associadas aos funcionários do setor. Iremos continuar as averiguações, mas não vejo motivo para manter a senhorita Reinol suspensa de suas atividades. Todos concordam?

A maioria levanta a mão, porém, um dos conselheiros e um dos diretores se mantêm reticentes quanto à volta dela.

— Acho que ela deveria ficar afastada até descobrirmos o que houve!

— E ficarmos sem um gerente para conseguir outra área

para a Ethernium? — questiono-lhe. — A senhorita Reinol e eu temos centenas de outros locais para serem analisados, e, se existe alguém em quem confio para achar o local ideal e para que não percamos esse cliente tão importante, é ela!

Wilka me encara, olhos arregalados.

— Acha que ainda podemos reverter esse jogo? — um dos diretores me pergunta.

— Tenho certeza disso! Não vou descansar até descobrir de onde veio o vazamento, mas isso não nos prejudicou com o cliente ainda. Precisamos de uma área, e a senhorita Reinol já provou por A mais B que é eficiente.

— Concordo com Konstantinos. — Millos sorri, assentindo.

— Eu também. — Alex o acompanha.

Olho para Theodoros e noto o seu sorriso.

Após isso, é minha vez de ser questionado, e respondo a tudo calmamente, mas meus olhos não saem de Wilka. Ao fim da reunião, Theo diz:

— Bem-vinda de volta ao trabalho, senhorita Reinol. Lamentamos muito o ocorrido, e espero que entenda que foi necessário.

Wilka se põe de pé, gigante em seu pouco mais de 1,60m de altura.

— Eu vou terminar esse projeto, ajudar a descobrir quem

nos sabotou, porém, depois gostaria de pedir o desligamento definitivo da Karamanlis — sou eu quem fica de pé ao ouvir isso. — Meu trabalho requer confiança, não posso exercê-lo se não a tenho.

— Wilka... — chamo-a, mas não me olha.

— Eu gostaria de me retirar agora para poder conversar com minha equipe.

— Claro! — Theodoros autoriza.

Ela me olha rapidamente, vira as costas e sai da sala. Faço o movimento de segui-la, mas Theodoros me segura pelo braço.

— Espere um pouco. — Ele se despede dos conselheiros e diretores e volta a falar comigo apenas quando Alex, Millos e eu ficamos na sala consigo: — Foi levantada a possibilidade de essa sabotagem ter vindo de você. — Eu bufo, pois já havia imaginado isso. — Nós repudiamos a ideia, ainda mais depois que isso respingou em Kika Reinol.

— Não fui eu! — confirmo.

Theodoros balança a cabeça e me solta.

— Ache quem fez isso e a faça ficar.

— Eu vou!

Saio da sala pensando em uma forma de conversar com ela. Talvez aqui na empresa não seja o local ideal, e eu ainda tenho as chaves de seu apartamento.

Vou para a diretoria jurídica, mas, mal entro em minha sala,

escuto meu computador notificar a chegada de um e-mail. É do detetive. Abro os anexos, lendo documento por documento até chegar ao meu parecer. Franzo o cenho ao ler o final, algo me incomodando.

Abro o arquivo original e comparo as duas versões. Aparentemente qualquer pessoa pensaria que eles modificaram algumas frases para disfarçar o plágio. No entanto, sei que não foi, porque eu mesmo escrevi aquilo tudo.

Eles copiaram o arquivo não revisado, que somente eu tinha!

Como?!

Levanto-me da cadeira, vou até a garrafa de bourbon, mas desejoso por um café, na verdade. Infelizmente não tenho máquina aqui na minha sala, como Theodoros tem na dele, e não estou disposto a ir até o restaurante para tomar... Paro, a mão estendida na direção da bebida, mas sem pegá-la.

No dia em que revisei esse documento, Wilka não estava comigo, eu estava sozinho até Viviane Lamour chegar ao meu apartamento para levar os extratos da conta de Theodoros no exterior. A lembrança do pedido de café, depois da bebida derramada sobre mim e, em seguida, de minha subida para trocar de roupa me faz xingar bem alto.

Estava tudo em cima da mesa na sala, o documento não revisado, as informações sobre o terreno e até mesmo os

contatos no Rio de Janeiro, tudo à disposição dela.

Puta que pariu! Ponho as mãos na cabeça ao constatar que ela percebeu que eu não iria usar os documentos contra Theodoros e encontrou um jeito de nos ferrar.

A culpa é minha!

Pego o telefone e ligo para a desgraçada da Viviane Lamour, mas a cobra peçonhenta não me atende. Não mando mensagem; não quero alarmá-la. Não posso simplesmente acusá-la sem prova alguma, preciso pensar com calma e usar a inteligência.

— Kostas? — Millos aparece.

— Porra, Millos! — chamo-o para entrar na sala. — Eu sei quem vazou os documentos!

Meu primo para, arregala os olhos e coça a barba.

— Como você sabe?

— Os documentos estão diferentes. — Chamo-o e os mostro para ele.

— Eles devem ter modificado para...

— Não! — Rio como um louco. — Eles copiaram na íntegra, cheio de erros! É a minha cópia não revisada.

— E como foi parar nas mãos deles?

Respiro fundo, sabendo que não tem jeito de eu contar sobre o furto dos documentos sem dizer o que eu pretendia contra Theodoros.

— Viviane Lamour.

53

Eu amo você!

A voz de Kostas ecoa em minha mente enquanto desço para minha sala depois de ter passado por aquela reunião tão tensa. Tremia demais, porém, tentei manter minha postura e responder a cada questionamento da maneira mais sincera possível.

Malu me aconselhou a mostrar os documentos e, se necessário, a falar sobre a chantagem, mas isso mexeria em feridas que eu não estava disposta a abrir, nem mesmo para limpar meu nome na empresa.

Não foi necessário. Senti que os diretores e os conselheiros presentes pretendiam minha cabeça, afinal, alguém tem que levar a culpa, mas os Karamanlis saíram em minha defesa, inclusive Konstantinos.

Eu amo você!

Que fácil seria acreditar nessas palavras, jogar-me em seus braços e reafirmar a ele que eu sinto o mesmo. Contudo, não posso esquecer que essas mesmas palavras não fizeram nenhuma diferença para ele quando eu as disse, não o impediram de me julgar e condenar.

Tomei a decisão certa ao pedir o desligamento da empresa assim que achar outra locação para o cliente. Seria impossível continuar trabalhando na Karamanlis, convivendo com Konstantinos e manter distância dele. Sua falta de confiança me machucou mais do que qualquer outra coisa que já tenha feito, feriu-me demais e quase me fez perder tudo.

— Kika! — Carol me abraça assim que entro na gerência. — Ah, meu Deus, estávamos tão preocupados com você!

— Eu estou bem, obrigada — asseguro. — Você conseguiria reunir todo mundo para uma palavrinha rápida?

Carol respira fundo e concorda.

— Mais cedo o doutor Konstantinos passou por aqui e deixou bem claro que, se o informante for daqui, ele descobrirá e acabará pessoalmente com sua carreira. — Ela faz uma careta.

— O pessoal se mijou, mas creio que ninguém daqui fez nada.

— Eu também acredito nisso. Reúna a todos, por favor.

Carol vai em direção à sala onde os *hunters* ficam, e eu entro na minha, ainda vendo a mesa e as coisas de Kostas, relembrando cada momento, bom e ruim, que passamos juntos neste pequeno espaço.

Sigo até minha mesa, deixo a bolsa, ligo o computador e abro o gerenciador de tarefas que usamos para acompanhar o trabalho da equipe. Sorrio ao ver que, mesmo longe, tudo continuou a ser tocado e que não há nenhuma pendência urgente a ser resolvida a não ser uma nova locação para a Ethernium.

Ligo para Verinha, pois estive no meu apartamento mais cedo quando cheguei, mas não a vi no prédio, e ela também não estava em casa. Estou morrendo de saudades do meu Kaká e, pelo que vi no meu apartamento, aparentemente meu cãozinho andou por lá, pois minha camisola estava embolada na cama e tinha um par de chinelos meu em sua caminha.

— Kika! — ela atende.

— Oi, Verinha, estou de volta. Tudo bem?

— De volta? — Ela estranha. — Estive agorinha no seu apartamento e não te vi.

— Estou na Karamanlis, voltei a trabalhar.

— Ah... então ele conseguiu falar contigo! — Franzo o cenho e estou prestes a negar, quando ela continua: — O homem

ficou aqui todos esses dias, entocado no seu apartamento, cuidando do Kaká e esperando sua volta.

— Kostas? — surpreendo-me. — As coisas dele ainda estão nos sacos na sala, pensei que nem tivesse ido até aí!

— Ainda não falou com ele? Ele ficou enfurnado aqui desde o dia em que você viajou! Só saiu para trabalhar essa semana.

Ele ficou todos esses dias me esperando voltar? Lembro-me da minha camisola em cima da cama e imagino que ele tenha dormido junto a ela enquanto estive fora. *Desde o dia em que eu viajei!*

— Olha, você sabe que eu não gosto de dar pitaco na vida alheia, mesmo na de amigos, mas ele parece gostar mesmo de você!

Fecho os olhos, a declaração dele mais cedo repetindo-se em minha mente, meu coração apertado, dividido entre a vontade de acreditar nesse amor e o medo de ser ferido mais uma vez.

— Kika? — Carol me chama, trazendo-me de volta à realidade. — Estão todos na salinha de reunião.

— Já vou, Carol, obrigada.

Despeço-me de Verinha e sigo para falar com minha equipe, mesmo tendo Konstantinos e seus atos enquanto estive fora na cabeça.

— Deixo essas pranchas aqui? — Alexios me pergunta.

— Pode deixar, preciso analisar as outras documentações sobre esses lugares, mas parecem ser os melhores depois daquela área que nos foi roubada.

Ele assente, e eu abro as pastas dos locais selecionados. O CEO da K-Eng esteve à frente, com o doutor Millos, do meu setor enquanto passávamos por investigação, e graças a eles os outros projetos da gerência não se atrasaram.

— Ainda não acredito que teremos de começar tudo do zero — comento comigo mesma em voz alta.

— Pois é, o que fizeram foi uma puta sacanagem! — ele responde. — Mas nós vamos pegar o filho da puta, pode ter certeza!

— Eu espero que sim!

Alex recolhe seu material e se despede. Aceno para ele e volto a prestar atenção ao computador, mas sinto o coração disparar quando ele cumprimenta Kostas à porta da sala antes de ir embora.

— Já deixei duas pranchas com as outras áreas que havíamos elegido antes. Vamos precisar trabalhar rápido para

cumprir o prazo do cliente.

— Eu sei, nós vamos!

Ergo os olhos e retenho o fôlego ao vê-lo, enorme, moreno e lindo, parado no meio da sala, olhando para mim com as mãos nos bolsos da calça do terno.

— Podemos conversar? — ele pergunta.

Olho-o séria, respiro fundo, soltando o ar devagar, e assinto.

— Seja rápido, tenho muito trabalho para colocar em dia.

— Por que você quer sair da Karamanlis?

Dou de ombros, mas ele não parece nada satisfeito com minha indiferença e caminha até minha mesa. Coloco-me de pé para enfrentá-lo, mesmo sendo bem mais baixa que ele.

— Malu vai precisar de ajuda para o novo empreendimento que está...

— Não, Wilka, seu lugar é aqui na Karamanlis, ouviu? — Segura-me pelos braços. — Seu lugar é aqui comigo!

Arregalo os olhos e sinto meu corpo reagir ao toque dele mesmo sem querer, a química entre nós me fazendo ferver de desejo. Tento me concentrar, esquecer que ele é o único homem capaz de me fazer sentir isso tudo, não me lembrar de todo o prazer que já tivemos juntos.

— Tire suas mãos de mim... — sussurro sem convicção, sem olhá-lo nos olhos.

— Preciso que você me perdoe e que acredite em mim!

— Por que eu deveria acreditar nisso agora? Se você me amasse...

Ele me puxa para si e me beija sem nenhuma cerimônia. Tento me afastar, mesmo desejando-o mais do que tudo, mesmo sonhando com esses beijos e seus braços me abraçando todos os dias que fiquei longe.

Kostas continua varrendo minha boca com a sua, molhando meus lábios com os seus devagar. Cerro meus olhos, o sentimento transbordando de mim de forma que não consigo contê-lo. Mesmo não querendo, já estou entregue, sou dele. Konstantinos percebe o exato momento em que relaxo e aprofunda o beijo, tomando posse da minha boca com fome, penetrando minha garganta com sua língua, roçando os dentes em meus lábios, gemendo.

Não sei se sou eu ou se é ele quem emite esses sons, a loucura tomando conta da minha consciência, deixando tudo nublado de desejo e tesão. Agarro sua camisa com força, e ele desliza as mãos pela minha nuca, segurando-me pelos cabelos, firmando minha cabeça de modo que eu não consiga me livrar da tortura de sua boca na minha.

Sinto minha calcinha ficando cada vez mais melada com a excitação deste momento. Estou puta, ainda magoada com ele, mas o desejo mais do que tudo! Puxo sua camisa com mais

força; os botões são arremessados para longe, e arranho seu peito com minhas unhas, arrancando mais gemidos desesperados dele.

Kostas desvia o beijo para meu pescoço, lambendo, mordendo, sugando-o, seguindo em direção ao ombro. Enfio minhas mãos por dentro da camisa, passo-as pela sua cintura e cravo as unhas em suas costas musculosas. Ele desce as alças do meu vestido transpassado, estilo quimono e leva junto o sutiã sem alças, expondo meus seios para sua contemplação, então me ergue e me senta sobre o tampo da minha mesa, o mesmo local que há meses foi o palco de uma malfadada primeira vez. Fecho os olhos quando sinto suas mãos em meu corpo, seu polegar e indicador excitando meus mamilos, beliscando-os, massageando-os.

Seguro-o pelos cabelos quando se abaixa e toma meu seio com a boca, sugando-o forte, chicoteando-o com a língua. Gemo enlouquecida, esquecendo-me por completo de onde estou, mesmo sendo tarde, sem saber se ainda há pessoas no setor.

Nada importa, só o que estou sentindo neste momento, a saudade, a vontade, o amor que sinto por ele, mesmo depois de tudo o que aconteceu.

— Sou louco por você, Wilka — ele declara entre gemidos, passando para o outro seio. — Completamente rendido, apaixonado, fodido!

Busco o fecho de sua calça, abro o cinto, o botão e puxo seu pênis para fora sem nenhuma cerimônia, adorando sentir sua espessura, as veias altas, a dureza macia aveludada de sua pele. Masturbo-o com força, e ele geme alto. Sinto a cabeça molhada com sua excitação, e minha boca saliva de vontade de prová-la.

— Não aguento mais, preciso estar dentro de você — sussurra.

— Eu também preciso! — admito.

Ele me ajeita na beirada da mesa, agacha-se o máximo que consegue até ficar na altura ideal e tira minha calcinha.

— Tão molhada, tão perfeita! — Ele me olha, os olhos azuis refletindo tantas coisas. — Perdoe-me por todas as vezes que te feri, por todas as vezes que não confiei em você. — Introduz-se um pouco. Meu corpo todo se arrepia pelo contato íntimo. — Perdoe-me por achar que não podia retribuir seu amor. — Encaixa-se todo dentro de mim, mas não se movimenta. — Perdoe-me por não ser o homem que você merece.

Neste momento eu fecho os olhos. Uma lágrima solitária escorre por meu rosto, mas ele a seca com seus lábios, beijando minha bochecha devagar, cheio de carinho, sorvendo o líquido salgado.

— Eu amo você — declara, trêmulo, o corpo todo tenso. — Eu julguei não ser capaz de amar alguém e nem de ser amado,

mas você me mostrou que eu estava errado. Você me amou mesmo sem que eu te merecesse, ensinou-me a ver o mundo e as pessoas de uma forma que nunca consegui ver. Você me transformou em um homem de verdade. — Abro os olhos, impactada por suas palavras, tocada por todo o sentimento que sinto ao ouvir sua declaração. — Sigo não te merecendo, ainda tenho muitos defeitos, porém, prometo que, se você me perdoar e puder continuar me amando, vou dedicar o resto da minha vida buscando ser o homem que você ama, aquele que merece seu amor.

Puxo-o para um beijo, e meu corpo se libera. Kostas começa a se mover dentro de mim, segura-me pelos quadris e soca com força, enquanto nossas bocas se comunicam entre saliva, línguas e dentes.

Sou erguida da mesa; ele me mantém em seu colo. Rebolo gostoso, apreciando a posição. Kostas geme e cai sobre a minha cadeira. Fico por cima, cavalgando-o sem pudor, sentindo seu pau bem no fundo, balançando tudo dentro de mim.

Kostas retira a gravata que eu nem tinha percebido que ainda estava em seu pescoço, pois arrebentei os botões da camisa para ter sua pele na minha. Ele junta meus punhos para trás e os amarra juntos, usando a gravata, prendendo-me, deixando-me totalmente à sua mercê.

Ele me tira de seu colo e me vira de costas. Deito-me

parcialmente sobre a mesa e espero a estocada firme me preenchendo novamente, mas ela não vem. Sua boca é que me devora agora.

— Kostas! — gemo alto, sentindo sua língua em meu ânus, logo descendo à procura de minha entrada molhada. Ele me suga com força. Gemo contra a madeira da mesa, os braços presos para trás, as mãos dele segurando minhas pernas bem afastadas uma da outra conforme sua língua me fode, deliciosamente perversa.

Sinto-me explodir em gozo quando ele prende meu clitóris entre seus lábios. Rebolo frenética, tremo inteira, aperto os dentes em meus lábios para não gritar.

— Você é minha! — escuto-o declarar antes de me preencher por completo.

Kostas segura em meus ombros e mete feito um louco, seus sons de prazer enchendo a sala, seu corpo pingando de suor sobre o meu.

Ele se inclina sobre mim. Sinto seus dentes em minha nuca, seu pau enterrado profundamente enquanto ele rebola curto, geme em meus ouvidos, fazendo minha pele arrepiar e meu sexo se encharcar ainda mais.

— Eu sou seu!

Sinto o movimento do seu pau prestes a gozar. Minha vagina está sensível, ainda se recuperando do orgasmo, e,

quando ele começa a pulsar, expulsando seu gozo dentro de mim, gozo de novo, enlouquecida.

54

Kostas

Estamos exaustos, jogados sobre a cadeira dela, resfolegantes, suados, a sala cheirando a sexo. Minhas mãos acariciam suas costas devagar, esperando termos condições de nos levantar para que possamos ter a conversa que eu queria ter desde o começo.

Não tinha a intenção de fazer sexo com Wilka. Essa ideia nem tinha me passado pela cabeça, mas então eu a toquei, e foi como se todo o desejo represado durante esses dias que ficamos separados explodisse entre nós.

— Nós nem conversamos — ela diz, ainda ofegante.

Eu rio, passo as mãos pelos seus cabelos e concordo.

— Não.

— Por que mudou de ideia sobre mim? — ouço a mágoa em suas palavras.

— Mudei de ideia sobre você horas depois de termos aquela discussão — confesso. — Eu deveria ter confiado em você, Wilka, mas é que estou tão acostumado a não confiar que minha primeira reação foi a desconfiança.

— Você me magoou — sinto um nó na minha garganta ao ouvi-la dizer isso. — Eu nunca pensei que poderia sentir tanta dor como a que senti ao perceber que você me achava capaz de te trair.

— Sei que você nunca me trairia, ou mesmo a Karamanlis. Eu só sou muito fodido para perceber isso sem fazer uma grande cagada.

Ela concorda e se levanta do meu colo.

— Precisamos descobrir quem fez isso!

Meu coração dispara. Ajeito minha roupa e, sem ter coragem de encará-la, confesso:

— Eu sei quem foi. — Wilka arregala os olhos. — Descobri há pouco, quando recebi os documentos usados pela concorrente.

— Quem?

Balanço a cabeça, constrangido e com medo de como ela irá reagir.

— Você não conhece, mas a culpa foi minha. — Levanto-me e pego minha camisa, mesmo sem botões. — Ela roubou tudo no meu apartamento.

Wilka fica pálida.

— Ela?

Respiro fundo.

— Sim, uma amiga de Theodoros. — Sinto vergonha de ter de contar a ela o que eu pretendia. — Ela me vendeu umas informações sobre meu irmão, e, no dia em que foi entregar, eu estava com todos os documentos expostos.

— O que você pretendia fazer? — Wilka tem a voz trêmula ao perguntar.

Encaro-a por um momento. Tenho certeza de que o medo de a perder ao lhe mostrar o grande filho da puta que sou transparece em meus olhos.

— Eu ia denunciar Theodoros e afastá-lo de vez daqui.

Wilka cambaleia, encosta-se à mesa, estupefata demais.

— Por quê?

Não há outro modo de lhe dizer meus motivos, senão contando a ela toda a verdade. Chegou a hora de eu me expor, mostrar a ela o verdadeiro Konstantinos, um homem cheio de demônios do passado, cheio de defeitos, medos e inseguranças e

revelar a ligação que nosso destino nos proporcionou.

— Eu fui criado pelos meus avós em Londres, pelo menos até chegar à idade de ser mandado para um internato. — Wilka senta-se na beirada da mesa para me ouvir explicar. — Nunca tive convívio com minha mãe, que me deixou para ir estudar na América e nunca mais retornou à casa. Meu pai, bem, eu preferia não ter tido convívio com ele também, mas, aos 12 anos, fui mandado para cá para viver com ele.

— Kostas, você tem certeza de que...

— Tenho, Wilka. Tenho que te mostrar quem é o homem por quem você se apaixonou e saber se você pode amá-lo, porque ele ainda é parte de mim. — Ela concorda, e eu continuo: — Meu sonho sempre foi ter um lar, e aqui tive a impressão de que iria realizá-lo. Tinha meus irmãos, meu pai e uma madrasta muito legal, mas parece que eu não merecia isso, e tudo se desfez um ano depois. Theo se apaixonou pela esposa do meu pai e a levou com ele para a Grécia. — Wilka arregala os olhos. — Nikkós nunca foi muito estável, sempre teve problemas com vícios em geral, bebida, drogas, mulheres e jogos. Depois do que houve, humilhado – pois todos souberam que sua esposa troféu o tinha largado para viver com um garoto de 18 anos, seu próprio filho –, ele surtou de vez. Passou a consumir ainda mais bebidas e entorpecentes e se tornou um sádico com seus filhos – Alexios, Kyra e eu.

— Oh, meu Deus! — Ela toca meu rosto, e eu fecho os olhos, chorando pela primeira vez a dor do menino que ficou nas mãos de um louco, recebendo consolo do toque da mulher que amo.

— O meu pecado foi ser quem eu era, um garoto introspectivo, grande, gordo, feio... — Wilka parece surpresa, e eu sorrio, triste. — É, eu tinha 13 anos e já era quase desse tamanho, todo desconjuntado, tímido ao extremo, e ele decidiu que iria *me tornar um homem de verdade*. — Tateio o bolso da minha calça e tiro de lá a carta que ela carregou durante todos esses anos. — Ele me levou a bordéis, dizendo que eu nunca iria conseguir uma mulher por mérito meu, somente pagando. — Wilka fica tensa, arregala os olhos, e suas mãos começam a tremer. — Por anos, até você chegar, acreditei nisso. Só me relacionei com profissionais e apenas para matar a necessidade, nunca tive prazer realmente com o sexo, apenas com você.

— Você... frequentou... — Ela treme muito. Tenho vontade de abraçá-la. — Sabe o nome... do...

— A casa da Madame Linete — revelo, e ela fecha os olhos. — Havia um sótão... — Wilka soluça, lágrimas grossas escorrendo pelo seu rosto. — Lá aconteciam leilões de virgens, e era conhecido como a área de educação do bordel, pois a maioria delas eram crianças ou adolescentes. — Seguro seu queixo. Ela me olha, e eu lhe estendo a carta. — Achei isso no

chão do seu apartamento.

Wilka mal consegue segurar a carta, trêmula demais. Fico preocupado com o jeito como ela se encontra. Acaricio seu rosto e, quando ela volta a erguer o olhar em minha direção, vejo o reconhecimento.

— Era você! — Eu assinto, chorando com ela. — Era você quem ficava do outro lado da porta e quem deixou aquela caixa com o bichinho de pelúcia e a lanterna.

— Sou eu.

Abraço-a forte, seu corpo sendo sacudido pelas lágrimas.

— Como isso... — ela me aperta — como isso aconteceu?

— Você me salvou — digo baixinho. — Eu estava prestes a saltar pelo vitral do sótão quando sua imagem veio à minha cabeça. — Ela se afasta do abraço e me encara assustada. — Eu não aguentava mais, e, naquela noite, Nikkós estuprou uma virgem, uma menina, na minha frente para *me ensinar*. Eu quis morrer, quis acabar com tudo, mas então você veio à minha mente, e eu entendi que corria perigo.

— Foi por isso que reagiu daquele jeito quando descobriu que eu era virgem?

— Sim, me perdoa por isso! — Soluço. — Mas, quando percebi que tinha te deflorado, imagens daquela noite vieram à minha memória, os pesadelos que tive e...

— Você me salvou! — ela constata de repente. — A

denúncia sobre mim, foi você! Por isso a carta escondida no urso dizendo que eu teria uma vida melhor. — Assumo balançando a cabeça. — Eu fui adotada pouco tempo depois de ter achado seus presentes e, já com meus pais adotivos, encontrei sua carta no urso, desde então a mantenho comigo como um amuleto da sorte.

Sorrio ao ouvir isso.

— Era só a carta de um garoto desesperado.

Ela nega.

— É a carta do garoto que mudou a minha vida, me fez ser quem eu sou. Se eu posso amá-lo hoje, é porque houve aquele garoto que pensou em mim mesmo sem me conhecer.

Ela se aproxima com um sorriso, e eu sinto o escritório todo ser iluminado como se fosse dia claro.

— Eu nunca me apaixonei por ninguém até você, Konstantinos. Eu tinha pesadelos com sexo por causa das coisas que vi acontecer naquele lugar, mas, com você, desde Portnoy, eles se foram. — Ela seca meu rosto com seus dedos. — Eu estive esperando por você esses anos todos sem saber.

Porra!

Desmorono como um bebê, soluçando no abraço dela, ao ouvir isso. Eu também estive esperando por ela, morto todos esses anos, até que ela voltasse a aparecer na minha vida.

— Eu amo você — digo entre soluços. — Você me salvou

de todas as maneiras possíveis.

— E você a mim! — Ela ri, mesmo soluçando. — Eu sou sua, sempre fui, e meu coração já sabia disso mesmo sem termos noção de que estávamos ligados dessa forma. — Wilka me encara. — Amo você, sempre você!

55

Kika

Ouço o barulho da água do chuveiro e olho para a porta do banheiro entreaberta. Eu ainda estou estupefata com a nossa ligação, com como nosso passado se conectou nos piores momentos de nossas vidas e como voltamos a nos encontrar agora para estar juntos.

Agora consigo entender toda a mágoa que ele sente pelo Theodoros. Ele se sente abandonado por Theo, deixado na mão do louco que a sua atitude ao se envolver com a madrasta despertou.

Eu nunca poderia imaginar algo assim, e ouvir toda a história há pouco me deixou ainda mais assustada e com o coração pequeno ao imaginar tudo o que ele passou nas mãos do pai.

Nikkós era louco! Como pôde ter coragem de tratar os filhos daquele jeito?

Viemos direto da Karamanlis para meu apartamento. Kostas olhou para suas coisas, ainda nos sacos pretos, e sorriu sem graça, pedindo-me perdão novamente por não ter confiado em mim.

Eu entendi sua reação ao que houve. Claro que isso não diminui o que eu senti, mas agora o surto da nossa primeira vez, os pesadelos, o jeito de ser dele, tudo faz sentido. Kostas é um homem machucado que aprendeu que somente se afastando das pessoas podia estar protegido.

É inconcebível o que nós dois passamos na infância, o que ele passou nas mãos do próprio pai. É senso comum que os pais têm a responsabilidade de cuidar de seus filhos, então, quando eles ou um deles é agressor, aquele que expõe a criança ao risco, vende, humilha, agride ou mata, a sensação de monstruosidade é muito maior.

Suspiro, consciente de que eu ainda preciso lhe contar meus segredos. Não será fácil, são coisas que sempre guardei comigo, temerosa de sua repercussão na minha vida e na minha carreira.

— Tudo bem? — Ele sai do banheiro, a toalha enrolada em sua cintura, o cheiro de sabonete no ar.

— Eu estava aqui pensando em tudo o que nos aconteceu — Kostas se senta ao meu lado na cama —, ainda sem entender por que as coisas aconteceram dessa forma. É uma coincidência incrível termos tornado a nos encontrar e...

— Nos envolvido e apaixonado um pelo outro — Kostas completa, e eu concordo.

— Descobrir que você era o Portnoy já foi um choque. — Comento baixinho: — Ela é minha mãe.

Não consigo levantar o rosto para encará-lo. Fito minhas mãos, sentindo o coração palpitar, os olhos se inundarem de lágrimas por assumir isso em voz alta.

— Quem é sua mãe? — ele pergunta e ergue meu rosto.

— Madame Linete.

A expressão de assombro que eu tanto temi ver em seu rosto é evidente. Imagino o que esse nome deve significar para ele, as lembranças que ele evoca. Não sei se ele conseguirá superar isso, estar comigo sabendo quem eu sou, mas eu não poderia esconder esse fato dele.

— Nasci naquele lugar, não era levada para lá como as outras crianças. — Sinto uma lágrima escorrer. — Não era filha de uma prostituta qualquer, mas sim da cafetina, da mulher que obrigava meninas e meninos de rua a se prostituírem em troca de

abrigo e comida.

Kostas está paralisado, seu olhar perdido. Eu soluço, sem saber o que esperar dele.

— Eu dormia na mesma cama onde orgias eram feitas, brincava de casinha no salão onde eram servidas bebidas e drogas, tomava banho no mesmo banheiro onde as garotas recebiam clientes para um boquete rápido. — Fecho os olhos. — Você ia lá; eu vivia lá.

— Eu comprei aquele sobrado. — Arregalo os olhos com a confissão. — Quando ela foi presa e a casa desapropriada por causa da plantação de maconha e das outras drogas armazenas nela, eu a comprei no leilão.

— Por quê? — inquiro em um fio de voz, sem entender o motivo que o levou a fazer isso. — Era o local onde você passou por todos os seus traumas. Não faz sentido.

Ele se levanta, anda de um lado para o outro. Se tivesse acesso a algum cigarro, tenho certeza de que o estaria fumando neste momento. A tensão em seu corpo é visível, o nervosismo, perceptível em cada músculo que treme sob sua pele.

— Eu queria vê-lo acabando lentamente — sua voz soa fria e cheia de ressentimento. — Não queria que ali fosse construída qualquer outra coisa ou mesmo que utilizassem aquele maldito imóvel.

Choro ao notar quão profundas são as marcas deixadas

nele.

— Eu teria tentado transformar toda aquela feiura em algo bonito e positivo...

— Eu não sou você! — ele me corta, mas então bufa e respira fundo para se acalmar. — Perdoe-me, é que tudo isso mexe comigo de um jeito...

— Eu entendo.

Ele nega.

— Não, ainda bem que você saiu de lá antes que qualquer coisa mais grave lhe acontecesse. — Ele me olha cheio de dor. — Eu não suportaria saber que você passou pelo mesmo que aquelas outras garotas.

— Graças a você! — Vou até ele e o abraço, mesmo o sentindo tenso. — Você me livrou dela! — Soluço, pensando no erro que cometi mais tarde. — Por sua causa tive pais incríveis, uma família amorosa, uma infância feliz!

Kostas deposita um beijo no alto da minha cabeça.

— Ela não era uma boa pessoa, Wilka. Fazer o que fazia contigo todas as noites, torturando você naquele armário... Ainda bem que se afastou dela.

Afasto-me dele, sentindo-me ingrata por ter feito o que fiz.

— Eu a procurei depois que meus pais adotivos faleceram. Não deveria, eu sei, ela sempre me disse que meu nascimento foi sua maldição, por isso nunca foi uma data feliz para mim. —

Kostas parece não acreditar no que acabei de dizer, que mesmo depois disso tudo eu tenha ido atrás dela. Então, tento me justificar: — Eu me sentia sozinha, perdida, achei que os anos pudessem tê-la modificado e...

— Pau que nasce torto, Wilka Maria. — Ele ri, debochado, frio. — Você foi ingênua ao acreditar que ela pudesse ter mudado.

— Eu fui — admito. — Ela me enganou no começo, mas, assim que soube que eu havia entrado na Karamanlis, começou a se mostrar.

Ele paralisa, caminha até onde estou e me segura pelos ombros.

— Era ela, não era? Nas ligações, o dinheiro que você pegou emprestado no banco? — Assinto e choro. — Por quê?

— Porque ela está foragida. Eu não sabia. Achei que tivesse cumprido sua pena e saído, mas não, está há anos fugida da justiça e me ameaçou com isso, disse que, se fosse pega, me colocaria como cúmplice, afinal não temos mais nenhuma ligação que comprove nosso parentesco. — Soluço, sentindo-me idiota, crédula, enganada. — Ela ameaçou o mínimo de estabilidade que eu tinha conquistado, minha carreira, e depois, quando me viu contigo, ainda me torturou dizendo que iria lhe contar quem eu era e de onde vim.

Kostas me puxa para seus braços, apertando-me como se

pudesse me proteger de toda a dor com seu próprio corpo. Eu sei que fui ingênua, que nunca deveria ter procurado por ela, me deixado acreditar em suas mentiras, não depois de tudo o que me fez quando eu era uma menina indefesa.

Os “pedidos de ajuda” continham uma ameaça velada, mas a coisa ficou feia mesmo quando assumi a gerência e, de alguma forma, ela soube disso. Então tudo ficou às claras: ou eu entregava dinheiro a ela, ou ela armaria um escândalo na Karamanlis, chamando a atenção da polícia para minha existência, colocando-me como cúmplice de seus golpes e trapaças.

Eu tive medo, não confiei em ninguém, apenas quando precisei da Malu para conseguir o empréstimo é que contei a ela parte do que havia acontecido. Sinto-me culpada, suja e com medo.

— Eu vou achá-la e fazer com que volte para o lugar de onde nunca deveria ter saído, Wilka. — Ele me encara. Vejo a obstinação e a sede de justiça brilharem em seus olhos. — Ela nunca mais irá se aproximar de você, nunca mais irá feri-la ou ameaçá-la novamente.

— Eu deveria ter confiado em você, mas... eu tinha medo e vergonha.

— Eu sei, conheço esses sentimentos, sei o que é se sentir culpado mesmo sendo vítima. Isso não vai mais acontecer, eu

prometo!

— Eu amo você, Konstantinos.

— E eu a você, Wilka Maria, minha Caprica, minha pimentinha. — Beija minha testa e seca meu rosto. — De agora em diante, vamos tentar ser felizes. Encontramos um ao outro; nada mais irá nos separar.

Abraço-o forte, e ele me pega no colo, levando-me para a cama cheio de carinho e cuidados.

Abro os olhos e logo estendo o braço para o outro lado da cama, conferindo se tudo o que aconteceu na noite passada foi real. Toco um corpo quente, sólido e grande e me viro já com um sorriso nos lábios, feliz por tê-lo aqui comigo.

Kostas já está acordado, seus olhos azuis iluminados pelos raios do sol que entram por minha janela. Ele sorri, seus dentes aparecendo, as pequenas rugas em volta de seus olhos, os cabelos escuros bagunçados.

Lindo!

— Sinto-me privilegiada por acordar com essa vista todos os dias!

Ele sorri ainda mais e me beija.

— Todos os dias! — Cheira meus cabelos. — Mas o privilegiado sou eu.

Rolo para cima dele, notando-o já excitado, adorando a sensação de voltar ao sexo matinal, algo que eu descobri que adoro.

— A vista daqui é ainda melhor! — provoco-o, rebolando sobre seu membro duro. — Quero comer você!

Ele ri e então levanta o braço que estava na beirada da cama.

— Eu também! — Ri, safado.

Arregalo os olhos ao ver um dos meus vibradores em sua mão.

— Estava mexendo nas minhas coisas?

Ele dá de ombros.

— Fiquei aqui com muito tempo livre, então explorei um pouco. — Ele puxa a gaveta do meu criado-mudo, e vejo todos os meus brinquedos espalhados dentro dela, bem como seus ovos masturbadores. — Quero ver como você usa isso.

— Tem que ligar na tomada! — Ele aciona o botão, e percebo que já estava plugado na energia. — Acordou antes e já se preparou para isso? Que safado!

Kostas ri e esfrega o vibrador nos meus seios, fazendo-me gemer alto e minha intimidade molhar seu pau.

— Quero foder sua bunda e te ver gozar com ele em seu

clitóris — sua voz é rouca, sexy e perigosa. Rio nervosa, mas assinto. — Mas antes...

Ele se ajeita, segura-me pelos quadris e entra torturantemente devagar em minha boceta molhada. Minha pele inteira se arrepia com o contato em minha vagina sensível pelo uso constante que estamos fazendo dela desde a noite de ontem.

Kostas se senta, arrasta-se para a beirada da cama de modo a ficar com os pés no chão e me impele a rebolar em seu colo, segurando minha cintura com força enquanto morde, arranha e lambe meu pescoço.

— É foda como você me faz delirar de prazer... — comenta ofegante — como nosso encaixe é perfeito mesmo você sendo miúda e eu todo grande.

Jogo meu corpo para trás, apoio as mãos em seus joelhos e acelero os movimentos. Ele também se agita, vindo de encontro ao meu corpo, fazendo cada estocada ser mais potente que a outra.

— Isso, Pimentinha, rebola gostoso! — geme desesperado, mordiscando meus mamilos, puxando meus cabelos para trás. — Me come todo, goza em mim, marca-me como seu! Eu sou seu!

O jeito que ele diz isso me excita de tal forma que meu corpo reage instantaneamente às palavras, e o orgasmo vem em ondas fortes e incontroláveis de prazer, sacudindo meu corpo a ponto de eu ter que me agarrar a Kostas para não cair.

Konstantinos se levanta. Eu ainda tremo em seu colo quando me deita de costas na cama, segura minhas pernas para o alto, bem abertas, mete um pouco mais e sai.

Acompanho-o pegar lubrificante na gaveta e besuntar seu pau com ele. Busco o vibrador na cama, onde ele o deixou ainda ligado, e o seguro junto ao meu corpo.

Kostas se abaixa, cheira meu ventre lentamente, seguindo em direção ao clitóris duro e sensível. Lambe-o devagar, concentrado, tomando tempo na área, levando-me à loucura antes de brincar com meus lábios íntimos e minha boceta e, por fim, penetrar meu ânus com sua língua comprida e tensa.

Contorço-me na cama, agarro os lençóis ainda bagunçados, o vibrador entre meus seios e a língua dele dentro de mim.

— Kostas, por favor, vem! — imploro, meu corpo agitado, a vontade louca de tê-lo todo dentro de mim e poder gozar com seus movimentos na minha bunda. — Vem agora!

Ele não me espera suplicar mais uma vez, posiciona-se, brinca com a cabeça de seu pau nas minhas pregas e então força a entrada devagar, gemendo, fazendo-me sentir centímetro por centímetro de seu pênis alargando-me, excitando-me, dolorosamente delicioso.

Pego o vibrador e o encosto no meu clitóris. Chego a levantar da cama com as sensações juntas. As estimulações que recebo me enlouquecem. Fecho os olhos e me deixo ser levada.

— Você... é... — ele se movimenta forte dentro de mim — muito gostosa!

Sou sacudida por suas estocadas firmes. Seus quadris se movimentam para frente e para trás enquanto suas mãos mantêm minhas pernas suspensas. Kostas lambe e chupa o dedão do meu pé esquerdo, gemendo, mordendo, desesperado de tesão.

Meu coração dispara, meus músculos se contraem, a respiração fica forte, o orgasmo está perto demais.

— Eu vou... — não tenho tempo de avisar, e gozo em gritos desesperados, ouvindo-o urrar como um animal no cio ao mesmo tempo. Solto o vibrador, trêmula, buscando ar com desespero, meu corpo mole, a cabeça dando voltas como se eu tivesse subido até a estratosfera e caído de volta na Terra.

— O que foi isso? — faço a pergunta retórica e escuto suas risadas.

Não o vejo, ele parece ter desmoronado no chão do quarto. Não consigo me mover também, abandonada, braços e pernas abertos no colchão da cama.

— Se continuarmos assim, morro antes de completar 40 anos! — ele declara, ofegante, mas cheio de satisfação. — Pelo menos morro feliz!

— Cala a boca! — Rio. — Ninguém vai morrer, ainda vamos estar velhinhos e fazendo estripulias iguais aos vovôs e vovós lá da casa de repouso.

— Ah, sim, vovós mão de alicate! — Ele aparece sobre mim, suado, mas com um enorme sorriso e olhos brilhantes. — Você tem que defender minha honra, senão nunca mais volto lá com você.

Gargalho.

— Deixe as vovozinhas serem feliz, você é grande, dá para todas.

Ele me abraça na cama, beijando meus ombros.

— Vou tomar um banho, tenho um compromisso daqui a pouco. — Levanta-se. — Vai para a Karamanlis hoje?

Ergo-me levemente do colchão para ver sua bunda gostosa e sarada.

— Vou depois do almoço, preciso ajeitar minhas coisas, pois ontem fui direto para lá, além disso, quero pegar o Kaká na Verinha.

Ele me pega em flagrante admirando seu traseiro e pisca para mim, bem safado.

— Vou cozinhar para você à noite — declara, e eu abro um sorriso satisfeito e cheio de fome. Adoro quando ele cozinha!

— Algum motivo especial? — provoco-o.

— Uma surpresa — Kostas fala sério, e eu me sento na cama.

— Que tipo de surpresa? Ah, não faz isso comigo, não vou nem conseguir trabalhar hoje!

O filho da mãe ri, pega sua toalha e entra no banheiro.

— Kostas!

56

Kostas

Paro o carro na frente do endereço que pesquisei há pouco na internet. Nunca tive nenhuma curiosidade sobre a vida pessoal do meu irmão além do que pudesse ser usado contra ele, porém, lembro-me bem de quando negociou esse escritório, com uma área impressionante, que hoje é uma galeria de arte.

A galeria de arte de Viviane Lamour.

Ontem, depois que descobri que havia grande chance de ter sido ela a causadora de toda a sabotagem ao nosso projeto na Karamanlis, conversei com Millos sobre o que era melhor fazer.

Meu primo, sempre sensato, claro, aconselhou-me a ir com cuidado, pois eu não tenho nada mais do que suposições contra ela.

O que ele não sabe, no entanto, é que eu estudei muito bem essa cobra sorrateira para saber que, se a pressionar, revelará tudo, principalmente os nomes dos envolvidos nesse golpe baixo. Se a concorrência está achando que irá sair com a reputação ilesa depois do que fez, está redondamente enganada.

Desligo o motor do carro e fico um tempo observando o local. A galeria com o escritório dela fica em uma rua chique e elitista da cidade, num bairro nobre e famoso pelas galerias. Sua galeria não é dessas que ficam abertas com obras expostas à venda, funciona como um local para eventos e mostras dos artistas que ela descobre.

Aparentemente, não há nenhuma atividade no momento.

Ajeito-me no banco do motorista, e o perfume do sabonete de Wilka exala de meu corpo. Sorrio, lembrando a manhã magnífica que tivemos juntos depois de uma noite de segredos revelados e muita foda.

Preciso confessar que me sinto mais leve depois de ter dividido com ela todas as minhas angústias e de entender os motivos dela para ter chegado a mim ainda virgem, além das ligações e do dinheiro suspeito.

Cerro o punho com força ao pensar em madame Linete.

Wilka não merecia ser filha daquela mulher, tão louca quanto Nikkós. Senti alívio ao pensar que fiz bem a denunciando, mesmo sem saber que era sua filha que vivia no prostíbulo, porque ela não tinha escrúpulo nenhum e certamente leiloaria a virgindade da própria filha como fizera com a das outras meninas.

Nunca deixei que aquela mulher asquerosa encostasse um dedo sequer em mim. Mesmo no meu primeiro dia lá, quando Nikkós pagou pela minha *iniciação*, rejeitei o toque dela categoricamente, o que fez com que me odiasse ainda mais.

Sim, aquela mulher contribuiu e incentivou Nikkós em todas as suas loucuras, participou ativamente de todas as humilhações que sofri, e até a ideia do defloramento da garota que precisava de ajuda foi dela.

Eu a odeio tanto quanto ao meu pai, porém, pensava que estava esquecida, trancafiada em uma cela.

Mas em breve ela estará!, penso, lembrando-me da conversa que tive com o detetive assim que saí do apartamento de Wilka. Quero localizá-la e fazê-la pagar por tudo o que já fez, inclusive pela chantagem com a própria filha.

Filha! Até parece que um ser como aquele entende o conceito de família e proteção.

A família de Wilka, de hoje em diante, serei eu, por isso mesmo encomendei um belo anel que será entregue na

Karamanlis ainda essa tarde para que eu possa pedi-la para ser minha no jantar dessa noite.

Sorrio novamente, o coração leve ao pensar na minha Pimentinha. Nunca pensei que me sentiria assim por alguém e me sinto bem por essa pessoa ser Wilka. Sinto que tenho muito a aprender com ela, mesmo que continue sendo o homem introspectivo, grosso e impaciente que sou. A escuridão que carrego dentro de mim se atenua ao seu lado.

Uma mulher alta, magra e bem-vestida chama minha atenção, vindo andando na calçada na direção do carro. Ela para em frente à galeria e mexe em sua bolsa sem deixar cair o café que segura.

Viviane abre a porta no exato momento em que eu salto do carro e vou rapidamente até ela, e, antes que consiga fechar o local, ponho meu pé no batente para impedi-la.

— Bom dia! — Sorrio frio.

— Kostas! — Ela grita e põe a mão no coração. — Uau, que susto! O que você faz aqui a essa hora da manhã?

— Precisava conversar contigo. Posso entrar?

Tento manter a calma, o tom neutro para não a assustar. No meu bolso, meu telefone grava toda nossa conversa. Mesmo eu sabendo que isso não tem valor como prova, poderei levar até a Karamanlis e pensar em uma retaliação contra a concorrente.

Eu só preciso dos nomes!

— Eu acabei de chegar e estou cheia de...

Não a deixo terminar, impondo minha presença, usando a força para entrar no salão vazio e fechar a porta.

— Eu não vou demorar. — Cruzo os braços sobre o peito, e ela suspira.

— Está certo. Vamos para o meu escritório. — Aponta para uma área mais alta, ao fundo do salão, com uma mesa e alguns quadros e objetos. — Daqui a pouco vou receber uns investidores, então o que quer que tenha para me dizer não pode demorar.

— Não vai.

Ela coloca o café em cima da mesa e acende as luzes.

— Fiquei sabendo que Theodoros voltou para a presidência da Karamanlis. Então você não conseguiu provar nada contra ele. — Ela me encara, seus olhos brilhando de raiva.

— Os documentos que você me entregou não foram suficientes — minto. — Mas ele ainda está correndo risco de sair da presidência.

Ela se senta e aponta para uma cadeira para que eu faça o mesmo, mas nego.

— O que poderia ser mais grave do que aquele dinheiro todo sem explicação no exterior?

— Perdemos uma área importante para a concorrência — introduzo o assunto, e ela se ajeita na cadeira. — Esse era o

grande projeto da gestão dele, e nosso cliente está ameaçando nos deixar, o que vai abalar a confiança dos conselheiros em Theodoros.

Viviane sorri.

— É mesmo? Uau, que boa notícia! — Bebe um gole de seu café. — Bom, mas o que você quer de mim para ter vindo tão cedo me ver?

— Te parabenizar! — Ela ergue a sobrancelha. — Eu não poderia ter pensado em uma ideia tão boa quanto a que você teve.

Viviane fica pálida, mas logo refaz o sorriso frio.

— Eu não sei a que você se refere.

Rio, minha expressão entediada, a sobrancelha erguida.

— Quando fui trocar a camisa depois do banho de café que você me deu, lembra? — Ela abandona o copo descartável que estava levando aos lábios. — Se você tivesse compartilhado a ideia comigo, eu poderia entregar muito mais coisas!

Ela ri, cínica.

— O que você está querendo, afinal, Konstantinos? — Ergue-se. — Eu sei que você não usou os extratos, pelo contrário, falou a favor de Theodoros na reunião que decidiu seu futuro!

Ela tem um informante dentro da Karamanlis! Filha da puta!

— Não tive outra escolha, não sabia o que você pretendia, então tive que fazer papel de bom moço.

— Eu sabia que você ia se acovardar, por isso, quando vi a documentação sobre sua mesa, achei que pudesse ser útil em algum momento!

— E foram! — Rio. — Aposto que, além de tudo, conseguiu injetar uma boa grana aqui. — Olho em volta. — Aparentemente, não há novos artistas expondo, e, sem obras, sem comissão. Está com problemas de dinheiro, Viviane? Foi por isso que aceitou quando lhe ofereci, não foi?

— Sai daqui, Konstantinos! — sua voz sai trêmula.

Ela sobe para um mezanino, uma área parecendo uma sala de reuniões onde tem alguns móveis, acima de onde fica seu escritório. Sigo-a, disposto a fazer qualquer coisa para lhe arrancar uma confissão e o nome de quem comprou os documentos de que ela se apropriou.

— Quero o nome da pessoa que negociou contigo. — Ela ri, de costas para mim, e nega. — Faça seu preço, quero o nome...

— Augusto Angelini — a voz de Theodoros ecoa no salão vazio, e eu me viro para vê-lo. — Esse é o nome de um dos diretores da Dedalus que negociou com ela.

Viviane parece estar em choque ao ver Theodoros.

— Como você soube? — pergunto estupefato.

Theo sobe ao mezanino e a encara furioso.

— Eu consegui a informação, não me pergunte como. — Ele se aproxima de mim. — Entramos com uma representação contra ele. Procurei por você na empresa; como não achei, Murilo assumiu a questão. — Ele olha para Viviane Lamour. — Eu a avisei para que não se metesse mais comigo.

Ela parece acuada, intercala olhares entre mim e Theodoros a todo instante.

— Mandei emitir uma notificação para que você deixe o imóvel no prazo de 30 dias. — Theodoros controla sua raiva, noto por seus punhos travados e a postura tensa. — Além disso, já informei a todos os outros investidores que eu estou fora, então é certo que eles retirarão todos os seus investimentos também.

— Você não pode fazer isso comigo! — Viviane se desespera.

— Eu não sei qual era o seu propósito, nem como teve acesso a todo material que vendeu, mas vou descobrir e...

Ela começa a rir, interrompendo-o.

— Você ainda não sabe? — Aponta para mim. — Seu querido irmão aqui me perseguiu para que eu me unisse a ele contra você. — Theodoros me olha muito sério, e eu encaro seu olhar, reconhecendo minha culpa. — Como você acha que eu fiquei sabendo de Duda Hill e da menina doente?

Abaixo a cabeça ao ver a perplexidade nos olhos de Theodoros. Não posso negar o que fiz, mesmo que me arrependa muito de tudo isso.

— Você entregou para ela...

— Não! — sou rápido ao negar, olhando em seus olhos. — Viviane teve acesso a tudo isso quando foi ao meu apartamento me entregar extratos de uma conta sua não declarada no exterior.

— Que conta?! — Theo encara Viviane como se não a reconhecesse. — Eu não tenho conta alguma não declarada fora do país! — Ele xinga. — Você abusou da minha confiança e criou uma?!

Fecho os olhos e percebo o engodo que ela formou. *Óbvio!* Theodoros confiava cegamente em Viviane, deve ter deixado documentos e assinaturas digitais com ela, ou então ela somente inventou aquela história toda!

— Eu destruí todos os extratos — aviso-lhe. — Se é que eles eram reais!

Theodoros põe a mão na cabeça, vira de costas e desce os degraus, indo para longe de nós dois.

— Eu só te amava muito, e você sempre me menosprezou! — a voz chorosa dela faz com que eu me vire para olhá-la no exato instante em que levanta uma pistola na direção de meu irmão. — Você não pode ser feliz sem mim, Theo! — ela grita, e ele para, balançando a cabeça. — Se vai me destruir, vou

destruir você também!

— Viviane, você está...

Theo começa a se virar para encará-la, e vejo o dedo dela se mover no gatilho.

Não penso duas vezes, apenas ajo, pulando à sua frente, interceptando, com meu próprio peito, o tiro que iria acertar meu irmão pelas costas. Sinto a dor aguda, uma mistura de soco com fogo que me faz cambalear para trás e me sinto despencar no ar.

Por um instante fico desnorteado, nauseado. Ouço o estrondo de vidro se quebrando e sinto minhas costas sendo retalhadas antes de chocar a cabeça contra algo.

Muita dor.

A imagem de Wilka dormindo, iluminada pelo sol, é a última coisa que vejo.

Escuridão.

57

Kika

Uma batida à porta tira minha atenção dos arquivos que estou lendo. Olho para o canto da tela do meu computador e me surpreendo com a hora, pois estou há quase três horas lendo sem parar.

Olho para a mesa de Kostas e estranho que ele ainda não tenha chegado, afinal, disse-me que ia resolver algo pela manhã, mas que depois estaria na empresa.

Sorrio ao pensar no jantar que ele vai fazer para mim e na surpresa que está preparando. Estou tentando não criar muitas

expectativas, mas nada me tira da cabeça que ele tenciona fazer algum tipo de proposta mais permanente. Não sei se casamento combina muito com o jeito dele, mas não me importo com formalidade. É como diz o ditado: junto na fé, casado é!

Logo depois que ele saiu do meu apartamento, fui atrás do meu Kaká com a Verinha. Estava louca de saudades do meu bichinho, e ele de mim. O cãozinho pulou tanto, fez tanto xixi que tive que acalmá-lo pegando-o no colo.

— Ele ficou louco por causa do Kostas — Verinha me confidenciou. — O homem montou acampamento aí no seu apartamento, esperando por você, e cuidou do Kaká. — Ela sorriu. — Pela sua expressão de felicidade, acho que tudo acabou bem, enfim.

Abracei-a forte, agradecendo a amiga maravilhosa que ela era.

— Sim, resolvemos nossas questões e estamos felizes. — Beijei a cabeça do Kaká. — Creio que agora seremos uma família, nada mais irá nos afastar.

— Kika, que massa ouvir isso! — Verinha ficou verdadeiramente emocionada. — Vocês merecem ser felizes. Eu confesso que tinha muito abuso dele, mas depois de ver o quanto o bichinho sofreu esperando por você, passei a acreditar que ele te ama de verdade.

— Ele ama! — fiz questão de confirmar. — E eu a ele!

Fiquei o resto da manhã em casa com o Kaká, desfazendo minhas malas e recolocando as roupas de Kostas no meu armário. Falei do Pantanal para meu cãozinho, contei do lindo do Gael, meu afilhado, e de como eu estava feliz.

Cheguei à empresa radiante, sorriso aberto, cumprimentando e brincando com todos, louca para encontrar Konstantinos na nossa sala e provocá-lo um pouco antes da nossa noite.

Algo deve tê-lo atrasado em seu compromisso, ou ele está no jurídico resolvendo algum processo. Dou de ombros e volto a prestar atenção ao documento, mas novamente sou interrompida por outra batida na porta, mas sem a entrada da pessoa.

— Entra, por favor!

— Desculpa, Kika, mas é que tem um senhor procurando o doutor Konstantinos. — Carol aponta para o homem. — Eu bati aqui, mas lembrei que não o vi chegar, então fui até a diretoria jurídica, mas ele também não está. Ele precisa deixar uma encomenda, mas precisa que alguém assine o recibo.

Levanto-me e vou até eles.

— Pode deixar, que eu recebo e deixo aqui na mesa dele. — Sorrio para o homem engravatado que me estende uma prancheta cheia de folhas. — Pronto!

Ele confere minha assinatura, pede o número de um documento e o meu telefone, então me entrega a sacola de uma

joalheria chique da cidade. Meu coração dispara, minhas mãos tremem ao pegar a encomenda. Vejo o entregador sair, mas não consigo me mover.

Sinto a fita de cetim que faz as alças da bolsa, olho o acabamento com papel acetinado preto e letras prata, ainda pasma com o que estou segurando. Tento não fantasiar um anel ou mesmo um par de alianças, mas não consigo. Se for qualquer outra joia, eu sei que ficarei um pouco decepcionada, mesmo adorando o presente.

— Uau! — Carol volta para perto de mim e comenta, lendo o nome da loja. — O que será que ele comprou? — Os olhos dela brilham. — E para quem será que é?

Balanço a cabeça, incapaz de falar qualquer coisa sem me denunciar, sem começar a rir como uma doida e a fazer alguma dancinha ridícula que não terei como explicar.

— Está bem, chefe, vou voltar ao trabalho. Desculpe a indiscrição, não precisa fazer essa cara para mim! — Carol sai apressada.

Começo a rir sozinha dentro da sala, imaginando que tipo de cara eu fiz para ela. Na verdade, eu estava apenas tentando não expressar toda minha alegria e empolgação.

Ponho a sacola em cima da mesa dele, mas não consigo deixar de olhar para ela e me questionar onde é que ele está, que não se encontrava aqui para receber a encomenda. Aposto que a

intenção nunca foi que eu a recebesse.

Ouço um barulho, e logo a porta da sala se fecha. Olho na direção da entrada, mas, ao invés de Konstantinos, vejo Millos.

— Oi, doutor, boa tarde — cumprimento-o ainda tentando deixar de sorrir. — Posso ajudá-lo com algo?

— O Kostas... — ele começa a falar, mas então olha para o presente em cima da mesa.

Dou risadas, pois Millos sabe do nosso envolvimento.

— Ele ainda não voltou, e acabaram de entregar isso aqui. — Aponto. — É estranha a demora dele, pois disse que estaria de volta à empresa depois do almoço. — Pego o celular. — É urgente o que precisa tratar com ele ou dá para...

Paro de falar quando nos encaramos e eu percebo tristeza em seus olhos. Novamente Millos olha para o presente e parece ficar ainda mais desolado.

Um frio arrepia minha pele. Estremeço, o coração ficando apertado e disparado.

— O que houve? — pergunto baixinho.

Millos respira fundo.

— Eu preciso que você venha comigo. — Ele me estende a mão.

— Por quê? — Imediatamente penso na sabotagem à empresa e se, por algum motivo, eles decidiram me mandar embora. — O que aconteceu, Millos?

Ele não me olha, sua cabeça está baixa, mas sua mão continua estendida em minha direção.

— Houve um incidente, e Theo me ligou há pouco... — Faço careta, sem entender. — Nós descobrimos quem vendeu os documentos para a concorrência.

Arregalo os olhos, lembrando que Kostas havia me dito que a culpa foi dele.

— Theo e Kostas brigaram ou...

Millos nega.

— Kostas salvou a vida do Theo. — Congelo, e Millos finalmente me olha. — Eu te conto tudo no caminho, mas agora preciso que você venha.

Apoio-me na mesa, minhas pernas não conseguem mais me sustentar, e Millos corre em meu socorro. *Como isso pode estar acontecendo?* Há poucas horas, eu acordava com a visão dele deitado na cama ao meu lado, seus olhos azuis brilhantes de felicidade. Lembro-me das risadas, provocações e do sexo delicioso que fizemos.

Um tremor sacode meu corpo apenas com a perspectiva de que algo grave possa ter acontecido com ele e que isso possa significar que... *Não, não quero pensar nisso!* Lágrimas ardem nos meus olhos. Tenho medo de perguntar qualquer coisa que me fira, mas preciso entender o que está acontecendo.

— Como ele... — Soluço. — Como Kostas está?

— Em cirurgia — fecho os olhos assim que escuto isso. — Não tenho mais informações, precisamos ir.

A notícia me abala, o medo toma conta de mim, fazendo-me esmorecer a ponto de desmoronar. *Não, não posso! Ele precisa de mim!* Engulo as lágrimas, reunindo forças para ir com Millos. Pego minha bolsa, seco meu rosto e começo a andar atrás dele. Paro, olho para a sacola em cima da mesa, não me importando mais que não seja um anel ou uma aliança, apenas desejando que o homem que comprou o que está ali dentro volte para mim.

O percurso até o hospital pareceu durar uma eternidade. Millos me contou que a pessoa responsável por vazar os documentos da empresa foi Viviane Lamour, uma mulher que teve algum tipo de relação com Theodoros e que teve alguma ligação com Kostas.

Ele foi atrás dela em seu local de trabalho para pressioná-la, mas, de alguma forma, Theodoros conseguiu descobrir a pessoa da concorrência que comprou os documentos e assim também chegou ao nome de Viviane.

A mulher deve ter ficado acuada e tentou matar Theodoros,

mas Konstantinos impediu que ela conseguisse balear seu irmão, porém, foi atingido.

— O tiro foi no peito — Millos informou. — Ele foi socorrido e chegou com vida ao hospital.

Senti meu coração apertar, imaginando a dor, o risco que ele correu pelo irmão. Isso me surpreende também, não esperava essa reação e, mesmo em meio ao medo de perdê-lo, sinto orgulho pelo que fez. Kostas nunca odiou Theodoros, era apenas um homem ferido, um menino que se sentiu abandonado, mas sua história, tudo o que passou para tentar proteger seus irmãos mais novos só comprova o quanto ele os amava.

— Ele não vai desistir tão fácil de viver! — falei comigo mesma. — Não agora, não depois de tudo o que passou! — Olhei para Millos, que dirigia. — Não é justo!

— Não é!

A primeira pessoa que encontramos no hospital foi Theodoros, com a roupa suja de sangue, mas aparentemente bem. Os dois homens se olharam, mas não falaram nada, nem se tocaram. Millos interceptou um enfermeiro e pediu informações sobre o primo, e Theo se aproximou de mim.

— Ele vai sair dessa, tenha certeza! — consolou-me.

Funguei, tentando conter o pranto e o medo, e balancei a cabeça positivamente.

— A cirurgia está acabando! — Millos voltou com a

notícia.

— Ele está há mais de quatro horas lá dentro.

Fechei os olhos e chorei, recebendo o abraço de Theodoros.

— Diz para mim que ele vai ficar bem, por favor! — implorei em seus braços. — Eu não posso perdê-lo!

— Ele vai ficar bem, Kika! — a voz de Theo tremeu. — Kostas é um filho da mãe, só está nos pregando um susto, mas logo estará conosco com aquela cara debochada de sempre.

Depois disso, só tenho flashes de memória.

Kyra e Alexios chegaram correndo, agitaram o hospital, pois Kostas tinha acabado de sair do centro cirúrgico e ido para a UTI. Eu o vi rapidamente, de longe, todo entubado, a cabeça raspada no lado direito, muitos curativos pelo corpo. Conversei com o doutor, e ele me informou que conseguiram extrair o projétil, que por sorte não atingira nenhum órgão vital, passando a centímetros do coração.

O problema todo foi o tombo. O tiro o jogou para trás, e ele caiu de uma altura considerável em cima da mesa de vidro do escritório de Viviane, por isso também as escoriações pelo corpo. Estava com um edema no cérebro, e os médicos decidiram mantê-lo em coma induzido até que o inchaço diminuísse.

— Kika. — Olho para o lado, deixando os pensamentos daquele dia tão triste para trás e vejo Alexios. — Vá para casa

descansar um pouco, você está há dias aqui no hospital.

Nego.

— Quero estar aqui quando ele acordar.

Ele suspira e se senta ao meu lado, sem insistir na ideia de eu ficar longe. Não vou sair daqui enquanto não tiver boas notícias, enquanto ele não se recuperar.

Alexios pega minha mão e a aperta, consolando-me. Não está sendo fácil, o edema cresceu, os médicos temem que ele fique com algum tipo de sequela ou que simplesmente não acorde mais. Eu não acredito nisso, tenho convicção de que Konstantinos vai se recuperar e voltar para mim do mesmo jeito que era.

Um barulho na entrada da sala que ocupamos chama nossa atenção, e a mão de Alex aperta a minha um pouco mais forte do que estava fazendo antes.

Um homem alto, moreno, um pouco fora do peso e com os cabelos grisalhos nos olha, principalmente a mim. Atrás dele um outro aparece, bem mais velho, usando uma bengala e óculos escuros.

— Quem são? — sussurro a pergunta para Alex, mesmo já desconfiando pela semelhança física.

— Nikkós e Geórgios Karamanlis — sua voz é carregada de desprezo, e eu sinto o corpo gelar por causa da presença deles aqui.

58

Kika

Cochilo, a cabeça dá um tranco quando escapa da mão, e pulo na poltrona, olhando para todos os lados, nervosa por ter saído do ar por alguns instantes. Não tem ninguém na sala e estranho isso, pois há semanas este lugar vive cheio de gente entrando e saindo, querendo saber como Kostas está.

Suspiro. Já tem mais de um mês que ele está internado. Olho para a cama à minha frente, para o homem que tanto amo deitado imóvel sobre ela, e sinto meu coração se apertar de dor.

Ele não está mais entubado, consegue respirar sozinho, as

escoriações que sofreu já estão todas cicatrizadas, bem como o local do tiro, já sem pontos, seco e se curando. Tudo está indo perfeitamente bem, só que ele ainda não acordou.

Não perco a esperança de jeito algum de ver novamente seus lindos olhos azuis, ser tocada por ele, ouvir sua voz. Eu não vou perdê-lo, vou esperá-lo nem que para isso fique o tempo que for preciso sentada aqui nesta poltrona, entre cochilos e lágrimas silenciosas.

Aproximo-me da cama – faço isso de tempos em tempos – e toco seu rosto.

— Oi! Estava ali sentada. Não tem ninguém mais aqui no quarto, e resolvi aproveitar esse raro momento a sós para te dizer que sinto falta do seu corpo junto ao meu, de acordar de manhã com a visão do seu sorriso, subir em você e gozarmos juntos antes de um dia de trabalho. — Beijo a ponta do seu nariz. — Sei que você precisa desse tempo para se restabelecer, mas eu sinto saudades, então, se puder acelerar o processo aí, agradeço. — Abaixo-me e falo em seu ouvido: — Sigo te esperando aqui, cheia de tesão.

Ouço um pigarrear e olho para trás, para a mulher alta, loira e com enormes olhos castanhos. Suspiro resignada com a presença dela aqui conosco, contrariada, é verdade, mas sem poder fazer nada para impedi-la de estar perto dele.

Eu queria! Queria muito livrá-lo da presença tóxica dessa

mulher, mas infelizmente oficialmente não sou ninguém em sua vida, e ela é sua mãe.

Volto a me sentar na poltrona, tomando conta de cada movimento de Elizabeth Abbot. Sinto um ranço tão grande dela que chego a crispar as mãos toda vez que se aproxima e toca em Konstantinos.

Ela chegou ao hospital há uma semana, vindo direto dos Estados Unidos, mais precisamente de Bethesda, onde mora e trabalha na área de pesquisa para um enorme laboratório farmacêutico de propriedade da família do seu atual marido.

Chegou de surpresa, e, confesso a vocês, fiquei aliviada, pois sua presença significou o afastamento do insuportável, odioso, nojento Nikólaos. Eu simplesmente não consigo olhar para aquele homem e não me indignar com tudo o que ele fez Konstantinos passar na adolescência. Não dá!

Quando ele chegou, eu nada pude fazer ou falar, pois veio acompanhado pelo pai, o grego Geórgios Karamanlis, o homem que fundou a empresa em que eu tanto me orgulho de trabalhar. O velho não é fácil, percebi logo que o vi, chegou dando ordens, exigiu conversar com a junta médica que acompanha o quadro de Kostas e quis saber o que tinha acontecido à mulher que o alvejara.

Theodoros, por sorte, conseguiu acalmá-lo um pouco, pois eu fui deixada sozinha com ele, uma vez que Alexios

simplesmente abandonou o hospital sem ao menos cumprimentar seus dois parentes que haviam chegado da Grécia.

Nikkós se manteve sempre distante dos filhos, só o vi se aproximar de Kyra, mas a mulher lhe deu uma olhada tão feia e tão cheia de avisos que ele logo recuou e a deixou em paz também. Geórgios, por sua vez, babava na neta caçula, reclamava que ela não lhe dava atenção e era visível que a adorava.

Millos apareceu também todos os dias para ter notícia do primo e, em uma dessas visitas, veio acompanhado de Duda Hill, o que me surpreendeu.

— Oi! — ela me cumprimentou. — Você é a Kika, não é? A que deu a máscara de beijinhos para minha filha.

— Sou eu! — cumprimentei-a, e ela se sentou ao meu lado na sala de espera, pois Kostas ainda estava na UTI. — Eu sinto muito tudo isso que aconteceu. — Ela pegou minha mão. — Ele vai sair dessa, pode ter certeza!

— Obrigada! — agradeci sem jeito, pois sabia que ela e Kostas não tinham se conhecido da melhor maneira e nem no melhor momento.

— Tessa queria vir, mas ainda não pode estar exposta em um hospital como esse. — Concordei com ela. — Mas ela ora todas as noites pelo Tim. — Duda riu. — Foi assim que ele se apresentou para ela, e eu só soube que o tão falado Tim era na

verdade Konstantinos Karamanlis quando Theodoros me contou que esse era o apelido de infância de Kostas.

— Eu soube que ele foi vê-la. — Sorri.

— Foi e lhe deu um bichinho de pelúcia que Tessa não solta por nada. — Duda abaixou a cabeça, e percebi que estava emocionada. — Eu não gostava dele, sabe? Por tudo o que ele fez para o Theo, por não ter se importado com o que nós passamos com Tessa, mas então percebi que o julguei muito depressa. — Secou o rosto com as mãos. — Eu quero ter a oportunidade de agradecê-lo por salvar Theodoros daquela louca.

— Você vai! — disse com convicção. — E Tessa poderá rever seu amigo Tim, eu tenho certeza.

— Sim! — Duda apertou minha mão. — Eu também!

Ficamos juntas por alguns momentos mais enquanto Theo e o avô visitavam Kostas. Eles me apresentaram ao patriarca da família como sendo namorada de Konstantinos. Fiquei sem jeito, porque nunca expusemos isso aos familiares dele ou mesmo no ambiente de trabalho. A única vez que Kostas usou essa expressão foi quando se apresentou ao Vinícius, mas nunca realmente falamos sobre isso.

O grego idoso foi educado comigo, mas superficial, não me deu muita conversa, mesmo porque falava pouco o português. Já Nikkós teve a cara de pau de se sentar ao meu lado e puxar

assunto sobre nossa vida juntos – minha e de seu filho –, levantando questões sobre se estávamos morando juntos ou se era somente um envolvimento passageiro.

Todavia, nada poderia ter me irritado mais do que o dia em que o médico anunciou que tentariam tirá-lo do respirador para ver se Kostas já podia manter a respiração sozinho.

— Caso não consiga, significa que o dano foi muito sério e que não se recuperará? — Nikkós perguntou.

Eu o encarei, furiosa por conta da pergunta ridícula e fora de hora que estava fazendo. Precisávamos torcer para que ele conseguisse, seria um progresso, mas o homem parecia querer que o filho morresse de vez.

Descobri o motivo de sua ansiedade para vê-lo piorar quando Elizabeth Abbot chegou ao hospital. Konstantinos já estava no quarto, sem os aparelhos, apenas com as sondas, ainda em coma. Era bem cedo, o senhor Karamanlis estava aqui visitando o neto, e Nikkós o acompanhava, quando ela entrou e o deixou branco como cera.

Fiquei impressionada com sua beleza e elegância, uma mulher de 55 anos que parecia não ter mais que 35, bem-cuidada, pele perfeita, corpo escultural e incrivelmente bem-vestida. Ela cumprimentou a todos em inglês, inclusive beijou a mão do velho senhor Karamanlis antes de se aproximar do ex-marido.

A conversa entre eles foi sussurrada e tensa, toda em inglês. A mulher, que não via o filho havia mais de 20 anos, só jogou um olhar de esguelha para a cama e saiu com Nikkós do quarto.

— É hora de os abutres confabularem — o avô de Kostas comentou com seu forte sotaque. Franzi a testa, sem entender, e ele me explicou: — Gordon Abbot deixou a maioria de seus bens para ele. — Apontou para o neto. — O velho inglês nunca esteve satisfeito por ter que criar um neto de uma relação relâmpago da filha, mas preferiu deixar seus bens para um herdeiro homem.

Arregalei os olhos.

— Eles estão discutindo por causa da herança dele? — indaguei indignada.

Geórgios Karamanlis deu de ombros.

— Entre outras coisas. Mas não se preocupe, meu neto não é bobo, deve ter feito um testamento muito bem amarrado para que nenhum dos dois veja um só tostão desse dinheiro.

Eu não ligava a mínima para o dinheiro ou o testamento, só me incomodava ao extremo que eles estivessem pensando na morte do próprio filho! Era cruel demais, Konstantinos não merecia isso!

— Ei! — Elizabeth Abbot me chama, seu sotaque horrível despertando-me das lembranças dessas últimas semanas. — Eu preciso de água.

Ela faz um gesto com a mão indicando que está com sede. Rolo os olhos e vou até o frigobar para pegar água para a *lady* e, no caminho, vejo Theodoros entrar como uma bala no quarto.

— Você está querendo levá-lo para os Estados Unidos?! Está louca? — ele grita em inglês, e, em seguida, Alexios, Millos e Kyra entram no quarto. Fico paralisada, as mãos tremendo. Começo a suar frio e olho para a mulher que age como se nada estivesse acontecendo aqui, a expressão fria como uma geleira da Antártica.

— Como assim levá-lo para... — não termino de perguntar, pois Alexios e Kyra correm em minha direção e ele me segura antes que eu caia no chão. Tento recuperar meus sentidos e questionar o que está acontecendo, mas me sinto fraca, tonta e muito enjoada.

Estou há mais de um mês neste hospital, sem sair desde o dia em que cheguei aqui apavorada com a notícia de que Kostas estava em cirurgia. Verinha me traz roupas e notícias do Kaká, e eu como aqui quando tenho fome, e espero que ele acorde.

— Kika, você me escuta? — Alexios me chama, mas não consigo responder, ainda com os sentidos inebriados. — O médico já está vindo! Ela deve estar exausta, Kyra!

— Nós deveríamos tê-la convencido a ir para casa descansar, a obrigado se necessário!

— Eu estou bem! — sussurro e tento me levantar. — Só

um pouco tonta.

— Fique deitada aqui, Kika, o médico já está chegando.

Penso no que acabei de ouvir sobre a mãe de Kostas querer levá-lo para os Estados Unidos e choro ainda de olhos fechados.

— Ela pode levá-lo?

Tenho tanto medo disso que soluço apenas com a possibilidade de ele ser levado para longe de mim, ainda mais por essa mulher que nunca o quis, nunca o amou.

— Nós não vamos deixar — Millos garante. — Ah, o médico.

O doutor fala comigo, mas respondo tudo automaticamente, sem prestar atenção a nada, a cabeça preocupada demais pela possibilidade de Elizabeth Abbot conseguir levar Konstantinos com ela, afinal, é a mãe dele.

— Você precisa comer e se hidratar direito. — O médico me aconselha. — Vou pedir que venham colher seu sangue para exames. Você tem dormido?

— Sim...

— Não, ela não saiu daqui desde que meu irmão deu entrada. — Olho para Kyra e balanço a cabeça, mas ela me ignora. — Não faz as refeições corretamente, não dorme direito, é claro que está estafada.

— Eu estou bem! — Tento me levantar, mas eles me impedem. — Ela vai levá-lo para...

— Kika, ela nem está aqui mais!

— E não vai levá-lo a lugar algum, eu te garanto! — Theodoros fala. — Mas você precisa ficar bem para quando ele acordar, tem que se cuidar.

— Quando foi sua última menstruação? — o médico questiona.

Olho-o tentando lembrar, mas não consigo. Eu estava tomando injeção, mas aí viajei para o Pantanal e não tomei mais, menstruei lá. Isso, foi lá a última vez!

— Há cerca de um mês e meio — respondo.

O médico anota a informação.

— Pode ser só um atraso por conta do estresse, isso é bem comum, mas, de qualquer forma, vou incluir um beta HCG.

Arregalo os olhos, percebendo o que ele está pensando, e todas as vezes que Konstantinos e eu fizemos sexo quando reatamos vêm à minha memória. Nós não usamos proteção nenhuma das vezes!

— Eu posso estar... — olho para os três homens Karamanlis atrás do médico e diminuo o tom da voz — grávida?

O médico sorri.

— Há possibilidade de que isso tenha acontecido? — Assinto. — Então, sim, vamos fazer o exame.

Ele se levanta, vejo um sorriso aparecendo em seu rosto, mas tenta ocultar. Diz aos Karamanlis que estou bem e sai do

quarto, deixando-me com a cabeça cheia de dúvidas e uma enorme esperança de que isso tenha acontecido. Involuntariamente ponho a mão sobre a barriga e olho para o lado, para a cama onde Konstantinos está.

Um filho!

— Kika, você está bem? — Alexios ajuda-me a sentar no sofá. — Não quer que eu a leve para casa?

Nego e vejo um enfermeiro entrar para colher meu sangue.

— Em quanto tempo sai o resultado do exame de gravidez? — pergunto baixinho, mas Alex escuta e me olha surpreso.

— Daqui a meia hora te trago o resultado. — Ele recolhe tudo e sai.

Kyra, Millos e Theodoros estão em um canto do quarto conversando, provavelmente sobre a ideia maluca de Elizabeth Abbot querer levar Kostas para os Estados Unidos, mas Alex continua sentado ao meu lado, perplexo.

— Isso é possível? — ele indaga sem me olhar.

— Sim — respondo sem jeito e novamente ponho a mão sobre meu ventre. — Eu sinto que aconteceu, sabe?

Ele sorri e pega minha outra mão.

— Vou esperar o resultado com você, posso?

Fito-o, os olhos cheios de lágrimas, e concordo. Minha vontade é de ir até aquela cama e contar ao Kostas que ele será pai, que ele precisa acordar e me ajudar nessa empreitada,

porque certamente será o maior e mais difícil projeto que já tive: criar um filho.

Penso em Gael, meu afilhado que acabou de nascer, e na emoção que foi tê-lo em meus braços. Toda a dúvida que tinha se dissipa. Eu sinto que tem uma vida crescendo dentro de mim, tenho certeza disso.

Sorrio.

Theodoros, Millos e Kyra se despedem, mas Alex informa que ficará comigo por mais um tempo e os acompanha para fora do quarto, provavelmente para lhes contar sobre a possibilidade de eu estar grávida.

Levanto-me, vou até Konstantinos, sento-me na beirada da cama, pego sua mão e a coloco sobre minha barriga.

— Eu estou esperando o resultado oficial ainda, mas no meu coração já tenho certeza. — Sorrio, lágrimas rolando pelo rosto. — Eu estou grávida, nós fizemos um bebê juntos, seremos uma família. — Seguro o soluço e fecho os olhos. — Mas eu não vou conseguir sem você, não seremos completos sem você conosco, preciso de você aqui comigo. — Aperto sua mão mais forte. — Volte para mim, por favor.

Sinto meu ventre se agitar, mas penso que é por conta da emoção desse momento, desse meu desabafo desesperado, porém, novamente algo se move em minha barriga, e eu abro os olhos.

Meu sorriso é instantâneo quando encaro os olhos azuis mais lindos deste mundo me fitando, piscando, tentando focar, incomodados pela luz. Começo a rir, mesmo chorando, e o som da minha risada ecoa pelo quarto, fazendo os Karamanlis entrarem correndo para saber o que está acontecendo.

— Kika, está... — Theodoros não termina a pergunta, paralisado, olhando para o irmão acordado. Ele desaba, aproxima-se de mim chorando e sorrindo ao mesmo tempo, segura meu ombro e toca o braço de Kostas.

— Bem-vindo de volta, meu irmão!

59

Kostas

Há uma fumaça densa que me impede de ver qualquer coisa, mas me faz sentir frio. Sinto-me nu, mesmo estando vestido, perdido sem saber onde estou, sem encontrar o caminho para sair daqui e voltar para casa.

Wilka, ela é minha casa, preciso voltar para ela!

Olho para todos os lados, a escuridão e a fumaça não me deixam enxergar nada, e isso me mantém parado no mesmo lugar. Tento falar, mas da minha garganta não sai nada.

— Eu estou aqui... — a voz dela ecoa, mas não sei

exatamente de onde o som vem.

— Eu preciso ter a chance de te pedir perdão... — agora escuto Theodoros, mas ainda não vejo nada.

O silêncio volta. Sinto-me cansado, deito-me no chão e durmo.

— Você sempre foi forte, vai sair dessa!

— Ela não sai daqui, é de dar pena vê-la dormindo sentada nesse sofá.

Os sons voltam a me acordar novamente. Tenho a esperança de conseguir me mover hoje, enxergar algo ou mesmo descobrir de onde vêm essas vozes, mas novamente só há escuridão e fumaça.

Wilka odeia o escuro; ainda bem que não está aqui!

— Mas ele não deixou nenhuma manifestação de vontade caso isso lhe acontecesse? Eu duvido que, orgulhoso como era, ele iria querer ficar sendo cuidado, usando fraldas, deitado para sempre em uma cama! — a voz de Nikkós me faz estremecer, aumenta o frio, e eu me encolho, abraçando meu próprio corpo, sentindo medo. Não quero que ele se aproxime, não quero ficar aqui sozinho com ele!

— Eu te amo, ouviu? Nem tente me deixar, porque eu vou atrás de você aonde for!

Paro de tremer, levanto-me e começo a procurar. Sorrio por conseguir andar de um lado para o outro, mesmo que ainda

não veja nenhuma saída. Eu sinto o amor dela, ele me aquece, dissipa a neblina e clareia mais o ambiente.

Dormi de novo! Por quanto tempo? Escuto uma voz ao longe, mas dessa vez consigo saber de onde vem! Caminho em sua direção, e ela vai ficando cada vez mais nítida.

Paro, sinto algo perto de mim, um calor em minha orelha que me deixa arrepiado de prazer.

— Sigo te esperando cheia de tesão!

Sorrio e começo a correr na direção da voz. O caminho fica cada vez mais nítido, mais quente, mais claro. Vou conseguir sair daqui, vou conseguir alcançá-la, vê-la novamente e...

Dou de cara com uma porta. Procuro a maçaneta; não acho. Bato, tento gritar; não consigo. Então bato e bato e bato desesperadamente.

— Nós não vamos deixar você levá-lo para longe!

Longe? Não, estou me aproximando agora, não quero ir para longe. Não posso, ela me espera, sempre me esperou, preciso voltar, preciso achá-la!

— Kika, você está bem?

Paraliso, sinto meu corpo tremer com a pergunta. Não sei o que houve, mas sinto angústia e medo. Começo a chutar a porta.

— Devíamos tê-la convencido a descansar!

Chuto e soco ao mesmo tempo, o coração disparado, a vontade de alcançá-la. Choro, quero implorar para que abram, para que me deixem sair, mas não consigo, apenas sigo atacando a porta no firme propósito de derrubá-la.

— Eu estou esperando o resultado oficial ainda, mas no meu coração já tenho certeza. — Paro de socar a porta, sentindo uma emoção diferente tomar conta de mim. — Eu estou grávida, nós fizemos um bebê juntos, seremos uma família. — Fecho os olhos, e uma calma enorme me envolve. Sinto como se eu estivesse recebendo raios de sol. Levanto meu rosto, aquecendo-me devagar. — Mas eu não vou conseguir sem você, não seremos completos sem você conosco, preciso de você aqui comigo. — Sorrio, meu corpo ficando leve, como se estivesse flutuando. — Volte para mim, por favor.

Abro os olhos, mas volto a fechá-los com força, pois a claridade faz com que eu sinta ardência. Minha mão está sendo mantida apertada. Movo-a um pouco, incomodado, tentando desfazer a pressão.

Volto a abrir os olhos, pisco, porém, consigo mantê-los abertos. Não consigo enxergar direito, minhas pupilas ainda estão se adaptando ao ambiente. Ouço bipes constantes, sinto algo enterrado em minha pele. Movo-me novamente, e um clarão chama minha atenção.

Olho para frente, tento focar na luz, tentar descobrir o que é

que brilha tanto desse jeito, então a vejo. Seu sorriso está enorme, o som de sua risada me aquece. Parece que estou sonhando. Quero sorrir também, tocá-la, abraçá-la e dizer que voltei.

Por ela!

Olho para minha mão junto à dela em sua barriga.

Nós vamos ser uma família!

Alguém toca no meu braço. Olho para o lado. Theodoros.

— Bem-vindo de volta, meu irmão!

Lembro-me, então, da discussão com Viviane, da arma apontada para Theodoros, minha intenção de impedir, a dor, a sensação de estar caindo, Wilka dormindo iluminada pelo sol, e a escuridão.

— Kostas? — ouço-a me chamar. — Você consegue...

— Eu vou ser pai? — dou-me conta de que sou eu quem perguntou isso. Minha voz está diferente, mais rouca, mas fui quem perguntou.

Eu vou ser pai!

Olho de novo para minha mão em sua barriga e a acaricio.

— Vai! — Wilka confirma, chorando. — Você é meu anjo, meu amor! Ainda bem que voltou para nós!

— Você me trouxe de volta.

Ela se inclina sobre mim e me beija. Abraço-a como posso, mesmo sentindo incômodo em meu braço, emocionado por tocá-

la novamente, por ter a chance de estar com ela em meus braços de novo.

— Kika... — Alexios fala rindo. — Os médicos estão querendo examiná-lo.

Wilka tenta se levantar, mas não deixo. Não sei quanto tempo estive desacordado, mas a sensação que tenho é de que passei toda uma vida longe dela. Não quero que se afaste de mim, não quero perdê-la nunca mais.

— Ei, seu fazedor de merda, bem-vindo de volta! — Millos toca meu outro ombro.

Abro os olhos e ao lado dele vejo Kyra sorrindo, e atrás dela, Alexios tenta disfarçar as lágrimas. Estão todos aqui, juntos, por mim?

Wilka se levanta, mas não sai de perto, nossas mãos unidas.

— Como você se sente? — um médico me pergunta. — Consegue falar?

Respiro fundo e me concentro para conseguir me expressar, mesmo com a garganta dolorida.

— Sim, estou apenas com uma puta dor de cabeça.

Wilka gargalha, e todos a seguem.

— Preciso que vocês saiam um instante para que nós passamos avaliar as condições dele — o médico pede, e eu agarro a mão de Wilka com mais força, não querendo que ela vá. — Não se preocupe, é rápido, e essa moça não saiu do seu lado

um minuto sequer. Ela não irá para longe agora.

Solto a mão dela, que se aproxima e me beija de novo antes de sair da sala seguida por meus irmãos e meu primo.

Todos aqui!, penso surpreso e sorrio.

— Está sentindo dor? — Wilka inquire.

Dou mais dois passos e nego, satisfeito por poder ficar de pé e caminhar depois de dois dias deitado ou sentado na cama.

— É quase um milagre que não tenha ficado com nenhuma sequela.

Olho para a mulher que me gerou, sem entender o que ainda faz aqui, afinal, não morri, estou bem e pretendo continuar seguindo assim, então não sou interessante para ela.

Soube que Nikkós também esteve vindo ao hospital enquanto eu estava em coma, mas ele parece ter mais senso de ridículo e não voltou a aparecer desde que acordei, o que não é o caso de Lizzie Abbot.

O velho Geórgios Karamanlis veio me ver algumas vezes, sempre com seu jeito severo, meio bruto, mas verdadeiramente preocupado com meu estado de saúde, atitude bem diferente da *minha mãe.*

Bufo, impaciente, e olho para Wilka.

Estou de pé hoje, treinando lentamente meus passos, porque decidi que não vou mais perder nenhum momento importante da minha vida, e hoje, daqui a pouco, será o primeiro de grande importância que terei: a primeira ultrassonografia do nosso filho.

Pois é, parece que algum ser superior decidiu que era hora de parar de foder minha vida e, além de trazer Wilka para mim, ainda não me deixou morrer ou ficar com sequelas e me presenteou com a paternidade, com uma família.

Família!

Ontem acordei com a presença de Theodoros, Duda e a pequena Tessa, usando uma máscara e segurando o ursinho que levei para ela no hospital onde esteve internada. Senti o coração disparar ao vê-los, sentei-me na cama com dificuldade, porque ainda me sinto cansado e tonto na maioria do tempo, e sorri para a garotinha.

— Olá! — cumprimentei-a.

— Oi, Tim! — Ela me estendeu o urso. — Eu queria vir te ver, mas sempre você estava dormindo! — Tessa riu, eu soube disso por conta do som de sua risada e de seus olhos se repuxando nos cantos. — Você dorme muito!

Theo e Duda riram da constatação da menina, e eu dei de ombros.

— Vou tentar dormir menos de agora em diante. Fico feliz que tenha vindo me ver.

— Nós queríamos muito vir — foi Duda quem respondeu. — Eu queria agradecer...

— Não, não precisa, fiz o que achei certo e o faria novamente. — Olhei de soslaio para Theodoros. — Eu preciso pedir perdão a você pelo modo como...

— Já esqueci isso, Tim — ela me chamou pelo apelido e pegou minha mão. — Somos uma família, é normal fazer umas merdas de vez em quando, mas temos que superar e aprender com elas.

Senti um bolo em minha garganta, emocionado pelas palavras e por ela me considerar de sua família.

Mais tarde, enquanto ela voltava para casa com minha sobrinha, Theodoros fez algo que nunca imaginei que fosse fazer. Ele me abraçou.

— Eu pensei que íamos perder você por um momento — disse ainda me apertando contra si. — E me dei conta de que nunca disse o quanto eu sentia por ter deixado você e nossos irmãos sozinhos com Nikkós. — Fiquei petrificado. — Eu não fazia ideia, Kostas, de que ele se tornaria o louco que se tornou, mas eu deveria saber ou ter descoberto.

— Do que você está...

Ele se afastou e me encarou.

— Kyra me contou o que vocês passaram. — Fiquei lívido. — Disse-me aos prantos que Alexios e você suportaram toda a loucura dele a fim de protegê-la. Eu não faço ideia do que ele fez, mas sei que causou danos sérios e que ajudou a aprofundar essa lacuna entre nós.

— Eu não queria que ela se sentisse culpada pelo que houve — confessei, pensando pela primeira vez em como minha irmã lidava com nosso passado, entendendo que, talvez, ela sentisse uma culpa que não lhe cabia sentir. — Ele é o culpado, Theo, não ela e nem você.

— Eu sei, mas eu desencadeei tudo. — Assenti, pois era a verdade. — Deveria ter voltado a fazer contato com vocês. Sei que não justifica, mas estava fodido também, machucado, então entrei de cabeça nos estudos.

Entendi, naquele momento, que todos nós fomos vítimas. Éramos jovens demais, imaturos, e ficamos sob a responsabilidade de dois adultos descontrolados e egoístas. Theodoros foi tão vítima de Sabrina quanto meus irmãos e eu do nosso pai.

— Obrigado por ter salvado minha vida! — Theo agradeceu. — Obrigado por ter acordado e me dado a chance de dizer o quanto você é importante para mim!

Não resisti mais e o puxei para mais um abraço, surpreendendo-o, fazendo-o rir de nós dois, marmanjos

barbados, ali, abraçados feito crianças. Eu não poderia mesmo ter morrido, precisava ter aquele momento com meu irmão, o homem que por anos odiei e culpei por tudo de ruim que passei.

— Não sei se é conveniente que ele já saia da cama — Elizabeth Abbot segue falando em inglês e me faz parar para olhá-la de frente. — Acho que ele deveria passar por uma avaliação fora do país, pode ter alguma sequela que os médicos daqui...

— Vai embora! — minha voz sai como um rosnado, e ela se assusta. — A única coisa aqui que não é conveniente é sua presença. A única sequela que tenho é de, infelizmente, ter saído de um ser tão egoísta e mesquinho como você.

— Tim!

Ouvir meu apelido de infância sair de seus lábios me dá ainda mais raiva.

— Segue sua vida, Lizzie. Nunca houve espaço para mim nela, e, como você pode notar, não há espaço na minha para você também. — Aponto para a porta. — *Go away!*

Ela pega sua bolsa, funga indignada e desaparece da minha vida mais uma vez. Wilka está parada, encarando-me com uma expressão que não consigo definir.

— Acha que exagerei? — pergunto a ela.

A Cabritinha ri e nega.

— Eu tive vontade de tirá-la daqui pelos cabelos desde

quando chegou, mas sou educada demais e aprendi a respeitar os mais velhos, mas que vontade danada! — Ela se aproxima, fica nas pontas dos pés. Eu me abaixo e a deixo me beijar. — Ela te gerou, mas nunca foi sua mãe. Eu te entendo.

— Você é meu mundo! — declaro. — Prometo que vou me esforçar para ser o melhor pai que nosso bebê poderia ter.

Ela ri novamente.

— Ai de você se não for! — ameaça-me.

Puxo-a para mim, fazendo-a gargalhar de nervoso quando a ergo no colo, preocupada por eu não a aguentar e nós dois cairmos. *Isso nunca irá acontecer!*

— Amo você, Pimentinha, mesmo sendo brava desse jeito!

60

Kostas

Termino de escrever o e-mail e fico esperando o arquivo que anexei ser carregado. Olho na direção da sacada. O sol já alto no céu anuncia uma manhã de outono quente, então sorrio para a mulher que está dormindo calmamente na cama que acabei de deixar.

Vou para a sala e sou seguido pelo Kaká. Suas unhas fazem barulho no assoalho de madeira, e o pego no colo antes de me sentar com ele no sofá.

— Vai acordá-la, *seu grude*, e ela precisa descansar! Tem

um bebê crescendo dentro dela, e sua missão será de tomar conta dele, então comece desde já!

Kaká balança o rabo e tenta lamber meu nariz, mas desvio o rosto a tempo, rindo e acariciando suas orelhas. Fecho os olhos antes de conferir o carregamento do arquivo no celular, e ele se deita preguiçoso, seguro e feliz como eu mesmo me sinto.

Saí do hospital há duas semanas e segui para o apartamento de Wilka, pois, como já havia deixado bem claro, não iria mais perdê-la de vista. Eu não imaginava que fosse possível me apaixonar ainda mais por ela, porém estava enganado e comprovei isso dentro da sala onde uma médica fez ultrassonografia nela.

É verdade que não consegui ver nada, mas a doutora garantiu que havia um bebê ali dentro e que, aparentemente, estava tudo em ordem com a gestação. O *aparentemente* não me convenceu nenhum pouco! É por isso que, enquanto não fôssemos a algum outro que me garantisse *completamente* que estava tudo bem, eu não iria sair de perto dela.

Insisti para que fosse dormir em casa, pois não havia o mínimo conforto no sofá do hospital onde ela passava as noites desde que eu fora transferido para o quarto, mas, cabeça-dura como sempre, ela se recusou a ir.

— Eu vou sair daqui no dia em que você sair também! — disse categórica.

O que acabou acontecendo é que começamos a burlar as regras do hospital, pois eu a chamava para se deitar no leito comigo todas as noites, ficava abraçado a ela, acariciando sua barriga, que ainda não trazia nenhum indício de que meu filho estava lá dentro, e ela dormia perto de mim.

Era uma delícia e um tormento, pois, mesmo diante da insistência dos médicos de que eu deveria ficar em observação, senti-a bem e estava cheio de tesão por ela, louco para provar seu corpo novamente.

Rio ao me lembrar do dia da alta. Eu entrei no banheiro para tomar banho e, como sempre, ela me pediu para deixar a porta do banheiro destrancada, caso acontecesse de eu sentir algo e ter de ser socorrido. Achava um exagero, mas, como a tranquilizava, acatava o seu pedido. Naquele dia, talvez por saber que em breve iria para casa, eu estava particularmente excitado.

Ensaboei meu corpo, vendo meu pau endurecer a cada passada da esponja em minha pele. Demorei mais tempo lavando-o do que o necessário e, quando dei por mim, estava tocando uma punheta como havia tempo não o fazia. Vocês sabem, eu adoro tocar uma, mas, desde que Wilka entrou na minha vida, prefiro que ela faça isso para mim.

— Wilka! — chamei-a. — Preciso que me ajude em algo aqui no banho!

Senti um pouco de remorso quando ela invadiu o banheiro toda preocupada, abrindo o boxe como se fosse salvar minha vida.

— O que... — Ela parou quando viu como eu estava e *o que* estava fazendo. — Safado!

Comecei a rir e a puxei para dentro do chuveiro comigo, de roupa e tudo, beijando-a cheio de tesão, sentindo meu corpo reagir à proximidade do seu como se fosse a nossa primeira vez juntos. Foi surreal, transcendeu qualquer outra sensação que eu já tinha sentido na vida.

Ela se ajoelhou no chão molhado do boxe, sua blusa encharcada e agarrada aos seus peitos deliciosos, a calça larga, de tecido fino, marcando suas coxas e bunda, e começou a me chupar furiosamente. Senti, através de sua boca no meu pau, o quanto ela sentira a minha falta, como estava com saudades do nosso contato e todo seu amor.

Foi isso! Trepamos amorosamente, traduzindo em movimentos, gemidos e orgasmos todas as palavras de amor que trazíamos dentro de nós. Não foi uma transa melosa ou mesmo cuidadosa, apesar do meu estado de convalescença e da gravidez dela, porque nosso amor não é assim.

O que sinto por ela não é terno, meigo e delicado. É chama pura, intenso, desmedido e bruto. E ela gosta e retribui. Claro que temos nossos momentos de carinhos, mas ali, debaixo

daquele chuveiro, queríamos o incêndio, a tempestade e uma total rendição.

Foi foda!

Mais tarde naquele dia, entrei no apartamento dela já esperando encontrar o mijão do Kaká, porém, o bicho estava com a Verinha, que cuidou dele e das plantas de Wilka desde o dia em que fui internado no hospital. Eu me apeguei ao bichinho, mesmo o achando grudento demais. Gostava de ter sua companhia enquanto assistia ao futebol ou mesmo trabalhava em alguma coisa.

— Ela virá daqui a pouco, foi passear com eles — Wilka esclareceu quando percebeu que eu senti falta do cachorro, um sorriso matreiro em seus lábios.

— Você acha que ele se adaptará bem depois que o bebê nascer? Não quero meu filho sendo coberto de mijo e...

Ela começou a gargalhar e me abraçou.

— Kaká vai ser um ótimo companheiro para o nosso bebê, tenho certeza!

Eu ainda não tinha certeza sobre isso, precisava pesquisar sobre os perigos de se ter um cachorro perto de um recém-nascido, mas não comentei mais nada sobre esse assunto, já focado em outro.

— Você não acha que deveríamos procurar um apartamento maior? — Ela me encarou, olhos arregalados. —

Este aqui é maior que o meu, mas ainda assim é muito pequeno para uma família. Onde vamos pôr o bebê? Junto aos seus livros?

Ela riu e balançou a cabeça.

— Você está pirando com essa história de ser pai, vai mais devagar! Temos tempo de...

— Não! — interrompi-a. — A última vez em que estive aqui com você, pensava exatamente assim, que tinha todo tempo do mundo, mas percebi que em poucos segundos tudo pode mudar. — Ela concordou. — Naquele dia eu ia te fazer uma proposta...

Wilka sorriu e assentiu.

— Recebi o pacote da joalheria.

— Chegou a abrir?

Pensei no anel que havia comprado para firmar um compromisso com ela.

— Não, ficou lá, na sua mesa, porque eu logo soube do que tinha acontecido com você e... — Deu de ombros. — A única coisa que me importava era te ter de volta.

Acariciei seu rosto, admirando-a, amando-a como nunca tinha amado ninguém, e pensei que firmar um compromisso com ela não seria suficiente para mim. Eu precisava que ela fosse minha para sempre e que todos soubessem que eu também era dela.

— Era um anel. — Ela sorriu. — Um anel simples, um compromisso para selar uma relação permanente contigo, mas eu já não quero isso.

Wilka abriu muito os olhos. Sua expressão dizia que estava confusa, que não entendera o que eu quisera dizer. Sorri antes de fazer algo que eu sempre achei desnecessário e cafona, e ela suspirou alto quando finquei um dos joelhos no chão da sala e segurei suas mãos.

(Vou aqui abrir parênteses para pedir a vocês que não riam muito e nem debochem por eu ter começado essa história todo malvado e a estar terminando assim, de forma tão clichê! Eu continuo o mesmo, ainda sou debochado, irritado, arrogante e difícil de conviver, mas, perto de Wilka, só consigo ser um irritante homem feliz e realizado.)

— Eu não tenho um anel aqui comigo, nem alianças – o que acho que seria mais certo –, mas tenho todo o amor que nunca imaginei sentir por alguém, admiração pela mulher incrível que você é e um tesão sem tamanho que me faz ter vontade de foder com você todas as horas disponíveis do dia. — Ela riu, mesmo com os olhos pingando de lágrimas. — Eu te proponho ser minha companheira, minha melhor amiga, minha amante. Eu te proponho brigar comigo por pequenas coisas e rir delas depois junto a mim. Te proponho criarmos nosso bebê juntos, amá-lo, educá-lo e protegê-lo como nunca fomos nessa

vida. — Ela soluçou, e eu também. — Eu não prometo que será fácil, ou só termos alegrias. Você sabe o quanto eu tenho de escuridão ainda dentro de mim, feridas que, mesmo curadas, ainda assim deixaram marcas, mas eu te garanto que você é toda a luz que eu preciso para ser feliz, o meu sonho e minha realidade, a mulher que eu amo.

— Se você não fizer a pergunta logo, não sei se terei condições de responder! — ela gracejou, mesmo soluçando emocionada.

— Wilka Maria, Kika, Caprica, Cabritinha, Pimentinha, minha pintora de rodapé — ela gargalhou —, você aceita ser minha para sempre?

— Já sou; quero algo novo!

Gargalhei.

— Abusada! — Respirei fundo. — Você aceita se casar comigo?

— Acho que posso lhe conceder essa graça — disse rindo, mas gargalhou quando me levantei e a ergui em meus braços. — Sim, eu aceito, Konstantinos Abbot Karamanlis, Kostas, Portnoy, Tim... — sussurrou — Bostas.

— Bostas? — questionei, e ela fez uma cara engraçada.

— Pula essa parte e me beija!

Acaricio o Kaká, que agora ronca como um porco, deitado no meu colo, rio das lembranças e envio o e-mail, cujo arquivo

finalmente carregou, para um certo escritório nos Estados Unidos, ansioso para saber o que eles acharão do que eu acabei de lhes mandar.

Suspiro ao pensar que amanhã volto a trabalhar na Karamanlis, mas antes tenho uma despedida a fazer, algo que não posso mais esperar, e uma novidade a contar para minha noiva.

Chegamos em frente ao local que por anos mantive de pé em segredo, apodrecendo lentamente, como uma lembrança viva dos anos de inferno que passei dentro dele.

Contei a Wilka mais cedo que Alexios conseguiu autorização para a demolição do prédio e que, daqui uns dias, isso irá acontecer. Eu não tinha intenção de trazê-la até aqui comigo, mas ela insistiu muito, principalmente depois que lhe contei a novidade.

— Eu não me lembrava muito bem daqui, mas reconheço o vitral — Wilka fala sentada ao meu lado no banco do carona.

— Você tem certeza de que quer entrar aí? — pergunto-lhe, ajeitando meus óculos escuros sobre os olhos, sentindo-me incomodado por lhe causar a mesma dor que senti quando voltei

aqui na primeira vez. — Daqui a pouco estará tudo no chão, e uma nova história será erguida nesse lugar.

Ela sorri e concorda.

— Obrigada por ter aceitado minha ideia de transformar esse lugar que causou tanta dor em um local de esperança.

Respiro fundo, tentando não dizer a ela que preferia que nada mais fosse feito aqui, esquecer esse endereço para sempre e seguir como se nunca tivesse existido, mas entendo que faz parte dela transformar tristeza em alegria, amargura em regozijo.

Essa era minha surpresa para ela, contar que Alexios estava à sua disposição para conceber uma nova construção para esse local, um espaço que ela possa destinar para uma das ONGs que conhece a fim de desenvolver ali os projetos sociais que ela tanto ama.

Ela ficou enlouquecida, não sabia se ria ou já começava a se planejar, se me beijava ou ligava para alguns de seus amigos para contar a novidade. Não falou em outra coisa enquanto tomávamos café e nos arrumávamos para vir até aqui, sonhando com um projeto que ajudasse crianças e adolescentes em risco.

Fiquei feliz apenas por vê-la feliz, mas temeroso com sua reação quando visse a casa onde passou os primeiros anos de sua vida e presenciou tanta coisa absurda para uma criança e teve o trauma de ser trancada no armário todas as noites.

— Eu quero entrar, sim. Preciso enfrentar meus medos e

pôr fim a tudo isso que me machucou por anos — ela ressalta, ciente de minha relutância. — Vamos fazer isso juntos!

Pega minha mão, e eu concordo, desligo o veículo e saio, indo encontrar-me com ela na calçada. Wilka não para de olhar para o alto, para o sótão onde passou os momentos mais assombrosos de sua infância, e eu abro o portão do tapume que rodeia a propriedade antes de abrir a porta principal.

— Está pronta? — Estendo minha mão para ela.

Entramos no salão principal. Não olho nada em volta, pois já sei bem como tudo está. Minha atenção está toda nela e em sua expressão de dor e medo. Aperto sua mão para lembrá-la de que não está sozinha, e continuamos a entrar no sobrado.

— Não quero ver o segundo piso, quero ir direto lá para cima — revela-me assim que terminamos de subir o primeiro lance de escadas. — Eu quero ver o armário.

— Tem certeza?

Ela sorri e assente.

Seguro o fôlego ao chegar ao sótão, também cheio das minhas próprias lembranças e com os demônios do passado a me atormentarem. Wilka larga minha mão, vai até o local de sua tortura, de seu medo, e abre a porta velha e cheia de cupim.

— Eu tinha a lembrança de um lugar enorme e assustador — ela fala, olhando o minúsculo armário. — Senti-me tão pequena e perdida aí dentro...

Seguro em seus ombros e beijo o topo de sua cabeça, confortando-a.

— Acabou, você cresceu, o lugar que te amedrontava deixou de existir.

— Sim. — Ela ri. — Já não sinto medo algum!

Abraço-a apertado pelas costas.

— É hora de deixar tudo isso para trás. — Ponho a mão sobre sua barriga. — É tempo de criarmos um futuro feliz.

Wilka fecha a porta e me olha sorrindo. Mais uma vez sinto tudo ser iluminado, afastando também as sombras do meu passado, aquecendo minha alma.

— Vamos embora!

Descemos sem o peso que sentíamos quando entramos, sem sentir absolutamente mais nada por este lugar decadente. Entramos no salão principal e paramos ao ver Alexios agachado, remexendo em umas coisas no chão.

— Alex? — Wilka o chama.

— Oi! — Ele sorri sem jeito. — Vim até aqui, vi o carro e entrei. Tudo bem com vocês?

Ela assente, mas percebo que se questiona o que meu irmão faz aqui.

— Achou algo que possa ajudá-lo? — questiono-lhe.

— Não. — Dá de ombros. — É como caçar uma agulha no palheiro. Não sei nada dela.

— De quem? — Wilka inquire.

Alexios suspira e a encara.

— Minha mãe biológica. Ela era uma das prostitutas deste lugar, mas isso é só o que sei.

— Daqui? — Wilka me olha. — Você tem certeza?

— Sim, encontrei uma das mulheres que trabalhou aqui, e ela me confirmou isso.

A expressão no rosto de Wilka me deixa tenso.

— Se ela trabalhou aqui e te teve enquanto morava neste lugar, eu sei de alguém que pode te fornecer todas as informações sobre ela.

Arregalo os olhos e nego.

— Wilka, não! Não quero que você tenha contato com ela, já a estão procurando para colocá-la de volta no lugar de onde nunca deveria ter saído!

Alexios se aproxima de minha noiva.

— De quem você está falando? Madame Linete? — Ela concorda. — Você sabe se ela ainda está viva? Como a conhece?

Wilka sorri para mim, e eu entendo que ela vai contar para ele e ajudá-lo nessa loucura que ele insiste em fazer.

— Ela é minha mãe. — Alexios fica surpreso, olha para mim e depois para ela, claramente confuso. — Vou ajudar você em sua busca, Alex. Eu sei onde encontrar madame Linete.

Meu irmão fica um instante congelado no lugar, então, sem nenhum aviso, puxa minha noiva para seus braços e chora feito uma criança.

EPÍLOGO

Kika

— Que surpresa maravilhosa! — digo ao pegar o pequeno Gael, de três meses de vida, no colo. — Por que vocês não me avisaram que estavam vindo?

Desconfio da visita, afinal, estivemos juntas no mês passado lá na Paraíso, e ela não mencionou nada que viriam até São Paulo.

— Foi algo impulsivo, por isso...

— Impulsivo? — Rio dela. — Você fazendo algo sem planejar? Impossível!

— Ela mudou, Kika, minha Dondoquinha está mais solta!

— Guilherme pisca para mim, mas logo vai para a sacada, falando ao telefone com algum amigo daqui da cidade.

Continuo suspeitando dessa impulsividade, mas, como estou feliz com a presença deles e do Gael, não insisto em saber o real motivo da vinda.

— Já melhoraram os enjoos?

— Ainda não, mas estou fazendo o que o médico recomendou, comendo coisas mais leves e evitando o que me faz mal, como leite, por exemplo.

Malu gargalha.

— Nada de *frappuccinos* do Starbucks mais?

Faço cara triste.

— Não!

— Sacrifícios da maternidade, minha amiga, mas vale a pena! — Malu beija a cabeça careca de Gael. — Cadê o Bostas, meu cunhado?

Dou risada por ela ainda o chamar desse apelido, mesmo depois de já ter feito as pazes com ele. Malu ficou uma fera comigo quando soube que eu escondi o que aconteceu com Kostas, mas eu não queria preocupá-la, pois tinha acabado de dar à luz, então ela só soube de tudo o que aconteceu quando ele finalmente teve alta do hospital.

Suspiro ao pensar nesses dois meses deliciosos em que estamos vivendo juntos aqui no apartamento, a surpresa que tive

quando as estantes que ele mandou fazer para meu quarto de leitura chegaram, a mesa e a poltrona, onde passo alguns momentos do meu dia lendo.

— Eu deveria bater em você por isso, mas como? — disse enquanto colocava os livros nas prateleiras. — Foi um presente muito fofo!

Ele riu e deu de ombros, limpando os exemplares que tenho da trilogia de T. F. Gray.

— Você deveria ter os livros dele com dedicatória, já que é tão fã! — Kostas comentou.

— O homem não aparece em lugar algum, é um verdadeiro ermitão, nunca fui aos lançamentos de seus livros, ainda mais aqui no Brasil — lamentei. — Fiquei surpresa por você ter dedicatória nos seus.

— Terminou de ler?

Assenti.

— Sempre fico surpresa com as reviravoltas que ele escreve nos finais. — Suspirei. — Eu li em algum lugar que ele terminou de escrever um livro novo, mas a editora não confirma se é algo da trilogia ou se é o início de outra.

Konstantinos não comentou mais nada, colocou os exemplares no lugar de destaque que atribuí a eles e olhou tudo em volta.

— Quando mandei fazer o projeto e os móveis, não pensei

que você iria aproveitá-los tão pouco. Tomara que o próximo morador daqui goste de ter uma biblioteca.

Concordei, pois já estávamos à procura de outro imóvel para morar. Insisti para ficarmos aqui por mais tempo, afinal, eu não tinha condição alguma de ajudá-lo com a aquisição de um imóvel novo por conta das dívidas que fiz, e eu não queria me aproveitar de seu dinheiro, mesmo tendo descoberto – depois da visita de Elizabeth e de Nikkós no hospital – que, além de herdeiro da Karamanlis, Kostas herdou uma pequena fortuna e muitos imóveis de seu falecido avô inglês.

Acontece que, duas semanas atrás, eu recebi um comunicado do banco sobre a quitação da dívida e tomei um susto. Ele havia pagado tudo o que eu devia. Discutimos por causa disso, mas depois entendi o que ele quis fazer e lhe agradeci.

— Você ainda está pagando este apartamento para sua amiga, Malu, e com a dívida que havia assumido por conta da chantagem escrota de madame Linete, se lamentava por não conseguir contribuir com nossa casa nova e nem com as coisas do bebê, então, eliminei a dívida. — Ele me beijou. — Eu sei que você gosta de ser independente e admiro muito isso, mas não está mais sozinha, Kika. Não quero que dependa de mim, nem mesmo quero que você pense que eu ache que meu dinheiro influencia nossa relação, porque sei que isso nunca aconteceu.

Você vai continuar pagando sua dívida com Malu, ter este apartamento em seu nome, só seu, alugá-lo, deixá-lo vazio ou o que você achar melhor e continuará tendo sua liberdade, seu dinheiro.

— Obrigada! — baixei a crista e lhe agradeci, vendo lógica em seu argumento.

O que nós não esperávamos era que, na semana seguinte, depois de termos apresentado uma nova área para a Ethernium, no Paraná, e fechado negócio com eles, eu soubesse da demissão do diretor que comprou a promissória do antigo bar de Duda Hill por causa de umas irregularidades e eu fosse promovida.

— Quero deixar bem claro que a promoção de Wilka Reinol nada tem a ver com o fato de ela estar entrando na família — Theo discursou no dia em que tomei posse. — Mesmo depois de todos os problemas que a empresa passou nos últimos meses, a então gerente de *hunter* conseguiu fechar o maior negócio dessa década da Karamanlis, e sua elevação ao nível de diretora se justifica pelo seu profissionalismo e eficiência.

Chorei – digo sempre que foi por conta dos hormônios da gravidez – e acabei depois inaugurando minha nova sala, agora já não no mesmo andar do jurídico, gozando enlouquecida com a boca de Kostas a me comer inteira em cima da minha mesa nova – ponho a culpa na gravidez também!

Uma nova história se abriu para mim, em um ano, desde que assumi a gerência no lugar de Malu provisoriamente, discuti com um diretor jurídico muito abusado e jurei detestá-lo pelo resto dos meus dias.

Quebrei essa promessa, claro!

— Está conversando com o juiz que pegou o processo de Viviane Lamour — respondo à pergunta de Malu sobre Kostas. — Pelo menos foi isso que ele me disse que ia fazer, mas achei estranho, porque teve uma reunião com ele na semana passada.

— Ele já a pronunciou? — Malu questiona.

— Já, ela vai enfrentar um júri por tentativa de homicídio. — Chego a estremecer só em pensar que Kostas poderia ter morrido por causa daquela louca.

— E a questão do furto de informações da empresa?

— O doutor Murilo já havia começado a montar o processo contra a Dedalus, a concorrente, e agora Kostas está acompanhando de perto. Ontem saiu nos jornais daqui, um verdadeiro escândalo que, com certeza, irá afetar a imagem deles.

Sinto um cheirinho azedo e faço careta para Malu, percebendo que meu afilhado acabou de sujar as fraldas.

— Nem me olhe com essa cara! — Ela ri. — Pode começar a treinar!

Gargalho, nervosa, quando ela me estende a bolsa dele,

com trocador, fraldas, lenços e pomada contra assaduras. Nunca troquei um bebê na vida, nem no mês passado, quando estive um final de semana com eles na fazenda, pois fiquei com medo e deixei dona Sueli se encarregar da tarefa.

Brinco com meu afilhado, admirando seus lindos olhos claros como os do pai e faço cócegas em sua barriguinha estufada, mas, quando abro a fralda suja, preciso tampar o nariz.

Malu ri e me auxilia a trocá-lo, e eu acho isso tão engraçado, pois nunca imaginei uma cena como essa entre nós duas.

Surpresas da vida!

— Malu, eu já estou começando a ficar assustada com isso tudo! — comento ao sair do carro ainda vendada.

— Relaxa, está tudo sob controle! — sua voz é animada. — Nós vamos só trocar sua roupa, e logo você saberá do que se trata.

— Por que eu vou ter que...

Ela me segura pelos ombros.

— Você confia em mim ou não?

— Muito! — respondo de pronto. — Mas ainda espero o

dia em que você irá se vingar pelo que fiz te mandando daquele jeito para o Pantanal!

Ela gargalha.

— É bom esperar mesmo! — Beija minha bochecha, e eu sorrio. — Sua sorte é que sua atitude fez de mim a mulher mais feliz e realizada desse mundo.

Meus amigos estão em São Paulo desde ontem, quando chegaram de surpresa lá em casa. À noite, Kostas cozinhou para eles, e eu pude, enfim, respirar aliviada por ver uma amizade se formando entre o Xucro e meu noivo. Sei que eles se deram essa oportunidade, desde o mês passado, quando se encontraram pela primeira vez, por causa de mim e da Malu, mesmo assim fiquei muito feliz.

Mal o dia amanheceu, e Konstantinos sumiu de novo. Eu nem tinha tomado meu café da manhã ainda quando Malu apareceu inventando uma desculpa absurda sobre precisar de mim para comprar algo para o Gael e me enfiou no carro dela. Paramos em uma padaria para que eu pudesse engolir – literalmente foi isso – algo que me sustentasse, e, quando retomamos a viagem, fui obrigada a me vendar.

Sei que saímos da capital, pois demorou pouco mais de uma hora para chegarmos aqui, e o clima – estremeço – está bem mais frio do que em São Paulo.

Sou levada para dentro de uma construção, ouço portas

serem fechadas, ela me desvenda, e eu reconheço que estou dentro de um banheiro em uma espécie de chalé.

— Tome um banho, que já volto para te ajudar.

— Malu. — Detenho-a de repente. — O que é isso tudo?

— Confia em mim! — Aponta para a banheira. — Tome um banho, relaxe. Vou vir com seu almoço.

Ela sai do banheiro, e, confiando nela, tiro a roupa e entro na banheira, suspirando com a água quente a envolver meu corpo. Ponho a mão sobre minha barriga, levemente arredondada, e começo a conversar com meu filho. Faço muito isso desde quando li que é ótimo para criar um vínculo entre os pais e os filhos. Kostas às vezes passa horas alisando-me, conversando ou cantando enquanto toca violão para minha barriga. É uma delícia compartilhar esses momentos com ele e saber que são só meus, pois ele continua o mesmo insuportável de sempre na empresa.

A vida tem se mostrado maravilhosa de uma forma que nunca sonhei, comento isso sempre com Jane quando nos encontramos em nossas conversas semanais. Sinto que muito do que eu temia deixou de existir ao me apaixonar por Kostas e, principalmente, depois que soube que o fruto desse amor estava dentro de mim.

Ainda percebo que necessito ter essas conversas com ela e, sinceramente, gostaria que Kostas buscasse ajuda também.

Estamos bem, felizes, mas isso não apaga nosso passado, apenas faz com que deixe de ter a importância que tinha e que nos impedia de olhar para o futuro com esperança. Ele ainda não aceitou conversar com um profissional sobre tudo o que vivemos. Cada um tem seu tempo, não adianta eu insistir.

— Ei, hora de sair, dorminhoca! — Abro os olhos, percebendo que cochilei. — Venha almoçar, temos um dia cheio.

Rio dela.

— Cheio de quê? O que você está aprontando comigo?

Malu me estende um roupão bem fofo. Enrolo-me nele e, quando saio do banheiro, emito um grito de surpresa ao dar de cara com Verinha em um enorme quarto com lareira acesa, uma cama enorme toda decorada, muitas flores, uma mesa arrumada para o almoço e Gael dormindo no carrinho.

— Verinha! — Abraço minha amiga e vizinha. — O que vocês estão aprontando?

Olho para um canto do quarto, onde montaram uma estrutura igual a de um salão de beleza, com espelhos e muitos produtos.

— Esse chalé é do Kostas — Malu confessa.

— Onde ele está? — questiono sentindo o coração disparado, já imaginando o que está acontecendo.

— Terminando de ajustar as coisas com o cerimonial. —

Encaro-a com os olhos arregalados, e Verinha dá risadas. — A surpresa é que hoje é o dia do seu casamento, e nós, claro, somos suas madrinhas.

Ela ergue um cabide com um vestido protegido por uma capa.

— Eu amo vocês! — declaro, emocionada, abraçando-as.

— Eu também te amo! — Malu e Verinha dizem emocionadas.

A sala escura, as portas fechadas. Malu e Verinha estão na minha frente, vestidas cada uma com um vestido florido e com um pequeno buquê nas mãos, e eu, nervosa, de braços dados com Theodoros Karamanlis.

Ainda nem acredito em tudo isso!

Depois do almoço emocionante com minhas amigas, um verdadeiro batalhão de pessoas invadiu a suíte, então começou minha transformação em noiva. Malu me conhece bem, acertou em cheio no modelo do vestido e me ajudou a decidir como usaria os cabelos e que maquiagem faria.

Fiz as unhas, recebi massagem e só não tomei champanhe porque há uma vida preciosa dentro de mim, então me contentei

com um suco natural. Verinha ficou com Gael, que participou de tudo, assim como fez no casamento de sua mãe no mês passado.

Rio ao me lembrar de Konstantinos na fazenda Paraíso. Surpreendi-me por ele parecer tão natural no meio daquele lugar tão rústico, mas depois ele me contou que, quando criança, apesar de morar em Londres, sempre ia para a propriedade do avô no interior e que seu internato também era em uma área rural, por isso não estranhava, embora o Pantanal fosse diferente de tudo o que ele já vira.

Guilherme e ele tiveram uma conversa para acertar os pontos, e Malu e eu ficamos felizes quando os dois tomaram um porre juntos na noite antes do casamento.

Nós nos integramos à vida um do outro de uma forma tão gostosa que, mesmo tendo-se passado poucos meses, tenho a sensação de que estamos juntos a vida toda, ele conhecendo meus amigos e convivendo com eles, e eu sendo inserida em sua família no mesmo momento em que ele retorna a ter essa proximidade.

— Tudo certo por aqui? — Kyra aparece, também em seu vestido florido de madrinha e me entrega o lindíssimo arranjo que vou carregar. Surpreendo-me por sentir, por trás de toda a decoração dele, um vasinho. — Kostas disse que você preferia seu buquê plantado, de modo a não ver as flores morrerem.

Olho a delicadeza das minirrosas e acho o gesto dos dois

lindíssimo! Respiro fundo, tentando evitar chorar antes de ir ao encontro dele, mesmo que tenha certeza de que, assim que caminhar em sua direção, irei me derreter de emoção.

— Está pronta para ser a senhora Konstantinos Karamanlis?

— Estou! — Suspiro e abro um sorriso. — Esperei por isso a vida toda!

BÔNUS

Kostas

Seis meses depois.

Estou sentado à minha escrivaninha terminando de revisar mais uma peça feita por um dos advogados que trabalha comigo quando sinto algo estranho me incomodar, mas ignoro.

Volto a me concentrar no trabalho, porém, 15 minutos depois, sinto novamente a pontada na minha barriga. Contorço-me um pouco, rememorando o que poderia ter comido que está me causando cólicas intestinais, e meu corpo inteiro se arrepia.

Apesar da dor, não sinto vontade alguma de ir ao banheiro, mas pode ser que isso, em algum momento...

— Doutor! — Eleonora invade minha sala, assustando-me. — A bolsa da Kika rompeu!

Esqueço na hora a estranha cólica que estava sentindo e saio correndo da sala, recebendo olhares felizes e alguns parabéns ao longo do caminho. No corredor me encontro com os *hunters* segurando balões e fazendo uma farra digna de uma festa de final de ano.

— Parabéns, doutor! — Lene grita enquanto passo correndo.

— Que venha com saúde! — Rosi deseja ao me encontrar na porta do elevador.

Apenas balanço a cabeça, nervoso demais, com medo de que não dê tempo de chegarmos ao hospital e aquela maluca tenha nosso bebê dentro de sua sala. *Cabritinha teimosa!*

Desde que ela entrou no nono mês, peço a ela para que fique em casa, mas a mulher não consegue sossegar! Trabalhou incessantemente todos os meses da gravidez, e eu tentei, muito mesmo, fazê-la diminuir o ritmo, mas foi em vão.

Lembro-me de uma reunião bem difícil que tivemos, demorada demais, que terminou bem na hora do almoço. Chamei-a para comermos juntos, e ela me respondeu que ia *engolir* uma salada em sua sala, pois tinha muita coisa para entregar naquele dia e não podia atrasar seu cronograma.

Surtei com ela, argumentei que ela tinha que pensar na criança que estava gerando e mandei entregarem na sala dela uma refeição completa com arroz, verduras e legumes, carnes

variadas e frutas.

À noite, em casa, ela estava com um humor do cão. Tentei conversar com ela, mas me ignorou até respirar fundo e pedir para que eu me sentasse, pois queria falar olhando nos meus olhos.

— Eu estou bem! — frisou. — Gravidez não é doença, e eu amo trabalhar!

— Eu sei, mas...

— Não tem mais! — brigou. — Você e seu irmão parecem dois doidos! Duda diz que Theo a está enlouquecendo também, que mal está conseguindo dar conta das coisas no bistrô, e ela pretende inaugurá-lo assim que o bebê deles nascer.

— Vocês duas são muito teimosas! Nós só queremos protegê-las!

Ela finalmente sorriu para mim, respirou fundo e me fez um carinho no rosto.

— Eu sei disso, mas está me sufocando um pouco! Fiquei com minha sala cheia de comida e enjoada o dia todo por causa do cheiro dela, que impregnou o ambiente, o que atrapalhou meu trabalho e me fez ficar mais horas do que tinha previsto na empresa.

— Desculpe-me, eu só queria garantir que...

— Eu ia me alimentar, mas com uma refeição leve. Eu estou me cuidando, confia em mim!

— Eu amo muito vocês! — Pus a mão em sua barriga pontudinha. — Vocês são minha vida!

— Eu sei, eu também te amo muito e, por isso mesmo, estou te garantindo que estamos bem.

Depois desse dia tentei parar de surtar com ela, mesmo ainda protegendo-a e me preocupando.

Devia tê-la deixado presa comigo dentro de casa, isso sim!

Chego a sua sala e a encontro junto a Carol, que foi promovida a sua assistente, contando o tempo entre as contrações. Noto o chão molhado, desespero-me, principalmente por vê-las ali, calmas como se nada estivesse acontecendo.

— Vamos para o hospital! — Corro até Wilka e me abaixo para olhar seu rosto. — Vou ligar para casa, pedir para mandarem as malas e...

— Fique calmo, ainda teremos bastante tempo, as contrações ainda estão bem espaçadas.

Arregalo os olhos com a paciência dela e começo a andar de um lado para o outro, ligando para o médico, para a senhora que contratamos para trabalhar em nossa casa, para o hospital no qual ela fará o parto.

— Vou chamar um helicóptero, não vou correr o risco de ficarmos presos no trânsito e minha filha nascer dentro do táxi!

Kika rola os olhos, e Carol dá risadinhas.

Ando por sua sala, ainda toda decorada com os balões e as

flores que ganhou ontem, quando finalmente resolveu revelar o sexo do nosso bebê. Os funcionários da Karamanlis fizeram uma verdadeira festa para ela no refeitório da empresa, com direito a brincadeiras, presentes e muita *trolagem* até decidirem contar para nós dois o que era nosso bebê.

Uma menina!

Sinto meu coração derreter só em pensar em outra Pimentinha em minha vida. Olívia nem veio ao mundo ainda, mas já sou completamente apaixonado por ela.

Demoramos a escolher esse nome, mas, quando chegamos a ele – seguindo um livro com várias opções em ordem alfabética –, não tivemos dúvida; nossa pequena princesa seria Olívia!

Confirmo o pedido do helicóptero por mensagem. O piloto da aeronave do hospital logo manda aviso de que já levantou voo, e eu vou até minha esposa para ajudá-la a se levantar e levá-la até o heliponto no telhado do prédio.

— Fique calmo! — ela me pede, e eu concordo, mesmo me sentindo uma pilha de nervos. — Você precisa estar bem para conhecer sua filha.

Abro um sorriso, paro, abraço-a e a beijo.

— Vou conhecê-la hoje! — Toco sua barriga. — Como é possível eu te amar ainda mais por isso?

Ela sorri para mim, mas logo faz uma careta de dor.

— Acho que Olívia ficou ansiosa por conhecer vocês também — Carol comenta. — O tempo diminuiu, Kika.

— Vamos!

Dois momentos especiais nunca mais serão apagados da minha memória.

Primeiro, quando as portas da sala do meu chalé na serra se abriram, e eu vi a mulher que amo de braços dados com meu irmão mais velho, vestida de branco e caminhando na minha direção para ser minha, iluminada pelas tochas, lanternas e as velas que Kyra distribuíra no meu gramado.

Wilka atravessou a piscina para chegar até onde eu estava, sobre uma lindíssima estrutura de vidro que minha irmã montara, iluminada por luzes coloridas. Ela chorou durante sua entrada, riu quando Millos estendeu o braço para ela no meio do caminho para o altar, substituindo Theodoros, e eu me segurava, recebendo tapinhas de Alexios, um dos padrinhos, em meus ombros.

Minha irmã e eu fizemos tudo em segredo. Wilka não desconfiou, em nenhum momento, que nós já iríamos nos casar. Contei com a ajuda da Malu e da Verinha para levá-la até o

chalé e tornar o dia dela mais feliz com tudo o que uma mulher sonha para seu dia de noiva.

Foi lindo, emocionante, íntimo, apenas com nossos amigos mais próximos e minha família, perfeito!

Agora, com minha filha recém-nascida no colo, lembro-me do nervosismo do parto, de ter sentido as dores junto à minha esposa, algo surpreendente, e de quando, depois de quase cinco horas de espera, amparei minha pequena Pimentinha em meus braços.

Eu pensei que tinha sentido o peito explodir de amor quando me declarei para Wilka ou mesmo quando nos casamos, mas nada se comparava ao que senti por ela quando peguei nossa filha no colo.

Choramos juntos, nós dois, emocionados pela oportunidade de criar uma criança e a ver crescer longe de tudo o que nós dois passamos. Isso é muito importante para minha esposa e um dos motivos pelo qual ela se empenha tanto em ajudar a ONG que se instalou no prédio que construímos no lugar do sobrado.

Assisti à primeira mamada de Olívia embevecido, rendido, completamente entregue às duas mulheres da minha vida. E relutei muito quando fui arrastado para comemorar o nascimento dela e a deixei com as mulheres babando nossa preciosidade.

— A família está crescendo, Olívia — sussurro para ela, caminhando em direção ao homem que está ansioso por

conhecê-la. — Já temos Petros, agora chegou você, e eu sei que daqui a pouco teremos mais dessa geração de Karamanlis, que terá uma história bem diferente da que foi a nossa. — Beijo sua cabecinha e a entrego aos braços trêmulos, mas firmes, de meu avô.

— Mais uma Karamanlis mulher! — O velho Geórgios ri, seguido por Theodoros e Millos. — Já posso imaginá-la junto a Tessa na empresa, revolucionando tudo!

— *Pappoús!* — Theodoros o repreende, e eu rio deles.

Ele estende minha filha para os braços de seu padrinho, Millos, e me dá um tapa nas costas.

— Muito bem, Konstantinos, prepare-se para o mais importante trabalho da sua vida!

— Será um prazer!

— Wilka, consegue me ouvir? — testo a babá eletrônica de Olívia e saio do quarto dela, ao lado do nosso, ouvindo as risadas da babá atrás de mim. — E aí, funciona mesmo?

— Claro que sim, nós já testamos mais de 10 vezes todos os dias, Kostas, sossegue!

Paro, sem ligar para o sermão que acabo de ouvir, e fico

admirando minha esposa alimentar minha filha. Eu ainda não acredito no filho da puta de sorte que sou por ter tido a chance de ser amado por Wilka e ainda ser agraciado com o nascimento de Olívia.

Wilka põe minha pequena para arrotar e se levanta da cadeira de balanço instalada no nosso quarto. Também há uma no quarto de nossa filha.

— Tem certeza de que ela está satisf... — O arroto alto me faz gargalhar, cheio de orgulho de minha pimentinha gulosa. — Ela está!

Wilka rola os olhos, indo deixar nossa menina em seu próprio quarto, seguida de perto pelo Kaká.

— Ei, malandro, volta aqui! — chamo-o, mas ele me ignora. — Pois é, você costumava ser meu fã, agora também já se apaixonou pela Pimentinha, né? Te entendo!

Wilka aparece no quarto, rindo de mim, e eu fico duro ao vê-la fechar a camisola e esconder o peito deliciosamente cheio. Gemo, fazendo mentalmente as contas dos dias de resguardo.

— Faltam 12 dias — ela já responde, sabendo o motivo do meu gemido, que mais pareceu um ganido de um cachorro abandonado. — Mas podemos...

— Não, se tem que respeitar, vamos respeitar! — digo categórico. — Não quero causar nenhum problema a você. Ainda quero, pelo menos, mais três menininhas pela casa.

Ela arregala os olhos, e eu rio, adorando provocá-la com isso, embora seja verdade que eu quero ter muitos filhos.

— Tenho um presente para você! — anuncio e pego o embrulho que deixei na minha parte do closet. — Espero que goste!

Ela sorri cheia de desconfiança e fica muda quando lê a capa do livro em sua mão.

— Mas como você conseguiu isso? — Ela folheia a primeira cópia da primeira edição, ainda não lançada nos Estados Unidos, do livro inédito do seu autor favorito.

Vejo em seu rosto todas as expressões que imaginei que ela faria quando lesse a dedicatória. Primeiro, excitação por ter conseguido fazer o misterioso autor dedicar uma obra a ela, depois de total incredulidade pelas palavras dele e, por fim, surpresa por entender o significado das iniciais e do sobrenome dele.

— É você! — exclama estupefata. — Tim Frankenstein Gray!

— Meu apelido na época em que comecei a escrever meus primeiros livros, e os dois personagens com quem eu mais me identificava — explico, assumindo pela primeira vez a alguém sem ser meu agente e meu editor, que sou o autor dos romances de suspense. — T. F. Gray nasceu quando fui estudar nos Estados Unidos e era a única coisa que ainda me ligava ao

garoto que eu era antes de tudo acontecer. — Aproximo-me dela. — Estava esperando que eles publicassem a primeira tiragem para que pudesse te contar.

Ela ainda parece não acreditar, olhando para o exemplar em sua mão e para meu rosto.

— Você é meu autor favorito e ficava falando mal de si mesmo para mim? — questiona-me, e eu rio. — Eu deveria aumentar meu tempo de resguardo depois dessa revelação! — ameaça-me, como eu já esperava.

— Abra no final, como eu sei que você gosta de fazer sempre, e pegue seu tão amado spoiler, por favor.

Wilka franze a testa e faz o que eu peço. Demora alguns minutos lendo, mas vejo seus olhos se encherem de lágrimas e seu enorme sorriso iluminado aparecer.

— Seu primeiro final feliz!

Abraço-a.

— A partir de você, nunca mais poderei escrever finais trágicos e tristes. — Beijo-a com carinho. — Você é a inspiração para todos os meus finais felizes.

FIM?

(Avance para a próxima página)

CENA EXTRA

Kostas

Termino a transmissão de vídeo com meu editor e meu agente nos Estados Unidos e respiro fundo, cansado, depois de ser colocado a par de todos os esquemas de marketing do livro. Discutimos novamente sobre eu permanecer incógnito. Ele insiste para que eu me revele em algum momento, principalmente agora, com a possibilidade da trilogia de suspense que escrevi estar cotada para virar série.

Ainda me lembro da reação de Wilka quando contei a ela que era T.F. Gray, sua euforia, indignação por eu ter escondido

dela por tanto tempo, descrença e, de novo, euforia. Ri muito, apanhei também – com o próprio livro, quase um sacrilégio –, ganhei beijos – românticos e safados –, recebi tapas e, por fim, um boquete fenomenal.

Suspiro, excitado só com a lembrança e levemente frustrado por ainda não poder estar dentro dela como eu gosto. Não entendam mal, não estamos em jejum total, temos feito algumas brincadeiras, ela tem me chupado como uma louca, mas não é a mesma coisa! Eu *preciso* estar dentro dela, sentir-me unido, uma só carne, essa coisa quase bíblica, sabem?

Estalo meu pescoço e volto a mexer em um documento da Karamanlis, pois vou, temporariamente, assumir a diretoria executiva a partir da semana que vem.

Não, não me julguem antes de saber o motivo! Eu não dei rasteira no Theo de novo, estou apenas ajudando-o, pois irá se casar no próximo final de semana e, mesmo sem poder viajar para uma lua de mel, ele quer ficar um tempo em casa com a esposa e os filhos.

Xingo baixo quando o telefone vibra, mas não o pego, irritado com quem quer que seja que irá interromper minha concentração, atrapalhar meu trabalho e, com isso, fazer com que eu me deite ao lado da minha Cabritinha mais tarde.

O aparelho volta a fazer o insuportável som de vibração, e eu o pego para desligá-lo, porém, arregalo os olhos com a

notificação da mensagem.

Fantasy?! Sinto o corpo gelar, imaginando quando eu reinstalei esse aplicativo no meu telefone. *Se a Wilka vir isso, estou morto!*

Desbloqueio o aparelho, abro a notificação, pronto para apagar a conta – que eu não faço ideia de como foi reativada – e desinstalar o app, quando, mais uma vez, sou pego de surpresa: *Caprica me convidou para um chat privado!*

Desconfiado, com o coração na mão por medo de que isso seja algum tipo de sacanagem de algum hacker, aceito o chat e quase caio para trás ao ver a foto das lindas pernas bronzeadas da minha esposa, porém, agora com uma mão aparecendo e nossa aliança brilhando.

"Oi, Punheteiro, está sumido. Quer TC?"

"Hum, está me ignorando? Juro que dessa vez não vou enrolar você por muito tempo mais não, talvez só por uns seis meses."

Rio, sem saber o que achar dessa loucura. Entro no perfil dela e confirmo que está inativo para ser encontrado por outros

usuários, apenas eu posso vê-lo. Balanço a cabeça, sem entender o que ela pretende, mas adorando a brincadeira.

“Oi, Cabritinha, tudo bem? Sabe o que é, eu me casei, e minha mulher é meio louca, brava como um pitbull – embora seja do tamanho de um chihuahua – e ardida como uma pimenta, então, pela sua integridade física, acho melhor eu continuar sumido.”

Espero a reação dela, meu pau já se contorcendo na calça.

“Olha, bom saber que você sabe o perigo que corre, porém, ela e eu fizemos um trato, e hoje você pode ser o safado de sempre comigo.”

Abro o fecho da calça antes de responder:

“Diga-me o que você quer.”

“Você!”

Aliso meu pau por cima da cueca e o sinto sendo enchido pelo sangue, ficando cada vez mais duro.

“Como?”

Caprica digita por um bom tempo, e eu imagino que esteja criando um cenário bem safado para nós dois.

“Imagine que você está cheio de trabalho, virando as noites no escritório de sua casa nova (você comprou uma casa nova quando se casou, não?) e que esteja precisando relaxar. Que tal uma garrafa de bourbon? Ah, mas você não quer beber nesses dias. E umas tragadas em um cigarro? Não, você deixou de fumar desde quando sua esposa engravidou (ela me contou, parabéns!).”

Levanto-me da cadeira, esperando que ela mande a próxima mensagem, mas já com o firme propósito de ir até nosso quarto e perguntar se vamos ignorar esse último dia do resguardo.

“Então você precisa de mim! Acabei de sair do banho, passei hidratante em todo o meu corpo, escolhi uma lingerie sexy, mas calcei saltos, como você gosta.”

Bufo como um touro, enlouquecido de tesão apenas por imaginá-la assim lá em cima, no nosso quarto.

“Estou subindo!”

Anuncio e saio do escritório correndo, subindo as escadas para o segundo piso de dois em dois degraus, porém, quando abro a porta, não a encontro, nem mesmo a babá eletrônica do quarto da nossa filha.

Ajeito-me e entro no quarto de Olívia. Vejo a babá dormindo na cama auxiliar e vou até o berço, onde minha pequena dorme. Confiro sua respiração – sempre faço isso –, sorrio e saio.

Pego o telefone e envio uma mensagem para ela.

“Onde você se escondeu, Cabritinha?”

Ela não demora a responder:

“Aposto que você é um bom caçador, mas vou te dar uma dica: ainda não usamos essa área da casa.”

Sorrio cheio de malícia, descendo as escadas com pressa, saindo da casa e indo em direção à piscina coberta que ficou pronta pouco antes do parto dela e que, por isso, não utilizamos ainda.

O lugar está escuro, apenas iluminado pelas velas que Wilka acendeu em uma das bordas da piscina. Vejo-a, então, perto de uma espreguiçadeira, vestindo um espartilho preto com meias daquelas que parecem uma rede e saltos enormes e extremamente sexies.

— Por que reativamos o aplicativo? — pergunto assim que entro, já me livrando das roupas e do celular.

— Senti saudades do meu Punheteiro — sua voz soa sensual, quase ronronante. — Ficou com ciúmes?

Nego, mostrando a ela exatamente como fiquei. Nu, seguro meu pau bem firme, mas não faço o que ela tanto ama assistir. Wilka geme ao me olhar, não se aproxima e me come com os olhos.

— Quer finalmente um encontro com Portnoy? — questiono-lhe.

— Quero!

Olho em volta, procurando por algo para fazer o que

imagino. Nossos roupões estão dobrados em um canto, em cima de uma cadeira. Pego um deles e tiro o cinto largo e atoalhado. Perfeito!

— Vire-se — ordeno, e ela ri nervosa, mas faz o que pedi.

Passo o cinto sobre seus olhos, vendando-a, apertando bem e arrematando com um nó.

— Você não vai me ver, apenas sentir — sussurro em seus ouvidos. — De agora em diante sou Portnoy, e você, a minha Caprica fujona.

KIKA

Minha pele toda se arrepia quando o sinto passar as pontas dos dedos sobre ela. Os movimentos são leves, lentos, do ombro ao punho, depois fazendo o caminho de volta, passando pelo meu ombro, detendo-se um pouco em minha nuca e descendo pelo outro braço.

Sinto sua respiração quente e pesada no meu pescoço e meu ouvido. O calor que emana dele é tão forte que, mesmo sem estarmos encostados um no outro, consigo senti-lo. Estou excitada demais, embevecida, totalmente embriagada de desejo por ele.

Resfolego com o toque de seus lábios na curva onde meu

pescoço encontra o ombro. Sua língua quente e molhada ativa ainda mais a umidade no meu sexo, fazendo meus lábios íntimos ficarem viscosos e meus mamilos doerem contra o bojo do espartilho.

Kostas me segura firme pela cintura, seus dedos cravados em minha carne com força, e se espreme contra minha bunda, causando-me gemidos altos apenas com o toque de seu pau quente. Sinto-me vibrar inteira, levo minha mão para trás e o agarro pela nádega, forçando-o ainda mais contra mim.

— Gosta disso, Cabritinha? — Nossos corpos ondulam. — Gosta de me sentir duro contra você?

— Adoro! — respondo com um gemido.

— Eu sei! Meu pau fica assim somente para você, meu tesão é seu, meu orgasmo é seu, minha porra é toda sua!

Ele procura a abertura da lingerie, achando o zíper frontal da peça, descendo-o todo. Deixa o espartilho aberto, e seus dedos se esfregam em volta dos meus seios.

— Eu posso ver nós dois refletidos no vidro, iluminados pelas velas que você acendeu. — Kostas morde meu ombro e belisca meu mamilo esquerdo. — Seus peitos estão deliciosos, fartos, maduros... É sexy e ao mesmo tempo parece tão errado eu querer mamar neles também.

Seguro o fôlego apenas ao imaginar a cena. Ele tem razão, é excitante, meus seios estão sensíveis por conta da

amamentação, cheios e pesados de leite, e o imaginar fazendo algo tão perverso é deliciosamente erótico.

— São seus!

Mal respondo, e ele me vira. Suas mãos se apossam dos dois, apertando-os devagar, puxando os bicos e massageando em volta. Sinto dor e ao mesmo tempo muito tesão, mas nada comparável ao que acontece quando ele abocanha um deles, esfomeado, suga com força, depois brinca com a língua.

Enfio minha mão dentro da calcinha, querendo muito me tocar, e ouço sua risada abafada. Toco meu clitóris e sigo para a entrada completamente molhada, lubrificando meus dedos para deixá-los deslizando na hora de me masturbar.

Não demoro muito a começar a sentir o orgasmo, porém, tenho a mão afastada antes de gozar.

— Não! — ele fala em meu ouvido. — Seu gozo é meu, e sou eu quem vai dá-lo a você.

Sou deitada na espreguiçadeira, a maciez do estofado contra minhas costas. Kostas abre minhas pernas o máximo que elas permitem, e logo em seguida sinto sua boca na minha calcinha. Ele chupa a peça de seda, extraindo toda a lubrificação que minha boceta molhada deixou nela.

É deliciosa a sensação de tê-lo tão perto de onde eu quero senti-lo, mas sem que me toque. Sinto a calcinha ser retirada, deslizando por minhas coxas, passando pelos joelhos e saindo

pelos meus pés. Estar vendada parece ativar ainda mais minhas percepções, e isso estimula ainda mais o tesão.

— Eu sempre tenho saudade do seu cheiro. — Kostas esfrega o nariz contra meus lábios. — Sempre estou esfomeado pelo seu sabor.

Sou tomada de assalto, sua boca consumindo-me como se eu fosse uma iguaria, nervosa, buscando a suculência do meu desejo de forma dura, bruta, desmedida, usando dentes, língua e chupando com força.

Konstantinos me degusta, essa é a verdade, e a sensação que tenho é de estar incendiando internamente e de que, daqui a pouco, vou explodir como um vulcão em erupção. Minha cabeça parece girar, meus membros ficam leves. Seguro meus seios enquanto ele me mastiga com vontade, brincando com cada parte de minha boceta a ponto de me fazer gritar.

Dedos a invadem devagar enquanto a ponta da língua dele varre meu clitóris, jogando-o de um lado para o outro, para cima e para baixo. É uma tortura deliciosa. Os músculos das minhas pernas se contraem, seguro a respiração e sou tomada por um prazer indescritível que me faz agarrar seus cabelos e puxá-los com força.

— Deliciosa! — geme ainda bebendo meu gozo. — Porra, gostosa demais! Preciso me molhar com isso, preciso nadar na sua excitação...

Os dedos são substituídos pelo pênis, mas Kostas não me penetra. Rebola gostoso na minha entrada, passa a cabeça no meu clitóris sensível pelo gozo e, só então, preenche-me inteira, até o fundo.

Abraço-o com as pernas e acompanho seus movimentos frenéticos dentro de mim, entrando e saindo, rebolando no fundo, enterrado dentro de mim. Kostas adora intercalar estocadas curtas com profundas, e isso também me enlouquece. Não espero a mais forte, e, quando ela acontece, meu corpo todo se contrai, recebendo sua grossura e tamanho até o limite.

Beijamo-nos como loucos, sua boca com gosto do meu gozo, sua língua safada imitando os mesmos movimentos que seu pênis faz dentro de mim. Mordo e prendo entre os dentes seu lábio inferior, e ele soca com mais força em meu interior, gemendo alto, gostando da sensação de dor e prazer misturadas.

Arranho suas costas, finco as unhas em sua bunda, acompanhando seu rebolado dentro de mim.

Ele urra. Sei que está enlouquecido com vontade de gozar, e isso me enche de poder, saber que eu o deixo dessa forma, que faço com que ele perca toda sanidade e controle dentro de mim.

De repente ele puxa o cinto que me vendava, e eu o olho nos olhos. Sua expressão de prazer é todo o estímulo que eu precisava para gozar, apertando-o dentro de mim, grudando-me a ele como se pudéssemos nos fundir um no outro para sempre.

Eu ainda estou trêmula pelo gozo, sem ar, sem conseguir focar a visão em nada, perdida em espasmos de prazer delirantes, mas, ainda assim, lembro-me de que, por conta do período do resguardo, ainda não comecei a tomar contraceptivos.

— Estamos desprotegidos — aviso-lhe assim que o noto sendo tomado pelo orgasmo.

— Porra! — Kostas se retira e fica de pé. — Fica de joelhos! — ele manda, mas eu demoro a entender. — Cabritinha, de joelhos agora!

Sorrio e deslizo pela espreguiçadeira, descendo para o chão e me ajoelhando como ele pediu. Kostas me segura pelos cabelos, firme, mantendo-me presa, sem poder me mover.

Ele começa a se masturbar, e eu estico a língua para tocar a cabeça inchada e vermelha de seu pau. Ele geme e me aproxima mais para que o receba na boca, chupe-o como ele e eu adoramos e mame seu pau como fez com meus peitos há pouco.

Seus movimentos em minha boca são fortes, irritam um pouco minha garganta, o que me faz salivar e deixar ainda mais gostoso para ele. Seus gemidos vão aumentando de intensidade, cada vez mais curtos e altos, até que sinto o primeiro pulsar de seu pau, e, então, seu esperma grosso e quente esguicha com pressão, e eu vou engolindo devagar enquanto ele delira.

A água da piscina está deliciosa para essa noite quente de verão. Nado até Wilka, que está apoiada na borda, olhos fechados, balançando as pernas calmamente, e a abraço por trás.

— Adorei a brincadeira! — Beijo sua nuca. — Você está bem?

Ela sorri, vira a cabeça para me beijar e assente.

— Está fazendo um ano que ficamos juntos pela primeira vez.

— Eu sei. — Aperto-a. — Ainda não me perdoo por aquela primeira vez tão traumatizante para você.

Wilka ri.

— Foi, sim, mas você se redimiu depois. — Ela olha para seu relógio. — Preciso subir, daqui a pouco Olívia acorda para mamar.

Seguro seus peitos cheios de leite.

— É errado eu ficar excitado com eles? — questiona-me. — Eu acho lindo ver você amamentando nossa Pimentinha, mas é só colocá-la no berço ou no carrinho que meu olhar para eles muda.

Wilka ri.

— Ainda bem! Eu gosto que você tenha tesão por mim

mesmo quando estou em atividades maternas.

— Eu tenho tesão por você de qualquer jeito. — Rio e a solto para que ela saia da água. — Adorei rever a Caprica hoje. Obrigado pela surpresa.

— Não se acostume! — Pisca. — Ah, eu reativei sua conta e instalei o aplicativo no seu celular e no meu. Desculpa ter invadido sua privacidade.

— Eu tomei um susto e fiquei apavorado. — Rio, também saio da piscina e me seco. — Podemos falar pelo aplicativo de mensagens, não precisamos ficar no Fantasy.

— Sim, mas eu queria te assustar. — Ela ri, safada que só. — Mesmo sem o aplicativo de sexo, eu serei sempre sua Cabritinha, e você, meu Punheteiro.

Eu a beijo e a ajudo a vestir o roupão.

— Eu serei sempre seu, real ou virtualmente falando.

Wilka ri e dá um tapa na minha bunda.

— Gosto assim! — Pisca. — Eu te amo!

— Eu te amo demais!

Agora sim!

Fim!

Agradecimentos

A Deus, sempre!

À minha família pelo apoio e compreensão.

A Wilka Andrade por ser a alma e a inspiração deste livro! Kika, sem você, eu nunca conseguiria fazer uma personagem tão especial quanto essa. Obrigada por tudo: por ser minha amiga, irmã, alma gêmea, carrasca e, principalmente, obrigada por me aceitar em sua vida e fazer parte da minha. Te amo!

A Rosilene Rocha por betar esta história desde o começo, incentivar, criticar e apostar nela. Obrigada por tudo, Rosi, você é uma grande amiga!

Às queridíssimas amigas Ana Carolina Rangel, Erica Macedo, Francijane Nogueira, Mary Land e Sirlene Dias, por estarem ao meu lado, divulgando e vibrando a cada capítulo no Wattpad. Desculpem pela tortura de esperar por cada atualização!

Às Jujubas do meu Potinho no WhatsApp e do Potão no

Facebook. Amo vocês! Vocês me divertiram demais com cada post e meme que criaram. #JujubasUnidas

Aos leitores do Wattpad que acompanharam a história desde o princípio, comentaram, votaram, venceram desafios e indicaram muito! Eu sei que estavam ansiosos pelo livro completo; agora ele chegou e está incrível! Espero que gostem.

Aos profissionais que fazem com que o romance seja lapidado e fique perfeito: Analine Borges Cirne, amiga, revisora, conselheira e professora: obrigada, Pretinha! Laizy Shayne da Layce Design, que fez a capa e a diagramação deste livro. Obrigada pelo excelente trabalho e pelas risadas com as minhas loucuras e as da Kika.

E, claro, a você, leitor, que adquiriu esta obra e embarcou na montanha-russa de emoções chamada “Kostas”.

#gratidãoSEMPRE

Sobre a autora

J. Marquesi sempre foi apaixonada por livros e, na adolescência, descobriu seu amor pelos romances. Escreveu sua primeira história aos 13 anos, à mão, e desde então não parou mais. Só tomou coragem de mostrar seus escritos em 2017,

tornando-se uma das autoras bestsellers da Amazon e da Revista VEJA.

Outras obras

NEGÓCIO FECHADO

Série *Família Villazza*, livro 1

Disponível em e-Book

Compre aqui!

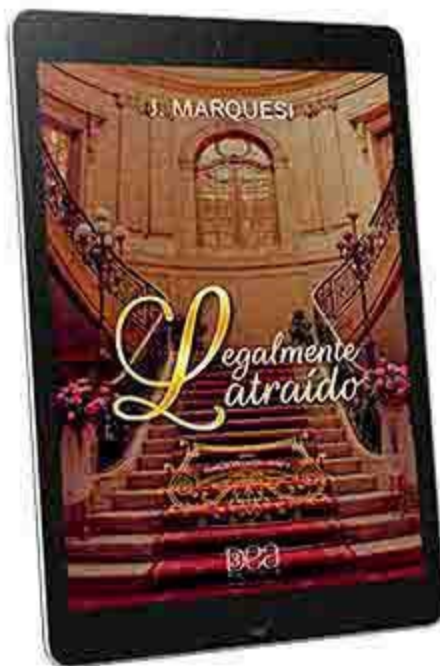
Disponível em formato impresso

Compre aqui!

SINOPSE

Marina, com apenas 24 anos, carrega marcas profundas causadas pela perda dos pais e pela saudade. Sozinha, sem formação e experiência, vê a oportunidade de reconstruir sua vida trabalhando como camareira em um luxuoso hotel do Rio de Janeiro. Porém, a chegada de um misterioso hóspede e a atração irresistível entre eles, desperta nela sentimentos nunca antes conhecidos.

Antonio é um italiano que mora no Brasil desde criança e já se considera um brasileiro. Ele carrega dentro de si um sofrimento que esconde de todos, embora essa dor norteie a sua vida, e nem todo o dinheiro que tem é capaz de amenizá-la.

Poderiam pessoas de mundos tão distantes viverem uma grande paixão?

LEGALMENTE ATRAÍDO

Série *Família Villazza*, livro 2

SINOPSE

Frank Villazza é conhecido como o CEO playboy. Homem charmoso e rico, muito satisfeito com a vida que leva sem compromissos. As únicas coisas que lhe importam são: sua família, sua guitarra e suas amadas motos... e, claro, todas as mulheres gostosas que como ele, querem apenas diversão. O que o playboy não sabe é que ninguém pode controlar o destino – ou o coração.

Isabella Romanza é uma advogada determinada que sempre

batalhou para se tornar a melhor em sua área. Mas, atrás dessa mulher independente, esconde-se uma garota que foi magoada pela rejeição do homem que amava e por um segredo que envolve a sua família.

O destino – que não conspira a favor de ninguém – coloca a advogada sexy e temperamental para trabalhar com o playboy, deixando-o louco. Levar a mulher para cama era o desafio de Frank. Não entregar o coração para o Frank “Galinha” Villazza era o desafio de Isabella.

SEGREDO OBSCURO

Série *Família Villazza*, livro 3

Disponível em e-Book

Compre aqui!

SINOPSE

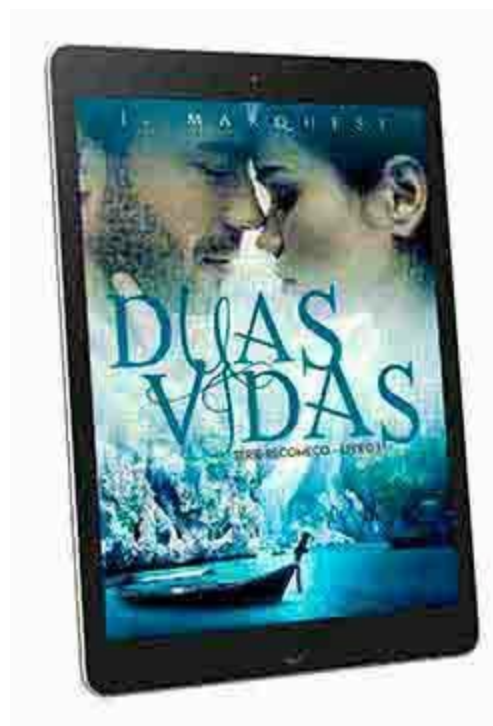
Giovanna desistiu de tudo por um objetivo e, iria até o fim!

Uma das herdeiras da rede Villazza de hotéis, pede demissão da empresa de sua família, na Itália, e muda-se para São Paulo levando consigo um segrego capaz de mudar a vida de todos à sua volta.

Nicholas Smythe-Fox é um homem com princípios e, um dos solteiros mais cobiçados do Brasil. Engenheiro premiado, com obras em vários países e fama internacional, Nick se vê obrigado a assumir o cargo de CEO da Novak Engenharia, quando seu pai decide ingressar na carreira política.

Ele se tornou o elo que Giovanna precisava para cumprir sua

missão, mas ela não esperava que a atração que sentiam fosse tão intensa, criando um sentimento sólido que a fez questionar todas as suas certezas. Acontece que um segredo obscuro permeia esse relacionamento, põe em xeque todos os sonhos que ambos construíram, e os torna alvo de uma pessoa sedenta por vingança.

Muitos segredos serão revelados, muitas máscaras cairão nesse livro cheio de erotismo e mistério.

DUAS VIDAS

Série *Recomeço*, livro 1

Disponível em e-Book

Compre aqui!

SINOPSE

Dois homens iguais, duas vidas marcadas por um jogo do destino.

Eric e Thomas Palmer são gêmeos e possuem uma relação conturbada. Após um grave acidente a vida dos dois é colocada em xeque e um só tem uma segunda chance. O sobrevivente precisa reaprender a viver, a lidar com sentimentos confusos, culpa e com as limitações físicas que o acidente lhe deixou.

Analiz Castro é uma mulher independente e segura. Ela batalhou até se formar em fisioterapia, o que ama de paixão, e após ser despedida do hospital onde trabalhava, Liz recebe a oportunidade de cuidar da reabilitação do homem que, no

passado, a machucou muito, fazendo-a voltar à ilha que prometeu nunca mais pisar.

O destino os reúne novamente, dando a possibilidade de um recomeço para ambos. Um romance sobre perdão, recomeço e segunda chance.

DOIS CORAÇÕES

Série *Recomeço*, livro 2

Disponível em e-Book

Compre aqui!

SINOPSE

Cadu Fontenelles tem fama, dinheiro e mulheres, mas trocaria isso tudo por apenas uma coisa: a oportunidade de criar sua filha.

Depois de perder a mulher que amava, ele se vê totalmente perdido, afundando em drogas e álcool, sendo impedido de ficar com Amanda, que está sendo criada por seus ex-sogros. Decidido a mudar de vida para ter a menina, ele enfrentará uma enorme batalha contra o vício. Contudo, irá descobrir que o destino ainda guarda muitas surpresas para o seu coração.

Lara Martins mudou-se para São Paulo para estudar e acabou se tornando babá de Amanda Kaufmann, uma menina solitária e

infeliz que perdeu a mãe ainda bebê e cujo pai é limitado a vê-la sob supervisão. Lara entende o que é uma infância triste, pois nasceu com um problema cardíaco que a restringiu de ser como as outras meninas e cresceu sob a superproteção de seus pais. Disposta a tudo para fazer sua pupila feliz, ela bola um plano para aproximar pai e filha e, no percurso, acaba se apaixonando por Cadu.

Ele, um homem quebrado, cheio de marcas do passado, que insiste em viver um eterno luto sentimental. Ela, querendo viver intensamente, aberta a sentir o amor pela primeira vez. A paixão entre os dois é intensa, mas Lara sabe que Cadu não pode amá-la, uma vez que continua ligado à falecida mãe de Amanda.

Há chance de dois corações tão sofridos serem finalmente felizes?

DOIS DESTINOS

Série *Recomeço*, livro 3

Disponível em e-Book

Compre aqui!

SINOPSE

No coração do Pantanal, dois destinos tão diferentes se encontram...

Guilherme é peão pantaneiro que gosta das coisas simples: seu cavalo, sua viola, um bom churrasco e um tereré após o trabalho duro. A verdade é que nem sempre sua vida foi assim. Misterioso, o peão guarda dentro de si uma dor que tenta esquecer, mas a culpa o impede. A fazenda e os tios são tudo o que mais preza, seu porto seguro, e ele não deixará ninguém atrapalhar isso.

Até que uma dondoquinha da cidade grande aparece...

Malu Ruschel é uma executiva de sucesso disposta a

trabalhar sem parar para atingir seu objetivo: ser a primeira mulher na diretoria da Karamanlis. Sua obsessão pelo trabalho a faz ficar doente, e ela é obrigada a tirar férias (acumuladas há 10 anos) e, assim, embarca para um SPA no Mato Grosso do Sul. Acontece que o tal SPA nunca existiu, e Malu se vê no meio de uma fazenda de gado no coração do Pantanal Sul, sem nenhum meio de se conectar com a civilização, com apenas uma ordem: descansar!

Como ela conseguiria relaxar com um peão xucro – e muito gostoso – provocando-a a todo momento, levando-a ao limite da raiva e do desejo? Guilherme não gosta dela por trazer de volta lembranças amargas de seu passado e Malu não entende por que esse homem a atrai tanto. Os dois resolvem curtir uma aventura de férias sem saber que isso é apenas o início de um verdadeiro recomeço.

DOIS DESTINOS, o terceiro livro da série RECOMEÇO, vem recheado com humor, erotismo e, claro, um segredo de tirar o fôlego!

THEO

Os Karamanlis, livro 1

Disponível em e-Book

Compre aqui!

SINOPSE

Uma família separada pelo ódio...

Criado pelo avô, renegado pelo pai, odiado pelos irmãos, Theodoros Karamanlis recebeu o cargo de CEO da empresa da família. Sua principal meta é provar a todos que é mais competente do que o homem que sempre o renegou, seu pai. Para isso acontecer, falta apenas comprar o imóvel onde funciona um pequeno pub na Vila Madalena e assim fechar uma conta aberta há mais de dez anos.

Uma família mantida pelas lembranças...

Maria Eduarda Hill sempre teve o sonho de ser uma renomada chef de cozinha, mas, por circunstâncias do destino, acabou assumindo o antigo boteco de seu pai na Vila Madalena. Ela trabalha duro para manter o negócio e preservar a memória de sua família e luta bravamente contra o assédio de uma empresa que quer comprar e demolir o lugar.

Uma noite, um bar, e uma química explosiva...

Depois de cair em uma armadilha e conhecer a irritante cozinheira que o impede de fechar o maior negócio de sua empresa, Theo se vê dividido entre essa forte atração, conquistar o que seu pai não foi capaz e uma promessa feita ao avô. Por mais que resista, o grego não consegue ficar longe de Maria Eduarda, então começa uma implacável sedução para tê-la em sua cama.

Theo e Duda têm tudo para se odiarem. No entanto, mal sabem eles que a paixão não se conduz pelo óbvio!

Atenção: esse livro não tem continuação. O próximo da série é de outro Karamanlis: Kostas.

Entre em contato com a autora em suas redes sociais:

Facebook | Fanpage | Instagram

Wattpad | Grupo do Facebook

Gostou do livro? Compartilhe seu comentário nas redes sociais e na **Amazon** indicando-o para futuros leitores. Obrigada.

Sumário

Notas

Nota da autora: Thomas Hobbes, filósofo inglês do século XVII.

[←2]

Nota da autora: *O homem é o lobo do homem.*

[←3]

Nota da autora: O *mise en scène* (misancene, aportuguesado) é um termo técnico teatral, porém popularmente empregado no dia a dia como expressão para pessoas que fazem cena, que fingem ser o que não são.

[←4]

Nota da autora: famosa e cara marca de bourbon whiskey produzida nos Estados Unidos, listada como a segunda melhor bebida dessa categoria.

[←5]

Nota da autora: uma iguaria francesa feita com o peito do pato mulard.

[←6]

Nota da autora: Wild, Oscar. *O Retrato de Dorian Gray*. Obra literária de 1891.

[←7]

Nota da autora: fora de moda. Tradução literal do francês: desatualizado.

[←8]

Nota da autora: Pharell Williams, cantor de R&B americano. O despertador de Kika toca a música “Happy”.

[←9]

Nota da autora: Estudo de Impacto Ambiental/Relatório de Impacto Ambiental.

[←10]

Nota da autora: Academia da Polícia Militar de São Paulo, responsável por graduar os oficiais.

Nota da autora: Ave Maria.

[←12]

Nota da autora: *Indiferrence*, Pearl Jam, 1993.

[←13]

Nota da autora: *She Talks to Angels*, The Black Crowes, 1989.

[←14]

Nota da autora: *Ela não conhece nenhum amante, nenhum que eu já tenha visto. Sim, para ela, não significa nada, mas, pra mim, significa, significa tudo* (trecho de *She Talks to Angels*).

[←15]

Nota da autora: Wild Turkey Rare Breed, considerado pela bíblia do uísque como um dos melhores bourbons do mundo.

[←16]

Nota da autora: William Larue Wellen, marca de bourbon considerada pela bíblia do uísque a segunda melhor marca de uísque.

[←17]

Nota da autora: Jim Beam, o bourbon mais vendido do mundo.

[←18]

Nota da autora: Jack Daniel’s Old nº 7, um Tennessee Whiskey muito popular, considerado um dos mais vendidos no mundo.

[←19]

Nota da autor: aqui ele se refere ao corte de cabelo (skinhead em inglês significa “cabeça raspada”) e não à cultura Skinhead.

[←20]

Nota da autora: marca popular e barata de uísque nacional.

[←22]

Nota da autora: *Pegando meu caminho para o centro da cidade/ Andando rápido/Rostos passaram/E eu estou perto de casa/Olho fixamente para frente/Apenas fazendo meu caminho/Fazendo meu caminho/Pela multidão//E eu preciso de ti/E eu sinto a tua falta/E agora eu me pergunto.* Trecho de *A Thousand Miles*, de Vanessa Carlton.

[←23]

Nota da autora: *Offshores* são empresas ou contas bancárias criadas em países com nível de tributação menor (conhecidos como paraísos fiscais). Não é ilegal criar *offshores*, mas a Receita Federal exige que seja declarado.

[←24]

Nota da autora: batom vermelho azulado intenso, efeito *matte*, da marca M.A.C.

[←25]

Nota da autora: *Wonderwall,* Oasis, 1995.

[←26]

Nota da autora: *Mas eu sou insignificante/Eu sou um esquisitão/Que diabos estou fazendo aqui?/Eu não pertenço a este lugar/Eu não pertenço a este lugar.* *Creep*, Radiohead, 1993.